



Centro de Ciências do Comportamento Desviante
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto

EMOÇÕES E COMPORTAMENTO DESVIANTE

Um estudo na perspectiva da personalidade como
sistema auto-organizador

Dissertação de candidatura ao grau de Doutor, elaborada
sob orientação do Professor Doutor Cândido da Agra e
co-orientação do Professor Doutor João Marques Teixeira

Cristina Maria Leite Queirós

FE-376

1997

AZ

Este trabalho foi efectuado no âmbito de uma Bolsa de Doutoramento atribuída pelo INIC e pela JNICT (1990 a 1993) e com o apoio do Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga (1994 a 1996).



Centro de Ciências do Comportamento Desviante
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto

EMOÇÕES E COMPORTAMENTO DESVIANTE

Um estudo na perspectiva da personalidade como
sistema auto-organizador

Dissertação de candidatura ao grau de Doutor, elaborada
sob orientação do Professor Doutor Cândido da Agra e
co-orientação do Professor Doutor João Marques Teixeira

Cristina Maria Leite Queirós

FE-376

1997

AGRADECIMENTOS

Durante a elaboração e concretização deste projecto contei com a colaboração de algumas pessoas sem as quais teria sido impossível levar a bom termo o presente trabalho. A todas agradeço :

Professor Doutor Cândido Agra, pelo orientação do projecto, desde o seu esboço até à concretização final, bem como por todo o apoio, críticas e sugestões efectuadas.

Professor Doutor João Marques Teixeira, pela orientação da parte experimental do projecto, bem como pelo apoio, críticas e sugestões efectuadas.

Professor Doutor José Marques e Professor Doutor Dário Paez, pela ajuda e sugestões durante o tratamento estatístico das primeiras versões da escala.

Dra. Margarida Agra, pela colaboração na recolha e tratamento dos dados ao longo da construção da escala, bem como por todo o apoio, críticas e sugestões efectuadas.

Dra. Celina Santos e Dr. Luís Fernandes, pelo apoio e sugestões apresentadas.

Professora Doutora Marina Prista Guerra e Professor Doutor Jorge Negreiros, pela ajuda e sugestões durante o tratamento estatístico dos dados da amostra final.

D. Isabel Ribeiro, pela ajuda durante a introdução dos dados em computador.

Dra. Manuela Ribeiro, Dra. Maria dos Anjos França, Dr. Miguel Carvalho e Dra. Sónia Dantas, pela colaboração durante a recolha de dados da amostra final.

"A União", especialmente à Dra. Irene Carvalho e Dr. Rui Bahia, pela autorização da recolha de dados.

Clínica Solar de Mouriz, especialmente ao Enfermeiro Santiago, pela autorização da recolha de dados.

C.A.T. Boavista, especialmente à Dra. Elsa Viegas, pela autorização da recolha de dados.

Clínica Estirpe, especialmente à Dra. Albina de Sousa, pela autorização da recolha de dados.

Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, especialmente ao Dr. Eugénio Coelho, pela autorização da recolha de dados.

Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo, especialmente ao Dr. Manuel Belchior, pela autorização da recolha de dados.

Equipas Institucionais do Instituto de Reinserção Social, pela colaboração durante a recolha de dados nos Estabelecimentos Prisionais.

Alunos e alunas do curso de Psicologia da F.P.C.E.U.P., do curso de Medicina do I.C.B.A.S. e do curso de Educação Física da F.C.D.E.F., que entre 1991/92 e 1995/96 participaram nas experiências efectuadas no Laboratório de Psicofisiologia, aceitando também trazer familiares e amigos para a recolha de dados que permitiu a construção e reformulação da escala, bem como a definição dos estímulos e constituição do grupo de controle.

Trabalhadores da empresa "Ar Líquido, Maia", que durante o mês de Abril de 1993 aceitaram participar na recolha de dados efectuada para uma das versões da escala.

Utentes de "A União", que entre 1993 e 1994 aceitaram participar na recolha de dados efectuada para uma das versões da escala e para a definição dos estímulos.

Alunos da F.C.D.E.F.U.P. que acederam deslocar-se à F.P.C.E.U.P. e participar na recolha de dados para a constituição do grupo de controle.

Familiares e amigos de alguns elementos que colaboraram no projecto e que aceitaram participar na recolha de dados para o grupo de controle.

Utentes do C.A.T. Boavista e das Clínicas Casa de Saúde Portuense, Estirpe e Solar de Mouriz, que aceitaram participar na recolha de dados para o *grupo droga*.

Reclusos dos Estabelecimentos Prisionais de Paços de Ferreira e de Santa Cruz do Bispo, que aceitaram participar na recolha de dados para o *grupo crime* e para o *grupo droga/crime*.

A todos os que, de alguma forma contribuíram para a realização deste projecto.

Por fim, à minha família, por tudo.

ÍNDICE

Introdução

1

Parte A - Personalidade e emoções : considerações teóricas

Capítulo I : A personalidade

1. Introdução	11
2. O conceito de personalidade : evolução histórica e definições	11
2.1. Aspectos globais : carácter e temperamento	23
2.2. Aspectos específicos : factor, traço e tipo	25
3. Teorias da personalidade	29
3.1. As diferentes sistematizações	29
3.2. Teorias psicométricas	36
3.3. Teorias psicodinâmicas	47
3.4. Teorias comportamentalistas	58
3.5. Teorias fenomenológico-humanistas	66
3.6. Teorias afectivo-cognitivas	72
3.7. Teorias sistémicas	82
4. Conclusões	102

Capítulo II : As emoções e o sistema da personalidade : análise da produção científica

1. Introdução	105
2. As emoções e a personalidade : análise qualitativa	105
3. Análise quantitativa do discurso sobre a personalidade	116
3.1. O processo de análise	116
3.2. Análise quantitativa	118
3.2.1. Ano de publicação	118
3.2.2. Domínio de aplicação	124
3.2.3. Tipo de estudo	134
3.2.4. Unidades de análise da personalidade	136

3.2.5. Instrumento	139
3.2.6. Sujeitos	141
3.3. O discurso sobre a personalidade : caracterização global	148
4. Conclusões	151

Capítulo III : As emoções

1. Introdução	153
2. O estudo das emoções	154
2.1. As definições do conceito de emoção	154
2.2. Evolução histórica do estudo da emoção	157
3. Teorias da emoção	165
3.1. A sistematização das diferentes teorias	165
3.2. Teorias neurofisiológicas	166
3.3. Teorias comportamentalistas	176
3.4. Teorias subjectivo-experienciais	178
3.5. Teorias cognitivistas	185
3.6. Teorias sistémicas	194
3.6.1. Teorias pré-sistémicas	194
3.6.2. Teorias sistémicas	200
3.7. A teoria diferencial das emoções, de C. Izard	204
3.7.1. Descrição geral da teoria	204
3.7.2. Caracterização das emoções primárias	214
4. Conclusões	236

Capítulo IV : Emoções e comportamento desviante

1. Introdução	241
2. O estudo das emoções no âmbito da droga	242
3. O estudo das emoções no âmbito do crime	256
4. O estudo das emoções no âmbito da droga e do crime	267
5. Conclusões	275

**Parte B - Emoções, sensações e cognições no comportamento desviante :
construção de uma escala e sua aplicação**

Capítulo V : A primeira versão da EESC96

1. Introdução	282
2. Definição dos estímulos	282
3. Construção da primeira versão da escala	292
4. Metodologia	294
4.1. Procedimento	294
4.2. Material	295
4.3. Sujeitos	296
4.4. Análise e transformação dos dados	296
5. Resultados	297
6. Conclusões	308

Capítulo VI : A segunda versão da EESC96

1. Introdução	311
2. Metodologia	316
2.1. Sujeitos	316
2.2. Procedimento	317
2.3. Análise e transformação dos dados	318
3. Resultados	319
4. Conclusões	360

Capítulo VII : A terceira e quarta versões da EESC96

1. Construção da terceira versão da escala	362
2. Metodologia	363
2.1. Sujeitos	363
2.2. Procedimento	365
2.3. Material	365
2.4. Análise e transformação dos dados	366
3. Resultados	366
4. Conclusões	389
5. Construção da quarta versão da escala	390
6. Metodologia	390
6.1. Sujeitos	390
6.2. Procedimento	391

6.3. Análise e transformação dos dados	392
7. Resultados	392
8. Conclusões	399

Capítulo VIII : Emoções, sensações e cognições no comportamento desviante

1. Introdução	402
2. Definição de desenho experimental	402
2.1. Quinta versão da EESC96	402
2.2. Estímulos	404
2.3. Material	405
2.4. Caracterização dos sujeitos	406
2.5. Procedimento	410
2.6. Análise e transformação dos dados	411
2.7. Hipóteses	414
3. Análise e discussão dos resultados	415
3.1. Emoções	416
3.2. Sensações	425
3.3. Cognições	435
3.4. Articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato neurofisiológico	445
3.5. Articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato cognitivo	459
3.6. Conclusões	470

Conclusões

1. O processo de trabalho	476
2. O objecto de estudo	480
2.1. Emoções e comportamento desviante	480
2.2. A personalidade como sistema auto-organizador	483
3. Críticas em ordem a possíveis desenvolvimentos	485

Bibliografia

488

Anexos

1. A primeira versão da EESC96	511
2. A segunda versão da EESC96	514
3. A terceira versão da EESC96	519
4. A quarta versão da EESC96	522
5. A quinta versão da EESC96	526

Introdução

Para uma melhor compreensão de todo trabalho que seguidamente apresentamos, consideramos útil começar por descrever o contexto em que este foi iniciado, pois este influenciou de modo importante todo o seu desenvolvimento.

Este trabalho foi iniciado em 1990, enquadrando-se nos projectos de investigação em curso no Centro de Ciências do Comportamento Desviante, nomeadamente no projecto "Comportamento auto-organizador dos sistemas psíquicos" (dirigido por C. Agra). Assim, tomando como ponto de partida a teoria dos estratos da personalidade definida por Agra (1986a), começamos por nos centrar nos aspectos biológicos da personalidade, procurando, através de experiências efectuadas no domínio da Psicofisiologia, verificar se existiria uma vulnerabilidade psicofisiológica associada ao consumo de drogas. Deste modo, daríamos continuidade aos trabalhos desenvolvidos nesta linha por Marques Teixeira (1991, 1993), procurando identificar padrões psicofisiológicos organizativos da personalidade do toxicodependente, que eventualmente poderiam vir a ser utilizados na prevenção específica do fenómeno.

No entanto, a partir de 1992, e tendo em conta a óptica multidisciplinar adoptada pelo Centro de Ciências do Comportamento Desviante, este projecto enquadrou-se na lógica articuladora dos diferentes estudos em curso neste centro. O presente estudo avançou então da análise focalizada no nível biológico (ou estrato neurofisiológico) da personalidade para a análise dos processos que estão na base da ligação entre este nível e os estratos seguintes, nomeadamente o estrato expressivo-emotivo. O objectivo do trabalho passou então a ser a contribuição para a análise da personalidade, a partir do estudo dos processos de articulação e comunicação entre o estrato neurofisiológico e o estrato expressivo-emotivo, utilizando a toxicodependência como analisador dessa comunicação interestratos. Deste modo passamos, não a centrar-nos na pesquisa dos padrões organizativos a nível neurofisiológico, como inicialmente previsto, mas no estudo dos processos de articulação entre os dois estratos referidos, procurando desenvolver teoricamente a ideia da comunicação e descodificação da informação entre

os estratos, bem como desenvolver uma metodologia experimental que permitisse dar conta desta articulação.

A partir de 1994, e tendo em conta os resultados obtidos durante a análise do estrato expressivo-emotivo da personalidade, verificamos que as emoções constituíam um objecto tradutor da articulação interestratos, pois permitem associar o estrato expressivo-emotivo não só com o estrato inferior, o neurofisiológico, mas com o estrato superior, o estrato cognitivo. Ampliamos então este trabalho para o estudo destes três estratos e da sua articulação. Durante a recolha de dados inicial efectuada com toxicodependentes, constatamos existir uma associação entre este fenómeno e o crime, sendo frequente a existência de toxicodependentes delinquentes. Como o Centro de Ciências do Comportamento Desviante desenvolvia nesse momento um projecto multidisciplinar sobre a relação droga/crime, inserindo-nos neste projecto, ampliamos o estudo da articulação interestratos, centrada num grupo de toxicodependentes, a um grupo de delinquentes e a um grupo de toxicodependentes-delinquentes, efectuando análises comparativas não só entre estes mas também com um grupo de controle.

Para a concretização deste estudo, e por interesse próprio, optámos por um trabalho de tipo experimental, através do qual fosse possível conhecer as emoções (estrato expressivo-emotivo), as sensações corporais (estrato neurofisiológico) e as cognições (estrato cognitivo) experienciados pelo sujeito durante e após a apresentação de estímulos específicos. Efectuamos então a preparação de um desenho experimental que implicou a definição do tipo e conteúdo dos estímulos, bem como a construção de uma escala adequada aos objectivos do trabalho.

Atendendo aos objectivos definitivos do trabalho, bem como às características dos grupos de sujeitos que pretendíamos comparar, tomámos como ponto de partida a teoria do sujeito autopoietico (Agra, 1990a), que nos dá uma visão sistémica do sujeito e do seu acto transgressivo de acordo com o actual paradigma científico, e que pode ser aplicada quer ao crime (Agra, 1990a), quer à toxicodependência (Agra, 1990b, 1991a). Com base nesta teoria o sujeito psicológico seria constituído por três sistemas (sistema

da personalidade, sistema etoético e sistema de significação) em complexa interacção e cuja principal função seria a autopoiese ou auto-organização.

Considerando cada um destes sistemas, a personalidade (Agra, 1986a, 1990a) seria um sistema complexo e auto-organizador constituído por sete estratos (do inferior para o superior, estrato neuropsicológico, psicossensorial, expressivo, afectivo, cognitivo, experiencial e político), organizados segundo uma estrutura hierárquica e integradora. Para facilitar a operacionalização do nosso estudo, agrupámos os estratos de personalidade, considerando então os estratos neuropsicológico e psicossensorial como o nível neurofisiológico da personalidade, pois ambos remetem para a componente biológica ou fisiológica, o primeiro incluindo aspectos mais anatómicos, o segundo aspectos mais perceptivos. Agrupámos também os estratos expressivo e afectivo no nível expressivo-emotivo, pois em ambos existiria a tradução da emoção, sendo este o nível principal da emoção. Por fim, incluímos no nível cognitivo os estratos cognitivo e experiencial, pois ambos remeteriam para a experiência subjectiva da emoção.

O sistema etoético (Agra, 1990a) seria constituído por cinco estratos (do inferior até ao superior, acto psicobiológico, acto simbólico-expressivo, acto afectivo, acto cognitivo e acto crítico), também organizados numa estrutura hierárquica e auto-organizadora, que traduz o progressivo distanciamento do sujeito sobre o seu acto, e que é capaz de criar ordem a partir da desordem.

O sistema de significação resultaria de uma interacção produtiva entre personalidade e acção (Agra, 1990a), pois o sistema da personalidade enquanto estrutura constitui a matriz de produção do sistema etoético, definindo as condições de possibilidade deste, enquanto o sistema etoético constitui o processo de materialização do sistema de personalidade definindo as condições da sua operacionalidade. A autopoiese seria traduzida no modo como o sujeito efectua a articulação entre estes três sistemas, sendo visível no destino que o sujeito dá ao seu destino, ou seja, no modo como o sujeito é construtor de si mesmo e se torna num ser autopoietico.

Considerando então o sujeito como um sistema auto-organizador ou autopoietico, constituído por uma forma (personalidade), por um conteúdo (sistema

etoético) e por um significado (sistema de significação), a toxicodependência e o crime podem ser interpretados como um esforço de autocriação ética com um significado existencial e social (Agra, 1990a, 1991a, 1993, 1995a, 1995b; Manita Santos, 1996).

Neste modelo de personalidade as emoções são referidas quer no sistema da personalidade (através do estrato afectivo), quer no sistema etoético (através do acto afectivo), podendo também ser consideradas no sistema de significação do comportamento, pois constituem um dos maiores determinantes da motivação e da interpretação do comportamento (Karli, 1990; Damásio, 1995). Ou seja, as emoções podem ser consideradas como um mediador importante na reactualização parcial do passado no comportamento actual, bem como um dos maiores determinantes da motivação de comportamentos futuros, sobretudo do ponto de vista social, pois a maioria das emoções humanas nasce das interacções sociais e das consequências destas (Karli, 1990). Nesta perspectiva as emoções seriam então não só uma das formas de comunicação humana mais importantes, sobretudo através da sua expressão facial, que facilitaria a interacção entre os sujeitos (Dimberg, 1988), mas também um dos sistemas motivacionais mais importantes no comportamento (Tomkins, 1980; Izard, 1991), pois sem a sua função de amplificadoras da realidade nada teria importância e com esta função tudo poderá ser importante (Tomkins, 1980). Assim, as emoções atribuiriam um significado específico a cada situação/estímulo, permitindo também reforçar o comportamento de modo positivo ou negativo (Scott, 1980). Além disso, as emoções poderiam também ser consideradas numa perspectiva sistémica (Schwartz, 1986; Izard, 1993, 1995), inserindo-se no actual paradigma científico (paradigma sistémico-comunicacional-informacional, Agra, 1986b). Por fim, parecem desempenhar também um papel importante na toxicodependência (Almeida, 1996), papel este que pode ser alargado ao crime, pois o conhecimento adquirido sobre os mediadores neuroquímicos das emoções (sobretudo sobre as substâncias opiáceas endógenas) e sobre o efeito das drogas opiáceas, sugere que ambas atenuam o carácter aversivo de muitos estímulos, desempenhando um papel importante nos mecanismos subjacentes às trocas afectivos entre o sujeito e o meio e às interacções entre estados afectivos e processos cognitivos.

Por estas razões, consideramos as emoções como um objecto de interface através do qual é possível comparar os diferentes grupos de sujeitos entre si.

Considerando o conceito de emoção, verifica-se que existem inúmeras definições, variando estas consoante os enquadramentos teóricos. Entre as várias teorias existentes escolhemos a teoria diferencial das emoções elaborada por Tomkins e Izard (1965), que adoptando uma perspectiva sistémica considera a emoção como um dos sistemas mais importantes na organização da personalidade e na motivação do comportamento, tendo manifestações a nível neurofisiológico e cognitivo. Segundo esta teoria existiriam onze emoções primárias (interesse, alegria, surpresa, cólera, angústia, nojo, desprezo, medo, vergonha, tristeza e culpa), que seriam inatas e semelhantes em diferentes culturas, podendo contudo diferenciar os indivíduos através da sua articulação com o sistema da personalidade.

Para a identificação das emoções primárias definidas por Tomkins e Izard e para a sua articulação com os estratos neurofisiológico e cognitivo da personalidade, escolhemos como estímulo desencadear um conjunto de quatro pequenos filmes de diferente conteúdo (*agradável*, *desagradável*, *droga* e *crime*). Atendendo a que o modelo do sujeito autopoiético aplicado à transgressão permite ver a toxicod dependência e o crime como um esforço de autocriação com significado existencial e social, o *filme droga* e o *filme crime* foram considerados como uma situação significativa para os sujeitos com comportamentos desviantes, enquanto o *filme agradável* e o *filme desagradável* foram considerados como uma situação não significativa. Foram formuladas duas hipóteses. Na primeira indicamos que os filmes sem conteúdo significativo não desencadeiam diferenças significativas entre os quatro grupos de sujeitos no que se refere às emoções, cognições e sensações. Na segunda indicamos que os filmes com conteúdo significativo desencadeiam diferenças significativas entre os quatro grupos de sujeitos no que se refere às emoções, cognições e sensações, não se prevendo contudo quais os grupos que apresentarão valores mais elevados, e pressupondo que estas diferenças reflectem uma auto-organização específica dos estratos de personalidade de cada grupo.

Descrevendo resumidamente todo o trabalho efectuado, começamos por apresentar na Parte A algumas considerações teóricas sobre o conceito de personalidade, e de emoções. Assim, no Capítulo I define-se o conceito de personalidade, descrevendo o seu estudo numa perspectiva histórica e apresentando uma descrição das principais teorias da personalidade, tendo como objectivo justificar a escolha do modelo de personalidade elaborado por Agra. Em seguida, no Capítulo II articulamos personalidade e emoções, situando as emoções no sistema da personalidade, quer do ponto de vista teórico, quer do ponto de vista empírico, e demonstrando que na maioria dos estudos a personalidade e as emoções são consideradas como entidades desligadas. Analisada esta articulação, centramo-nos no Capítulo III nas emoções, definindo o seu conceito e as principais teorias desenvolvidas, justificando também a escolha da teoria desenvolvida por Tomkins e Izard. Por fim, no Capítulo IV analisamos o estudo das emoções no âmbito do comportamento desviante, verificando a parca quantidade de estudos centrados nas emoções, e a ausência de estudos que efectuem a avaliação simultânea das emoções, sensações corporais e cognições em sujeitos toxicodependentes e/ou delinquentes. Por estas razões avançamos na Parte B para a preparação e definição de um desenho experimental que nos permitiu realizar este estudo, descrevendo nos Capítulos V, VI e VII a definição dos estímulos a utilizar e a construção de uma escala (Escala das Emoções, Sensações e Cognições - EESC96). Em seguida, no Capítulo VIII descrevemos a aplicação do desenho experimental definido ao grupo de controle e aos vários grupos experimentais (sujeitos toxicodependentes e/ou delinquentes).

Por fim, são extraídas algumas conclusões a partir de todo o trabalho, apresentando em Anexo as diferentes versões da escala construída.

Parte A

Personalidade e emoções : considerações teóricas

Como os conceitos de personalidade e de emoção aparecem frequentemente interligados, efectuamos na Parte A deste trabalho algumas considerações teóricas sobre cada um dos conceitos, começando por definir no Capítulo I o conceito de personalidade e apresentar uma descrição das principais teorias da personalidade.

Em seguida, no Capítulo II, procuramos articular a personalidade e as emoções, situando as emoções no sistema da personalidade, quer do ponto de vista teórico, quer do ponto de vista empírico.

Analisada esta articulação, no Capítulo III centramo-nos nas emoções, definindo o seu conceito e as principais teorias desenvolvidas, relacionando também as emoções com as sensações corporais e com cognições.

Por fim, no Capítulo IV analisamos o estudo das emoções no âmbito do comportamento desviante, retirando também algumas conclusões globais sobre a personalidade e as emoções, e apresentando os modelos teóricos escolhidos em ambas como enquadramento e fundamentação teórica deste trabalho.

Capítulo I

A personalidade

1. Introdução

Antes de falarmos de personalidade torna-se necessário apresentar a definição deste conceito, sendo também importante ver como ele tem sido referido do ponto de vista teórico. Como tal, começamos por definir o conceito de personalidade, situando historicamente o seu estudo. Em seguida descrevemos as diferentes teorias elaboradas sobre a personalidade, utilizando como grelha de categorização as grandes correntes teóricas desenvolvidas dentro da Psicologia, já que o estudo da personalidade aparece intimamente ligado à evolução histórica da Psicologia. Por fim, apresentamos algumas conclusões sobre a utilização das emoções no estudo da personalidade, tendo em vista a transição para o capítulo seguinte.

2. O conceito de personalidade : evolução histórica e definições

Apresentamos seguidamente algumas considerações teóricas sobre o conceito de personalidade, começando por situar historicamente o seu estudo.

Segundo diferentes autores (Tyler, 1981; Singer, 1984; Marx & Hillix, 1996) o estudo da personalidade apresentaria as suas raízes no estudo das diferenças individuais, tendo estas como origem a observação de uma regularidade no comportamento do indivíduo, variando esta regularidade consoante os indivíduos. Com o alargar das observações, assiste-se à necessidade de se efectuar uma organização sistemática dos dados obtidos. Esta sistematização resultaria de uma lógica iniciada pelos gregos (ao definirem ar, terra, fogo e água como os quatro elementos fundamentais da vida), e seria visível noutras áreas, como por exemplo a Literatura (ex: Teofrasto e a sua obra *Carácteres*, na qual descreve cerca de trinta formas diferentes de ser), Medicina (ex: Hipócrates e Galeno, com a referência aos quatro temperamentos), Biologia (ex: Lineu com a sua taxionomia das espécies), Química (ex: Tabela Periódica, com a classificação

e apresentação dos elementos) ou Psicologia (ex: Psicologia Diferencial e Psicologia da Personalidade com a noção de tipo).

O estudo das diferenças individuais teria sido iniciado na Biologia por Darwin (Loevinger, 1987; Willerman, 1979) ao demonstrar que a variação dos indivíduos dentro da mesma espécie desempenha um papel fundamental na evolução, pois permitiria a sobrevivência do indivíduo mais adaptado ao meio. Apesar de não ter sido pacífica a aceitação da importância das diferenças individuais, rapidamente foi utilizada noutras áreas, como por exemplo a Genética (por Mendel) e a Psicologia (por Binet na medição da inteligência ou por Galton).

Na Psicologia, a contribuição maior teria vindo de Galton (Willerman & Turner, 1979; Brennan, 1994; Schultz & Schultz, 1992; M. Eysenck, 1994) que em 1869 publicou o texto *Hereditary Genius*, no qual apresentava uma classificação do Homem segundo os seus dons naturais e habilidades, defendendo a importância da hereditariedade e vendo a influência desta em tarefas com um grau de dificuldade ajustado às características da amostra em estudo. Apesar de ter sido criticado pelos seus estudos terem como objectivo melhorar as qualidades da raça humana, conseguiu operacionalizar a ideia vigente no século XIX (Loevinger, 1987), que postulava a organização da mente e do comportamento baseadas em faculdades como inteligência, imaginação, atenção, compreensão, memória, etc, não havendo contudo consenso quanto ao número e nome das faculdades consideradas. Ao fundar em 1884 o seu Laboratório Psicométrico, tentou considerar o maior número possível de faculdades referidas por diferentes autores, tendo efectuado uma alargada recolha de dados sobre aspectos físicos e mentais de inúmeros indivíduos (muitos dos quais pertencentes à mesma família e tendo sido avaliados em diferentes momentos da sua vida), o que lhe permitiu realçar a existência de aspectos hereditários, bem como a estabilidade temporal de certas características estudadas.

Com o desenvolvimento da Psicologia, as diferenças individuais continuaram a ser estudadas, sobretudo na procura da sua origem (que uns defendem ser a hereditariedade e outros o meio) e assiste-se ao aparecimento de novas formas de

conceptualizar e descrever a variação individual (Loevinger, 1987), utilizando-se termos como personalidade, emoções, traços ou sintomas (estes no caso de indivíduos com comportamentos desajustados, estando as observações mais largadas do comportamento humano nos manuais de Psiquiatria e de Psicopatologia do início do século XX). Verifica-se que cada autor apresenta designações ou características diferentes, não havendo consenso, aparecendo as designações utilizadas intimamente ligadas a teorias, surgindo estas como formulações abstractas que permitem integrar inúmeros comportamentos diferentes segundo uma relação de causa/efeito (Singer, 1984).

Apesar dos indivíduos apresentarem muitas diferenças individuais entre si e de estas terem sido conceptualizadas de modos muito variados, a noção de personalidade aparece como a mais importante (M. Eysenck, 1994; Mischel, 1981), pois permitiria o estudo sistemático e aprofundado das diferenças individuais, sendo considerada como o principal determinante do comportamento, e definida como um conjunto de factores internos mais ou menos estáveis que fazem com que o comportamento do indivíduo seja consistente ao longo do tempo e seja diferente do comportamento de outros indivíduos na mesma situação.

No entanto, a personalidade só começa a ser cientificamente estudada no início do século XX (Singer, 1984), com o aparecimento de procedimentos que permitem estudar o comportamento de forma objectiva e quantificável, como é o caso dos testes psicológicos, inicialmente desenvolvidos para avaliar a inteligência (ex: Binet, Wechsler, etc) e posteriormente aplicados a outras áreas, entre as quais se destaca a da personalidade (ex : Guilford, Cattell, Eysenck, Rorschach, Murray, etc). Paralelamente à utilização dos testes, Freud vem demonstrar que o método clínico, inicialmente utilizado para trabalhar com indivíduos emocionalmente perturbados, permite também ter acesso à personalidade do indivíduo, sobretudo a aspectos pessoais e íntimos, geralmente não revelados através dos testes. Com o desenvolvimento do método experimental em Psicologia (Pervin, 1990), e com a sua aplicação no estudo da personalidade, efectuada inicialmente por Lewin cerca de 1920 (Singer, 1984), são efectuadas inúmeras investigações, como a análise da consistência da personalidade no tempo, medição de

traços da personalidade, estádios de desenvolvimento da personalidade, influencia da hereditariedade e do meio, etc.

Destas investigações são publicadas variadas obras, destacando-se contudo três, que constituiriam o grande impulso do estudo da personalidade de modo científico (Pervin, 1990). A primeira obra seria de Allport, que em 1937 publicou *Personality : a psychological interpretation*, e que Pervin considera um esforço para definir um novo campo de estudo, descrevendo a história do interesse pela personalidade e os diferentes significados do termo personalidade. Esta é definida como a organização dinâmica intra-individual dos sistemas psicofísicos que determinam o ajustamento único do indivíduo ao meio, estando contidas nesta definição as noções de organização da personalidade enquanto sistema, de integração mente-corpo e da não passividade do indivíduo no seu crescimento e ajustamento ao meio. A segunda obra seria de Stagner, que em 1937 publicou *Psychology of personality*, onde define a personalidade em termos de individualidade e enfatiza o traço como a unidade apropriada de estudo, apesar de o considerar mais descritivo do que explicativo, pois representaria tendências para responder e não indicaria uma consistência entre diferentes situações (a consistência seria manifestada em conceitos como o self e objectivos). Por fim, a terceira obra seria de Murray, que em 1938 publicou *Explorations in personality*, onde enfatiza o papel desempenhado pelos aspectos emocionais e motivacionais no comportamento, e defende que a Psicologia não estuda agregados de organismos mas um organismo completo, cujas partes se interrelacionam, que está em interacção com o meio, e que apresenta ritmos de assimilação, diferenciação e integração, bem como consistência e variabilidade, devendo os acontecimentos ser interpretados em função de forças em interacção e não de simples causas que determinam o comportamento. Através apenas destas três obras é facilmente possível constatar que cada autor apresenta uma definição diferente do conceito de personalidade.

Como é impossível estudar o indivíduo na sua totalidade, as diferentes definições de personalidade são baseadas em diferentes conceitos como traço, tipos factor, instinto, objectivo, desejo, crença, motivo, atitude, etc, que variam consoante a teoria utilizada, o

que torna difícil definir o termo personalidade. Segundo Allport (1937, In Huber, 1977 e Sherman, 1979) todas as pessoas fariam de personalidade e saberiam o que ela é, mas ninguém a conseguiria definir, enquanto para Eysenck (1947, 1953) personalidade seria o termo mais geral e menos definido utilizado em Psicologia, o que juntamente com o referido anteriormente permite concluir que há tantas definições de personalidade quantos os investigadores que a estudam (Willerman, 1979; Mischel, 1981; Pervin, 1990).

Demonstramos seguidamente como é grande a variedade de definições do conceito de personalidade, não havendo uma definição aceite universalmente, apesar de existir unanimidade em considerar a personalidade como algo estável, único e específico que caracteriza e permite distinguir o indivíduo, conferindo-lhe individualidade. Esta unanimidade resultaria da procura de causas profundas e estáveis que é suposto determinarem o comportamento, remetendo estas causas para factores disposicionais, intrínsecos e imutáveis em detrimento de causas externas, mais difíceis de determinar e de aplicar. Ora a personalidade aparecendo como um conjunto de tendências estáveis e pouco influenciáveis pelo meio, facilitaria a análise e previsão do comportamento. Além disso, esta unanimidade existiria quer no sentido comum quer no conhecimento científico (através da Psicologia), pois é rara a conversa casual que não faça referência implícita ou explícita ao conceito de personalidade na interpretação das mais diversas ocorrências, tal como é raro o manual de Psicologia que não dedica à personalidade um ou mais capítulos. A sua utilização tão frequente deste conceito leva então autores como Marques (1988), a interrogar-se se essa utilização é a apropriação de uma noção do senso comum embelezada pela Psicologia, ou se é o senso comum que invade as fronteiras do saber e utiliza um conceito teórico da Psicologia. Tentando dar conta desta dúvida, analisamos seguidamente a origem histórica deste conceito.

Assim, em termos históricos o termo personalidade teria várias origens (Huber, 1977; Arnold, 1975; Mischel, 1981; Singer, 1984), realçando contudo em todas as origens a ideia da aparência que o indivíduo revela aos olhos dos outros. Assim, poderia ter origem no termo *persona* (que em latim significaria máscara de teatro), no termo

prosôpon (que em grego significaria também máscara de teatro), no termo *personare* (que em latim significaria soar ou passar através de), no termo *perisoma* (que em grego significaria em volta do corpo) ou no termo *phersu* (que em etrusco significaria figura totalmente mascarada). Algumas destas derivações foram posteriormente abandonadas mantendo-se apenas a associação entre personalidade e máscara de teatro, que seria explicada por as máscaras apresentarem características que reconhecemos na personalidade. Destas características destacamos o serem inalteráveis ao longo da acção (a personalidade seria inalterável ao longo da vida), terem um número restrito, por exemplo doze no teatro grego (tal como os tipos de personalidade definidos em diferentes teorias, e que embora com número variável se situam nesta ordem de grandeza), e por fim permitirem aos outros prever a acção (ou o comportamento) a partir da observação da acção da máscara (ou da manifestação da personalidade no comportamento).

No senso comum (Mischel, 1981) o termo personalidade é frequentemente sinónimo de honestidade, rectidão, força de vontade ou sedução, características que provocam reacções positivas nos outros indivíduos. Pode também ser considerada como o conjunto de características que o próprio indivíduo sente que melhor traduzem a sua individualidade, e das quais tem consciência através da opinião dada pelos indivíduos com quem interage. Nestas duas definições estão contidos dois sentidos implícitos (Hall & Lindzey, 1978; Cartwright, 1979), que são respectivamente a capacidade de desencadear reacções positivas em diferentes situações nos outros indivíduos, e a consistência de uma impressão dominante que o indivíduo causa nos outros.

Esta ideia é também reforçada por Sherman (1979), que refere que todos os indivíduos têm intuitivamente uma definição de personalidade, remetendo esta para a imagem consistente que apresentam aos outros, imagem esta que estaria relacionada com a *persona* e com a *máscara de teatro*. Na sua definição apresenta então a personalidade como um padrão característico de comportamentos, cognições e emoções, podendo este padrão ser experienciado pelo indivíduo e/ou manifestado aos outros. Por sua vez, Crowne (1979) refere que todos os indivíduos fazem julgamentos dos outros baseando-

se na sua própria experiência e comparando-os consigo, atribuindo aos outros indivíduos significados, características e motivações semelhantes às suas e tendo consciência de ser observados e julgados por eles. Define personalidade como um sistema organizado de potencialidades do comportamento, tendo uma estrutura e dinâmica próprias e sendo importante estudar o indivíduo na sua interacção com o meio. Justifica a ideia de sistema organizado dizendo que todos reconhecem a organização e unidade no comportamento, não vendo este como segmentado ou fragmentado, mas como algo com continuidade e consistência ao longo de diferentes situações. Ao falar em estrutura da personalidade refere-se a unidades construídas teoricamente e que se articulam umas com as outras, pertencendo a um sistema mais vasto, enquanto a ideia de dinâmica diz respeito aos processos através dos quais o comportamento se manifesta, bem como aos processos através dos quais é adquirido, mantido ou modificado.

Num domínio já mais formal e científico, a personalidade é definida de outro modo, sendo por exemplo considerada como um padrão único de traços (Guilford, 1959, In Mischel, 1981) ou como a conceptualização mais adequada do comportamento pormenorizado de um indivíduo (McClelland, 1951, In Mischel, 1981). Neste domínio científico, um dos primeiros autores a estudar de forma sistemática e rigorosa o conceito de personalidade foi Allport, que em 1937 (In Huber, 1977) apresentou uma descrição das diferentes definições de personalidade, concluindo que variam com as épocas e teorias. Assim, constatou que no século I A.C. o orador romano Cicero distinguia já quatro significados de *persona*¹, vendo-a como o que aparece aos olhos dos outros (mesmo que não seja verdade), como um conjunto de qualidades e capacidades individuais (que tornam o indivíduo diferente dos outros e apto para realizar algo), como as características de distinção e dignidade (associadas à noção de responsabilidade no meio social), e por fim como o papel que cada um desempenha na vida. Contudo, a primeira definição de *persona* teria sido dada pelo romano Boécio (perto do ano 500 D.C.), sendo definida como *persona est substantia individua rationalis naturae* (isto é,

¹ Termo etimologicamente considerado como origem do termo personalidade (Huber, 1977).

personalidade é a substância individual de natureza racional) definição semelhante à dada por S. Tomás de Aquino no século XIII e que remete para o ser e não para o parecer. Já nos nossos dias, para a caracterologia alemã (por volta de 1920) a personalidade remeteria para o que é único no indivíduo, enquanto nos Estados Unidos remeteria para as características físicas e psíquicas do indivíduo. Contudo, segundo Allport haveria autores que distinguiriam *persona* e personalidade, vendo a primeira como algo mais vasto, como por exemplo a forma fundamental do ser humano, enquanto a personalidade seria a particularidade individual manifestada na vida psíquica de cada indivíduo. Por fim, para Allport (1961) a personalidade seria a organização dinâmica intra-individual dos sistemas psicofísicos que determinam as suas adaptações únicas ao meio, não sendo contudo sinónimo de comportamento, mas algo subjacente aos actos específicos do próprio indivíduo.

Continuando com a descrição de diferentes definições de personalidade, verificamos que para Byrne (1966, In Huber, 1977) personalidade seria a combinação de todas as dimensões relativamente duráveis das diferenças individuais, podendo estas ser medidas, enquanto para Cattell (1979) personalidade seria o que permite prever o comportamento, manifesto ou oculto, de um indivíduo numa dada situação, e para Prince (1924, In Eysenck, 1953) seria a soma do total de disposições inatas, impulsos, tendências, apetites e instintos do indivíduo.

Segundo Eysenck (1947, 1953) a personalidade seria a organização mais ou menos fechada e durável do carácter, temperamento, inteligência e aspectos físicos do indivíduo, organização esta que determinaria a adaptação única do indivíduo ao meio. Nesta definição o carácter traduz o comportamento intencional e a vontade, o temperamento traduz o comportamento afectivo (como por exemplo as emoções), a inteligência traduz o comportamento cognitivo, e os aspectos físicos traduz a configuração corporal e as bases neuroendócrinas, tentando com esta definição incluir sistema, estrutura e organização. A personalidade poderia então ser vista como um fenómeno gestaltico emergente cuja organização não pode ser vista em termos de conceitos atomistas, pois a totalidade única da personalidade determinaria a natureza e

significado das partes, não sendo determinada por estas. Deste modo, conceitos como tipos, traços ou síndromes, elaborados pela Psicologia e Psiquiatria para descreverem a personalidade, seriam, tal como os factores extraídos pela análise estatística, artefactos que não traduzem a totalidade e unicidade da personalidade, pois seriam apenas partes desta. No entanto, a abordagem estática da personalidade seria necessária para dar conta da organização desta, tal como a abordagem dinâmica revelaria o desenvolvimento da personalidade.

Bernard (1970) define personalidade como sendo formada por uma estrutura complexa composta de forças em interacção constante com o meio social, resultando esta estrutura da organização e integração de diferentes elementos fisiológicos, morfológicos, pulsionais, afectivos, intelectuais e culturais, numa unidade original que constitui um dado indivíduo, produto da sua história pessoal e da sua hereditariedade. A personalidade representaria então uma unidade biológica, psicológica e social, constituindo um ser singular que não se assemelha a mais nenhum outro e que deve ser abordado na sua totalidade e compreendido na relação que o une ao seu meio humano e físico.

Para Nuttin (1971) a personalidade seria um conjunto estruturado de potencialidades de interacção específica do indivíduo consigo mesmo e com o mundo, o que o leva a propôr uma estrutura dinâmica do eu-mundo, em que o mundo integra uma parte da personalidade e esta integra aspectos cognitivos, afectivos, perceptivos, etc.

Forgus e Shulman (1979) optam por não apresentar uma definição nítida de personalidade, dizendo que apesar de existirem inúmeras definições (por exemplo para Newcomb seria o que observamos no comportamento do indivíduo em diferentes situações, descobrindo ordem e regularidade no comportamento; para Maddi seria o conjunto estável de características e tendências que determinam os aspectos comuns e diferentes no comportamento psicológico do indivíduo, tais como pensamentos, sentimentos e acções, tendo continuidade no tempo e podendo ser fácil ou dificilmente compreendido em função das pressões biológicas e sociais da situação; para Jaspers seria a diferença individual e totalidade característica das conexões com significado na vida

psíquica), todas concordam que a personalidade é um padrão organizado hierarquicamente que conduz a comportamentos adaptativos que distinguem cada indivíduo dos outros. Referem ainda que muitos conceitos foram utilizados para descrever o domínio da personalidade, como por exemplo traço, tipo, temperamento, carácter, estilo, preferindo o conceito de estilo, que definem como estilo cognitivo ou modo de lidar com as situações, e que permitiria ter uma visão mais global e activa da personalidade.

Singer (1984) defende que a personalidade não é algo tangível ou uma entidade física, mas sim um padrão abstracto de características pessoais consistentes que os diferentes psicólogos tentam identificar, sendo os traços e características da personalidade meras noções hipotéticas para ajudar a organizar observações complexas. Considera que existem dois tipos de personalidade, respectivamente a personalidade pública e a privada. A primeira seria o modo como os outros nos veem e como nos apresentamos ao mundo, baseando-se na aparência exterior e comportamentos, incluindo a constituição física, modo de falar, reacções emocionais, etc (aspectos que podem ser facilmente observados e medidos, o que leva o autor a dizer que para os behavioristas a personalidade seria constituída só pela personalidade pública). Já a personalidade privada seria constituída pelas memórias, fantasias e sonhos, revelados ou não aos outros, bem como aspectos deliberadamente escondidos ou dos quais nem sequer temos consciência, constituindo aquilo que é a nossa única individualidade e que nos dá identidade e distingue dos outros. Singer refere que a investigação da personalidade tem-se centrado sobretudo no estudo da personalidade pública, apesar de cada vez mais teorias tentarem atingir a personalidade privada, socorrendo-se de métodos científicos e objectivos para descrever as experiências únicas de cada um. Tentando integrar os dois tipos de personalidade, Singer define personalidade como sendo o conjunto de acções observáveis, gestos, estados e expressões não verbais, motivações privadas, desejos, crenças, atitudes, sonhos, estilos de organização da informação e estilos de experienciar emoções, que delineiam a individualidade única de cada pessoa numa determinada cultura.

Por sua vez, Hampson (1988), opta também por não construir uma definição própria de personalidade, utilizando a definição dada por Child em 1968 (In Hampson, 1988) e que segundo a autora seria aceite pela maioria dos psicólogos actuais, na qual a personalidade se refere a factores internos mais ou menos estáveis que fazem com que o comportamento de um indivíduo seja consistente ao longo do tempo e diferente do comportamento que outro indivíduo possa manifestar na mesma situação. Refere que esta definição inclui quatro pressupostos básicos da personalidade, que seriam a estabilidade (a personalidade mantém-se ao longo do tempo, apesar de serem possíveis alterações, como por exemplo para evoluir; o indivíduo seria visto como um todo coerente, mesmo que em certa situação surpreenda os outros com uma reacção diferente), internalidade (a personalidade não pode ser observada directamente, sendo medida e inferida a partir de observações do comportamento), consistência (semelhança de comportamento do mesmo indivíduo em diferentes situações, baseando-se este pressuposto na ideia de que a personalidade explicaria a consistência comportamental por ser o maior determinante do comportamento) e diferença (cada indivíduo reage a uma situação de modo diferente, sendo esta diferença explicada por variações na personalidade).

Para Wolman (1992) cada indivíduo seria um aglomerado de diferentes impulsos, necessidades, sentimentos, pensamentos, etc, funcionando estes como as múltiplas teclas de um piano, e tal como a combinação destas originaria diferentes melodias, a combinação destes elementos revelaria diferentes personalidades.

Para terminar, e tentando estabelecer alguma ordem nas inúmeras definições de personalidade existentes, Arndt (1974) sugere a categorização efectuada em 1937 por Allport (In Arndt, 1974), que considera seis grandes grupos de definições :

- aparência exterior ou máscara - a personalidade é definida como o modo característico do indivíduo se comportar, sendo considerada a partir de aspectos exteriores do indivíduo, do seu comportamento observável, e do que os outros dizem que o indivíduo é

- variedade - a personalidade é definida como a soma total das qualidades individuais inatas ou adquiridas, sendo descrita em termos de enumeração de características ou atributos pessoais, mas não sendo enfatizada a organização e interacção dessas características.

- integração - a personalidade é definida como o padrão característico dos pensamentos, motivações, sentimentos e emoções individuais, sendo referidos diferentes atributos pessoais, mas em interacção uns com os outros de modo a formarem um padrão típico.

- hierarquia - a personalidade é definida como uma hierarquia de diferentes elementos (como id, ego e superego definidos por Freud), sendo enfatizada a organização desses elementos por níveis de integração e existindo um elemento preponderante.

- ajustamento - a personalidade é definida como o que determina o grau de ajustamento do indivíduo ao meio, sendo enfatizado um mecanismo de ajustamento à sobrevivência, no sentido definido por Darwin a propósito da evolução das espécies.

- distinção - a personalidade é definida como os atributos que tornam o indivíduo único, sendo enfatizada a individualidade e o carácter único do indivíduo.

Através destes seis tipos de definições verificamos que existem diferentes concepções da personalidade, sendo difícil encontrar uma definição que inclua todos os aspectos, o que até seria pouco útil (Nuttin, 1971), pois é impossível construir um modelo que estude toda a personalidade. Apesar da personalidade só poder ser analisada através de partes e não do todo (Pervin, 1990), variando estas consoante os investigadores, é necessário contudo interpretar sempre as partes como pertencentes a um todo e considerá-las como um meio de aprofundar o estudo do indivíduo.

Ao apresentarmos algumas das diferentes definições de personalidade, verificamos que frequentemente aparecem associados ao conceito de personalidade termos como carácter, temperamento, traço, tipo, factor, etc. Tendo como objectivo clarificar o estudo da personalidade, Allport e Odbert em 1936 (Minton & Schneider, 1980; Buss & Finn, 1987) encontraram 18 mil termos relacionados com características

da personalidade, mas muitos referiam-se a estados temporários (ex: agitado), outros a características que tinham a ver com o efeito do indivíduo noutros (ex: dependente), e só 4500 termos designavam de forma consistente e generalizada características pessoais, o que nos permite ver que a personalidade pode ser descrita de um modo muito minucioso e com diferentes significados. Vamos agora tentar definir alguns desses termos e procurar saber qual a sua relação com a personalidade.

2.1. Aspectos globais : carácter e temperamento

Começamos então pelos termos carácter e temperamento, considerados por diferentes autores como globais, enquanto os conceitos de traço, tipo ou factor remeteriam para unidades de análise dentro da personalidade (Eysenck, 1953; Arnold, 1975; Simon & Sellier, 1977; Huber, 1977; Cartwright, 1979; Tous, 1986).

Assim, historicamente a personalidade foi inicialmente identificada com o temperamento, como Hipocrates e Galeno fizeram (Minton & Schneider, 1980). No entanto, já segundo Simon e Sellier (1977) no estudo da personalidade haveria que distinguir os termos temperamento (disposições inatas inscritas na estrutura do organismo), carácter (componentes estáveis do organismo adquiridas durante o desenvolvimento), atitudes sociais (interesses e opiniões sentidas ou manifestadas, remetendo sempre para uma personagem que se quer representar ao olhos dos outros), traços reaccionais (expressam a defesa do indivíduo contra tendências vindas do inconsciente, podendo ser temporários ou permanentes) e síntese das tendências (nível onde se poderia falar de personalidade, pois incluiria uma combinação de inúmeros aspectos, incluindo cada uma dos termos atrás referidos, não sendo uma soma de tendências mas sim uma combinação entre estas, o que implica dinamismo, pois podem coexistir aspectos opostos). Enfatizam o conceito de carácter, referindo que originalmente o termo teria a ver com marca ou sinal, isto é, algo específico do indivíduo, permitindo encontrar através das mudanças uma estrutura fundamental da personalidade. O carácter seria então algo abstracto, traduzido num conjunto de

disposições naturais que se actualizam, especificam e organizam entre si durante a vida, segundo as experiências do indivíduo, constituindo uma estrutura básica intermediária entre o temperamento (traduzido no organismo fisiológico) e a unidade global que seria a personalidade.

Nuttin (1971) apresenta uma definição mais simples, dizendo que o carácter seria o conjunto de traços psíquicos do indivíduo, estando integrado em algo mais vasto que seria a personalidade. Já Cartwright (1979) refere os termos de carácter (algo que é desenvolvido pela interacção social, tendo a ver com a aprendizagem da disciplina social e das regras morais) e de temperamento (refere-se ao humor típico e emoções, estando relacionado com o funcionamento fisiológico do sistema nervoso central), enfatizando contudo que ambos aparecem incluídos nas definições de personalidade, pois nesta são referidos valores morais e aspectos emocionais.

Para Bernard (1970) o temperamento seria o aspecto somático da personalidade, o modo habitual de ser biológico, resultando da ligação entre factores hereditários e influencias do meio, sendo a base a partir da qual se desenvolve a personalidade. Por sua vez o carácter seria o modo de reagir habitual, constante e próprio de cada indivíduo, sendo mais dirigido para os aspectos sociais. A personalidade seria construída a partir de reacções directamente ligadas às necessidades biológicas, pois apesar de no recém-nascido não ser possível distinguir entre aparelho psíquico e aparelho orgânico, o seu organismo seria já algo complexo, resultante do equilíbrio de diferentes tecidos, órgãos e sistemas de tendências, todos transmitidos pela hereditariedade. Do agrupamento descritivo do temperamento, carácter e forma do corpo resultariam as tipologias, sendo estas classificações de personalidade, apesar desta ser também caracterizada pela forma de expressão e apresentação geral, como gestos, modo de vestir, expressão facial, postura, etc.

Arnold (1975) refere os conceitos de pessoa (que define como uma entidade jurídica citada frequentemente pelo Direito, ou como entidade consciente referida na Psicologia a propósito da integração da dualidade corpo-mente), carácter (classificação tipológica das características físicas e psíquicas do indivíduo e que permitiria agrupar

estes em diferentes tipos) e personalidade (refere-se à consciências que o indivíduo tem de si enquanto um todo único e individual), alertando para a frequente utilização dos três termos como sinónimo.

Tous (1986) refere o conceito de temperamento, dizendo que este remete para disposições latentes e estáveis que poderiam ser consideradas como causa do comportamento, sendo possível classificar os indivíduos segundo o seu tipo de temperamento, constituindo este a base inata da personalidade inata.

Em síntese, através destes autores é possível ver que os termos carácter e temperamento são os mais frequentemente referidos, mas apesar de serem definidos de modo diferente remetem para aspectos parciais da personalidade, surgindo o temperamento associado a características inatas e o carácter a características aprendidas.

2.2. Aspectos específicos : factor, traço e tipo

Apresentamos seguidamente os conceitos que remetem para unidades de análise dentro da personalidade, como factor, traço e tipo. Assim, Simon e Sellier (1977) referem o conceito de factor, que seria uma rubrica lógica de classificação que permite agrupar um grande número de características, havendo três grandes factores : emotividade (o modo como o indivíduo reage a uma situação, sendo o indivíduo emotivo caracterizado pela desproporção grande entre a causa da emoção e a intensidade do seu efeito) actividade (capacidade de realizar permanentemente tarefas, o que caracterizaria o indivíduo activo) e repercussão (o indivíduo definido como primário viveria no presente, enquanto o indivíduo secundário recordaria permanentemente o passado). Estes três factores poderiam ser combinados, e como dentro de cada um existem dois pólos opostos seria possível definir várias possibilidades mutuamente exclusivas nas quais os indivíduos poderiam ser classificados.

Hampson (1988) refere que nas diferentes definições de personalidade são frequentemente referidos factores internos, sendo estes conceptualizados de modos diferentes, como traços, instintos, motivações, objectivos, desejos, crenças, atitudes, etc.

Refere que o conceito de traço seria o mais utilizado, podendo ser considerado como uma característica ampla, durável e estável, usada simultaneamente para descrever algo no comportamento ou para explicar a causa de algo no comportamento. No entanto, em ambas as perspectivas se aceita que os traços se manifestam no comportamento não podendo ser atribuídos sem a sua observação directa no comportamento (por exemplo, seria absurdo dizer que alguém é sociável e nunca ver esse indivíduo a falar com outros). Sendo os traços inferidos de observações do comportamento passado, fornecem um meio de descrever os padrões consistentes do comportamento, bem como de prever o comportamento futuro. A propósito do conceito de traço refere o conceito de tipo, que pressupõe a existência de categorias mutuamente exclusivas, definidas por um conjunto de características da personalidade, sendo cada indivíduo classificado apenas numa dessas categorias. Como no conceito de traço se pressupõe que cada indivíduo possui todos os traços mas em grau diferente de um outro indivíduo, e como personalidade parece ser algo complexo, opta pela utilização do conceito de traço como unidade de análise, pois permitiria explicar as diferentes combinações possíveis, bem como a individualidade própria de cada indivíduo.

Eysenck (1953) justifica a existência de unidades de análise na personalidade por não ser possível o conhecimento directo dos instintos, disposições ou impulsos, que seriam concepções abstractas criadas para unificar e tornar inteligível a observação do comportamento a partir do qual foram abstraídos e sem o qual esses conceitos não teriam qualquer significado. Refere como unidades de análise o traço, factor ou dimensão, defendendo que ao considerar a personalidade como um todo esta deve ser estudada através de índices fisiológicos, de análises de biografias, de auto-relatos ou questionários sobre interesses, atitudes, inteligência, emoções, etc, o que permitiria elaborar um modelo matemático da organização da personalidade e através do método hipotetico-dedutivo factores, dimensões ou traços como o neuroticismo ou extroversão. Defende que uma hierarquia das unidades de análises, em que esquematicamente teríamos no nível inferior as respostas específicas do indivíduo a uma situação e que podem ser usuais ou estranhas, em seguida teríamos as respostas habituais, que são

respostas específicas que tendem a ocorrer em situações semelhantes, depois teríamos os traços, conceitos teóricos baseados nas intercorrelações entre um certo número de diferentes respostas habituais, e por fim o tipo, que seria um grupo de traços correlacionados. Traço e tipo são então definidos a partir de padrões de intercorrelações, não estando o traço sempre activo, mas persistindo ao longo do tempo.

Asendorpf e Valsiner (1992) enfatizam a noção de traço, definindo-a inicialmente como a posição do indivíduo num contínuo, pois como as diferenças de personalidade são frequentemente conceptualizadas como diferenças numa única dimensão (como por exemplo a inteligência) geralmente aparecem como estáveis, sendo o indivíduo reduzido a um ponto (estável) num contínuo (totalidade das diferenças existentes). No entanto esta visão é criticada como pouco discriminativa, abandonando os autores a ideia do indivíduo como ponto no contínuo e optando pelo conceito de padrão de personalidade, que remetiria para a noção de continuidade (o padrão de personalidade teria o mesmo significado em diferentes idades) e de estabilidade (o padrão de personalidade continuaria o mesmo ao longo da vida). No entanto os autores alertam para o facto da questão da estabilidade dos traços não permitir ver que há indivíduos que se desenvolvem de modo diferente, pois os traços podem ser estáveis mas implicarem diferentes padrões desenvolvimentais, bem como terem diferentes significados em termos de comparação entre o indivíduo e a população de onde foi retirado. referem também o conceito de perfil de personalidade, que seria descrito pelo facto das diferenças intraindividuais em muitos traços terem o mesmo significado nas várias idades, havendo por isso simultaneamente continuidade e estabilidade.

Willerman e Turner (1979) referem o conceito de traço como unidade base da personalidade, pois o traço seria estável ao longo de diferentes situações, permitindo prever o comportamento. Singer (1984) refere também o traço como unidade básica, pois seria mantido de forma evidente em diferentes situações, qualquer que seja o método de recolha de dados, havendo também continuidade entre características observadas na infância e padrões de comportamento no adulto.

Por fim, Huber (1977) tenta listar as diferentes unidades de análise da personalidade, definindo-as como entidades abstractas que variariam segundo as concepções teóricas, permitindo descrever e explicar o comportamento e sendo sempre inferidas a partir da observação deste. Considera que existem as seguintes unidades :

- traço - o indivíduo possuiria propriedades e predisposições que o levam a ter certos comportamento, podendo o traço ser visto como característica (a personalidade seria um conjunto de traços que dependeriam uns dos outros e estariam organizados em interacção entre eles) ou como factor (permitiria considerar diferentes subsistemas dentro do sistema da personalidade, com uma hierarquia própria, pois haveria os factores de primeira ordem, que seriam os traços principais da personalidade, ligados intimamente entre si, e os factores de segunda ordem, menos evidentes e podendo variar com o desenvolvimento do indivíduo e suas experiências

- hábito - utilizado essencialmente pelos behavioristas, remete para a aparência, sendo definido como a associação de um estímulo a uma resposta, e que pode ser algo reflexo ou complexo (como uma tomada de decisão que implicaria articular inúmeros estímulos e respostas), e que se pode desenvolver ou agrupar em hierarquias (como por exemplo os hábitos pessoais, profissionais, religiosos, etc), constituindo o conjunto de todos os hábitos a personalidade, e sendo as diferenças individuais explicadas a partir da aprendizagem dos hábitos, na qual o meio desempenha um papel importante.

- motivo - remete para a ideia do porquê do comportamento, para um movimento, dinâmica ou força que seriam a causa do comportamento. É uma unidade muito usada na fenomenologia e na psicanálise, apesar de não ser lícito falar numa concepção da personalidade a partir dos motivos e sim de uma estrutura da personalidade na qual os motivos estão implicados

- self - seria a soma de tudo o que o indivíduo considera que é, o modo como se percebe e percebe os outros e o mundo, sendo dada importância à visão subjectiva do indivíduo, e sendo a personalidade definida através do self, como na corrente do humanismo.

- papel - refere-se aos direitos e deveres que o lugar social ocupado pelo indivíduo implica, incluindo também as expectativas do desempenho do indivíduo tidas pelos outros, sendo a personalidade sempre descrita situando o indivíduo num contexto social.

- atitude - refere-se ao interesse, atenção, disposição em direcção a alguém ou algo, dependendo de valores e predisposições do indivíduo, e sendo a personalidade o conjunto de atitudes do indivíduo.

Depois de termos efectuado uma breve análise da evolução histórica do conceito de personalidade, e de termos referido as suas diferentes definições, passamos agora a descrever as diferentes teorias elaboradas sobre a personalidade.

3. Teorias da personalidade

3.1. As diferentes sistematizações

Quer no estudo da personalidade, quer no estudo de outro objecto qualquer, é evidente a necessidade de uma teoria (Wolman, 1992), pois só assim é possível compreender os dados obtidos e procurar explicações. No estudo da personalidade esta necessidade é ainda mais flagrante, pois se a teoria é um instrumento que permite articular diferentes factos de modo a estes serem compreendidos, já uma teoria da personalidade tenta explicar o comportamento, bem como prevê-lo (Arndt, 1974). Assim, pode-se dizer que uma teoria da personalidade é uma tentativa de explicar as diferenças de comportamento entre membros de uma espécie, em termos da variação sistemática nas propriedades dos subsistemas ou componentes que vão constituir este sistema conceptual (Tous, 1986). Deste modo, as teorias da personalidade podem ser então consideradas (Crowne, 1979) como sistemas conceptuais que classificam o vasto número de comportamento humanos significativos, existindo diferentes teorias consoante a especificidade do comportamento a explicar. A existência de diferentes teorias da personalidade seria explicada pelo facto de cada investigador estudar um objecto semelhante a si próprio (ao contrário por exemplo do bacteriologista ou do astrónomo),

fazendo com que o significado de um comportamento observado seja atribuído a partir do que o investigador sente. Por consequência, as diferentes teorias da personalidade apresentam diferentes definições do termo (Arndt, 1974), verificando-se que cada investigador se centra em determinados aspectos do comportamento, sendo frequente o erro de considerar que a sua teoria é a melhor e a mais abrangente, pois cada um tem uma compreensão aprofundada de um aspecto, esquecendo-se contudo que esse aspecto é apenas uma parte de todo o comportamento (Fadiman & Frager, 1986).

Perante as inúmeras teorias da personalidade existentes, alguns autores tentaram efectuar a sua sistematização, tendo como objectivo organizar os conhecimentos existentes. Entre estes autores destacam-se Cartwright, Hampson, Singer e Loevinger.

Cartwright

Este autor (Cartwright, 1979) defende que as diferentes teorias da personalidade podem ser agrupadas em três grandes categorias :

- personalidade como uma organização de sistemas intra-individuais - inclui nesta categoria autores como Allport (efectuou a mais completa sistematização de definições de personalidade desde a época grego-romana, concluindo que a personalidade seria a organização dinâmica intra-indivíduo dos sistemas psicofísicos que determinam o seu ajustamento único e específico ao meio, e que determinam um comportamento e pensamento característicos), Maddi (define personalidade como um conjunto estável de características e tendências que determinam algo comum e diferente no comportamento psicológico, incluindo neste os pensamentos, sentimentos e acções, do indivíduo e que teria continuidade no tempo, não sendo compreendido unicamente como o resultado de pressões biológicas e sociais do momento), Pervin (a personalidade representaria as propriedades dinâmicas e estruturais do indivíduo traduzidas nas respostas características do indivíduo às situações), Stagner (a personalidade seria a organização intra-individual dos sistemas perceptuais, cognitivos, emocionais e motivacionais que determinam a resposta única do indivíduo ao meio), caracterizando-se estas definições por referirem a

organização interna de sistemas intra-individuais que determinam não só o comportamento como os pensamentos e as experiências sentidas pelo indivíduo.

- personalidade como comportamento - inclui nesta categoria autores como Lieber e Spiegler (definem a personalidade como um constructo teórico abstracto que não pode ser observado directamente, sendo inferida pelo comportamento observável. Referem também que enquanto constructo teórico a personalidade seria um sumário de relações entre diferentes variáveis tendo como papel facilitar a comunicação sobre essas relações) e Lundin (refere a personalidade como a organização única de repertórios comportamentais adquiridos pelo indivíduo durante situações específicas e especiais do seu desenvolvimento), centrando-se estas definições na análise do comportamento e na procura das causas deste, situando estas no meio.

- ênfase nas experiências subjectivas e na consciência de identidade pessoal - inclui nesta categoria autores como W. James (defende que temos o sentido de continuidade pessoal, residindo este no sentido de continuidade da consciência, e ilustrando esta ideia com o exemplo seguinte : por muito tempo que estejamos a dormir, este sentido de consciência materializa-se no nosso corpo palpável, isto é, em algo que tocamos e vemos que existe) e Kelly (refere que uma teoria da personalidade é uma teoria de constructos psicológicos, pois tem a ver com o modo como o indivíduo interpreta aquilo que experiência, o que implica que para percebermos o indivíduo temos de perceber como ele vê o mundo, qual a sua identidade e as experiências de consciência que tem), caracterizam-se estas definições pelo ênfase nas experiências subjectivas do indivíduo.

Através das três categorias descritas, Cartwright refere que de um modo global as três formas de definir a personalidade remetem para sistemas ou causas intra-individuais, bem como para comportamentos, pensamentos, sentimentos e experiências subjectivas, sendo contudo necessário integrar todos os dados.

Hampson

Hampson (1988) defende a organização das teorias da personalidade em três grandes tipos :

- teorias de tipo explícito - consistem em postulados sobre a estrutura ou factores internos que constituem a personalidade, sobre a dinâmica que permite que a estrutura da personalidade se traduza no comportamento, e sobre o desenvolvimento ou modificações da estrutura e da dinâmica da personalidade.

- teorias de tipo implícito - são constituídas por crenças frequentemente inconscientes que nos permitem comunicar sobre características da personalidade, fazendo-nos frequentemente associar características da personalidade, o que permite fazer inferências de umas a partir da observação das outras (ex: simpatia associada à sociabilidade, ou arrogância à frieza), consistindo num conhecimento global que afecta a comunicação entre indivíduos, pois cada um pode estar a pensar em definições diferentes.

- teorias do self - combinam as teorias de tipo explícito e de tipo implícito, dependendo o conceito de self do modo como as auto-percepções estão correctas.

Hampson refere então que a personalidade seria algo construído, pois combina o que cada indivíduo revela aos olhos dos outros (explícito), o que é inferido pelos seus observadores (implícito) e o que o indivíduo percebe de si (self). A personalidade seria também um artefacto social, pois o indivíduo atribui ao comportamento um significado baseado nas características da personalidade, não utilizando os termos que conceptualizam a personalidade (tais como traços, motivações, instintos, etc), e socorrendo-se de conceitos derivados da sua percepção indirecta da realidade, bem como do seu conhecimento social.

Singer

Singer (1984) refere que as diferentes teorias da personalidade tentam compreender e integrar diferentes aspectos da complexidade que é a personalidade humana, enfatizando sobretudo o modo como as motivações derivam da combinação da

fisiologia com as experiências específicas de cada indivíduo. Assim, cada teoria utilizando métodos e interpretações diferentes tentaria conhecer melhor a personalidade privada (tentando identificar as motivações e emoções humanas, pressupondo que estas orientam a personalidade), bem como verificar como a personalidade se organiza (que dimensões individuais variam para produzir diferentes padrões e traços de pensamento e comportamentos próprios de cada indivíduo) e se modifica. Como a complexidade da personalidade não cabe numa única teoria, Singer identificou quatro grandes perspectivas segundo as quais as diferentes teorias da personalidade poderiam ser sistematizadas :

- dinâmica - refere a força que leva á mudança, tentando especificar as motivações do indivíduo que fazem com que ele aja de modo próprio, podendo ser impulsos biológicos (ex: para Freud) ou aspectos cognitivos de interpretação da situação ou de expectativas do indivíduo.

- estrutural - divide a personalidade em zonas ou blocos (ex: ego e id, personalidade pública e privada, traços e motivações, etc) hierarquizados e organizados segundo uma estrutura própria.

- desenvolvimental - tenta ver como os traços e a organização da personalidade se desenvolvem (acreditando que as raízes desta organização residem na infância), estabelecendo estádios e atribuindo uma importância diferente ao papel dos genes e do meio.

- adaptativa - realça sobretudo o ajustamento ao meio físico e social, verificando como as variações da personalidade o podem facilitar ou dificultar, e interrogando-se se as diferenças de personalidade estão ligadas a uma estrutura biológica básica ou resultam de certos tipos de pensamento e acção que se revelam mais úteis num dado contexto.

Ao analisar as diferentes teorias Singer verificou que actualmente a maioria das teorias, reconhecendo a complexidade da personalidade, tenta ser o mais abrangente possível, socorrendo-se então da utilização simultânea de duas ou mais das perspectivas anteriormente descritas.

Loevinger

Por sua vez Loevinger (1987) considera que o estudo da personalidade enquanto ciência pode ser descrito através de três grandes modelos :

- uma visão reducionista da ciência - considera a ciência como uma pirâmide, em cuja base estariam os conhecimentos no âmbito da Física/Química, em seguida estaria a Biologia, depois a Psicologia e por fim a Sociologia. Cada nível/disciplina ocupar-se-ia apenas dos elementos a que pode ser reduzida, o que implicaria desprezar determinados dados, pois as propriedades do todo são diferentes da soma das propriedades das partes.

- o modelo hipotético-dedutivo - considera que a ciência avança por formulação de hipóteses, deduz as consequências destas, verifica ou rejeita estas consequências através da investigação, e por fim aceita ou rejeita as hipóteses formuladas inicialmente. Na prática raramente este modelo seria verificado, excepto nas investigações efectuadas a partir de pedidos concretos ou elaboradas para cumprir graus académicos.

- o modelo indutivo - defende que a ciência deve reunir factos e quando um número suficiente destes estiver reunido as ideias que os sumarizam serão evidenciadas pela indução.

Loevinger salienta que estes três modelos partilham a ideia de acumulação de conhecimentos na ciência, não se podendo contudo saber qual das teorias que se acumulam é a melhor. Socorrendo-se do modelo elaborado por Kuhn (1994), aplica-o ao estudo da personalidade, referindo que é unânime a ideia de não haver na personalidade um paradigma dominante, coexistindo diferentes visões da natureza humana e da personalidade. Ou seja, existiria uma multiplicidade de pequenos paradigmas no estudo da personalidade, o que é fácil de aceitar, pois nas teorias da personalidade estaria implícita uma certa manifestação da personalidade do autor dessa teoria, resultado isto da dificuldade em compreender um objecto de estudo semelhante a si próprio (ou seja, o comportamento de outro ser humano, tarefa simplificada para o bacteriologista ou o astrónomo que estudam objectos diferentes de si próprios). Socorrendo-se então da noção de pequeno paradigma Loevinger considera a existência de cinco grandes abordagens nas teorias da personalidade, que define como sendo de tipo psicanalítico,

comportamentalista, psicométrico, aprendizagem social e desenvolvimentalismo cognitivo, concluindo que cada uma destas abordagens se centra em diferentes aspectos da personalidade, não conseguindo no entanto nenhuma delas estudar a personalidade como um todo. Também Eaves, Eysenck e Martin (1989) referem a possível aplicação do modelo de Kuhn no estudo da personalidade, mas ao nível das dimensões ou factores que constituiriam a personalidade. Apesar de salientarem a ausência de um paradigma dominante, realçam a emergência de três grandes dimensões da personalidade, visíveis na maioria dos estudos efectuados e designadas de diferentes formas consoante os autores. Por exemplo, Eysenck fala em extroversão, psicoticismo e neuroticismo, Royce e Powell referem a estabilidade emocional (semelhante ao neuroticismo), extroversão e independência emocional (semelhante ao psicoticismo).

A partir destas diferentes sistematizações, **elaboramos a nossa própria sistematização**, baseando-nos na História da Psicologia. Consideramos esta como quadro de referência, pois como cada teoria, seja da personalidade ou não, é de certo modo influenciada pelo clima intelectual da época e do espaço (Loevinger, 1987), sendo elaborada dentro de um sistemas cognitivo relacionado com o meio cultural a que o seu autor pertence (Wolman, 1992), parece-nos ser possível estabelecer uma ligação entre a evolução histórica da Psicologia e as teorias da personalidade. Assim, socorrendo-nos das análises históricas da Psicologia elaboradas por Brennan (1984), Schultz e Schultz (1992) e Marx e Hillix (1996) apresentamos seguidamente uma descrição das principais teorias da personalidade, utilizando como critério de sistematização as grandes correntes teóricas dentro da Psicologia. Nesta descrição referimos apenas os principais autores, sobretudo os mais antigos do ponto de vista histórico, pois as teorias actuais parecem ser apenas combinações diferentes de tudo o que já foi dito no passado (Singer, 1984; Loevinger, 1987). Optámos também, por vezes, por não consultar os autores na sua versão original, quer por não existir por vezes o material disponível, mas sobretudo por termos constatado que as descrições efectuadas por outros autores que não os próprios apresentavam uma maior quantidade de informações, bem como críticas e reflexões

sobre essas teorias. Durante a apresentação das teorias efectuamos sempre que possível uma descrição utilizando palavras nossas, socorrendo-nos para isso da ideia de Loevinger (1987), que defende que descrever uma teoria pelas nossas próprias palavras é a prova da nossa compreensão dessa teoria.

Consideramos então seis grandes categorias de teorias da personalidade (**psicométricas, psicodinâmicas, comportamentalistas, fenomenológico-humanistas, afectivo-cognitivas e sistémicas**), referindo em cada uma os principais autores (ordenados quer pela sua importância dentro da categoria, quer por ordem cronológica) e apresentando nestes as considerações que fazem sobre a personalidade, bem como o que referem sobre as emoções.

3.2. Teorias psicométricas

Enfatizam a existência e medição de características específicas da personalidade, sendo vulgarmente designadas como teorias dos traços, pois na linguagem popular o termo personalidade é frequentemente utilizado para designar o que é único, individual, e próprio de uma pessoa, sendo as diferenças individuais referidas através do termo traços. O grande objectivo deste tipo de teorias consiste então em identificar e medir através de questionários elaborados para o efeito, predisposições que tornam o comportamento estável e consistente. Nesta identificação, apesar de ser reconhecida a importância da situação, esta é considerada mais como algo que permite ver a estabilidade do comportamento, do que como algo que determina essa estabilidade.

O estudo das diferenças individuais a partir dos traços e a integração destes no estudo da personalidade parece implicar algo mais profundo do que a simples descrição do comportamento e classificação dos traços, remetendo para o problema da medição em Psicologia. Assim, pode-se dizer que se há uma grande descoberta na Psicologia, esta é a da medição (Loevinger, 1987), tendo sido introduzida através do estudo inicial das diferenças individuais e das noções estatísticas aplicadas aos aspectos biológicos. Do ponto de vista histórico constata-se que os filósofos e pensadores antigos consideravam

que a Psicologia enquanto estudo do espírito humano estava afastada da ciência, pois esta era experimental, matemática e objectiva, características não aplicáveis à alma humana, pois esta era imune à observação científica. Esta ideia é facilmente visível na língua alemã e na língua francesa (Loevinger, 1987), em que uma mesma palavra designava mente e alma, não sendo estas diferenciadas nem sequer no nome. Também Kant (In Loevinger, 1987) defende a inexistência da Psicologia como ciência, pois esta implica a observação e medição no espaço e tempo, ocorrendo os acontecimentos mentais no tempo mas não no espaço, não podendo portanto ser medidos. No início do século XIX, quer os filósofos, quer os fisiologistas acreditavam que a alma era unitária e indivisível, sendo toda o comportamento voluntária algo de instantânea, o que impedia a medição dos processos psicológicos. Contudo, em 1950 Helmholtz (In Brennan, 1994) mede a transmissão do impulso nervoso na perna de rã, provando que é possível medir os processos psicológicos e abrindo definitivamente a porta para a medição na Psicologia. A partir daqui é possível encontrar na História da Psicologia inúmeros exemplos da medição, salientando-se nestes o aparecimento dos testes, individuais ou de grupo, e inicialmente referidos a uma capacidade geral. Com o seu sucesso rapidamente passam a especificar determinadas faculdades, capacidades ou habilidades e a aplicar-se também ao domínio da personalidade. No entanto, as habilidades que medem são muito diferentes dos traços na personalidade, e os testes até então objectivos, passam a ser também projectivos, apesar dos problemas que levantam pela sua conotação subjectiva.

A caracterização dos indivíduos segundo os traços de personalidade parece ter como raízes históricas a tipologia descrita por Hipócrates no século IV A.C. (na qual são definidos quatro tipos de indivíduos segundo os humores corporais bilis amarela, bilis negra, sangue e fleuma), apesar de ser também visível em áreas como a Literatura (Loevinger, 1987), como é o caso da caracterização dos personagens apresentada por Homero no século IX A.C. na sua obra *Íliada*. Na mesma linha de pensamento, mas já numa época mais recente, encontramos outros autores (ex: Kretschmer, Sheldon, etc) que se basearam essencialmente em aspectos corporais para definir a personalidade. No entanto, todas as tipologias apresentadas foram sempre fortemente criticadas pela

limitação imposta pela simplicidade dos tipos ou pelo facto destes constituírem categorias estanques e mutuamente exclusivas. Com a evolução da Psicologia, nomeadamente com a sua libertação da Filosofia e posterior ligação às ciências exactas, evoluiu-se do conceito de tipo para o conceito de traço, sendo este passível de medição através de instrumentos adequados. O traço é então definido como uma característica que pode ser traduzida esquematicamente numa quantidade situada entre duas dimensões opostas unidas por um contínuo, podendo essa característica estar mais ou menos presente num indivíduo, mas manifestando-se de forma estável em diferentes situações. Na teoria dos traços há muito desacordo quanto ao número e nome dos traços, mas todos concordam que a estrutura da personalidade resulta da organização dos diferentes traços e que estes podem ser mais inatos ou mais adquiridos, mais profundos ou mais superficiais, podendo ser estudados através dos instrumentos desenvolvidos de modo adequado para essa medição. Mischel (1981) diz que só na língua inglesa existem cerca de dezoito mil palavras que se referem a traços, o que prova a falta de concordância entre os autores, apesar de algumas destas palavras serem sinónimos umas das outras, podendo apenas variar em intensidade (ex: aborrecido e maçador, sendo a segunda mais intensa) e de frequentemente serem opostas, já que a maioria dos traços são bipolares (definidos num contínuo quantitativo entre duas categorias que simbolizam os limites máximo e mínimo, como por exemplo dominância/submissão).

Das diferentes teorias da personalidade que podem ser incluídas nas teorias psicométricas destacam-se quatro, elaboradas respectivamente por Allport, Cattell, Eysenck e Sheldon (Nuttin, 1971; Arndt, 1974; Hall & Lindzey, 1978; Cartwright, 1979; Willerman, 1979; Mischel, 1981; Singer, 1984; Buss & Finn, 1987; Marx & Hillix, 1996).

Gordon Allport

É considerado como o autor mais importante dentro das teorias psicométricas, bem como o responsável pela divulgação da teoria dos traços e o fundador do estudo experimental da personalidade (Eysenck, 1953; Nuttin, 1971; Arndt, 1974; Hall &

Lindzey, 1978; Forgas & Shulman, 1979; Willerman, 1979; Mischel, 1981; Singer, 1984; Marx & Hillix, 1996).

Estudou de modo sistemático, rigoroso e científico a personalidade, interessando-se pela individualidade da experiência humana, centrando-se sobretudo no estudo da expressão do comportamento (ex: gestos, modo de ser e de falar, postura, etc) e comparando os mesmos indivíduos em situações diferentes para daí identificar a individualidade da personalidade. Desenvolveu métodos de avaliar a personalidade através da observação e de questionários, identificando traços de personalidade, que apesar de comuns a muitos indivíduos teriam um padrão e um modelo único de combinação que exprimiria a individualidade de cada indivíduo.

Identificou três grandes tendências da personalidade, que definiu como cardinal (luta pelo poder e glória), central (tendências consistentes positivas ou qualidades como confiança, seriedade, honestidade, etc) e secundária (tendências temporárias, por vezes negativas, que se revelam só em certas situações e não na rotina do quotidiano). Apresentou também a noção de self como conceito central na personalidade, dizendo que seria a completa expressão e manifestação pública da combinação dos traços de personalidade. No entanto, como o self era muito utilizado noutras teorias substituiu-o pelo conceito de *proprium* que teria sete manifestações : próprio corpo, auto-identidade, auto-estima, auto-extensão, auto-imagem, self como racional e esforço para atingir objectivos distantes. Refere ainda que um adulto maduro seria sensível às necessidades dos outros, e teria um quadro de valores que lhe permitiria integrar-se na sociedade e dar sentido às suas experiências. Apesar de reconhecer a existência da personalidade privada (tal como Singer, 1984, a define) não lhe atribui grande complexidade, centrando-se antes na sua manifestação pública.

Considera que os traços seriam uma realidade da organização psicológica, sendo definidos como determinadas tendências ou predisposições para reagir, estáveis ao longo de diferentes situações e do tempo. Tal como nas tendências da personalidade, refere a existência de três tipos de traços : cardinais (traços que se manifestam na maioria dos comportamentos do indivíduo e que parecem constituir aspectos mais marcantes),

centrais (traços gerais mas não tão intensos quanto os anteriores) e secundários (disposições ou atitudes típicas de cada indivíduo, menos intensos do que os anteriores), dizendo que em cada indivíduo existia um padrão ou combinação única de diferentes traços, o que originaria a sua estrutura de personalidade.

Reconheceu a existência de muitos factores que determinam o comportamento, definindo contudo uma hierarquia, que do mais específico para o mais genérico seria constituída pelo reflexo condicionado, hábito, atitude, traço, eu e personalidade, sendo esta o factor mais genérico. O modo de estudar a personalidade seria através do traço, que definiu como um sistema neuropsíquico típico do indivíduo, generalizado e focalizado. O traço teria a capacidade de tornar diferentes estímulos funcionalmente equivalentes, orientando de forma coesa o comportamento do indivíduo, sendo a personalidade visível no comportamento expressivo do indivíduo.

Distingue os estudos de tipo nomotético, que se ocupariam do estudo da regularidade do indivíduo, procurando identificar as leis universais, preferindo contudo os estudos de tipo idiográfico, pois estes efectuariam uma análise intensivo e exaustiva do indivíduo através de métodos que permitiriam prever o seu comportamento e identificar a sua singularidade.

A sua teoria é considerada um protótipo das teorias da personalidade, tendo ficado célebre a sua definição de personalidade (Allport, 1961) como a organização dinâmica intra-individual dos sistemas psicofísicos que determinam o ajustamento único do indivíduo ao meio.

Raymond Cattell

É também considerado como um autor importante dentro das teorias psicométricas (Nuttin, 1971; Arndt, 1974; Huber, 1977; Simon & Sellier, 1977; Hall & Lindzey, 1978; Cartwright, 1979; Willerman, 1979; Mischel, 1981; Singer, 1984; Caprara & Heck, 1992; Marx & Hillix, 1996), definindo personalidade como aquilo que permite prever o que o indivíduo fará numa dada situação, constituindo os traços a unidade básica da personalidade. Os traços seriam inferidos através do comportamento,

ao qual dariam regularidade e consistência, permitindo identificar uma organização intra-individual.

Cattell (1979, 1990) define a existência de vários tipos de traços, que podem ser agrupados em pólos opostos. Assim, teríamos os traços comuns (seriam típicos de diferentes indivíduos) versus os traços únicos (seriam específicos de cada indivíduo), os traços superficiais (conjuntos de traços que se manifestariam no comportamento observável e parecem ocorrer em conjunto, como por exemplo integridade e altruísmo, ou curiosidade e intuição) versus os traços profundos (ou fundamentais, que seriam variáveis ocultas que determinam as manifestações superficiais, como por exemplo a força do ego, a emocionalidade ou o neuroticismo, dando coerência ao comportamento), e por fim os traços inatos (seriam predisposições constitucionais, que designou por *ergs*) versus os traços adquiridos (seriam traços aprendidos através das interações indivíduo-meio, que designou por *metaergs*. Este incluiria as atitudes, interesses e sentimentos, sendo o mais poderoso o sentimento de eu, que explicaria a coerência do comportamento do indivíduo e seria de dois tipos : real ou ideal, correspondendo o primeiro à estimativa realista que o sujeito faz de si, e o segundo ao modo como o sujeito gostaria de ser). A propósito desta última dicotomia refere que o desenvolvimento da personalidade dependeria da evolução dos *ergs* e *metaergs*, bem como da organização do eu, sendo importante não só o processo de aprendizagem mas também a situação social em que esta ocorre. Neste contexto, elaborou o que designou por equação de especificação, através da qual prevê o comportamento do indivíduo através da interação traço/situação.

Considera que a identificação dos traços, bem como das suas relações, seria possível através da técnica da análise factorial, em que cada factor seria traduzido num conjunto próprio de traços, podendo a personalidade ser caracterizada pelo modo como cada factor é traduzido. A propósito desta identificação (Cattell, 1979) chamou a atenção para o facto de na língua inglesa existirem cerca de dezoito mil termos referidos a conceitos como carácter, personalidade ou traços, representando cerca de 5% dos termos existentes na língua inglesa. Esta percentagem traduziria uma realidade rica e

complexa no vocabulário psicológico, pois um embora um traço possa ser representado por várias palavras que em conjunto o definem melhor (ex: extrovertido como seguro, amável, caloroso, ousado, expansivo ou alegre), verifica-se também que uma palavra pode corresponder a vários traços (ex: delicado pode ser utilizado com o sentido de difícil, frágil, compreensivo ou atencioso), sendo então importante o contexto da frase em que utilizamos estes termos. Para tentar clarificar esta situação Cattell sugere a utilização da análise factorial, vendo as palavras mais próximas.

Associado ao trabalho de Cattell aparece frequentemente um outro autor, **J. P. Guilford**, cujas investigações apresentam resultados semelhantes (Minton & Schneider, 1980). Através dos seus estudos, Guilford (1959 e 1975, In Minton & Schneider, 1980) categorizou os traços de personalidade em quatro classes, respectivamente, traços somáticos (seriam as características morfológicas ou físicas, como por exemplo a estrutura corporal, o peso ou a altura, bem como características fisiológicas como o ritmo cardíaco ou temperatura corporal), habilidades (seria o nível de competência no desempenho de tarefas, incluindo capacidades espaciais, verbais, etc), temperamento (seria o modo ou estilo de se comportar, sendo possível identificar vários factores de temperamento, como por exemplo a actividade geral, ascendência, sociabilidade, controle, reflexividade, emocionalidade, depressão, calma/nervosismo, confiança/inferioridade, objectividade, boas relações com os outros e masculinidade/feminilidade) e por fim motivação (seria a direcção do comportamento, incluindo necessidades, motivações, interesses, atitudes, valores), salientando sempre o papel fundamental da interacção entre aspectos constitucionais e socialização na organização da estrutura da personalidade.

Hans Eysenck

É considerado como o expoente máximo actual dentro das teorias psicométricas, sendo reconhecido o seu papel de teórico e de investigador no estudo da personalidade (Nuttin, 1971; Simon & Sellier, 1977; Cartwright, 1979; Willerman, 1979; Mischel, 1981; Singer, 1984; Caprara & Heck, 1992; Marx & Hillix, 1996)

Define a personalidade (Eysenck, 1947, 1953 e 1990) como a organização mais ou menos estável e permanente do carácter, temperamento, inteligência e aspectos físicos de uma pessoa, que determina a sua adaptação ao meio, referindo que o carácter traduziria o comportamento intencional e a vontade, o temperamento traduziria o comportamento afectivo, a inteligência traduziria o comportamento cognitivo, e por fim os aspectos físicos traduziriam a configuração corporal e as bases neuroendócrinas, tentando com esta definição incluir sistema, estrutura e organização. Considera que a personalidade deve ser entendida como um fenómeno gestaltico emergente cuja organização não pode ser vista em termos de conceitos atomistas, pois a totalidade única da personalidade determinaria a natureza e significado das partes, não sendo determinada por estas.

Subjacente à ideia do todo e das partes, Eysenck (1953) associa as partes a unidades de análise da personalidade, definindo-as como traço, tipo ou dimensão, e organizando-as numa hierarquia em que esquematicamente teríamos no nível inferior as respostas específicas do indivíduo (respostas a uma situação, podendo ser usuais ou estranhas), em seguida teríamos as respostas habituais (seriam respostas específicas que tendem a ocorrer em situações semelhantes), depois teríamos os traços (conceitos teóricos baseados nas intercorrelações entre um certo numero de diferentes respostas habituais, sendo essencialmente factores disposicionais que determinam de modo regular e persistente o comportamento em diferentes situações; correspondem ao conceito de traço superficial definido por Cattell), e por fim o tipo (seria um grupo de traços correlacionados, correspondendo ao conceito de traço profundo definido por Cattell). Traço e tipo são então definidos a partir de padrões de intercorrelações, não estando o traço sempre activo, mas persistindo ao longo do tempo. A falta de estabilidade observada entre situações diferentes seria provocada pela diferença entre traço e estado, remetendo este último para o humor, e sendo visto como uma alteração temporal, pontual, transitória de uma forma de ser (o traço) mais permanente ou estável. O traço representaria então a descrição do comportamento habitual do indivíduo, enquanto o estado traduziria a manifestação do comportamento atípico. A noção de dimensão

resulta da conceptualização da estrutura da personalidade em dois grandes factores (neuroticismo e introversão/extroversão), a que posteriormente agregou outras dimensões (como o psicoticismo e mentira), estudando-as através de questionários construídos propositadamente para o efeito, quer na população normal, quer em indivíduos com comportamentos desviantes e efectuando inúmeras recolhas de dados que permitiram comprovar interrelações entre as suas dimensões da personalidade e os temperamentos definidos por Hipócrates.

Assim, através da combinação dos dois pólos das dimensões neuroticismo (ou instabilidade/estabilidade) e introversão/extroversão, demonstrou através de análises estatísticas (Simon & Sellier, 1977) ser possível descrever os quatro temperamentos de Hipócrates à luz destas dimensões. Assim, o temperamento melancólico seria caracterizado pela instabilidade e pela introversão, o colérico pela instabilidade e extroversão, enquanto o temperamento fleumático seria caracterizado pela estabilidade e introversão, e por fim o sanguíneo pela estabilidade e pela extroversão.

A existência destas dimensões da personalidade permite também a articulação desta com as emoções (Cartwright, 1979), pois supondo que estas têm uma base corporal, é possível demonstrar que os indivíduos que apresentam um valor alto no neuroticismo apresentam também uma grande quantidade de emoções não controladas, sobretudo negativas. A propósito ainda das emoções, Gray (M. Eysenck, 1994) propõe uma versão modificada da teoria de Eysenck adaptada ao condicionamento, cruzando as dimensões extroversão/introversão e neuroticismo com a ansiedade (que associa à susceptibilidade à punição) e a impulsividade (que associa à susceptibilidade à recompensa). Assim, defende que os instáveis introvertidos seriam mais sensíveis à punição, enquanto os instáveis extrovertidos seriam mais sensíveis à recompensa, sendo os indivíduos extrovertidos mais fáceis de condicionar. Apesar desta teoria ser fortemente criticada e ter sido baseada em estudos com animais, permite explicar porque é que os indivíduos ansiosos experimentam mais emoções negativas, enquanto os indivíduos impulsivos experienciam mais emoções positivas. Por fim, como se pode ver através das definições dadas por Eysenck, a sua teoria aponta para bases biológicas,

partindo da crença de que os factores constitucionais são uma parte importante da personalidade (Tous, 1986), sendo possível (Strelau & Eysenck, 1987) relacionar as dimensões da personalidade com aspectos fisiológicos (ex: extroversão/introversão intimamente ligadas com os circuitos corticais de excitação/inibição).

Já mais recentemente, Eysenck (1986) refere que em diferentes estudos, usando diferentes metodologias, instrumentos e sujeitos e obtendo resultados diversos, é possível encontrar sempre três grandes definições, que apesar de designadas por nomes diferentes, são caracterizadas por conteúdos semelhantes, correspondendo à extroversão/introversão, neuroticismo e psicoticismo. Estas dimensões seriam estáveis ao longo do tempo, sendo também possível identifica-las através no comportamento de animais, o que demonstraria que há uma base biológica forte da personalidade.

William Sheldon

Embora este autor não seja habitualmente incluído nas teorias psicométricas, optamos por referi-lo a propósito destas, pois também refere o conceito de traço, mas aplicando-o a características corporais e não a características psicológicas (Eysenck, 1953; Nuttin, 1971; Hall & Lindzey, 1978; Cartwright, 1979; Willerman, 1979; Minton & Schneider, 1980; Palmade, 1995; Marx & Hillix, 1996).

Assim, o seu trabalho tenta ligar características psicológicas e tipos de comportamento a aspectos corporais específicos, inserindo-se numa tradição histórica iniciada pela Frenologia, e mais tarde retomada por Kretschmer. Este, trabalhou essencialmente com doentes, referindo a existência de três tipos corporais (asténico, atlético e pícnico) que estariam intimamente relacionados com o comportamento anormal (esquizofrenia associada ao tipo asténico e síndrome maniaco-depressivo associado ao tipo pícnico). Posteriormente extrapolou estes resultados para a população saudável, referindo a esquizotimia (ligada ao tipo asténico e consistindo na predisposição para a esquizofrenia) e a ciclotimia (associada ao tipo pícnico e caracterizando-se pela instabilidade emocional). No entanto o trabalho de Kretschmer foi muito criticado, sobretudo pelos seus critérios de medição física, bem como pela sua generalização á

população geral. Tendo em conta estas críticas, Sheldon efectuou as suas medições de forma extremamente rigorosa e com base em inúmeros estudos práticos, justificando que desde há muito se considera que o corpo afecta o comportamento, pois se um indivíduo tiver por exemplo uma perna partida não pode andar como se estivesse saudável, sendo frequente nesta situação experiência dor física e emoções como o medo (ex: não conseguir voltar a andar em boas condições) ou a cólera (ex: porque lhe aconteceu a ele essa situação e não a outra pessoa). Tentou estabelecer relações entre factores estruturais e características temperamentais, considerando que o aspecto físico exterior (que designa por fenótipo) é determinado por um processo biológico morfogénico. Deste modo, definiu três tipos corporais estabelecidos a partir da camada embrionária da qual provêm os tecidos predominantes e que seriam o endomórfico (indivíduo mole, carnudo e maciço), o mesomórfico (indivíduo rijo e muscular) e o ectomórfico (indivíduo alto, magro e estreito), correspondendo a cada um destes tipos corporais um temperamento, que seria respectivamente a visceratonia (o indivíduo gosta de comer bem e de se divertir), a somatotonia (o indivíduo gosta de praticar exercícios físicos, é activo e ambicioso) e a cerebrotonia (o indivíduo é sensível, tímido e socialmente retraído).

Apresenta uma definição de personalidade que inclui os sistemas psicofísicos, o comportamento e as experiências subjectivas, considerando que a personalidade se concretiza nos tipos de temperamento que define, salientando contudo que cada tipo de temperamento era definido por um aglomerado de cerca de vinte traços psicológicos relacionados. No entanto, o seu trabalho também foi fortemente criticado, pois apesar de se aceitar a ligação temperamento-corpo, continua ainda a discussão de saber se é o corpo que determina o temperamento ou o inverso.

Descritos os principais autores dentro das teorias psicométricas, apresentamos seguidamente as teorias psicodinâmicas.

3.3. Teorias psicodinâmicas

Consideram o comportamento como uma tentativa de resolver conflitos (frequentemente inconscientes) entre as motivações básicas e a realidade que impede a satisfação destas, realçando sobretudo o que Singer (1984) definiu como personalidade privada. Deste modo, defendem a existência de motivações conscientes ou inconscientes que determinam o comportamento do indivíduo, bem como a existência de estádios ou fases (que por vezes implicam crises) através dos quais o indivíduo desenvolve a sua personalidade. Estas teorias tentam também identificar as motivações ocultas do comportamento, bem como os processos e conflitos inconscientes, socorrendo-se da análise efectuada por especialistas, que enfatizam as interpretações e significados que o indivíduo dá a cada situação, desprezando contudo a situação em si.

Das diferentes teorias da personalidade que podem ser incluídas nas teorias psicodinâmicas destacam-se as elaboradas por Freud, Jung, Adler, Sullivan, Horney, From e Erikson.

Sigmund Freud

Fundador da Psicanálise, é referido como o principal autor dentro das teorias psicodinâmicas (Arndt, 1974; Huber, 1977; Hall & Lindzey, 1978; Sherman, 1979; Cartwright, 1979; Forgas & Shulman, 1979; Singer, 1984; Mischel, 1981; Caprara e Heck, 1992; Palmade, 1995; Marx & Hillix, 1996).

Na sua teoria tenta explicar como as diferenças de personalidade são em grande parte provocadas por conflitos no início da infância, realçando a personalidade privada (conceito definido por Singer, 1984) e referindo aspectos dos quais frequentemente o indivíduo não tem consciência. Defende que o corpo é a fonte de toda a experiência mental (Fadiman e Frager, 1986), pressupondo que os fenómenos mentais podem ser explicados a partir da fisiologia do cérebro, e assumindo que há continuidade na vida mental, não ocorrendo nada ao caso, e existindo uma causa consciente ou inconsciente para cada pensamento, acção ou sentimento.

No que se refere concretamente à personalidade, Freud defende a existência de inúmeros conflitos entre instintos e proibições sociais, definindo os instintos como pressões que dirigem o organismo para fins particulares, sendo pulsões biológicas ou forças propulsoras que incitam à acção, e cujos aspectos físicos são designados por necessidades e os aspectos mentais como desejos. Estes conflitos provocariam diferentes modos de enfrentar as situações, modos estes que frequentemente chocariam uns com os outros, levando ao caos psicológico. Este seria ordenado através da interacção de três componentes básicos, que constituiriam a estrutura da personalidade, e que seriam o id, ego e superego. O id conteria tudo o que é herdado e que está presente na constituição do indivíduo, sendo a estrutura da personalidade básica e mais central, e operando exclusivamente de acordo com o princípio do prazer, não distinguindo entre a satisfação alucinatória e a satisfação real de uma necessidade. Esta estrutura estaria exposta às exigências somáticas do corpo, bem como aos efeitos do ego e do superego, procurando o prazer imediato e sendo o reservatório de energia de toda a personalidade. Apesar de funcionar como uma estrutura totalitária e ditadora, dependeria das restantes estruturas para distribuir e usar de modo adequado o seu poder. O ego estaria em contacto com a realidade externa, desenvolvendo-se a partir do id à medida que o indivíduo tem consciência da sua própria identidade. Tentaria satisfazer as exigências do id, que protege, mas do qual também extrai energia para funcionar, tendo como tarefa garantir a saúde, segurança e sanidade da personalidade. Responderia às oportunidades e procuraria soluções menos imediatas e mais realistas, operando de acordo com o princípio da realidade, avaliando e seleccionando inteligentemente o comportamento que reduza ao mínimo a dor e eleva ao máximo o prazer, mesmo que isso faça deixar de lado temporariamente a satisfação directa de uma necessidade para a satisfação global ser maior. O superego desenvolver-se-ia a partir do ego, actuando como juiz ou censor das actividades e pensamentos deste, e tornando-se o veículo da tradição e de todos os julgamentos de valores que se transmitem ao longo das gerações. Seria o depósito dos códigos morais, dos modelos de conduta e dos conceitos que constituem as inibições da personalidade, tendo como funções a consciência moral (que pune e provoca sentimentos

de culpa) e a formação de ideais (o ego ideal que recompensa o comportamento e provoca orgulho). Estas três estruturas da personalidade estariam em contínua interacção, tendo como principal objectivo manter ou recuperar o equilíbrio dinâmico que maximiza o prazer e minimiza o desprazer.

Associados às estruturas da personalidade aparecem as fases ou estádios de desenvolvimento psicosexual (respectivamente o estágio oral, anal, fálico, latência e genital), que traduzem mudanças marcantes na forma de desejar e de satisfazer os desejos, ocorrendo estas modificações nas formas e nas áreas físicas de gratificação.

Ainda associadas à personalidade, bem como ao conceito de instinto aparecem as emoções, e numa fase da História da Psicologia em que se privilegiava a razão e a medição, Freud salienta o poder da emoção, defendendo que o homem não é um animal puramente racional, sendo também dirigido por forças emocionais poderosas cuja origem é inconsciente. Considera que os instintos estariam representados na vida mental como ideias ou como emoções, dizendo que a ideia provocaria uma reacção corporal, que designa por emoção, sendo esta experienciada como um sentimento (podendo este ser agradável ou desagradável). Assim, o sentimento seria a tomada de consciência da emoção, enquanto esta seria um processo físico, correspondendo a uma descarga cuja expressão final é percebida como um sentimento. As emoções seriam também formas de aliviar a tensão e de apreciação do prazer, podendo por exemplo ajudar o ego a evitar a tomada de consciência de situações passadas. Através da observação de respostas emocionais adequadas ou inadequadas, seria possível encontrar pistas para descobrir e compreender as forças motivadoras do inconsciente.

Parece ser uma forma complexa de entender a personalidade (valorizando sobretudo as componentes trágica e sexual da vida do indivíduo), sendo uma teoria difícil de entender na sua globalidade (Pervin, 1990), pois para além da dificuldade em comprovar determinados conceitos, o modo de recolher os dados baseia-se muito na subjectividade do investigador. Estas dificuldades são acrescidas pelo facto de Freud nunca ter apresentado uma teoria final e formal que integrasse todos os detalhes que ia apresentando, podendo a sua teoria ser descrita através de várias perspectivas :

- dinâmica - as acções e pensamentos humanos seriam motivados pelas necessidades ou impulsos biológicos e pela transformação ou deslocamento destes no caso da sua realização/expressão ser prejudicial para o indivíduo, havendo todo um ciclo que começa como impulso, segue com a realização deste e termina no aliviar da tensão depois da realização, seguindo-se novo impulso e assim sucessivamente.

- económica - a expressão de um impulso gasta energia e esta teria uma origem fisiológica, sendo muitas vezes investida de novo no corpo, objecto de gratificação, ou em objectos exteriores.

- estrutural - existiriam três estruturas da personalidade (id, ego e superego), que podem estar em conflito ou em harmonia e de cuja interacção resulta a activação ou inibição dos impulsos. A força relativa de cada uma destas três estruturas daria origem a diferentes tipos de personalidade. Assim, no caso de dominar o id o indivíduo teria, por exemplo, dificuldades com a família, com as leis, com as normas, etc. No caso de dominar o ego o indivíduo faria tudo o que quer sem apresentar escrúpulos, enquanto no caso de dominar o superego o indivíduo seria conformista e apresentaria muita culpa.

- desenvolvimental - a personalidade seria formada a partir de uma série de fases ou estádios de desenvolvimento psicosexual (respectivamente o estágio oral, anal, fálico, latência e genital) que a criança atravessa durante os primeiros cinco anos de vida, considerando-se que a "criança seria o pai do adulto", pois o modo de desenvolvimento da criança iria afectar o comportamento do adulto.

- adaptativa - nesta perspectiva é enfatizado o modo como a estrutura do psiquismo se adapta ao meio físico e social, tendo sido essencialmente desenvolvida pelos seguidores de Freud, sobretudo depois da sua morte. Através de investigações feitas foi possível identificar sistematicamente conjuntos de traços agregados e típicos de uma determinada fase psicosexual, bem como aspectos globais como o medo da castração na maioria dos homens ou a existência do complexo de Édipo.

Durante o desenvolvimento da sua teoria Freud teve a colaboração de outros autores, alguns dos quais puseram em causa os seus trabalhos, afastando-se para desenvolver outras teorias, integrando-se contudo todos nas teorias psicodinâmicas.

Apresentamos seguidamente os autores considerados como mais importantes, utilizando uma ordem cronológica.

Carl Jung

Discípulo de Freud e posteriormente seu crítico, é também considerado como um dos grandes autores dentro das teorias psicodinâmicas (Eysenck, 1953; Nuttin, 1971; Arndt, 1974; Simon & Sellier, 1977; Hall & Lindzey, 1978; Cartwright, 1979; Forgas & Shulman, 1979; Singer, 1984; Fadiman & Frager, 1986; Palmade, 1995; Marx & Hillix, 1996).

Fundou a corrente da Psicologia Analítica, na qual atribuía menos relevo ao passado e mais ao presente e desejos para futuro, apresentando o indivíduo como mais criador e menos dependente do ambiente, apresentando uma visão do Homem mais optimista do que a de Freud. Enfatizando o inconsciente e a personalidade privada, defendia a existência de outras motivações humanas, para além da sexualidade e da energia psíquica, defendendo que o Homem procura realizar-se psiquicamente e encontrar o seu lugar na sociedade, socorrendo-se da espiritualidade, que resultaria da necessidade de ultrapassar os seus limites. Demonstra como para cada impulso/desejo há um outro oposto, o que afecta o modo como o Homem escolhe satisfazer um impulso e reprimir o outro.

No que se refere à personalidade, defende o balanço e o não conflito entre as três estruturas da personalidade, que designa por consciente (incluiria o ego, sendo este considerado como o centro da identidade e da personalidade, e sendo definido como a concepção que o indivíduo tem de si mesmo, resultando esta da interacção entre a mente e a realidade e tem as recordações), inconsciente pessoal (porção individualizada da mente que resultaria da experiência de cada um, da influencia da família, do meio, etc) e inconsciente colectivo. Define este como a herança psicológica, pois a evolução do Homem ao longo das espécies foi acompanhada da evolução da mente, o que faria com que as gerações actuais tivessem representados aspectos culturais, raciais ou até grupais das gerações anteriores. Designa estas representações por arquétipos (ex: a Terra vista

como mãe, os significados de nascimento, morte ou Deus, etc), definindo estes como uma estrutura psíquica dentro do inconsciente colectivo, cuja forma não teria conteúdo próprio, servindo para organizar e canalizar material psicológico. Assim, seriam símbolos ou predisposições que permitem perceber e comportar-se de certo modo, formando-se como consequência das experiências universais do Homem durante a sua evolução. Apesar da existência dos arquétipos não poder ser provada cientificamente, permitiria dar à personalidade (sobretudo à personalidade privada) outras dimensões para além das fantasias de infância, expressando-se o inconsciente sobretudo através de símbolos. Considera que existiriam quatro arquétipos melhor desenvolvidos :

- *persona* - seria a forma, o carácter ou máscara que o indivíduo apresenta aos outros, ou seja, a personalidade pública que intencionalmente assume no modo como se relaciona com os outros, incluindo-se nesta o papel social que representa.

- *sombra* - seria a parte da personalidade que o indivíduo voluntariamente oculta dos outros, constituindo o centro do inconsciente pessoal e formando o núcleo do material reprimido da consciência, pois inclui tendências, desejos, memórias e experiências rejeitadas como incompatíveis com a *persona* e contrárias aos padrões e ideais sociais.

- *animus* e *anima* - cada um seria uma estrutura inconsciente que representa a parte sexual oposta de cada indivíduo, isto é, a *anima* existiria no sexo masculino e o *animus* no sexo feminino.

- *eu* - designado também como *self*, seria o arquétipo central e mais desenvolvido, representando os esforços do homem para alcançar a unidade, totalidade e integração da personalidade. Estaria no centro do inconsciente, mas este e o consciente não estariam necessariamente em oposição, mas antes em cooperação, tendo como objectivo formar uma totalidade de modo a que o ego constitua uma estrutura directiva que determina toda a personalidade.

Considerando estes arquétipos na estrutura da personalidade, esta, esquematicamente teria na base a energia psíquica e os arquétipos, em seguida viriam o

inconsciente colectivo, eu, *animus/anima* e sombra (todos ainda inconscientes) e por fim o ego e a *persona*, ambos já conscientes.

Jung defende também a existência de diferentes tipos psicológicos, emergentes do crescimento, da interrelação e do predomínio funções básicas da mente. Estas seriam essencialmente quatro e a sua predominância no indivíduo corresponderia a um determinado tipo psicológico :

- sensação - estaria na base da percepção real e directa do meio e de factos concretos, permitindo ao sujeito responder à situação imediata e lidar eficientemente com emergências. Quando predomina o indivíduo privilegia gostos, cheiros, etc, mas não atende ao significado das experiências

- intuição - Jung define com dificuldade esta função, dizendo que consiste essencialmente em processar informações com base na experiência passada, em objectos futuros e em processos inconscientes, tentando o indivíduo identificar as implicações do que poderia acontecer se tiver um determinado comportamento. Quando predomina, o indivíduo lida com a realidade tentando adivinhar e ver para além dela no momento, não conseguindo separar os dados sensoriais brutos da interpretações que faz destes.

- sentimento - consiste em experienciar emoções positivas ou negativas em relação a pessoas ou objectos, sendo as decisões tomadas de acordo com julgamentos de valor próprios, como por exemplo bom, agradável, errado, etc. Quando predomina o indivíduo valoriza as emoções, utilizando-as como orientação principal do seu comportamento.

- pensamento - consiste na avaliação da informação de forma racional e sequencial, derivando os julgamentos e decisões de critérios impessoais, lógicos e objectivos. Quando predomina, o indivíduo usa a lógica e a precisão, tendo como objectivo a eficiência, e valorizando a consciência e os princípios abstractos, bem como os planos e teorias, mesmo que por vezes estes se revelem opostos às evidências.

A combinação destas quatro funções permitiria uma abordagem equilibrada do mundo, apesar de cada indivíduo apresentar uma função predominante e uma função auxiliar, ambas conscientes e bem desenvolvidas, sendo as outras duas funções menos

desenvolvidas e inconscientes. Esta tipologia teria ainda duas formas de se revelar, através de dois tipos de atitudes, definidas à nascença. Uma das atitudes seria a introversão, caracterizada por o indivíduo ser orientado para as suas próprias experiências, para a razão das coisas e para a abstracção, podendo ir contra as expectativas da sociedade. a outra atitude seria a extroversão, caracterizada por o indivíduo ser orientado para o exterior, para as outras pessoas e para o meio social, conformando-se com as regras da sociedade. Deste modo, da combinação entre as várias funções e da articulação entre estas e as atitudes seria possível apresentar um grande número de tipos psicológicos, facilmente previsíveis no modo como o indivíduo efectua as diferentes tarefas no quotidiano.

Alfred Adler

Foi também discípulo de Freud, embora não tenha atingido a notoriedade de Jung depois de se afastar de Freud, sendo contudo considerado um nome importante dentro das teorias psicodinâmicas (Arndt, 1974; Hall & Lindzey, 1978; Forgas & Shulman, 1979; Singer, 1984; Fadiman & Frager, 1986; Marx e Hillix, 1996).

Na teoria que formulou, designada por Psicologia Individual, enfatiza o que Singer (1984) definiu como a personalidade pública, realçando a influencia das interacções pessoais e do meio social. Considera que cada indivíduo teria como grandes objectivos no seu desenvolvimento ultrapassar a inferioridade e integrar-se num grupo. No que se refere à inferioridade, enfatiza a reacção psicológica a uma inferioridade orgânica ou imaginada, sendo o estilo de vida do indivíduo determinado pela capacidade de superar e compensar essa inferioridade, tendo em vista atingir a superioridade. Relativamente à integração no grupo, esta seria iniciada pelo demonstrar de interesse social, pois ao ajudar os outros o indivíduo tornar-se-ia alguém significativo para estes, passando a integrar-se num grupo. O desenvolvimento do indivíduo seria efectuado a partir da visão algo fictícia que tem da realidade, através da qual desenvolve uma concepção de si mesmo e do mundo, construindo o seu propósito de vida. No entanto, como cada indivíduo interpreta subjectivamente a realidade, esta interpretação pode ser

destruída, o que implica analisar não só a situação, mas também a interpretação desta. Considera o Homem como uma entidade dinâmica, integrada, consciente e criadora, não tendo uma visão tão pessimista como a de Freud, e vendo o indivíduo como mais influenciado pelas expectativas do futuro do que pela experiência real passada.

Não desenvolve uma teoria explícita da personalidade, referindo apenas que o desenvolvimento desta é muito afectado pela interacção social, na qual destaca factores como a posição do indivíduo no grupo (ex: posição na fratria familiar), educação, modo de interagir com os outros e estilo de vida que cada indivíduo desenvolve.

Harry Sullivan

Também incluído nas teorias psicodinâmicas (Arndt, 1974; Hall & Lindzey, 1978; Forgus & Shulman, 1979; Singer, 1984; Marx & Hillix, 1996), apresenta uma teoria da personalidade pública (tal como Singer, 1984, a definiu), na qual integra o normal e o desviante (este sobretudo sob a forma da esquizofrenia), enfatizando a comunicação entre os indivíduos, nomeadamente através dos gestos e palavras, exprimindo estes a personalidade. Enfatiza os mecanismos intrapsíquicos relacionando-os com o modo como o indivíduo comunica com os outros e como aborda certos assuntos (ex: insistindo neles para dissociar o medo, ou não os referindo para os esquecer ou reprimir), defendendo que há a satisfação das necessidades ou impulsos básicos, mas existe também a segurança extraída desta satisfação de acordo com as relações interpessoais.

Assim, define três modos de comunicação entre os indivíduos : protoáxico (ocorreria num estágio pré-verbal, em que a criança, não separa ainda o seu eu do dos outros), paratáxico (a criança começa a distinguir-se dos outros e a conhecer as regras de funcionamento, como as leis de causa-efeito, ocorrência casual, etc) e sintáxico (baseando-se no pensamento lógico e causal, o indivíduo consegue viver em sociedade e comunicar com os outros). No desenvolvimento do indivíduo realça a empatia e as trocas de emoções, podendo estas implicar as zonas corporais definidas por Freud a propósito de cada estágio de desenvolvimento, propondo seis fases de desenvolvimento

do indivíduo baseadas em escalões etários e com níveis de maturação diferentes. Cada uma das fases implicaria o estabelecer de novas relações interpessoais, funcionando o indivíduo de modo a assegurar a satisfação das suas necessidades, não sendo contudo estas de tipo biológica, mas de tipo interaccional.

Considera que a personalidade só se manifesta quando dois indivíduos interagem, sendo o self a personalidade própria de cada um, dando ao sujeito segurança de ser ele próprio e de ser capaz de comunicar. Assim, a personalidade seria o padrão organizado e duradouro de situações interpessoais que se repetem e caracterizam a vida humana, sendo então uma variável interveniente inferida a partir do comportamento do indivíduo em relação aos outros indivíduos ou objectos, e só existindo nas relações interpessoais. Existiriam três processos no desenvolvimento da personalidade : dinamismo (padrão de comportamento permanente, constituído por classes de hábitos ou traços da personalidade e revelado nas relações interpessoais características, sendo o dinamismo do eu a imagem que o indivíduo possui de si mesmo percebida através das interacções sociais), personificações (imagens que o indivíduo tem de si mesmo ou dos outros, podendo ser inatas ou resultando de experiências de infância, traumáticas ou não, podendo também estar associadas a determinadas situações; corresponderiam a uma visão socializada e consciente dos arquétipos de Jung) e processos cognitivos. Estes estariam intimamente relacionados com os três modos de comunicação já definidos, e deste modo a comunicação de tipo protoáxico implicaria experimentar os sentimentos sem os relacionar entre si nem lhes atribuir significado, enquanto a comunicação de tipo paratáxico implicaria relacionar as experiências á medida que estas ocorrem, mas sem atender às suas relações lógicas e estabelecendo relações causais entre acontecimentos desligados. Por fim, na comunicação de tipo sintáxico seriam estabelecidas conexões lógicas através de símbolos consensualmente validados, como por exemplo as palavras.

Karen Horney

Outro dos nomes importantes dentro das teorias psicodinâmicas (Arndt, 1974; Hall & Lindzey, 1978; Forgas & Shulman, 1979; Singer, 1984; Marx & Hillix, 1996),

considera que o homem é um ser social desde que nasce, e não um ser biológico que adquire interesses sociais, como acusa Freud de considerar. Defende que a insegurança da criança resultaria de impulsos biológicos, tendendo a ser compensada pela segurança nas suas relações com os outros. Esta ansiedade básica seria contudo um factor de desenvolvimento da personalidade, pois a criança ao ter a sensação de estar isolada e impotente num mundo hostil, iria tentar integrar-se na família, resultando os conflitos unicamente da desarticulação entre a auto-realização e a auto-idealização. As diferenças de personalidade resultariam então do modo como os pais tratam, educam e dão segurança à criança, podendo esta tornar-se ansiosa pela insegurança que sente.

Efectuou estudos sobretudo na psicologia da mulher, defendendo que os conflitos internos surgem não por deficiências na estrutura da personalidade mas por conflitos com as características da sociedade industrial. Opõe-se às teorias de Freud, que considera masculinas e aplicáveis apenas aos homens, referindo que a mulher tem apenas uma influência mental na sociedade, não lhe sendo permitido desenvolver todas as suas potencialidades e personalidade, pois a sociedade é dominada pelos homens.

Erich From

Também incluído nas teorias psicodinâmicas (Arndt, 1974; Hall & Lindzey, 1978; Singer, 1984; Marx & Hillix, 1996), realça a personalidade pública (definida por Singer, 1984), defendendo contudo que o indivíduo apesar de se desenvolver como único e diferente dos outros, sente-se também só e insignificante enquanto não pertence a um grupo. Assim, a grande motivação do indivíduo seriam as relações sociais, desenvolvendo-se a personalidade de modo ao indivíduo se sentir simultaneamente independente e integrado num grupo. A personalidade seria então desenvolvida essencialmente a partir de experiências com os outros, não num processo passivo mas numa interacção e adaptação dinâmicas, pois o indivíduo disporia de capacidades de crescimento e de realização das suas potencialidades. Descrevendo traços da personalidade como lealdade, ternura, amizade, etc, considera que estes poderiam ser agrupados em estilos de personalidade, definindo quatro estilos : receptivo (o indivíduo

sente necessidade da aprovação dos outros), acumulador (o indivíduo só se sente seguro quando possuir muito), explorador (quer ter o que os outros têm) e carismático (o indivíduo relaciona-se com os outros vendendo o seu carisma e aparência).

Erik Erikson

É também um dos autores incluídos nas teorias psicodinâmicas (Hall & Lindzey, 1978; Cartwright, 1979; Singer, 1984), defendendo a ideia do desenvolvimento ocorrer durante toda a vida do indivíduo, realçando um conjunto de estádios psicossociais nos quais existiriam crises que o indivíduo teria de resolver, e que ultrapassadas com sucesso, dariam ao indivíduo segurança para enfrentar novas crises e evoluir para novos estádios. Os estádios de desenvolvimento seriam os seguintes, estando a cada um associadas crises : primeira infância (confiança versus desconfiança), segunda infância (autonomia versus vergonha), terceira infância (iniciativa versus culpa), início da escolaridade (capacidade versus inferioridade), adolescência (identidade versus confusão de papéis), idade adulta (intimidade versus isolamento), meia idade (evolução versus estagnação) e velhice (integridade versus desespero). Em cada estágio o indivíduo resolveria a crise adoptando um dos dois pólos considerados, negativo (ex: estagnação, desespero) ou positivo (ex: identidade, evolução), o que afectaria o modo como iria resolver a crise provocada pelo estágio seguinte.

Não se preocupa em definir de modo rigoroso a personalidade, considerando que esta resulta do modo como o indivíduo resolve as sucessivas crises.

Descritos os principais autores considerados dentro das teorias psicodinâmicas, apresentamos seguidamente as teorias de tipo comportamentalista.

3.4. Teorias comportamentalistas

Centram-se (Mischel, 1981; Singer, 1984) essencialmente no estudo da personalidade pública (tal como Singer, 1984, a definiu), considerando que esta se traduz no comportamento observável, que defendem ser motivado essencialmente pelas



características da situação, bem como pela aprendizagem dos benefícios/punições associados a cada situação. Nasceram nos E.U.A., como contraponto ao ênfase das teorias psicodinâmicas desenvolvidas na Europa, substituindo a subjectividade do que o indivíduo sente ou pensa, pela objectividade do comportamento determinado por leis experimentalmente definidas. Apesar de fortemente criticadas por se basearem apenas no comportamento observável, contribuíram nitidamente para a evolução da Psicologia ao ajudarem na sua libertação definitiva da Filosofia.

Apesar de inicialmente se terem centrado na relação mecânica estímulo/resposta, as formulações teóricas posteriores incluem já os aspectos sociais (Atkinson, 1983), relacionando a personalidade com as modificações do comportamento do indivíduo, que atribuem à interacção hereditariedade/socialização, bem como a aspectos motivacionais. Ou seja, como a personalidade é algo interior, que não pode ser facilmente observada nem estudada directamente, é necessário relaciona-la com algo observado e medível, como por exemplo o comportamento, podendo a motivação ser utilizada para explicar como a personalidade interagindo com o meio imediato influencia o comportamento. A personalidade pode então ser vista como tendo diferentes dimensões (ex: habilidades, motivos, crenças e concepções), mas estas devem ser considerada em interacção com o meio social, sendo o comportamento estudado a partir da sequência situação, cognição, motivação e acção.

A aprendizagem aparece também como um aspecto fundamental dentro destas teorias, havendo diferentes concepções. Assim, Hull (Marx & Hillix, 1996) considerava a aprendizagem como central mas não exclusiva do desempenho, na qual era importante o reflexo condicionado (tal como Pavlov o definiu), sendo este visto como uma situação simplificada da aprendizagem e fácil de manipular experimentalmente. Já Huber (1977) considera a aprendizagem a propósito da noção de hábito, que define como a associação de um estímulo a uma resposta, podendo ser algo reflexo (quase instintivo) ou complexo (como uma tomada de decisão que implicaria articular inúmeros estímulos e respostas), passível de se desenvolver ou agrupar em hierarquias (ex: hábitos pessoais, profissionais, religiosos, etc). A personalidade seria constituída pelo conjunto de todos os hábitos,

sendo as diferenças individuais explicadas a partir da aprendizagem dos hábitos, aprendizagem esta que seria afectada sobretudo pelo meio.

Dentro das teorias comportamentalistas vamos referir os autores considerados como mais importantes, destacando Watson, Hull, Tolman, Skinner, Dollard e Miller, Rotter e Bandura, salientando contudo que a personalidade é por todos pouco enfatizada, sendo referida a propósito do comportamento observável. Apresentamos de novo os vários autores por ordem cronológica.

John Watson

Fundador da corrente teórica conhecida por Behaviorismo, foi o primeiro a aplicar as descobertas de Pavlov sobre o reflexo condicionado, defendendo o estudo do indivíduo a partir do seu comportamento observável, que considerava passível de medição (Huber, 1977; Sherman, 1979; Singer, 1984). Considerava que não existia a consciência (Fadiman & Frager, 1986), enfatizando a importância do meio exterior e dizendo que dele dependeria toda a aprendizagem, sendo toda a actividade humana condicionável, independentemente da variação na constituição genética. Este processo de condicionamento permitiria ao indivíduo adquirir respostas que marcariam a sua personalidade, sendo possível através dos estímulos adequados transformar uma criança num investigador ou num criminoso.

Define a personalidade como o modo como o organismo funciona enquanto um todo (Pervin, 1990), vendo-a como uma soma de actividades (Eysenck, 1953), e defendendo que pode ser analisada a partir da observação efectuada durante um longo período de tempo e recolhida através de informação fiável. Despreza o conceito de traços de personalidade, preferindo a noção de hábito, que definiu como uma predisposição de resposta estável aprendida por ter benefícios para o indivíduo. Defende também que em vez da personalidade deveria ser considerada a totalidade do comportamento, sendo a personalidade vista como um comportamento, como uma variável dependente que é determinada pelo condicionamento e como um conjunto de repertórios aprendidos. Deste modo, pode-se ver que a sua visão da personalidade difere

da apresentada pela Psicologia (Caprara & Heck, 1992), pois nesta a personalidade é considerada um processo ou estrutura internos que determinam o comportamento, sendo passível de medição e considerada uma variável independente que provoca o comportamento.

Clark Hull

Também incluído nas teorias comportamentalistas (Huber, 1977; Sherman, 1979; Singer, 1984; Marx & Hillix, 1996), efectuou a transição entre a dinâmica psicanalítica e a Psicologia Experimental, considerando os impulsos biológicos como fonte de aprendizagem, pois as novas respostas seriam aprendidas mais facilmente pelo organismo quando ocorressem simultaneamente com a satisfação ou redução de um impulso básico. Considerava a aprendizagem como central mas não exclusiva do desempenho, sendo fundamental o reflexo condicionado (tal como Pavlov o definiu), que via como uma situação simplificada da aprendizagem e fácil de manipular experimentalmente. Nos seus estudos tentou relacionar condicionamento e reforço, considerando três tipos de variáveis : estímulo (antecedente ou entrada, sendo constituído por factores objectivos como o número de ensaios reforçados, intensidade do estímulo, quantidade de recompensa, etc), variável interveniente (intraorganísmica, inclui aspectos como força do hábito, impulso, reforço do incentivo, etc) e resposta (consequente ou saída, inclui aspectos como latência, amplitude e probabilidade de resposta, número de respostas até à extinção, etc), estando as três em ligação. Enfatizou os estudos com animais, defendendo que as leis básicas da aprendizagem encontradas nestes podiam também ser aplicadas ao ser humano, e não se preocupando em estabelecer uma teoria da personalidade, considerando esta como sinónimo do comportamento. a sua grande contribuição (Marx & Hillix., 1996) parece ter sido a apresentação de uma nova maneira de ver os problemas, realçando o papel da aprendizagem, e não tanto o descobrir de novas áreas de estudo ou metodologias.

Edward Tolman

Outro dos autores incluído nas teorias comportamentalistas (Huber, 1977; Singer, 1984; Marx & Hillix, 1996), tentou descobrir como os indivíduos desenvolviam um comportamento intencional, defendendo que as características dos estímulos provenientes do meio eram organizadas num mapa cognitivo que o indivíduo utilizaria para organizar a informação e orientar o seu comportamento de modo intencional. Sendo um admirador do trabalho de Kurt Lewin, tentou articular os princípios da Gestalt e do Behaviorismo, enunciando seis tipos de conexões presentes no processo de aprendizagem e que afectariam o comportamento intencional : catexes (propriedades afectivas adquiridas pelos objectos), crenças de equivalência (representações cognitivas de objectivos, reforços ou perturbações), expectativas de campo (representações do meio), modos de cognição de campo (funções como percepção, memória, inferência que produzem as expectativas de campo), discriminações de impulso (aptidões para se comportar de modo diferente em diferentes situações de privação) e padrões motores (aptidões, são as respostas ou combinações de respostas). Associados ao processo de aprendizagem aparecem os conceitos de sistema de necessidades (ligado aos impulsos), espaço comportamental (associado ao conceito de espaço vital definido por Lewin) e matriz de crenças-valores (hierarquia de expectativas aprendidas e referentes ao meio), sendo o primeiro autor a distinguir aprendizagem e desempenho.

Apesar de ter contribuído para o papel das cognições no comportamento, vendo este como algo mais que elementos físicos e observáveis, e realçando a noção do todo, o seu conceito de personalidade reduz-se também ao termo comportamento.

Burrhus Skinner

É considerado como o grande impulsionador dos estudos experimentais dentro do behaviorismo (Huber 1977; Hall & Lindzey, 1978; Cartwright, 1979; Forgas & Shulman, 1979; Sherman, 1979; Singer, 1984; Fadiman & Frager, 1986; Caprara & Heck, 1992), desprezando tudo o que se passa no interior do organismo e centrando-se apenas nas respostas que o organismo produz e nos padrões de reforço que facilitam ou

dificultam essas respostas, o que o levou a enfatizar os processos de aprendizagem e de condicionamento.

Não considera a personalidade no sentido de um eu separado, definindo-a como uma colecção de padrões de comportamento, pois situações diferentes evocariam diferentes padrões de respostas, sendo cada resposta baseada em experiências anteriores e na história genética do indivíduo, explicando as variações através de histórias de reforço diferentes. Defende que se este basear a sua definição de eu no seu comportamento observável, não é preciso discutir o conceito de eu nem de personalidade, bastando apenas referir o termo comportamento, sendo este explicado em função da relação estímulo/resposta, devendo o investigador centrar-se nas respostas que podem ser sistematicamente controladas ou formadas.

John Dollard e Neal Miller

Considerados como dois autores importantes por terem tentado conciliar os dados de tipo psicanalítico, o comportamento observável e as abordagens de tipo antropológico e sociológico (Huber 1977; Hall & Lindzey, 1978; Arndt, 1979; Cartwright, 1979; Forgas & Shulman, 1979; Sherman, 1979; Singer, 1984; Marx & Hillix, 1996). Assim, defendem a existência de quatro princípios básicos no processo de aprendizagem ou na formação de hábitos, que seriam :

- impulso - seria a motivação da aprendizagem, sendo definido como um forte estímulo que impele o indivíduo para a acção, e podendo ser primário, tal como Freud definiu, ou secundário. Defendem que na maioria dos casos estamos perante impulsos secundários, derivados dos primários, exemplificando com a fome, que só seria primária num indivíduo verdadeiramente faminto.

- sinal - seria o significado informacional do estímulo, aprendido através de experiências anteriores, constituindo uma pista ou instruções exteriores que facilitam o comportamento.

- resposta - seria a execução de um comportamento, podendo ser um acto ou pensamento, ocorrendo antes de um reforço e integrando-se numa hierarquia de respostas, ordenada segundo o tipo de reforço a que é associada.

- reforço - seria a consequência agradável do comportamento executado, constituindo uma recompensa por ter sido satisfeito ou reduzido o impulso. Seria fundamental para adquirir novas respostas ou para manter respostas antigas, podendo ser generalizado para respostas semelhantes

Deste modo a aprendizagem ou o hábito foram reforçados, convertendo-se num elemento básico e duradouro da personalidade. Contudo, durante o processo de aprendizagem poderiam existir conflitos, como por exemplo no caso de uma resposta aprendida não ter sido reforçada (sendo necessário dar outra resposta, antiga ou nova), ou no caso do indivíduo estar indeciso em satisfazer dois impulsos opostos ou em optar por duas situações. Definem então três tipos de conflito : atracção/atracção (em que o indivíduo tem de escolher entre duas situações/objectos igualmente agradáveis), rejeição/rejeição (em que o indivíduo tem de optar por duas possibilidades igualmente desagradáveis) e atracção/rejeição (em que o indivíduo se sente indeciso entre valorizar os benefícios ou os prejuízos que vai ter em cada uma das duas possibilidades de resposta), resultando a personalidade do indivíduo do modo como consegue gerir estes conflitos, bem como do modo como a socialização é feita durante os diferentes estádios de desenvolvimento do indivíduo (referindo os mesmos estádios definidos por Freud).

Na teoria que elaboram nota-se a tendência de continuar a estudar o comportamento humano no laboratório, parecendo existir uma tentativa de sobreposição entre os conceitos psicanalíticos e o paradigma estímulo-resposta, sendo a personalidade vista como um conjunto de hábitos, nos quais não apontam muita consistência ou intencionalidade, e que dependeriam fortemente do meio.

Julian Rotter

É também considerado um autor importante dentro das teorias comportamentalistas (Huber 1977; Cartwright, 1979; Forgas & Shulman, 1979;

Sherman, 1979; Singer, 1984; Caprara & Heck, 1992), enfatizando também a noção de reforço, mas aplicando-a sobretudo num contexto interaccional e comunicacional entre indivíduos, defendendo que o comportamento e o desenvolvimento da personalidade do indivíduo ocorreriam em função das expectativas em obter um reforço positivo ou em evitar um reforço negativo. Assim, existiriam dois grandes modos de funcionamento dos indivíduos, que seriam o modo centrado em si (o indivíduo procura sentimentos de felicidade, liberdade, harmonia, etc) ou o modo centrado nos outros (o indivíduo procura ajudar os outros, tentando sentir que tem um papel importante na sociedade), sendo estes escolhidos em função das expectativas e valores que cada indivíduo possui, sendo reforçados no caso do indivíduo sentir ter benefícios por ter adoptado esse modo de funcionamento. Apesar de não se preocupar em definir personalidade, associa as diferenças verificadas nesta aos dois modos de funcionamento descritos.

Albert Bandura

É também incluído nas teorias comportamentalistas (Cartwright, 1979; Forgas & Shulman, 1979; Singer, 1984; Caprara & Heck, 1992; M. Eysenck, 1994), embora o seu trabalho seja no âmbito da aprendizagem social, defendendo que o comportamento do indivíduo é aprendido através da observação de outros indivíduos, sendo a aprendizagem mais eficaz quando o indivíduo toma consciência das regras e consequências de cada comportamento. Durante o processo de aprendizagem a personalidade desempenharia um papel importante, pois explicaria as diferentes capacidades e predisposições para a aprendizagem por observação, estando também associada ao significado emocional que o indivíduo atribui à situação observada (significado este que facilitaria ou dificultaria a aprendizagem) e resultando este da história de reforços recebidos/recusados ao longo da vida do indivíduo.

Através da descrição efectuada é possível verificar que nas teorias comportamentalistas a personalidade desempenha um papel pouco relevante, sendo frequentemente vista como sinónimo de comportamento. Descritos os diferentes autores considerados, apresentamos seguidamente as teorias fenomenológico-humanistas.

3.5. Teorias fenomenológico-humanistas

Aparecem por oposição às ideias de conflito interno e ligação simples estímulo/resposta (Mischel, 1981; Singer, 1984), defendendo que a personalidade é algo de complexo, no qual têm sido desprezadas as emoções e as experiências positivas vividas por cada indivíduo, devendo através das cognições aceder à interpretação e ao significado que o indivíduo atribui a cada situação. Centram-se no estudo da pessoa como um todo, encorajando o desenvolvimento das suas potencialidades e considerando que cada indivíduo é um caso único e especial. Apresentam-se como uma confluência de várias escolas de pensamento, tendo em comum a revolta contra a tendência reducionista das teorias psicodinâmicas e comportamentalistas, e tendo sido fortemente influenciadas pela Gestalt, corrente teórica da Psicologia alemã que defende o estudo do todo, não podendo este ser dividido em partes sem que se perca algo. No entanto, alguns dos conceitos mais importantes são anteriores a esta corrente, resultando do trabalho de filósofos como Brentano ou Husserl, e enfatizando a não separação entre corpo e mente, bem como o estudo directo da experiência, que filtraria toda a realidade. Assim, a consciência seria intencional e ocorreria a propósito de algo, como pode ser demonstrado na percepção da cor, que seria percebida por exemplo como o vermelho de uma maçã, e não apenas vermelho, variando a intensidade e tonalidade consoante os indivíduos.

Integrados nestas teorias vão ser referidos vários autores, salientando-se contudo que embora alguns não costumem ser incluídos nesta categoria, consideramos terem sido importantes para o aparecimento deste tipo de teorias, como é o caso de Goldstein ou Angyal, valorizando quer a totalidade do sujeito, quer a interpretação que este faz da realidade. Optamos também por uma ordem cronológica, referindo então Goldstein, Lecky, Angyal, Rogers, Maslow e May.

Kurt Goldstein

É considerado como um autor importante dentro desta categoria de teorias (Arndt, 1974; Hall & Lindzey, 1978; Forgas & Shulman, 1979; Singer, 1984; Marx & Hillix, 1996), tendo os seus estudos sido iniciados em pacientes com lesões cerebrais ocorridas durante 1ª Guerra Mundial. Durante o tratamento destes verificou que independentemente da área da lesão, esta afectava sempre o comportamento, sobretudo o pensamento e a capacidade intelectual do Homem. Constatando que os doentes tentavam compensar estas perdas com o maximizar de outras possibilidades, desenvolveu uma teoria organísmica do comportamento, vendo-o como um todo unitário, estruturado e flexível, capaz de se ajustar às necessidades da situação. Assim, defende que o comportamento só pode ser compreendido como parte de uma unidade orgânica e o seu significado só pode ser avaliado como uma contribuição para as metas que o organismo vai sucessivamente fixando, sendo a meta final a individuação ou auto-actualização, traduzindo-se esta na realização das necessidades do momento (ex: um organismo faminto realizar-se-ia na alimentação) e podendo ser visível na personalidade. Não se preocupou em definir o conceito de personalidade, pois isso implicaria considerar partes dentro do organismo (como a personalidade e o corpo físico), devendo este ser visto como um todo.

Prescott Lecky

Considerado também como um autor a incluir nesta categoria de teorias (Arndt, 1974), sempre se opôs à visão mecanicista do comportamento como estímulo-resposta, defendendo que primeiro o estímulo é interpretado pelo indivíduo e só depois se dá o comportamento. No entanto, o comportamento pode ser reduzido a elementos para ser mais fácil de estudar, mas considerando sempre o todo, pois é este que dá a causalidade das partes e não o inverso. O seu objectivo consistia em compreender a dinâmica do indivíduo, vendo a personalidade como constelação única de ideias que o indivíduo sente como sendo consistentes umas com as outras. Deste modo, cada indivíduo devia ser estudado de modo a não só a ser possível ver essa consistência entre ideias, sentimentos

e atitudes, mas também de modo a conhecer a sua interpretação subjectiva e o seu significado. Assim, defende os estudos de personalidade baseados em casos concretos analisados em pormenor, pois os estudos efectuados com muitos indivíduos podem ser generalizados para todos mas não se aplicam a ninguém concreto.

Considerava a motivação como algo mais do que um instinto ou necessidade básica, podendo englobar outras necessidades (ex: ser integrado num grupo) e tendo como função principal tentar manter a unidade e auto-consistencia do indivíduo, vivendo este num mundo em constante mudança. A personalidade seria então uma unidade estrutural indivisível e única, que ajudaria o indivíduo a extrair significado, compreensão e segurança de um mundo incompreensível. Deste modo, todos os pensamentos, acções e sentimentos do indivíduo iriam no sentido de sentir coerência interna e de compreender o mundo, procurando situações de consistência e evitando as de inconsistência. Como todos os indivíduo funcionam em diferentes níveis de integração simultaneamente, seria artificial dividi-los e considerar diferentes funções, não sendo possível fazer generalizações, inferências e predições de níveis inferiores para posteriores (ex: a apreciação de uma melodia não poderia ser reduzida á actividade neuronal, sendo importante a interpretação do indivíduo) e devendo a personalidade ser explicada a partir de diferentes níveis de integração.

Andras Angyal

Incluído nesta categoria de teorias (Arndt, 1974; Hall & Lindzey, 1978; Forgas & Shulman, 1979; Singer, 1984), baseando-se no estudo de esquizofrénicos, tentou ver a relação entre sintomas e esforço do indivíduo para a compreensão e significado do seu comportamento, defendendo que este esforço existiria também nos indivíduos não doentes e implicaria a tendência para organizar a informação de forma simétrica e estrutural. Refere também que existiria uma tensão constante entre autonomia e homonomia, pois o indivíduo quer ser independente, mas quer simultaneamente pertencer a um grupo como a família, sociedade. Considera também que existiriam três níveis de existência (satisfação dos impulsos, realização das potencialidades e sentido na

relação com os outros), tendo subjacentes aspectos como fracassos, medos, êxitos e emoções.

Considera que o indivíduo e o meio não devem ser vistos como entidades independentes, mas como aspectos de uma única realidade separados por necessidades de abstracção, incluindo ambos no conceito de biosfera. Esta, não se referiria só a aspectos biológicos ou somáticos, mas também aos psicológicos e sociais, e apesar de ser como um todo, possuiria uma organização que consiste em sistemas estruturalmente articulados uns com os outros, nos quais inclui o indivíduo ou organismo e o meio ou objecto. Cada uma destas unidades holísticas é designada por sistema, incluindo este diferentes elementos que explicam um dado fenómeno, e estabelecendo estes diferentes ligações entre si consoante a sua posição e características. Assim, dentro da biosfera teríamos três dimensões : vertical (inclui a superfície da biosfera, traduzindo-se no comportamento aberto e visível do indivíduo, mas podendo ir até ao centro da biosfera), progressiva (os actos do indivíduo seriam efectuados de modo a este se aproximar de um objectivo final que estabeleceu) e transversal (os actos do indivíduo seriam integrados numa unidade comportamental mais lata e geral), sendo a energia da biosfera baseada nas tensões que surgem entre o seu polo ambiental e o seu polo organismico, e que se traduzem nas capacidades de auto-determinação (o indivíduo desenvolve-se integrando algo do meio) e integração (o indivíduo desenvolve o meio dando as suas contribuições pessoais para este).

A propósito da personalidade refere o conceito de dualidade (equilíbrio entre saúde mental e tendências neuróticas, em que a personalidade é apresentada de modo gestaltico, pois define-a como uma figura ambígua na qual se pode organizar uma estrutura a partir da figura ou do contexto, isto é, a partir de aspectos normais ou destorcidos) e o desenvolvimento de estilos de personalidade (descreve as neuroses e psicoses, defendendo que cada indivíduo tem um modo dominante de lidar com os problemas que passa por uma destas formas, mais ou menos acentuadas), definindo a personalidade como uma hierarquia de sistemas organizados como um todo, tendo cada personalidade um princípio ou lei de sistema específico e próprio desse indivíduo. Este

princípio determina o comportamento, pois a percepção de um acontecimento passado pode ser recordada como algo aterrorizador ou divertido, afectando o comportamento futuro.

Carl Rogers

É considerado como o verdadeiro fundador da corrente humanista (Arndt, 1974; Huber, 1977; Hall & Lindzey, 1978; Cartwright, 1979; Forgas & Shulman, 1979; Sherman, 1979; Singer, 1984; Fadiman & Frager, 1986; M. Eysenck, 1994; Marx & Hillix, 1996), enfatizando de tal modo a personalidade privada (tal como Singer, 1984, a definiu) que não se refere à personalidade pública, tendo centrado o estudo do indivíduo no modo deste desenvolver todas as suas potencialidades. Considera como fundamental a experiência pessoal e como grande motivação do comportamento a actualização das potencialidades humanas, sendo todas as outras motivações uma manifestação desta tendência de modo a aumentar a sua possibilidade. Refere ainda a auto-diferenciação, que traduziria o movimento para o indivíduo se tornar mais confiante e auto-suficiente, existindo esta capacidade em todos os indivíduos. Neste movimento defende que o modo de viver plenamente consistiria em estar aberto a todas as experiências, não considerando nenhum pensamento ou emoção como estranhos e sabendo que para crescer e se sentir bem consigo mesmo é preciso correr riscos. Ou seja, realça a tendência para expressar e activar todas as capacidades do organismo, pois esta activação valoriza o self, sendo este composto por percepções das características do eu, dos outros e de vários aspectos da vida, mas sempre de acordo com determinados valores e estando em ligação com o auto-conceito e o eu-ideal. O eu aparece como o conceito central da sua teoria, sendo definido como uma estrutura composta de experiências que o indivíduo atribui ao seu corpo ou ao seu comportamento, funcionando como uma auto-imagem do indivíduo e regulando o seu comportamento de modo a este ser coerente com essa auto-imagem. Deste modo a consciência do indivíduo conteria tudo o que é preciso para compreender a sua personalidade, sendo esta mais importante enquanto factor de mudança do que enquanto conceito, não sendo definida de modo rigoroso.

Abraham Maslow

É também incluído nas teorias humanistas, (Arndt, 1974; Hall & Lindzey, 1978; Cartwright, 1979; Singer, 1984; Fadiman & Frager, 1986), tendo o seu trabalho sido baseado na teoria organismica de Goldstein. Defende que o modo como os indivíduos compensam as suas limitações tem a ver com a auto-actualização, manifestando-se esta em situações em que o indivíduo se concentra totalmente na sua própria experiência, reconhecendo os seus defeitos e qualidades e aprendendo a tirar partido deles. Este processo seria contínuo, pois cada escolha que o indivíduo faz resulta em dor ou permite crescimento, implicando o desenvolvimento do sentido do eu (ser capaz de dar opinião sem ser influenciado pelos outros), directividade, honestidade e responsabilidade, de modo a permitir ao indivíduo afirmar-se do modo como escolher e assumir essa escolha. Refere também conceitos como motivação e expressão, dizendo que as teorias psicodinâmicas e da aprendizagem só valorizam motivações primárias (ex: fome, sede, sexo), desprezando as motivações secundárias (ex: realização pessoal, apreciação da beleza, amor, etc), que considera fundamentais para a personalidade humana. Apresentou uma hierarquia das necessidades básicas, sob a forma de uma pirâmide em cuja base estariam as necessidades fisiológicas (fome, sono, etc), em seguida as necessidades de segurança (estabilidade, ordem, etc), depois as de amor e pertença (família, amizade, etc), depois as de estima (auto-respeito, aprovação, etc) e por fim a necessidade de auto-actualização (desenvolvimento de capacidades), considerando que só quando as necessidades inferiores são satisfeitas é que novas necessidades, situadas mais acima, emergem.

Durante os seus trabalhos interessou-se mais pelo estudo do crescimento e desenvolvimento pessoais (apresentando alternativas para as teorias psicodinâmicas e behavioristas), desprezando contudo a elaboração de um campo teórico estruturado, não apresentando por isso qualquer definição de personalidade e relacionando esta com o comportamento como um todo.

Rollo May

É também incluído nas teorias humanistas (Singer, 1984), defendendo que o indivíduo para ser livre deveria expressar a sua auto-consciência e ter consciência de todas as possibilidades que se lhe oferecem, tentando aproveitá-las mas de modo a poder relacionar-se com os outros e integrar-se num grupo. Salienta a culpa e ansiedade como resultantes do indivíduo não viver uma vida autêntica e não conseguir conciliar as suas acções com a responsabilidade, e enfatiza a personalidade privada (tal como Singer, 1984, a definiu), mas ligando-a com a personalidade pública, dizendo que se deve atender quer às necessidades e experiências pessoais, quer à integração do indivíduo num grupo.

Apresentadas as teorias baseadas na Gestalt, verificamos que todas enfatizam o indivíduo como um ser global, realçando as suas experiências e possibilidade de crescimento, não apresentando contudo definições completas e rigorosas da personalidade, por considerarem esta uma parte do todo que não deve ser dividido. Descrevemos seguidamente as teorias afectivo-cognitivas.

3.6. Teorias afectivo-cognitivas

Estas teorias aparecem na década de sessenta (Singer, 1984), tentando articular as diferentes teorias descritas anteriormente com o reconhecimento do papel das emoções, defendendo que na vivência e controle destas estão as cognições e baseando-se (ainda que não totalmente) na corrente teórica do cognitivismo. Resultam então de um novo olhar sobre o comportamento humano, vendo neste a luta do indivíduo contra as ambiguidades do mundo real, e interessando-se sobre o modo como os indivíduos organizam e processam informação, sobre as decisões que tomam e sobre as estratégias que usam, considerando que estes processos dependem de experiências anteriores, sendo estas afectadas pelos afectos e emoções, bem como pelos processos de socialização.

Vários autores podem ser incluídos, também por ordem cronológica, ainda que alguns devam ser considerados como precursores desta categoria de teorias. Referiremos

então William James, Lewin, Murray, Heider, Kelly, White, Schachtel, bem como Miller, Galanter e Pribram, e Tomkins.

William James

É considerado o precursor longínquo deste tipo de teorias (Fadiman & Frager, 1986), pois embora os seus estudos pertençam a domínios variados dentro da Psicologia (desde o funcionamento cerebral e percepção espacial ao êxtase religioso e abstracção da mente) deu importantes contribuições para o estudo das emoções e do papel destas na determinação da personalidade e do comportamento.

Considerava que a personalidade emerge da interacção entre facetas instintuais e habituais da consciência e os aspectos pessoais e volitivos, realçando a importância da consciência. Defende que esta seria como um processo de pensamento experienciado ou percebido pelo indivíduo, constantemente modificado pelas informações que estão a ser integradas (ex: refere mesmo que o indivíduo pode saborear o mesmo alimento duas vezes, mas a consciência de saborear é diferente pela interferência de experiências anteriores), e que apesar de descontinuo (ex: ao dormir o indivíduo não teria consciência de si) permite que o indivíduo não perca a sua identidade. Refere também a importância da atenção, dizendo que antes de uma experiência ser vivida o indivíduo tem de lhe dar atenção, sendo a experiência apenas aquilo a que o indivíduo presta atenção, e desenvolvendo-se a personalidade na proporção directa da quantidade e variedade de experiências vividas. O processo de pensamento seria afectado por aspectos como os hábitos (acções ou pensamentos que aparecem como respostas automáticas a uma dada experiência, diferindo dos instintos porque podem ser criados, modificados ou eliminados pela consciência, e diminuindo a atenção consciente com que as acções são realizadas), sentimento de racionalidade (o indivíduo aceita aquilo que consegue entender de forma emocionalmente satisfatória, tendo tranquilidade por não precisar de explicar, justificar e discutir o que aceita), desapego dos sentimentos (equilíbrio entre a indiferença aos sentimentos e a expressão deles) e excitação emocional (ao estar dominado pelos sentimentos, o indivíduo rompe com os seus hábitos e tenta novos

comportamentos). Refere que a maioria das teorias da personalidade baseia-se na consciência em estado de vigília, quando há diferentes situações (ex: utilização de drogas, meditação, hipnose) em a consciência pode ser alterada voluntária ou involuntariamente, sendo necessário verificar de que modo a personalidade é alterada, pois a personalidade e a identidade parecem funcionar mais como um campo constantemente flutuante e não como algo com limites estáveis e definidos.

No realçar do papel da consciência no comportamento do indivíduo enfatiza também as emoções, sobretudo na sua ligação com as mudanças fisiológicas a elas associadas, elaborando uma teoria mais biológica do que psicológica da emoção. Assim, defende que a emoção é baseada no reconhecimento de sentimentos físicos e não da situação desencadeadora, sendo os sentimentos classificados de acordo com sugestões externas, ideia posteriormente confirmada pela Psicofarmacologia ao demonstrar que é possível evocar estados emocionais particulares através da introdução no organismo de drogas específicas. Deste modo, a consciência desempenha um papel fundamental no experienciar de emoções, bem como a componente fisiológica destas, defendendo James que é a interpretação da situação que permite ao indivíduo identificar as emoções sentidas.

Kurt Lewin

É considerado o pioneiro dentro desta categoria de teorias (Arndt, 1974; Hall & Lindzey, 1978; Cartwright, 1979; Forgas & Shulman, 1979; Singer, 1984; Marx & Hillix, 1996) realçando o entrecruzar de forças no campo psicológico, visíveis num mapa ou fotografia mental da vida e objectivos do indivíduo, bem como nos passos que este dá para os atingir. Nestes, enfatiza o processo mental de avaliação baseado nos processos cognitivos e traduzido no modo de organizar a informação e de pensar, pois dois indivíduos podem ter o mesmo objectivo mas planos diferentes para o atingir. Refere também a noção de espaço de vida, que define como a totalidade de factores que determinam o comportamento, incluindo as características do indivíduo e o meio físico e psicológico, estando estes em interacção continua. Durante esta interacção poderiam

ocorrer conflitos, podendo estes ser de aproximação-aproximação (desejar realizar dois objectivos incompatíveis), aproximação-evitamento (um objectivo que é desejado e indesejado pelas suas características particulares, como por exemplo mudar de casa mas não desejar o esforço de empacotar a mobília) ou de evitamento-evitamento (as consequências previstas são ambas indesejáveis, o que faz o indivíduo frequentemente oscilar entre as alternativas ou abandonar a situação). Apesar do indivíduo apresentar características estáveis no seu comportamento, estaria continuamente a evoluir, pois a interacção permanente entre o indivíduo e o meio modificaria constantemente a realidade psicológica, levando o indivíduo a avaliar e eventualmente modificar o tal mapa mental. Através dos seus estudos deu mais contribuições para a Psicologia em geral do que para o estudo da personalidade em particular, realçando contudo o papel desempenhado por esta no estabelecer de níveis de aspiração e de motivações, fundamentais para o elaborar e atingir dos objectivos.

Henry Murray

Considerado também como um autor importante dentro desta categoria de teorias (Eysenck, 1953; Arndt, 1974; Hall & Lindzey, 1978; Cartwright, 1979; Forgas & Sherman, 1979), considera a personalidade como uma formulação abstracta que permite descrever o comportamento do indivíduo, funcionando como o agente organizador do que é individual e reflectindo quer os elementos estáveis e consistentes do comportamento, quer os elementos novos e únicos. Teria como funções integrar os conflitos e constrangimentos com que o indivíduo se confronta, bem como satisfazer as suas necessidades e elaborar planos para atingir objectivos futuros, estando intimamente ligada a processos fisiológicos, nomeadamente o funcionamento cerebral.

Deste modo apresenta a personalidade como uma organização complexa de necessidades, de padrões preferenciais para satisfazer essas necessidades e de avaliações subjectivas das situações em que as necessidades surgem e são satisfeitas. Define a necessidade como uma força que leva o indivíduo a fazer algo que permita transformar uma situação não satisfatória em satisfatória, estando activa ciclicamente após

determinada estimulação interior ou exterior ao indivíduo (aparece, é satisfeita, desaparece, aparece de novo, etc). Considera quatro grupos de necessidades, respectivamente a ascendência (concretiza-se na dominância, exibição, agressão ou autonomia, implicando a interacção entre o indivíduo e os outros), deferência (admiração por alguém considerado superior, podendo traduzir-se na submissão, obediência ou até humilhação), ordem (ligada à organização, planeamento e reflexão) e expressão sensorial (procura de sensações, incluindo necessidades muito diferentes), podendo diferentes necessidades ser associadas a uma única situação, sendo satisfeitas em simultâneo (ex: futebolista satisfaz a necessidade de dinheiro e de reconhecimento público) e sendo sempre acompanhadas por certas emoções e sentimentos.

A personalidade seria constituída pelas disposições temáticas, sendo estas definidas como a organização das necessidades à volta de situações de um determinado tipo (ex: necessidades de sucesso em situações de competição). Assim, a unidade temática resultaria pelo facto de cada indivíduo desenvolver ligações entre certas pressões e certas necessidades e quando um tema particular caracteriza o indivíduo durante um longo período de tempo é chamado disposição temática, sendo esta composta por necessidades interligadas, sejam em colaboração ou conflito. Através da apresentação de situações ambíguas (teste TAT) seria possível identificar as percepções temáticas do indivíduo, remetendo estas para as suas necessidades.

Fritz Heider

É também considerado um pioneiro nesta categoria de teorias (Singer, 1984; Caprara & Heck, 1992), pois partindo de muitos dos conceitos de Lewin, realçou as atribuições pessoais, visíveis através do modo como os indivíduos tentam organizar cognitivamente a informação em categorias mentais, bem como tirar significado delas, estando por vezes implícitas neste variáveis emocionais. Não se preocupou contudo em definir personalidade, associando esta às atribuições pessoais.

George Kelly

É também incluindo como um dos precursores das teorias afectivo-cognitivas (Arndt, 1974; Cartwright, 1979; Forgas & Shulman, 1979; Singer, 1984; M. Eysenck, 1994), concebendo o ser humano como um cientista que constantemente estrutura a informação e a experiência segundo sistemas de crenças e expectativas, sendo estas aproximações sucessivas e privadas do que acontece no seu mundo físico e social. Cada indivíduo construiria então uma hierarquia de conceitos, isto é, um conjunto de crenças sobre um tema central, podendo estas ser alteradas quando o indivíduo se confronta com o tema ou quando toma uma determinada decisão.

As emoções estariam presentes nesta organização de conceitos, manifestando-se durante o funcionamento desta, como por exemplo o indivíduo sentir angústia quando constata que o seu sistema de conceitos não é adequado à situação (o que lhe dificulta a tomada de decisão em vez de a facilitar) ou culpa quando o indivíduo viola esse sistema.

A personalidade resultaria da hierarquia de conceitos e dos sistemas que cada indivíduo constrói, estando intimamente articulada com as emoções e com as cognições.

Robert White

Também incluído nesta categoria de teorias (Singer, 1984), defende que as motivações humanas seriam baseadas na necessidade de satisfazer a curiosidade e aprendizagem sobre o meio, tendo o indivíduo capacidade para desenvolver competências físicas e cognitivas que lhe permitam atingir um completo crescimento. Os seus conceitos articulam-se intimamente com a capacidade de auto-actualização descrita por Goldstein, Rogers e Maslow, apesar de enfatizar o papel das cognições e das emoções durante o processo de aprendizagem. Não realça contudo a personalidade, associando esta às motivações básicas..

Ernst Schachtel

É também considerado um autor a incluir nas teorias afectivo-cognitivas (Singer, 1984), defendendo que os afectos e emoções seriam as principais motivações do

comportamento humano, sendo também importantes as sensações corporais. Define estas como próximas ou primitivas (quando implicam contacto com o corpo, como o gosto, olfacto ou tacto) e como afastadas ou secundárias (quando não implicam um contacto, como a visão ou audição), dizendo que o indivíduo organiza e categoriza não só pensamentos mas também sensações, sendo estas a principal fonte de informações, sobretudo do exterior.

A personalidade, resultaria do modo como o indivíduo categoriza a informação, sobretudo a referente às sensações, exemplificando que um indivíduo onde predominam as sensações primitivas tem mais dificuldade em as descrever, o que dificultaria a sua comunicação com os outros, podendo ser mais centrado em si.

George Miller, Eugene Galanter e Karl Pribram

São considerados como a tradução actual das teorias afectivo-cognitivas (Singer, 1984), apresentando uma teoria sobre os planos e estrutura do comportamento, na qual socorrendo-se de conceitos da cibernética e informática, defendem que perante cada situação o indivíduo faz uma comparação desta com o seu plano original para ver se ela se ajusta, e caso não ajuste vai efectuando modificações na situação e no plano até à total congruência entre os dois.

Consideram (Miller, Galanter & Pribram, 1960) que o homem não é um organismo espectador, mas um participante activo da vida, que todos os dias imagina como vai ser o seu dia, constrói planos sobre essa previsão, e estrutura o seu comportamento de modo a concretizar esses planos. Subjacente à elaboração destes planos está uma representação interna, isto é, um modelo ou esquema do universo, sob a forma de um mapa cognitivo, e que se refere a uma organização activa de respostas e experiências passadas que demonstraram ser bem adaptadas. Assim, sempre que é preciso regular o comportamento, o indivíduo apresenta uma resposta particular em função da situação, mas relaciona-a com outras respostas serialmente organizadas e que operam como um todo de forma eficaz. Se esta resposta particular tem sucesso, é então acrescentada à seriação existente.

Definem o plano como um processo hierárquico de instruções, existindo estas no organismo, e controlando a ordem segundo a qual uma sequência de operações vai ser efectuada, não sendo frequentemente estas operações visíveis pelos outros organismos. Para que o plano se desenvolva são necessárias estratégias e táticas (sendo as primeiras definidas como a unidade molar ou global do comportamento, enquanto as táticas são unidades moleculares ou específicas organizadas numa hierarquia e permitindo a concretização da estratégia), bem como imagens, sendo estas definidas como um conhecimento geral e organizado que o organismo tem sobre o mundo e sobre si próprio e que lhe permite imaginar, representar e ter expectativas. Defendem a existência de uma ligação forte entre plano e imagem, dizendo que um é simultaneamente parte do outro, pois para preparar o plano o organismo precisa de partir da imagem, e para trabalhar com esta ou para a transformar de expectativa em realidade precisa de fazer um plano. Assim, o plano é uma parte da imagem e esta pode fazer parte de um plano. Definem o *tote* (abreviatura, em inglês, da sequência teste, operacionalização, teste e saída ou exit), como a unidade básica de análise do comportamento (correspondendo por exemplo à noção de reflexo referida pelos behavioristas), incorporando este a noção de feedback e traduzindo as unidades estratégicas e táticas do comportamento. Exemplificando com o acto de pegar num objecto, é necessário primeiro abrir a mão (fase do teste/operacionalização, depois dá-se o feedback para saber que a mão está aberta e pode pegar no objecto), e só depois fecha-la com o objecto (fase do teste/saída, pegando no objecto), só sendo possível a segunda fase porque a primeira foi operacionalizada com êxito. Deste modo, o plano implicaria sempre uma ligação entre conhecimento, avaliação e acção, bem como valores e intenções da sua execução.

O plano pode também ser definido quanto à sua :

- fonte - pode ter origem no próprio indivíduo ou nos outros, em que o indivíduo executa os planos que ele próprio criou ou pode fazer parte dos planos de outros indivíduos

- desenvolvimento - alguns planos são a curto prazo, outros para longos anos.

- detalhe - alguns indivíduos planeiam todos os passos e só depois executam, quase testando imaginariamente o plano, outros fazem um esquema geral, e à medida que o executam, vão-no também avaliando e modificando o plano inicial.

- flexibilidade - o plano poder ser facilmente mudado ou não, verificando-se que quanto mais detalhado é o plano menos flexível pode ser.

- velocidade - o acto de planejar é uma capacidade que não tem a ver só com a inteligência, mas também com outras capacidades individuais, sendo a velocidade de planejar e de concretizar um plano dependente de inúmeros factores.

- coordenação - geralmente cada indivíduo tenta executar mais do que um plano simultaneamente, o que leva a que o comportamento seja multideterminado, embora por vezes nessa execução simultânea cada plano esteja em fases diferentes.

- recordação - alguns indivíduos escrevem as fases depois de planeadas, outros executam o plano a partir da memória.

- abertura - alguns indivíduos divulgam aos outros os seus planos, enquanto outros o ocultam, não querendo que se saiba quando um plano não é executado na sua totalidade ou com sucesso.

- paragem - um plano pode ser interrompido por insucesso nas fases anteriores, ou por a situação se modificar e o indivíduo considerar que já não é necessário executar esse plano.

Como cada indivíduo difere no modo de fazer e executar planos, os autores atribuem esta diferença à personalidade, e embora não a definam com pormenor, referem estilos de planejar, reflectindo a estrutura dos planos a personalidade do indivíduo. Assim, a personalidade, tal como a cultura, afecta os planos, pois o modo como o indivíduo/sociedade reage ao tempo afecta os planos, como por exemplo executar um plano em tempo viável ou interrompê-lo por falta de tempo.

Apesar desta teoria ter sido criticada como mecanicista e impossível de generalizar (Singer, 1984), contribuiu de modo importante para a compreensão entre intencionalidade (presente nos planos) e comportamento, realçando também a

importância de factores cognitivos e afectivos na realização dos planos de comportamento.

Silvan Tomkins

A sua teoria aparece com uma das mais importantes dentro das teorias afectivo-cognitivas, realçando o modo como a ligação entre cognições e emoções afectam a personalidade e determinam o comportamento (Singer, 1984; Pervin, 1990).

Define a motivação como o conjunto de características ou traços das respostas do organismo e do pensamento, que determinam a direcção e a intensidade do comportamento, podendo ser desencadeada por uma reacção corporal (ex: fome), experiências sociais, características do meio ou traços da personalidade. Verifica que as descobertas do papel das hormonas, bem como da localização de circuitos neuronais de prazer ou punição junto de circuitos de percepção e processamento da informação, alertam para o facto da motivação não implicar apenas a redução e satisfação dos impulsos, mas também outros aspectos como as emoções, que têm vindo a ser reconhecidas como algo que facilita ou dificulta a vida do indivíduo. Assim, o sistema cognitivo estaria continuamente a processar informação vinda do interior ou do exterior, trabalhando o seu conteúdo, mas sendo a sua direcção e qualidade dados pelas emoções, pois de todas as informações sensoriais recebidas, apenas algumas seriam escolhidas pelo seu carácter agradável ou desagradável.

Dado o ênfase que Tomkins coloca nas emoções dentro da personalidade, consideramos que seria melhor referi-lo nos capítulos seguintes, a propósito da articulação entre personalidade e emoções, e das teorias sobre a emoção.

Descritas as teorias afectivo-cognitivas, apresentamos seguidamente as teorias sistémicas.

3.7. Teorias sistémicas

Apesar de não serem baseadas numa corrente teórica dentro da Psicologia, integram-se no actual paradigma científico, designado por paradigma sistémico-comunicacional-informacional (Agra, 1986d), concebendo o indivíduo ou a personalidade como um sistema constituído por diferentes elementos em permanente interacção. Traduzem uma tendência recente dentro da Psicologia (Barton, 1994; Izard, 1995), tentando aplicar ao comportamento humano conceitos como dinâmica não linear, caos, auto-organização, etc, desenvolvidos no âmbito da Teoria Geral dos Sistemas de Bertalanfy (1973) e posteriormente trabalhados por autores como Morin (1977, 1980), Atlan (1979) e Prigogine e Stengers (1990). Foram considerados vários autores, como Tous, Ford, Oosterwegel e Oppenheimer, Powell e Royce, e Agra, apresentando-os por ordem cronológica.

Josep Tous

Considera (Tous, 1986) que as alterações de comportamento e as diferenças individuais observáveis em situações e condições específicas são produzidas pela presença de processos de personalidade. Define estes como um sistema funcional biológico, fisiológico e cognitivo, cuja organização é vertical, resultante da interacção indivíduo-meio, pois o comportamento individual é determinado pela história genética e pelo meio em que se desenvolveu o indivíduo e não apenas pelo indivíduo como agente iniciador e criador do seu comportamento. As variáveis do indivíduo seriam inferidas a partir do seu comportamento observável em cada situação, mas este conhecimento não seria importante se estas variáveis individuais não fossem consideradas como variáveis presentes previamente a outras situações e interagindo com as variáveis dessas novas situações. O indivíduo apresentaria então perante cada situação as suas experiências passadas, só sendo completo o conhecimento da situação quando é possível tomar em conta as variáveis da situação e as variáveis do indivíduo.

Considera que a personalidade deveria ser estudada não na perspectiva do indivíduo que enfrenta o meio ou do meio que configura o indivíduo, mas a partir da

interacção individuo-meio, vendo a relação entre os determinantes internos e externos do comportamento e explicando esta interacção como um sistema cujos elementos se relacionam de forma recíproca. Nesta interacção a personalidade constitui uma variável intermediária, sendo um ponto de união (entre o estímulo e a resposta observável) capaz de representar os estados do meio, de transformar internamente esta representação e de realizar processos de impressão e de expressão. As diferentes formas da personalidade resultariam das inúmeras possibilidades de combinação entre estados fisiológicos e estados cognitivos, bem como das diferentes combinações possíveis entre o indivíduo e a situação.

Donald Ford

Considera (Ford, 1987; Ford & Ford, 1987; Ford & Lerner, 1992) que o indivíduo, o comportamento e a personalidade, são geralmente estudados por investigadores centrados em diferentes níveis e conceitos, frequentemente convencidos que estão a estudar o todo quando apenas veem uma parte. Defende que é necessário pensar o indivíduo enquanto uma entidade unitária, o que é possível porque existem estruturas biológicas (tornam possível as capacidades e funções comportamentais, sendo o potencial fornecido pela estrutura, enquanto a interacção organismo-meio actualiza e manifesta esse potencial), organização estruturo-comportamental (produz um funcionamento unitário, pois apesar do funcionamento do indivíduo ser composto por diferentes tipos de comportamento, as respostas ocorrem em interrelação, sendo o indivíduo uma organização complexa de substâncias, acontecimentos e processos que ocorrem em simultâneo e em interligação, e cujo objectivo se estabelece em função da unidade estrutural e funcional), consistência e variabilidade no tempo (consistência nos hábitos, variabilidade no desenvolvimento e na plasticidade, mudando os indivíduos estrutural e funcionalmente, através do crescimento, maturação, aprendizagem e desenvolvimento), interacção entre indivíduo e meio (cada um afecta e é afectado pelo outro) e por fim, intencionalidade do comportamento (dirigido para objectivos presentes

ou futuros), sendo este multideterminado e podendo ser analisado segundo diferentes unidades e níveis.

Defende que a teoria geral dos sistemas elaborada por Bertalanffy pode ser aplicada à personalidade, sendo visível na noção de sistema aberto da personalidade (definida por Allport) ou na noção de unidade *tote* (definida por Miller, Galanter e Pribram), devendo o indivíduo ser visto como uma organização complexa em interacção com o meio, isto é, não como um mecanismo reactivo mas como um organismo activo que troca matéria, energia e informação com o meio, que tem partes e é um todo, que tem propriedades emergentes do todo, etc, em suma, como um sistema.

Ao aplicar a teoria dos sistemas ao indivíduo propõe todo um referencial teórico que permitiria estudar todos os aspectos do ser humano, não apenas facetas do seu comportamento ou personalidade, sendo composto por uma variedade de componentes conceptuais integrados, desde objectivos, emoções, pensamentos, acções, processos biológicos, etc, que funcionariam de modo autónomo mas também como parte de uma unidade mais vasta, o indivíduo. Considera que este referencial teórico não é uma teoria mas um modo de tentar compreender as pessoas em toda a sua complexidade, podendo integrar e conciliar diferentes teorias, pois representando a pessoa como um conjunto organizado de componentes, tenta ver como estes trabalham em conjunto e se desenvolvem enquanto unidade dinâmica estrutura-funcional. Assim, o indivíduo funcionaria como uma unidade coerente envolvida em transacções selectivas com o seu meio, havendo uma constante modificação do indivíduo e do meio. Para o indivíduo não ser prejudicado por esta constante variabilidade criaria estados estáveis, que não são mais do que a manutenção da consistência dos padrões de variabilidade ao longo do tempo e situações. Ou seja, o meio ou o indivíduo podem ser modificados mas mantêm-se uma coerência estrutura-funcional. No entanto, como o funcionamento dos estados estáveis requer uma organização coerente das variáveis intra-pessoais e das variáveis do meio, existiriam diferentes estados estáveis consoante as características do meio e os objectivos do indivíduo.

Vendo também o indivíduo como uma unidade consistente que funciona com um padrão organizado de relações entre partes, a personalidade pode ser vista como emergindo deste padrão, mas considerando sempre a interacção indivíduo/meio e tendo em conta a existência de diferentes elementos. Nestes, salienta as experiências anteriores, o modo de armazenar informação, a atenção, os processos emocionais e motivacionais, as intenções, as capacidades físicas e os sistemas corporais (ex: sistemas circulatório, respiratório, cardiovascular e nervoso), vendo estes últimos como fundamentais para manter a unidade em bom funcionamento, efectuar trocas com o exterior, conduzir informações, coordenar processos e transformar informações sensoriais em respostas motoras. Assim, em qualquer situação ou resolução de problemas o indivíduo tem de considerar diferentes hipóteses antes de tomar uma decisão, sendo esta afectada por diferentes elementos do indivíduo, como as emoções, motivações, aprendizagem, recordações, etc.

Enquanto sistema vivo todas as funções do indivíduo ocorreriam num padrão de comportamento atitudinal dirigido para um contexto, sendo impossível isolar um componente, como os pensamentos ou as emoções. Ao considerar a personalidade como emergindo do padrão consistente de sistemas, elementos, respostas ou comportamentos, propõe uma unidade de personalidade, que designa por *bes* (iniciais em inglês de esquema de episódio comportamental), funcionando esta como um traço de personalidade, pois o comportamento seria compreendido como uma organização temporal de episódios e acontecimentos comportamentais consistentes, organizados num padrão, e dependentes do que o indivíduo pretende fazer naquele momento e das características da situação. Então, a noção de episódio comportamental representa a unidade funcional natural do comportamento humano, captando a coerência de padrões comportamentais e atitudinais e fornecendo o material a partir do qual os repertórios comportamentais complexos são construídos. O episódio comportamental seria então um padrão de comportamento que se prolonga no tempo, tendo como características ser dirigido para provocar um determinado conjunto de consequências, ter um padrão variável de actividades organizadas de modo selectivo para produzirem essas

consequências e existir um conjunto de circunstâncias contextuais para as quais o comportamento é dirigido, terminando o episódio comportamental quando as consequências pretendidas ocorrem, quando outros acontecimentos internos ou externos exigem atenção activando outras intenções, ou quando a avaliação dos progressos constata que as consequências são inatingíveis. Existiria também um padrão de diferentes *bes*, também consistente, sendo a personalidade não um conjunto de traços mas um conjunto de *bes*, estando incluídos nestes aspectos afectivos e cognitivos, como por exemplo a evocação do significado emocional de respostas anteriores e avaliação da situação. A personalidade seria então a organização de *bes* estes enquanto unidade permitiria integrar diferentes tipos de consistência do indivíduo, como o atender aos objectivos do indivíduo, simpatia com os outros, lidar com problemas, etc. A análise de muitos conjuntos de *bes* de diferentes indivíduos permitiria encontrar padrões supraindividuais, bem como tipologias.

Como critica a este autor, a unidade *bes* parece ser uma velha ideia com uma nova designação, pois não é a personalidade vista como um sistema, mas antes a aplicação das características do sistema à personalidade.

Annerieke Oosterwegel e Louis Oppenheimer

Centram-se na noção do auto-sistema (Oosterwegel & Oppenheimer, 1993), vendo empiricamente o seu desenvolvimento na criança e no adolescente. Referem que nos últimos tempos tem-se avançado para uma visão do auto-conhecimento como um sistema multidimensional dinâmico no qual se incluem variáveis relacionadas com o auto-conceito e com a situação, integrando diferentes perspectivas e referindo a noção de self numa perspectiva multidimensional. Assim, relacionam auto-conceito e auto-sistema, dizendo que o primeiro pode ser descrito como um auto-sistema dinâmico e multidimensional que se refere ao produto das auto-concepções e ao processo activo de percepção e organização da informação sobre o self.

O desenvolvimento do auto-sistema implicaria variáveis do meio e do indivíduo, dependendo das características de cada um. No que se refere especificamente ao

indivíduo, seriam importantes aspectos como a sua personalidade, capacidade cognitiva para integrar as diferentes informações, articulação entre os seus diferentes auto-conceitos, etc. Deste modo, defendem que o indivíduo deve ser visto como uma pessoa activa com características estruturais como complexidade (o auto-sistema é um conjunto complexo de partes em interacção, como percepção de si próprio através de si e pelo olhar dos outros), clareza (grau com que as auto-descrições são explicitamente definidas e diferenciadas, estando associadas a emoções positivas pois dão confiança ao indivíduo e sensação de controlar o futuro), consistência interna (clareza entre auto-conceitos, como por exemplo entre o auto-conceito real e o ideal, ou entre o que é percebido por si e pelo olhar dos outros), distinção (reconhecimento que os outros veem o indivíduo como diferente deles, consciência de possuir uma personalidade única e diferente da dos outros) e validade (concordância entre auto-conceitos e entre o percebido por si e pelos outros, o que dá um sentido de unidade e permite prever o comportamento). O auto-sistema teria também um processo de organização que se traduz na flexibilidade (permite a reorganização dos elementos ligados ao auto-conceito, integrando novas experiências e gerindo a inconsistência de modo a manter a estrutura e poder crescer) e na estabilidade/continuidade (permite a consistência em diferentes situações, mantendo o auto-conceito), resultando a dinâmica do auto-sistema da interacção entre influências ambientais e motivações individuais, e tendo este uma organização temporária e desenvolvendo-se no tempo.

A personalidade é então desprezada em detrimento da noção de auto-sistema, parecendo esta depender intimamente da noção de auto-conceito. As emoções são também referidas, mas a propósito do auto-conceito, referindo os autores que experiências feitas revelaram que as discrepâncias entre o auto-conceito real e o auto-conceito ideal provocam emoções negativas, sendo estas mais fortes quanto mais forte for a discrepância, enquanto as discrepâncias entre os diferentes auto-conceitos interiores (ex: enquanto aluno ou enquanto filho) estão relacionadas com emoções positivas, pois resultariam de um auto-conceito total inconsistente e fariam o indivíduo crescer. Relacionam também emoções e personalidade, pois referem que as discrepâncias são

mediadas pela personalidade do indivíduo, pois um pessimista veria mais discrepâncias do que um optimista, sentindo também mais emoções negativas.

Como critica, a teoria apresentada por estes autores, apesar de enquadrada nas teorias sistémicas parece ser também mais uma aplicação de conteúdos sistémicos a antigos conceitos e não a sua leitura inovadora da personalidade.

Arnold Powell e Joseph Royce

Optámos por não apresentar estes autores por ordem cronológica (situando-se no início desta categoria de teorias, por considerarmos que são os primeiros a apresentar, e de modo bastante detalhado, uma teoria da personalidade enquanto sistema multifactorial, referindo a sua estrutura, dinâmica e desenvolvimento numa perspectiva do processamento da informação (Royce & Powell, 1985). Assim, defendem um modelo factorial no estudo das diferenças individuais (Royce, 1988), justificando que estas têm sido consideradas como ruído ou variáveis parasitas nas investigações do comportamento humano, quando na realidade constituem uma rica fonte de informações sobre os acontecimentos psicológicos.

Tentando organizar e integrar os conhecimentos produzidos no âmbito das diferenças individuais, começam então por se centrar nos aspectos estruturais (Powell & Royce, 1981a), explicando que a sua concepção de personalidade enquanto sistema multifactorial pretende englobar a estrutura, a dinâmica e o desenvolvimento das diferenças individuais numa personalidade integrada, definindo esta como uma organização hierárquica complexa composta por seis sub-sistemas em interação e que seriam do inferior para o superior o sub-sistema sensorial, motor, cognitivo, afectivo, de estilo e de valor.

A personalidade é então a unidade psicológica total, o que traduzido do ponto de vista sistémico e informacional a torna num sistema geral constituído por uma organização não aleatória de sub-sistemas, capaz de traduzir, transformar e integrar informação. Cada um dos sub-sistemas pode também ser definido como uma estrutura hierárquica composta por múltiplos níveis, capaz de processar informação e de

funcionar de forma independente dos restantes sub-sistemas, mas também capaz de interagir com estes. Nesta organização de sub-sistemas alguns têm funções de coordenação e outros de obediência, sendo capazes de gerir a incerteza e de lidar com a complexidade, funcionando de modo coordenado tendo em vista o atingir de um objectivo comum. Além disso, pela complexidade de cada sub-sistema, cada um pode ser também visto como um sistema em si, sendo a personalidade considerada como o supra-sistema ou sistema total.

Considerando então cada um dos seis sub-sistemas referidos como um sistema, verificamos que os sistemas sensorial e motor constituem unidades periféricas de processamento da informação, funcionando como decodificadores e tradutores de entrada e saída, constituindo processos de estratificação. Os sistemas cognitivo e afectivo são conceptualizados como unidades centrais de processamento e transformação da informação, sendo capazes de lidar com diferentes situações e de aprender. Por fim, os sistemas de estilo e de valor, funcionam como integradores de todas as informações, dando significado à integração da personalidade. Articulando os diferentes sistemas na personalidade, esta está situada num nível superior, funcionando como um supra-sistema, tendo um significado pessoal e integrando três factores : a visão do mundo, as imagens do eu e os estilos de vida. Em seguida, num nível inferior, encontramos o sistema de estilo (incluindo este os aspectos empíricos, racionais e metafóricos) e o sistema de valor (incluindo este os aspectos intrínsecos, o eu e os aspectos sociais), estando ambos em interacção e tendo ambos relações com o supra-sistema da personalidade. Num outro nível inferior a este temos o sistema cognitivo (inclui a atribuição de significado à percepção, a conceptualização e a simbolização) e o sistema afectivo (inclui a estabilidade emocional, a independência emocional e a introversão/extroversão), ambos em interacção entre si e ligados também quer ao sistema de estilo, quer ao sistema de valor. Por fim, no nível mais baixo, encontramos o sistema sensorial (incluindo este a espacialidade e temporalidade, e recebendo a informação do meio) e o sistema motor (incluindo também a espacialidade e a temporalidade, mas enviando informação para o meio), interagindo entre si através da integração sócio-motora e estando ambos ligados

ao sistema cognitivo e ao sistema afectivo. Considerando o supra-sistema, verificamos que os sistemas situados no ponto mais elevado da hierarquia têm funções de controle e integração, caracterizando a estrutura e definindo como a informação recebida vai ser transformada, enquanto os sistemas hierarquicamente inferiores têm como funções delimitar as fronteiras da estrutura e receber a informação.

Tendo em conta que cada um dos seis sistemas têm diferentes níveis, é possível identificar com mais detalhe a estrutura de cada um. Assim, o sistema sensorial traduz a informação física em psicológica, tendo num nível inferior (ou se quisermos, como sub-sistemas) a espacialidade e a temporalidade. Num nível ainda mais baixo (ou ainda como sub-sub-sistema) a espacialidade engloba a visão (que por sua vez inclui a perspicácia, o brilho e a cor), a química (inclui a saturação e a qualidade do sabor) e a somestesia/quinestesia (inclui a quinestesia e o vestibular). Por sua vez a temporalidade engloba a química e a somestesia/quinestesia e ainda a audição (que inclui a duração, o ritmo, a perspicácia e a tonalidade). Ao nível mais elementar é possível ver que há elementos que pertencem simultaneamente a dois níveis mais elevados, como é o caso da química que pertence à espacialidade e à temporalidade.

O sistema motor traduz a informação psicológica em energia física, tendo num nível inferior a espacialidade e a temporalidade. Num nível mais baixo a espacialidade engloba a reactividade motora (que por sua vez inclui a tensão muscular, a execução, a descarga muscular e o nível de actividade), a mobilidade (pode ser vertical, horizontal ou geral, incluindo esta última num nível inferior a coordenação global e a coordenação específica), a coordenação corporal (inclui a reacção, os gestos e a postura, em que esta última se subdivide no equilíbrio corporal e na coordenação global) e a precisão (inclui o equilíbrio, a impulsão, a flexibilidade, a destreza e a articulação. Por sua vez o equilíbrio inclui a estabilidade corporal e o equilíbrio corporal, enquanto a impulsão inclui os reflexos e a flexibilidade dinâmica. A flexibilidade inclui a flexibilidade dinâmica e a flexibilidade extensa, e por fim a destreza pode ser manual, dos dedos ou de controle de precisão). A temporalidade inclui num nível inferior a coordenação corporal, a precisão, a vocalização (por sua vez inclui a articulação, a fonação e a respiração) e o dinamismo

(que inclui a velocidade, duração e força, incluindo as três aspectos como poder, força dinâmica, força de manutenção, alongamento, etc, também dependentes de um ou de vários componentes do nível que lhes é superior). Neste sistema encontramos de novo elementos que num nível mais baixo são comuns a outros do nível superior.

No que se refere ao sistema cognitivo, este tem como função transformar a informação no sentido de detectar invariantes ambientais, incluindo num nível inferior a atribuição de significado à percepção, a conceptualização e a simbolização. Vendo em pormenor cada uma destas, a atribuição de significado à percepção apresenta num nível inferior o sentido espacio-visual (inclui a visualização, orientação espacial, relações espaciais, amplitude espacial, etc) e a memorização (que inclui a memória de desenhos ou padrões e a memória associativa). Por sua vez a conceptualização pode ser verbal (inclui os números, o raciocínio silogístico e a compreensão verbal) ou de raciocínio (que inclui a flexibilidade espontânea, a dedução e a indução). Por fim, a simbolização inclui num nível inferior a fluência (engloba a redefinição semântica, a sensibilidade aos problemas e a fluência de associações, de expressões, de ideias e de palavras) e a imaginatividade (inclui apenas a originalidade). Este sistema apresenta uma hierarquia clara e distinta, não se encontrando elementos pertencentes a diferentes sub-sistemas num nível superior.

O sistema afectivo transforma a informação em estados de activação, incluindo num nível inferior a estabilidade emocional, a independência emocional e a introversão/extroversão. Vendo cada um destas, a estabilidade emocional inclui a mobilização da energia (engloba o evitamento, fuga e territorialidade), a ansiedade (inclui o balanço autónomo, o medo, a culpa, a confiança e a tensão energética) e a excitabilidade (inclui a força do ego e a confiança). Por sua vez a independência emocional inclui a autonomia (engloba a confiança, cooperação e realismo) e a coerção (inclui o realismo, a ternura e a expressividade afectiva), enquanto a introversão/extroversão inclui a inibição social (engloba a expressividade afectiva, a dominância, a auto-suficiência e a tendência gregária) e a inibição geral (inclui a

condicionabilidade e auto-avaliação), encontrando-se de novo elementos que num nível mais baixo são comuns a outros do nível superior.

Relativamente ao sistema de estilo e ao sistema de valor, estes têm como função ligar e dar sentido aos sistemas cognitivo e afectivo, construindo a individualidade do sujeito. Deste modo o sistema de estilo integra e modula a informação coordenando cognições e afectos através da selecção de modos particulares de processamento, podendo ser um estilo cognitivo (quando atende primeiro a aspectos cognitivos) ou um estilo afectivo (quando atende a aspectos afectivos).

Assim, no estilo cognitivo temos num nível inferior o estilo racional (que por sua vez inclui a complexidade cognitiva, as categorias, a diferenciação conceptual, as relações analíticas e a abstracção/concretização), o estilo empírico (inclui as relações analíticas, a abstracção/concretização, o ênfase e a compartimentalização) e o estilo metafórico (inclui a compartimentalização e a integração conceptual). O estilo afectivo apresenta-se estruturado de modo mais simples, incluindo o estilo racional (engloba apenas a flexibilidade/rigidez), o estilo empírico (engloba a tolerância ao não convencional e a reflexão/impulsividade) e o estilo metafórico (inclui apenas a fisionomia/literalidade). No sistema de estilo encontramos de novo elementos que num nível mais baixo são comuns a outros do nível superior, ocorrendo esta situação apenas no estilo cognitivo mas não no estilo afectivo.

Por fim, o sistema de valor integra e modula informação coordenando as cognições e afectos de modo ao sistema total atingir determinados objectivos, satisfazer certas necessidades e seleccionar conteúdos informacionais específicos, podendo também ser de dois tipos consoante privilegia aspectos cognitivos ou afectivos. Assim, quando privilegia aspectos cognitivos apresenta num nível inferior a orientação intrínseca, a auto-orientação e a orientação social. Analisando com mais detalhe a orientação intrínseca, esta engloba a intelectualidade (inclui com os níveis científico, analítico e médico) e a estética (inclui os níveis artístico, literário, musical e linguístico), enquanto a auto-orientação inclui o maquiavelismo (engloba níveis como o linguístico, persuasivo, legal e contacto negocial) e o utilitarismo (inclui o contacto negocial, o nível

computacional, o detalhe negocial, etc). Por fim, a orientação social inclui o humanitarismo (engloba o serviço social e o bem estar social) e o nível transcendental (inclui o bem-estar social e a preocupação religiosa). Quando o sistema de valor privilegia aspectos afectivos apresenta também num nível inferior os mesmos tipos de orientação, mas incluindo estas elementos diferentes. Assim, a orientação intrínseca engloba a organização (inclui a impulsividade, a ordem e a estrutura cognitiva) e a aceitação (inclui a realização, a compreensão, a dominância, etc), enquanto a auto-orientação inclui a ascendência (engloba a dominância e a exibição) e a defesa (inclui a agressão, defesa, humildade, pertença e alimentação). Por fim, a orientação social inclui o contacto social (engloba a alimentação, o jogo e o sexo) e a sensibilidade social (inclui a mudança, autonomia, evitamento da dor, securização e reconhecimento social). Tal como nos sistemas anteriores, no sistema de valor encontramos de novo elementos que num nível mais baixo são comuns a outros do nível superior.

Como conclusão dos aspectos estruturais é possível ver que cada sistema apresenta uma organização hierárquica de componentes em interacção, podendo mesmo alguns elementos pertencer a diferentes sub-sistemas.

No que diz respeito à dinâmica do supra-sistema da personalidade (Royce & Powell, 1981), o seu funcionamento integrado depende das interacções entre os sistemas, dos aspectos utilizados na tomada de decisão (esta pode ser baseada em aspectos cognitivos ou afectivos) e da interacção com o meio, podendo funcionar de modo assimilativo (corresponde a períodos de estabilidade) ou de modo acomodativo (corresponde a períodos de modificação), resultando a integração final do equilíbrio entre estes dois modos de funcionamento.

Tal como nos organismos biológicos, o funcionamento da individualidade da personalidade depende da estrutura do sistema, sendo necessário conhecer não só a dinâmica das interacções mas também a sua sequência temporal. Para explicar as interacções entre os vários sistemas da personalidade referem o holon, unidade funcional que é simultaneamente uma parte e um todo, como é o caso de qualquer um dos seis

sistemas da personalidade já descritos, que funcionam como sistema ou como subsistema da personalidade.

A interacção entre os seis sistemas da personalidade permite encontrar quinze situações diferentes se considerarmos pares de sistemas. Assim, vendo a interacção do sistema sensorial com os restantes, vemos que a sua relação com o sistema motor resulta na coordenação sensório-motora, com o sistema cognitivo permite atribuir significado à informação percebida, com o sistema afectivo desencadeia os sentimentos, com o sistema de estilo cria o estilo sensorial e com o sistema de valor resulta na informação com conotação valorativa. A interacção do sistema motor com os restantes, começando com o sistema cognitivo resulta na coordenação ideomotora, com o sistema afectivo provoca o movimento com conotação afectiva, com o sistema de estilo cria o estilo motor, e com o sistema de valor provoca o movimento com conotação valorativa. A interacção do sistema cognitivo com o sistema afectivo permite a fusão cognitivo-afectiva (ex: emoção), com o sistema de estilo gera o estilo cognitivo (ex: visão do mundo) e com o sistema de valor cria os valores cognitivos (ex: ideologia e sistema de crenças). Por sua vez, a interacção do sistema afectivo com o sistema de estilo permite o estilo afectivo, enquanto com o sistema de valor permite os valores afectivos (ex: estilo de vida). Por fim, a interacção entre o sistema de estilo e o sistema de valor permite o auto-conceito. É então possível ver que desta interacção entre sistemas emergem construções psicológicas, como o auto-conceito, o estilo de vida, a visão do mundo, etc, que desempenham um papel fundamental na compreensão da personalidade como unidade de integração.

Efectuando uma análise das quinze situações ou pares de interacção, é possível ver que nem todas conduzem a uma verdadeira integração, sendo possível distinguir três níveis de interacção : justaposição, dominância e fusão. Assim, a justaposição é mais frequente na interacção que envolve os sistemas afectivo e de valor, como a informação com conotação valorativa (interacção entre os sistemas de valor e sensorial), o movimento com conotação valorativa (interacção entre os sistemas de valor e motor) ou o movimento com conotação afectiva (interacção entre os sistemas afectivo e motor),

sendo a interacção no sentido da colagem ou junção de sistemas e não uma verdadeira integração. Por sua vez a dominância é frequente nas interacções que envolvem o sistema de estilo, como o estilo sensorial ou o estilo motor, em que o sistema de estilo domina os outros não possibilitando a integração e impondo o seu poder. Por fim, a fusão aparece nos casos de coordenação, como a sensoriomotora e ideomotora ou no significado da informação percebida, nas emoções, na ideologia, no autoconceito, nos estilos cognitivo e afectivo, no estilo de vida, na visão do mundo, ocorrendo uma integração entre sistemas e emergindo desta uma outra entidade e evoluindo o processamento da informação, de operações efectuadas pelos elementos dos sub-sistemas para operações que implicam todo o sistema.

Os processos de interacção não funcionam ao acaso mas de acordo com determinados objectivos, podendo estes ser decompostos em níveis hierárquicos, como os planos, estes em estratégias, estas em tácticas, etc. No sistema de personalidade o principal objectivo consiste em otimizar o significado pessoal, o que implica um estilo de vida satisfatório, uma visão do mundo adequada e um auto-conceito aceitável, implicando estas interacção entre diferentes sistemas. Assim, quando o estilo de vida apresenta estratégias para tomada de decisão, tem de o fazer de acordo com o auto-conceito e com o significado pessoal da personalidade.

A orientação para objectivos pressupõe sempre uma interacção sujeito-meio, ou seja, existe um permanente ajustamento normativo entre as vontades do supra-sistema da personalidade e as características e normas do meio. No caso de predominar a concordância, o supra-sistema é projectado para o exterior, aceitando a sua auto-imagem e funcionando em assimilação, desencadeando-se um período de estabilidade. No caso de predominar a discordância, o meio é projectado para o supra-sistema, este auto-rejeita-se e funcionando em acomodação desencadeia períodos de mudança até atingir um novo equilíbrio. Deste modo os processos de acomodação revelam-se fundamentais para o crescimento e desenvolvimento do sistema, ajudando-o a integrar as discrepâncias e a atingir uma nova estabilidade.

Esta interacção sujeito-meio é comparada pelos autores à unidade tote definida por Miller, Galanter e Pribram (1960), exigindo permanentes reavaliações da situação e reajustamentos do sujeito, podendo as actividades de decisão e de coordenação do supra-sistema ser caracterizadas através das operações interrogar, alterar e apagar. Assim, interrogar implica reavaliar a situação e os objectivos do sistema, alterar implica modificar os objectivos e apagar implica ignorar características da situação. Por exemplo, se com a idade o corpo do sujeito sofre modificações, isso implica reavaliar o seu estilo de vida e modificar a sua auto-imagem, enquanto ignorar estas modificações implica corrigi-las com uma cirurgia, mantendo o estilo de vida e a auto-imagem.

Por fim, no que se refere à ontogénese e desenvolvimento dos seis sistemas da personalidade (Powell & Royce, 1981b), é possível ver como a hereditariedade e o meio desempenham papéis diferentes. Assim, pressupõe-se que os sistemas sensorial e o motor são sobretudo hereditários (considerando contudo a influência genética como resultado do efeito de múltiplos genes), pois desempenhando um papel vital para a sobrevivência do indivíduo e da espécie não podem depender da capacidade de aprendizagem do indivíduo, resistindo a múltiplas influências do meio. No que se refere aos sistemas afectivo e cognitivo, como têm como função transformar informação recebida pelo sistema sensorial em cognições ou afectos, interpretando o meio e dando significado a estas informações, têm de ser flexíveis e adaptáveis, sofrendo influências genéticas e ambientais. Pressupõe-se então que o sistema afectivo funciona em cerca de 80% das suas capacidades determinado geneticamente, enquanto o sistema cognitivo funcionaria apenas em 30% da suas capacidades, tendo então maior capacidade de ajustamento. Por fim, os sistemas de estilo e valor seriam dominados pelo meio, pois a sobrevivência em grupo depende da adaptação a uma cultura e às suas normas, desempenhando a aprendizagem um papel fundamental. Esta é definida não como modificação do comportamento, mas como uma alteração na estrutura psicológica provocada pela experiência, já que o sistema após uma modificação nunca volta a funcionar de modo semelhante ao anterior, nunca existindo dois períodos iguais de estabilidade.

Como conclusão, pode-se dizer que os autores apresentam uma visão da personalidade enquanto sistema complexo, capaz de se auto-organizar e de interagir com o meio, funcionando de um modo complexo e fazendo emergir das suas interações internas e com o exterior novas entidades, como o estilo de vida e a visão do mundo.

Cândido Agra

Baseando-se também na teoria dos sistemas e partindo do modelo da Epistemopsicologia (Agra, 1986c) e da Psicologia Transdisciplinar do comportamento desviante e auto-organizado (Agra, 1986d) apresenta a teoria do sujeito autopoietico (Agra, 1990a), na qual considera que o sujeito psicológico é constituído por três sistemas : sistema da personalidade (que seria a forma ou estrutura, constituindo o dispositivo central do sistema psíquico), sistema etoético (que seria a acção ou a dinâmica) e sistema de significação (que daria sentido à integração da personalidade e à acção), interagindo todos de forma organizada e hierarquicamente estratificada e tendo como principal função a autopoiese.

No que se refere à personalidade, esta é considerada (Agra, 1983, 1985, 1986a e 1990a) como um sistema complexo e auto-organizador constituído por sete sub-sistemas ou estratos, organizados segundo uma estrutura de ordem hierárquica no interior da qual alguns estratos se desenvolvem a partir dos outros por sucessão e estratificação, prestando serviços uns aos outros e apresentando do inferior para o superior um ganho progressivo de autonomia e uma gradual perda de dependência. Os estratos são o neuropsicológico, psicossensorial, expressivo, afectivo, cognitivo, experiencial e político, interagindo entre si através de múltiplas e complexas conexões que permitiriam dar integração à personalidade. Assim, o estrato político não dependendo dos restantes tem como função regê-los, estabelecendo ligações que permite o funcionamento e o desenvolvimento do sistema. Desempenhando um papel fundamental nos momentos de crise, permite também que nele se estruture o interestrato psico-social, que tem por função articular a organização da personalidade com o seu meio externo. O estrato experiencial tem também um papel importante, pois estabelece conexões entre a

experiência do poder, o saber, o saber fazer e as formas de subjectivação em relação aos objectos de poder e saber. Também o estrato cognitivo (por vezes também designado por epistémico) aparece como fundamental, pois estabelecendo conexões entre os elementos perceptivos, empíricos e formais, possibilita a redução fenomenológica. Tal como nos sistemas complexos e de acordo com a teoria dos sistemas, no sistema da personalidade seria possível identificar a sua estrutura, o funcionamento e o desenvolvimento.

Esta concepção de personalidade foi construída tendo por base a análise da toxicodependência e a adolescência (Agra, 1982a, 1986a), podendo a adolescência ser considerada como uma crise na qual existe uma ausência ou má interconexão entre os estratos, gerando-se ruído e perturbação. Estes resultariam especificamente do facto da informação processada pelo sistema não ter o mesmo significado nos diferentes estratos, sendo difícil codificar e decodificar o seu significado de um estrato para outro. Por exemplo, a informação neuropsicológica seria ruído para o estrato afectivo e a deste para o estrato político, que tem de criar um significado total para o sistema através do estabelecimento de ligações entre os estratos. Ora em situações de crise, como o período da adolescência, o estrato político é obrigado a tomar decisões diante de múltiplas possibilidades, agravando por vezes a crise pelos erros cometidos pelo próprio sistema na resolução desta. Deste modo, os comportamentos desviantes na adolescência podem ser vistos como formas experienciais de auto-organização que o sistema decide utilizar para dar significado. A toxicodependência constitui também um exemplo desta concepção de personalidade, pois a droga pode ser vista como o grande codificador/decodificador do sistema, dando-lhe um sentido até aí inexistente ou rejeitado (Agra, 1982a, 1982b, 1986a), sendo também possível ver como o sistema da personalidade funciona numa hierarquia invertida, já que o estrato neuropsicológico determina todos os outros, incluindo o estrato político (Agra, 1991a, 1993).

Relativamente ao sistema etoético (Agra, 1990a), este seria de natureza material, constituindo um sistema autónomo mas paralelo ao sistema de personalidade, sendo constituído por cinco estratos, designados por actos, que são do inferior até ao superior :

acto psicobiológico (acto com ligação directa ao sistema nervoso), acto simbólico-expressivo (simbolização da experiência obtida na interacção entre o sistema e o mundo, e expressão desta simbolização), acto afectivo (interacção e ligação relacional entre o sistema e o outro), acto cognitivo (acto de raciocínio) e acto crítico (distanciamento e descentração da experiência vivida no exercício dos diferentes actos). Tal como no sistema da personalidade, existe estrutura, funcionamento e desenvolvimento, e apesar destes actos terem uma certa autonomia, prestam entre si relações de serviço em níveis estratificados e hierarquizados, emergindo destas a ética (como efeito da integração complexa da multiplicidade de actos diferenciados e autónomos) e o psíquico (criam-se condições de distanciamento dos níveis de integração biológica e social cujas fronteiras delimitam o sistema psíquico). Deste modo, a hierarquia dos actos no sistema etoético traduz o progressivo distanciamento do sujeito sobre o seu acto, culminando na projecção activa deste sobre o mundo e preenchendo o vazio entre o corpo biológico e o corpo social com o seu espaço psíquico. Não sendo o sistema etoético determinado biológica nem socialmente, o seu interior apresenta uma estrutura auto-organizadora capaz de criar ordem a partir da desordem, ou seja, sendo um sistema autopoietico no qual cada acto segue a sequência : acto substancia etológica, acto afecto, acto expressão, acto saber, acto poder e acto projecto, sequência esta que constitui a genealogia subjectiva e psicológica da moral.

Por sua vez esta genealogia pode ser também considerada à luz de quatro níveis ou estádios (Agra, 1990a) que são : estágio etológico (mais simples, traduz-se nos costumes e hábitos, sendo o acto substância ou fazer), estágio etológico-ético (implica que o sujeito se volte para si próprio para conhecer as circunstâncias e regras do acto, adquirindo saber sobre o seu fazer), estágio ético-etológico (através do saber fazer sobre si mesmo, emerge o poder) e estágio ético (o acto torna-se objecto de uma política geral do fazer e do agir, havendo liberdade e inscrevendo-se o acto num projecto). Embora não se podendo falar de uma lógica de continuidade entre o estágio etológico e o estágio ético, os actos podem ser considerados como evoluindo do simples para o complexo, do particular para o universal, do concreto para o abstracto, enquadrando-se esta evolução

numa lógica de diferenciação e integração ao longo de toda uma linha de transformação. Deste modo, o avançar nesta linha permite atingir um sistema de estados cujas propriedades resultam do modo de organização dos elementos que o constituem, transformando-se os níveis ou estado do sistema etoético em estruturas organizacionais com uma complexificação universal, existindo no sistema etoético, tal como na personalidade, uma estrutura organizacional, uma estrutura funcional e uma estrutura desenvolvimental.

Por fim, relativamente ao sistema de significação, este resulta de uma interacção produtiva entre o sistema de personalidade e o sistema etoético (Agra, 1990a). Assim, o sistema da personalidade enquanto forma ou estrutura constitui a matriz de produção do sistema etoético (ou de acção ou dinâmica), definindo as condições de possibilidade deste. Por sua vez, o sistema etoético constitui o processo de materialização do sistema de personalidade, definindo as condições da sua operacionalidade. Então, da relação circular e de complementaridade entre personalidade e acção emerge a significação, podendo esta ser considerada também como um sistema constituído por vários níveis ou planos de significação : plano ontológico (resulta das relações entre o estágio etológico e os níveis neuropsicológico e psicossensorial, sendo o mundo interpretado através dos seus factos, isto é, através daquilo que é), plano deontológico (resulta das relações entre o estágio etológico-ético e os níveis expressivo e afectivo, percebendo o sujeito, através da simbolização e expressão, que os actos têm efeito no mundo e que este tem efeito nos seus actos), plano lógico (resulta das relações entre o estágio ético-etológico e os níveis cognitivo e experiencial, sendo os actos do sujeito uma procura de coerência lógica consigo e com o mundo, procurando o sujeito estar bem consigo mesmo) e plano teleológico (resulta das relações entre o estágio ético e o níveis experiencial e político, verificando o sujeito que o seu acto pode mudar as circunstâncias e que enquanto sujeito é simultaneamente determinado e indeterminado, produto e produtor, assumindo-se como sujeito autopoietico).

Deste modo, através dos sistemas de personalidade, acção e significação, o sujeito psicológico pode ser considerado do ponto de vista estrutural, funcional e

temporal como estando organizado num continuo que varia entre a heteronomia e a autonomia, entre o concreto e o abstracto, entre o singular e o universal, e entre o simples e o complexo. Assim, ao dar um significado psicológico ao seu substrato biológico e ao seu superestrato sociocultural, o sujeito dá destino ao seu destino e a partir do exercício do poder e do saber sobre si obedece aos contornos do novo paradigma (Agra, 1989) e torna-se autopoiético, ou seja construtor de si mesmo.

Aplicando esta teoria à transgressão (Agra, 1990a), esta pode ser considerada não como o efeito de uma causa biológica, psicológica ou social, mas como algo complexo cujo sentido e racionalidade podem ser descritos em quatro níveis ou posições transgressivas : posição substantiva (própria do plano de significação ontológico, a transgressão é um fatalismo etológico do ser, que actua em função de forças biológicas ou sociais que o ultrapassam e determinam), posição solidária (própria do plano de significação deontológico, a transgressão resulta da identificação do sujeito com um grupo, que apresenta o acto de transgredir nas suas normas; deste modo a transgressão é considerada pelo sujeito como um acto normal igual ao dos outros elementos do grupo), posição solitária (própria do plano de significação lógico, a transgressão é um esforço para o sujeito se manter coerente consigo próprio, traduzindo a sua capacidade de autodeterminação) e posição projectiva (própria do plano teleológico, é a posição mais significativa e complexa, dando forma ao conteúdo biopsicossocial, pois o acto pode mudar as circunstâncias, constituindo uma lógica de projecção universalizante de sujeito e do seu mundo sobre uma nova forma de experiência existencial).

Considerando o sujeito como um actor social estruturado, isto é, como um sistema auto-organizador e autopoiético constituído por um sub-sistema forma (personalidade), por um sub-sistema conteúdo (sistema etoético) e por um sub-sistema significado (sistema de significação), a transgressão pode ser considerada como tendo uma natureza semelhante á do actor. Assim, tendo a mesma lógica, pode ser interpretada como uma manifestação periférica e uma emergência dos modos de significação organizacional constituídos pelo sujeito enquanto autopoiético, na sua tarefa de dar um destino ao seu destino, não sendo um mero acto com uma explicação causal. Tomando

como referência esta nova visão do sujeito e do seu comportamento, Agra propõe que o estudo do fenómeno droga e do fenómeno crime seja efectuado numa outra perspectiva, em que o consumo de substâncias (Agra, 1990b, 1991a, 1991b, 1993, 1995a, 1995b) e a transgressão (Agra, 1990a, Manita Santos, 1996) sejam interpretados como um esforço de autocriação ética com um significado existencial e social.

Como conclusão podemos dizer que baseando-se na linha dos autores anteriores, Agra propõe uma nova e mais complexa visão do sujeito como sistema, inserindo-se no actual paradigma científico e concebendo a aplicação da sua teoria a comportamentos desviantes como a droga e o crime.

Terminada a apresentação das diferentes teorias da personalidade, apresentamos seguidamente algumas conclusões extraídas.

4. Conclusões

Partindo da evolução histórica do estudo da personalidade referimos as múltiplas definições deste conceito, tendo também descrito as principais teorias elaboradas, enquadrando-as em seis grandes categorias. Através destas verificamos que a maioria dos modelos de personalidade citados parecem ser bastante deterministas, inscrevendo-se numa lógica linear e positivista, que não se enquadra no actual paradigma científico, mais centrado nos processos e onde o conceito de auto-organização é fundamental. Além disso, a maioria das teorias da personalidade parecem ter sido formuladas e validadas com base em instrumentos de medição. Se atendermos às críticas efectuadas por Bonis (1983), a avaliação da personalidade em geral deve ser colocada em questão, pois como os métodos objectivos que utiliza reflectem mais o processo de avaliação do que as dimensões da personalidade e mais as leis da linguagem e dos conceitos do que as ligações entre traços reais, pode-se dar o caso das diferenças de personalidade apresentadas por uma teoria existirem apenas na visão subjectiva do seu autor. Para além destas críticas e atendendo ao objectivo do nosso trabalho (estudar as emoções), verificamos também que na maioria dos modelos de personalidade as emoções são referidas apenas implicitamente, excepto em duas das teorias incluídas nas teorias

sistémicas (Powell e Royce, e Agra), nas quais são consideradas um dos níveis da personalidade.

Assim, o modelo de Powell e Royce descreve detalhadamente a estrutura, dinâmica e desenvolvimento da personalidade enquanto sistema auto-organizador complexo, enfatizando as emoções como um dos níveis hierárquicos deste sistema e constituindo um bom modelo de referência para o estudo das emoções. No entanto, confrontando-o com o modelo de Agra, este apresenta-se como bastante mais completo, pois descreve não só a estrutura e dinâmica da personalidade, mas também todo o sistema psicológico, referindo neste os sub-sistemas da personalidade, da acção e da significação. Além disso, efectua também uma aplicação do modelo à transgressão, concebendo-a como um esforço de autocriação ética com significado existencial e social.

Decidimos então utilizar o modelo da personalidade elaborado por Agra como fonte de referência para o estudo das emoções no comportamento desviante. No entanto, antes de avançarmos para este efectuamos uma análise teórica e empírica da articulação entre personalidade e emoções, apresentada seguidamente (Capítulo II).

Capítulo II

As emoções e o sistema da personalidade : análise da produção científica

1. Introdução

Depois de termos efectuado a descrição das principais teorias da personalidade, constatamos que as emoções são pouco referidas, embora alguns autores as incluam explicitamente na definição de personalidade, enquanto outros as referem de modo mais implícito num modelo mais global da personalidade. Analisando as teorias elaboradas em torno do conceito da emoção, raramente encontramos a referência à personalidade. Deste modo é possível verificar que cada um dos tipos de teorias raramente faz referência ao outro conceito, o que as impede de considerar o indivíduo na sua totalidade. No entanto, as emoções não só parecem estar fortemente associadas à personalidade, como também desempenhar um papel importante na sua organização (Smith & Lazarus, 1990; Izard, 1991; Magai & McFadden, 1995).

Tentando, então, dar conta da articulação entre emoções e personalidade, apresentamos seguidamente algumas considerações teóricas sobre esta associação, efectuando depois uma análise quantitativa do discurso sobre a personalidade.

2. As emoções e a personalidade : análise qualitativa

Para identificar o tipo de associação entre as emoções e a personalidade, bem como para dar conta do papel desempenhado pelas primeiras no âmbito da segunda, começamos por considerar os diferentes modelos de personalidade, verificando que existem poucas referências às emoções, aparecendo estas por vezes incluídas explicitamente na definição de personalidade, ou então integradas implicitamente num modelo mais global da personalidade.

Assim, no que se refere à definição de personalidade, alguns autores consideram as emoções como uma componente desta, como é o caso de Sherman (1979), para quem a personalidade seria um padrão característico de comportamentos, cognições e emoções. Para Eysenck (1947, 1953) a personalidade é definida como a organização do

caracter, temperamento, inteligência e aspectos físicos do indivíduo, sendo o comportamento afectivo traduzido através do temperamento. Já para Singer (1984) a personalidade incluiria entre outras dimensões o estilo de experienciar emoções, constituindo as motivações e as emoções um dos principais determinantes do comportamento e da organização da personalidade. Para Arndt (1974) a personalidade pode ser definida de diferentes modos, podendo ser considerada como o padrão característico dos pensamentos, motivações, sentimentos e emoções individuais, enquanto Cartwright (1979) salienta o temperamento como uma das dimensões da personalidade, referindo-o ao humor típico e emoções, e Simon e Sellier (1977) referem a emotividade como um dos factores da personalidade.

Numa perspectiva mais implícita encontramos referência às emoções enquanto elemento incluindo num modelo mais vasto de personalidade e não explicitamente na definição desta. Retomando alguns dos modelos de personalidade descritos no capítulo anterior, são disso exemplo os modelos psicodinâmicos, como o de Freud (Hall & Lindzey, 1978; Singer, 1984; Mischel, 1981; Marx & Hillix, 1996), em que as emoções aparecem associadas à personalidade e ao conceito de instinto, constituindo uma visão inovadora do comportamento humano, pois numa fase da História da Psicologia em que se privilegiava a razão e a medição, Freud salienta o poder da emoção, defendendo que o homem é dirigido por forças emocionais poderosas com origem no inconsciente. Define a emoção a partir dos instintos, considerando que estes estariam representados na vida mental como ideias ou como emoções, defendendo que a ideia provocaria uma reacção corporal, que designa por emoção, sendo esta experienciada como um sentimento (podendo este ser agradável ou desagradável). Assim, o sentimento seria a tomada de consciência da emoção, enquanto esta seria um processo físico, correspondendo a uma descarga cuja expressão final é percebida como um sentimento. As emoções seriam também formas de aliviar a tensão e de apreciação do prazer, podendo por exemplo ajudar o ego a evitar a tomada de consciência de situações passadas. Através da observação de respostas emocionais adequadas ou inadequadas, seria possível encontrar pistas para descobrir e compreender as forças motivadoras do inconsciente. Também

Jung (Hall & Lindzey, 1978; Singer, 1984; Palmade, 1995; Marx & Hillix, 1996) salienta a importância das emoções como força subjacente ao processo de individuação e como a principal fonte de consciência, defendendo que o material psíquico directamente relacionado com os arquétipos tende a despertar intensas emoções, acompanhando estas todas as mudanças psíquicas e constituindo o elemento de ligação entre ocorrências físicas e vida mental. Definindo a existência de vários tipos psicológicos determinados pela interacção e predomínio de funções da mente designa um destes tipos por sentimento, dizendo que consiste em experienciar emoções positivas ou negativas em relação a pessoas ou objectos, sendo as decisões tomadas de acordo com julgamentos de valor próprios e funcionando as emoções como orientação principal do comportamento. Para Adler (Hall & Lindzey, 1978; Singer, 1984; Marx & Hillix, 1996) as emoções podem ser socialmente disjuntivas ou conjuntivas. As primeiras incluem emoções como a raiva, o medo e a repulsa, referindo-se à orientação para objectivos individuais e podendo originar modificações na vida do indivíduo, pois resultando de um fracasso ou inadequação (associados geralmente à inferioridade), fazem o indivíduo mobilizar-se para novos esforços. As segundas, socialmente conjuntivas, nas quais se incluem a alegria e a simpatia, tendem a promover a interacção social e a partilha com os outros, permitindo a integração no grupo. Por fim, para Sullivan (Hall & Lindzey, 1978; Singer, 1984; Marx & Hillix, 1996) a empatia e as trocas de emoções teriam um papel importante no desenvolvimento do indivíduo, implicando diferentes zonas corporais consoante as fases de desenvolvimento e o nível de maturação.

Numa perspectiva comportamentalista, Skinner (Hall & Lindzey, 1978; Singer, 1984; Caprara & Heck, 1992) refere as emoções numa perspectiva descritiva, definindo-as como um estado particular de alta ou baixa frequência de uma ou mais respostas induzidas por uma classe de operações, incluindo cada emoção no mesmo indivíduo diferentes comportamentos em diferentes situações. Assim, não as considera como estados interiores mas através dos comportamentos a elas associados, dizendo por exemplo que se alguém está com medo é porque tem predisposição para agir desse modo. Já para Bandura (Cartwright, 1979; Singer, 1984; Caprara & Heck, 1992) as

emoções seriam um dos aspectos a considerar na aprendizagem do comportamento, pois também existe a aprendizagem de respostas emocionais, servindo as emoções modeladas como pistas para desencadear emoções semelhantes no modelo e no observador, o que é comprovado pelo contágio emocional.

Numa perspectiva fenomenológico-humanista (Mischel, 1981; Singer, 1984), a personalidade aparece como algo de complexo, no qual têm sido desprezadas as emoções e as experiências positivas vividas por cada indivíduo, devendo através das cognições aceder à interpretação e ao significado que o indivíduo atribui a cada situação. Dentro deste modelo salientam-se Rogers (Hall & Lindzey, 1978; Singer, 1984; Marx & Hillix, 1996), para quem as emoções são referidas a propósito do indivíduo saudável, pois este tem consciência delas, sejam as emoções expressas ou disfarçadas, considerando também que os sentimentos expulsos da consciência iriam distorcer a percepção da realidade, alterando as respostas às situações. Para Angyal (Hall & Lindzey, 1978; Singer, 1984) as emoções estariam subjacentes aos três níveis de existência, que seriam a satisfação dos impulsos, a realização das potencialidades e o sentido na relação com os outros. Por fim, para Maslow (Hall & Lindzey, 1978; Cartwright, 1979; Singer, 1984) as emoções positivas seriam fundamentais na capacidade de auto-actualização do indivíduo, apesar de na maioria das teorias serem geralmente desprezadas em detrimento das emoções negativas, muito estudadas por consumirem demasiada energia e inibirem o funcionamento do organismo.

Nos modelos afectivo-cognitivos (Singer, 1984) as emoções desempenham um papel fundamental, e juntamente com as cognições influenciam de modo determinante a forma do indivíduo organizar e processar informação. Dentro destes modelos salientam-se autores como James (Fadiman & Frager, 1986), para quem as emoções interferem de modo significativo com a tomada de consciência do comportamento, defendendo que a emoção é baseada não só no reconhecimento de sentimentos físicos, mas também na interpretação e significado da situação desencadeadora, sendo os sentimentos classificados de acordo com sugestões externas. Para Kelly (Cartwright, 1979; Singer, 1984) a personalidade resultaria da hierarquia de conceitos e dos sistemas que cada

indivíduo constrói para estruturar a informação, estando as cognições e as emoções presentes nesta organização de conceitos. As emoções traduziriam o funcionamento desta organização, concretizando-se por exemplo em angústia quando o indivíduo constata que o seu sistema de conceitos não é adequado à situação, ou em culpa quando o indivíduo viola esse sistema. Para White (Singer, 1984) as emoções enquanto componentes das motivações básicas desempenhariam um papel fundamental nos processos de aprendizagem, contribuindo para que o indivíduo tenha capacidade para desenvolver competências físicas e cognitivas que lhe permitam atingir um completo crescimento. Para Schachtel (Singer, 1984) os afectos e emoções seriam as principais motivações do comportamento humano, estando ambos fortemente associados às sensações corporais e afectando o modo como o indivíduo categoriza a informação, bem como estrutura a personalidade.

Por fim, nas teorias sistémicas alguns autores enfatizam também o papel das emoções na personalidade, como é o caso de Ford (1987), que propõe um referencial teórico que permita estudar todos os aspectos do ser humano, incluindo nestes emoções, pensamentos, acções, processos biológicos, etc, que funcionariam quer de modo autónomo, quer como parte de uma unidade ou sistema mais global, o indivíduo. As emoções aparecem como um dos elementos do sistema, não devendo ser isoladas dos restantes elementos e interferindo com estes, como por exemplo no modo de armazenar informação, na atenção, nas cognições, etc. Oosterwegel e Oppenheimer (1993) defendem que o indivíduo deve ser visto como uma pessoa activa com características estruturais como complexidade, consistência interna, distinção, validade, etc, sendo a noção de personalidade desprezada em detrimento da noção de auto-sistema, estando esta fortemente associada à noção de auto-conceito. As emoções são referidas a propósito deste, resultando as emoções negativas de discrepâncias entre o auto-conceito real e o auto-conceito ideal, e as emoções positivas de discrepâncias entre os diferentes auto-conceitos interiores (ex: enquanto colega ou enquanto vizinho), contribuindo contudo ambas para a evolução do indivíduo, pois um auto-conceito global inconsistente não permitiria ao indivíduo acomodar-se, levando a agir e evoluir. Para Powell e Royce

(1981a) a personalidade enquanto sistema multifactorial englobaria diferentes níveis, cada um considerado por sua vez um sistema, e entre os quais se destaca o nível ou sistema afectivo. Este, juntamente com o sistema cognitivo estaria situado num nível intermédio do sistema da personalidade, constituindo uma unidade central de processamento e transformação da informação, sendo capaz de lidar com diferentes situações e de aprender. Afectaria o modo como o indivíduo organiza, processa e integra a informação, bem como o modo como reage ao meio, e embora sendo flexível e adaptável seria mais determinado geneticamente do que pelo meio ambiente. Por fim, Agra (1986a, 1990a), baseando-se também na teoria dos sistemas, apresenta a teoria do sujeito autopoietico na qual considera que o sujeito psicológico é constituído por três sistemas : sistema da personalidade, sistema etoético e sistema de significação, interagindo todos de forma organizada e hierarquicamente estratificada e tendo como principal função a autopoiese. Em todos seria possível identificar um nível afectivo, seja no estrato afectivo da personalidade, no acto afectivo do sistema etoético ou no plano deontológico da significação, constituindo as emoções a tradução mais visível do nível afectivo e influenciando de modo importante o comportamento do indivíduo.

De todas as definições e modelos de personalidade, as teorias de Powell e Royce, e de Agra são as que mais enfatizam a importância das emoções na personalidade, considerando-as mesmo como integrando o nível afectivo da personalidade.

Efectuando o percurso inverso, considerando as diferentes teorias sobre a emoção, as referências à associação entre emoções personalidade são ainda menos frequentes. Assim, destacam-se alguns autores, como Frijda (1986) e Rodrigues (Rodrigues et al., 1989), que incluem as emoções no humor, definindo este como o conjunto de emoções subjacentes a um determinado momento, conjunto este que seria estável e funcionaria como uma característica de personalidade. Também Panksepp (Panksepp, 1981, 1986, 1992), no âmbito de uma visão neurofisiológica da emoção, descreve um conjunto de circuitos neuronais estabelecidos durante os estados emocionais, considerando que estes estariam alterados nas desordens de personalidade. Por sua vez, Pribram (1980) defende também uma visão neurofisiológica da emoção,

integrando esta numa perspectiva afectivo-cognitiva da personalidade, enquanto Royce (Royce & Diamond, 1980) considera a emoção como um produto da interacção entre os sistemas afectivo e cognitivo, vendo estes como dois dos seis sub-sistemas da organização hierárquica complexa que seria a personalidade. Por fim, Tomkins e Izard (1965) aparecem como os autores que maior importância atribuem às emoções no âmbito da personalidade, considerando-as como um dos sistemas mais importantes na organização da personalidade e na motivação do comportamento.

Através das diferentes definições referidas é possível constatar que a associação entre emoções e personalidade parece ser mais implícita do que explícita. No entanto, o enquadramento das emoções numa teoria da personalidade constituiria o melhor contexto teórico (Strongman, 1987), pois a emoção, traduzindo-se a nível fisiológico, comportamental e subjectivo afecta todo o indivíduo e não apenas parte deste, e ocorrendo num contexto preciso, contribuiria para interpretar de modo mais rigoroso o significado do comportamento. O inverso também seria possível, devendo uma teoria geral das emoções incluir as influências não só da cultura e da biologia, mas também da personalidade, pois a componente cognitiva da emoção dependeria da forma de organização dos processos cognitivos, sendo esta efectuada pela personalidade (Smith & Lazarus, 1990).

Aceitando esta associação entre emoções e personalidade, coloca-se a questão da sua dominância, existindo diferentes visões sobre se é a personalidade que determina as emoções ou o inverso. Assim, na defesa da personalidade enquanto determinante das emoções encontramos Smith e Lazarus (1990), que defendem que os traços de personalidade uma vez desenvolvidos influenciam a activação da emoção e a sua regulação, ocorrendo esta influência ao nível da representação cognitiva e ao nível do processo de avaliação, pois na interacção indivíduo-meio cada indivíduo não considera toda a informação disponível, desprezando alguns aspectos e considerando outros, sendo esta escolha determinada pela sua personalidade, motivações e expectativas. Consideram que as emoções sendo um elemento do sistema cognitivo-motivacional-emotivo constituiriam um traço da personalidade associado ao estilo de avaliação e interpretação

das situações. Descrevendo melhor esta ideia, referem que todos os indivíduos estão constantemente a avaliar estímulos internos ou externos, procurando estar preparados para apresentar qualquer comportamento no menor tempo possível. Esta avaliação insere-se num funcionamento mais vasto, comandado pela personalidade e que inclui objectivos, necessidades, valores, atitudes, crenças, expectativas, etc. O modo como o processo de avaliação desencadeia emoções e conduz a uma estratégia para enfrentar a situação traduz a interpretação que o indivíduo faz da situação, reflectindo-se a personalidade nesta interpretação. Assim, se o indivíduo tendências para o pessimismo, interpreta de modo mais negativo a situação e apresenta mais frequentemente emoções negativas. Deste modo é possível verificar que para estes dois autores a personalidade influencia a emoção ao nível da componente cognitiva desta. Gilboa e Revelle (1994) adoptam uma perespectiva semelhante, sugerindo que a personalidade determina não só a qualidade das emoções a experienciar, mas também a sua intensidade, duração e frequência.

Uma perspectiva oposta é a apresentada por Tomkins e Izard, que consideram que a personalidade é determinada pelas emoções. Assim, para Izard (1991, 1993) as emoções desempenham um papel fundamental na organização dos traços de personalidade e constituem o principal sistema motivador do comportamento, organizando-se na sequência emoção-cognição-acção. Esta sequência apresentaria características típicas para cada uma das emoções básicas consideradas (Izard define onze, que seriam o interesse, alegria, surpresa, angústia, cólera, nojo, desprezo, medo, vergonha, tristeza e culpa), organizando e facilitando a percepção, cognição e acção de um modo determinado pelas características motivacionais de cada emoção. Por exemplo a cólera aumentaria a sensibilidade e percepção de acontecimentos frustrantes e de obstáculos, desencadeando pensamentos de hostilidade e activando o organismo para ter acções contra a fonte desencadeadora de cólera. A estabilidade e a consistência destas sequências organizaria o comportamento de um determinado modo, fazendo o indivíduo reagir do mesmo modo para situações semelhantes e constituindo, a longo prazo, esta organização um traço de personalidade. Estes traços poderiam ser universais (como

isolar-se na tristeza ou vergonha) ou individuais (como bater nos filhos quando tem problemas no emprego) e seriam definidos pelo experienciar frequente de uma emoção (ex: cólera no indivíduo colérico) ou pela associação frequente entre emoções, como por exemplo a tristeza e cólera, traduzindo estas um traço depressivo da personalidade. A associação entre emoção e personalidade seria também comprovada pelo facto da sequência típica de cada emoção ser a mesma ao longo do tempo, bem como os seus limiares de activação, dando ao indivíduo um sentido de continuidade. Assim, o experienciar da emoção de medo seria acompanhado pelo mesmo tipo de alterações fisiológicas, de cognições e de comportamentos, como por exemplo fugir. No entanto, noutro indivíduo esta sequência seria diferente por o comportamento ser a imobilização e não a fuga. No que se refere ao limiares, estes poderiam ser baixos num indivíduo, levando-o a experienciar frequentemente uma emoção, ou altos noutro, levando-o a raramente sentir essas emoções. Deste modo, para Izard as emoções influenciam de forma directa, o que o indivíduo percebe, e estando permanentemente na sua consciência, organizam as cognições e orientam o comportamento. Esta permanência variaria contudo em intensidade, só sendo a emoção percebida quando é mais intensa, o que implica distinguir a emoção enquanto estado ou traço, não variando estes em qualidade mas em quantidade. Assim, a emoção enquanto estado remete para uma maior variação na intensidade e para uma menor duração no tempo, enquanto a emoção enquanto traço remete para menor intensidade mas maior frequência de ocorrência. Esta frequência dependeria directamente do limiar de activação, sendo tanto maior a frequência quanto menor o limiar, e estando a personalidade associada à emoção enquanto traço. Experienciando então o indivíduo mais frequentemente uma determinada emoção e orientando esta o comportamento de um determinado modo, este apresentaria uma estabilidade que seria definida por essa emoção, estruturando-se esta estabilidade como um traço da personalidade.

Para Tomkins (1980; Magai & McFadden, 1995) as emoções estão intimamente ligadas às cognições, originando as estruturas ideo-afectivas. A personalidade seria a rede acumuladora das estruturas ideo-afectivas, funcionando estas como filtros

reguladores de toda a informação e experiência, e predispondo o indivíduo a perceber e assimilar o mundo em esquemas preexistentes. Designa estes esquemas por *script* ou guião, considerando que existiriam vários tipos de guião e que a sua organização específica iria determinar as estruturas da personalidade. Cada guião não seria mais do que um conjunto de regras para a ordenação, interpretação, avaliação, predição, e controle da informação recebida, funcionando como um modo específico de processamento de informação e da sua tradução em padrões comportamentais. As emoções básicas (que define como Izard), poderiam ser agrupadas em guiões específicos, ou em factores, como por exemplo a responsabilização, que incluiria a culpa e a vergonha.

Apesar da discussão sobre a natureza da associação entre personalidade e emoções, a tendência actual orienta-se no sentido de considerar as emoções como um elemento da personalidade (Singer, 1984; Watson & Tellegen, 1985; Ford, 1987; Powell & Royce, 1981a; Royce & Diamond, 1980; Tomkins, 1980; Agra, 1986a; Buss, 1991; Izard, 1991, 1993; Magai & McFadden, 1995). Sendo esta considerada numa perspectiva sistémica, as suas características resultariam não só das características dos elementos que a constituem, mas também de características emergentes da interacção entre estes, perspectiva que permitiria conciliar as emoções como determinante da personalidade e esta como determinante das emoções. Deste modo, o desenvolvimento da personalidade e da emoção decorreriam de forma interactiva, influenciando-se reciprocamente, até na idade adulta as emoções constituírem um traço da personalidade, e esta, por sua vez, condicionar os estados emocionais (Magai & McFadden, 1995). Assim, as emoções começariam por desempenhar o papel inicial, existindo um conjunto de emoções básicas (como por exemplo as definidas por Izard), que pelas suas características motivacionais teriam uma forte determinação biológica, afectando o modo de percepção do indivíduo. Numa fase seguinte este modo de percepção seria cristalizado e estruturado, facilitando o sentido de continuidade e de coerência do comportamento. Através dos processos de socialização e da aprendizagem este modo de funcionamento seria mantido (ou rejeitado) pela sua eficácia, constituindo no futuro um

traço da personalidade que orientaria todo o comportamento do indivíduo de um modo particular. Por sua vez, a personalidade através das suas bases genéticas determinaria quais as emoções mais frequentemente experienciadas, contribuindo deste modo para a cristalização de determinados modos de percepção. Além disso, afectaria também a interacção entre o indivíduo e o meio, interferindo com as aprendizagens e com os processos de socialização.

Contudo, apesar de ser aceite a existência de uma associação entre personalidade e emoções, existem algumas dificuldades do ponto de vista teórico e do ponto de vista empírico que impedem a identificação exacta desta associação (Izard, 1993, 1995; Magai & McFadden, 1995). Assim, apesar da existência de alguns trabalhos (Williams, 1981; Watson e Clark., 1984; Meyer & Shack, 1989; Suls & Wan, 1989; Larsen & Ketelaar, 1989, 1991; Depue et al, 1994; Ewart & Kolodner, 1994; Goldstein & Strube, 1994), discute-se o modo de operacionalizar e medir quer a personalidade, quer a emoção, pois as medidas de avaliação da personalidade centram-se mais no agir do que no sentir, existindo também pouco consenso quanto às emoções e aos traços a considerar, variando ambos consoante a teoria utilizada. Além disso, podem associar-se de modo tão variado que se torna difícil integrar os resultados obtidos pelos diferentes estudos. Por esta razão, as relações entre personalidade e emoções continuam ainda obscuras, demonstrando a crescente necessidade de uma teoria geral do indivíduo, que o considere como um sistema no qual todos os elementos desempenham um papel importante (Izard, 1993, 1995; Magai & McFadden, 1995).

Tentando dar conta da natureza da associação entre personalidade e emoções, efectuamos uma pesquisa bibliográfica que nos permitisse verificar a importância das emoções no estudo da personalidade. Ao recolher os dados verificamos que estes poderiam ser trabalhados de um modo mais vasto, permitindo-nos caracterizar de forma descritiva a evolução temporal do discurso sobre a personalidade. Apresentamos seguidamente a análise efectuada.

3. Análise quantitativa do discurso sobre a personalidade

3.1. O processo de análise

Depois de termos analisado do ponto de vista teórico as relações entre a personalidade e as emoções, descrevemos a análise efectuada sobre o discurso da personalidade numa perspectiva temporal, procurando conhecer não só a associação entre personalidade e emoções, mas também o paradigma dominante no discurso sobre a personalidade.

Contudo, antes de descrevermos a análise efectuada convém referir que esta pesquisa bibliográfica, apresentava, numa fase inicial do nosso estudo (quer numa perspectiva temporal, quer numa perspectiva de processo), para além dos mencionados, outros objectivos que posteriormente foram abandonados mas que condicionaram os dados obtidos. Assim, tendo por objectivo numa fase inicial do projecto conhecer o modo como a personalidade era estudada de um modo geral, efectuamos recolha de dados sobre este tema. Centramo-nos então numa centena de artigos e iniciamos através da meta-análise um estudo detalhado sobre as dimensões da personalidade abordadas (incluindo os aspectos relacionados com as emoções) e sobre os instrumentos utilizados. Rapidamente constatamos uma grande variedade e dispersão de dados, o que nos levou a alargar o número de artigos a utilizar, socorrendo-nos da informação disponível em bases de dados. Perante a enorme quantidade de artigos encontrada, reformulamos o nosso objectivo, desistindo parcialmente da complexidade da análise meta-analítica, limitando-nos a uma análise descritivo-quantitativa das dimensões da personalidade. Assim, integrando a análise da associação entre personalidade e emoções numa análise mais vasta do discurso sobre personalidade ao longo do tempo, tomamos como expressão deste discurso e da produção científica os artigos publicados.

Deste modo, efectuamos então em Janeiro de 1993 uma pesquisa bibliográfica socorrendo-nos do PsycLit, base de dados existente na F.P.C.E.U.P. e que contém referências e resumos da literatura periódica mundial no domínio da Psicologia e áreas afins, compilada na base de dados PsycInfo da American Psychological Association, tratando mais de 1300 revistas em 27 línguas, de aproximadamente 50 países. Atendendo

aos dados disponíveis no momento da pesquisa centramo-nos inicialmente nos artigos publicados entre 1983 e 1992, utilizando como palavras chave os termos *personality*, *personality correlates*, *personality measures* (inclui 64 instrumentos de medida diferentes), *personality traits* (inclui 88 traços ou dimensões diferentes), *personality theories* e *individual differences*. Encontramos 8572 artigos, obtendo para cada um a referência ao título, autores, data e periódico publicação, resumo e palavras chave. Sendo impossível em tempo útil ter acesso a todos os artigos completos, iniciamos a análise do discurso sobre personalidade a partir destes dados. À medida que fomos avançando na análise fomos repetindo esta pesquisa, constatando que o número de artigos publicados variava consideravelmente em função do momento da pesquisa. Ou seja, a base de dados apresenta os artigos em função do seu momento de introdução na base, o que significa que tendo efectuado a pesquisa no início de 1993 ainda nem todos os artigos publicados em 1992 estão disponíveis na base. Além disso, pelas características do programa informático no qual a base funciona é impossível distinguir os dados obtidos numa pesquisa anterior dos obtidos numa fase posterior. Por estas razões, centramo-nos apenas na primeira pesquisa efectuada, o que nos permitiu encontrar um total de 8572 artigos sobre personalidade publicados entre 1983 e 1991, tendo então eliminado o ano de 1992 por ainda estar não estar totalmente disponível.

Tomando este número de artigos como universo de análise, iniciamos o estudo de cada artigo a partir do título, resumo e palavras chave. Tendo por objectivo analisar a evolução do discurso sobre personalidade, construímos uma grelha de leitura na qual cada artigo foi classificado em função do seu **ano de publicação, domínio a que se refere, tipo de estudo, unidades de análise da personalidade, instrumentos utilizados e características dos sujeitos**. Estes dados foram em seguida introduzidos no programa DBASE III PLUS, de modo a serem posteriormente analisados no programa SPSS PC+ numa perspectiva descritiva, que apresentamos seguidamente.

3.2. Análise quantitativa

3.2.1. Ano de publicação

No que se refere ao ano de publicação, foi possível determinar o número de artigos sobre personalidade publicados nesse ano (que passamos a designar por artigos sobre personalidade), bem como o número total de artigos publicados nesse ano, independentemente do tema (que passamos a designar por artigos publicados). Os dados obtidos sobre a personalidade (Quadro 3.2.1.1) foram em seguida transformados de dois modos. A primeira transformação (Valor A), traduz a contribuição de cada ano no total de artigos sobre personalidade (ex: para o ano de 1983 foi obtido o valor 9.67, que resultou da divisão $829 / 8572$), enquanto a segunda transformação (Valor B) traduz em cada ano a contribuição dos artigos sobre personalidade no total de artigos publicados nesse ano (ex: para o ano de 1983 foi obtido o valor 2.27, resultante da divisão $829 / 36572$).

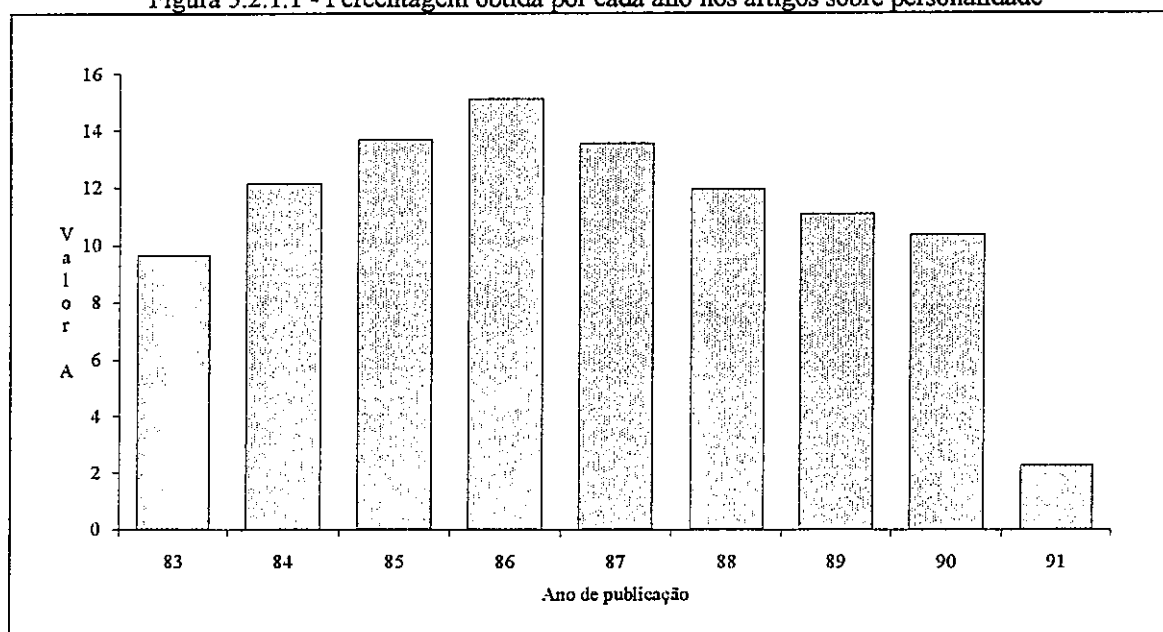
Quadro 3.2.1.1 - Distribuição do número de artigos por ano

Ano	Nº artigos sobre personalidade	Valor A	Nº total de artigos	Valor B
1983	829	9.67	36572	2.27
1984	1041	12.14	39052	2.67
1985	1172	13.67	42591	2.75
1986	1295	15.11	44281	2.93
1987	1161	13.54	71366	1.63
1988	1023	11.93	75241	1.36
1989	970	11.08	73874	1.31
1990	887	10.35	68142	1.30
1991	194	2.26	64346	0.39
Total	8572	100	515465	

Analisando a distribuição do Valor A (Fig. 3.2.1.1), verificamos que entre 1983 e 1986 há um aumento das percentagens obtidas, sendo o ano de 1986 o que apresenta maior contribuição (15.11 % dos artigos). A partir de 1987 nota-se uma diminuição progressiva da contribuição de cada ano. O ano de 1986 aparece então como o ponto de viragem na produção de artigos sobre personalidade, sendo o ano de maior número de artigos, e marcando o início da diminuição desta produção. É de notar que o ano de

1991 apresenta um número excessivamente baixo, o que atendendo à forma de funcionamento da base de dados, pode ser explicado não pela pouca produção de artigos neste ano, mas por estes ainda não terem sido introduzidos na base de dados. No entanto esta explicação não parece ser válida para anos mais longínquos, como é o caso de 1988 ou 1989, pois apesar de apresentarem uma diminuição do número de artigos sobre personalidade esta não se verifica no número de artigos publicados por ano, o que seria de esperar se existisse uma atraso na introdução dos dados na base.

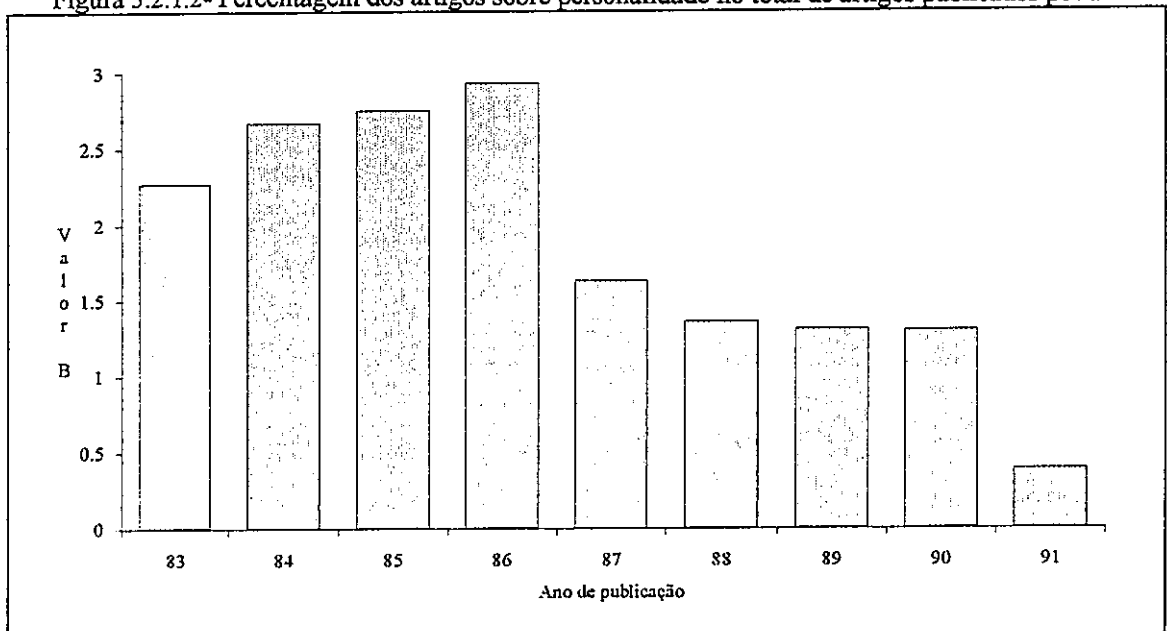
Figura 3.2.1.1 - Percentagem obtida por cada ano nos artigos sobre personalidade



Comparando o número total de artigos sobre personalidade (8 572 artigos) com o número de artigos publicados durante o mesmo período de tempo (515 465 artigos), constata-se que representam apenas 1.66 % da produção total de artigos, o que parece indicar que a área da personalidade não é muito referida. Considerando separadamente cada ano (Fig. 3.2.1.2), verificamos que entre 1983 e 1986 há um aumento das percentagens obtidas, sendo o ano de 1986 o que apresenta maior contribuição (2.93 % dos artigos publicados no ano). A partir de 1987 nota-se uma diminuição progressiva da

contribuição de cada ano, bem como uma diferença nítida na proporção artigos sobre personalidade / artigos publicados, sugerindo que apesar de serem publicados mais artigos, estes são menos referidos à personalidade. São exemplo nítido o ano de 1986, com 1295 artigos sobre personalidade num total de 44291 artigos, e o ano de 1987 com 1161 artigos sobre personalidade, mas contra um total de 71366 artigos. Ou seja, o ano de 1986 aparece de novo como o ponto de viragem na produção de artigos sobre personalidade, sendo não só o ano de maior número de artigos mas também o que maior contribuição apresenta para o total de artigos publicados por ano. É de notar de novo o ano de 1991 com um valor baixo que deverá ser interpretado de outro modo, como já foi explicado anteriormente.

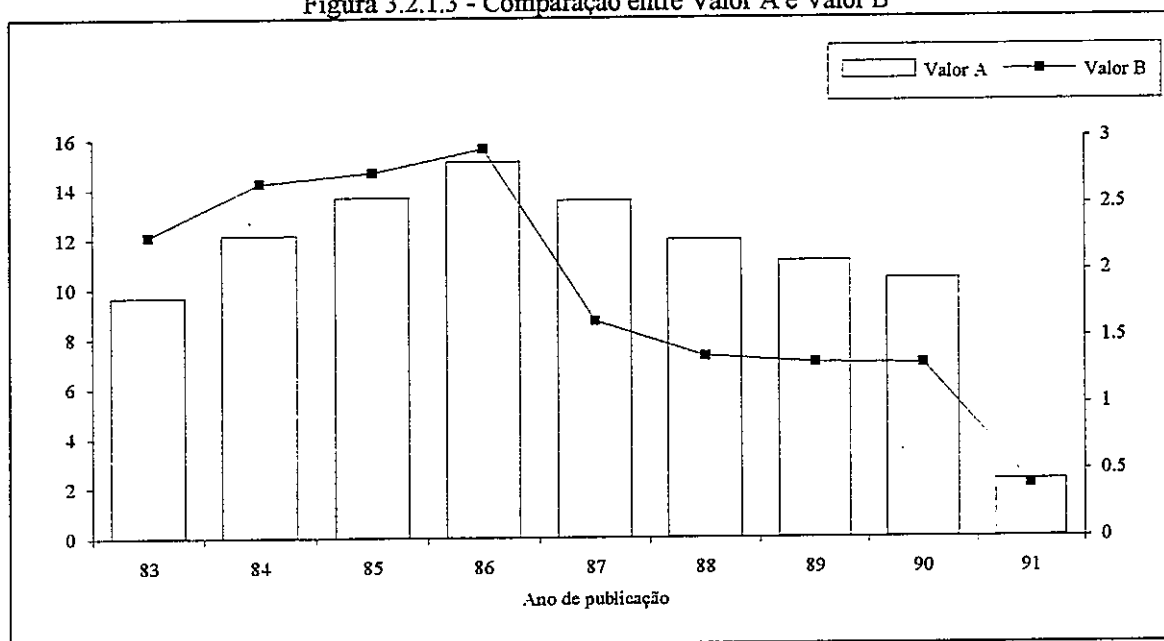
Figura 3.2.1.2- Percentagem dos artigos sobre personalidade no total de artigos publicados por ano



Comparando em cada ano as duas percentagens calculadas através do Valor A e do Valor B (Fig. 3.2.1.3), através de uma dupla escala que combina um gráfico de barras (Valor A ou percentagem dos artigos sobre personalidade no total de artigos sobre personalidade, escala da esquerda) com um gráfico de linhas (Valor B ou percentagem

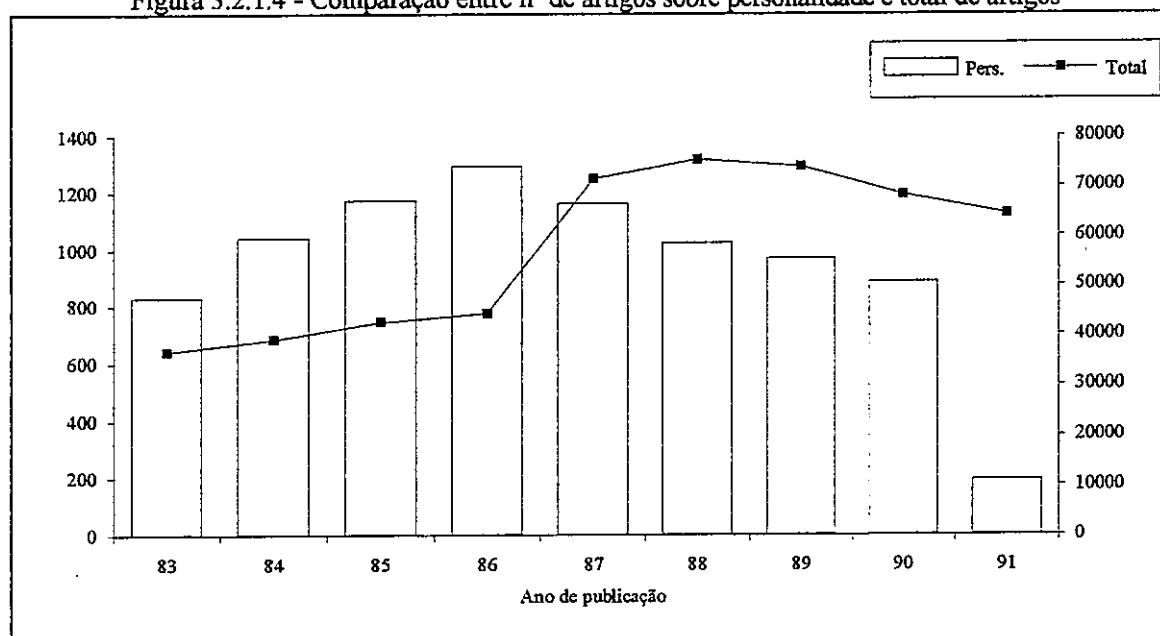
dos artigos sobre personalidade no total de artigos publicados por ano, escala da direita), encontramos uma padrão de evolução idêntico, com um aumento até 1986 e uma diminuição entre 1987 e 1991, embora esta seja nitidamente maior no Valor B.

Figura 3.2.1.3 - Comparação entre Valor A e Valor B



Para analisar com mais pormenor a relação entre o número de artigos sobre personalidade e o número de artigos por ano, foi efectuada uma comparação entre ambos (Fig. 3.2.1.4), através de uma dupla escala que combina um gráfico de barras (nº de artigos sobre personalidade, escala da esquerda) com um gráfico de linhas (nº total de artigos, escala da direita). Verificamos que entre 1983 e 1986 há um aumento do número de artigos sobre personalidade, aumento também verificado no número total de artigos publicados. A partir de 1986 e até 1988 há um aumento do número total de artigos, mas na área da personalidade nota-se uma diminuição. A partir de 1989 nota-se uma diminuição progressiva quer do número total de artigos, quer do número de artigos sobre personalidade.

Figura 3.2.1.4 - Comparação entre nº de artigos sobre personalidade e total de artigos

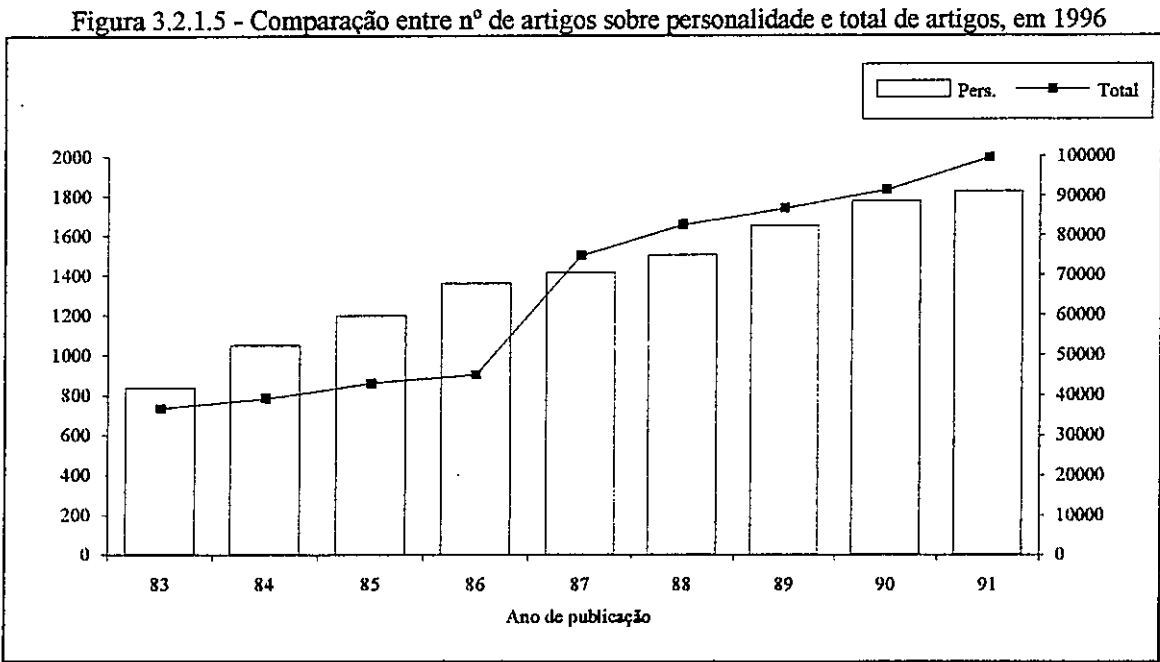


Através dos dados apresentados verificamos que entre 1983 e 1986 há um aumento na produção de artigos, reflectindo-se este também no aumento de artigos sobre personalidade. A partir de 1987 existe um decréscimo dos artigos sobre personalidade, apesar de na totalidade dos artigos publicados esta diminuição só ocorrer 2 anos mais tarde, isto é, a partir de 1989. Podemos então concluir que a evolução da produção de artigos sobre a personalidade não acompanha a produção de artigos no total por ano, apresentando um ponto de viragem (ano de 1986) dois anos mais cedo do que o ocorrido na produção total de artigos (1988).

Como já foi referido, estes dados podem traduzir atrasos na introdução dos dados na base de dados. Por este motivo, durante o ano de 1996 repetimos a pesquisa inicial, encontrando dados (Quadro 3.2.1.2 e Fig. 3.2.1.5), que confirmam esta ideia. Assim, verificamos que a evolução da produção de artigos sobre a personalidade acompanha a produção de artigos no total por ano. Contudo, nesta nova análise o ano de 1986 continua a apresentar-se como um ponto de viragem na produção de artigos sobre personalidade, pois marca o final de uma subida na proporção de artigos sobre

personalidade no total de artigos (visível no Valor B). A partir de 1987 e ainda mais visível em 1988 e 1991, a tendência do aumento do número de artigos sobre personalidade apesar de acompanhar a tendência global diminui em proporção. Ou seja, existe um aumento muito mais nítido do número de artigos no total e um aumento proporcionalmente menor do número de artigos sobre personalidade.

Quadro 3.2.1.2 - Distribuição do número de artigos por ano em 1996			
Ano	Nº artigos sobre personalidade	Nº total de artigos	Valor B
1983	837	36697	2.28
1984	1049	39198	2.68
1985	1199	42921	2.79
1986	1361	45106	3.02
1987	1415	74832	1.89
1988	1501	82701	1.82
1989	1650	86904	1.90
1990	1776	91576	1.94
1991	1823	99633	1.83



Apesar dos dados obtidos nesta pesquisa mais recente, efectuada já depois de termos analisado os dados obtidos na pesquisa inicial, terem permitido verificar que a

evolução da produção de artigos sobre personalidade acompanha a tendência da produção global de artigos, não incluímos os novos dados nos 8572 artigos iniciais, pois isso implicaria comparações quase artigo a artigo. No entanto consideramos importante realçar o modo de funcionamento do banco de dados, pois em anos próximos do momento de realização da pesquisa os dados podem variar de forma bastante acentuada. São disso exemplo os anos a partir de 1987, em que por exemplo se passa em 1987 de 1161 artigos existentes em 1982 para 1415 existentes em 1996.

Centrando-nos então nos dados obtidos na primeira pesquisa, descrevemos seguidamente a sua distribuição por domínios de aplicação

3.2.2. Domínio de aplicação

Tomando então como base os 8572 artigos encontrados na pesquisa bibliográfica inicial, analisamos o seu conteúdo para identificar em que contexto a personalidade era referida, ou seja, quais as áreas ou domínios de aplicação do estudo da personalidade. Encontramos catorze domínios, mutuamente exclusivos, pelos quais o total de artigos foi distribuído. Alguns destes domínios, pela sua importância para o tema do trabalho foram analisados com mais pormenor, sendo divididos posteriormente em sub-domínios.

Especificando o modo como foi feita a distribuição, no domínio comportamento desviante foram incluídos artigos que se referiam a toxicodependência, crime, alcoolismo, tabaco, desordem mental, desordens do apetite, desordem sexual, comportamento violento, suicídio e jogadores viciados. Este domínio vai ser analisado posteriormente com mais pormenor, razão pela qual não são agora apresentados exemplos.

No domínio intervenção foram considerados artigos que referiam o estudo da personalidade a propósito de intervenções específicas no sujeito, essencialmente a nível médico ou a nível psicológico, como por exemplo o estudo da personalidade em sujeitos com doenças físicas ou vítimas de acidentes, bem como sobre formas de intervenção em problemas psicológicos ou sobre a relação terapeuta/cliente.

Para o domínio educação foram incluídos artigos sobre o meio escolar, desempenho académico, personalidade de estudantes de disciplinas ou cursos específicos, importância da personalidade no método de ensino, estudo da personalidade em estudantes sobredotados, etc.

No que se refere ao domínio trabalho, este inclui artigos sobre meio laboral, desempenho de trabalhadores, análise de postos de trabalho, supervisão na empresa, contribuição da personalidade no stress do trabalhador, etc.

O domínio interacção refere-se a artigos sobre a comunicação, interacções e relações no meio familiar específico ou na sociedade em geral, como por exemplo o ajustamento conjugal, satisfação no casamento, relação pais/criança, comunicação entre irmãos, influência do meio familiar no desempenho da criança, ou sociabilidade, percepção de si, atribuições, diferenças culturais, estereótipos, valores sociais, etc.

Relativamente ao domínio emoções foram considerados artigos sobre o estado emocional, estudo de emoções específicas, ajustamento emocional, expressão de emoções, etc.

No domínio personalidade foram incluídos artigos que se debruçavam sobre o conceito de personalidade a nível teórico, sobre traços ou factores da personalidade, sobre a personalidade de grupos específicos ou sobre a biologia da personalidade. Dada a sua importância, este domínio vai também ser abordado detalhadamente.

Para o domínio desporto foram utilizados artigos sobre a personalidade ou desempenho de atletas, treinadores ou árbitros de modalidades específicas, sobre liderança na equipa, agressividade no atleta, etc.

No que se refere ao domínio religião, foram incluídos artigos sobre membros de grupos religiosos específicos, crenças, práticas religiosas, estudo da personalidade de líderes religiosos, etc.

Relativamente à avaliação de instrumentos foram considerados artigos sobre avaliação, correlação, construção ou aferição de questionários ou outros meios de estudo da personalidade, sendo também analisado com mais pormenor.

O domínio militar inclui artigos sobre o estudo da personalidade em contexto militar, estudo da personalidade em prisioneiros de guerra, importância da personalidade nos traumas de guerra, etc.

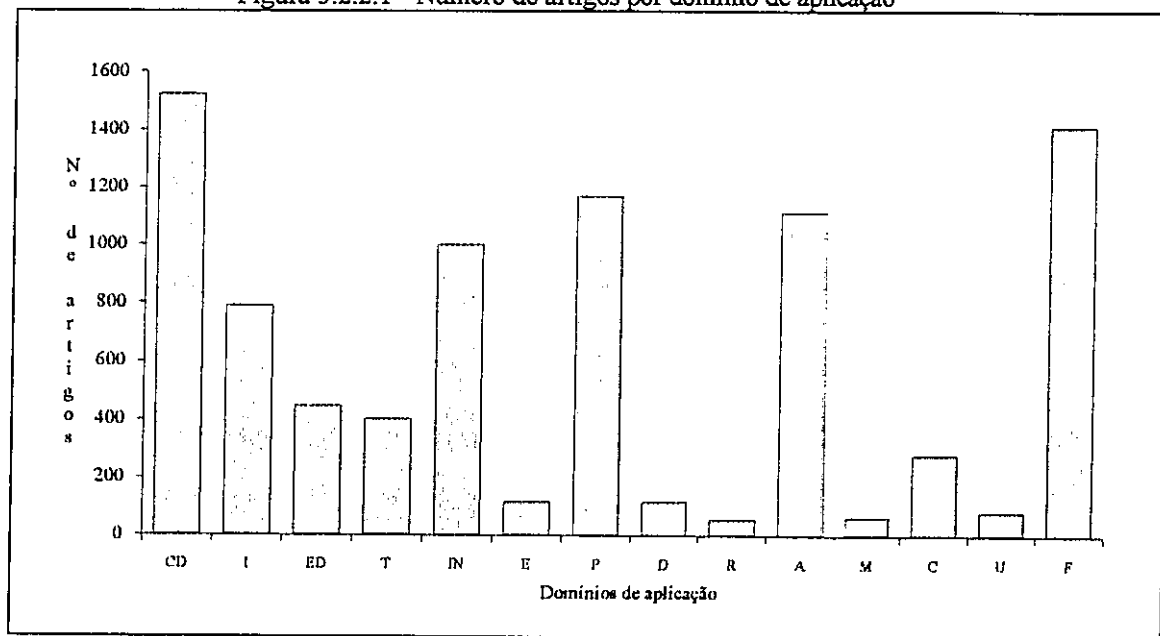
No domínio critica foram incluídos todos os artigos que constituíam uma crítica ou replicação a artigos já publicados, não sendo por isso artigos originais.

Para o domínio uso de animais foram considerados todos os artigos sobre o estudo da personalidade em animais e não em seres humanos.

Por fim, o domínio funções inclui artigos sobre funções psicológicas, como inteligência, percepção, linguagem, memória, estilo cognitivo, lateralidade, etc.

Efectuando a distribuição do número de artigos por domínio (Fig. 3.2.2.1) verificamos que o domínio com maior número de artigos é o do comportamento desviante, logo seguido do domínio das funções, personalidade, avaliação de instrumentos e interacção. Com menor número de artigos seguem-se os domínios da intervenção, educação, trabalho e critica, e em seguida, mais afastados, os domínios das emoções, desporto, uso de animais, militar e por fim o domínio da religião.

Figura 3.2.2.1 - Número de artigos por domínio de aplicação



Analisando a distribuição das percentagens por domínio (Quadro 3.2.2.1) verificamos que quase metade dos resultados obtidos (48 %) são preenchidos por apenas três dos domínios (respectivamente comportamento desviante, funções e personalidade), enquanto os restantes 52% são distribuídos pelos restantes onze domínios. É também de notar que há seis domínios que ocupam na sua totalidade apenas 10 % dos dados, sendo por ordem decrescente, respectivamente a crítica, emoções, desporto, uso de animais, militar e religião.

Quadro 3.2.2.1 - N° de artigos e percentagem por domínio de aplicação		
Domínios	N° artigos	%
Comportamento Desviante (CD)	1524	17.78
Intervenção (I)	790	9.22
Educação (ED)	446	5.20
Trabalho (T)	402	4.69
Interacção (IN)	1000	11.67
Emoções (E)	118	1.38
Personalidade (P)	1168	13.63
Desporto (D)	117	1.37
Religião (R)	56	0.65
Avaliação de Instrumentos (A)	1114	12.99
Militar (M)	65	0.75
Crítica (C)	279	3.26
Uso de Animais (U)	83	0.97
Funções (F)	1410	16.45
Total	8572	100

Através dos dados obtidos é possível verificar que no que se refere às emoções estas são pouco enfatizadas no estudo da personalidade, representando apenas pouco mais de 1% dos artigos sobre personalidade. Analisando um pouco melhor os artigos que referem as emoções, verificamos que estas são referidas sobretudo como traços da personalidade ou como um aspecto do comportamento no qual é visível a influência da personalidade (ex: predisposição para experienciar emoções negativas), não sendo consideradas contudo como um dos principais determinante do comportamento e da personalidade.

Atendendo à variabilidade dos dados e à sua relevância para o nosso tema de trabalho este trabalho alguns dos domínios foram divididos em sub-domínios, o que

permitiu fazer uma análise mais pormenorizada. É o caso dos domínios avaliação de instrumentos, personalidade e comportamento desviante.

Assim, no que se refere ao domínio avaliação de instrumentos, foram considerados artigos sobre métodos de avaliação e estudo da personalidade, tendo sido criados os sub-domínios questionários e medidas fisiológicas, dada a diferença de instrumentos utilizados. No sub-domínio questionários foram considerados artigos sobre a avaliação, construção ou aferição de questionários, escalas ou inventários, bem como o estudo das relações entre diferentes questionários, escalas ou inventários. No sub-domínio medidas fisiológicas foram considerados artigos sobre a importância da utilização de aspectos fisiológicos no estudo da personalidade, como por exemplo a resposta cardíaca a estímulos aversivos, o registo electromiográfico em sujeitos extrovertidos, a personalidade e inteligência de sujeitos com diferentes níveis de activação do Sistema Nervoso Central, etc.

Efectuando a distribuição dos 1114 artigos considerados neste domínio (Quadro 3.2.2.2), verificamos que a grande maioria dos artigos debruça-se sobre a utilização de questionários, havendo apenas 2% dos artigos que realça a importância das medidas fisiológicas no estudo da personalidade.

Quadro 3.2.2.2 - Nº de artigos e percentagem por sub-domínios na Avaliação de Instrumentos		
Sub-domínios na Avaliação de Instrumentos	Nº artigos	%
Medidas Fisiológicas	23	2.07
Questionários	1091	97.93
Total	1114	100

Como numa fase inicial do projecto colocamos a hipótese de efectuar o estudo da personalidade através de medidas fisiológicas, foi possível através destes dados verificar que este tema tem sido pouco discutido. Assim, os questionários aparecem como medida significativamente mais discutida para o estudo da personalidade, sendo os aspectos fisiológicos pouco valorizados. Resta contudo saber se apesar das medidas fisiológicas

serem pouco importantes em termos teóricos são de facto também pouco utilizadas no estudo da personalidade, o que será analisado aquando da identificação das medidas utilizadas.

No que se refere ao domínio Personalidade, dada a sua importância para o trabalho, foi também analisado de modo mais detalhado, tendo sido dividido em cinco sub-domínios. Assim, para o sub-domínio teoria foram incluídos artigos sobre aspectos teóricos da personalidade, referindo-se estes essencialmente a teorias explicativas, a modelos de análise da personalidade, à estabilidade da personalidade, a taxinomias, ou a terminologia ou conceitos como por exemplo carácter, temperamento, etc.

No sub-domínio traços/factores/diferenças individuais foram considerados todos os artigos que se referiam especificamente ao estudo de traços, factores ou diferenças individuais, como por exemplo neuroticismo, extroversão, criatividade, factores na estrutura da personalidade, etc.

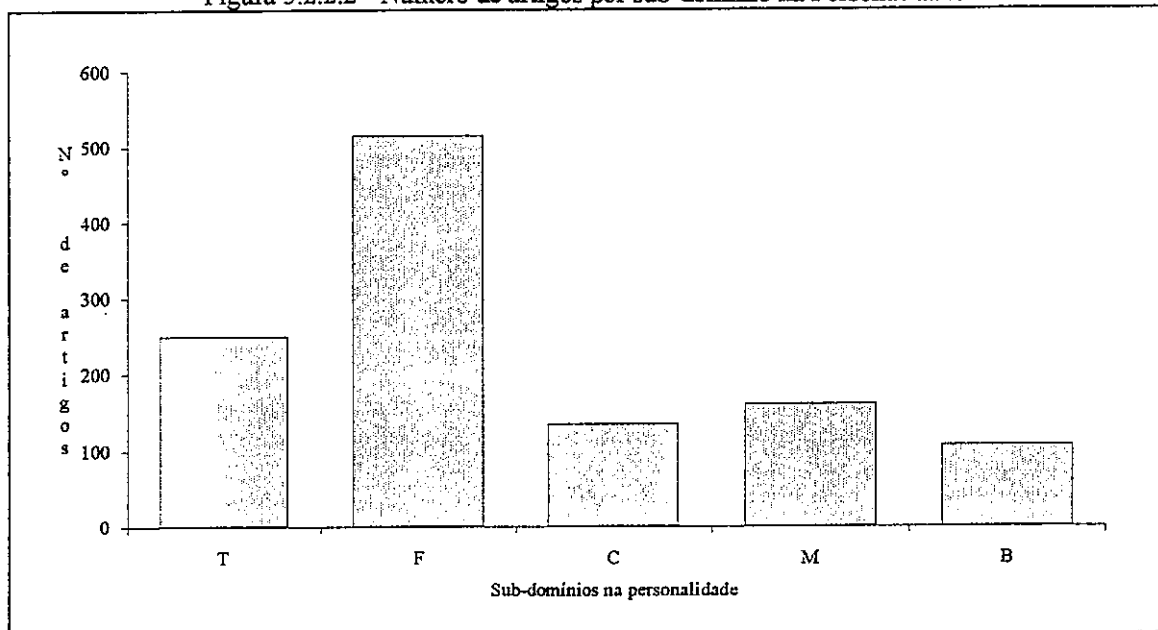
No sub-domínio contextos/grupos foram incluídos artigos sobre o estudo da personalidade em grupos específicos ou contextos que não foram considerados em nenhum outro dos catorze domínios anteriormente descritos, referindo-se por exemplo a sujeitos que usam cinto de segurança, que têm animais de estimação, que habitam num meio rural, etc. Também foram incluídos artigos sobre estudos da personalidade de sujeitos específicos, como Goethe, Hitler, Salazar, Hegel, etc.

No sub-domínio métodos foram considerados artigos sobre métodos específicos de avaliação da personalidade, como a auto-avaliação, análise de biografias, escalas, técnicas projectivas, observação de comportamentos, etc. Estes artigos não foram incluídos no domínio avaliação de instrumentos, pois neste domínio era importante a avaliação do instrumento em si, apesar de ocorrer no âmbito do tema global personalidade, enquanto no sub-domínio métodos é importante a avaliação do método no estudo específico da personalidade.

Por fim, no sub-domínio biologia foram incluídos artigos sobre as relações ente personalidade e aspectos biológicos, fisiológicos ou anatómicos, bem como as tentativas de determinar as bases biológicas da personalidade.

Efectuando a distribuição do número de artigos por sub-domínio (Fig. 3.2.2.2), verificamos que o sub-domínio traços/factores/diferenças individuais é o que obtém maior número de artigos, sendo logo seguido pelo sub-domínio teoria. Com um número significativamente menor seguem-se respectivamente os sub-domínios métodos, contextos/grupos e por fim biologia.

Figura 3.2.2.2 - Número de artigos por sub-domínio na Personalidade



Analisando a distribuição das percentagens por sub-domínio (Quadro 3.2.2.3), verificamos que o sub-domínio traços é responsável por quase metade dos artigos obtidos neste domínio, representando 44% do total. Dos restantes, 21% pertencem ao domínio teorias, seguindo-se os domínios métodos (13%), contextos (11%) e por fim biologia, com apenas 9% dos artigos.

Quadro 3.2.2.3 - Nº de artigos e percentagem por sub-domínios na Personalidade

Sub-domínios na Personalidade	Nº artigos	%
Teoria (T)	250	21.40
Traços / Factores / Diferenças Individuais (F)	515	44.09
Contextos / Grupos (C)	135	11.56
Métodos (M)	161	13.78
Biologia (B)	107	9.17
Total	1168	100

Através dos dados obtidos podemos concluir que no domínio da personalidade a principal preocupação remete para a identificação de traços ou factores que permitam caracterizar a personalidade, bem como para a apresentação de modelos teóricos sobre a personalidade.

Por fim, relativamente ao domínio comportamento desviante os dados obtidos foram distribuídos por onze sub-domínios mutuamente exclusivos, dez dos quais correspondem a comportamentos desviantes únicos e um à combinação de vários tipos de comportamento desviante. Assim, no sub-dominio crime foram incluídos artigos sobre o estudo da personalidade em criminosos, delinquentes ou reclusos, como por exemplo a elaboração de perfis de personalidade segundo o crime cometido, funções cognitivas no criminoso, prognóstico do comportamento delincente no adolescente, etc.

No sub-dominio toxicodependência foram considerados artigos sobre o consumo de drogas, tratamento e reabilitação de toxicodependentes, relações familiares em famílias de toxicodependentes, funções psicológicas no toxicodependente, etc.

Relativamente ao sub-dominio alcoolismo, foram incluídos artigos sobre o consumo de álcool, relações familiares no sujeito alcoólico, tratamento do alcoolismo, acidentes provocados por alcoólicos, funções psicológicas no alcoólico, etc.

No sub-dominio tabaco foram considerados artigos centrados nos efeitos físicos ou psicológicos da nicotina, na relação entre personalidade e uso de tabaco, motivação para fumar, etc.

Para o sub-dominio desordem mental foram utilizados artigos sobre o estudo da psicopatologia, esquizofrenia, neurose, depressão, desordens bipolares, obsessão-

compulsão, fobia, etc. No entanto, quanto os artigos se referiam ao tratamento ou intervenção nestas patologias foram incluídos no domínio intervenção.

No que se refere ao sub-domínio desordem do apetite foram considerados artigos sobre alterações do apetite, referindo-se à anorexia, bulimia ou obesidade ligada a psicopatologia.

No sub-domínio desordem sexual foram incluídos artigos sobre homossexualidade, androgeneidade, transsexualismo, incesto, ofensas sexuais alterações do comportamento sexual, prostituição e violação (segundo a vítima e não o violador, visto este ser considerado no sub-domínio crime).

No sub-domínio comportamento violento foram incluídos artigos sobre a violência familiar ou conjugal, maus tratos familiares, abuso e negligência de crianças, etc.

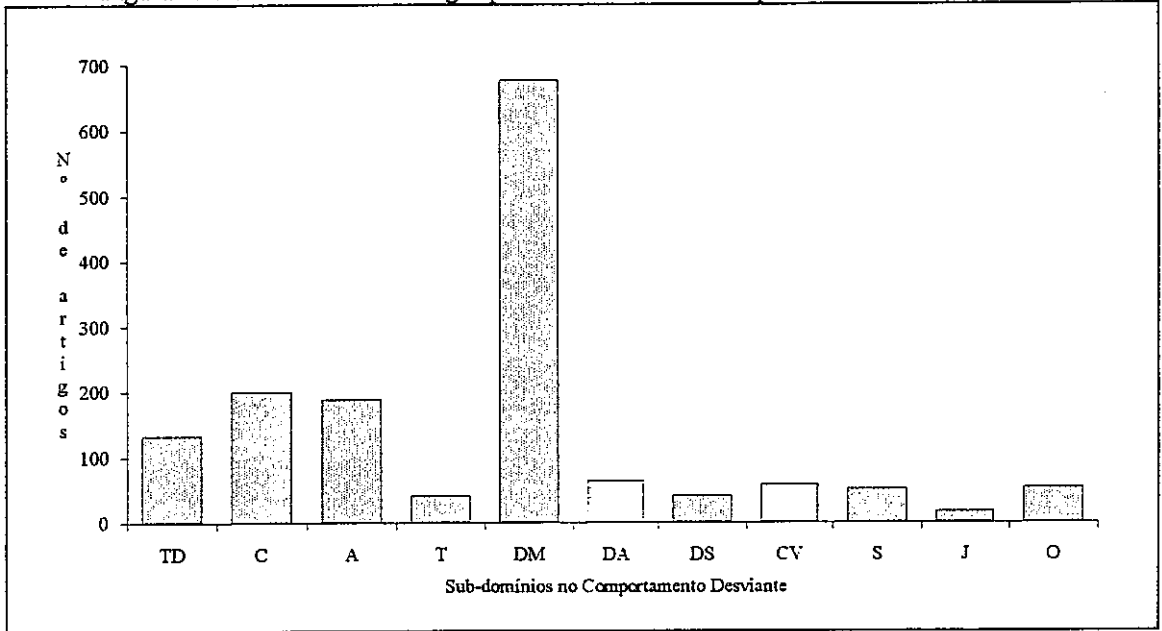
No sub-domínio suicídio foram incluídos artigos sobre suicídio ou tentativas de suicídio, referindo-se quer aos próprios sujeitos quer ao estudo de factores exteriores ao sujeito que eventualmente tenham contribuído para este comportamento.

Para o sub-domínio jogo foram incluídos artigos sobre o jogo enquanto comportamento patológico e obsessivo, referindo-se quase todos a jogadores viciados em jogos de azar ou apostas.

Por fim, foi ainda considerado um sub-domínios que resultou da combinação de alguns dos domínios anteriores, sendo designado por vários comportamentos desviantes, incluindo sobretudo artigos que se ocuparam do estudo de vários comportamentos aditivos ou da associação entre comportamentos aditivos e desordem mental.

Efectuando a distribuição do número de artigos por sub-domínio (Fig. 3.2.2.3) verificamos que a desordem mental apresenta o valor mais elevado. Em seguida surge o crime, logo seguido do alcoolismo e da toxicodependência. Com valores mais baixos encontramos as desordens do apetite, o comportamento violento, a combinação de vários comportamentos desviantes, o suicídio, as desordens sexuais e o tabaco e por fim o jogo.

Figura 3.2.2.3 - Número de artigos por sub-domínio no Comportamento Desviante



Analisando os vários sub-domínios em termos de percentagem (Quadro 3.2.2.4), cerca de 44% dos resultados obtidos são representados por apenas um sub-domínio. Nos restantes, cerca de 23% pertencem aos comportamentos aditivos e 13% ao crime, sendo os restantes 20% constituídos pelos outros seis sub-domínios (respectivamente desordens do apetite, desordens sexuais, comportamento violento, suicídio, jogo e vários comportamentos desviantes).

Quadro 3.2.2.4 - Nº de artigos e percentagem por sub-domínios no Comportamento Desviante

Sub-domínios no Comportamento Desviante	Nº artigos	%
Crime (C)	200	13.12
Toxicodependência (TD)	132	
Alcoolismo (A)	188	23.76
Tabaco (T)	42	
Desordem Mental (DM)	677	44.42
Desordem do Apetite (DA)	64	4.20
Desordem Sexual (DS)	42	2.76
Comportamento Violento (CV)	58	3.81
Suicídio (S)	51	3.34
Jogo (J)	17	1.12
Vários Comportamentos Desviantes (O)	53	3.47
Total	1524	100

Da análise dos domínios de aplicação dos artigos obtidos, verificamos que a maioria dos artigos centra-se no estudo da personalidade no âmbito do comportamento desviante ou das funções psicológicas, bem como na apresentação de modelos teóricos, sendo raros os estudos que se centram nas emoções. Pelo seu interesse para o nosso trabalho analisamos com mais pormenor os domínios do comportamento desviante, personalidade e avaliação de instrumentos, tendo verificado a propósito dos instrumentos de avaliação que a maioria dos artigos centra-se na avaliação de questionários, e que no domínio da personalidade a preocupação principal remete para a identificação de traços ou factores que a caracterizem. Por fim, no domínio do comportamento desviante a maioria dos artigos centra-se no estudo da desordem mental, aparecendo os comportamentos aditivos ou o crime com uma diferença substancial.

Tendo efectuado uma breve caracterização dos domínios de aplicação do estudo da personalidade, centramo-nos no tipo de estudo efectuado, que passamos seguidamente a descrever.

3.2.3. Tipo de estudo

Ao efectuarmos a análise por domínio verificamos que era possível caracterizar o tipo de estudo quanto à sua perspectiva temporal, bem como quanto à sua inovação.

Assim, tomando como referência a totalidade de artigos e atendendo a que a personalidade sofre modificações ao longo do tempo, consideramos importante identificar quantos artigos referiam o estudo longitudinal dos sujeitos (Quadro 3.2.3.1), tendo verificado que apenas 2% dos artigos o fazem, enquanto os restantes estudam a personalidade apenas num único momento da vida do sujeito.

Quadro 3.2.3.1 - Nº e percentagem de artigos que efectuam estudos longitudinais

Estudo longitudinal	Nº artigos	%
Não	8393	97.90
Sim	179	2.10
Total	8572	100

No que se refere à inovação, identificamos se o artigo apresentava uma contribuição inovadora para o estudo da personalidade, ou se pelo contrário efectuava uma revisão da literatura na área da personalidade, o que interpretamos como uma preocupação de avaliação do tema e de consolidação dos conhecimentos produzidos. Verificamos (Quadro 3.2.3.2) que apenas 2% dos artigos efectuam revisões da literatura, por oposição a 98 % que apresentam a sua perspectiva específica.

Quadro 3.2.3.2 - Nº e percentagem de artigos que efectuam revisão da literatura

Revisão da Literatura	Nº artigos	%
Não	8388	97.85
Sim	184	2.15
Total	8572	100

No que se refere ao tipo de estudos verificamos então que a maioria dos artigos efectua o estudo da personalidade num único momento da vida do sujeito, sendo raros os estudos longitudinais, bem como os estudos de revisão da literatura, que parecem ser fundamentais num tema com tanta dispersão de áreas de estudo. No entanto esta preocupação com a consolidação dos conhecimentos produzidos pode também estar traduzida nos estudos incluídos na categoria crítica (Quadro 3.2.2.1), que verificamos representar cerca de 3 % do total de artigos sobre personalidade.

Tendo efectuado uma breve caracterização do tipo de estudos, descrevemos seguidamente a distribuição dos artigos por unidade de análise ou dimensão da personalidade.

3.2.4. Unidades de análise da personalidade

Apesar de termos adoptado um modelo sistémico da personalidade, durante a caracterização dos artigos por domínio verificamos que um grande número de artigos tinha como objectivo identificar traços ou factores que caracterizavam a personalidade. Efectuamos então uma outra análise dos artigos, para identificar quantos artigos referem a existência de unidades de análise da personalidade e de que modo estas são definidas.

Tomando como referência a totalidade dos artigos começamos por identificar dois grandes tipos de unidades de análise consoante a terminologia utilizada pelos artigos. Assim, encontramos referência à designação traços, referida como aspectos estáveis e específicos da personalidade e integrados numa teoria explicativa bem definida (ex: neuroticismo, locus de controle, tipo A, etc). Encontramos também referências à designação diferenças individuais, descrita como um aspecto específico que caracteriza um sujeito ou grupo de sujeitos, mas que não se baseia ou remete para uma teoria explicativa concreta. Ou seja, aparentemente os artigos que referem o estudo das diferenças individuais parecem constituir análises iniciais de aspectos do comportamento, sendo frequente encontrar referências no final destes artigos a um esboço de teoria da personalidade que enquadre estas diferenças individuais e as designe por algo melhor definido, como traço, factor ou dimensão da personalidade. Encontramos também estudos que não discriminam unidades de análise, referindo simplesmente o estudo da personalidade de modo global e inespecífico.

Analisando a distribuição dos artigos por categoria (Quadro 3.2.4.1), verificamos que a maioria dos artigos (65 %) referem o estudo da personalidade sem especificar traços, ou seja, fazem um estudo global. Comparando a referência a traços e a diferenças individuais há pouca diferença no número de artigos para cada um, apesar dos traços serem ligeiramente mais referidos (19 % por oposição a 13%). Por fim, encontramos apenas 2% de artigos que se referem simultaneamente aos traços e às diferenças individuais.

Quadro 3.2.4.1 - Nº de artigos e percentagens por unidade de análise

Unidade de análise	Nº artigos	%
Não específica	5600	65.33
Diferenças Individuais	1114	13.00
Traços	1682	19.62
Traços e Diferenças Individuais	176	2.05
Total	8572	100

Vendo um pouco melhor os traços referidos, e que recorde-se remetem para enquadramentos teóricos precisos, foi possível considerar várias categorias. Assim, consideramos numa primeira categoria os traços *extroversão*, *impulsividade*, *neuroticismo* e *psicoticismo*, referidos por Eysenck (1947, 1953) retrabalhados também por Gray (1972). Na categoria *locus de controle* consideramos o traço definido por Rotter (1966), a propósito da atribuição que o sujeito faz ao que lhe acontece, enquanto na categoria *Tipo A / Tipo B* consideramos o efeito fisiológico da supressão da cólera, sobretudo a nível da actividade cardíaca (*coronary prone behaviour*), traço trabalhado sobretudo por Glass (1977) e Holmes (1983). Numa outra categoria consideramos o traço *sensation-seeking*, definido por Zuckerman (1971) como a tendência para procurar situações susceptíveis de desencadear emoções fortes. Na categoria *dependência/independência de campo*, consideramos o traço definido por Witkin e Goodenough (1981) a propósito dos estilos cognitivos, e na categoria *manhã/noite* consideramos o traço *morningness-eveningness* definido por Horne e Ostberg (1976) a propósito do momento de activação máxima do Sistema Nervoso Central em termos de eficácia. Na categoria *amplificadores/redutores* consideramos o traço definido por Petrie (1967) e Vando (1974) a propósito da forma como a estimulação é trabalhada pelo Sistema Nervoso Central. Por fim, encontramos um grande número de artigos que referem traços, mas com uma variabilidade tão grande de teorias, algumas apresentadas pela primeira vez nesse artigo, o que tornou difícil criar categorias específicas, tendo-se optado por criar a categoria vários.

Analisando os dados obtidos (Quadro 3.2.4.2) verificamos a maioria dos artigos que referem traços apresentam uma grande variabilidade, o que pode sugerir que esses artigos apresentam e defendem diferentes teorias sobre a personalidade. Entre os traços considerados individualmente por autor, aqueles que se baseiam na teoria de Eysenck aparecem nitidamente como tendo o maior número de artigos. Com valores mais baixos aparecem os traços definidos por Petrie e Vando, bem como por Horne e Ostberg.

Quadro 3.2.4.2 - Nº de artigos e percentagem por traços de personalidade		
Traços de personalidade definidos por	Nº artigos	%
Extroversão, impulsividade, etc	564	30.36
Locus de controle	169	9.10
Tipo A / Tipo B	146	7.85
Procura de emoções fortes	52	2.80
Dependência de campo	30	1.62
Manhã /noite	11	0.59
Amplificadores/redutores	7	0.38
Vários	879	47.30
Total	1858	100

Tendo efectuado uma breve caracterização dos estudos em função das unidades de análise da personalidade, verificamos que a maioria dos artigos não apresenta unidades de análise específicas. Contudo, alguns artigos apresentam como unidade os traços ou as diferenças individuais, remetendo estas geralmente para formulações iniciais de modelos explicativos. Quanto aos traços, a maioria dos artigos que os referem efectuam geralmente a apresentação da sua teoria de personalidade, o que cria uma grande variabilidade de designações e definições de traços. Salientam-se contudo os traços definidos por Eysenck, alvo de um grande número de estudos quando comparados com traços definidos por outros autores. Um aspecto que nos parece ser importante realçar é o facto das emoções não aparecerem de forma explícita como unidade de análise em nenhum dos autores ou teorias encontrados.

Apresentamos seguidamente a caracterização dos estudos quanto ao tipo de instrumento utilizado.

3.2.5. Instrumento

Analizamos também o tipo de instrumento ou medida utilizada no estudo da personalidade, distinguindo em categorias separadas os questionários, índices fisiológicos e entrevista. Como encontramos algumas centenas de artigos que utilizaram simultaneamente algumas destas medidas, consideramos separadamente a sua caracterização.

Analizando a distribuição dos artigos por categoria (Quadro 3.2.5.1) verificamos que mais de metade dos artigos (56%) refere a utilização dos questionários. A outra metade dos artigos é constituída maioritariamente (38%) pelos artigos que não referem nenhuma medida. Os índices fisiológicos são utilizados em apenas 4.4% dos artigos, embora nesta percentagem em 2.7% dos artigos o sejam simultaneamente com questionários. Finalmente, a entrevista é pouco utilizada no estudo da personalidade, seja isoladamente ou em conjunto com os questionários.

Quadro 3.2.5.1 - Nº de artigos e percentagem por tipo de medida		
Tipo de medida	Nº artigos	%
Não referida	3271	38.16
Questionário	4868	56.79
Índice fisiológico	148	1.73
Questionário e Índice fisiológico	230	2.68
Entrevista	47	0.55
Entrevista e Questionário	8	0.09
Total	8572	100

Como numa fase inicial do trabalho colocamos a hipótese de utilizar medidas fisiológicas no estudo da personalidade, efectuamos uma análise detalhada dos índices utilizados, apesar de posteriormente termos desistido deste tipo de medidas. Assim, vendo os índices fisiológicos com mais pormenor, efectuamos uma distribuição de acordo com o tipo de dados fisiológicos considerados, tendo sido criadas várias categorias. Encontramos alguns artigos que apesar de referirem a utilização de medidas fisiológicas não as especificaram, bem como alguns artigos que se centram na análise de

substancias especificas (ex: hormonas, neurotransmissores, sangue, plasma, ácido úrico, etc) ou de órgãos ou sistemas (ex: lobo temporal, olhos, pulmões, sistema nervoso vegetativo, aparelho digestivo), relacionando o seu funcionamento com características da personalidade. Por fim, consideramos também a utilização de índices fisiológicos específicos, como o índice electrodermico, electromiográfico, electrocardiográfico, respiratório, electroencefalográfico, etc.

Analisando a distribuição de artigos por categoria (Quadro 3.2.5.2) verificamos que poucos artigos não identificam as medidas que utilizam, aparecendo os índices fisiológicos como a medida mais utilizada (68%), embora um grande número de artigos (25%) utilizam a análise de substancias ou zonas corporais especificas. Dentro dos índices fisiológicos verificamos que a análise das actividades cardíaca e neuronal apresentam a maior frequência de utilização.

Quadro 3.2.5.2 - Nº de artigos e percentagem por medida fisiológica		
Tipo de medida fisiológica	Nº artigos	%
Indeterminada	26	6.88
Substância/orgão	95	25.13
Índice fisiológico	257	67.99
Total	378	100

Após uma breve caracterização dos instrumentos utilizados no estudo da personalidade, e que nos permitiu verificar que os questionários são maioritariamente o instrumento mais utilizado, efectuamos a caracterização dos sujeitos utilizados nos diferentes estudos, sendo esta descrita seguidamente.

3.2.6. Sujeitos

Antes de iniciarmos a caracterização dos sujeitos utilizados nos diferentes estudos, efectuamos uma breve identificação dos artigos que utilizam sujeitos. Assim, tomando como base a totalidade dos artigos, verificamos (Quadro 3.2.6.1) que a maioria efectua estudos de tipo empírico, embora cerca de 22% dos artigos constituam discussões teóricas sobre a personalidade.

Quadro 3.2.6.1 - Nº de artigos e percentagem por tipo de artigo		
Tipo de artigo	Nº artigos	%
Discussão teórica	1802	21.95
Análise empírica	6408	78.05
Total	8210	100

Centrando-nos nos artigos que efectuam análises empíricas, efectuamos então a caracterização dos sujeitos utilizados quanto ao seu número, constituição em grupo de controle/experimental, tipo de sujeito, idade e sexo.

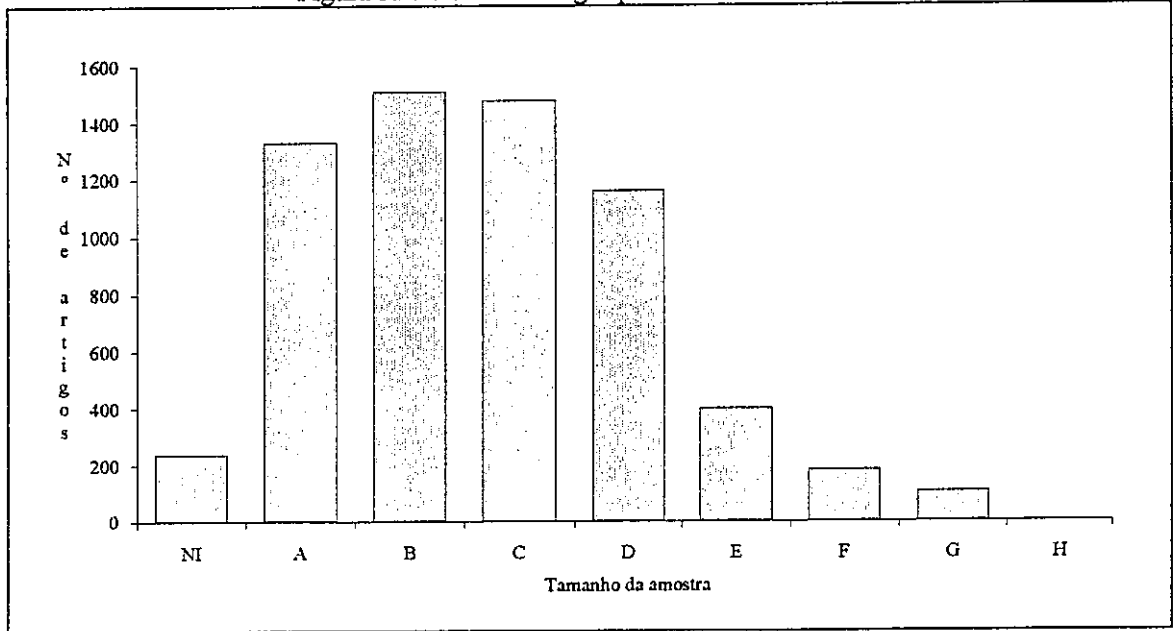
Quanto ao número de sujeitos, encontramos alguns artigos que referem ter efectuado análises empíricas e caracterizam os sujeitos utilizados mas não indicam o seu número preciso. Dos artigos que indicam o número de sujeitos, encontramos valores que variavam desde 1 a 35000 sujeitos, com uma média de 280 e desvio padrão 760. Como este resultado não traduz de modo pormenorizado os dados obtidos, efectuamos uma análise mais detalhada, criando várias categorias de acordo com o tamanho das amostras utilizadas.

Analisando a distribuição dos artigos por categoria (Quadro 3.2.6.2 e Fig. 3.2.6.1) verificamos que a maioria dos estudos utiliza entre 50 a 100 sujeitos, entre 100 a 200, menos de 50 sujeitos ou entre 200 a 500 sujeitos, representando 85% dos artigos. Encontramos também alguns artigos que utilizam entre 500 e 35000 sujeitos, bem como alguns artigos que não definem o número de sujeitos utilizados.

Quadro 3.2.6.2 - N° de artigos e percentagem por tamanho da amostra

Número de sujeitos	N° artigos	%
número indefinido (NI)	240	3.75
1 - 50 (A)	1330	20.76
50 - 100 (B)	1508	23.53
100 - 200 (C)	1478	23.07
200 - 500 (D)	1161	18.11
500 - 1000 (E)	398	6.21
1000 - 2000 (F)	183	2.86
2000 - 10000 (G)	107	1.66
10000 - 35000 (H)	3	0.05
Total	6408	100

Figura 3.2.6.1. N° de artigos por tamanho da amostra



Em relação ao número de sujeitos, a maioria dos estudos utiliza tanto amostras pequenas (entre 1 a 50 sujeitos) como amostras grandes (entre 50 a 500 sujeitos), existindo 15% de artigos que utiliza um número bastante elevado de sujeitos (entre 500 e 35000). Ou seja, a tendência parece ser para a utilização de grandes amostras, quando actualmente se defende a ideia de pequenas amostras ou até a utilização de um único sujeito, no sentido da análise da individualidade enquanto dimensão não generalizável (são disso exemplo as metodologias biográficas, a análise de narrativas ou a análise de biogramas, esta última desenvolvida recentemente por Agra).

Ao analisarmos o número de sujeitos, verificamos que muitos artigos apresentavam uma distinção entre grupo de controle e grupo experimental, utilizando por vezes diferente número de sujeitos. Decidimos então analisar todos os estudos empíricos identificando o tipo de grupo utilizado. Encontramos alguns artigos que não definiam a distribuição dos sujeitos, enquanto outros utilizavam apenas o grupo experimental e ainda outros que utilizavam vários grupos experimentais e grupo de controle.

Efectuando a distribuição dos artigos por categoria (Quadro 3.2.6.3) verificamos que há um grande número de artigos que não efectua a distinção por tipo de grupo (cerca de 28%), enquanto a maioria dos estudos (63%) utiliza apenas um grupo experimental. Por fim, encontramos poucos artigos que utilizam vários grupos experimentais e menos ainda que o fazem incluindo também o grupo de controle.

Quadro 3.2.6.3 - Nº de artigos e percentagem por tipo de grupo		
Tipo de grupo	Nº artigos	%
Grupo indefinido	1812	28.28
grupo experimental	4015	62.66
grupo experimental + grupo de controle	404	6.30
vários grupos experimentais	129	2.01
vários grupos experimentais + grupo de controle	48	0.75
Total	6408	100

Em relação ao tipo de grupo verificamos que a maioria dos estudos utiliza apenas um grupo experimental, sugerindo uma preocupação em estudar um grupo específico (grupo experimental) e não de o comparar com outros grupos.

Conhecendo o tipo de grupo, fomos analisar o tipo de sujeito, classificando-o em função das suas características e tendo considerados várias categorias. Assim, nos estudantes foram considerados artigos que referiam como sujeitos alunos, qualquer que fosse o nível destes, podendo variar desde a escola primária até ao mestrado. Para os sujeitos com comportamento desviante foram considerados toxicodependentes, delinquentes, criminosos, alcoólicos, sujeitos com desordem mental, desordem sexual,

desordem do apetite, suicidas, etc, ou seja, sujeitos com comportamentos incluídos no domínio de aplicação do comportamento desviante. No que se refere aos sujeitos com doença física foram incluídos artigos que utilizavam sujeitos com doenças físicas ou lesões orgânicas, como por exemplo cancerosos, acidentados, hipertensos, asmáticos, ulcerosos, sujeitos que tiveram enfarte de miocardio, etc. Na categoria grupos profissionais foram considerados artigos sobre o estudo da personalidade em grupos específicos caracterizados por corresponderem a uma profissão, como por exemplo engenheiros, médicos, enfermeiros, terapeutas, professores, empresários, executivos, arquitectos, policias, pilotos de avião, trabalhadores não qualificados, etc. Na categoria grupos familiares foram incluídos artigos que utilizavam sujeitos com laços familiares entre si, como mãe/criança, casais, irmãos, etc, enquanto na categoria militares foram considerados artigos que referiam como sujeitos militares ou prisioneiros de guerra. Para os sujeitos ligados ao desporto foram incluídos artigos que usavam como sujeitos atletas, treinadores ou árbitros de modalidades desportivas, enquanto nos sujeitos ligados à religião foram considerados artigos cujos sujeitos eram membros de grupos religiosos ou seitas, bem como lideres ou personalidade importantes num grupo religioso específico. Nos grupos não profissionais foram incluídos todos os artigos que utilizavam sujeitos que não se enquadravam em nenhuma das categorias anteriores, como por exemplo dadores de sangue, viúvas, albinos, índios, reformados, acrobatas, donos de cães, imigrantes, turistas, etc. Por fim, foi ainda criada a categoria "vários", na qual foram incluídos artigos que utilizavam simultaneamente duas ou mais das categorias anteriormente descritas.

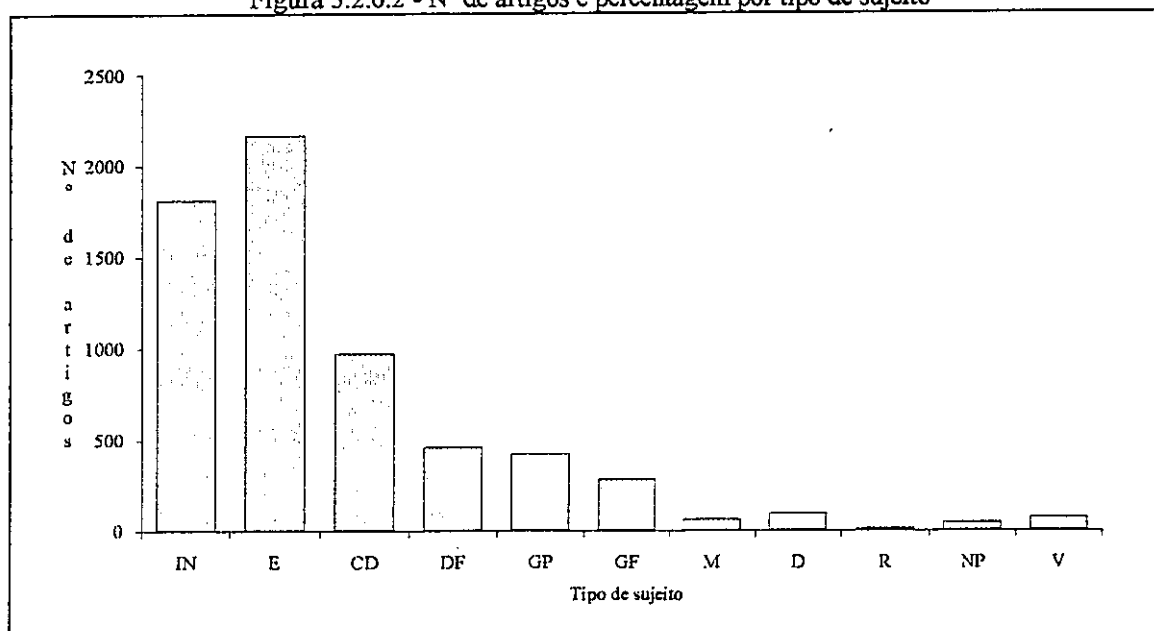
Efectuando a distribuição do numero de artigos por categoria (Quadro 3.2.6.4 e Fig. 3.2.6.2) verificamos que a maioria dos estudos utiliza como sujeitos estudantes ou não especifica o tipo de sujeitos. Em seguida surge a utilização de sujeitos com comportamentos desviantes (15%) e com valores nitidamente inferiores o uso de sujeitos com doença física (7%), grupos profissionais (6.6%) ou grupos familiares (4.4%). Com valores muito pequenos surge a utilização de sujeitos ligados ao desporto, à religião,

militares e grupos não profissionais, havendo também alguns estudos que utilizam vários tipos de sujeitos simultaneamente.

Quadro 3.2.6.4 - Nº de artigos e percentagem por tipo de sujeito

Tipo de sujeito	Nº artigos	%
Indefinido (IN)	1812	28.28
Estudante (E)	2169	33.84
Comportamento desviante (CD)	971	15.15
Doença física (DF)	460	7.18
Grupos profissionais (GP)	422	6.59
Grupos familiares (GF)	281	4.39
Militares (M)	63	0.98
Desporto (D)	97	1.51
Religião (R)	14	0.22
Grupos não profissionais (NP)	45	0.70
Vários (V)	74	1.16
Total	6408	100

Figura 3.2.6.2 - Nº de artigos e percentagem por tipo de sujeito



Tendo analisado o tipo de sujeito constatamos que a maioria dos estudos utiliza estudantes ou sujeitos não especificados, bem como sujeitos com comportamentos desviantes, podendo esta última categoria ser explicada pelo facto do comportamento

desviante aparecer como um dos domínios de aplicação mais referidos a propósito do estudo da personalidade. Ou seja, aparentemente os estudos sobre personalidade parecem ser estudos da personalidade de estudantes, pois os artigos que não especificam o tipo de sujeitos, pela descrição da investigação sugerem que terão sido utilizados estudantes. No que se refere ao comportamento desviante, esta área parece ser fortemente dominada pela saúde mental e não por outro tipo de comportamentos desviantes como o estudo da droga ou do crime.

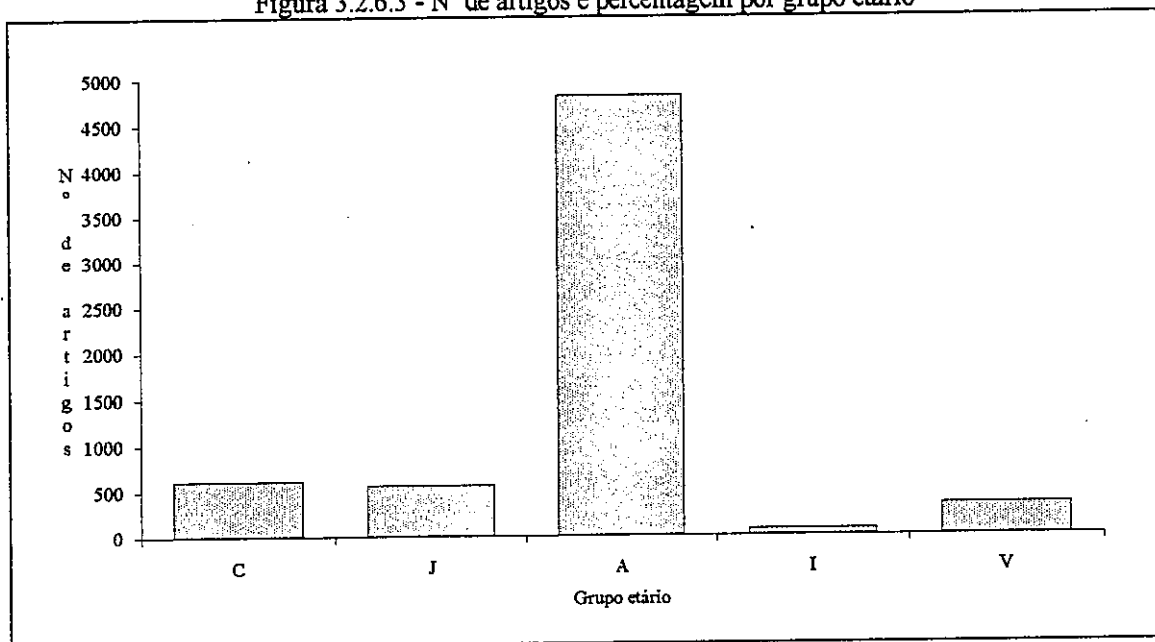
Em seguida caracterizamos os sujeitos pela sua idade, tendo a distribuição dos artigos sido efectuada com base na idade concreta dos sujeitos, ou quando tal não era possível, a partir da palavra-chave correspondente referida à idade (ex: childhood, adulthood, old age, etc). Consideramos as categorias criança (artigos que referiam utilizar sujeitos com idade inferior a 12 anos), adolescente (entre 12 e 18 anos), adulto (entre 18 e 60 anos) e idoso (idade igual ou superior a 60 anos). Encontramos também alguns estudos que utilizaram simultaneamente diferentes grupos etários, sendo designados pela categoria "vários".

Analisando a distribuição por grupo etário (Quadro 3.2.6.5 e Fig. 3.2.6.3.) verificamos que a grande maioria dos artigos utiliza sujeitos adultos (75%), embora também sejam utilizadas crianças (10%) ou adolescentes (9%). Os idosos são utilizados em apenas 1 % dos artigos, enquanto a utilização simultânea de diferentes grupos etários representa 5% dos artigos.

Quadro 3.2.6.5 - N° de artigos e percentagem por grupo etário

Grupo etário	N° artigos	%
Criança (C)	615	9.60
Adolescente (J)	566	8.83
Adulto (A)	4811	75.07
Idoso (I)	71	1.11
Vários (V)	345	5.39
Total	6408	100

Figura 3.2.6.3 - N° de artigos e percentagem por grupo etário



No que se refere ao grupo etário verificamos então que a maioria dos artigos utiliza adultos. Para terminar efectuamos ainda a caracterização dos sujeitos em função do sexo, utilizando as categorias sexo masculino, sexo feminino, sexo não referenciado e ambos os sexos (Quadro 3.2.6.6). Verificamos que a maioria dos artigos não define o sexo dos sujeitos que utiliza (59%) ou utiliza sujeitos de ambos os sexos (22%). Quando é utilizado apenas um dos sexos, os sujeitos do sexo masculino aparecem em maior número (10%), apesar da diferença em relação ao sexo feminino ser pequena (9% dos artigos utilizam sujeitos do sexo feminino).

Quadro 3.2.6.6 - N° de artigos e percentagem por sexo dos sujeitos

Sexo dos sujeitos	Nº artigos	%
Não referenciado	3774	58.90
Sexo feminino	556	8.68
Sexo masculino	660	10.30
Ambos os sexos	1418	22.12
Total	6408	100

Analisado o sexo dos sujeitos verificamos que a maioria dos estudos não refere o sexo dos sujeitos ou utiliza sujeitos de ambos os sexos. Através dos dados obtidos

podemos tirar algumas conclusões quanto aos sujeitos utilizados. Assim, a maioria dos artigos utiliza amostras que variam entre 51 a 200 sujeitos, constituídas apenas por um grupo experimental, formado por sujeitos adultos, estudantes e cujo sexo não é referenciado ou são usados os dois sexos.

Efectuada a caracterização dos sujeitos utilizados nos diferentes estudos, é possível extrair algumas conclusões quanto à caracterização global do discurso sobre a personalidade.

3.3. O discurso sobre a personalidade : caracterização global

Depois da análise dos 8572 artigos sobre personalidade publicados entre 1983 e 1991 é possível caracterizar de forma global o discurso produzido sobre a personalidade durante este período de tempo. Assim, pode dizer-se que durante o período analisado a produção de artigos sobre personalidade apresentou um aumento progressivo do número de artigos, acompanhando a tendência global das restantes áreas de publicação. No entanto, até 1986 a área da personalidade apresenta um aumento da sua representatividade no total de artigos, atingindo neste ano cerca de 3% das publicações, valor que um ano depois desce para cerca de 1.9%. A partir desta descida de representatividade assistimos a oscilações entre 1987 e 1991, mas sem nunca atingir os 2%, ficando então abaixo do valor máximo obtido. Pode-se então concluir que a produção de artigos sobre personalidade apesar de acompanhar a tendência global de publicações, apresentando um aumento progressivo ao longo dos anos, representa apenas entre 2% a 3% do total de artigos publicados. No entanto, não é possível dizer-se com segurança que parece ser uma área pouco estudada, pois isso implicaria conhecer todas as áreas abarcadas pela base de dados, o que não faz sentido para o nosso trabalho.

No que diz respeito aos temas estudados nos artigos sobre personalidade, foram obtidos catorze grandes domínios, respectivamente por ordem decrescente de número de artigos : comportamento desviante, funções, personalidade, avaliação de instrumentos, interacção, intervenção, educação, trabalho, critica, emoções, desporto, uso de animais,

militar e religião. Convém recordar que esta categorização se baseou nas palavras-chave, no título e no resumo de cada um dos artigos, o que implica subjectividade de quem faz a categorização, e sobretudo um enviezamento dos dados, visto o resumo muitas vezes não dar uma ideia clara de tudo o que o artigo completo abrange.

Tendo estudado com mais pormenor os domínios comportamento desviante, personalidade e avaliação de instrumentos, através dos dados obtidos conclui-se que apesar do comportamento desviante aparecer como o domínio com maior número de artigos, esse número descia significativamente se fossem considerados apenas os comportamentos aditivos e o crime (objecto deste trabalho), já que a desordem mental representa quase metade dos artigos dentre deste domínio. Nesta perspectiva, o comportamento desviante deixaria então de ser o domínio com maior número de artigos, passando a estar situado numa posição intermédia nos vários domínios considerados. Relativamente ao domínio personalidade constata-se que as preocupações maiores são o estudo de traços, factores ou diferenças individuais, bem como as teorias ou modelos explicativos da personalidade, enquanto na avaliação de instrumentos a preocupação central remete para a utilização de questionários.

No que se refere ao tipo de estudos, a maioria dos artigos efectua o estudo da personalidade num único momento da vida do sujeito, sendo raros os estudos longitudinais. Além disso, são também pouco frequentes os estudos de revisão da literatura e os estudos de crítica a outros artigos, que parecem ser fundamentais num tema com tanta dispersão de áreas de estudo, contribuindo para a consolidação dos conhecimentos produzidos. Relativamente às unidades de análise da personalidade, foi possível constatar que a maioria dos artigos faz um estudo global da personalidade, não especificando unidades, traços ou dimensões. Quando há a referência a aspectos específicos, existe pouca diferença entre a referência a traços baseados em teorias específicas e o estudo das diferenças individuais, e embora relativamente aos traços baseados em teorias exista uma grande variabilidade de traços e teorias, a teoria desenvolvida por Eysenck aparece como a mais utilizada.

Quanto aos instrumentos utilizados para o estudo da personalidade, são largamente referidos os questionários, havendo poucos artigos que referem a utilização de outro tipo de medidas, nomeadamente as baseadas em dados fisiológicos. Finalmente, quanto à utilização de sujeitos, a maioria dos artigos efectua análises empíricas, recorrendo a amostras com um número variado de sujeitos, utilizando quer amostras pequenas (entre 1 a 50 sujeitos), quer amostras grandes (entre 50 a 500 sujeitos), e sendo estas geralmente constituídas apenas por um grupo experimental, formado por sujeitos adultos, estudantes e cujo sexo não é geralmente definido.

Tentando caracterizar o discurso sobre a personalidade, os artigos analisados sugerem que ainda domina a procura da personalidade como aspecto determinante do comportamento humano, sobretudo no que se refere a comportamentos considerados como desviantes, dos quais a desordem mental aparece como o mais estudado. Assiste-se também a uma grande variabilidade de modelos e teorias explicativas, associadas ou não a unidades de análise como os traços, factores ou dimensões da personalidade, bem como à utilização dominante de questionários como instrumento e de estudantes como sujeitos. Articulado estes dados com os objectivos do nosso trabalho, as emoções são pouco utilizadas na sua relação com a personalidade, que é vista como uma entidade global ou repartida por traços ou dimensões demasiado específicas e limitadoras. Quanto à análise de comportamentos desviantes, esta é efectuada numa lógica determinista e de causalidade linear, procurando encontrar a personalidade típica e anormal responsável por estes comportamentos.

Como conclusão, podemos dizer que o discurso produzido sobre a personalidade, entre 1983 e 1991 ainda não traduz o paradigma sistémico-comunicacional-informacional, apesar deste ser já visível em algumas teorias desenvolvidas neste mesmo período de tempo. Além disso, nem sequer considera as emoções como um dos determinantes fundamentais do comportamento e da personalidade.

Através de todos os dados obtidos é possível extrair algumas conclusões mais globais, que apresentamos seguidamente.

4. Conclusões

Tentando analisar a associação entre personalidade e emoções, verificamos que nem sempre esta é referida, sendo poucas as teorias da personalidade que consideram as emoções como um dos seus elementos, e raras as teorias das emoções que enquadram estas no sistema da personalidade. No entanto, actualmente a tendência predominante vai no sentido de considerar as emoções como um elemento fundamental na estrutura e funcionamento da personalidade, defendendo-se a existência de uma influência recíproca. Contudo, esta tendência não se manifesta ainda no discurso produzido sobre a personalidade entre os anos de 1983 e 1991. Neste domina a procura da personalidade como aspecto determinante do comportamento humano, sobretudo no que se refere a comportamentos considerados como desviantes, dos quais a desordem mental aparece como o mais estudado. Assiste-se também a uma grande variabilidade de modelos e teorias explicativas, associados ou não a unidades de análise como os traços, factores ou dimensões da personalidade, incluindo estes raramente as emoções. Uma possível explicação poderá ser o facto desta preocupação ser recente, pois só a partir dos anos noventa se começa a defender com mais vigor, por um lado uma visão multidimensional da personalidade, e por outro uma visão da emoção integrada nas características individuais, de que a personalidade constituiria o melhor tradutor (Izard, 1993, 1995; Magai & McFadden, 1995).

No que se refere à análise do comportamento desviante, esta domina no estudo da personalidade, sendo contudo efectuada numa lógica determinista e de causalidade linear, procurando encontrar a personalidade típica responsável por estes comportamentos. Nesta personalidade as emoções raramente são incluídas, lacuna que se estende aos restantes estudos sobre o comportamento desviante, como demonstraremos no Capítulo IV. No entanto, antes de avançar para este, abordaremos o conceito e as teorias da emoção, aspectos que desenvolvemos seguidamente no Capítulo III.

Capítulo III

As emoções

1. Introdução

Depois de termos verificado que existe uma associação entre personalidade e emoções, sendo estas consideradas como um dos elementos constituintes da personalidade, analisamos agora com mais pormenor o estudo das emoções.

A importância das emoções no estudo do comportamento humano tem sido referida desde que existem documentos escritos, apesar da Psicologia só recentemente considerar as emoções como um dos seus mais importantes sujeitos e objectos de estudo (Izard, 1991; Magai & McFadden, 1995). Assim, na história do estudo das emoções encontramos num extremo autores como Duffy ou Lindsley, que sugerem a substituição do conceito de emoção pelo conceito de *arousal* (activação neurofisiológica), que apresentaria um maior poder explicativo e também um menor poder de confusão, enfatizando apenas a componente neurofisiológica da emoção. No outro extremo encontramos autores como Royce ou Izard e Tomkins, que consideram que as emoções constituiriam um sistema motivacional fundamental. Entre estes dois extremos encontramos autores que dizem que as emoções são fenómenos transitórios ou disruptivos, enquanto outros defendem que os indivíduos estão sempre a experienciar emoções, ou seja, que toda a sua vida e todo o seu comportamento não existiria sem o domínio afectivo, tendo este como função a organização, motivação e manutenção do comportamento.

Tentando descrever a evolução do estudo das emoções, apresentamos seguidamente várias das definições deste conceito, bem como a evolução histórica destas definições. Como cada definição surge enquadrada numa teoria, referimos também as diferentes teorias formuladas sobre a emoção. Por fim, apresentamos como conclusão a nossa própria definição de emoção, construída em função dos objectivos deste trabalho.

2. O estudo das emoções

2.1. As definições do conceito de emoção

Para falarmos do conceito de emoção convém primeiro definir o que entendemos por emoção, o que não é fácil, pois a emoção não é uma entidade única ou algo que dependa de uma variável claramente identificável, mas sim um processo complexo, onde podemos distinguir diferentes elementos (como por exemplo sensações corporais, expressão facial, verbalização, mímica, postura, etc) cuja designação e importância variam consoante os autores e os modelos teóricos, o que levou Strongman (1987) a dizer que a definição de emoção constitui um *"desafio"*, tão grande é a diversidade de definições. No entanto, dentro desta diversidade existe unanimidade na ideia de que nenhum dos elementos referidos, quando considerado isoladamente é suficiente para caracterizar e definir a emoção (Fraisse & Piaget, 1975; Reuchlin, 1981; Schwartz, 1986; Strongman, 1987; Izard 1993; Damásio, 1995).

Referindo algumas das mais conhecidas definições do conceito de emoção, verificamos que para Fraisse e Piaget (1975) a emoção seria constituída pelos afectos ou sentimentos (cujas denominações são frequentemente usadas para designar as emoções, como por exemplo o medo ou a cólera), pelas manifestações neuro-vegetativas (alterações no corpo do indivíduo, percebidas ou não por este) e pelas manifestações expressivas da face ou do corpo (alterações na mímica ou postura, percebidas essencialmente pelos outros e não pelo próprio indivíduo). Já segundo Reuchlin (1981), durante a emoção destacam-se a vivência individual, a expressão facial e as alterações no funcionamento do corpo. Para Schwartz (1986) incluiria respostas, possivelmente simultâneas, em três sistemas expressivos, que seriam o verbal, o motor e o fisiológico (incluindo neste os sistemas autónomo, cortical e neuromuscular). Também numa perspectiva tripartida, Cacioppo, Petty e Andersen (1988), Ney e Gale (1988), Tomkins (1980), e Izard e Buechler (1980) referem que as emoções teriam uma tradução simultaneamente fisiológica, comportamental e subjectiva, enquanto Dimberg (1988) refere as mesmas componentes, mas designando-as por fisiológica ou autónoma (a propósito do Sistema Nervoso Autónomo ou Vegetativo), comportamental ou

expressiva, e por fim, subjectiva ou experiencial. Já mais recentemente, Damásio (1995) define emoção como a combinação de um processo avaliatório mental (processo este que pode ser simples ou complexo) com respostas disposicionais a este processo. Estas respostas seriam sobretudo dirigidas ao corpo propriamente dito (resultando num estado emocional do corpo), podendo contudo ser também dirigidas ao cérebro (o que provocaria alterações mentais adicionais).

Tentando sintetizar as diferentes definições, Strongman (1987) define a emoção como *"sentimento, um estado corporal que envolve estruturas físicas, um comportamento específico ou geral e ocorre em situações específicas"*, realçando o facto dos vários investigadores definirem o conceito de emoção de diferentes modos e adoptarem diferentes perspectivas, vendo apenas uma parte da questão e não havendo consenso. Para Royce e Diamond (1980) este problema seria agravado pelo facto de cada definição se enquadrar numa teoria e cada teoria ser elaborada em torno de uma definição, criando-se um circuito fechado que não facilitaria questionar uma definição, pois isso implicaria pôr em questão toda a teoria envolvente, desmotivando-se deste modo as tentativas para uma definição de emoção unanimemente aceite pela comunidade científica.

Deste modo o termo emoção não tem o mesmo significado para todos, o que levou Kleinginna e Kleinginna (1981) a categorizarem as inúmeras definições existentes, concluindo a partir delas que a emoção é um complexo conjunto de interecções entre factores objectivos e subjectivos, mediados por sistemas neuronais e hormonais, e que podem provocar : 1) experiências afectivas como sentimentos de excitação, de prazer ou desprezar; 2) processos cognitivos como a percepção de efeitos emocionalmente relevantes, avaliações e processos de categorização; 3) activação de processos gerais de ajustamento fisiológico às condições excitadoras; 4) comportamentos que são geralmente, mas nem sempre expressivos, adaptativos e dirigidos a um objectivo. Contudo, esta definição foi fortemente criticada (Strongman, 1987), pois ao tentar englobar todos os aspectos torna-se tão geral que não define adequadamente o termo.

Para além das definições próprias de cada autor, existem ainda os problemas da terminologia utilizada, pois emoções, paixões, sentimentos, humor e afectos aparecem misturados. Por exemplo, Frijda (1986) considera os sentimentos como o sentir menos intenso de uma emoção, correspondendo a uma reflexão controlada desta, enquanto Rodrigues e col. (1989) distingue emoções (fenómenos afectivos intensos que surgem de forma brusca e rapidamente desaparecem), sentimentos (fenómenos afectivos estáveis que resultam da intelectualização das emoções, sendo menos intensos do que estas) e paixões (fenómenos afectivos intensos não intelectualizados durante algum tempo, obrigando a um forte dispêndio de energia psíquica e física). Por sua vez Descartes (1637) refere paixões em vez de emoções, pois considera a paixão como sinónimo de estado afectivo geral, enquanto Damásio (1995) refere emoções e sentimentos, definindo estes como a experiência das modificações provocadas pela emoção no corpo e no cérebro, dependendo da justaposição de uma imagem do corpo com uma imagem de outra coisa, como um rosto ou uma melodia. Para Strongman (1987), a emoção é frequentemente definida como estado mental ou fisiológico do organismo que afecta o comportamento, raramente se discriminando a resposta fisiológica e a resposta comportamental quando se tentam conhecer os efeitos da emoção enquanto resposta. Se considerarmos ainda o nível do senso comum, verificamos que o termo emoção é frequentemente utilizado como sinónimo de comoção (ex: estar comovido ou emocionado) ou de descontrole (perda de controle do comportamento), opondo-se emoção à razão (Wagner, 1988). Os sentimentos e afectos remetem para um sentir estável e prolongado no tempo (Frijda, 1986; Rodrigues et al., 1989), enquanto o humor é definido unanimemente como o conjunto de emoções subjacentes a um determinado momento, sendo aquelas que permanecem mais tempo e que determinam a característica principal do indivíduo durante esse dia, sendo frequentemente associado à personalidade.

Como é facilmente constatado, existem diferentes definições de emoção e cada uma remete para uma teoria diferente. Por estas razões decidimos apresentar a nossa definição de emoção apenas depois de termos efectuado uma descrição das diferentes teorias desenvolvidas em torno do conceito de emoção. No entanto, antes de

abordarmos estas torna-se necessário enquadrar o estudo da emoção numa perspectiva histórica, vendo a forma como o conceito de emoção tem sido utilizado ao longo do tempo e como isso implica o aparecimento de diferentes definições.

2.2. Evolução histórica do estudo da emoção

Tentando descrever do ponto de vista histórico o estudo da emoção, verificamos que as primeiras referências à emoção aparecem na filosofia racionalista de Aristóteles (Fraisie & Piaget, 1975; Frijda, 1986; Strongman, 1987; Scherer, 1988a), ideia levada ao extremo posteriormente por Descartes, com o seu dualismo mente/corpo (Frijda, 1986; Strongman, 1987).

Assim, Descartes (1637) na sua obra *As paixões da alma* diferencia o Homem e o animal, dizendo que enquanto no animal teríamos um processo automático de entrada de um estímulo e saída de uma acção corporal, no Homem este processo seria mediado pela razão, sofrendo interferências da emoção, que afectaria a orientação do comportamento, sendo responsável por tentativas instintivas de resposta a condições do meio. Considerava que as emoções teriam quatro grandes funções : orientar os fluidos animais no corpo, preparar rapidamente o corpo para responder aos estímulos do meio, preparar a mente para desejar os objectivos que a natureza estipulou que fossem desejados e manter o desejo por estes objectivos. O estímulo exterior iria afectar a glândula pineal através dos órgãos dos sentidos e esta iria simultaneamente fazer a mente apreender o estímulo e activar os fluidos animais. Estes iriam agir sobre a glândula pineal convertendo o sentimento que estava na glândula pineal em emoção. Teríamos então as emoções, as comoções corporais e as acções. Resumindo a sua teoria, podemos dizer que a emoção interferiria entre o estímulo e a resposta, tornando a resposta menos racional do que deveria ser.

A partir do dualismo cartesiano começou a dar-se atenção à dupla face da emoção (Fraisie & Piaget, 1975), traduzida nos termos *agitação afectiva* e *agitação orgânica*, o que impediu os filósofos e psicólogos dos séculos XVIII e XIX de

apresentarem definições coerentes sobre as emoções. As definições construídas eram então de tipo intelectualista, vendo as manifestações corporais como uma consequência dos acontecimentos psíquicos, como é bem exemplificado, entre outros por Herbart (1924, In Fraisse & Piaget, 1975), que supõe que a representação é o principal elemento psicológico. Os sentimentos corresponderiam a relações entre as representações e as emoções seriam uma desordem mental provocada pelo desacordo ou conflito entre as representações. Por exemplo, a tristeza resultaria do confronto entre a imagem de alguém vivo e a imagem dessa pessoa morta. Este estado afectivo produziria de modo involuntário e reflexo as lágrimas e as restantes manifestações corporais da dor.

Também Wundt apresenta uma definição de tipo intelectualista (Fraisse & Piaget, 1975; Frijda, 1986; Ortony, Clore & Collins, 1988; Scherer, 1988a), defendendo que as emoções são inicialmente modificações internas, isto é, efeitos imediatos que os sentimentos exercem sobre as representações ou contra estas, sendo as sensações corporais uma mera consequência das emoções, apesar de afectarem os estados de alma. Recorde-se que Wundt no seu estudo das emoções utilizava simultaneamente o método *impressivo* (baseado na introspecção) e *expressivo* (baseado no registo das respostas orgânicas, como a respiração), o que lhe permitia abranger dois dos três componentes da emoção.

Em relação à história moderna das emoções, a maioria dos autores (Fraisse & Piaget, 1975; Reuchlin, 1981; Frijda, 1986; Strongam, 1987; Ortony, Clore & Collins, 1988; Parkinson, 1988; Wagner, 1988; Echebarria & Paez, 1989; Izard, 1990a; Wyer & Srull, 1993; Ellsworth, 1994; Lang, 1994) considera que começou com um artigo de William James, publicado em 1884 e intitulado *What is a emotion?*, e no qual James contradiz a visão corrente da época. Segundo esta, a emoção resultaria de uma sequência, iniciada com a percepção de um objecto que vai desencadear a emoção, esta percepção provocaria um sentimento que seria a emoção, e este sentimento iria exprimir-se através do corpo, provocando neste modificações orgânicas.

Para James (1894) as modificações orgânicas seguem-se à percepção e é a consciência que temos dessas modificações, à medida que vão acontecendo, que



constitui a emoção como entidade psíquica, podendo então esquematizar-se o fenómeno segundo a ordem : percepção - modificações orgânicas - consciência destas modificações - emoção. Ou seja, se tentarmos imaginar uma emoção sem as sensações corporais, não restará nada na consciência, pois as sensações são sentidas durante a emoção e não depois desta. A emoção resultaria então da tomada de consciência das alterações periféricas desencadeadas pela percepção de um estímulo perturbador, alterações estas que ao serem percebidas pelo indivíduo seriam transformadas num sentimento, constituindo este a emoção. As alterações periféricas poderiam ser semelhantes em diferentes emoções, sendo a distinção entre emoções feita a partir da avaliação e interpretação do contexto, e poderiam também ocorrer noutros contextos que não o das emoções (ex: tremer por ter frio ou por ter medo). A percepção e avaliação do estímulo desencadeador da emoção seriam fundamentais, pois este teria significado diferente consoante as experiências anteriores do indivíduo. Por exemplo, o aparecimento de um urso perante um caçador ou um turista desencadearia emoções diferentes, sentindo o turista medo por avaliar o urso como algo ameaçador capaz de lhe provocar danos, enquanto o caçador sentiria alegria por se encontrar perante a presa desejada. Além disso a emoção de medo teria diferentes intensidades variando com a proximidade do urso, e por consequência com a intensidade da ameaça. Apesar de James salientar a importância da interpretação do estímulo, a sua teoria ficou mais conhecida pelo valor atribuído às alterações periféricas ou sensações corporais, o que levou muitos investigadores a utilizarem uma óptica reducionista na aplicação prática da teoria de James (Ellsworth, 1994). No entanto, posteriormente, as teorias de tipo cognitivo retomam a ideia da tomada de consciência na emoção, enfatizando a importância do sentir consciente e vendo nas ideias de James as primeiras referências à ligação entre cognição e emoção (Izard, 1990a).

Em 1885 Lange (Frijda, 1986; Strongman, 1987; Wagner, 1988) apresenta uma teoria semelhante à de James (embora de conotação mais comportamentalista), na qual realça o Sistema Nervoso Vegetativo como responsável pelas alterações periféricas. Estas duas teorias, apesar de algumas diferenças surgem geralmente associadas,

defendendo ambas a existência de um padrão específico das emoções, pois se estas resultam da percepção de sensações periféricas, e se estas sensações variam com os estímulos, então as emoções seriam diferentes. Ou seja, o feedback resultante das alterações nos órgãos (ex: vísceras e músculos esqueléticos) produziria o sentir de algo e a consciência deste sentir seria a emoção, implicando quer as vísceras quer os músculos, o que abriu caminho para muitas investigações sobre os padrões de resposta corporal e sobre as expressões das emoções, posteriormente muito estudadas respectivamente por Izard e por Ekman.

Comparando as duas teorias, e já nos nossos dias, Lang (1994) refere que apesar de ambos se centrarem nas respostas e sensações corporais, James enfatizava mais o momento de consciencialização da emoção, enquanto Lange realçava a fisiologia da emoção, desprezando a consciência. No entanto, como eram duas teorias com bastantes elementos em comum, historicamente ficaram associadas, o que favoreceu interpretações muito diferentes, que por vezes contribuíram para o descrédito destas duas teorias.

William James e Lange foram então os primeiros autores a produzir uma teoria sobre a existência de emoções diferentes, ligadas a uma base instintivo-biológica e a um sentir diferentes. Aparecem como os grandes responsáveis pela ligação entre emoções e sensações corporais, vendo estas não como uma perturbação psíquica mas como uma resposta do organismo à situação, ideia já defendida por Darwin (1877) que via as reacções emotivas como um comportamento útil ou como um resquício da evolução das espécies, defendendo a continuidade entre o Homem e os animais (ex: a expressão de cólera serviria para assustar o adversário, as mãos no ar com medo seriam para melhor fugir para as árvores, e os lábios na expressão de nojo tomariam a mesma forma que no vómito).

Após a apresentação desta teoria surgiram algumas críticas, feitas sobretudo a James (James, 1894; Fraisse & Piaget, 1975; Parkinson, 1988; Izard, 1990a; Lang, 1994). Uma delas resulta do facto das respostas orgânicas serem idênticas em diferentes emoções, podendo mesmo aparecer sem existir emoção. James contrapõe que nestas modificações orgânicas incluía para além da resposta vegetativa as expressões faciais e

corporais, que facilmente distinguimos entre emoções diferentes. Uma outra crítica refere que as vísceras são insensíveis, não sendo sentidas as respostas vegetativas, excepto para as emoções, o que James rebate ao dizer que incluía na resposta orgânica para além das vísceras, outros órgãos e sistemas independentes do sistema neurovegetativo, como o riso e o ranger de dentes. Posteriormente, nos anos vinte, Maranon (Fraisie & Piaget, 1975; Frijda, 1986; Lang, 1994) demonstrou que provocando artificialmente as modificações viscerais associadas às emoções não era possível desencadear as emoções, embora os indivíduos usem para as descrever os termos "como se fosse a emoção de". James já não era vivo para responder a esta crítica, mas uma interpretação destes resultados foi feita por Schachter (Schachter, 1964; Schachter & Singer, 1962; Echebarria & Paez, 1989), realçando a interpretação do contexto o que incluía os aspectos cognitivos, presentes na teoria de James, embora de forma pouco explícita.

No entanto as críticas mais fortes partiram de Cannon e Bard (Fraisie & Piaget, 1975; Frijda, 1986; Strongman, 1987; Wagner, 1988; Lang, 1994), que defendem a existência de um único padrão de alterações fisiológicas, igual para todas as emoções e dependente da activação da vertente ortossimpática do Sistema Nervoso Vegetativo, sendo as emoções diferenciadas apenas através dos sentimentos, que estariam estes associados ao tipo de estímulo. Esta activação prepararia o organismo para fazer face ao estímulo perturbador e a emoção seria esta resposta de emergência do organismo, resposta esta comum para todos os estímulos. Na neurofisiologia das emoções realçam não o córtice, como James e Lange fizeram, mas as estruturas sub-corticais, sobretudo o tálamo, que ao enviar informação para o córtice e para as vísceras iria transformar a simples sensação fisiológica em emoção. Ou seja, todas as emoções dependeriam de uma cadeia de passos idênticos que começaria pelo enviar da informação recebida pelos órgãos dos sentidos para o tálamo e deste para o córtice. Em seguida o tálamo activaria as vísceras e músculos, enquanto o córtice estimularia os processos talâmicos de um modo particular consoante as emoções, recebendo um feedback talâmico. A qualidade peculiar de cada emoção seria adicionada a uma simples sensação quando se activa o tálamo, o que implicaria então que quando há a descarga talâmica sentimos a emoção ao

mesmo tempo que ocorrem as alterações corporais. Cannon e Bard começaram então por criticar James e só mais tarde apresentaram uma teoria alternativa, que ficou conhecida como a teoria talâmica ou neurofisiológica, bastante semelhante à de James e de Lange, excepto no facto de apresentar o tálamo como tendo um papel primordial. Apesar de posteriormente se ter verificado que os passos a nível neurofisiológico seriam bem mais complicados do que os Cannon e Bard descrevem, a sua teoria foi importante pela descrição detalhada dos aspectos neurofisiológicos.

A hipótese de Cannon e Bard foi operacionalizada nos anos sessenta por Hohmann (Fraisie & Piaget, 1975; Lang, 1994), que estudou as reacções de doentes com lesões medulares, vendo que eles experienciavam emoções sem sensações corporais, tendo contudo uma diminuição das reacções afectivas. Mais tarde, na década de setenta Fehr e Stern (Fraisie & Piaget, 1975) demonstraram que apesar da percepção das respostas vegetativas não ser a fonte da emoção, é um elemento importante para esta. Deste modo, apesar de mais tarde se ter descoberto que a nível neurofisiológico os passos seriam bem mais complicados do que os que Cannon e Bard descrevem, estes dois investigadores foram importantes para a descrição pormenorizada da neurofisiologia das emoções.

Paralelamente às investigações de Cannon e Bard, um outro autor, McDougall (Frijda, 1986; Strongman, 1987; Frank, 1988; Ortony, Clore & Collins, 1988; Wagner, 1988) adopta uma perspectiva fora do âmbito da neurofisiologia das emoções, defendendo que todo o comportamento do animal resulta de dois objectivos : procurar alimento e evitar estímulos nocivos. assim, o que habitualmente se designa por emoção ou sentimento, ocorreria junto com estes processos, resultando do modo como o indivíduo percebe o meio e as alterações fisiológicas no organismo. Existiriam dois sentimentos extremos (o prazer e a dor), que afectariam todo o comportamento do indivíduo. No entanto, o Homem, sendo mais complexo do que os animais, teria mais experiências, e através das suas cognições estabeleceria um continuo entre os dois sentimentos extremos. O permanente sentir deste continuo de sentimentos seriam as emoções. A partir desta definição podemos notar que o autor se referia aos instintos e às

motivações primárias, que têm como componentes o saber, o sentir e o procurar por algo, aos quais se associa frequentemente alguma excitação emocional. Sugeriu que as emoções se reflectiam em discretas modificações corporais e viscerais, e que podiam ser distinguidas das cognições que ocorrem em simultâneo com elas. Diz ainda que podemos distinguir as emoções primárias das secundárias. As emoções primárias começariam pela percepção de um estímulo, por exemplo um estímulo ameaçador, que provocaria sentir medo e o fugir, reflectindo todo este processo uma necessidade básica de sobrevivência. A qualidade de uma emoção primária seria então dada pelo experienciar de uma motivação bem diferenciada. Quando duas ou mais sensações corporais ocorrem simultaneamente então teríamos as emoções secundárias. No entanto, quer as emoções primárias quer as secundárias dependeriam apenas de um único impulso ou motivo, seriam comuns ao Homem e aos animais, poder-se-iam misturar e perdurariam no tempo. Refere ainda os sentimentos complexos, que seriam condicionados pelo sucesso ou fracasso nos nossos esforços de procurar por algo e que vão colorir outras tentativas semelhantes. Estes sentimentos seriam típicos do Homem, dependendo do desenvolvimento cognitivo deste, não sendo entidades nítidas, reflectindo uma série mal definida de experiências e sentimentos, e não se misturariam entre si. Exemplifica esta ideia com os comportamentos de medo e curiosidade que acompanham os sentimentos complexos de ansiedade e esperança.

Também na mesma época, Watson, fundador do Behaviorismo, ocupou-se com o estudo das emoções (Fraisse & Piaget, 1975; Frijda, 1986; Strongman, 1987; Ortony, Clore & Collins, 1988), definindo-as como um padrão de reacções hereditárias que englobam grandes alterações do mecanismo corporal no seu conjunto e particularmente dos sistemas visceral e glandular. Diferenciou também emoção e reacções instintivas, vendo a emoção como algo desorganizador para o organismo e acentuado sobretudo os aspectos comportamentais e não os sentimentos ou os estados fisiológicos internos. Estudou sobretudo as crianças, defendendo a existência do medo, cólera e amor, e descrevendo em pormenor com que estímulos eram desencadeadas e como se traduziam no comportamento da criança.

Alguns anos mais tarde, na década de trinta, Janet (Fraisie & Piaget, 1975; Rodrigues et al. 1989) vê a emoção como desorganizadora, resultando da percepção da ausência de meios necessários à adaptação, provocando por exemplo perda de memória, alteração dos hábitos e substituição de actos fáceis por actos difíceis. Também Piéron (Fraisie & Piaget, 1975) vê a emoção de modo negativo, como uma descarga anormal de energia nervosa, que excede a quantidade necessária para as reacções normais do indivíduo e que pode ser produzida mesmo sem ser necessária. Ambos contribuem para que a emoção seja vista como uma reacção de todo o indivíduo (incluindo o seu organismo) a uma situação à qual não é capaz de se adaptar. No entanto, enquanto para Darwin (Darwin, 1877; Frijda, 1986; Frank, 1988; Scherer, 1988a) a emoção era uma forma superior de adaptação, para Janet e Piéron era sinal de desadaptação. Wallon (Reuchlin, 1981) retoma a ideia de Piéron e diz que na criança as emoções aparecem sempre que uma estimulação provoca uma quantidade de tónus muscular que não é usado numa actividade capaz de o gastar gradualmente, gastando-o então através do riso, lágrimas os espasmos. A emoção seria então uma reacção primitiva diferenciada e organizada por centros sub-corticais.

Já nos nossos dias, Levenson (1988) defende uma perspectiva oposta, dizendo que a emoção é organização, pois a sobrevivência e evolução das espécies ao longo dos tempos é efectuada à custa da selecção das emoções. Esta selecção seria baseada na necessidade de um mecanismo eficiente capaz de mobilizar e organizar diferentes sistemas de resposta para lidar com acontecimentos do meio ameaçadores. As emoções ocorreriam então nas situações em que é necessária a organização rápida de um sistema múltiplo de respostas (não havendo tempo para deliberar, planear e reavaliar a situação) e um grau específico de coordenação entre diferentes sistemas como músculos da face, órgãos e vísceras. Neste modelo da emoção enquanto organização pressupõe-se que cada componente do sistema é capaz de dar diferentes respostas e que a emoção é o guia para seleccionar as respostas mais adequadas dentro de cada sistema.

Durante a análise da evolução histórica do conceito de emoção verificamos que esta se deu intimamente ligada ao aparecimento de diferentes teorias, pois há autores que

para legitimar a sua definição de emoção enquadram-na num contexto teórico, enquanto outros elaboram uma teoria a partir da qual podemos implícita ou explicitamente retirar uma definição de emoção. Tentando dar uma breve ideia da multiplicidade de teorias sobre a emoção, descrevemos seguidamente as principais teorias existentes.

3. Teorias da emoção

3.1. A sistematização das diferentes teorias

Perante as inúmeras teorias desenvolvidas sobre as emoções, torna-se necessária a existência de uma grelha de leitura que as permite organizar e descrever de forma facilmente perceptível. Esta tentativa de organização foi efectuada por vários autores, como Ney e Gale (1988), que referem que as muitas teorias sobre emoções poderiam ser divididas segundo as disciplinas que lhe dão origem em teorias evolutivas, comunicacionais, adaptativas, biológicas, sociológicas, baseadas na aprendizagem, no desenvolvimento, nas cognições e na activação, enquanto Strongman (1987) propõe uma categorização baseada nos grandes sistemas teóricos da psicologia. No entanto, Frijda (1986), Toates (1988) e Echebarria e Paez (1989) defendem uma classificação baseada nos principais aspectos considerados em cada definição da emoção.

Através das várias formas de organização, **adoptámos como critério de sistematização** das diferentes teorias os principais aspectos que cada teoria enfatiza, descrevendo então seguidamente as teorias de tipo neurofisiológico, comportamentalista, subjectivo-experiencial, cognitivista e sistémico. A ordem de apresentação destes grandes grupos de teorias foi estabelecida em função da evolução histórica do estudo da emoção, que parece ter começado pelos aspectos fisiológicos até chegar aos aspectos cognitivos, e, actualmente à emoção enquanto sub-sistema da personalidade.

3.2. Teorias neurofisiológicas

Este tipo de teorias corresponde aos primeiros estudos sobre o conceito de emoção, considerando esta como sendo baseada na activação ou numa perspectiva mais lata, na motivação. Assim, enfatizam os mecanismos fisiológicos da emoção, vendo-a como um contínuo resultante da activação, da motivação ou do prazer, e considerando que tem algumas raízes inatas. Numa perspectiva histórica este tipo de teorias corresponde aos primórdios da Psicologia, que com a sua necessidade de autonomização da Filosofia se liga às ciências exactas, procurando estudar o comportamento a partir de dados objectivos. Ora as emoções, com a sua componente introspectiva e fisiológica prestam-se exactamente a este tipo de análise, sendo possível identificar e medir as suas bases fisiológicas. Incluem-se nesta categoria as teorias de William James, Lange, Cannon e Bard, e McDougall, já descritas pela sua importância na evolução histórica do estudo da emoção. No entanto destacam-se ainda outros autores, como Papez, Lindsley, Schneirla, Young, Duffy, Gellhorn, Simon, Bindra, MacLean, Panksepp e Wiepkema, que apresentamos por ordem cronológica.

James Papez

Enfatizou as bases neurofisiológicas da emoção, identificando nos anos trinta um conjunto de estruturas cerebrais que estariam implicadas na emoção (Fraisie & Piaget, 1975; Frijda, 1986; Strongman, 1987; Rodrigues et al., 1989; Rodrigues, 1992). Deste modo, começou por constatar que nos vertebrados inferiores havia uma ligação anatómica e fisiológica recíproca entre o hipotálamo e os hemisférios cerebrais. Como nos mamíferos esta ligação era mais complexa levantou a hipótese da emoção ser mediada pelo sistema cortico-hipotalâmico, defendendo a ideia de um centro controlador das emoções hipoteticamente situado no cíngulo e no hipocampo. Através de investigações baseadas nas consequências emotivas e anatómicas da raiva enquanto doença infecciosa, descreveu um circuito fechado, que ficou conhecido como o circuito de Papez e no qual identifica o modo como a informação circula entre as várias estruturas corticais e sub-corticais durante os estados emocionais. Este circuito incluiria

o hipocampo ventral, o fornice, os tubérculos mamilares, o tálamo anterior, a circunvulsão do cíngulo e a circunvulsão parahipocámpica, verificando-se posteriormente que nele estavam também incluídas a região septal e a amígdala.

Para além de ter contribuído de modo importante para a identificação das bases biológicas da emoção, teoricamente ainda efectuou a distinção entre comportamento e sentimento na emoção, referindo a expressão emocional e a experiência emocional.

Donald Lindsley

Baseou a sua teoria, desenvolvida na década de cinquenta, no conceito de activação, fundamentando-se em vários dados empíricos obtidos através de registos electroencefalográficos e enfatizando o papel de estruturas diencefálicas (Fraisie & Piaget, 1975; Frijda, 1986; Strongman, 1987; Wagner, 1988). Assim, na emoção existiria uma dessincronização resultante do bloqueio do ritmo alfa, traduzindo esta alteração a activação. Esta, seria provocada pela estimulação directa da formação reticular ou através dos órgãos dos sentidos, sendo possível retomar a sincronia através de alterações intencionalmente provocadas em estruturas diencefálicas. Ao provocar a diminuição da activação o indivíduo apresentaria sonolência e apatia emocional. Através de experiências efectuadas em animais defende que os mecanismos de activação resultam da interacção entre a formação reticular e o diencéfalo, apresentando o sistema límbico como o grande responsável pelo controle da expressão emocional e pelo comportamento motivacional e emocional. Considera que a emoção seria expressa através de diferentes níveis ou canais, como o cortical (ex: ansiedade traduzida em activação cortical), visceral (ex: chorar na tristeza ou suar no medo) e somatomotor (ex: expressão facial das emoções), tendo geralmente tradução simultânea em vários destes níveis.

Apresenta uma teoria das emoções bastante baseada no conceito de activação, que estudou não só nas emoções mas em outras funções como atenção, sono e motivação, considerando a emoção como excitação corporal provocada pela activação de circuitos cerebrais específicos.

T. C. Schneirla

Centrando-se também nos aspectos fisiológicos da emoção, apresenta também nos anos cinquenta, uma teoria sobre o seu desenvolvimento no indivíduo (Fraisie & Piaget, 1975; Frijda, 1986; Strongman, 1987). Deste modo, define emoção como episódios ou sequências de ajustamentos somáticos, caracterizados por padrões fisiológicos típicos e implicando a interpretação dos estímulos em função do seu significado agradável ou desagradável. Estes ajustamentos seriam visíveis desde o nascimento do indivíduo, mas com o desenvolvimento do indivíduo a interpretação cognitiva tornar-se-ia cada vez mais importante. Defende a existência de dois tipos de interpretação, um designado por Tipo A e que seria desencadeado por estímulos de fraca intensidade, resultando em comportamentos de aproximação da fonte de estimulação. O outro, designado por Tipo W, seria provocado por estímulos de intensidade elevada, resultando em comportamentos de afastamento da fonte de estimulação. Centrando-se em estudos com crianças e com animais, acaba por associar esta visão fisiológica da emoção às motivações, vendo então a emoção como uma motivação específica.

P.T. Young

Também se baseia no conceito de activação mas dá-lhe uma conotação hedonista e motivacional, não falando em emoção como entidade mas em processos afectivos que estariam organizados num continuo hedónico (Fraisie & Piaget, 1975; Frijda, 1986; Strongman, 1987; Hamilton, Bower & Frijda, 1988). Na sua teoria, formulada na década de sessenta, os processos afectivos variariam em sinal (positivo ou negativo consoante um organismo apresenta um comportamento de aproximação ou de afastamento), intensidade (que variaria entre o máximo positivo e o máximo de negativo, passando pela indiferença) e duração (o tempo seria diferente consoante os processos), podendo existir diferentes combinações tendo em conta o sinal e a intensidade. Os processos afectivos seriam diferentes dos processos sensoriais pois têm uma função motivacional importante, regulando e influenciando o comportamento, e tendo várias características, como o serem uma consequência da estimulação, aproximarem ou afastarem o organismo da

fonte de estimulação, orientarem as motivações e afectarem a intensidade destas, afectarem a aprendizagem, poderem ser condicionados, etc. De um modo geral estes processos obedeceriam a um padrão de organização que tentaria maximizar a activação positiva e minimizar a negativa, o que permite notar que este conceito de processo afectivo remete para a noção de emoção enquanto dimensão da motivação.

E. Duffy

Considera, também nos anos sessenta, que o uso do conceito de emoção era mais prejudicial do que útil na ciência, pois era muito usado para referir um continuo no comportamento, quando na realidade existia no comportamento uma descontinuidade entre emoção e não emoção (Fraisse & Piaget, 1975; Frijda, 1986; Strongman, 1987; Wagner, 1988). Desenvolveu a ideia de que habitualmente referimos emoção ao que sentimos e agimos numa situação considerada importante, podendo as nossas expectativas ser positivas ou negativas. Deste modo, podemos sentir cólera ou medo quando não conseguimos atingir os objectivos propostos, implicando estas emoções alterações no nível de energia (ex: excitação representa um alto nível e depressão representa um baixo nível). Além disso, este nível é afectado também pelo estímulo, podendo ser aumentado quando há um bloqueio no atingir dos objectivos ou diminuir quando este bloqueio é removido ou quando os objectivos parecem ser impossíveis de atingir, levando o indivíduo a desistir. Considerando que todo o comportamento é motivado, vê a emoção como um extremo da motivação. No entanto, segundo esta perspectiva é difícil saber quando um comportamento é extremo e pode ser considerado emocional, pois o comportamento provocado pela emoção não difere dos outros comportamentos, já que todas as respostas são ajustadas, permitindo que o organismo se adapte.

Considera a emoção como desorganizadora, pois implica sempre um nível de energia muito alto ou muito baixo, bem como alterações na consciência. No entanto, segundo esta perspectiva não refere que pode existir desorganização em níveis intermédios e não ser considerada emoção, bem como o facto da consciência da emoção

ser diferente da consciência de outra situação, implicando a consciência da situação ambiental que leva ao estado emocional, a consciência das modificações corporais e a consciência da resposta dada.

Em suma, o comportamento implicaria alterações no nível de energia, na organização e no estado de consciência, ocorrendo estas num continuo em cujos extremos estariam as emoções. No entanto estas são definidas apenas pela sua posição neste continuo e pela sua desorganização na orientação do comportamento e na modificação dos níveis de energia, não sendo possível falar em emoções diferenciadas.

E. Gellhorn

Sugere que a base biológica da emoção constituiria na integração da actividade dos sistemas nervoso vegetativo e somático, podendo esta ser modificada através dos neurotransmissores e das hormonas (Gellhorn, 1964; Frijda, 1986; Scherer, 1988a). Centra toda a sua teoria no conceito de balanço ergotrópico/trofotrópico, apresentando experiências efectuadas sobre a actividade neuronal e cardíaca, que demonstram, por exemplo, que a estimulação de determinadas zonas do hipotálamo provoca excitação, enquanto a lesão de outras áreas provoca sonolência. Refere também o exemplo das anfetaminas, que iriam estimular a actividade do organismo e melhorar o humor (predomínio do pólo ergotrópico), enquanto os tranquilizantes iriam diminuir a actividade e deprimir o humor (predomínio do polo trofotrópico). A emoção iria interferir também com este balanço, desde a recepção da estimulação através das vias aferentes, até à implicação do sistema límbico e de outras estruturas corticais e sub-corticais, passando também pelas modificações induzidas pelos neurotransmissores e pelas hormonas. A componente cognitiva das emoções estaria associada a alterações no neocórtice, dependendo contudo estas das estruturas sub-corticais. Ou seja, existiria uma espécie de interruptor situado a nível hipotalámico, que controlaria o balanço ergotrofotrópico e que permitiria o experienciar da emoção, resultando a qualidade desta da avaliação cognitiva.

Apresenta pois uma teoria centrada nos aspectos neurofisiológicos da emoção, mas na qual refere já aspectos cognitivos, tendo a sua teoria sido criticada (Strongman, 1987) por parecer mais especulativa do que científica, nomeadamente com a sua noção de balanço comandado pelo hipotálamo. No entanto, a aplicação que faz desta teoria a desordens do comportamento (como a neurose e psicose) ou a doenças físicas (como a hipertensão e as úlceras pépticas) confirma o papel do hipotálamo na regulação deste balanço, bem como na possível interpretação distorcida da realidade (ex: a ansiedade afectaria os limiares de funcionamento fisiológico e afectaria a interpretação dos estímulos).

H. Simon

Apresenta na década de sessenta uma teoria na qual associa emoção e motivação (Toates, 1988). Assim, considera que todos os organismos vivos apresentam uma série de necessidades e de motivações sempre prontas a manifestarem-se, exigindo a sua satisfação ou execução imediata. No entanto, nem sempre este processo decorre da maneira mais simples, sendo por vezes interrompido por características do meio, como o aparecimento de um estímulo novo ou ameaçador. Esta interrupção iria desencadear a emoção, resultando esta na substituição de uma necessidade ou motivação por outra mais urgente e recente. Esta capacidade de interrupção e de substituição imediata seria benéfica, pois permitiria uma adaptação imediata à situação, sendo então a emoção considerada não como desorganizadora mas como adaptativa.

Dalbir Bindra

Também relaciona emoção e motivação, sugerindo que ambos os fenómenos podem ser relacionados através do conceito de "estado de motivação central", não podendo ser distinguidos e devendo falar-se em acções biologicamente úteis, que resultariam da interacção entre estímulos ambientais e alterações fisiológicas (Bindra, 1968; Strongman, 1987; Hamilton, Bower & Frijda, 1988). Esta interacção ocorreria no cérebro e envolveria o mesmo grupo de neurónios, produzindo um estado de motivação

central. Este não seria uma motivação, mas simplesmente uma alteração funcional a nível neuronal e que para ocorrer necessitaria de um estímulo ambiental e de uma alteração fisiológica no organismo. Por exemplo, a sensação de fome e o cheiro a comida teriam de ocorrer simultaneamente, pois ocorrendo isoladas não produziriam o estado de motivação central.

O estado de motivação central aumentaria a probabilidade de resposta a um estímulo ambiental, quer através da capacidade sensorial (traduzida nos processos de atenção selectiva), quer através da facilitação motora (alterando as descargas neuronais vegetativas e somáticas de modo a ajustar a resposta), ideia que seria válida quer para a emoção, quer para a motivação, apesar da emoção depender de um estímulo externo e a motivação depender de um estímulo interno. Considera também que erradamente o comportamento emocional é considerado como desorganizado enquanto o comportamento motivacional é visto como organizado, sendo esta avaliação baseada na experienciar da situação e da frequência com que ocorrem. Assim, a emoção estando mais associada a situações inabituais e ocorrendo menos vezes do que a motivação, levaria o indivíduo a ter respostas desorganizadas e pouco ajustadas.

Define também vários conceitos associados à emoção, que considera como níveis de resposta emocional, dizendo que a experiência emocional ou reconhecimento seriam a emoção subjectivamente relatada pelo indivíduo ou inferida de outros indivíduos, a activação emocional seriam as alterações nos processos corporais internos provocadas pelo estímulo exterior, e a acção emocional seriam os padrões de resposta visíveis, sendo difícil isolar cada um destes três aspectos, até porque todos dependeriam do estímulo emocional que os desencadearia.

Apresenta também uma teoria da emoção enquanto dimensão da motivação, mas refere a existência de vários níveis de resposta emocional, contribuindo deste modo para uma visão mais completa e complexa da emoção, na qual aspectos subjectivos aparecem associados a aspectos fisiológicos.

inclui no conteúdo agradável a cordialidade, amabilidade, entusiasmo, amor, veneração, exaltação e êxtase, e no conteúdo desagradável o ódio, hostilidade, cólera, ira, violência, medo, culpabilidade, ansiedade, dor mental, angústia, depressão e desespero. Por fim, considera ainda as emoções específicas, que incluiriam no conteúdo desagradável a dor, náusea, vertigens, mau cheiro, mau sabor, más sonoridades e más vistas, enquanto no conteúdo agradável encontraríamos o seu inverso, como o aliviar da dor e da náusea, o bom cheiro, etc. Este tipo de emoções remete então mais para aspectos perceptuais e sensações do que propriamente para as emoções. Através dos três tipos de emoções consideradas, verifica-se então o predomínio de aspectos biológicos, como as motivações de sobrevivência, as sensações e percepções.

Jaak Panksepp

Apresenta uma visão neurofisiológica da emoção, descrevendo a organização de circuitos neuronais estabelecidos durante os estados emocionais (comuns ao Homem e aos restantes mamíferos), procurando também aplicar esta visão às desordens emocionais e aos processos de aprendizagem (Panksepp, 1981, 1986, 1992; Frijda, 1986; Ortony, Clore & Collins, 1988). Considera que diferentes emoções implicariam diferentes circuitos neuronais, e apesar destes serem afectados pela aprendizagem seria possível a sua identificação através do estudo detalhado da organização cerebral. Define quatro circuitos diferentes, que implicam sobretudo o sistema límbico e outras estruturas sub-corticais, bem como diferentes neurotransmissores, associando cada um às emoções que designa por expectativa, medo, raiva e pânico. Refere também que a aprendizagem pode interferir com a organização de cada circuito, pois a memorização e a avaliação cognitiva que o indivíduo efectua na emoção implica incorporar no circuito dessa emoção estruturas corticais. No que se refere às desordens emocionais, defende que estas reflectiriam desequilíbrios na organização dos circuitos das emoções típicas de cada desordem, como por exemplo a expectativa para a esquizofrenia e depressão, ou a raiva para a psicopatia e desordens da personalidade.

Apesar da sua teoria enfatizar as bases biológicas da emoção, nomeadamente a sua componente evolutiva, realça também a importância da introspecção, que permitiria não só conhecer a experiência subjectiva vivida por cada indivíduo, mas também socorrer-se desta para melhor conhecer a organização dos circuitos neuronais.

P. Wiekema

Defende, já na década de oitenta, que a emoção está intimamente relacionada com o conceito de motivação, pois qualquer comportamento efectuado para atingir um objectivo desencadearia também respostas emocionais (Toates, 1988). Deste modo durante o comportamento motivado para atingir determinados objectivos seria sempre necessário comparar o objectivo proposto com as características da situação, o que desencadearia processos sucessivos de avaliação. Esta, desencadearia emoções positivas no caso do objectivo ser facilmente atingido, ou negativas, no caso de existir dificuldade. Contudo, as emoções negativas seriam benéficas porque facilitariam modificações no plano do comportamento, tornando-o mais adequado à situação. Salienta também que nem todos os comportamentos estariam associados a emoções, pois comportamentos habituais desencadeariam processos de rotina, que quando ineficazes seriam alterados sem desencadear emoções. Apresenta pois uma teoria que associada a emoção a situações diferentes da rotina dos programas de comportamento.

Através da descrição das diferentes teorias de tipo neurofisiológico é possível verificar que alguns autores dizem que as emoções remetem essencialmente para funções viscerais, enquanto para outros remetem para funções do sistema nervoso somático, e outros para a motivação. Esta aparece como um enquadramento mais global dos aspectos fisiológicos da emoção, vendo-a como uma forma de resposta biologicamente controlada e herdada e que teria como função garantir a sobrevivência do indivíduo e da espécie. Existiria então uma associação poderosa entre motivações e emoções, o que produziria uma combinação poderosa e explosiva, pois quando uma motivação primária não é satisfeita, pode desencadear emoções como por exemplo a cólera. Além disso, a partir do estudo do caso de Phineas Gage (Vincent, 1988; Damásio, 1995) ficou

definitivamente realçada a importância das estruturais cerebrais na emoção. Contudo, apesar das inúmeras investigações e da aceitação unânime da componente biológica das emoções, (sobretudo dos aspectos viscerais), poucas investigações têm conseguido demonstrar a existência de padrões fisiológicos específicos de emoções diferenciadas, limitando-se a investigação à demonstração de padrões associados a grupos de emoções, como as emoções positivas ou negativas.

Descritas as principais teorias de tipo neurofisiológico, descrevemos seguidamente as teorias baseadas na componente comportamental da emoção.

3.3. Teorias comportamentalistas

Centram-se nos aspectos comportamentais da emoção, vendo-a como dependente da natureza do reforço e da complexidade do condicionamento. Em termos históricos surgem como uma continuidade das teorias neurofisiológicas, preocupando-se com os aspectos objectivos da emoção, mas ampliando estes da fisiologia para o comportamento observável. Incluem-se nesta categoria as teorias de Millenson, Gray e Harlow.

J.R. Millenson

Defende, na década de sessenta, que as alterações emocionais resultam de processos de condicionamento que têm como objectivo aumentar ou evitar comportamentos não emocionais, podendo as emoções diferir em intensidade ou nível (Frijda, 1986; Strongman, 1987; Hamilton, Bower & Frijda, 1988). Considera três dimensões para representar as emoções, sendo a primeira constituída pelo terror, ansiedade e apreensão, que dificultariam ou facilitariam o comportamento operante. A segunda dimensão seria constituída pelo prazer, que aumentaria o comportamento operante, enquanto a terceira dimensão teria apenas a cólera, que facilitaria o comportamento operante aumentaria a capacidade de ataque e de destruição. Da

combinação destas três dimensões resultariam as emoções não básicas, sendo todas as emoções tipicamente humanas e não existindo nos animais.

Apresenta também uma teoria baseada nos mecanismos de condicionamento e nos processos de reforço, enfatizando a componente aprendida das emoções.

Jeffrey Gray

Desenvolveu, nos anos setenta, uma teoria sobre o desenvolvimento das emoções, sobretudo das emoções consideradas patológicas (Frijda, 1986; Strongman, 1987; Hamilton, Bower & Frijda, 1988; Ortony, Clore & Collins, 1988; Scherer, 1988a; Wagner, 1988; Wyser & Sruul, 1993). Define a emoção como um estado interno provocado por estímulos exteriores, sendo contudo diferente de pulsões ou instintos enquanto estados internos. Considera que a emoção estaria associada a três tipos de comportamento, cada um baseado no reforço de relações estímulo/resposta. Assim, se predomina o comportamento de aproximação, o estímulo é condicionado através de um reforço de não punição, enquanto se predomina o comportamento de inibição o estímulo é condicionado através de um reforço de punição ou de não atribuição de recompensa. Por fim, se predomina o comportamento de fuga ou luta o estímulo não é condicionado.

Centrando-se no estudo de medos inatos e ancestrais, bem como em comportamentos condicionados precocemente, tenta estabelecer as relações entre emoções e estímulos exteriores, salientando que quando esta relação se torna confusa as emoções tornam-se patológicas.

Harry Harlow

Apresenta uma teoria sobretudo de cariz comportamentalista, embora enfatize as bases neurofisiológicas da emoção definidas por Cannon e distinga emoções de sentimentos (Harlow & Mears, 1983; Frijda, 1986). Assim, considera que na base das emoções estariam respostas afectivas condicionadas, resultantes de alterações fisiológicas centrais sentidas como sentimentos. Todas as emoções seriam condicionadas por estas

respostas, tendo como objectivo modificar o estado afectivo incondicionado de modo a alargar o tipo de estímulos desencadeadores e a diminuir a violência da resposta original. Os estados emocionais básicos seriam os sentimentos e não as emoções, sendo estes controlados talamicamente, e podendo as emoções reflectir outros estados conscientes. Embora as emoções não sejam inatas, pois derivariam de respostas incondicionadas, teriam uma componente inata resultante dos quatro sentimentos fundamentais (prazer, desprazer, excitação e depressão), tendo também uma componente aprendida. Assim, a emoção seria a cognição da situação exterior, tendo o indivíduo uma capacidade inata de sentir à qual se acrescenta uma aprendizagem do sentir de várias emoções, diferenciando-se estas da massa de sentimentos através da análise introspectiva. Esta permitiria ligar as cognições sobre um estímulo exterior ao nível de significado atribuído a esse estímulo, resultando os nomes atribuídos a essas cognições através do condicionamento social. Por exemplo o medo e a cólera teriam a mesma origem, distinguindo-se contudo consoante o indivíduo foge ou ataca. Em suma, os sentimentos seriam os processos emocionais básicos e inatos, surgindo as emoções do seu condicionamento intra-individual ou social, implicando o condicionamento mecanismos corticais e sub-corticais.

Nas diferentes teorias de tipo comportamentalista o ênfase é colocado quer no comportamento observável, quer na sua componente aprendida. No entanto, estas teorias são fortemente criticadas por não darem importância à componente subjectiva da emoção, sendo então possível considerar um outro grupo de teorias, baseadas na experiência subjectiva da emoção, e que seguidamente descrevemos.

3.4. Teorias subjectivo-experienciais

Enfatizam a análise de dados subjectivos relatados pelo próprio indivíduo, o que as torna criticadas quanto à sua cientificidade, surgindo em termos históricos por oposição às teorias de tipo neurofisiológico ou comportamentalista. Incluem-se aqui as teoria de Ryle, Rapaport, Buytedijk, Sartre, Louch, Hilman, Peters, Fell e Lyons .

Gilbert Ryle

Defende, na década de quarenta, uma perspectiva da emoção enquanto vivência pessoal, considerando que esta seria constituída por sugestões, inclinações, motivações, humores e sentimentos, sendo estes diferentes e específicos de cada indivíduo (Strogman, 1987). Assim, as inclinações e os sentimentos estariam associados à antecipação de algo, implicando fisicamente sensações corporais e psicologicamente estados emocionais. As sugestões e as motivações remeteriam para predisposições do comportamentos, estando as primeiras mais associadas à influência do meio, e as segundas a aspectos inatos. por fim, o humor estaria associado à predisposição geral para experienciar determinados estados emocionais de modo mais frequente. Da combinação destes vários elementos resultariam as emoções, e apesar de incorporarem aspectos fundamentalmente inatos, a componente de aprendizagem desempenharia um papel importante, pois a forma de organizar os diferentes elementos seria efectuada em função de experiências anteriores bem sucedidas. Estas dependeriam da interpretação e vivência de cada indivíduo, resultando a emoção numa interpretação subjectiva específica de cada indivíduo.

David Rapaport

Apresenta, nos anos cinquenta, uma visão neofreudiana da emoção, considerando que apesar do conceito de emoção ter sido realçado por Freud, este nunca o definiu de forma clara, vendo-o ora como uma forma de energia psíquica, ora como descarga de energia resultante de instintos ou pulsões inconscientes (Frijda, 1986; Strongman, 1987). Propõe que a emoção seja considerada como um processo psíquico com uma base inconsciente, podendo traduzir-se em energia psíquica, em descargas de energia psíquica ou física, ou em conflitos entre instintos. Considera irrelevante a sequência entre percepção e emoção, defendendo que o sentir de uma emoção e o sentir de modificações fisiológicas seriam diferentes resultados de uma mesma variável. Desde modo o principal seria a percepção de algo, seja este a emoção ou uma sensação corporal, remetendo esta percepção para um momento do continuo entre prazer e desprazer.

Defende pois uma visão da emoção baseada em experiências subjectivas do indivíduo.

F.J.J. Buytedjik

Embora os seus trabalhos se enquadrem mais na área da Psicologia Animal e da Etologia (Buytedjik, 1952; Strongman, 1987), preocupa-se também com o ênfase que os factos têm para a ciência, questionando se os sentimentos ou as emoções constituem factos. Assim, exemplifica que se uma determinada pessoa provoca num indivíduo um certo sentimento, ou se uma dada situação desencadeia uma certa emoção, apesar dos sentimentos e das emoções serem entidades subjectivas, podem constituir um facto porque é inquestionável que foram experienciados por esses indivíduos e que desencadeiam geralmente comportamentos observáveis através da expressão emocional. Contudo estes comportamentos são frequentemente não intencionais, resultando da interpretação subjectiva que o indivíduo efectua e que dá um significado muito pessoal ao estímulo exterior. Relacionando sentimento e emoção, defende que o sentimento seria a componente cognitiva da emoção, remetendo esta para algo mais fisiológico e instintivo, apesar de ter um papel importante na interacção com o meio. Assim, se um estímulo desencadeia a emoção de alegria, o indivíduo pode involuntariamente sorrir, o que constitui uma informação útil para o meio com que interage, podendo mesmo modificar este. A interpretação cognitiva desta modificação fisiológica e das características do meio contribuiriam para a atribuição de significado final da situação, variando este com as características do indivíduo.

Jean Paul Sartre

Apresenta uma perspectiva existencialista da emoção, considerando que o indivíduo emocional e o objecto estão intrinsecamente ligados, pois o estado emocional do indivíduo vai afectar todas as suas percepções e estas por sua vez, pela sua tonalidade afectiva vão afectar o estado emocional, estabelecendo-se um circuito em que indivíduo e objecto são a mesma entidade (Sartre, 1965; Frijda, 1986; Strongman, 1987).

Considera também que a emoção implica uma modificação subjectiva do mundo, pois sendo a emoção uma tentativa para efectuar modificações qualitativas e subjectivas num objecto, afecta a interacção sujeito/objecto e por consequência a percepção da realidade. Por exemplo, se o indivíduo tem medo e foge de uma situação que avalia como ameaçadora, a fuga permite-lhe distanciar-se do objecto ameaçador, deixando este de o ser para o indivíduo, apesar do objecto não perder as suas características reais e objectivas. Deste modo, a emoção seria sempre acompanhada de uma experiência subjectiva e de uma crença na possibilidade de efectuar modificações qualitativas e subjectivas em algo real e exterior ao indivíduo.

Apresenta pois uma visão da emoção baseada no experienciar subjectivo do indivíduo, realçando também que na interacção com o mundo social tudo constitui uma potencial emoção, pois tudo pode em função das características e necessidades do indivíduo vir a ser interpretado em termos emocionais.

A.R. Louch

Apresenta, também na década de sessenta, uma perspectiva subjectiva da emoção, embora a defina como acção ou força que motiva o comportamento, sendo provocada por estímulos exteriores e simultaneamente causa do comportamento (Strongman, 1987). Considera também que a emoção seria menos a expressão de um comportamento e mais a tradução de uma força descontrolada, embora se concretiza depois num comportamento emocional que designa por sentimento. Enfatiza a vertente subjectiva da emoção, dizendo que cada indivíduo avalia as situações e objectos segundo critérios específicos e pessoais de prazer e dor, podendo estes variar com as características pessoais e com experiências anteriores.

James Hillman

Apresenta uma concepção de emoção baseada nas perspectivas desenvolvidas por Jung e por Aristóteles (Hillman, 1969), considerando que a emoção seria a apreensão simbólica de uma situação, integrando no conceito de emoção aspectos

fisiológicos, instintos, energia psíquica, estímulos interiores e exteriores, e representações conscientes e inconscientes. Defende que a causa material da emoção seria a energia, pois o corpo enquanto zona de transformações fisiológicas associadas à emoção é simultaneamente causa e consequência desta, sendo necessário existirem simultaneamente transformações fisiológicas e a representação destas na consciência. Considera também que a emoção seria um padrão completo que combinaria a expressão exterior e modificações fisiológicas interiores, tendo como objectivo final a adaptação a uma situação e distinguindo-se de outras modificações fisiológicas por ser acompanhada de representações simbólicas na consciência. Estas dariam o significado à situação, constituindo o experienciar subjectivo da emoção, tendo estas consequências sempre positivas para o indivíduo. Enfatiza também a noção de emoção enquanto vivência subjectiva.

R.S. Peters

Apresenta uma perspectiva que pode ser considerada um combinação de aspectos filosóficos e psicológicos, salientando a importância dos processos de avaliação na emoção, bem como da ligação entre esta e a motivação (Peters, 1973; Strongman, 1987; Hamilton, Bower & Frijda, 1988). Deste modo, considera que na maioria dos casos o termo emoção é associado a uma situação avaliada como perigosa ou frustrante, sobre a qual o indivíduo não tem controle e que desencadeia geralmente no indivíduo respostas sobre as quais ele também não tem controle, como corar de vergonha ou tremer de medo. No entanto esta falta de controle nem sempre afecta a eficácia e o desempenho do indivíduo, pois por exemplo, a cólera pode fazer o indivíduo ter um desempenho mais intenso ou vigoroso. Refere também que a emoção estaria associada à motivação, mas por oposição, pois a motivação constituiria uma causa ou determinante do comportamento, enquanto a emoção estaria associada à passividade e falta de controle por parte do indivíduo. Além disso, a motivação remeteria para a acção, enquanto a emoção remeteria para um desejo de acção nem sempre possível de concretizar, como é

o caso da culpa por um determinado acto, em que o indivíduo deseja não ter feito algo mas nada pode fazer para anular o passado.

Apresenta então uma perspectiva na qual a avaliação do indivíduo e a componente subjectiva são enfatizadas, remetendo a emoção para vivências internas e específicas de cada indivíduo.

J. P. Fell

Defende, no final dos anos setenta, que o estudo das emoções implica a sua definição preliminar, o que remete para o seu significado, variando este consoante os indivíduos (Strongman, 1987). Assim, defende que para se estudar por exemplo a cólera, é preciso definir esta emoção, o que implica o significado que cada investigador dá em função da sua vivência pessoal da cólera. Este ênfase na componente subjectiva da emoção não invalida a sua tradução comportamental, mas esta implica também a atribuição de significado, pois nem sempre uma expressão emocional é interpretada da mesma forma por dois observadores. Segundo esta perspectiva, o conhecimento científico seria inicialmente baseado na intuição e na experiência subjectiva, tornando-se realmente científico quando uma comunidade de investigadores interpreta do mesmo modo o significado de um objecto de estudo.

Enfatizando então a componente fenomenológica e subjectiva da emoção, defende que esta resulta da atribuição de um significado ao meio, sendo algo experienciado de modo diferente consoante o indivíduo, o que realça o papel das interpretações cognitivas. No entanto, estas interpretações subjectivas têm o mínimo de aceitação por parte de vários indivíduos, pois através da linguagem seria possível criar grandes categorias que permitiriam a comunicação entre os indivíduos, funcionando estas como a definição de uma cor, em que cada tonalidade é definida pelo próprio indivíduo. A compreensão da componente subjectiva da emoção permitiria aos investigadores definir de modo mais rigoroso este conceito e a sua concretização em diferentes estados emocionais.

William Lyons

Considera, já no início da década de oitenta, que a emoção seria mais um estado temporário do que uma predisposição, desempenhando a interpretação subjectiva do indivíduo um papel fundamental (Strogman, 1987; Hamilton, Bower & Frijda, 1988; Ortony, Clore & Collins, 1988). Deste modo, a situação desencadeadora de emoções iria provocar alterações fisiológicas no indivíduo, sendo estas, em conjunto com as características da situação interpretadas ou não como emoção pelo próprio indivíduo. Nesta perspectiva, a distinção da tradução da emoção a nível fisiológico, comportamental e cognitivo dependeria unicamente da interpretação cognitiva do indivíduo, pois nem sempre uma determinada alteração fisiológica seria interpretada como componente da emoção, e nem sempre a mesma situação seria desencadeadora de emoções. Além disso, esta interpretação cognitiva contribui para o próprio aparecimento da emoção, pois por vezes esta só é sentida se o indivíduo admitir certos desejos, como por exemplo desejar que algo corra mal a alguém e depois sentir-se culpado porque isso aconteceu. Contudo, realça que estes desejos nem sempre se concretizam em acções ou comportamentos, apesar da emoção ter sempre uma tradução comportamental visível através das alterações fisiológicas (sendo estas passíveis de medição), da expressão emocional, dos gestos e da postura corporal. Apesar de se centrar na perspectiva subjectiva da emoção, enfatizada pela interpretação do indivíduo, considera que esta não é condição suficiente para o desencadear da emoção, sendo também necessárias as modificações fisiológicas.

Este grupo de teorias defendem que a emoção é sentida apenas pelo próprio indivíduo, que dá sentido e significado ao que o rodeia, desempenhando a consciência das vivências pessoais um papel fundamental no sentir da emoção e não devendo estas ser consideradas separadamente de todo o comportamento ou vivências do indivíduo. Apresentam algumas limitações por não se basearem em dados observáveis e se centrarem em relatos subjectivos, sendo historicamente apontadas como a génese das teorias baseadas nas cognições, que seguidamente descrevemos.

3.5. Teorias cognitivistas

Partindo da experiência subjectiva do indivíduo, salientam o processamento da informação e as cognições, sobretudo a nível da avaliação implícita ou explícita da situação desencadeadora de emoções. Tal como as motivações ou outras funções do comportamento humano, as emoções sofreram alterações ao longo da evolução da espécie humana. Assim, enquanto no início da evolução o comportamento motivacional é determinado electroquimicamente, no ser humano existe uma avaliação cognitiva dos estímulos, funcionando esta como mediadora dos comportamentos de aproximação ou de evitamento. A emoção enquanto função da cognição resulta da visão do ser humano enquanto ser racional, no qual todo o comportamento é controlado pela razão ou processos cognitivos, o que em termos emocionais, significa que antes de ser experienciada uma emoção existe uma percepção e uma avaliação cognitiva, e só depois do objecto ou situação ser percebido é que é desencadeada a emoção.

Incluem-se nesta categoria as teorias de Leeper, Bull, Schachter, Arnold, Simonov, Kemper, Bower, Hinde, Leventhal e Frijda.

R. Leeper

Considera, no final dos anos cinquenta, que a emoção não deve ser vista como desorganizadora do comportamento, pois motiva-o e organiza-o mesmo com baixos níveis de consciência, dirigindo-o também para objectivos estabelecidos previamente (Fraisse & Piaget, 1975; Frijda, 1986; Strongman, 1987; Hamilton, Bower & Frijda, 1988). Deste modo, sugere que a emoção deveria ser incluída num continuo motivacional, que iria desde as motivações fisiológicas até às motivações emocionais. De acordo com esta perspectiva existiria então uma dicotomia que agruparia emoções e motivações fisiológicas num polo, e processos perceptivos e cognitivos no polo oposto, sendo os primeiros filogenica e evolutivamente mais antigos. Apresenta uma teoria que remete para a importância do modo de processamento da informação, salientando neste o papel da percepção. Considera então que os estudos sobre a percepção permitam verificar que a emoção pode ser considerada como uma percepção, pois afecta a

selecção de informação a que o indivíduo efectua durante os processos perceptivos, atribuindo um significado específico. Apresenta então uma visão da emoção como uma força motivadora e organizadora do comportamento, interferindo quer com níveis de funcionamento reflexo quer com as cognições.

N. Bull

Apresenta, na década de cinquenta, uma teoria da emoção centrada no comportamento motor que define como tendo uma orientação cognitiva (Frijda, 1986; Strogman, 1987). Deste modo considera que a emoção é mediada por uma atitude que implica uma preparação e predisposição inatas para responder, apresentando o indivíduo uma série de sequências de comportamentos motores inacabadas e imediatamente prontas para se transformarem em movimentos perfeitos em função da interpretação cognitiva de uma dada situação. A emoção ocorreria quando o indivíduo se apercebe desta sequência inacabada e da sua dificuldade em a acabar de modo satisfatório e adequado, interrompendo deste modo a sequência e tornando-a consciente e não automatizada. No entanto, se o indivíduo se apercebe da sequência incompleta mas sabe como a terminar em função de um objectivo, a emoção já não seria experienciada.

Apresenta pois uma concepção de emoção que associa interpretações cognitivas a aspectos fisiológicos.

Stanley Schachter

Propõe uma visão cognitivo-fisiológica da emoção, realçando contudo a preponderância dos factores cognitivos (Schachter & Singer, 1962; Schachter, 1964; Fraisse & Piaget, 1975; Frijda, 1986; Ortony, Clore & Collins, 1988; Wagner, 1988; Echebarria & Paez, 1989). Deste modo, considera que os estados emocionais seriam caracterizados por uma activação diferenciada do Sistema Nervoso Vegetativo (vertente do simpático), sendo esta activação interpretada pelo indivíduo em função das suas características diferenciadas, mas também das características da situação. Assim, efectuou engenhosas experiências com a manipulação do contexto como desencadeador

de cólera ou de euforia, e com a aplicação de substâncias que alteram a activação fisiológica (sobretudo epinefrina), controlando também a informação dada aos indivíduos sobre o efeito destas substâncias. Verificou que se o indivíduo experiêcia uma activação que não consegue explicar pela situação atribui-lhe um significado cognitivo que varia com as características da situação e sobretudo com as características do indivíduo. Se experiêcia uma activação que interpreta em função da situação ou de si e à qual rapidamente dá significado, rapidamente deixa de pensar nela e de produzir cognições. Se interpreta diferentes situações da mesma forma cognitiva, vai descrever estas cognições como emoções apenas quando elas forem acompanhadas de activação fisiológica. No entanto concluiu que mesmo quando são produzidas modificações fisiológicas típicas das emoções, sem a componente cognitiva o indivíduo pode não experiêciar a emoção, o que remete para a importância de atribuição de significado e para a conclusão de que a componente fisiológica da emoção é necessária mas não suficiente. Realçou também que as mesmas alterações fisiológicas podem ser típicas de diferentes emoções, o que o leva a defender a existência de uma activação fisiológica inespecífica, que só é incorporada na emoção quando a interpretação cognitiva assim o determina.

Defende então que as emoções seriam controladas através de uma interacção nítida entre interpretações cognitivas e activação fisiológica, ambas sendo necessárias para a vivência e identificação dos estados emocionais.

Magda Arnold

Apresenta na década de sessenta, uma teoria das emoções baseada em aspectos fisiológicos, experienciais e cognitivos, atribuindo contudo, através da avaliação cognitiva, um papel predominante a estes últimos (Fraisie & Piaget, 1975; Frijda, 1986; Strogman, 1987; Ortony, Clore & Collins, 1988; Scherer, 1988a; Rodrigues et al. 1989). Deste modo, considera que tudo o que acontece ao indivíduo é por ele avaliado quase automaticamente em função do seu significado positivo, negativo ou neutro para o próprio indivíduo. Em função desta avaliação inicial o indivíduo reformula as suas

estratégias de lidar com a situação, definindo uma tendência para a acção, que quando intensa seria a emoção. Defende que todas as avaliações implicam a comparação entre informação nova e informação memorizada, o que por vezes pode afectar a interpretação de uma nova situação conotando por exemplo com negativa se ela apresenta características iniciais semelhantes às de outra situação memorizada como negativa. Esta comparação com a informação memorizada afecta o também o comportamento futuro, pois as expectativas são frequentemente associadas à memória, influenciando a interpretação de novas situações.

No que se refere aos aspectos fisiológicos, considera que estes seriam visíveis na avaliação do significado (pois esta dependeria sobretudo do sistema límbico), bem como na comparação com a informação memorizada (que dependeria do hipocampo) ou na resposta final, que seria harmoniosa e coerente (implicando a coordenação pelo cerebelo). Concorde com a ideia dos três cérebros sugerida por MacLean nos anos sessenta, apresentando circuitos estabelecidos entre estruturas do sistema límbico, que defende serem activados durante os estados emocionais.

No comportamento emocional propõe uma sequência de passos que começariam com modificações hormonais provocadas pela recepção de estímulos exteriores e que desencadeariam a avaliação automática e imediata do seu significado. Como resultado desta avaliação, teríamos no segundo passo, o aparecimento de reacções instintivas de aproximação ou evitamento da situação/objecto em função da avaliação, em seguida o desencadear de uma tendência para a acção e da emoção e por fim uma acção deliberada e o experienciar de sentimentos. Contudo, nesta sequência levanta-se a questão dos processos de avaliação serem simultâneos ou posteriores às modificações hormonais, o que remete para a o facto da emoção ser desencadeada pela interpretação cognitiva da situação ou pelas modificações hormonais. Segundo a visão de Arnold a componente cognitiva da emoção seria o primeiro passo da sequência, precisamente através da interpretação dos estímulos.

Distingue emoções e sentimentos, dizendo que as emoções resultam da avaliação inicial em função do seu aspecto positivo/negativo a curto prazo, enquanto os

sentimentos implicariam uma avaliação cognitiva mais elaborada que consideraria o benefício/prejuízo da situação para o funcionamento a longo termo do indivíduo, embora ambas impliquem uma tendência ou desejo de acção.

A emoção resultaria então da avaliação cerebral dos estímulos, provocando uma atitude emocional que por sua vez produziria a experiência emocional. Apesar da sua teoria tentar articular aspectos fisiológicos e avaliação cognitiva, foi criticada (Strongman, 1987) pela sua ênfase demasiado subjectiva e vaga dos processos de avaliação cognitiva, sendo-lhe contudo reconhecido o mérito de descrever a influência que as expectativas podem ter na avaliação da informação e na possível deturpação das características desta.

P.V. Simonov

Apresenta no início da década de setenta uma definição de emoção sob a forma de uma equação, na qual a emoção negativa resultaria da diferença negativa entre a informação necessária e a informação disponível, enquanto a emoção positiva resultaria de uma diferença positiva ou abundância de informação (Frijda, 1986; Strongman, 1987; Toates, 1988; Hamilton, Bower & Frijda, 1988). Deste modo, a emoção negativa ocorreria sempre que um organismo necessita de mais informação do que a que lhe é apresentada, sendo acompanhada pela percepção de ineficácia do comportamento, a qual por sua vez provocaria modificações fisiológicas. A emoção positiva resultaria da existência de informação excessiva, provocando também modificações fisiológicas que facilitariam o comportamento do indivíduo. Esta visão da emoção enquanto processamento de informação redundante ou insuficiente é enquadrada numa visão mais lata que associa emoção e motivação, o que implica que este processamento de informação tenha um significado interpretativo em função das necessidades do organismo.

Theodore Kemper

Apresenta, no final dos anos setenta, uma perspectiva cognitivo-sociológica da emoção, realçando que esta é desencadeada sobretudo por interacções sociais nas quais o poder e o estatuto social desempenham papel preponderante (Frijda, 1986; Strogman, 1987; Wagner, 1988; Echebarria & Paez, 1989). Deste modo, o sucesso e insucesso social funcionariam como um estímulo desencadeador de emoções, podendo estas ser de tipo estrutural, antecipatório ou consequencial. Refere a existência de várias emoções estruturais resultantes da combinação do excesso, adequação e insuficiência do poder e estatuto social do indivíduo (ex: segurança, culpa, medo, felicidade, vergonha e depressão), existindo também emoções resultantes do facto do indivíduo atender ao poder e estatuto social dos outros (ex: cólera e desprezo). Considera também que o indivíduo experiencia emoções apropriadas ao contexto da interacção social, o que implica uma interpretação cognitiva desta, bem como uma aprendizagem social na qual o condicionamento e os reforços desempenham papel importante.

Apresenta pois uma perspectiva que enfatizando a componente cognitiva da emoção realça a sua característica adaptativa não só individualmente mas também do ponto de vista da interacção social.

Gordon Bower

Apresenta uma perspectiva cognitiva relacionando as emoções com o processamento de informação, sobretudo a nível da memorização (Bower, 1981; Hamilton, Bower & Frijda, 1988; Echebarria & Paez, 1989). Deste modo, considera que as emoções seria unidades centrais na rede associativa da memória, constituindo laços associativos que facilitariam o processamento e armazenamento da informação. Esta facilitação seria traduzida no facto da emoção funcionar como uma etiqueta de categorização de uma situação e intervenientes num dado momento temporal, permitindo que cada episódio que desencadeou uma emoção seja armazenado não só sob esta dupla forma, mas também associado a uma dada emoção. Apresenta pois uma perspectiva da vertente cognitiva da emoção.

Robert Hinde

Apresenta também uma perspectiva cognitiva da emoção, vendo-a não numa perspectiva computadorizada como input e output, mas como uma cadeia, na qual emoção e cognição se entrelaçam, pois a emoção afecta a experiência e a experiência afecta a emoção, interferindo em ambas a cognição (Frijda, 1986; Strongman, 1987; Scherer, 1988a; Wagner, 1988). Deste modo o output ou resposta emocional seria determinado não só pelas características físicas do input ou estímulo e pela resposta do indivíduo, mas também pelas interrupções e discrepâncias na situação externa e no estado interno. Haveria então uma complexa correspondência entre comportamento emocional e estado emocional, devendo a emoção ser considerada simultaneamente como uma variável independente, intermediária e dependente, pois reflectiria a complexa interacção entre emoção e cognição, bem como entre indivíduo e meio.

Howard Leventhal

Propõe também uma visão de emoção enquanto processamento de informação (Leventhal, 1993; Ortony, Clore & Collins, 1988; Wagner, 1988; Echebarria & Paez, 1989), integrando neste a interpretação da situação e o comportamento. Especificando cada um deles, na interpretação da situação considera uma descodificação inicial desta em função das suas características e uma atribuição de significado em função da situação corresponder ou contrariar as expectativas do indivíduo. No comportamento destaca a expressão emocional, as reacções corporais e a experiência subjectiva, todas em íntima interacção e dependendo das cognições desencadeadas na interpretação da situação. Assim, se esta corresponde às expectativas não vai provocar emoções, desencadeando antes um comportamento de tipo automatizado, apesar deste incluir reacções corporais, e em fraco grau experiência subjectiva. Quando não corresponde às expectativas desencadeiam cognições que vão interferir com a percepção da situação, levando o indivíduo a reformular os seus objectivos rapidamente e a encontrar novas formas de resposta que sejam adequadas à situação. Durante este processo há alterações fisiológicas, cuja percepção vai contribuir para a modificação da percepção da situação,

interferindo também com as cognições. Ou seja, desencadeia-se uma forma de processamento da informação que inclui uma maior tomada de consciência não só do significado da situação, mas também da percepção de si, provocando uma experiência subjectiva mais intensa e consciente que seria a emoção.

Nico Frijda

Enfatiza também a componente cognitiva da emoção, definindo fenómenos emocionais como aspectos não instrumentais do comportamento, alterações fisiológicas e alterações da avaliação cognitiva ou experiências subjectivas, provocadas por estímulos internos ou externos e sobretudo pelo significado desses estímulos (Fraisie & Piaget, 1975; Frijda, 1986, 1988, 1995; Hamilton, Bower & Frijda, 1988; Scherer, 1988a; Van Goozen & Frijda, 1993; Wyer & Srull, 1993). Considera que o sentir da emoção constituiria a tomada de consciência do significado de uma situação, incluindo nesta consciencialização a antecipação da acção, o que permite constatar que a emoção implicaria sempre uma acção. Exemplifica esta ideia, dizendo que quando alguém refere "estou interessado" implicava um comportamento ou uma tendência para a acção, sendo diferente da expressão "sinto-me interessado", que poderia implicar ou não uma acção posterior. Segunda esta perspectiva a linguagem permitiria de forma subtil expressar a intensidade da emoção, bem como demonstrar que o sentir constituiria uma forma de emoção menos intensa. No entanto, salienta que actualmente é comum utilizar-se o termo sentir como sinónimo de sentimento, e este como reflexão controlada da emoção e durável no tempo. Contudo, para Frijda o sentimento seria a disposição para avaliar de certo modo habitual a situação ou objectos, tendo o indivíduo consciência desta tendência, o que nos permite dizer que vê o sentimento quase como uma característica da personalidade. Considera também que esta disposição seria cognitiva e levaria à procura de certas satisfações e ao evitar de certos confrontos, o que remete para uma ligação entre emoção e motivação, bem como para certos estímulos como reforços. Apresenta pois uma visão da emoção como entidade complexa, na qual a avaliação cognitiva desempenha um papel fundamental, influenciando mesmo os antecedentes da

emoção. Deste modo, todas as situações desencadearia no indivíduo processos de avaliação, através dos quais seria possível inicialmente catalogar a situação como positiva ou negativa e posteriormente atribuir-lhe um significado específico e enfrentá-la.

Elabora um conjunto de doze princípios (Frijda, 1988) através dos quais seria possível caracterizar de forma pormenorizada as emoções, designando-os por leis da emoção. Assim, a primeira lei seria a lei do significado situacional, referindo nesta que as emoções emergem em resposta à atribuição de um determinado significado à situação em causa, dependendo este não só das características da situação mas também da percepção individual. A lei dos interesses define que as emoções emergem como resposta a acontecimentos considerados importantes para os objectivos, motivos ou interesses do indivíduo. A terceira lei seria a lei da realidade aparente, na qual considera que as emoções são desencadeadas por acontecimentos avaliados como reais, correspondendo a intensidade da emoção ao grau de significado da avaliação efectuada. A lei da mudança determina que as emoções são desencadeadas não tanto pela presença de condições favoráveis ou desfavoráveis, mas pelas mudanças, reais ou esperadas na situação. A quinta lei, lei da habituação, defende que o desencadear frequente de uma emoção diminui a intensidade desta e aumenta o limiar a partir da qual ela é desencadeada. A lei dos sentimentos de comparação define que a intensidade das emoções depende da sua comparação com um padrão de referência prévio. A sétima lei, lei da assimetria hedónica, diz que o prazer é sempre contingente em relação à mudança e desaparece com a satisfação contínua, enquanto a dor pode persistir apesar da anulação das condições adversas. A lei da conservação do momento emocional refere que os acontecimentos emocionais têm poder para desencadear emoções indefinidamente, excepto quando são contrariados por exposições repetitivas que permitem a extinção ou a habituação das respostas. A nona lei, lei do fecho define que as emoções tendem a desprezar os julgamentos de relatividade, limitando-se às necessidades do indivíduo. A lei de controle das consequências refere que cada estímulo emocional desencadeia um estímulo secundário que tende a modificar o primeiro em função das suas possíveis consequências. A lei da menor perda considera que sempre que uma situação pode ser

analisada de vários modos, predomina o modo que diminui o peso emocional negativo. Por fim, a lei do maior ganho, complementa a anterior, privilegiando o modo que aumenta o ganho emocional.

Como conclusão, pode-se dizer que as teorias cognitivas baseiam-se não só nas cognições, mas também noutras componentes da emoção, atribuindo contudo um papel fundamental à componente cognitiva. Consideram que o fenómeno emocional só ocorre se existir simultaneamente activação fisiológica e uma interpretação sobre a causa e origem de tal activação, baseando-se esta interpretação no processamento da informação e remetendo este para esquema cognitivos e níveis de representação simbólico-conceptuais. Em termos de evolução histórica é a partir das teorias de tipo cognitivo que parece ter-se dado a passagem para as teorias sistémicas, que descrevemos seguidamente.

3.6. Teorias sistémicas

Sob esta designação incluímos um conjunto de categorias que enfatizam simultaneamente vários dos aspectos considerados pelas categorias anteriores, procurando dar uma explicação mais exaustiva e complexa da emoção. Contudo nem todas as teorias que irão ser referidas constituem uma abordagem sistémica no verdadeiro sentido do termo, começando então por referir alguns autores que efectuem a transição entre as teorias cognitivas e as teorias sistémicas, apresentando no final as teorias que consideramos como sendo de tipo sistémico.

3.6.1. Teorias pré-sistémicas

Consideramos neste grupo teorias que designamos por *pré-sistémicas*, pois sendo mais complexas do que as teorias de tipo cognitivo, são no entanto mais simples do que as teorias de tipo sistémico. Incluímos autores como Averill, Plutchik, Scherer, Lazarus e Ekman.

James Averill

Apresenta uma contribuição interessante para o estudo das emoções, pois centrando-se unicamente no estudo da emoção de cólera demonstra como o estudo de uma única emoção pode contribuir para a compreensão das emoções enquanto fenómeno complexo (Averill 1980, 1993; Frijda, 1986; Ortony, Clore & Collins, 1988; Wagner, 1988; Echebarria & Paez, 1989). Deste modo, considera a cólera como uma emoção de conflito, vendo-a como estando biologicamente relacionada com o comportamento agressivo, bem como com a interacção social, a simbolização e a tomada de consciência, remetendo sempre para uma tentativa de correcção de algo considerado errado, injusto ou violador das normas sociais ou dos valores individuais. Considera que tal como há a tendência para elaborar regras, haveria a tendência para sentir cólera quando estas não são cumpridas, o que pressupõe um papel importante desempenhado pelas cognições, quer na avaliação da situação, quer na sua atribuição de significado.

Generalizando os estudos da cólera para as emoções globalmente, considera que estas seriam predisposições específicas para interpretar as situações, sendo possível falar em emoções de conflito, de impulso (seriam aversivas ou de aproximação) ou transcendentais (implicariam o ultrapassar as fronteiras do indivíduo). De um modo geral, pode-se dizer que a sua teoria associa determinantes biológicos da emoção com níveis cognitivos e com o estabelecimento de regras e padrões simbólicos, constituindo um bom exemplo da emoção enquanto confluência de níveis biológico, psicológico e social.

Robert Plutchik

Define a emoção como uma sequência complexa de reacções, nas quais incluem a avaliação cognitiva, modificações subjectivas, activação neuronal e tendência para a acção, que em íntima interacção orientariam o comportamento no sentido de modificar os estímulos desencadeadores da emoção (Plutchik, 1980, 1983; Plutchik & Kellerman, 1980, 1986, 1989). A emoção seria então uma entidade multidimensional na qual seria possível diferenciar três dimensões (intensidade, polaridade e similaridade), o que

permitiria caracterizar cada emoção pela sua intensidade, bem como pela sua oposição ao semelhança com outras emoções. Propõe uma organização em três níveis, considerando no primeiro as emoções primárias (alegria, surpresa, aceitação, medo, perdão, nojo, antecipação e cólera) e nos restantes emoções secundárias, resultando estas da combinação de várias emoções primárias (por exemplo, o orgulho resultaria da combinação de cólera e alegria, enquanto a curiosidade resultaria da surpresa e da aceitação).

Considera que geralmente as emoções são referidas utilizando uma linguagem descritiva baseada na observação do comportamento, quando seria mais correcto utilizar uma linguagem baseada nas características funcionais e adaptativas, já que o organismo apresenta várias funções (ex: proteger, destruir, reproduzir, privar, incorporar, rejeitar, explorar, orientar) indispensáveis à sua adaptação bem sucedida. Refere também o nível subjectivo da emoção, considerando-o como não necessário, já que se poderia experienciar emoções sem ter consciência destas, passando-se o mesmo com as alterações fisiológicas associadas à emoção. No entanto esta visão tem sido bastante criticada, pois o experienciar de emoções sem ter consciência delas não seria emoção. No que se refere às modificações fisiológicas e às sensações corporais associadas à emoção, defende a existência de padrões de reacção corporal específicos, que corresponderiam a processos biológicos adaptativos comuns ao ser humano e aos animais, consistindo estes padrões na adaptação inicial do organismo a uma situação específica, permitindo em seguida a avaliação cognitiva da situação e a orientação do comportamento para uma resposta adequada.

Apresenta pois uma visão psico-evolutiva das emoções, que desempenhariam um papel adaptativo importante, permitindo preparar o organismo para reagir em situações de emergência, bem como, pela sua universalidade informar sobre estados internos e comunicar a intenção do comportamento.

Klaus Scherer

Considera a emoção como um processo dinâmico que envolve avaliações cognitivas, activação fisiológica, expressão motora, tendências motivacionais e experiência subjectiva, tendo como função principal permitir ao indivíduo lidar com as situações e comunicar aos outros o resultado das suas tentativas de enfrentar o meio (Scherer, 1988a, 1988b, 1989, 1995; Scherer & Walbott, 1994). Apesar de considerar vários níveis na emoção, enfatiza sobretudo o nível das cognições, vendo as emoções como uma forma de tornar o comportamento adaptado e flexível, pois a emoção permitiria ao indivíduo pensar antes de agir, o que tornaria o seu comportamento mais eficaz. Deste modo, não existiria emoção sem uma cognição anterior, existindo uma sequência de passos durante o processamento da informação, que iriam desde a avaliação da situação enquanto novidade ou inesperado, enquanto algo agradável ou desagradável, da sua relevância em função dos objectivos do indivíduo e da possibilidade do indivíduo enfrentar a situação, até à sua comparação com as normas sociais e com os valores individuais.

Apresenta então uma teoria centrada no processamento da informação, defendendo mesmo que seria possível prever o aparecimento de estados emocionais conhecendo as capacidades de processamento de informação do indivíduo, enfatizando também as restantes componentes da emoção.

Richard Lazarus

Apresenta também uma perspectiva cognitiva da emoção, embora realce também as suas componentes biológicas (Lazarus, 1982, 1984, 1991a, 1991b; Lazarus, Kanner & Folman, 1980; Lazarus & Izard, 1993;). Considerando as emoções como tendo causa, sintomas e consequências, defende que existiriam inúmeras possibilidades, sendo possível classificar as emoções e realçar em cada uma as suas componentes biológicas e culturais. Enquanto as primeiras resultariam da evolução de estruturas sub-corticais ao longo da filogénese humana, as componentes culturais seriam actualmente as predominantes, pois afectariam o modo como o indivíduo percepção os estímulos, o modo como expressa

as suas emoções e as utiliza na interacção com os outros, bem como os rituais que desenvolve para lidar com certas emoções, como por exemplo a culpa.

Defende que todas as situações são alvo de uma avaliação em função da sua importância e significado para o indivíduo, considerando que as emoções têm tradução a nível comportamental, fisiológico e cognitivo ou subjectivo, o que combinado de várias formas permitiria ter diferentes padrões emocionais. Realça também a existência de predisposições para avaliar de determinado modo os estímulos, resultando as emoções da avaliação cognitiva efectuada. A interacção indivíduo/meio resultaria do modo de avaliação da situação, podendo a expressão da emoção ser antecipada por sucessivas avaliações cognitivas e reformulações da interpretação da situação.

Para demonstrar a importância da avaliação cognitiva efectuou experiências nas quais manipulou os estímulos desencadeadores de emoções, utilizando filmes com diferentes conteúdos. Verificou que a intensidade da reacção emocional variava em função da avaliação cognitiva efectuada pelo indivíduo, podendo também ser afectada pelas expectativas e pela aprendizagem.

Considera também que existiriam dois tipos de avaliação definidos pelas suas características adaptativas e que categorizariam cada situação em função da sua benignidade ou ameaça, constituindo dois modos básicos do indivíduo enfrentar a situação e de apresentar uma tendência para a acção, que poderia ser, respectivamente, de aproximação ou de fuga.

Apresenta uma organização das emoções em três grandes categorias, que caracteriza pelo qualidade e tipo das emoções. Assim, numa primeira categoria considera emoções resultantes de perigos, perdas e ameaças, incluindo emoções negativas como a cólera, ansiedade, medo, culpa, vergonha, tristeza, inveja, ciúme e nojo. Na segunda categoria inclui emoções positivas, resultantes de benefícios, como a alegria, gratidão, orgulho e amor. Por fim, existiria ainda um conjunto de emoções de transição, com uma qualidade variável e nas quais inclui a esperança, contentamento, alívio, compaixão e beleza.

Vemos então que na sua teoria os padrões fisiológicos são associados à avaliação cognitiva, sendo no entanto a emoção considerada como um sistema global no qual a componente cognitiva, comportamental e fisiológica são indispensáveis e desempenham um papel adaptativo importante. Em discussões posteriores sobre a importância ou primazia da cognição na emoção, defende que apesar de ambas poderem constituir subsistemas relativamente independentes, na maior parte das vezes funcionam em íntima interação, servindo muitas vezes a emoção para colorir o processamento da informação, e a cognição, através da avaliação, para dar significado à emoção.

Paul Ekman

Considera também a existência de três componentes na emoção, que designa por actividade neuronal vegetativa, expressão facial e interação emoção/cognição (Ekman, 1992, 1993, 1994; Davidson & al., 1990; Frank, Ekman & Friesen, 1993; Levenson et al., 1992). Centrando as suas investigações sobretudo nas bases biológicas da expressão emocional, defende que a modificação intencional de uma expressão emocional provocaria uma modificação subjectiva do experienciar emocional. Considera também que a linguagem utilizada para traduzir as emoções não é eficaz, pois apesar das emoções serem universais nem em todas as línguas apresentam designações equivalentes. Acredita que cada emoção teria uma expressão fisiológica e facial universal e transcultural, com uma função adaptativa identificada filogeneticamente, podendo contudo esta expressão variar em intensidade, ser simulada ou inibida, reflectindo também características individuais. Nos seus trabalhos mais recentes centra-se mais na associação entre emoção e cognição, bem como na discussão sobre emoções primárias e secundárias, considerando contudo a emoção como entidade complexa constituída por vários elementos em interação.

Ao definirem a emoção como um processo complexo e ao enfatizarem a interação de diferentes componentes, os diferentes autores referidos podem ser considerados como fazendo a transição entre as teorias de tipo cognitivo e as teorias de

tipo sistémico. No entanto, embora seja unânime a importância das componentes neurofisiológica e cognitiva da emoção, e o facto da emoção afectar o indivíduo como um todo, esta não é ainda considerada como um sistema em si, o que só acontece nos autores que referimos seguidamente.

3.6.2. Teorias sistémicas

Consideramos neste grupo as teorias verdadeiramente sistémicas, incluindo autores como Mandler, Pribram, Royce e por fim, Tomkins e Izard.

George Mandler

É um dos primeiros a apresentar uma visão da emoção como sistema, considerando que esta teria como principais componentes a activação, a interpretação cognitiva e a consciencialização (Mandler, 1980; Frijda, 1986; Strongman, 1987; Scherer, 1988a; Wagner, 1988; Echebarria & Paez, 1989). Assim, a activação seria indiferenciada e corresponderia à percepção da actividade da vertente simpática do sistema nervoso vegetativo, permitindo a homeostasia do organismo e a procura de informação, preparando o organismo para reagir rapidamente perante uma situação de emergência. A interpretação cognitiva implicaria as reacções inatas e a avaliação das percepções de si, já que os movimentos expressivos produzem reacções cognitivas automáticas que posteriormente são avaliadas e reinterpretadas. Deste modo existiria uma interacção entre activação vegetativa e interpretação cognitiva, em que a activação constituiria a qualidade e intensidade da emoção e a cognição constituiria a categoria da experiência emocional. A consciencialização existiria porque esta interacção implicaria não só uma tomada de consciência, mas também a sua codificação apropriada em linguagem convencional, ou seja, a sua atribuição final de significado. No entanto a consciencialização só seria visível para um observador externo no caso do indivíduo expressar as emoções experienciadas. O comportamento, quer enquanto acto, quer

enquanto expressão emocional seria a tradução final da interacção entre as três componentes da emoção.

Para experienciar a emoção seria então necessária a existência de estímulos exteriores, de uma estrutura interna capaz de interpretar e dar significado a esses estímulos, de um sistema interno que capaz de interpretar a activação fisiológica e de a traduzir numa tendência para a acção, e por fim, de um outro sistema interno que permita a integração destes vários níveis de funcionamento e os traduza num comportamento adequado e eficaz. A activação seria o ponto de partida para o experienciar das emoções, existindo sempre, embora nem todos os estímulos impliquem a avaliação cognitiva e a atribuição de significado. No entanto poder-se-ia falar de um circuito fechado, em que os estímulos externos levariam a interpretações cognitivas, estas implicariam a percepção da activação levando ao experienciar de emoções, estas levariam ao avaliar cognitivo da situação e da experiência, o que implicaria uma reformulação das interpretações cognitivas, a percepção da activação, etc, havendo uma espécie de equilíbrio dinâmico entre os vários momentos. Na avaliação e interpretação cognitivas a atribuição de significado desempenha um papel importante, implicando quer a consciência de si, quer a consciência do meio, e podendo ser quase automática ou implicando elaborações cognitivas complexas, como por exemplo a comparação entre as expectativas e a situação.

Apresenta uma visão da emoção enquanto sistema com componentes em interacção, lançando contudo a questão da emoção poder ser ou não experienciada antes da existência da consciência, o que remete para a discussão das emoções nos animais, em que estas apesar de expressas não parecem ser experienciadas da mesma forma que no ser humano.

Karl Pribram

Partindo de uma perspectiva neurofisiológica da emoção, enfatiza também a importância da motivação e da avaliação cognitiva, apresentando uma teoria geral da emoção enquanto elemento de um sistema mais global (Pribram, 1980; Fraisse & Piaget,

1975; Frijda, 1986; Wagner, 1988). Deste modo, apresentou em formulações iniciais da sua teoria a emoção como programa neuronal desencadeado quando o organismo está em desequilíbrio, evoluindo posteriormente para a emoção enquanto plano organizado do comportamento. Ou seja, integrando a emoção numa perspectiva afectivo-cognitiva da personalidade (Miller, Galanter & Pribram, 1960, já referidos a propósito das teorias da personalidade) refere o conceito de plano como organização prévia do comportamento, considerando que existiriam diferentes tipos de planos, incluindo os planos motivacionais e os planos emocionais, podendo qualquer um deles ser alterado em função das características da situação e da aprendizagem do indivíduo. Efectua também uma distinção entre o mundo objectivo dos sentidos e o mundo objectivo das sensações, percepções e emoções, dizendo que o indivíduo não está triste, mas sente-se triste, o que implicaria uma experiência subjectiva. Nesta enfatiza os sentimentos em detrimento das emoções, defendendo que eles resultariam do confronto entre uma situação e o plano do indivíduo, enquanto as emoções emergiriam apenas quando o organismo fica bloqueado.

Apresenta pois uma teoria na qual enfatiza aspectos cognitivo-fenomenológicos, embora descreva com algum pormenor os mecanismos neurofisiológicos da emoção.

Joseph Royce

Também já referido a propósito de um modelo sistémico da personalidade, considera a emoção como um produto da interacção entre os sistemas afectivo e cognitivo, vendo estes como dois dos seis sub-sistemas da organização hierárquica complexa que seria a personalidade, e que seriam do inferior para o superior o sub-sistema sensorial, motor, cognitivo, afectivo, de estilo e de valor (Royce & Diamond, 1980; Royce & Powell, 1981, 1985; Royce, 1988; Powell & Royce, 1981a, 1981b).

Considera então que o sistema afectivo estaria em íntima ligação com o sistema cognitivo, conceptualizando ambos como unidades centrais de processamento e transformação da informação, sendo capazes de lidar com diferentes situações e de aprender, e tendo como função transformar informação recebida pelo sistema sensorial

em cognições ou afectos, interpretando o meio e dando significado a estas informações. Para cumprirem de modo eficaz as suas funções, ambos teriam de ser flexíveis e adaptáveis, sofrendo influências genéticas e ambientais, supondo-se que o sistema afectivo funcionaria em cerca de 80% das suas capacidades determinado geneticamente, enquanto o sistema cognitivo funcionaria apenas em 30% das suas capacidades, tendo então maior capacidade de ajustamento.

Debruçando-se sobre o sistema afectivo, defende que este transformaria a informação em estados de activação, incluindo num nível inferior a estabilidade emocional, a independência emocional e a introversão/extroversão, cada um destes elementos incluindo por sua vez outros elementos. Considera que a emoção seria diferenciada pelo peso diferente das dimensões cognitiva e afectiva, remetendo para uma entidade complexa que envolveria pensamentos subjectivos, sentimentos, reacções fisiológicas e comportamentos observáveis. Integrando estes diferentes aspectos na teoria multifactorial da personalidade, define então emoção como um padrão diferencial de estados de um supra-sistema (que seria a personalidade), envolvendo estes desvios específicos de um estado habitual do supra-sistema. Estes padrões podem ser especificados do ponto de vista psicológico como um perfil da interacção indivíduo/momento, sendo acompanhados de alterações fisiológicas e implicando elementos de tipo cognitivo e de tipo fisiológico. Estes elementos apresentariam predomínios diferentes consoante as emoções, implicando os elementos cognitivos a avaliação de estimulação interior ou exterior segundo as suas características benéficas ou prejudiciais para o organismo enquanto um todo. Considera também que a evolução pode ser vista de um ponto evolutivo como a tradução da evolução filogenética (com o sistema límbico a desempenhar um papel fundamental no controle do sistema afectivo e o neocórtice a desempenhar um papel importante no controle do sistema cognitivo) e da aquisição da consciência, sendo esta aquisição visível não só na evolução do animal até ao ser humano, mas também na evolução do recém-nascido até ao adulto.

Apresenta então uma visão da emoção enquanto elemento do sistema da personalidade, enfatizando a sua relação com os níveis fisiológico e cognitivo e

considerando-a como um elemento do sistema afectivo, que influenciaria sistemas superiores como o sistema de estilo e o sistema de valor, pelo peso atribuído às emoções.

Carrol Izard e Silvan Tomkins

Formulam a teoria diferencial das emoções, considerada como a mais completa teoria formuladas sobre as emoções (Strongman, 1987; Singer, 1984), pois propõe uma visão geral da emoção, ligando-a ao processamento de informação, às cognições e à consciência (incluindo nesta a percepção e consciencialização das sensações corporais), e vendo-a como um dos sistemas mais importantes na organização da personalidade e na motivação do comportamento. Esta teoria, inicialmente formulada por Tomkins e Izard, acabou por ser reformulada por Izard, que lhe acrescentou características sistémicas, inserindo-a no actual paradigma científico.

Ao considerar a emoção como um elemento fundamental da personalidade e ao conceber a emoção como uma sistema complexo com vários níveis, consideramos esta teoria como a mais completa, decidindo utiliza-la servindo como ponto de referência para todo o desenvolvimento do desenho experimental deste trabalho. Atendendo à sua importância no nosso trabalho, consideramos importante aborda-la com mais pormenor, apresentando-a numa alínea separada.

3.7. A teoria diferencial das emoções, de C. Izard

3.7.1. Descrição geral da teoria

Descrevendo as características gerais desta teoria, na sua formulação inicial, Tomkins e Izard (Tomkins & Izard, 1965) consideram as emoções como uma entidade complexa que afecta fortemente o comportamento, tendo características inatas e outras aprendidas e implicando respostas a nível fisiológico, subjectivo, expressivo e comportamental. Pressupõe que todos os sujeitos estariam capacitados para sentir emoções negativas perante acontecimentos novos súbitos indesejados ou não planeados,

ou para sentir emoções positivas se estes acontecimentos forem menos intensos. Deste modo, o nível afectivo do indivíduo estaria programado de modo a tentarmos maximizar as emoções positivas e minimizar as negativas, expressa-las o mais completamente possível e controla-las o melhor possível. Existiriam dez emoções básicas fundamentais para a sobrevivência e bem-estar do indivíduo e da espécie (interesse, alegria, surpresa, angústia, cólera, nojo, desprezo, medo, vergonha e culpa), que seriam diferentes subjectiva, neurofisiológica e comportamentalmente, apesar de algumas emoções serem muito semelhantes e de todas terem alguns aspectos em comum. Em qualquer uma destas emoções a actividade neuronal e electroquímica seria inata, semelhante em diferentes culturas e teria uma tradução comportamental e experiencial específica, o padrão expressivo na face e corpo seria nitidamente visível (informando um observador sobre o que o sujeito poderá estar a sentir) e seria integrado com as cognições, quer no próprio sujeito, quer no observador. Estas emoções primárias interagiriam entre si combinando-se de diferentes maneiras, constituindo um vasto conjunto de emoções secundárias (que seriam aprendidas e nas quais se incluem por exemplo a ansiedade, hostilidade, curiosidade e depressão) e fazendo também emergir os traços e padrões de personalidade (dependendo estes da interacção entre emoções, cognições e acção).

Durante a década de setenta Tomkins e Izard avançam separadamente para aspectos teóricos diferentes. Assim, Tomkins adopta uma postura mais cognitivista, embora também enfatize aspectos neurofisiológicos e motivacionais (Tomkins, 1980; Pervin, 1990; Magai & McFadden, 1995). Deste modo, considera que as emoções estariam intimamente ligadas às motivações, não tendo limites de tempo nem intensidade e sendo diferentes das pulsões. Estas implicariam uma sequência universal de comportamentos, seriam periódicas no tempo e deveriam ser satisfeitas de modo específico. Pelo contrário, as emoções poderiam ocorrer em qualquer momento, e apesar de terem uma expressão corporal pouco nítida e uma expressão facial bem definida, inata e desencadeada essencialmente por estruturas sub-corticais, incluiriam inúmeras variações individuais.

Considera também que é difícil controlar as emoções, pois na base destas estariam respostas instantâneas, intimamente ligadas a mecanismos de feedback. Mais tarde acrescenta que a emoção funcionaria como um amplificador das situações, dando-lhes um significado próprio e influenciando a cognição, decisão e acção do sujeito. Assim, refere que com esta ampliação tudo pode interessar ou nada pode ser importante para o indivíduo, em função da avaliação que ele efectua. Nesta perspectiva a emoção daria qualidade à vida, pois o ser humano tem necessidade de experienciar e expressar as emoções. Referindo-se às dez emoções primárias já descritas, diz que elas seriam activadas segundo três variantes de um mesmo princípio (o princípio da densidade neuronal de actividade ou estimulação, definido como a intensidade de activação neuronal por unidade de tempo), e que seriam o aumento, a diminuição e o nível de estimulação, podendo esta ser interna ou externa. Exemplificando com algumas das emoções, se o nível de estimulação aumenta, o sujeito reage com medo ou com interesse, consoante o aumento é, respectivamente, rápido ou lento. Se o nível de estimulação baixa o sujeito reage com alegria, mas se o nível de estimulação constantemente elevado o sujeito reage com angústia e cólera. Nesta teoria, Tomkins defende que a emoção ao ampliar e dar significação à situação, afectaria também a resposta do sujeito, pois na atribuição do significado estariam implicados mecanismos cognitivos e mnésicos.

Enfatizando a ligação entre emoções e cognições defende que esta originaria as estruturas ideo-afectivas, que funcionariam como filtros reguladores de toda a informação e experiência, e predispondo o indivíduo a perceber e assimilar o mundo em esquemas preexistentes. Designa estes esquemas por "script" ou guião, considerando que existiriam vários tipos de guião e que a sua organização específica iria determinar as estruturas da personalidade. Cada guião não seria mais do que um conjunto de regras para a ordenação, interpretação, avaliação, predição, e controle da informação recebida, funcionando como um modo específico de processamento de informação e da sua tradução em padrões comportamentais.

Por sua vez, Izard aprofundou a teoria adoptando uma perspectiva mais global, e acrescentando aspectos que permitem incluir esta teoria nas teorias de tipo sistémico, considerando as emoções quer enquanto sistema, quer enquanto subsistema de uma sistema mais vasto que seria a personalidade (Izard, 1990b, 1991, 1992, 1993, 1994; 1995; Izard & Buechler, 1980; Buechler & Izard, 1983; Izard, Kagan & Zajonc, 1984; Blumberg & Izard, 1991; Izard et al., 1993). Assim, vendo as emoções enquanto subsistema, defende que a personalidade resultaria da interacção complexa de seis grandes sistemas : homeostático, pulsional, afectivo, perceptivo, cognitivo e motor, sendo os dois primeiros responsáveis pela sobrevivência biológica do sujeito, enquanto o sistema cognitivo seria o principal sistema de comunicação e o motor o principal sistema de acção. O sistema afectivo seria o principal sistema motivacional, pois ampliaria os sinais dados pelas pulsões ou impulsos, alertando-nos para o perigo de défices fisiológicos como por exemplo a fome ou o descanso. No entanto, mesmo na ausência dos impulsos os afectos reagiriam ao ritmo, persistência e complexidade da informação que o organismo constantemente processa, motivando o comportamento, pois respondem a impulsos internos e ao processamento da informação exterior. O sistema afectivo estaria então na base das cognições, decisões e acções tendo como função dar significado ao comportamento. Seria visível através das emoções, apesar de afectos e emoções serem entidades diferentes, pois o afecto seria algo mais global e a emoção seria algo mais concreto. Ou seja, a emoção seria a resposta organismica básica dada perante o ritmo e complexidade da nova informação que é preciso processar, manifestando-se esta resposta através da expressão facial, da postura corporal, da reacção fisiológica (como o ritmo cardíaco, tensão arterial, temperatura da pele, tensão muscular, etc), e pela tomada de consciência pessoal do que sentimos. Algumas experiências efectuadas com gémeos monozigóticos (Izard, 1991) demonstraram a existência de uma forte componente genética nas emoções primárias, sugerindo que a emoção poderia constituir um traço genético da personalidade.

Considerando as emoções elas próprias enquanto sistema, constituiriam um sistema com quatro níveis que seriam do inferior até ao superior o nível neuronal,

sensoriomotor, motivacional e cognitivo. Assim, no nível neuronal teríamos a tradução bioquímica e bioeléctrica da emoção, podendo também desencadear artificialmente determinadas emoções por estimulação química ou eléctrica das estruturas adequadas do sistema nervoso. Para além de Izard, diferentes autores (Ortony, Clore & Collins, 1988; Ortony & Turner, 1990; Bloch, Lemeignan & Aguilera, 1991; Camras, 1992; Turner & Ortony, 1992; Ekman, 1992; Izard, 1991, 1992, 1994; Roseman, Wiest & Swartz, 1994, Russell, 1995) demonstraram a existência de um conjunto de emoções primárias, universais e invariantes em diferentes culturas, podendo ser facilmente identificadas em todos os seres humanos e também nos animais, e não dependendo do meio mas sim de programas neuronais inatos.

No nível sensoriomotor teríamos a tradução da emoção sobretudo na expressão facial e na postura corporal, que voluntariamente controladas induziriam algumas emoções. Apesar da expressão das emoções ser inata, pode também ser aprendida e controlada por influência do meio, podendo o indivíduo aprender a inibir a expressão de determinadas emoções se isso lhe for prejudicial, ou a simular a expressão de emoções se isso lhe for benéfico.

No nível motivacional teríamos as pulsões a desencadear determinadas emoções através do olfacto, gosto, dor e de algumas emoções primárias, podendo as emoções ser também consideradas como um tipo de motivação, juntamente com os reflexos, os instintos e as necessidades. Deste modo, os reflexos e o comportamento automático constituiriam um tipo de motivação que não implica uma avaliação dos estímulos, verificando-se que quanto mais automático for um comportamento, mais tempo o sujeito teria para fazer uma avaliação cognitiva da situação, decidindo intencionalmente qual a acção a efectuar. Os instintos seriam algo mais complexo que os reflexos, sendo muitas vezes motivados por modificações hormonais e sendo acompanhados por uma missão específica. As necessidades ou impulsos, poderiam variar de um nível mais instintivo até um nível mais elaborado na motivação do comportamento, existindo necessidades básicas de sobrevivência e necessidades superiores, hierarquizadas em pirâmide como Maslow defendeu, e desencadeando-se as necessidades superiores apenas quando as

inferiores estão satisfeitas. Por fim, as emoções constituiriam também uma forma de motivação, pois organizam, motivam e orientam quer a percepção, quer o pensamento e até mesmo o comportamento, funcionando como uma espécie de filtro dos sentidos capaz de alterar a percepção do que o indivíduo está a sentir. Além disso, algumas emoções emergem de necessidades fisiológicas fundamentais (como por exemplo a cólera, que está intimamente relacionada com comportamentos de aproximação e de evitamento), demonstrando ter funções adaptativas ao longo da evolução da espécie humana.

Por fim, o nível cognitivo interferiria com as emoções através da avaliação e processamento dos estímulos, da utilização da informação memorizada e da antecipação das consequências da resposta. Existiria uma interacção nítida entre emoção e cognição, não sendo possível definir qual delas ocorre primeiro, pois varia consoante o contexto, os estímulos e as experiências anteriores do sujeito. Assim, as cognições podem afectar a vivência de uma emoção através do controle voluntário das expressões faciais ou da avaliação inicial da situação. No entanto, a consciência da emoção afecta por sua vez a avaliação da situação e motiva o comportamento de determinado modo, desencadeando-se deste modo um processo cíclico.

Nesta interacção nítida ente emoções e cognições a consciência parece desempenhar um papel fundamental, podendo ser vista como uma componente diferente da organização biológica. Deste modo, seria, não o produto de um circuito neuronal particular ou da organização de elementos químicos, mas sim a organização dos aspectos psicológicos, constituindo algo de simultaneamente universal e particular. Universal porque enquanto estrutura psicológica existiria em todos os seres humanos, particular porque o seu conteúdo seria individual, existindo em cada sujeito com as suas características próprias. Definindo o conteúdo da consciência como o total de sensações, percepções, cognições e afectos que caracterizam um indivíduo, Izard considera que existiriam diferentes estados e diferentes níveis de consciência, traduzindo a consciência do Homem actual a forma final do processo evolutivo desde o material físico da vida até à mente. Deste modo, seria possível estabelecer um paralelismo entre os processos do

funcionamento corporal e as funções da mente, o que faz com que o desejar de algo possa ser considerado não como uma necessidade biológica, mas como uma orientação psicológica, pois determina e orienta o comportamento a nível da experiência subjectiva do sujeito.

As emoções podem ser consideradas como um factor de organização da consciência, pois o seu conteúdo estaria em constante modificação, nada sendo sentido ou vivido da mesma forma, pois existiria a experiência anterior. Nesta actividade permanente estariam implicadas diferentes estruturas e operações, envolvendo estas imagens, pensamentos, emoções e orientações afectivo-cognitivas, desempenhando as emoções um papel fundamental ao atribuírem um significado agradável, desagradável ou neutro a toda a interpretação efectuada pela consciência. As emoções organizariam a consciência através de uma série de passos, que começariam com a recepção de informações (sob a forma de sensações) vindas dos receptores externos e internos, sendo a um nível básico a consciência constituída apenas pela tomada de consciência da sensação. Na fase seguinte a emoção iria atribuir um significado a essa sensação, permitindo uma avaliação rápida da situação e orientando o comportamento. Ou seja, existiria um processo de percepção, a tomada de consciência da sensação, a atribuição de significado à sensação e a orientação para uma acção, decorrendo esta sequência de forma rápida no tempo. No entanto, apesar desta rapidez ser vital para a sobrevivência, quando o indivíduo se deixa orientar apenas pelas emoções pode apresentar um comportamento desadequado à situação, pois efectua avaliações imediatas e não em função de benefícios a longo prazo. Deste modo, para a sequência ser eficaz, no final deve existir uma avaliação cognitiva que orienta a tendência para a acção de modo a esta trazer o máximo de benefícios para o indivíduo.

Nesta interacção entre emoções e cognições, as sensações desempenham também um papel fundamental, pois constituem o aspecto mais elementar da consciência. Assim, enquanto ao nível neurofisiológico a sensação é uma resposta electroquímica do organismo em relação a qualquer estímulo externo ou interno, na consciência a sensação seria o experienciar desta resposta electroquímica. No entanto, este experienciar remete

para a transição entre a matéria e a mente, bem como para a transição entre sensação e percepção, pois quando a sensação atinge a consciência deixa de ser sensação e passa a ser percepção, pois foi-lhe atribuído um determinado significado. Deste modo, cada indivíduo ouve música e não sons isolados ou vê um objecto e não a luz reflectida numa entidade material. Ou seja, apesar da sensação ser um fenómeno fisiologicamente independente, a consciência teria uma forte tendência para transformar os dados sensoriais inicialmente em afectos, estes atribuiriam um significado à informação, provocando a percepção e esta iria desencadear uma tendência para a acção, concretizada ou não pelo controle cognitivo. Segundo esta perspectiva, nem todas as sensações seriam trabalhadas, sendo muitas desprezadas e dando o indivíduo atenção apenas a algumas, o que remete para a influência da emoção na percepção. Deste modo, tudo é percebido em função do que o indivíduo deseja e dos seus objectivos, sendo a percepção precedida pela emoção. Através de experiências efectuadas (Izard, 1991) foi comprovado que a interpretação de estímulos objectivo variava em função da emoção artificialmente induzida nos indivíduos.

Estando então as emoções tão permanentemente na consciência, é difícil separá-las das sensações e das cognições. No entanto, enquanto as emoções e cognições desempenham um papel fundamental no sentir, as cognições são importantes no controle do comportamento, bem como na identificação da emoção em si. Deste modo, é difícil sentir uma emoção sem a ter definido, categorizado e avaliado cognitivamente enquanto emoção. Contudo, experienciar por exemplo cólera e cognitivar cólera são dois processos diferentes. O primeiro pode provocar pensamentos e comportamentos de cólera, enquanto o segundo pode levar o sujeito a reflectir sobre as causas dessa emoção, modificando o seu comportamento e controlando-o intencionalmente (seja para inibir, seja para ampliar essa emoção).

No que se refere ao desencadear das emoções, podem ser considerados como causas principais a interacção sujeito/meio e os processos intra-individuais. Nestes, as causas podem ser descritas em termos neuronais, afectivos ou cognitivos. Assim, a nível neuronal, existiriam modificações hormonais ou nas substâncias de neurotransmissão,

bem como alterações da temperatura cerebral ou de processos neuroquímicos, sendo a emoção explicada pela actividade de certos neurotransmissores ou circuitos cerebrais. Contudo, a postura e a expressão facial, quando controladas voluntariamente poderiam funcionar como indutores artificiais de determinadas emoções. A nível afectivo as emoções seriam provocadas por fenómenos perceptuais, podendo a dor, a fadiga ou outras emoções funcionar como desencadeadores. Por fim, no nível cognitivo a emoção resultaria de determinados processos de pensamento ou de avaliação cognitiva, encontrando entre os desencadeadores a avaliação, atribuição, memória ou antecipação. No que se refere à interacção sujeito/meio, a percepção desempenha um papel fundamental, pois o processo inicia-se com a atenção selectiva aos estímulos, segue com a atenção intencional concedida a determinados aspectos do contexto e termina com a percepção da situação. Depois de desencadeada a emoção, ocorrem as diferentes fases da interacção sujeito/meio e os diferentes processos intra-individuais, não havendo uma sequência determinada previamente, o que permite interacção e simultaneidade entre a reacção neurofisiológica, experiência subjectiva e cognições.

Para além das causas, as emoções teriam também consequências, situando-se estas a nível individual e da interacção sujeito/meio. Assim, a nível individual existiria uma experiência subjectiva específica, bem como modificações neurofisiológicas. Estas últimas seriam traduzidas através de sensações corporais, nem sempre claramente consciencializadas pelo indivíduo, bem como através da postura corporal e da expressão facial, permitindo que o indivíduo apresente determinados comportamentos (ex: aumento do ritmo cardíaco no medo facilitaria o comportamento de fuga). No que se refere à interacção sujeito/meio, cada emoção apresentaria um padrão motivacional e funções adaptativas específicas, podendo ser causa de adaptação ou de desorganização do comportamento, embora a maior parte das vezes as emoções sejam uma força construtiva na vida do indivíduo. Além disso, nesta interacção desempenhariam um papel fundamental, permitindo através da expressão facial e corporal comunicar ao outro o que o indivíduo está a sentir e qual a sua intenção de comportamento (ex: expressão de cólera pode concretizar-se em luta). Enquanto forma de comunicação inter-individual as

emoções teriam um papel fundamental na sobrevivência do indivíduo, sobretudo aquando do seu nascimento, pois para se desenvolver em boas condições, o recém-nascido necessita de desencadear uma vinculação específica ao adulto, baseando-se esta nas emoções que a criança é capaz de transmitir ao adulto. Em fases posteriores do desenvolvimento, o ser humano consegue experienciar emoções de forma vicariante, bem como avaliar e discutir as emoções sentidas pelos outros.

No que se refere às emoções propriamente ditas, Izard (1991) considera, tal como na formulação inicial da teoria, um conjunto universal de emoções primárias ou básicas, definindo as dez iniciais (interesse, alegria, surpresa, cólera, angústia, nojo, desprezo, medo, vergonha e culpa) e acrescentando ainda a tristeza. Como já foi referido, cada uma destas emoções apresentaria padrões específicos a nível neuronal, subjectivo, expressivo e comportamental, derivando também de processos biológicos evolutivos diferentes e tendo funções adaptativas diferentes, características confirmadas não só por Izard (1991, 1992, 1994), mas também por outros autores (Schwartz, 1986; Scherer, 1989; Ortony & Turner, 1990; Turner & Ortony, 1992; Ekman, 1992, 1993, 1994; Van Goozen & Frijda, 1993; Scherer & Walbott, 1994; Roseman, Wiest & Swartz, 1994; Damásio, 1995; Hess, 1995). Estas emoções primárias interagiriam entre si de forma complexa, originando emoções secundárias, sendo também possível experienciar diferentes emoções primárias numa sucessão rápida de tempo. Este conjunto de onze emoções primárias poderia ser organizado de diferentes formas, como por exemplo em termos hierárquicos (ex: o interesse pode evoluir para surpresa e esta num nível intenso pode desencadear medo), associativos (ex: cólera, nojo e desprezo constituiriam a tríade da hostilidade), de adaptação do comportamento, de consequências da resposta emocional para o próprio indivíduo (ex: cólera, geralmente considerada como emoção negativa, pode ter consequência positiva ao permitir defender a integridade física ou corrigir uma injustiça social), da associação à personalidade (ex: a combinação entre interesse e medo existe mais frequentemente em sujeitos que preferem vivenciar situações de perigo), etc.

Para todas as emoções primárias Izard considera que as suas expressões seriam uma componente básica da natureza humana, e embora estando nitidamente associadas ao sentimento, frequentemente as normas sociais e culturais exigem a sua separação. Esta exigência faz com que o indivíduo aprenda a esconder o que verdadeiramente sente, simulando outras emoções (ex: sorrir para esconder tristeza ou simular cólera para disfarçar o medo. Cada emoção poderia também ocorrer como um processo neuroquímico básico independentemente da experiência, aprendizagem ou recordação do indivíduo, embora estas sejam importantes na sua vida emocional. Por fim, do ponto de vista do desenvolvimento do indivíduo, aquando do seu nascimento estas emoções parecem ser desencadeadas mais do ponto de vista neuroquímico ou por processos sensoriais, mas à medida que o sujeito evolui, os processos psicológicos acabam por se tornar primordiais, sobretudo as cognições, memórias e antecipações, podendo as emoções estar associadas a uma vasta rede de símbolos, palavras, valores, objectivos ou planos.

Do ponto de vista da avaliação das emoções, Izard desenvolveu uma escala, designada por "DES - Differential Emotion Scale", na qual avalia cada emoção primária através de uma numérica de intensidade, apresentando para cada emoção vários sinónimos. Desde o seu aparecimento nos anos setenta (Izard, 1991) a escala foi alvo de várias modificações, sobretudo no número de emoções primárias, nem sempre tendo sido consideradas a tristeza e a angústia.

Na reformulação da teoria diferencial das emoções, Izard (1991) efectua uma caracterização detalhada de cada uma destas emoções primárias, que passamos as descrever seguidamente.

3.7.2. Caracterização das emoções primárias

Cada uma das emoções primárias vai ser descrita de uma forma global, utilizando a ordem apresentada por Izard nas formas mais recentes da sua escala, e que começando no interesse, avança para a alegria, surpresa, cólera, nojo, desprezo, medo, angústia,

vergonha, e tristeza, terminando com a culpa, considerando como emoções positivas o interesse, alegria e surpresa, e como emoções negativas as restantes oito emoções.

Interesse

Embora já no século passado William James tenha referido que os processos de atenção e de percepção são limitados e frequentemente orientados por outras variáveis psicológicas, só muito mais tarde foi aceite que a emoção de interesse limita tudo aquilo a que o indivíduo dá atenção. Assim, quando o indivíduo está muito interessado num determinado objecto (ex: ler um livro), a sua percepção em relação a outros objectos é reduzida ao mínimo, o que implica uma perda de informação, podendo por vezes desprezar informação fundamental para o bem-estar físico, como é por vezes o caso de atletas, que estando empenhados em ganhar uma competição referem não sentir dor física apesar do seu organismo entrar em estado de exaustão. O interesse constitui então a mais básica das emoções básicas definidas por Izard, permitindo a avaliação inicial de qualquer situação ou objecto, estando o indivíduo continuamente interessado em algo, seja para em seguida ter um comportamento de aproximação, seja para ter um comportamento de evitamento. Assim, o interesse estaria sempre presente na consciência do indivíduo, excepto em situações em que é necessário satisfazer necessidades básicas de sobrevivência, ou quando há um predomínio de emoções negativas intensas. Estando associado à atenção e à percepção, o interesse vai também estar intimamente relacionado com os processos cognitivos, influenciando o desenvolvimento das capacidades e das competências do indivíduo, bem como a sua interacção com o meio, já que para interagir é necessário sentir um interesse mínimo pelo outro.

O interesse apresenta uma expressão facial específica, traduzindo-se a nível experiencial por excitação, empenho, fascínio ou curiosidade em relação a algo, fazendo estas com que o indivíduo esteja atento e explore a informação disponível. Ou seja, quando o sujeito está interessado sente-se vivo e activo em relação a algo. Apresenta também alterações fisiológicas no sentido da diminuição da activação fisiológica, o que origina as condições óptimas quer para uma melhor recepção da informação a partir dos

órgãos dos sentidos, quer para a manutenção prolongada no tempo do interesse numa dada tarefa ou objecto. No entanto, convém realçar que a perduração do interesse no tempo pode apresentar flutuações de intensidade, variando estas por muitas razões, desde características pessoais a condições do meio.

As causas da emoção interesse são inúmeras, variando com as características do sujeito (como a personalidade ou idade), constituindo contudo a novidade da situação ou objecto a principal causa. O reflexo de orientação também pode aparecer como uma causa do interesse, embora por vezes seja também uma consequência, já que o sujeito pode demonstrar interesse por algo que desencadeou um reflexo de orientação, ou pode também ao interessar-se por algo desencadear um reflexo de orientação em relação ao objecto alvo do interesse. Outra das causas do interesse é a atenção, que aparece como uma fase inicial do interesse, podendo evoluir para este ou no caso de não ser muito intensa desaparecer sem desencadear interesse.

Do ponto de vista filogenético e ontogenético o interesse desempenha um papel fundamental. Assim, no desenvolvimento individual está associado à motivação do comportamento e ao desenvolvimento de capacidades e competências, pois a curiosidade por aquilo que a rodeia permite à criança ter as experiências necessárias para a sua evolução, enquanto o empenho numa tarefa permite o seu treino e repetição até atingir um desempenho eficaz e competente. Do ponto de vista da espécie, tem um papel fundamental na comunicação dentro do grupo, tendo sido vital para a sobrevivência da espécie, pois ao mostrar aos outros onde estava focalizado o seu interesse, o indivíduo poderia alertar o grupo para um perigo de que não se tinham apercebido. Parece também ter contribuído para a socialização, pois facilitando a comunicação contribui também para uma melhor interacção no grupo, o que por sua vez aumenta a coesão interna.

Sendo considerada uma emoção positiva, aparece frequentemente associado às outras duas emoções positivas, a alegria e a surpresa. No que se refere à alegria, esta é desencadeada em situações cujas consequências benéficas resultam do empenho e interesse do sujeito, sendo frequente na aquisição de competências específicas. No que se refere à surpresa, esta pode aparecer como uma fase inicial do interesse, podendo ou não

evoluir para este, consoante o indivíduo explora ou não o estímulo desencadeador de surpresa. Do ponto de vista expressivo por vezes é confundida com a expressão de interesse, já que ambas implicam uma atitude inicial de atenção. No entanto o interesse rapidamente evolui para a exploração de algo, enquanto na surpresa se mantém esta atitude de atenção, parecendo o indivíduo ficar completamente surpreendido ou fascinado. Pode também estar relacionado com emoções negativas, como o medo, constituindo esta associação a emoção secundária de ansiedade, caracterizando-se esta por uma certa excitação em relação a uma situação, sentida em simultâneo com algum receio.

Através da sua estabilidade temporal e da sua intensidade, o interesse pode dar informações sobre a personalidade, bem como sobre a psicopatologia. Assim, a diminuição do interesse por tudo o rodeia o indivíduo constitui um sintoma de depressão ou de psicopatia, enquanto um interesse excessivo, acompanhado por tarefas sistematicamente incompletas é típico da mania, e a labilidade constante do alvo de interesse aparece frequentemente associada à esquizofrenia. No que se refere à personalidade, a procura de situações que desencadeiam um interesse excessivo é típica do traço de personalidade definido por Zuckerman (1971) como "sensation-seeking", podendo também o interesse definir uma organização de personalidade baseada mais nas cognições ou nas sensações, consoante o interesse é dirigido para o pensar ou para o sentir.

Alegria

É considerada como a mais positiva das emoções positivas, e vendo-a associada ao rir ou sorrir, é facilmente constatado que se manifesta durante toda a vida do ser humano. Embora seja mais complexa do que uma sensação agradável, a alegria é frequentemente associada a esta, implicando aspectos físicos e psicológicos, como por exemplo saborear a refeição predilecta no local preferido.

A alegria pode ser desencadeada por diferentes causas, desde a satisfação de necessidades básicas até a realização de desejos ocultos, ao sucesso e competência em

determinadas tarefas ou ao desaparecimento de determinados obstáculos. Estas causas variam também como características individuais, como a idade, sendo na criança, a alegria desencadeada sobretudo pela satisfação de necessidades básicas. Por exemplo, o sorriso típico do recém-nascido é considerado como sendo instintivo e de raiz biológica e não emocional, traduzindo um bem-estar físico. O sorriso, bem como o riso, aparecem como a principal expressão característica da alegria, constituindo o sorriso uma forma mais elementar e menos intensa, podendo também ser simulado. No entanto, um observador treinado conseguiria distinguir ambos, pois no sorriso verdadeiro está implicada toda a face, enquanto no sorriso simulado há menor brilho dos olhos, maior assimetria facial e ocorre sobretudo a nível da boca. O riso seria mais difícil de simular, sendo considerado a expressão extrema e nítida da emoção de alegria.

Considerando então o sorriso e o riso como uma resposta inata tradutora da alegria, do ponto de vista do desenvolvimento humano o principal desencadeador da alegria parece ser a face. Assim, a face do adulto pode ser considerada como uma fonte de emoções positivas para a criança, permitindo também que esta mantenha estável a sua concentração visual no outro, interagindo de forma mais completa e prolongada com este. Por exemplo, se a criança sorri ou ri para o adulto que interage com ela, este tende a repetir o comportamento que pensa ter desencadeado essa expressão de alegria, prolongando a interacção, enquanto no caso da criança não sorrir o adulto desinteressase e desinveste mais rapidamente.

No que se refere às alterações fisiológicas, durante a alegria existiria um aumento do ritmo cardíaco e da actividade muscular da face, bem como um padrão irregular da respiração, embora não haja unanimidade nos diferentes estudos, pois a alegria aparece também associada a um estado de relaxamento, implicando este uma diminuição da activação. Do ponto de vista experiencial, a alegria traduz-se por sensações de vigor, força, harmonia, confiança e competência, bem como por uma apreciação positiva do mundo, permitindo encarar a realidade de forma optimista e facilitando a interacção com os outros. Além disso, os processos cognitivos parecem ser facilitados e o desempenho melhorado, o que contribui para a manutenção desta emoção e para a sua transformação

na felicidade, considerando-se contudo esta como uma emoção secundária ou como um sentimento. Experiências efectuadas demonstraram que a indução artificial da alegria melhorava de forma nítida a resolução de tarefas cognitivas, bem como a tolerância e interacção com os outros, e a receptividade e abertura a novas situações. No entanto, paradoxalmente, por vezes o desencadear da alegria pode levar o indivíduo a desinvestir de determinada tarefa, empenhando-se nesta apenas até atingir o nível que lhe permite experienciar alegria.

Do ponto de vista do desenvolvimento individual a alegria parece não poder ser treinada ou aprendida, sugerindo a existência de factores biológicos que determinariam se a criança vai ter um alto ou baixo limiar de alegria. No entanto, através da mediação de variáveis psicológicas como a autoconfiança ou o desempenho seria possível ensinar a criança a experienciar mais frequentemente alegria. Além disso, parecem também existir factores sócio-culturais que afectam as condições e oportunidades para o indivíduo experienciar e expressar alegria.

A alegria aparece também associada a outras emoções, sobretudo o interesse (como já foi referido) e por vezes também a vergonha, sendo esta última associação mais nítida nas crianças e em situações em que o indivíduo é alvo da atenção dos outros pelo desempenho de uma determinada tarefa. A alegria resultaria do bom desempenho e da confiança do indivíduo em si e nas suas capacidades, enquanto a vergonha resultaria do facto do indivíduo ser o centro da atenção.

Do ponto de vista da psicopatologia aparece no masoquismo e no sadismo como resultado do infligir da dor, respectivamente a si próprio e aos outros, bem como na dependência de certas situações, objectos ou substâncias, que se tornam o centro da vida do indivíduo. Enquanto característica da personalidade parece ser típica de indivíduos optimistas, capazes de experienciarem com mais facilidade emoções positivas.

Surpresa

Considerada como uma emoção positiva, apresenta características ambíguas em relação a todas as outras emoções, positivas ou negativas, pois apesar de fácil de

reconhecer em termos expressivos, é difícil de descrever em termos experienciais, já que é rápida e súbita no tempo. Deste modo, pode-se dizer que é desencadeada por um aumento súbito ou por uma inovação na estimulação, sendo definida pelos sujeitos como uma situação rápida e intensa em que aparentemente se deixou de pensar por algum tempo e se ficou absorto na contemplação da fonte desencadeadora de surpresa. Assim, não existem conteúdos cognitivos associados à surpresa, sendo esta associada a situações inesperadas, incertas súbitas, e tipicamente descritas como agradáveis, o que permite incluir a surpresa como emoção positiva. No entanto estas situações, quando comparadas com situações desencadeadoras de alegria são avaliadas como menos agradáveis. No caso das situações desagradáveis a surpresa é menos referida, parecendo ser substituída pelo medo.

Sendo rápida e intensa no tempo não motiva por muito tempo o comportamento do sujeito, o que leva alguns autores a não a considerarem como emoção primária, nem como emoção positiva ou negativa, mas como um estado de bloqueio temporário. No entanto, pela sua universalidade e frequência no ser humano, bem como pelas suas características inatas é considerada por Izard como emoção primária, tendo como principal função preparar o sujeito para algo novo, e sobretudo, para as consequências dessa novidade. Assim, teria como função, quase, limpar o sistema nervoso, fazendo-o parar num determinado momento para depois reagir de forma mais adequada à situação nova, avaliando-a e orientando o comportamento da forma mais eficaz. Em termos fisiológicos, estando associada à paragem súbita dos processos cognitivos, é geralmente referido pelos sujeitos que não sentiram nada a nível corporal, embora depois de retomarem a consciência seja frequente um aumento da activação, aquilo que não é esperado. No entanto, este aumento da activação pode ser desencadeado pelo reflexo de orientação, frequentemente associado à surpresa e que aparece como uma consequência desta.

No que se refere ao desenvolvimento individual a surpresa não parece poder ser desencadeada antes dos seis meses de idade, pois a criança ainda não teria os processos cognitivos suficientemente desenvolvidos para ter expectativas em relação a algo e para

reagir perante o inesperado. A partir desta idade seria capaz de identificar determinados estímulos apenas por características parciais, esperando em seguida encontrar o estímulo completo, o que a não se verificar constituiria uma situação inovadora desencadeadora de surpresa. Do ponto de vista da socialização, uma aprendizagem deficiente do modo de lidar com a surpresa poderá fazer com que esta seja substituída pelo medo, associando este a todas as situações inovadoras, o que tem como consequência comportamentos desajustados por uma deficiente orientação. Como já foi referido, a surpresa aparece associada a situações agradáveis e o medo a situações degradáveis, o que sugere que quando a avaliação final da situação inovadora é no sentido positivo o indivíduo caracteriza o seu estado emocional como surpresa, enquanto na avaliação no sentido negativo a surpresa evoluiria para medo, sendo este o estado predominante no tempo e mais referido, apesar da surpresa também ter sido desencadeada.

Cólera

É considerada como uma emoção negativa e como a mais quente dentro destas, tendo como função demonstrar aos outros que o indivíduo sentiu a sua integridade física e/ou psicológica ameaçada e que vai reagir de alguma forma. Deste modo, tem um papel adaptativo, pois mobilizando energia para a acção, permite ao indivíduo sentir-se mais capaz de enfrentar desafios e perigos. É frequentemente associada à agressividade, que aparece como consequência de uma resposta mediada pela cólera, enquanto um ataque desencadeado como reacção instintiva de defesa apresenta consequências menos graves. No entanto, nem sempre a cólera conduz à agressão, podendo ficar-se pela agressividade verbal ou pela expressão desta emoção sem consequências comportamentais. Além disso, a cólera pode ser dirigida para os outros ou para si próprio, sendo nesta última situação mais difícil a sua passagem para acto agressivo. Assim, ao preparar o indivíduo para a acção, a cólera permite que ele fique com mais força física e com mais coragem para determinados actos, mas isso não significa que estes sejam agressivos, pois frequentemente o comportamento do outro sujeito funciona como um atenuante da cólera, reduzindo a sua intensidade. Por exemplo, quer o ser humano, quer os animais

evitam atacar um adversário que demonstra submissão, arrependimento, medo ou humilhação, atacando mais facilmente quando o adversário apresenta expressões de ameaça. Contudo, estas expressões por vezes também funcionam como atenuante, pois transmitem ao indivíduo que poderá ser difícil ganhar, levando-o a avaliar de modo mais rigoroso as características da situação e a decidir se efectua ou não o ataque. Deste modo a comunicação de expressões hostis, seja de cólera ou da tendência para o comportamento agressivo, podem alterar e mediar o limiar de agressividade.

Em termos adaptativos a cólera parece ter sido importante na evolução e sobrevivência da espécie, remetendo para aspectos territoriais e estatuto no grupo. Deste modo, é mais estudada nos animais, pois pelas regras sociais da espécie humano é rejeitada a expressão total da cólera no Homem, sendo por isso difícil de estudar neste.

No que se refere às causas da cólera, destacam-se como mais importantes e até universais situações de limitação física ou psicológica que constituam um obstáculo capaz de impedir o indivíduo de atingir os seus objectivos. Além disso, existem também desencadeadores de tipo físico, dos quais se destacam a estimulação desagradável ou aversiva, como a dor, a exposição a altas temperaturas ou a odores desagradáveis. Do ponto de vista psicológico há também desencadeadores, como a existência de cenas moralmente negativas ou desagradáveis, a avaliação de sentimentos ou pensamentos desagradáveis, a ideia de ter sido tratado de forma injusta ou ter sido ofendido, etc. Do ponto de vista expressivo a cólera apresenta uma expressão inata facilmente reconhecida pelos outros, bem como alterações fisiológicas no sentido da activação, estando o indivíduo pronto para reagir. Do ponto de vista experiencial traduz-se pela sensação de estar limitado no atingir de objectivos importantes. Apesar da cólera poder se facilmente desencadeada, a sua expressão pode ser controlada, sendo importantes as regras sociais que ensinam o indivíduo a expressar a cólera apenas até um certo nível, inibindo então a expressão total da cólera e sobretudo a sua passagem a acto agressivo. Na aprendizagem destas regras sociais destacam-se determinados estereótipos, como a associação entre cólera e masculinidade, que está na base da permissão da expressão aberta da cólera em

sujeitos do sexo masculino, sendo contudo considerada como falta de educação ou mau-gosto quando acontece no sexo feminino.

A cólera pode também surgir associada a outras emoções, como a vergonha, que aparece após a expressão de cólera como consequência do sujeito sentir que perdeu o controle e exprimiu abertamente a sua cólera. Também pode ser associada à tristeza, à culpa e ao medo (levando à depressão), bem como ao nojo e ao desprezo (em situações avaliadas como frustrantes) ou à tristeza e vergonha, ocorrendo estas em situações de desapontamento ou de insucesso. No que se refere à personalidade, a expressão da cólera aparece associada à extroversão enquanto traço de personalidade, bem como à expressão de comportamentos agressivos como característica individual, supondo-se os três teriam uma forte componente genética que determinaria um baixo limiar de vivência e de expressão da cólera. O caso oposto, a existência de um alto limiar resultaria na repressão e não expressão da cólera, sendo considerado um comportamento desajustado, pois a expressão intermédia da cólera para além de aliviar o indivíduo comunicaria aos outros como a situação ou estímulo o afectou, enquanto a repressão levaria frequentemente ao dirigir da cólera para si próprio.

Como a cólera pode por vezes resultar em comportamentos agressivos ou mesmo na agressão, convém distinguir agressividade e agressão. Assim, agressividade é uma motivação de sobrevivência que visa proteger o indivíduo e a espécie, ocorrendo entre indivíduos da mesma espécie, e traduzindo-se num conjunto de comportamentos designados por agressivos. Estes remetem para uma tendência para a acção no sentido do ataque ao estímulo desencadeador da agressividade, embora nem sempre sejam concretizados. No caso de o serem fala-se então em agressão, sendo esta o comportamento real e concreto de ataque, ou seja, uma acção intencional e dirigida para um alvo específico. Associados à agressividade e agressão aparece também a hostilidade, que seria uma característica psicológica, definida como a predisposição para apresentar comportamentos agressivos, podendo estes culminar ou não na agressão.

Nojo

Do ponto de vista filogenético há dúvidas sobre o momento de aparecimento das emoções, sendo contudo aceite que o nojo terá sido uma das primeiras, pois teria como função evitar situações que podem ameaçar a sobrevivência, nomeadamente através da rejeição de substancias tóxicas. Assim, do ponto de vista fisiológico e adaptativo, em termos evolutivos o nojo parece estar associado a áreas e estruturas cerebrais que comandam o sentido do gosto e a alimentação. Esta ideia é reforçada pelo facto do nojo parecer ter uma reduzida dimensão psicológica, implicando pouco a avaliação cognitiva e remetendo para algo mais instintivo e neuroquímico, sendo facilmente desencadeado minutos após o nascimento do ser humano através da ingestão de gotas de uma determinada substancia.

No que se refere aos desencadeadores do nojo, do ponto de vista físico os alimentos constituem a principal causa, podendo ser apontados quatro tipos de rejeição da alimentação. Assim, teríamos a rejeição por conteúdos desagradáveis (baseada no gosto), por perigosidade (baseada nas consequências prejudiciais para o bem estar físico do indivíduo), por inadequação (baseada na contaminação) e por nojo, constituindo este uma forma de rejeição baseada na cognição sobre eventual perigosidade e contaminação. Estas podem frequentemente estender-se ao nível psicológico, como o demonstra uma experiência efectuada com enfermeiras (Izard, 1991), que recusavam utilizar copos com um formato igual aos utilizados na recolha de sangue, mesmo sabendo que eram novos. Do ponto de vista físico e psicológico, existem desencadeadores a nível sexual, funcionando estes frequentemente como forma de protecção de situações que podem resultar em lesões para o indivíduo. Do ponto de vista psicológico existem também desencadeadores, como situações ou indivíduos moralmente aversivos, podendo também o indivíduo sentir nojo de si próprio. Neste último caso incluem-se geralmente características de personalidade que desagradam aos seus possuidores e que frequentemente remetem para a imagem corporal, como é o caso de indivíduos obesos que referem sentir nojo do seu constante apetite. Em termos fisiológicos não há grandes características do nojo, embora a nível experiencial sejam sempre referidas sensações de

algo desagradável, traduzindo-se em comportamentos no sentido de evitar os estímulos desencadeadores de nojo. A expressão de nojo é facilmente reconhecida, podendo também ser disfarçada ou simulada, embora num caso de muita intensidade seja involuntária e difícil de controlar.

Em termos individuais o nojo não emerge antes dos sete anos de idade, pois antes desta idade a criança rejeita situações e/ou objectos por saberem mal ou pensar que sabem mal, por as considerar perigosas ou inapropriadas mas não por sentir nojo. Este aparece a partir desta idade, remetendo para processos cognitivos que pelo seu desenvolvimento permitem que objectos neutros possam ser transformados em objectos desencadeadores de nojo com base no condicionamento e na aprendizagem. Do ponto de vista social o nojo tem uma função fundamental, pois permite que o indivíduo aprenda a evitar determinadas situações, rejeitando-as, sendo possível associar a estas outras situações, mesmo que não impliquem os sentidos do odor ou do gosto. Deste modo, poderá ter permitido do ponto de vista evolutivo que as espécies tivessem comportamentos de limpeza individual e do meio, de modo a terem boas condições de sobrevivência.

No que se refere às restantes emoções primárias, o nojo pode associar-se à tristeza (frequente nas desordens do apetite, levando à recusa de alimentos e à anorexia), sendo contudo a associação mais frequente ao desprezo e à cólera. Juntamente com estas duas últimas emoções constitui a tríade da hostilidade, responsável por comportamentos de ataque com violência excessiva, pois o indivíduo em vez de rejeitar o objecto desencadeador de nojo, sente motivação suficiente para o atacar e para o destruir.

Desprezo

Apresenta-se como a emoção mais difícil de compreender, pois Izard (1991) considera que é difícil explicar como um ser humano pode sentir desprezo por outro ser humano. No entanto, a sua expressão é nitidamente identificável e servindo como forma de comunicação com os outros. No que se refere às funções adaptativas, a comunicação parece ser uma delas, bem como a preparação para um melhor ataque como forma de

defesa. Deste modo, ao sentir-se superior a um adversário o indivíduo não teria medo de o atacar, defendendo-se melhor. Teria também uma função positiva ao fazer o indivíduo reagir, por exemplo, contra a poluição, imoralidade, opressão, crime ou guerra, facilitando a manutenção das normas sociais e a coesão dentro do grupo. Assim, se um sujeito se desvia das normas do grupo, o desprezo deste funciona como pressão para modificar o seu comportamento ou para abandonar o grupo.

Nas causas do desprezo encontramos sempre situações de interacção social, em que o indivíduo se sente superior aos outros, seja porque triunfou sobre um rival, seja porque perdeu mas se considera injustiçado. Também pode acontecer o indivíduo sentir desprezo por si próprio, surgindo este como consequência de determinado acto. Ou seja, existiriam desencadeadores psicológicos do desprezo, mas não fisiológicos. Aliás, do ponto de vista fisiológico são bastante escassos os dados, sugerindo que o desprezo não é acompanhado de alterações fisiológicas e considerando-o como a emoção mais fria. Em termos expressivos apresenta uma expressão inata e universal, embora seja possível modifica-la, seja para a inibir, seja para a simular. A sua experiência subjectiva remete para uma posição de superioridade em relação aos outros, sentindo-se o indivíduo moralmente melhor e maior do que estes, desvalorizando-os.

É a emoção mais associada aos preconceitos, sejam estes raciais, culturais, sociais, etc, implicando mais o distanciamento do que a agressividade. Deste modo, dentro da tríade da hostilidade é considerada a emoção mais benigna em termos de consequências para os outros indivíduos. No entanto, por vezes, pode ser de tal maneira intenso que pode fazer o indivíduo ultrapassar esse distanciamento e destruir o objecto do seu desprezo. Esta situação parece ser a que melhor explica os massacres de grupos étnicos ou raciais, existindo desde as primeiras civilizações, pois já nas culturas egípcia e grega a vitória era considerada como sinónimo de superioridade. Deste modo, enquanto a cólera pode desencadear uma agressão imediata, o desprezo ao remeter para uma dimensão moral e cognitiva, quando desencadeia agressão esta é calculada e previamente trabalhada, podendo ser menos intensa do que na cólera, mas bastante mais perigosa pelo seu planeamento.

Medo

É frequentemente referida como a emoção que todos os indivíduos mais receiam sentir, sendo frequentemente experienciada e em situações que pouco têm de comum, a não ser o serem vividas como uma ameaça à integridade e segurança do sujeito, sejam estas físicas ou psicológicas. Consiste em alterações fisiológicas e comportamentos directamente observáveis, bem como num sentimento de ameaça ou perigo, podendo resultar na fuga ou na imobilização, e sendo a situação recordada de forma nítida, mesmo muitos anos depois.

As causas do medo são inúmeras, implicando geralmente processos cognitivos, pois na base do medo está a avaliação cognitiva de uma situação considerada ameaçadora. Do ponto de vista fisiológico as necessidades básicas podem causar o medo, como por exemplo o indivíduo ter dificuldade em respirar e ter medo de não o conseguir fazer. Numa perspectiva evolucionista há também outras causas naturais do medo, destacando-se nestas a dor, o medo de ser abandonado, modificações súbitas na estimulação e uma aproximação rápida. Assim, a dor ou a sua antecipação da dor constituem a causa mais poderosa, permitindo ao sujeito aprender a evitar situações associadas à dor, o que alivia o medo, embora possa levar o indivíduo a evitar situações por antecipação, sem que nunca as tenha experienciado (ex: ter medo de andar de avião, apesar de nunca ter experimentado). O medo de ser abandonado remete para a sobrevivência do indivíduo, pois em grupo está mais protegido. As modificações súbitas na estimulação remetem para uma perspectiva behaviorista, estando bastante associadas ao reflexo de orientação e às experiências de Watson, que demonstrou que modificações bruscas na estimulação podem ser percebidas como perigo. Por fim, a aproximação rápida pode também desencadear medo, pois pela sua rapidez não permite que o indivíduo avalie com detalhe as características da situação, sendo então esta considerada como perigosa. Esta causa natural tem sido estudada nas crianças, tendo sido demonstrado que o medo dos estranhos é menor ou até inexistente se a aproximação destes for lenta, rejeitando a explicação deste medo ser provocado pela estranheza. No

entanto, esta pode funcionar também como uma outra causa, remetendo para a discrepância entre a expectativa e a situação real. Do ponto de vista psicológico há também desencadeadores de vários tipos, como as emoções, como é o exemplo da associação entre interesse e surpresa, que pode terminar no medo. O próprio medo funciona também como desencadeador, ampliando o medo inicial, pois o indivíduo ao tomar consciência que sentiu mesmo medo pode ter ainda mais medo, o que leva Izard a dizer que o medo maior deve ser o de algum dia sentir medo. Os processos cognitivos constituem outro tipo de desencadeador psicológico, pois através da memória ou da antecipação podem levar o indivíduo a sentir medo, podendo também o indivíduo ter medo de perder o controle, medo do sucesso, medo de falhar, etc, estando estes medos fortemente mediados do ponto de vista sócio-cultural. Existem pois inúmeras causas do medo, variando estas contudo com as características individuais, como a idade, que permite verificar que ao longo do desenvolvimento do indivíduo a natureza dos objectos que lhe metem medo vai sendo modificada.

O medo apresenta, tal como as anteriores emoções, uma expressão facial típica e universalmente reconhecida, podendo por vezes ser associado ao choro. Do ponto de vista fisiológico apresenta modificações no sentido da activação, permitindo ao sujeito fugir, embora por vezes seja tão intenso que o sujeito fica imobilizado. Deste modo é considerado a mais tóxica das emoções, pois o indivíduo pode ficar tão assustado que ocorre uma sobrecarga no sistema nervoso vegetativo imobilizando o indivíduo ou levando-o mesmo à morte. A experiência do medo afecta também a percepção, limitando as capacidades e escolhas do indivíduo, podendo o medo ser induzido artificialmente por sugestão. Do ponto de vista experiencial é descrito como uma experiência súbita sentida como ameaçadora e perigosa, sendo acompanhada da percepção nítida de alterações fisiológicas.

Do ponto de vista adaptativo desempenha uma função importante, pois permite mobilizar as energias do indivíduo de maneira a tentar reduzir a ameaça à sua segurança, focando a sua atenção e orientando o seu comportamento de modo a reduzir a ameaça. Pode estar associado a outras emoções, como a surpresa (resultando de uma maior

intensidade da surpresa), a alegria (sentida como alívio após uma situação de medo) ou o interesse, existindo frequentemente um conflito entre o medo de explorar e o interesse em continuar a explorar uma situação nova. Pode também estar associado à tristeza (quando a criança é punida por expressar a sua tristeza pode sentir medo sempre que se sente triste), à vergonha (quando é punida por expressar vergonha) ou à culpa (em que o indivíduo para além de se sentir culpado por um determinado acto tem também medo das consequências deste). A ansiedade é também frequentemente associada ao medo, embora esta seja considerada uma emoção secundária, resultante da combinação de várias emoções, como o medo, a vergonha, a culpa e a angústia. A fobia aparece não como uma associação entre o medo e outras emoções, mas sobretudo como um medo intenso e irracional de objectos ou situações específicas, sendo sobretudo aprendido e estando assente em processos de condicionamento.

No que se refere aos aspectos sociais, o medo é também importante, pois podendo ser aprendido através do medo experienciado pelos outros, permite ao indivíduo evitar situações que lhe seriam prejudiciais, embora quando esta aprendizagem é mal efectuada dê origem a medos exagerados e até a fobias. Esta socialização do medo remete então, sobretudo, para modelos de educação, que podem ser adequados (quando mostram que é natural sentir medo e quais as formas possíveis de o ultrapassar), ou desadequados, quando os pais escondem o medo (fazendo a criança pensar que nada provoca o medo e desenvolvendo uma autoconfiança exagerada) ou quando demonstram que tudo pode ser fonte de medo, contribuindo para uma autoconfiança deficiente. Para além disso, o medo funciona também como factor de coesão, pois o indivíduo ao sentir medo procura mais facilmente a colaboração do seu grupo para reduzir a ameaça.

Angústia

É considerada como estando intimamente relacionada com o medo, apresentando as mesmas características que este e podendo ser definida como um medo vago, inespecífico e global, remetendo para uma apreensão e preocupações difusas e sem causa específica. Em termos de intensidade seria um medo pouco intenso, mas prolongado no

tempo. Frequentemente é associada à ansiedade, pois sendo esta uma emoção secundária resultante da combinação de várias emoções primárias, a angústia constitui precisamente uma das suas componentes.

Vergonha

Desempenha um papel importante no comportamento humano, apesar de ser menos estudada do que outras emoções, e sendo frequentemente associada à timidez, ao medo e à cólera, com as quais partilha algumas características. É considerada a emoção da indignidade, do defeito e da transgressão, sendo a mais reflexiva de todas as emoções, pois constitui uma experiência de si próprio através de si próprio, tendo o indivíduo consciência que está a ser alvo de atenções. Caracteriza-se por ocorrer apenas em situações com significado para o indivíduo, podendo ser desencadeada de inúmeras formas, remetendo contudo estas para a sensação de inadequação do comportamento do indivíduo.

Tem uma expressão facial típica, na qual o desviar os olhos e o corar da face são os principais sinais, sendo o corar um fenómeno tipicamente humano, involuntário e resultante da inibição de actividades de contracção e de tonicidade dos capilares da face, permitindo que estes vasos se encham rápida e subitamente de sangue. Apesar do corar poder ocorrer também no torax e costas, é mais frequente na face, pois esta está mais exposta não só às variações do ar, luz e temperatura, mas também à atenção dos outros. Em experiências efectuadas (Izard, 1991), foi demonstrado que os indivíduos cegos também coram, bem como que o acto de corar pode ocorrer quando o indivíduo está sozinho e evoca uma situação desencadeadora de vergonha. O limiar do corar varia com características individuais, como a personalidade e a idade, sendo mais frequente nas crianças e adolescentes e menos frequente nos adultos, o que é interpretado através não só das modificações biológicas do desenvolvimento corporal, mas também da aprendizagem de estratégias para melhor enfrentar as situações que possam desencadear vergonha. Apesar do corar ser considerado uma consequência da vergonha, pode também ser considerado uma causa de futura vergonha, pois ao atrair a atenção dos

outros para o seu embaraço, o indivíduo sente ainda mais vergonha. Apesar de ser difícil evitar ou simular o corar, os restantes aspectos da expressão da vergonha podem ser modificados voluntariamente.

Do ponto de vista experiencial a vergonha implica uma exagerada auto-consciência e auto-atenção exageradas, tomando subitamente o indivíduo consciência de si próprio e da sua forma de agir, que considera ter sido inadequada, ineficaz e incompetente. O indivíduo sente-se reduzido à sua insignificância e até ridículo, tornando-se as suas fronteiras individuais mais permeáveis e tendo a sensação de perda de controle, bem como de perda da auto-estima na situação. Além disso, após ter sido experienciada, a vergonha ainda perdura na consciência, ficando o indivíduo a pensar naquilo que deveria ou poderia ter dito ou feito.

Do ponto de vista evolutivo, a vergonha parece ter apenas consequências negativas para o próprio sujeito. No entanto desempenha um papel importante na coesão do grupo, pois torna o indivíduo mais sensível às opiniões e sentimentos dos outros, evitando determinados comportamentos que poderiam por em risco a sobrevivência do grupo, e funcionando também como motivação para actos arrojados e para o desenvolvimento de capacidades individuais. Nesta coesão interna, pode mesmo ser sentida por um indivíduo a propósito de actos cometidos por outros indivíduos.

Do ponto de vista psicológico existem vários mecanismos para lidar com a vergonha, sendo os mais frequentes a negação (sendo a vergonha uma emoção dolorosa, a negação permite o seu aliviar, embora seja mais fácil convencer os outros do que convencer-se a si próprio), os mecanismos de repressão do ego (reprimir pensamentos sobre situações embaraçosas, o que a longo prazo pode conduzir a sentimentos de inadequação e a problemas de identidade) e a afirmação do eu (para disfarçar a vergonha o indivíduo realça aspectos que nada têm a ver com a situação em causa, o que contribui para aumentar ainda mais a sua vergonha), variando estes com a cultura e com as formas de socialização da vergonha.

A vergonha pode aparecer associada a outras emoções, como por exemplo o nojo (frequentemente simulado para disfarçar a expressão da vergonha), o desprezo

(sentido por si próprio por ter demonstrado sentir vergonha) e a culpa (o indivíduo culpa-se a si próprio por não ter conseguido reagir de outro modo), emoções consideradas negativas. No entanto, pode também estar associada às emoções positivas, como a alegria, sendo desencadeadas, por exemplo, quando o indivíduo tem de exibir publicamente as suas capacidades, sentindo-se o alvo das atenções. Também pode estar associada ao interesse, ocorrendo em situações de incongruência, que desencadeiam simultaneamente interesse em explorar a situação e vergonha pela confusão e incongruência. Através desta ligação, há a dúvida se a vergonha seria uma emoção negativa ou positiva, sendo por vezes considerada como a mais positiva das emoções negativas.

Pode também aparecer associada a outros aspectos psicológicos, como a timidez ou a depressão. Nesta, a prolongada inibição da expressão da vergonha, bem como a perduração desta na consciência podem levar o indivíduo a apresentar pensamentos negativos sobre si e sobre o mundo, hostilidade dirigida a si próprio, culpa, etc, que a longo prazo e em conjunto com outros aspectos poderão facilmente conduzir à depressão. No que se refere à timidez, apesar desta não ser considerada uma emoção, está bastante associada à vergonha, sendo por vezes considerada como vergonha menos intensa. No entanto é diferente desta, pois apresenta expressões semelhantes às da vergonha (como a diminuição do contacto visual), e outras típicas da timidez, como o sorriso. Ocorre apenas em situações de interacção social, nas quais parece existir uma vulnerabilidade da auto-imagem, sentindo-se o indivíduo inseguro, desconfortável e constrangido, temendo na presença dos outros dizer ou fazer algo que o vai envergonhar.

Tristeza

É considerada, tal como o medo, como a emoção negativa mais frequentemente experienciada. As suas causas podem ser muito variadas, remetendo contudo geralmente para a separação seja física ou psicológica e para o insucesso, desempenhando as cognições um papel importante, pois permitindo que o sujeito fique a pensar durante

longo tempo nas causas da tristeza, desencadeia a longo prazo uma forma negativa de perceber o mundo, contribuindo para o aumentar da tristeza..

Do ponto de vista fisiológico pare existir uma diminuição da activação, referindo os indivíduos sentir o coração e todo o corpo pesados, como se carregassem um peso, descrevendo também uma sensação de vazio e uma fadiga física e mental. Estas sensações vão influenciar a percepção, levando o indivíduo a ver tudo negro e bastante limitado. Apresenta também uma expressão típica, que pode ser rápida ou duradoira no tempo (é a emoção mais tolerada pelos indivíduos, podendo prolongar-se durante bastante tempo), constituindo o choro a sua forma de expressão mais intensa. Do ponto de vista da interacção social, a expressão de tristeza revela aos outros que o indivíduo está perturbado e que precisa de ajuda, tendo então a tristeza uma função importante, pois facilita a interacção, levando o indivíduo a partilhar o que sente, aliviando deste modo a sua tristeza.

A tristeza aparece associada também a outras emoções, como por exemplo a culpa (o que resulta geralmente no isolamento do indivíduo e no seu afastamento do grupo), a cólera (em que a tristeza pode evoluir para a cólera em direcção à causa da tristeza, ou a cólera pode evoluir para a tristeza por não ter sido capaz de controlar a cólera), o medo (a percepção negativa do mundo origina medo de o enfrentar) ou a vergonha (por expressar a sua tristeza), variando contudo esta associação consoante as características individuais.

Aparece também associada à dor psicológica e à depressão, existindo em ambas uma interacção entre a tristeza e outras emoções primárias. Assim, do ponto de vista evolutivo a dor da separação contribui para que esta seja evitada, pois a pertença a um grupo social facilita a sobrevivência, protegendo dos agressores e ajudando na procura de alimento, enquanto a expressão de dor facilita a interacção do indivíduo com o grupo. Para além da tristeza, estão implicadas na dor também outras emoções, como o medo, a cólera, a vergonha e a culpa, sentindo-se o indivíduo frequentemente responsável por não ter evitado a situação causadora de dor, ou envergonhado por expressar a sua cólera e medo. No que se refere à depressão, esta envolve uma combinação complexa de

emoções, memórias, cognições e estados corporais, tendo uma predisposição biológica e sendo também afectada por factores socio-culturais. As cognições facilitam a manutenção da depressão, pois afectando o humor e a percepção contribuem para que o indivíduo veja tudo de forma negativa. A tristeza aparece como principal emoção na depressão, podendo também estar associada à cólera, ao desprezo, à culpa e à vergonha, desempenhando o medo um papel importante, pois quando existe na depressão, sobretudo na fase de hostilidade auto-dirigida, pode inibir o indivíduo de se suicidar, motivando-o a modificar o seu comportamento.

Culpa

É considerada como a principal emoção no desenvolvimento da moralidade e dos valores, apresentando aspectos inatos, mas sendo sobretudo aprendida em função das regras sociais. É definida como uma transgressão moral, uma violação de uma regra interna, uma traição da confiança de alguém ou uma censura auto-dirigida, o que implica um papel importante da aprendizagem, pois só esta permite a aquisição de regras e normas definidas pelo grupo, religião ou cultura. A sua vivência implica um determinado grau de desenvolvimento cognitivo, pois assenta sobretudo na tomada de consciência da transgressão de normas estabelecidas, bem como no repensar constante dessa transgressão e das suas consequências. Este desenvolvimento cognitivo interfere também com o terminar da vivência da culpa, pois orienta o comportamento do indivíduo de modo a reparar a sua transgressão, aproximando-o do objecto de culpa e fazendo tentar, através da reconciliação, a reconstrução da harmonia social.

Do ponto de vista empírico é a emoção menos estudada, pois é difícil recriar condições que desencadeiem culpa sem constituírem situações anti-éticas. Contudo, do ponto de vista teórico a culpa tem sido mais referida, seja do ponto de vista religioso (definindo as várias condições do pecado), seja no âmbito das teorias psicológicas, tendo a Psicanálise sido a primeira a referir a culpa, definindo-a como o resultado da tensão entre o id e o super-ego.

A expressão da culpa, bem como as fracas alterações fisiológicas que a acompanham, tornam esta emoção difícil de detectar, sendo facilmente disfarçada ou simulada, e por vezes até confundida com a vergonha ou timidez. Do ponto de vista experiencial a culpa remete para a sensação de transgressão e de responsabilidade na separação de alguém significativo.

Nas causas da culpa encontra-se sobretudo o desrespeito e violação de valores morais anteriormente aceites, sentindo o indivíduo que cometeu um acto reprovável. A interacção social também pode funcionar como causa de culpa quando o indivíduo se responsabiliza por problemas de interacção que conduziram a uma separação com alguém significativo, funcionando esta separação e perda como agravantes da culpa. Sendo a violação das regras a principal causa de culpa, convém não esquecer que as regras variam consoante o grupo, a cultura e a época, embora existam normas transculturais, como por exemplo, as normas que se referem a conteúdos sexuais ou ao direito à vida.

Apesar da sua componente negativa, a culpa tem um papel positivo, pois permite a responsabilização do indivíduo pelos seus actos, bem como a motivação para reparar a situação ou, através da antecipação, evitar situações que lhe possam vir a fazer sentir culpa. Dependendo fortemente da aprendizagem das normas sociais, vai também ser afectada pela aprendizagem individual, determinando esta o limiar de culpa. Quando este é baixo, o indivíduo sente frequentemente culpa, sendo necessário tornar as regras individuais mais flexíveis de modo ao indivíduo não as transgredir tão facilmente.

Associadas à culpa podem estar também outras emoções, como o medo e a vergonha, pois a culpa sendo uma emoção que implica uma reflexão cognitiva sobre o reparar da situação, esta reflexão desencadeia facilmente medo de não conseguir reparar o erro e vergonha de ser rejeitado ao tentar resolver a situação. O medo pode também estar associado à culpa através de modelos de socialização que utilizem a punição como castigo da transgressão. Pode também estar associada à cólera, ocorrendo esta associação numa situação de frustração e desencadeando mais facilmente comportamentos agressivos. A culpa pode constituir também um traço de personalidade,

predispondo o indivíduo para sentir mais culpa e actuando como inibidora de pensamentos, sentimentos e acções considerados impróprios, como por exemplo a tradução da hostilidade em agressão.

Izard considera que apesar destas onze emoções serem consideradas independentes, frequentemente ocorrem em simultâneo, o que o levou a definir a existência de cinco grandes factores ou dimensões. Assim, o primeiro seria a **adaptação social positiva**, sendo constituído pelo interesse e pela alegria, enquanto o segundo seria a **expectativa**, sendo constituído pela surpresa e pela angústia. O terceiro factor seria a **triade da hostilidade**, constituída pela cólera, nojo e desprezo, enquanto o quarto factor seria a **fuga**, constituído unicamente pelo medo. Por fim, o último factor seria a **responsabilização**, sendo constituído pela vergonha e pela culpa. Em diversas experiências efectuada (Izard, 1991) demonstrou com situações definidas para desencadear especificamente uma emoção, que era possível desencadear algumas das restantes emoções básicas, embora em menor intensidade e agrupando-se estas de acordo com os factores definidos.

Descritas as onze emoções primárias, bem como os principais aspectos da teoria de Izard, é possível tirar algumas conclusões não só quanto a esta teoria, mas quanto às diferentes teorias sobre as emoções, bem como sobre a sua aplicação no nosso trabalho.

4. Conclusões

Partindo então do estudo da emoção a partir das suas bases biológicas, as diferentes teorias formuladas em torno do conceito de emoção podem ser organizadas numa perspectiva histórica, desde as teorias de tipo neurofisiológico até às teorias de tipo sistémico. Uma das explicações mais apresentadas para este tipo de evolução (Frijda, 1986; Strongman, 1987; Hamilton, Bower & Frijda, 1988) assenta no facto das bases fisiológicas da emoção, apesar da aceitação unânime da importância do sistema límbico, continuarem ainda obscuras. Assim, apesar das vísceras serem fundamentais no sentir da emoção, o melhor modo de identificar diferentes emoções parece ser através

das cognições, acabando a maioria das investigações na área da fisiologia por enfatizar o papel das cognições (Strauman & Higgins, 1987; Parkinson, 1988; Smith, 1989). Estas cada vez mais são destacadas e estudadas (Weiner, 1986; Hamilton, Bower & Frijda, 1988; Lang, 1988, 1993, 1995; Mathews & Macleod, 1994; Van Goozen, Van de Poll & Sergeant, 1994; Bonis, 1995; Corine & Haroche, 1995; Damásio, 1995, Hess, 1995; Kirouac, 1995; Magai & McFadden, 1995), existindo um aceso debate sobre o predomínio da emoção ou da cognição nos estados emocionais. Discute-se então se é a emoção que causa a cognição ou a cognição que causa a emoção, parecendo as duas situações ser verdadeiras, pois existindo uma relação dinâmica entre emoção e cognição, uma influencia a outra. No entanto, em termos de ontogénese o aparecimento da emoção parece ocorrer antes do aparecimento da cognição, já que a criança é capaz de sentir e de expressar fisicamente emoções antes de ser capaz de as verbalizar.

Em suma, as emoções podem ser consideradas como um subsistema psicológico separado dos restantes subsistemas, como a percepção ou a cognição, ainda que intimamente ligado com estes, pois o indivíduo como um todo constitui um sistema complexo. Além disso, a emoção constituiria um dos sub-sistemas mais importantes, pois através da sua expressão funcionaria como forma de comunicação na interacção indivíduo/meio, e daria significado ao mundo e ao lugar do indivíduo neste, atribuindo qualidade à vida, o que leva Damásio (1995) a sugerir que a célebre frase de Descartes "*penso, logo existo*" seja modificada para "*sinto, logo existo*", tal é a importância da emoção na vida do ser humano.

Entre as inúmeras teorias desenvolvidas em torno do conceito de emoção, a de Izard parece ser a mais completa, pois considerada não só as emoções mas também as suas ligações com outros níveis da personalidade, adoptando uma perspectiva sistémica, que, enquadrada no actual paradigma científico, permite compreender melhor as relações entre o conceito de emoção e os vários elementos mensuráveis que reflectem a presença da emoção (Schwartz, 1986). Deste modo, escolhemos esta teoria como ponto de referência para o estudo das emoções, tal como escolhemos a teoria de Agra como referência para o conceito de personalidade.

Com base na teoria de Izard e também nas diferentes definições referidas, procuramos elaborar uma definição de emoção que abrangesse as diferentes perspectivas que acabamos de referir, e que, simultaneamente se adequasse ao estudo que pretendemos efectuar. Para tal, por sugestão de Agra (1995)², agrupamos os estratos de personalidade definidos por Agra (1986a, 1990a) de modo a facilitar a definição de emoção. Consideramos então os estratos neuropsicológico e psicossensorial como o nível neurofisiológico da personalidade, pois ambos remetem para a componente biológica ou fisiológica, o primeiro incluindo aspectos mais anatómicos, o segundo aspectos mais perceptivos. Agrupamos também os estratos expressivo e afectivo no nível expressivo-emotivo, pois em ambos existiria a tradução da emoção, sendo este o nível principal da emoção. Por fim, incluímos no nível cognitivo os estratos cognitivo e experiencial, pois ambos remeteriam para a experiência subjectiva da emoção. De acordo com esta categorização tentamos então construir uma definição que nos permitisse articular o estrato expressivo-emotivo (através da emoção) com os estratos cognitivo e neurofisiológico da personalidade.

Definimos então a emoção como um processo complexo cujas manifestações e traduções abrangem três níveis : neurofisiológico, comportamental e experiencial. O nível neurofisiológico refere-se às alterações no funcionamento corporal do indivíduo, podendo ser ou não percebidas pelo próprio indivíduo e raramente sendo percebidas pelos outros indivíduos, como por exemplo modificações hormonais, viscerais, musculares, neuromusculares, alterações no Sistema Nervoso Central, alterações no Sistema Nervoso Vegetativo, etc. Os dados deste nível seriam recolhidos de forma objectiva através de técnicas como os índices fisiológicos e a recolha de substancias no sangue, ou de forma subjectiva através de questionários sobre a percepção de sensações corporais. Através deste nível da emoção seria possível estudar a articulação entre o estrato expressivo-emotivo da personalidade e o estrato neurofisiológico. O nível comportamental inclui a acção motora, a expressão e a mímica faciais e

² C. Agra (1995) Comunicação pessoal.

corporais, a postura corporal, o comportamento do indivíduo, etc, sendo essencialmente percebido pelos outros e parcialmente pelo próprio indivíduo. Os dados deste nível seriam recolhidos objectivamente através da observação do comportamento visível do indivíduo e subjectivamente através de questionários sobre a percepção de emoções, sendo o nível que mais explicitamente traduz o estrato expressivo-emotivo da personalidade, funcionando também como o nível aglutinador dos restantes, ou seja, como aquele em que a emoção mais facilmente teria a sua tripla tradução. Por fim, o nível experiencial seria traduzido na vivência subjectiva e pela experiência individual do indivíduo, só sentida pelo próprio e à qual teríamos acesso através do relato oral ou escrito efectuado pelo próprio indivíduo. Através deste nível seria possível estudar a articulação entre o estrato expressivo-emotivo da personalidade e o estrato cognitivo, pois descrever as emoções sentidas implica tomar consciência destas, e na tomada de consciência interferem processos cognitivos.

Tendo em consideração que as emoções são referidas na teoria do sujeito autopoietico, quer no sistema de personalidade, quer no sistema do acto e que em termos de significação do comportamento podem ser consideradas como um dos sistemas motivacionais mais importantes no comportamento, consideramos que constituiriam um objecto de interface através do qual é possível estudar o comportamento desviante. Apresentamos seguidamente, no Capítulo IV, a forma como as emoções têm sido estudadas no comportamento desviante.

Capítulo IV

Emoções e comportamento desviante

1. Introdução

Tendo efectuado uma breve análise dos artigos publicados sobre personalidade, verificamos que uma das áreas bastante estudadas é a do comportamento desviante, traduzindo a tentativa de identificação de uma personalidade que possa ser apresentada como a causa destes comportamentos. Limitando, por interesse próprio e por interesse da equipa do Centro de Ciências do Comportamento Desviante o comportamento desviante apenas ao fenómeno droga e ao fenómeno crime, encontramos alguns estudos que se centram na personalidade do toxicodependente e na personalidade do delinquente. Assim, para o delinquente encontramos referências à existência ou ausência de uma personalidade criminal, salientando-se autores como Mannheim (1984, 1985), Vigh, (1986), Athens (1989), Eysenck e Gudjonsson (1989), Cario e Favard (1991) e Manita (1996, 1997). A personalidade do toxicodependente também tem sido alvo de alguns estudos, destacando-se autores como Amaral Dias (1982), Olievenstein (1989), Fernandes (1990), Neto (1990), Agra e Fernandes (1993) e Felix da Costa (1995a, 1995b). No entanto, quer nestes estudos, quer durante a análise do discurso da personalidade, verificamos que as emoções raramente são referidas a propósito da personalidade.

Efectuamos então uma recolha e análise bibliográfica que nos permitisse conhecer de que forma as emoções são objecto de estudo nas investigações sobre droga e sobre crime. Constatamos que em ambos os domínios (droga ou crime) as emoções são pouco referidas, e quando o são, são-no numa perspectiva muito global e não específica, como seria o caso da identificação de emoções experienciadas pelo sujeito toxicodependente ou delinquente numa dada situação.

Por uma questão de clareza da exposição, apresentamos primeiro os estudos sobre emoções e droga, depois os estudos sobre emoções e crime, e por fim os estudos sobre emoções simultaneamente na droga e no crime.

2. O estudo das emoções no âmbito da droga

No domínio da droga constatamos que por vezes as emoções são referidas, quer de forma explícita quer de forma implícita, mas sempre numa perspectiva que relaciona a droga com a alteração de estados de consciência, ocorrendo esta referência em diferentes contextos, dos quais destacamos a utilização da droga, efeitos psicológicos da droga e objectivos de utilização da droga.

Do ponto de vista explícito encontramos exemplos como a alegria na comunhão e comunicação com os deuses (Escohotado, 1989), a procura de felicidade e prazer (Smith, Koob & Witz, 1985; Pervin, 1988), o esquecimento da angústia existencial (Escohotado, 1989), o aliviar de estados emocionais negativos (Pervin, 1988; Cannon et al., 1992; Wills et al., 1992) ou a surpresa da rapidez com que ficam dependentes de uma substância (Almeida, 1996; Felix da Costa, 1995a, 1995b). Do ponto de vista implícito é frequente a ideia de que a alteração da consciência afecta a percepção dos estímulos modificando o significado afectivo destes (Adlaf, 1986; Almeida, 1986), bem como a ideia de que a droga desinibe o sujeito, transformando-o num ser violento e insensível (Miller & Potter-Efron; Cooke, Baldwin & Howison, 1990) ou descontrolado em termos afectivo-emocionais (Tomkins, 1980). Já no século passado William James (1894) reconhecia que era possível desencadear emoções através da ingestão de substâncias químicas, como álcool, haxixe e ópio.

No entanto, no estudo da toxicodependência as emoções são pouco utilizadas, sendo por vezes referidas a propósito do estado de humor ou da psicopatologia do toxicodependente, mas raramente discriminando emoções específicas sentidas pelo sujeito. Destacam-se contudo alguns estudos, que centrando-se no sentir do toxicodependente demonstram que este experiencia mais frequentemente emoções negativas (Lubin & Turnbull, 1993), que o consumo de drogas está associado ao evitar e anular de emoções negativas (Pervin, 1988; Cannon & al., 1992) ou à procura de emoções positivas (Pervin, 1988; Wills & al., 1992) e que tem mais dificuldade em reconhecer em si ou nos outros emoções (Schreiber, 1992), bem como expressar e partilhar emoções (Lacks & Leonard, 1986).

Considerando os diferentes contextos, a propósito da utilização das drogas, Escotado (1989) e Agra e Fernandes (1993) constataam que as drogas têm sido usadas ao longo de todas as épocas e civilizações, tendo essencialmente objectivos de tipo terapêutico (isto é, médico-curativos), festivo (ou lúdicos), mágico-religioso (isto é, comunicação, catarse, purificação), equilibrador (diminuição das tensões provocadas pela existência social do Homem), fuga (escapar e ultrapassar a angústia existencial) e procura de prazer. Referindo-se claramente às emoções, Escotado (1989) diz que através da droga "são despertadas aquelas emoções dionisiacas através de cuja elevação o subjectivo desaparece no completo esquecimento de si", referindo ainda que muitas tribos nómadas usavam a droga para "despojar-se dos sentimentos e sentidos". Também Rocha (1987) refere que já Homero na Odisseia descrevia o ópio como o mais poderoso destruidor de mágoas (isto é, ultrapassar de emoções negativas), enquanto Labin (1988) relata que já na Antiguidade o Homem descobriu produtos cuja absorção provocava estados psíquicos estranhos, cativantes ou terríveis nos quais havia alteração dos sentidos e emoções habituais.

Num outro contexto, o da descrição dos efeitos das drogas segundo alguns autores (Rocha, 1987; Labin, 1988; Fonseca, 1988), encontramos de novo a referência às emoções, cujo efeito psicológico nos permitiria considerar três grandes tipos de drogas : tranquilizantes, estimulantes e alucinogéneos. Os tranquilizantes acalmam o sujeito, anestesiam a dor física, diminuem a capacidade de vigília, diminuem as barreiras das normas de comportamento e reduzem a vivência de estados emocionais negativos. Por sua vez os estimulantes activam o organismo e psiquismo, provocando respostas corporais mais rápidas, aumento da capacidade de vigília, diminuição da necessidade de sono e alterações bruscas no estado emocional, provocando sobretudo o experienciar de emoções positivas e euforia. Por fim, os alucinogéneos alucinam, alteram a consciência e a percepção, provocando lentificação na passagem do tempo, maior intensidade na percepção das cores e sons, ilusões e alucinações, distorção das percepções e alterações nas emoções, levando o sujeito a sentir o êxtase ou o terror, euforia, desinibição, confusão mental, etc.

Por fim, no contexto dos objectivos de utilização da droga, segundo Labin (1985) existiriam seis grandes categorias. A primeira seria o misticismo, em que o sujeito pensa que através da droga tem percepções sublimes que levam à revelação de Deus e das grandes verdades, não atingidas pelo comum dos cidadãos, permitindo-lhe descobrir belezas e emoções sublimes no mais insignificante dos objectos, geralmente através de drogas alucinogéneas. A segunda seria a curiosidade, em que o sujeito se droga para ver como é, ou seja, para descobrir quais as sensações e emoções que os drogados dizem ser tão maravilhosas; os jornalistas e investigadores dos anos 60 foram os principais impulsionadores deste uso de drogas, usando sobretudo alucinogéneos cujo efeito era observado neles por uma outra pessoa. A toxicomania constituiria o terceiro tipo de utilização, em que o sujeito é consumidor da droga há já algum tempo, procurando esta para diminuir o efeito da sua ausência e centrando toda a sua vida nessa procura. A erotomania consistiria na utilização da droga como tendo efeitos afrodisíacos, procurando aumentar o êxtase amoroso e associando a droga a sensações e emoções extraordinárias, mais intensas do que numa relação sem droga. Na genialidade o sujeito utilizaria a droga para produzir conhecimentos só descobertos por génios, convencido que aumenta a criatividade e usando como desculpa o facto de grandes escritores terem sido viciados, como Edgar Poe, Baudelaire, Verlaine, Proust e Freud. Por fim, na última categoria teríamos a expansão da consciência, em que o sujeito utiliza a droga para atingir campos inimagináveis da consciência, sensações e emoções nunca antes atingidas, chegando ao paraíso supremo através do interior de si mesmo.

Através destes estudos verificamos que apesar das emoções serem referidas a propósito das drogas, esta referência é muito global, não tendo encontrado nenhum trabalho no qual fosse efectuada uma identificação específica de emoções vividas pelo sujeito consumidor de droga durante uma situação específica. Decidimos então utilizar a mesma lógica já referida a propósito da análise do discurso da personalidade, efectuando uma pesquisa bibliográfica no banco de dados PsycLit. Centrando-nos nos artigos publicados entre 1987 e 1994, cruzamos as palavras chave referentes às emoções e à droga, e atendendo à codificação do banco de dados, usamos para as emoções o termo

*emot*³ e para a droga os termos *addict**, *drug addict**, *drug abuse* e *drug dependency*, abrangendo deste modo todas palavras e expressões existentes para cada um dos conteúdos. Contudo, eliminamos as referências ao crime, tendo encontrado no total 13186 artigos sobre emoções, 5839 artigos sobre droga e apenas 128 sobre ambos os temas. Tal como na análise do discurso sobre a personalidade não tivemos acesso a todos os artigos completos, baseando-nos apenas nos dados disponíveis na base de dados, que, recorde-se, consistiam sobretudo no título, palavras chave e resumo de cada artigo.

Para efectuarmos a análise dos artigos elaboramos uma grelha de leitura de acordo com os objectivos deste trabalho (já referidos na Introdução). o que nos levou a considerar o tipo de artigo (trabalho teórico ou estudo experimental), as características da amostra utilizada (existência de grupo experimental e grupo de controle, características específicas dos sujeitos), o conteúdo específico do artigo, isto é, em que contexto é inserida a relação emoções-droga, a identificação das emoções, sensações e cognições, os instrumentos utilizados para a recolha de dados, os estímulos utilizados e o tipo de droga referido.

Assim, a primeira análise efectuada permitiu-nos identificar o tipo de artigos, que consideramos poderem ser teóricos (apresentação de modelos, teorias ou explicações sobre a droga) ou experimentais (realização de um estudo concreto, segundo um desenho experimental previamente elaborado, num grupo de sujeitos específico), tendo verificado (Quadro 2.1), que a maioria dos artigos é do tipo experimental.

Quadro 2.1 - Distribuição por tipo de artigo	
Tipo de artigo	Nº de artigos
Teórico	32
Experimental	96

³ O sinal * significa que são incluídas todas as palavras e expressões cujo início corresponde, neste caso, a *emot*, como por exemplo *emotion*, *emotional response*, etc.

Centrando-nos apenas nos artigos de tipo experimental, fomos seguidamente caracterizar os sujeitos utilizados como amostra, quanto ao grupo, tipo de sujeito, número de sujeitos, sexo e idade destes, discriminando cada um destes aspectos em diferentes categorias.

Relativamente ao grupo, consideramos numa primeira categoria a existência do grupo experimental, constituído por sujeitos com uma ou várias características específicas, como por exemplo consumidores de droga, sujeitos que já experimentaram droga, toxicodependentes com depressão, desempregados que consomem álcool e droga, etc. Na categoria seguinte consideramos o grupo de controle, que inclui apenas sujeitos sem as características específicas do grupo experimental, sendo habitualmente constituído por estudantes ou por sujeitos da população em geral (estes são designados por sujeitos normais ou de controle). Apresentamos ainda uma categoria na qual incluímos artigos que utilizam simultaneamente o grupo de controle e o grupo experimental.

No que se refere ao número de sujeitos utilizados, consideramos numa primeira categoria um número máximo de vinte e nove, dado este valor ser apontado como o limite máximo que define uma amostra pequena do ponto de vista estatístico, pois como o número de sujeitos que compõe a amostra condiciona as fórmulas a utilizar nos cálculos estatísticos, geralmente efectua-se uma distinção entre amostras pequenas (com menos de trinta elementos) e amostras grandes (com mais de trinta elementos), sendo estas últimas consideradas como representativas da população de onde são extraídas (D'Hainaut, 1990, 1992; Moura da Silva, 1994). Em seguida consideramos uma categoria com um número aproximado do limite mínimo estatisticamente válido (entre trinta a quarenta). As restantes categorias foram criadas atendendo à facilidade de obtenção de sujeitos, considerando um número de sujeitos entre quarenta e um e cem, entre cento e um e quinhentos, entre quinhentos e um e mil, e por fim mais de mil sujeitos.

Quanto ao tipo de sujeito, consideramos a existência de várias categorias, como a dos consumidores de droga, estudantes ou sujeitos designados por normais, sujeitos com

patologias de tipo psíquico ou orgânico (ex: perturbações emocionais, depressão, tentativa de suicídio, distúrbios psiquiátricos, deficientes físicos, sujeitos com próteses, sujeitos com dor crónica, etc).

Em relação ao sexo dos sujeitos consideramos a utilização de sujeitos do sexo masculino, feminino ou ambos.

Relativamente à idade, utilizamos como categorias a idade adulta, adolescência e infância, socorrendo-nos para tal das palavras chave que caracterizam a amostra quanto à idade (respectivamente adulthood, adolescence e childhood), pois nem sempre os artigos apresentam valores específicos quanto à idade. Consideramos ainda uma outra categoria (várias idades) na qual incluímos os artigos que utilizam sujeitos de diferentes idades.

Em qualquer uma das variáveis através das quais caracterizamos a amostra consideramos a categoria indeterminado quando através dos dados disponíveis não é possível identificar essa variável (ex: o estudo referir a presença de cinquenta sujeitos mas não os identificar quanto ao sexo).

Através dos dados obtidos (Quadro 2.2), verificamos que a maioria dos artigos utiliza apenas o grupo experimental, embora um pequeno número de artigos utilize apenas o grupo de controle ou ambos os grupos. Quanto ao número de sujeitos destacam-se dois grupos com três categorias cada. Num primeiro grupo encontramos cerca de trinta artigos por categoria, que se distribuem por ordem decrescente pelas categorias 1-29, 101-500 e 41-100, enquanto num segundo grupo encontramos cerca de cinco artigos por categoria, que por ordem decrescente são : mais de 1000, 501-1000 e 30-40. Perante os dados obtidos verificamos que quase um terço dos artigos que utilizam sujeitos (vinte e sete em noventa e seis), não apresentam amostras grandes do ponto de vista estatístico, embora aproximadamente metade dos artigos (cinquenta em noventa e seis) utilize uma amostra que varia entre 41 e 500 sujeitos.

Relativamente às características dos sujeitos, a grande maioria dos artigos utiliza consumidores, sujeitos de sexo indeterminado ou masculino e sujeitos na idade adulta.

Quadro 2.2 - Distribuição por características da amostra nos artigos de tipo experimental

Característica da amostra	Categoria	Nº de artigos
grupo	indeterminado	1
	experimental	67
	controle	14
	ambos	14
número de sujeitos	indeterminado	1
	1 - 29	27
	30 - 40	6
	41-100	24
	101 - 500	26
	501 - 1000	5
	mais de 1000	7
tipo de sujeito	indeterminado	1
	consumidor	61
	estudante/normal	15
	sujeito com patologia	19
sexo	indeterminado	68
	masculino	18
	feminino	2
	ambos	8
idade	adultos	72
	adolescentes	12
	crianças	4
	várias idades	8

Seguidamente, e baseando-nos no total de artigos, fomos analisar o seu conteúdo, tendo discriminado os artigos de tipo teórico e de tipo experimental. Apesar de todos os artigos serem sobre droga e emoções, foi possível discriminar o contexto específico em que essa relação é referida, contexto este que por vezes é mais enfatizado do que as próprias emoções, aparecendo estas como um aspecto secundário. Foi possível criar várias categorias. Assim, na categoria psicopatologia foram incluídos artigos que referem o consumo de droga a propósito de desajustamentos, problemas e traumas emocionais, de problemas psiquiátricos, de tentativas de suicídio e de depressões, sejam estes apontados como causa ou efeito da droga, e ainda, sejam referidos a propósito do próprio consumidor ou de familiares directos, como por exemplo trauma emocional na criança filha de mãe toxicod dependente, desajustamento emocional no casal com um cônjuge toxicod dependente, etc. Na categoria avaliação foram incluídos artigos que referem a avaliação, validação ou aferição de métodos ou modelos de intervenção,

tratamento ou prevenção, bem como de instrumentos utilizados para caracterizar o consumidor de drogas, como por exemplo a aferição de uma escala de avaliação da emoção de cólera utilizada num treino de impulsividade durante a desintoxicação. Na categoria problemas de comportamento estão artigos que relacionam droga e emoções com défices nas competências sociais e escolares, com comportamentos de risco e com comportamentos agressivos na escola e/ou em casa. Na categoria causas foram incluídos artigos que relacionam as emoções com aspectos que consideram ser uma possível causa do consumo de droga, como por exemplo stress, traumas da infância, relações familiares e estrutura ou características específicas da personalidade. Para a categoria consequências foram considerados artigos que abordam as emoções a propósito de aspectos que habitualmente são referidos como consequências do consumo de droga, como é o caso do síndrome de abstinência, aparecimento de doenças infecto-contagiosas, problemas nas relações familiares, efeitos da droga nos filhos de toxicodependentes, etc. Na categoria desenho experimental foram incluídos artigos que efectuem um estudo concreto tendo um desenho experimental previamente definido através do qual manipulam variáveis que utilizam para tentar analisar as relações entre droga e outros aspectos, como o humor, desempenho escolar, percepção de estímulos, etc. Nestes artigos o tema principal é a aplicação do desenho experimental preparado e a análise dos dados obtidos, sendo abordados temas como a administração de uma substância química/placebo em cocainómanos para ver as alterações no humor, a comparação do desempenho escolar de crianças filhas cujos pais são ou não toxicodependentes, a reacção de consumidores e não consumidores perante cenas filmadas que mostram o consumo de droga, etc. Incluímos também nesta categoria alguns artigos de tipo teórico cujo conteúdo consistia em avaliar, descrever ou fazer considerações várias sobre uma experiência previamente efectuada. Por fim, na categoria emoções incluímos artigos que estudam concretamente as emoções ou o humor, vendo a sua importância por exemplo na recaída, abstinência, percepção ou reacção a estímulos, bem como artigos que se debruçam sobre a expressão de emoções ou identificação destas durante ou após o consumo de drogas, ou durante a prevenção e/ou intervenção.

Nesta categoria incluímos artigos cujo tema central eram as emoções e não outros contextos específicos, como é o caso das categorias anteriores.

Os dados obtidos (Quadro 2.3) permitem-nos ver que nos artigos de tipo experimental as categorias mais frequentes são a psicopatologia, o desenho experimental e a avaliação, enquanto nos artigos de tipo teórico são a avaliação e a psicopatologia. A categoria menos frequente, é a dos problemas de comportamento nos artigos de tipo experimental e a das causas nos artigos de tipo teórico. Apesar de todos os artigos incluíram as emoções, verificamos que estas são usadas no âmbito de outros assuntos, como por exemplo a psicopatologia, havendo apenas um pequeno número de artigos (três para os artigos de tipo teórico e nove para os de tipo experimental) que se centra especificamente nas emoções.

Quadro 2.3 - Distribuição por conteúdo segundo o tipo de artigo

Conteúdo	Nº de artigos (tipo teórico)	Nº de artigos (tipo experimental)
psicopatologia	5	26
avaliação	15	18
problemas de comportamento	3	1
causas	1	13
consequências	2	9
desenho experimental	3	20
emoções	3	9

Como pretendemos avaliar as emoções, cognições e sensações corporais, fomos também ver de que modo estas eram discriminadas, independentemente do conteúdo. Começando pelas emoções, consideramos na categoria global artigos que referem explicitamente as emoções mas de um modo geral, utilizando termos como emoções, estado emocional, afectos, emotividade, emocionalidade, etc. Na categoria humor incluímos artigos que se referem às emoções através do estado de humor e não de emoções especificamente designadas. Na categoria emoções primárias firmamos considerados artigos que descrevem algumas das emoções primárias designadas por Izard na teoria diferencial das emoções, tais como o interesse, alegria, surpresa, cólera,

angústia, medo, nojo, tristeza, desprezo, vergonha e culpa. Na categoria emoções secundárias incluímos artigos que referem explicitamente outras emoções, que não as primárias, como por exemplo hostilidade, ansiedade, prazer, agressividade, rejeição, euforia, etc. Apesar da depressão ser uma emoção secundária, como era a única emoção referida num grande número de artigos, sobretudo naqueles cujo conteúdo foi incluído na categoria psicopatologia, consideramos importante discrimina-la numa categoria separada, na qual incluímos artigos que referem explicitamente a depressão ou estados depressivos. Consideramos ainda a combinação entre emoções primárias e secundárias e entre depressão e outras emoções secundárias.

Relativamente às cognições, consideramos numa primeira categoria o padrão de cognições, que incluiu artigos que referem as cognições a propósito do desenvolvimento cognitivo dos sujeitos ou da interferência das cognições do sujeito durante o tratamento. Na categoria avaliação de cognições foram incluídos artigos sobre a avaliação dos pensamentos e cognições do sujeito durante uma situação específica.

No que se refere às sensações corporais incluímos apenas as categorias distorção da percepção, com artigos sobre alterações da percepção de sensações corporais, provocadas pelo uso de drogas, e a categoria avaliação de sensações corporais, incluindo esta artigos sobre a avaliação das sensações corporais durante uma situação específica.

Através dos dados obtidos (Quadro 2.4) verificamos que a maioria dos artigos não refere sequer as emoções, o que poderá ser explicado por estas serem utilizadas a propósito de outros contextos, bem como pelo facto de não termos acesso ao artigo completo. Os poucos artigos que discriminam as emoções referem essencialmente a depressão ou outras emoções secundárias (trinta artigos de tipo experimental, três de tipo teórico) e não as emoções primárias (apenas um artigo de tipo teórico e dois de tipo experimental), sendo esta últimas as que interessam para o nosso estudo. No que diz respeito às cognições e às sensações corporais, a maioria dos artigos não os refere. Os poucos artigos que referem cognições fazem-no a propósito do desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, havendo apenas um que efectua a avaliação das cognições do sujeito, enquanto as sensações corporais são referidas a propósito das distorções da

percepção provocadas pelo consumo de droga, havendo apenas um artigo que efectua a avaliação das sensações corporais sentidas pelo consumidor de drogas.

Quadro 2.4 - Distribuição por emoção, pensamento e sensação segundo o tipo de artigo

Emoções, cognições e sensações corporais	Nº de artigos (tipo teórico)	Nº de artigos (tipo experimental)
não refere emoções	26	37
global	0	9
humor	1	4
emoções primárias	1	2
emoções secundárias	0	13
emoções primárias e secundárias	1	1
depressão	2	16
depressão e outras emoções secundárias	1	14
não refere cognições	30	93
padrão de cognições	2	2
avaliação de cognições	0	1
não refere sensações corporais	31	94
distorção da percepção	1	1
avaliação de sensações corporais	0	1

No que se refere à utilização de instrumentos de avaliação das emoções, efectuamos uma análise de acordo com os instrumentos utilizados para a recolha de dados, tendo considerado numa primeira categoria instrumentos indeterminados, incluindo artigos que referem utilizar um dado instrumento, mas não o identificam. Na categoria escala foram incluídos artigos que referem a utilização de escala ou questionários, enquanto na categoria entrevista foram incluídos artigos em que a recolha de dados é efectuada através de uma entrevista, face a face ou por telefone. Por fim, na categoria índice fisiológico consideramos artigos que referem a utilização de medidas fisiológicas, como o electroencefalograma, electrocardiograma, electromiograma, actividade eléctrica da pele, doseamentos de hormonas, etc.

Analisando os dados obtidos (Quadro 2.5) verificamos que a maioria dos artigos não refere a utilização de instrumentos de recolha de dados (trinta e um artigos de tipo teórico e trinta e nove de tipo experimental). Quando há referência aos instrumentos, o

mais utilizado é a escala, havendo ainda alguns artigos que utilizam a entrevista ou os índices fisiológicos, bem como combinações destes instrumentos.

Quadro 2.5 - Distribuição por instrumento segundo o tipo de artigo

Instrumento	Nº de artigos (tipo teórico)	Nº de artigos (tipo experimental)
não refere instrumentos	31	39
instrumento indeterminado	0	2
escala	0	43
entrevista	0	4
índice fisiológico	1	1
escala e entrevista	0	3
escala e índice fisiológico	0	4

Relativamente ao tipo de estímulos utilizados para desencadear as emoções ou outras reacções no sujeito, estes são apenas utilizados nos artigos de tipo experimental e a partir dos dados obtidos foi possível criar apenas a categoria filmes, que se refere a artigos que utilizaram pequenas sequências (com dez minutos de duração no máximo) de cenas com imagem e som. Como só existia esta categoria, discriminamos o conteúdo das cenas em função dos dados obtidos, tendo considerado nos filmes sobre droga artigos que se referem a cenas que descrevem a manipulação e o consumo de droga. Na categoria filmes aborrecidos foram incluídos artigos que descrevem cenas que são catalogadas como tendo um conteúdo monótono ou neutro, como por exemplo paisagens, desenhos abstractos pouco coloridos, etc, tendo sempre em atenção que a classificação do conteúdo pode variar consoante os sujeitos/investigadores.

Através dos dados obtidos (Quadro 2.6) verificamos que apenas dois artigos discriminam o tipo de estímulos utilizados, sendo estes constituídos por filmes sobre droga ou aborrecidos. Os restantes artigos não discriminam o tipo de estímulos utilizados, o que poderá ser explicado por muitos deles não terem como objectivo principal o desencadear de emoções e posterior estudo destas, mas sim efectuar experiências noutros contextos nos quais nem sequer são utilizados estímulos.

Quadro 2.6 - Distribuição por tipo de estímulos nos artigos de tipo experimental

Estimulo	Nº de artigos - tipo experimental
não refere estímulos	96
filme sobre droga	1
filme aborrecido e filme sobre droga	1

Por fim, efectuamos ainda uma análise quanto ao tipo de droga, tendo considerado na categoria substância indeterminada artigos que referem o consumo de droga mas não discriminam a substância. Na categoria droga dura foram incluídos artigos que referem o consumo das drogas consideradas duras, como por exemplo heroína e cocaína, enquanto no tabaco foram incluídos artigos que referem o consumo de tabaco, incluindo-o como droga e na categoria álcool artigos que se debruçam sobre o consumo de álcool, considerando-o como droga. Por fim, na categoria fármacos incluímos artigos que se centram na utilização excessiva ou no abuso de fármacos, como por exemplo sedativos, benzodiazepinas, tranquilizantes, indutores de sono, etc. Incluímos nesta categoria as referências aos esteroides, pois consideramos que estes apesar de não serem fármacos são substâncias sintetizadas artificialmente de modo semelhante.

Através dos dados obtidos (Quadro 2.7) verificamos que nos artigos de tipo teórico a maioria dos artigos não refere sequer a presença de drogas, enquanto um pequeno número refere as drogas duras. Nos artigos de tipo experimental, encontramos um grande número de referências às drogas duras e a substâncias indeterminadas, havendo também bastantes artigos que não referem qualquer tipo de substância. É de notar a existência de alguns artigos que se centram na utilização do tabaco ou de fármacos, e ainda alguns que referem a combinação de álcool e drogas duras, apesar de nenhum se centrar apenas no álcool

Quadro 2.7 - Distribuição por tipo de droga segundo o tipo de artigo

Droga	Nº de artigos (tipo teórico)	Nº de artigos (tipo experimental)
não refere drogas	23	21
substância indeterminada	0	27
droga dura	4	32
tabaco	2	1
fármacos	0	9
álcool e drogas duras	3	6

Através da análise efectuada verificamos que do total dos 128 artigos encontrados sobre emoções e droga, a maioria dos artigos são de tipo experimental, utilizam apenas um grupo experimental, cujo número varia entre um a vinte e nove sujeitos, ou entre quarenta e um a quinhentos sujeitos, sendo estes consumidores de drogas, adultos e de sexo indeterminado ou masculino. A maioria dos artigos estuda as emoções essencialmente a propósito da avaliação de métodos ou instrumentos, da psicopatologia do sujeito, ou no âmbito de procedimentos experimentais cujo objectivo principal não é a identificação das emoções. Não discriminam as emoções ou quando o fazem referem a depressão ou outras emoções secundárias, e não referem a avaliação de cognições nem de sensações corporais. Não referem também a utilização de instrumentos de recolha de dados ou quando o fazem referem as escalas, não referem a utilização de estímulos, e por fim, não referem o tipo de droga consumida, ou referem substâncias indeterminadas ou drogas duras.

Depois de conhecermos o modo como as emoções têm sido abordadas no âmbito da droga e quais os objectivos da sua utilização neste tipo de estudos, efectuamos o mesmo tipo de análise mas aplicado aos estudos sobre crime.

3. O estudo das emoções no âmbito do crime

Relativamente ao crime, encontramos também algumas referências às emoções, sendo contudo estas feitas no contexto da personalidade do criminoso ou no da identificação das causas que levam alguém a cometer crimes.

Assim, no contexto da personalidade, Zahn (1986), defende que o sujeito que comete crimes é geralmente considerado como alguém que tem uma desordem da personalidade que o leva a ter um comportamento anti-social no qual se incluem reacções emocionais atípicas. Cleckley (1976, In Zahn, 1986) descreve o psicopata/sociopata como um ser fundamentalmente não socializado, incapaz de relações emocionais com os outros, incapaz de sentir culpa ou de aprender com a experiência (logo com as penalizações que já teve), com um baixo nível de tolerância à frustração, pouca ansiedade, agressividade, impulsividade e irresponsabilidade. Algumas destas características seriam segundo Quay (1965, In Zahn, 1986) uma forma patológica dos sujeitos que procuram emoções e sensações fortes, resultando de uma capacidade de resposta fraca perante os estímulos ambientais, bem como de uma incapacidade de antecipação dos estímulos, aversivos ou não, o que explicaria a não aprendizagem com a experiência. Athens (1989) salienta também as emoções, mas a propósito das suas influências socioculturais na personalidade do sujeito, mais especificamente na interpretação e significado que cada sujeito atribui quer aos seus actos, quer aos estímulos que recebe.

Já no contexto das causas que levam alguém a cometer crimes, Cooke, Baldwin e Howison (1990) apontam alguns factores que pensam ter influência e nos quais explicitamente são referidas as emoções : as influencias precoces (como a hereditariedade e o modo de ser educado; pensava-se que vir de lares desfeitos era presságio de comportamentos criminosos, mas agora sabe-se que é mais importante a qualidade das relações estabelecidas entre a criança e os pais, nomeadamente o sentir-se apoiado e cuidado, ter uma experiência emocional consistente, regras de comportamento e modelos de comportamento adequados para copiar), as circunstancias actuais (o local onde o sujeito habita, o emprego que tem, as crises de vida, o tipo de amigos, etc, que

afectam a maneira de ser e de sentir do sujeito, e por consequência todo o seu comportamento) e as circunstâncias imediatamente antes do crime (o que o sujeito sente, pensa, se considera que é arriscado ou fácil cometer o crime, se este é planeado ou impulsivo, etc). A propósito do crime distinguem ainda os termos violência e agressão, que são frequentemente utilizados como sinónimos mas que se referem a conceitos e situações diferentes, utilizando as emoções como um dos critérios de diferenciação. Assim, violência seria um ataque físico, enquanto agressão seria algo mais global, podendo incluir um ataque físico, um ataque verbal ou uma atitude hostil. A violência criminal seria uma expressão extrema da agressão normal, referindo os sujeitos ter perdido a cabeça, o controle, o domínio sobre si, o que segundo os autores permitiria ver como a cólera pode ser uma emoção forte que faz os sujeitos cometer actos de que depois se arrependem, embora as emoções como cólera, frustração ou ciúme não sejam a única razão para actos agressivos.

Também na perspectiva das causas, Raine (1988), a propósito do estudo do comportamento antisocial na perspectiva da Psicofisiologia social, refere também as emoções, mas relaciona-as com os índices fisiológicos (nomeadamente o ritmo cardíaco e a actividade eléctrica da pele), dizendo que em diferentes trabalhos efectuados neste âmbito os resultados sugerem que os sujeitos com comportamentos antisociais, sobretudo os psicopatas, têm dificuldade em desenvolver uma resposta emocional condicionada, apresentando também uma menor activação emocional e pouco conflito durante tarefas experimentais que implicam selecção de entre várias opções e tomada de decisão. Critica também o estudo das emoções nos sujeitos com comportamentos antisociais, pois por um lado estes são difíceis de definir, operacionalizar e manipular experimentalmente, e por outro, a resposta emocional é frequentemente estudada apenas através dos índices fisiológicos, desprezando-se a complexidade dos processos subjacentes à tradução através desses índices, bem como as restantes componentes da emoção.

Por fim, as emoções são também relacionadas com o crime nos estudos sobre as causas biológicas do crime, sobretudo nos estudos de tipo neuropsicológico (Mednick,

Moffitt e Stack, 1987; Moffitt e Mednick, 1988), onde são referidas alterações nas emoções como consequência de lesões nos lobos frontal ou temporal (Buikhuisen, 1987) ou nos hemisférios cerebrais (Nachson e Denno, 1987), bem como do uso de drogas (Cloninger, 1987).

Tal como nos estudos sobre droga, no crime as emoções são também referidas de modo global, não tendo sido encontrado nenhum trabalho no qual fosse efectuada uma identificação específica de emoções experienciadas pelo sujeito que comete crimes. Seguindo a mesma lógica, efectuamos uma outra pesquisa no banco de dados PsycLit, centrando-nos nos artigos publicados entre 1987 e utilizando como palavras chave o cruzamento entre emoções e crime. De acordo com a codificação do banco de dados usamos para as emoções o termo *emot**, e para o crime os termos *crim** e *delinq**, abrangendo todas as palavras e expressões existentes para cada um dos conteúdos. Eliminando os artigos que abordavam a droga, encontramos 13186 artigos sobre emoções, 3623 artigos sobre crime e apenas 92 sobre ambos os termos.

Utilizando a mesma grelha de leitura usada nos estudos sobre droga, analisamos cada um dos artigos obtidos. Assim, a primeira análise efectuada permitiu-nos ver o tipo de artigos, isto é, artigo teórico (apresentação de modelos, teorias ou explicações sobre o crime) ou experimental (realização de um estudo concreto, segundo um desenho experimental previamente elaborado, num grupo de sujeitos específico), tendo verificado (Quadro 3.1), que a maioria dos artigos é do tipo experimental.

Quadro 3.1 - Distribuição por tipo de artigo	
Tipo de artigo	Nº de artigos
Teórico	27
Experimental	65

Centrando-nos apenas nos artigos de tipo experimental, fomos seguidamente caracterizar os sujeitos utilizados como amostra, quanto ao grupo, tipo de sujeito,



número de sujeitos, sexo e idade destes, discriminando cada um destes aspectos em diferentes categorias.

Relativamente ao grupo, consideramos numa primeira categoria a existência do grupo experimental, constituído por sujeitos com características específicas, como por exemplo vítimas de crimes, familiares de vítimas de crimes ou sujeitos que cometeram crimes. Na categoria seguinte consideramos o grupo de controle, que inclui apenas sujeitos sem as características específicas do grupo experimental, sendo habitualmente constituído por sujeitos da população em geral ou por estudantes, geralmente designados por sujeitos normais ou de controle. Apresentamos ainda uma categoria na qual incluímos artigos que utilizam simultaneamente o grupo de controle e o grupo experimental.

No que se refere ao número de sujeitos utilizados, consideramos a mesma divisão utilizada nos estudos sobre droga, incluindo numa primeira categoria um número máximo de vinte e nove sujeitos, e em seguida uma categoria com um número entre trinta a quarenta sujeitos. As restantes categorias foram criadas atendendo à facilidade de obtenção de sujeitos, considerando um número de sujeitos entre quarenta e um e cem, entre cento e um e quinhentos, entre quinhentos e um e mil, e por fim mais de mil sujeitos.

Quanto ao tipo de sujeito, consideramos a existência de quatro categorias, respectivamente sujeitos que cometeram crimes (não efectuando distinção entre a referência a criminosos ou a delinquentes), sujeitos vítimas de crimes, estudantes ou sujeitos designados por normais, e por fim sujeitos com patologias de tipo psíquico ou orgânico (ex : perturbações emocionais, depressão, tentativa de suicídio, distúrbios psiquiátricos, deficientes físicos, sujeitos com próteses, sujeitos com dor crónica, etc).

Em relação ao sexo dos sujeitos consideramos a utilização de sujeitos do sexo masculino, feminino ou ambos, tendo também considerado a categoria indeterminado quando não é identificado o sexo.

Relativamente à idade, utilizamos como categorias a idade adulta, adolescência e infância, socorrendo-nos para tal das palavras chave que caracterizam a amostra quanto

à idade, pois nem sempre os artigos apresentam valores específicos quanto à idade. Consideramos ainda uma outra categoria (várias idades) na qual incluímos os artigos que utilizam sujeitos de diferentes idades.

Através dos dados obtidos (Quadro 3.2), verificamos que a maioria dos artigos utiliza apenas o grupo experimental, embora um pequeno número de artigos utilize ambos os grupos, e alguns artigos utilizem apenas o grupo de controle. Quanto ao número de sujeitos verificamos que a maioria dos artigos utiliza um número de sujeitos estatisticamente significativo, sendo as duas categorias mais frequentes a de 101-500 e 41-100 (vinte e sete e dezasseis artigos, respectivamente). Encontramos apenas oito artigos que têm menos de trinta sujeitos, o que no total de artigos dá cerca de um oitavo.

Relativamente às características dos sujeitos, a grande maioria dos artigos utiliza sujeitos de sexo masculino ou indeterminado, na idade adulta ou na adolescência, e que cometeram crimes, embora alguns artigos utilizam sujeitos vítimas de crimes.

Quadro 3.2 - Distribuição por características da amostra

Característica da amostra	Categoria	Nº de artigos
grupo	experimental	45
	controle	6
	ambos	14
número de sujeitos	1 - 29	8
	30 -40	6
	41-100	16
	101 - 500	27
	501 - 1000	4
	mais de 1000	4
tipo de sujeito	sujeito que cometeu crimes	40
	vítima de crimes	14
	estudante/normal	7
	sujeito com patologia	4
sexo	indeterminado	19
	masculino	20
	feminino	15
	ambos	11
idade	adultos	32
	adolescentes	23
	crianças	2
	várias idades	8

Seguidamente, e baseando-nos no total de artigos, fomos analisar o seu conteúdo, tendo discriminado os artigos de tipo teórico e de tipo experimental. Apesar de todos os artigos serem sobre crime e emoções, foi possível discriminar o contexto específico em que essa relação é referida, contexto este que por vezes é mais enfatizado do que as próprias emoções, aparecendo estas como um aspecto secundário. Foi possível criar várias categorias, sendo a primeira designada por psicopatologia e incluindo artigos que referem o crime a propósito de desajustamentos, problemas e traumas emocionais, de problemas psiquiátricos, de tentativas de suicídio e de depressões, sejam estes apontados como causa para o sujeito que comete crimes, ou como efeito para a vítima de crimes, e sejam ainda referidos a propósito do próprio actor/vítima ou de familiares directos, como por exemplo o trauma emocional na criança filha de pai criminoso, o desajustamento emocional no casal com um cônjuge criminoso ou vítima de crime, etc. Na categoria avaliação foram incluídos artigos que referem a avaliação, validação ou aferição de métodos ou modelos de intervenção ou prevenção de crimes, bem como de intervenção ou tratamento de vítima de crimes, ou ainda de instrumentos utilizados para caracterizar o criminoso ou a vítima (ex: avaliação de treino de relaxamento em vítimas de crimes, avaliação de modelos de reinserção). Na categoria causas incluímos artigos que relacionam as emoções com aspectos que consideram ser uma possível causa do acto de cometer crimes, como por exemplo stress, traumas da infância, relações familiares, estrutura ou características específicas da personalidade, aspectos genéticos, classe social, etc. Na categoria consequências foram incluídos artigos que abordam as emoções a propósito de aspectos referidos como consequências do acto de cometer crimes, seja para o sujeito que comete o acto (ex: efeito da prisão na personalidade do sujeito, ajustamento psicológico do cônjuge de um preso), seja para a vítima de um crime (ex: trauma após violação, relações familiares em famílias com vítimas de homicídio, etc). Para o desenho experimental foram incluídos artigos que efectuam um estudo concreto tendo um desenho experimental previamente definido através do qual manipulam variáveis que utilizam para tentar analisar as relações entre crime e outros aspectos, como o humor, desempenho escolar, percepção de estímulos, etc. Nestes

artigos o tema principal é a aplicação do desenho experimental preparado e a análise dos dados obtidos, sendo abordados temas como o processamento de material verbal de tipo afectivo segundo o tipo de crime cometido, comparação do desempenho escolar de crianças filhas cujos pais estão ou não presos, auto-percepção e tipo de crime, etc. Incluímos também nesta categoria artigos de tipo teórico cujo conteúdo consistia em avaliar, descrever ou fazer considerações várias sobre uma experiência previamente efectuada. Por fim, na categoria emoções incluímos artigos que estudam concretamente as emoções ou o humor, vendo a sua importância por exemplo na reacção de sujeitos presos a estímulos definidos, bem como artigos que se debruçam sobre a expressão de emoções ou identificação destas após ter cometido um crime ou ter sido vítima de um. Tal como nos estudos de droga, incluímos nesta categoria artigos cujo tema central eram as emoções e não outros contextos específicos, como é o caso das categorias anteriores.

Os dados obtidos (Quadro 3.3) permitem-nos ver que quer para os artigos de tipo experimental, quer para os de tipo teórico, as categorias mais frequentes são a causa, a psicopatologia e a avaliação. A categoria menos frequente, é a das emoções nos artigos de tipo teórico e a do desenho experimental nos artigos de tipo experimental. Apesar de todos os artigos incluíram as emoções, verificamos que estas são usadas no âmbito de outros assuntos, como por exemplo a psicopatologia, havendo apenas um pequeno número de artigos (um para os artigos de tipo teórico e doze para os de tipo experimental) que se centra especificamente nas emoções.

Quadro 3.3 - Distribuição por conteúdo segundo o tipo de artigo

Conteúdo	Nº de artigos - tipo teórico	Nº de artigos - tipo experimental
psicopatologia	4	10
avaliação	5	10
causas	12	20
consequências	2	8
desenho experimental	2	5
emoções	1	12

No que se refere às emoções, cognições e sensações corporais, fomos também ver de que modo estes eram discriminadas, independentemente do conteúdo. Assim, para as emoções consideramos na categoria global artigos que referem explicitamente as emoções mas de um modo geral, utilizando termos como emoções, estado emocional, afectos, emotividade, emocionalidade, etc. Na categoria emoções primárias incluímos artigos que descrevem algumas das emoções primárias designadas por Izard na teoria diferencial das emoções, como por exemplo o interesse, alegria, surpresa, cólera, angústia, medo, nojo, tristeza, desprezo, vergonha e culpa. Nas emoções secundárias incluímos artigos que referem explicitamente outras emoções, que não as primárias, como por exemplo hostilidade, ansiedade, prazer, agressividade, rejeição, euforia, etc. Por fim, na categoria depressão foram incluídos artigos que referem explicitamente a depressão ou estados depressivos. Consideramos ainda a combinação entre emoções primárias e secundárias e entre depressão e outras emoções secundárias.

No que se refere às cognições consideramos numa primeira categorias o padrão de cognições, incluindo artigos que referem as cognições a propósito da importância destes como causa do acto de cometer crimes ou como aspecto central em terapias de tipo cognitivo. Na categoria avaliação de cognições incluímos artigos sobre a avaliação dos pensamentos e cognições do sujeito durante uma situação específica.

Por fim, relativamente às sensações corporais não encontramos nenhum artigo que lhes fizesse referência e como tal não foi possível criar categorias.

Através dos dados obtidos (Quadro 3.4) verificamos que a maioria dos artigos não refere sequer as emoções, ou aborda-as de um ponto de vista global, o que poderá ser explicado por estas serem utilizadas a propósito de outros contextos. Os poucos artigos que discriminam as emoções referem em número semelhante as emoções primárias, as secundárias ou a depressão. No que diz respeito às sensações corporais, não há nenhum artigo que lhes faça referência. Quanto às cognições, os poucos artigos que os referem fazem-no a propósito da influência destes no comportamento do sujeito ou nas terapias de tipo cognitivo, havendo apenas um que efectua a avaliação das cognições do sujeito.

Quadro 3.4 - Distribuição por emoção, pensamento e sensação segundo o tipo de artigo

Emoções, cognições e sensações corporais	Nº de artigos (tipo teórico)	Nº de artigos (tipo experimental)
não refere emoções	18	42
global	2	9
emoções primárias	2	4
emoções secundárias	0	2
emoções primárias e secundárias	3	3
depressão	1	2
depressão e outras emoções secundárias	1	3
não refere cognições	25	64
padrão de cognições	2	0
avaliação de cognições	0	1
não refere sensações corporais	27	65

Relativamente aos instrumentos de avaliação das emoções, efectuamos uma análise de acordo com os instrumentos utilizados para a recolha de dados, tendo verificado que nenhum dos artigos faz qualquer referência ao tipo de instrumento utilizado.

Relativamente ao tipo de estímulos utilizados para desencadear as emoções ou outras reacções no sujeito, estes são apenas utilizados nos artigos de tipo experimental e a partir dos dados obtidos foi possível criar várias categorias tendo considerado numa primeira categoria os slides, incluindo artigos que referem imagens com conteúdo afectivo ou com expressões faciais de emoções. Na categoria palavras incluímos artigos que referiam a apresentação visual de palavras, tendo estas um conteúdo afectivo ou neutro. Por fim, na categoria música incluímos artigos que referiam a apresentação de trechos musicais específicos. Não foi encontrado nenhum artigo que efectuasse referências à utilização de filmes como desencadeador emocional.

Através dos dados obtidos (Quadro 3.5) verificamos que apenas cinco artigos discriminam o tipo de estímulos utilizados, sendo estes constituídos por slides, palavras ou músicas, enquanto os restantes artigos não discriminam o tipo de estímulos utilizados, o que poderá ser explicado por muitos deles não terem como objectivo principal o desencadear de emoções e posterior estudo destas, mas sim efectuar experiências noutros contextos nos quais nem sequer são utilizados estímulos.

Quadro 3.5 - Distribuição por tipo de estímulos nos artigos de tipo experimental

Estímulo	Nº de artigos - tipo experimental
não refere estímulos	60
slides	3
palavras	1
música	1

Por fim, efectuamos ainda uma análise quanto ao tipo de crime, tendo considerado numa primeira categoria o crime indeterminado, incluindo artigos que referem crimes mas não fazem qualquer discriminação destes. Na categoria crime de tipo sexual foram considerados artigos que se centram em crimes de natureza sexual, mais concretamente violação, incesto ou abuso sexual. Na categoria crime contra propriedades foram incluídos artigos que referem crimes contra propriedades, como por exemplo vandalismo, destruição de imóveis e assaltos a casas ou automóveis na ausência dos proprietários. Na categoria crime contra pessoas foram considerados artigos que se debruçam sobre crimes contra pessoas, com ou sem violência, como por exemplo rapto, homicídio, assalto à mão armada, assalto por esticção, tortura. Por fim, na categoria delinquência juvenil incluímos artigos que referem apenas o termo delinquência juvenil, não discriminando qual o acto cometido pelo delinquente. Como na pesquisa efectuada eliminamos todas as referências à droga, não encontramos em nenhum dos artigos referência de crimes associados à droga.

Através dos dados obtidos (Quadro 3.6) verificamos que nos artigos de tipo experimental quase metade dos artigos referem a delinquência juvenil (vinte e oito artigos), havendo ainda alguns artigos que referem crimes indeterminados ou de tipo sexual (respectivamente catorze e doze artigos). Nos artigos de tipo teórico, encontramos três categorias com um número semelhante de artigos, sendo estas a dos crimes contra pessoas, crimes de tipo sexual e delinquência juvenil.

Quadro 3.6 - Distribuição por tipo de crime segundo o tipo de artigo

Crime	Nº de artigos - tipo teórico	Nº de artigos - tipo experimental
não refere crimes	4	1
crime indeterminado	4	14
crime de tipo sexual	6	12
contra propriedades	1	4
contra pessoas	7	6
delinquência juvenil	5	28

Através da análise efectuada verificamos que do total dos 92 artigos encontrados sobre emoções e crime, a maioria dos artigos são de tipo experimental, utilizam apenas um grupo experimental, cujo número varia entre 41 e 500 sujeitos, sendo estes sujeitos que cometeram crimes, adultos ou adolescentes e de sexo masculino ou indeterminado. A maioria dos artigos estuda as emoções essencialmente a propósito da procura de causas para o acto de cometer crimes, da avaliação de métodos ou instrumentos e da psicopatologia do sujeito. Não discriminam as emoções ou quando o fazem referem as emoções através de termos genéricos e globais, e não referem a avaliação de cognições nem de sensações corporais. Não referem também a utilização de instrumentos de recolha de dados, nem a aplicação de estímulos específicos, e por fim, referem como crime a delinquência juvenil, crimes indeterminados ou de tipo sexual.

Durante a pesquisa de dados sobre o estudo das emoções no âmbito da droga e do crime eliminamos em cada um destes conteúdos as referências simultâneas a ambos, optando por apresentar estes dados numa análise à parte, que apresentamos seguidamente e que obedeceu aos mesmos procedimentos das análises anteriores.

4. O estudo das emoções no âmbito da droga e do crime

Nos estudos sobre droga e crime as emoções aparecem referidas de modo ainda menos claro do que nos estudos sobre droga e nos estudos sobre crime, nunca sendo referidas a propósito da identificação das emoções sentidas pelo sujeito que é consumidor de drogas e que cometeu crimes. Assim, Rounsaville e col. (1982) estudaram sujeitos dependentes de opiáceos, procurando identificar acontecimentos marcantes na vida destes que pudessem ser apontados como causas do consumo de droga. Encontraram como causas mais frequentes os traumas emocionais (como por exemplo morte dos pais ou ser vítima de abuso físico/sexual) e a actividade delincente, referindo deste modo os distúrbios emocionais e não a avaliação de emoções numa situação específica.

Gossop e Eysenck (1983), referem que apesar de se saber que existem relações nítidas entre droga e crime, ainda não se sabe exactamente quais são, pensando-se contudo que o comportamento criminoso é anterior ao consumo de droga. Estudaram toxicodependentes e sujeitos presos, tendo verificado que havia diferenças de personalidade nítidas entre os dois grupos de sujeitos, pois os toxicodependentes eram descritos como sendo significativamente mais tensos, preocupados, sensíveis e deprimidos do que os presos. A única referência que fazem às emoções é através da depressão, emoção secundária fortemente associada a psicopatologia.

Kleinman e col. (1986) estudaram sujeitos admitidos num centro de desintoxicação de drogas, tendo encontrado correlações significativas entre abuso de drogas, comportamento desviante e humor depressivo, sugerindo que a prevenção do abuso de drogas deve incluir, entre outros aspectos, o estado emocional do sujeito. A única referência às emoções é de novo através da depressão e o crime é associado a comportamentos desviantes que não definem de modo claro.

Por fim, Rahman (1992) considera que o consumo de drogas pode ser visto como um dos comportamentos dos sociopatas, pois através de inúmeros questionários de avaliação da personalidade os toxicodependentes são frequentemente classificados como desviantes. Num estudo que efectuou com toxicodependentes, verificou que a

maioria dos sujeitos referem experienciar estados emocionais positivos intensos através do consumo de drogas, o que Rahman interpreta como uma das causas para a dificuldade do abandono do consumo. Descreve estes sujeitos como sendo altamente emocionáveis, hostis, agressivos, deprimidos e ansiosos, apresentando nas escalas de neuroticismo e psicoticismo de Eysenck valores semelhantes aos encontrados para os criminosos, o que reforçaria a existência de uma ligação entre droga e crime.

Para verificar se existiriam ainda mais estudos, efectuamos nova pesquisa no PsycLit, também para o período compreendido 1987 e 1994, tendo cruzado as palavras chave utilizadas anteriormente para os três temas. Encontramos 13186 artigos sobre emoções, 5839 sobre droga, 3623 sobre crime e apenas 18 sobre os três domínios simultaneamente.

Utilizando a grelha de leitura já descrita, fomos ver o tipo de artigo, isto é, artigo teórico (apresentação de modelos, teorias ou explicações sobre a relação droga/crime) ou experimental (realização de um estudo concreto, segundo um desenho experimental previamente elaborado, num grupo de sujeitos específico), tendo verificado (Quadro 4.1), que a maioria dos artigos é do tipo experimental

Quadro 4.1 - Distribuição por tipo de artigo	
Tipo de artigo	Nº de artigos
Teórico	2
Experimental	16

Centrando-nos apenas nos artigos de tipo experimental, fomos seguidamente caracterizar os sujeitos utilizados como amostra, quanto ao grupo, tipo de sujeito, número de sujeitos, sexo e idade destes, discriminando cada um destes aspectos em diferentes categorias.

Relativamente ao grupo, consideramos numa primeira categoria a existência do grupo experimental, constituído por sujeitos com uma ou várias características específicas, como por exemplo traficantes consumidores de droga, presos que são

toxicodependentes, presos toxicodependentes com depressão, etc. Na categoria seguinte consideramos o grupo de controle, que inclui apenas sujeitos sem as características específicas do grupo experimental, sendo habitualmente constituído por sujeitos da população em geral ou por estudantes, geralmente designados por sujeitos normais ou de controle. Apresentamos ainda uma categoria na qual incluimos artigos que utilizam simultaneamente o grupo de controle e o grupo experimental.

No que se refere ao número de sujeitos utilizados, consideramos as mesmas categorias utilizadas a propósito dos estudos sobre droga e sobre crime.

Quanto ao tipo de sujeito, consideramos a existência de várias categorias, como a dos consumidores de droga, sujeitos que cometem crimes, estudantes ou sujeitos designados por normais, sujeitos vítimas de crimes e sujeitos toxicodependentes que cometem crimes.

Em relação ao sexo dos sujeitos consideramos a utilização de sujeitos do sexo masculino, feminino ou ambos.

Relativamente à idade, e em função dos artigos utilizados, usamos como categorias a idade adulta, adolescência e várias idades, não tendo encontrado nenhuma referência exclusiva a crianças.

Em qualquer uma das variáveis através das quais caracterizamos a amostra consideramos a categoria indeterminado quando através dos dados disponíveis não é possível identificar essa variável.

Através dos dados obtidos (Quadro 4.2), verificamos que a maioria dos artigos utiliza apenas o grupo experimental, embora um pequeno número de artigos utilize apenas o grupo de controle ou ambos os grupos. Quanto ao número de sujeitos a maioria dos estudos utiliza um número elevado, compreendido entre cento e um e quinhentos sujeitos, sendo este válido do ponto de vista estatístico. Relativamente às características dos sujeitos, a grande maioria dos artigos utiliza sujeitos de sexo indeterminado ou masculino e adolescentes, o que poderá ser explicado pelo facto de referirem a delinquência juvenil como crime (cf. Quadro 4.7, onde é apresentada a distribuição por tipo de crime). Em relação ao tipo de sujeito, encontramos um número de artigos

semelhante para as categorias consumidores, sujeitos que cometem crimes, estudantes e consumidores que cometem crimes, quando seria de esperar que esta última categoria fosse a mais frequente, pois os artigos referem simultaneamente a droga e o crime.

Quadro 4.2 - Distribuição por características da amostra

Característica da amostra	Categoria	Nº de artigos
grupo	experimental	13
	controle	2
	ambos	1
número de sujeitos	1 - 29	1
	30 - 40	1
	101 - 500	11
	501 - 1000	2
	mais de 1000	1
tipo de sujeito	consumidor de droga	3
	sujeito que cometeu crimes	4
	estudante/normal	3
	vitimas de crimes	2
	consumidores que cometeram crimes	4
sexo	indeterminado	10
	masculino	3
	feminino	2
	ambos	1
idade	adultos	5
	adolescentes	9
	várias idades	2

Seguidamente, e baseando-nos no total de artigos, fomos analisar o seu conteúdo, tendo discriminado os artigos de tipo teórico e de tipo experimental. Apesar de todos os artigos serem sobre droga, crime e emoções, foi possível discriminar o contexto específico em que essa relação é referida, contexto este que por vezes é mais enfatizado do que as próprias emoções, aparecendo estas como um aspecto secundário. Foi possível criar várias categorias, incluindo na primeira, psicopatologia, artigos que referem o crime e o consumo de droga a propósito de desajustamentos, problemas e traumas emocionais, de problemas psiquiátricos, de tentativas de suicídio e de depressões, sejam estes apontados como causa ou efeito da droga ou crime, e ainda, sejam referidos a propósito do próprio sujeito ou de filhos, vítimas do consumo de droga

ou de crimes por parte dos pais. Na categoria avaliação foram considerados artigos que referem a avaliação de modelos de intervenção, utilizados em centros de acolhimento de jovens, bem como de escalas utilizadas para caracterizar o consumidor de drogas que comete crimes. Na categoria problemas de comportamento incluímos artigos que relacionam droga, delinquência e emoções com défices nas competências sociais e escolares, e com comportamentos agressivos ou de risco. Na categoria causas foram considerados artigos que relacionam as emoções com aspectos que consideram ser uma possível causa do consumo de droga e do crime, como por exemplo estrutura da personalidade, classe social, meio familiar, etc. Na categoria consequências consideramos artigos que abordam as emoções a propósito de aspectos referidos como consequências do consumo de droga (ex: aparecimento de doenças como a Sida por partilha de material) ou do acto de cometer crimes (ex: desagregação familiar). Por fim, na categoria emoções incluímos artigos que estudam concretamente as emoções vendo a sua expressão ou identificação em consumidores traficantes, ou de acordo com a estação do ano e o tipo de crime. Nesta categoria incluímos artigos cujo tema central eram as emoções e não outros contextos específicos, como é o caso das categorias anteriores.

Os dados obtidos (Quadro 4.3) permitem-nos ver que nos artigos de tipo teórico existe uma única categoria, que é a avaliação de modelos ou instrumentos. Nos artigos de tipo experimental as categorias mais frequentes são a psicopatologia e os problemas de comportamento (com cinco artigos cada), havendo depois igual número de artigos (dois apenas) para as categorias causas, consequências e emoções.

Quadro 4.3 - Distribuição por conteúdo segundo o tipo de artigo

Conteúdo	Nº de artigos (tipo teórico)	Nº de artigos (tipo experimental)
psicopatologia	0	5
avaliação	2	0
problemas de comportamento	0	5
causas	0	2
consequências	0	2
emoções	0	2

No que se refere às emoções, cognições e sensações corporais, fomos também ver de que modo estas eram discriminadas, independentemente do conteúdo. No caso das emoções consideramos numa primeira categoria, global, artigos que referem explicitamente as emoções mas de um modo geral, utilizando termos como emoções, estado emocional, afectos, emotividade, emocionalidade, etc. Na categoria emoções primárias incluímos artigos que descrevem algumas das emoções primárias designadas por Izard na teoria diferencial das emoções, como o interesse, alegria, surpresa, cólera, angústia, medo, nojo, tristeza, desprezo, vergonha e culpa. Na categoria emoções secundárias incluímos artigos que referem explicitamente outras emoções, que não as primárias, como por exemplo hostilidade, ansiedade, prazer, agressividade, rejeição, euforia, etc. Por fim, na categoria depressão incluímos artigos que referem explicitamente a depressão ou estados depressivos.

Relativamente às cognições e às sensações corporais, não são referidos por nenhum dos artigos.

Através dos dados obtidos (Quadro 4.4) verificamos que a maioria dos artigos não refere sequer as emoções e os poucos artigos que discriminam as emoções referem a depressão ou outras emoções secundárias, não havendo nenhum que refira as emoções primárias. Além disso, nenhum dos artigos fez qualquer referência às cognições nem às sensações corporais.

Quadro 4.4 - Distribuição por emoção, pensamento e sensação segundo o tipo de artigo

Emoções, cognições e sensações corporais	Nº de artigos (tipo teórico)	Nº de artigos (tipo experimental)
não refere emoções	2	10
global	0	1
emoções primárias	0	0
emoções secundárias	0	2
depressão	0	3
não refere cognições	2	16
não refere sensações corporais	2	16

Relativamente aos instrumentos de avaliação das emoções, foram consideradas apenas duas categorias, instrumento indeterminado, que inclui artigos que referem utilizar um dado instrumento, mas não o identificam, e a categoria escala, que inclui artigos que referem a utilização de escala ou questionários.

Analisando os dados obtidos (Quadro 4.5) verificamos que nos artigos de tipo experimental metade dos artigos não refere a utilização de instrumentos de recolha de dados, enquanto a outra metade refere a utilização de escalas ou questionários. Nos artigos de tipo teórico um artigo não refere a utilização de instrumentos, enquanto o outro refere mas não identifica o instrumento.

Quadro 4.5 - Distribuição por instrumento segundo o tipo de artigo

Instrumento	Nº de artigos (tipo teórico)	Nº de artigos (tipo experimental)
não refere instrumentos	1	8
indeterminado	1	0
escala	0	8

Analisamos também o tipo de estímulos utilizado, mas não encontramos nenhuma referência a estes em qualquer um dos artigos.

Efectuamos ainda uma análise quanto ao tipo de droga, tendo considerado na primeira categorias, substância indeterminada, artigos que referem o consumo de droga mas não discriminam a substância. Na categoria droga dura incluímos artigos que referem o consumo das drogas consideradas duras, como por exemplo heroína e cocaína, enquanto na categoria álcool incluímos artigos que se debruçam sobre o consumo de álcool, considerando-o como droga.

Através dos dados obtidos (Quadro 4.6) verificamos que nos artigos de tipo teórico um artigo não refere a presença de drogas e o outro refere mas não identifica a substância. Nos artigos de tipo experimental, encontramos na maioria dos artigos referência às drogas duras e a substâncias indeterminadas, havendo ainda alguns artigos que referem exclusivamente o álcool ou este associado a drogas duras.

Quadro 4.6 - Distribuição por tipo de droga segundo o tipo de artigo

Droga	Nº de artigos (tipo teórico)	Nº de artigos (tipo experimental)
não refere drogas	1	0
indeterminada	1	6
droga dura	0	5
álcool	0	2
álcool e drogas duras	0	3

Por fim, efectuamos ainda uma análise quanto ao tipo de crime, tendo considerado numa primeira categoria, crime indeterminado, artigos que referem crimes mas não fazem qualquer discriminação destes. Na categoria tráfico incluímos artigos que se debruçam apenas sobre o tráfico de droga, considerando-o como crime, enquanto na categoria crime de tipo sexual incluímos artigos que se centram em crimes de natureza sexual, mais concretamente violação, incesto ou abuso sexual. Por fim, na categoria delinquência juvenil incluímos artigos que referem apenas o termo delinquência juvenil, não discriminando qual o acto cometido pelo delinquente.

Através dos dados obtidos (Quadro 4.7) verificamos que nos artigos de tipo teórico um artigo não refere o crime e o outro refere mas não identifica o tipo de crime. Nos artigos tipo experimental quase metade dos artigos não descrimina o tipo de crime, (sete artigos em dezasseis), enquanto alguns referem a delinquência juvenil (quatro artigos), havendo ainda alguns artigos que referem o tráfico de droga e crimes de tipo sexual (dois artigos cada). O único crime associado à droga é então o tráfico, não sendo referidos assaltos, que frequentemente são associados à droga, e que talvez possam estar incluídos nos artigos que referem crimes mas não os identificam.

Quadro 4.7 - Distribuição por tipo de crime segundo o tipo de artigo

Crime	Nº de artigos (tipo teórico)	Nº de artigos (tipo experimental)
não refere crimes	1	1
crime indeterminado	1	7
tráfico	0	2
crime de tipo sexual	0	2
delinquência juvenil	0	4

Através da análise efectuada verificamos que do total dos dezoito artigos encontrados sobre emoções, droga e crime, a maioria dos artigos são de tipo experimental, utilizam apenas um grupo experimental, cujo número varia entre 101 e 500 sujeitos, sendo estes sujeitos que cometeram crimes ou consumidores que cometeram crimes, adolescentes ou adultos e de sexo indeterminado. A maioria dos artigos estuda as emoções essencialmente a propósito da psicopatologia do sujeito ou de problemas de comportamento, não discriminam as emoções e não referem a avaliação de cognições nem de sensações corporais. Não referem também a utilização de instrumentos de recolha de dados, ou quando o fazem referem as escalas, e não referem a aplicação de estímulos específicos. Por fim, referem como droga substâncias indeterminadas ou drogas duras e como crime crimes indeterminados.

Depois de termos analisado os estudos sobre emoções no âmbito da droga, crime e droga e crime é possível extrair algumas conclusões, que apresentamos seguidamente.

5. Conclusões

Neste capítulo efectuamos uma análise tendo como objectivo verificar de que forma as emoções são objecto de estudo no domínio do comportamento desviante. Assim, limitando o comportamento desviante aos fenómenos droga e crime, e partindo da análise de bibliografia existente sobre o tema, verificamos que nos estudos efectuados não é referido nenhum trabalho no qual seja feita a identificação e avaliação das

emoções, cognições e sensações corporais, sentidas durante situações específicas pelos sujeitos com estes comportamentos desviantes.

Perante a lacuna existente a este nível, preparamos um desenho experimental que nos permitisse estudar as emoções nos sujeitos toxicodependentes e ou delinquentes, desencadeando-as através de estímulos específicos e analisando o efeito destes através de um instrumento que permitisse avaliar simultaneamente as emoções, as sensações corporais e as cognições.

Contudo, antes de passarmos para a descrição desse desenho experimental, convém recordar todo o seu enquadramento teórico. Assim, através da análise da evolução histórica do estudo da personalidade (Capítulo I) referimos as múltiplas definições deste conceito, tendo também descrito as principais teorias elaboradas, enquadrando-as em diferentes categorias definidas segundo os grandes sistemas teóricos da Psicologia. Através desta descrição verificamos que a maioria dos modelos de personalidade citados parecem ser bastante deterministas, inscrevendo-se numa lógica linear e positivista, que não se enquadra no actual paradigma científico, mais centrado nos processos dos sistemas complexos, nos quais a auto-organização surge como propriedade fundamental. Além disso, verificamos também que na maioria dos modelos de personalidade as emoções são referidas apenas implicitamente, excepto em duas das teorias incluídas nas teorias sistémicas, desenvolvidas respectivamente por Powell e Royce, e por Agra, nas quais são consideradas um dos níveis da personalidade. Assim, no modelo de Powell e Royce é detalhadamente descrita a estrutura, dinâmica e desenvolvimento da personalidade enquanto sistema complexo auto-organizador, sendo as emoções referidas como um dos níveis hierárquicos deste sistema. No entanto, confrontando este modelo com o modelo desenvolvido por Agra, este apresenta-se como bastante mais completo, pois descreve não só a estrutura e dinâmica da personalidade, mas também todo o sistema psicológico, referindo neste os sub-sistemas da personalidade, da acção e da significação. Além disso, efectua também uma aplicação do modelo à transgressão, concebendo-a como um esforço de autocriação ética com significado existencial e social. Decidimos então utilizar o modelo da personalidade

elaborado por Agra, incluído na teoria do sujeito autopoietico, tomando-o como fonte de referência para o estudo global do indivíduo, e especificamente para o estudo das emoções no comportamento desviante.

Estando então as emoções intimamente ligadas à personalidade, efectuamos em seguida uma análise teórica e uma análise empírica, procurando saber até que ponto esta associação é realçada (Capítulo II). Verificamos que são poucas as teorias da personalidade que consideram as emoções como um dos seus elementos, e raras as teorias das emoções que enquadram estas no contexto mais vasto da personalidade. No entanto, actualmente a tendência dominante vai no sentido de considerar as emoções como um elemento fundamental na estrutura e funcionamento da personalidade, defendendo-se a existência de uma influência recíproca. Contudo, esta tendência não se manifesta ainda no discurso produzido sobre a personalidade entre os anos de 1983 e 1991, que analisamos com algum detalhe e no qual verificamos que domina a procura da personalidade como aspecto determinante do comportamento humano, sobretudo no que se refere a comportamentos considerados como desviantes, dos quais a desordem mental aparece como o mais estudado. No entanto, o estudo da personalidade efectuada dentro deste âmbito parece decorrer numa lógica determinista e de causalidade linear, procurando encontrar-se a personalidade típica responsável por estes comportamentos, e raramente sendo incluídas as emoções.

Em seguida, analisamos com detalhe o conceito de emoção (Capítulo III), vendo não só as diferentes definições possíveis, mas também as várias teorias desenvolvidas, agrupáveis também em diferentes categorias, variando estas desde a neurofisiologia das emoções até às emoções enquanto sistema, passando pelas cognições. Centrando-nos nas teorias que desenvolvem uma visão sistémica da emoção, escolhemos a teoria diferencial das emoções, desenvolvida por Izard, e na qual as emoções são consideradas como um dos subsistema da personalidade mais importantes na determinação do comportamento. Com base nesta teoria e também nas diferentes definições referidas, tentamos elaborar uma definição de emoção que abrangesse as diferentes perspectivas descritas, e que, simultaneamente se articulasse com a teoria de personalidade desenvolvida por Agra.

Para tal agrupamos os estratos da personalidade definidos por este autor em três grandes níveis da personalidade, que foram designados por neurofisiológico, expressivo-emotivo e cognitivo, definindo a emoção como um processo complexo com manifestações simultâneas nestes três níveis, capaz de traduzir quer o funcionamento independente de cada um destes níveis, quer a sua articulação.

Considerando que as emoções são referidas na teoria do sujeito autopoietico, quer no sistema de personalidade, quer no sistema do acto e que em termos de significação do comportamento podem ser consideradas como um dos sistemas motivacionais mais importantes no comportamento, consideramos que constituiriam um objecto de interface através do qual seria possível estudar o comportamento desviante. Limitando este aos fenómenos droga e crime, analisamos o modo como as emoções têm sido referidas no estudo destes fenómenos (Capítulo IV), constatando que quer do ponto de vista empírico, quer do ponto de vista teórico têm sido pouco valorizadas. Do ponto de vista experimental não foi mesmo encontrado nenhum estudo que efectuassem a identificação das emoções primárias definidas por Izard, nem que as articulasse com níveis de personalidade. Preparamos então um desenho experimental que permitisse contribuir para o preenchimento desta lacuna, descrevendo-o na Parte B deste trabalho.

Parte B

**Emoções, sensações e cognições no comportamento desviante :
construção de uma escala e sua aplicação**

Tendo verificado na Parte A a inexistência de estudos que no comportamento desviante (mais especificamente na droga e ou no crime) efectuem a avaliação das emoções primárias definidas por Izard, integrando-as com os níveis neurofisiológico e cognitivo da personalidade, preparamos na Parte B deste trabalho a definição de um desenho experimental que permitisse preencher esta lacuna. Através deste pretendemos estudar as emoções em sujeitos toxicodependentes e ou delinquentes, desencadeando-as com estímulos específicos e analisando o efeito destes através de uma escala que avalie simultaneamente as emoções, as sensações corporais e as cognições. Como não encontramos nenhum instrumento com estas características, efectuamos a construção de uma escala (Escala das Emoções, Sensações e Cognições - EESC96), cujas versões foram reformuladas até atingirmos a forma considerada adequada aos objectivos deste trabalho. Durante a construção da escala efectuamos também a recolha de outro tipo de dados, como os índices fisiológicos (nomeadamente durante a primeira e terceira versões da escala), tentando estudar de forma objectiva o estrato neurofisiológico. No entanto, através das análises efectuadas estes dados revelaram não estar associados às sensações corporais e pouco associados às emoções. Além disso, no momento de recolha de dados da versão definitiva o contexto social pareceu-nos ser pouco propício à utilização do polígrafo, pois decorria o programa *Máquina da Verdade* no canal televisivo SIC. Foram efectuadas algumas tentativas de recolha de dados junto dos dois grupos experimentais de reclusos, sendo a colaboração recusada. Por estas razões toda a recolha de dados foi centrada na escala construída, não sendo sequer referidos os dados iniciais obtidos com o polígrafo.

Descrevem-se nos Capítulos V, VI e VII as várias versões construídas, bem como as sucessivas críticas e reformulações, até se encontrar a versão definitiva, cuja apresentação é efectuada no Capítulo VIII, já no âmbito do estudo das emoções, sensações e cognições no comportamento desviante. Por fim são apresentadas as conclusões de todo o trabalho efectuado, bem como a bibliografia utilizada e os anexos.

Capítulo V

A primeira versão da EESC96

1. Introdução

Para o estudo das emoções no comportamento desviante, mais concretamente na droga e no crime, preparamos então um desenho experimental que nos permitisse através da apresentação de estímulos específicos avaliar não só as emoções primárias definidas por Izard, mas também integrá-las com os níveis neurofisiológico e cognitivo da personalidade. Não tendo encontrado nenhum instrumento com estas características, tivemos necessidade de construir uma escala, que designamos por EESC96, ou Escala das Emoções, Sensações e Cognições, tendo o ano de 1996 sido escolhido por coincidir com a versão definitiva desta escala. Durante a sua construção foram efectuadas várias reformulações, passando a descrever-se seguidamente a construção da primeira versão.

Contudo, como a utilização da escala pressupõe o desencadear de emoções através de estímulos específicos, apresentamos antes da descrição da escala a escolha e definição dos estímulos a utilizar.

2. Definição dos estímulos

Tomando de novo como referência a teoria diferencial das emoções de Izard (1991), este propõe que do ponto de vista experimental as emoções sejam desencadeadas utilizando a evocação de acontecimentos do passado ou a apresentação de pequenos filmes.

Efectuando uma breve revisão da literatura, os filmes aparecem como um dos melhores desencadeadores de emoções, sendo um método bastante utilizado (Forgas & Moylan, 1987; Russell, Horn & Huddle, 1988; Sparks, 1989; Townsend, Kek & Tuck, 1989; Radenhausen, 1989; Hubert e Jong-Meyer, 1990, 1991; Schotte, Cools & McNally, 1990; Philippot, 1993). Efectuando uma análise das diferentes formas de induzir estados emocionais em contexto experimental, alguns autores (Hesse et al., 1992; Gerrards-Hesse et al., 1994; Hettema, 1994) demonstraram que é o método mais

utilizado e mais eficaz, atendendo à sua possibilidade de controle e à semelhança que apresenta com a realidade.

Para comprovar que a maioria dos estudos utiliza filmes como desencadeadores de emoções, bem como para definir o tipo e conteúdo dos destes, realizamos uma outra pesquisa no banco de dados PsycLit, centrando-nos nos artigos publicados entre 1987 e 1994 e utilizando como palavras chave os termos *emot** para as emoções e termos específicos para os desencadeadores. Estes foram definidos de modo a abrangerem os cinco sentidos, utilizando-se então para os estímulos auditivos as expressões *auditory stimulation* e *dichotic stimulation*. Para os estímulos olfactivos utilizamos a expressão *olfactory stimulation*, para os tacteis a expressão *tactual stimulation* e para os gustativos a expressão *taste stimulation*. Para os estímulos visuais usamos as expressões *visual stimulation* e *pictorial stimulation*. Por fim, utilizamos para a presença simultânea dos estímulos visuais e auditivos o termo *film*, tendo todas estas palavras-chave sido escolhidas em função da codificação existente no banco de dados. Pela sua dificuldade de controle e de reprodução em contexto experimental, bem como por aspectos éticos, centramo-nos apenas em trabalhos que referem o desencadear de emoções através de estímulos específicos artificiais incluídos num desenho experimental bem definido, eliminando deste modo as situações reais vividas pelo sujeito.

Encontramos 234 artigos nos quais são utilizados estímulos previamente preparados para desencadear emoções (Quadro 2.1), utilizando a maioria dos artigos estímulos visuais ou auditivos. Durante a pesquisa verificamos também que a utilização simultânea de estímulos visuais e auditivos é referida numa categoria diferente, designada por filme, tendo sido encontrados 159 artigos, diferentes dos 234 anteriores, sendo então o filme o tipo de estímulos mais utilizado para desencadear emoções.

Quadro 2.1 - Distribuição dos artigos por tipo de estímulo utilizado

Tipo de estímulo	Número de artigos
auditivos	101
visuais	81
tacteis	27
olfactivos	21
gustativos	4
filme	159

Tendo verificado que no total dos artigos os filmes representam o tipo de estímulo mais utilizado para desencadear as emoções, fomos analisar apenas os artigos que utilizam filmes, vendo de que modo estes eram usados. Distinguimos várias formas de utilização, que organizamos em categorias. Assim, numa primeira categoria consideramos a recolha de dados, incluindo artigos que referem a utilização do filme como método de recolha de dados, como por exemplo filmagem de sessões de psicoterapia, de interacção mãe/criança, etc. Na categoria fonte de avaliação consideramos artigos que se centram na avaliação de um filme concreto, passado no circuito comercial, discutindo temas como por exemplo a caracterização do protagonista e a sua relação com a música Jazz no filme *Birdy*, a personalidade do rato Mickey nos filmes de Walt Disney, etc. Na categoria estímulo incluímos artigos que referem os filmes como um estímulo desencadeador de resposta no sujeito, não sendo porém valorizados na resposta aspectos emocionais. São exemplos desta utilização o estudo da percepção espacial, da percepção da dor ou dos movimentos oculares durante a visualização de filmes, a alteração de atitudes a partir da apresentação de filmes com modelagem de comportamentos, com programas educacionais ou com programas de promoção da saúde, etc. Por fim, na categoria desencadeador de emoções consideramos artigos que referem a utilização do filme como estímulo desencadeador de respostas emocionais ou alterações no humor.

Através dos dados obtidos (Quadro 2.2), verificamos que a maioria dos artigos utiliza o filme como um estímulo desencadeador de resposta, sendo as emoções a resposta mais frequente.

Quadro 2.2 - Distribuição dos artigos por forma de utilização do filme

Forma de utilização	Número de artigos
recolha de dados	20
fonte de avaliação	5
estímulo	26
desencadeador de emoções	108

Centrando-nos apenas nos artigos que utilizam os filmes como estímulo desencadeador de emoções, fomos analisar o seu conteúdo, considerando numa primeira categoria a designação conteúdo indeterminado, na qual incluímos artigos que referem a utilização de filmes mas não especificam o seu conteúdo. Na categoria conteúdo sexual consideramos artigos que utilizam filmes eróticos, pornográficos ou com cenas de violação. No conteúdo de crime ou violência foram incluídos artigos que referem filmes com cenas de violência física ou de crime, não especificando porém que tipo de crime. Na categoria droga foram consideramos artigos que utilizam cenas de consumo de droga explícito, seja a preparação desta, seja o seu consumo através do fumar, inalar ou injectar. Na categoria expressão de emoções incluímos artigos que referem cenas explícitas de expressão de emoções primárias específicas (como por exemplo angústia, alegria, medo, desprezo, nojo, etc), sejam estas retiradas de filmes comerciais ou representadas por actores. Na categoria conteúdo negativo consideramos artigos que referem a utilização de cenas descritas como sendo negativas, desagradáveis, de horror, de terror, aversivas, ansiogénicas, angustiantes ou desencadeadoras de choro, enquanto na categoria conteúdo positivo incluímos artigos que referem a utilização de cenas descritas como sendo positivas, agradáveis, cómicas, divertidas ou desencadeadoras de riso.

Através dos dados obtidos (Quadro 2.3), verificamos que a maioria dos artigos utiliza filmes com um conteúdo negativo ou com dois conteúdos opostos (negativo e positivo), sendo pouco utilizados os filmes com conteúdo de droga ou de crime.

Quadro 2.3 - Distribuição dos artigos por conteúdo do filme

Conteúdo do filme	Número de artigos
indeterminado	21
sexual	9
crime	6
droga	2
expressão de emoções	6
negativo	27
positivo	6
negativo e positivo	31

Analisando o tipo de emoções estudadas nos artigos que utilizam os filmes como desencadeador de emoções, consideramos numa primeira categoria, global, artigos que referem explicitamente as emoções mas de um modo geral, utilizando termos como emoções, estado emocional, afectos, emotividade, emocionalidade, humor, etc. Na categoria emoções primárias incluímos artigos que descrevem algumas das emoções primárias designadas por Izard teoria diferencial das emoções. Não foram encontradas outras formas de designar as emoções.

Em relação às cognições e às sensações corporais, apesar de serem referidos em alguns dos artigos, em nenhum deles são especificados, o que nos levou a distinguir apenas os artigos que os referem dos artigos que não referem.

Através dos dados obtidos (Quadro 2.4) verificamos que a maioria dos artigos refere as emoções, embora o faça de um modo global, havendo contudo alguns que discriminam emoções primárias. Quanto às cognições e às sensações corporais são muito poucos os artigos que as referem, não sendo portanto muito utilizados.

Quadro 2.4 - Distribuição dos artigos por emoção, pensamento e sensação corporal

Emoções, cognições e sensações corporais	Número de artigos
não refere emoções	31
global	53
emoções primárias	24
não refere cognições	101
cognições	7
não refere sensações corporais	103
sensações corporais	5

Procurando conhecer de que modo era analisada a resposta emocional desencadeada pelos filmes, consideramos também o tipo de instrumento utilizado, tendo criado apenas as seguintes categorias escala, que inclui artigos que referem a utilização de escalas ou questionários, e a categoria índice fisiológico, na qual consideramos artigos que referem a utilização de medidas fisiológicas, como electroencefalograma, electrocardiograma, electromiograma, actividade eléctrica da pele, doseamentos de hormonas, etc.

Analisando os dados obtidos (Quadro 2.5) verificamos que a maioria dos artigos refere a utilização de escalas, isoladas ou juntamente com índices fisiológicos, sendo estes referidos em alguns artigos, o que poderá ser explicado pelo facto da maioria das definições de emoção, consoante vimos na Parte I deste trabalho, incluir aspectos fisiológicos.

Quadro 2.5 - Distribuição dos artigos por instrumento utilizado	
Instrumento	Número de artigos
não refere instrumentos	28
escala	40
índice fisiológico	20
escala e índice fisiológico	20

Por fim, fomos verificar se eram feitas referências às consequências da visualização do filme, o que nos permitiria verificar se estes eram efectivamente um estímulo adequado para desencadear emoções. Consideramos numa primeira categorias a designação *não refere consequências*, na qual incluímos artigos que não referem quais as consequências da apresentação dos filmes. Numa outra categoria, designada por *não provoca alterações*, incluímos artigos que explicitamente dizem que o filme não provocou diferenças na resposta do sujeito. Por fim, na categoria *provoca modificações* incluímos artigos que referem alterações afectivas de tonalidade agradável ou

desagradável, ou modificações nas emoções, sensações corporais ou cognições, sendo estas alterações consideradas como uma consequência da visualização dos filmes.

Através dos dados obtidos (Quadro 2.6) verificamos que a maioria dos artigos refere que os filmes provocam alterações na resposta dos sujeitos, sendo poucos os que referem a não existência de consequências. Deste modo os dados confirmam que os filmes constituem um estímulo válido para desencadear emoções, pois provocam nitidamente alterações na resposta do sujeito.

Quadro 2.6 - Distribuição dos artigos por consequência da apresentação do filme	
Consequências da apresentação do filme	Número de artigos
não refere consequências	6
não provoca alterações	3
provoca modificações	99

Tendo verificado que o filme constitui então um bom desencadeador de emoções, interessa definir o seu conteúdo. Assim, verificamos que os artigos que referem a utilização de filmes caracterizados como positivos descrevem cenas de conteúdo agradável, cómico, divertido ou desencadeador de riso, enquanto os filmes caracterizados como negativos descrevem cenas de conteúdo desagradável, aversivo, ansiogénico, angustiante, de terror, de horror ou desencadeador de choro, sendo frequente estas cenas serem extraídas de filmes do circuito comercial. Perante tanta variedade de conteúdos, optámos por procurar trabalhos que utilizassem cenas de conteúdo positivo e negativo, avaliando o seu impacto através de escalas sobre emoções, sensações corporais e cognições. Encontramos apenas os trabalhos de Hubert e Jong-Meyer (1990, 1991, 1992 e 1993), embora estes avaliem apenas as emoções e as sensações corporais, que demonstraram ser diferentes consoante o conteúdo dos filmes.

Decidimos então utilizar como estímulos positivo e negativo cenas semelhantes às usadas por Hubert e Jong-Meyer (1991), e que consistiam em duas sequências de cenas extraídas de filmes do circuito comercial, cada uma com cerca de dez minutos de

duração, e cujo conteúdo era considerado agradável ou desagradável, consoante avaliação prévia por uma amostra de sujeitos. Ao tentarmos replicar os estímulos usados pelos autores, verificamos que não era possível utilizar exactamente as mesmas cenas, tendo efectuado algumas modificações no conteúdo, tempo de duração dos estímulos e momento de recolha dos dados, de modo a ser possível realizar a experiência no laboratório de Psicofisiologia da F.P.C.E.U.P.

Quanto às modificações do conteúdo, no conteúdo agradável, Hubert e Jong-Meyer utilizaram cenas de uma série de televisão com características culturais próprias e não disponível no nosso país. Como neste conteúdo as cenas usadas eram descritas como sendo agradáveis e divertidas, decidimos utilizar segmentos cómicos da película *Gente Gira é outra coisa* (1990, de Y. Barkan e I. Shilon), num total de cinco minutos de duração, podendo as cenas escolhidas ser globalmente descritas como cómicas, provocando facilmente o riso.

No conteúdo desagradável, começamos por utilizar o filme referido por Hubert e Jong-Meyer (*Os Salteadores da Arca Perdida*, 1981, de S. Spielberg), escolhendo as cenas citadas pelos autores. No entanto como estas constituem um bloco com uma determinada história e o conteúdo agradável era constituído por várias cenas diferentes, acrescentamos cenas também descritas como desagradáveis e de suspense, extraídas dos filmes *Indiana Jones e o Templo Maldito* (1984, de S. Spielberg), *A Guerra do Fogo* (1981, de J. J. Annaud) e *Predador* (1987, de J. McTiernan). As cenas deste conteúdo têm um total de cinco minutos de duração, apresentando cobras e lobos a atacar seres humanos, insectos e aranhas em cima do corpo, e também cadáveres esfolados e ensanguentados.

Modificámos também o tempo de apresentação de cada filme, reduzindo este para cinco minutos, em vez dos dez utilizados por Hubert e Jong-Meyer, por pretendermos ainda utilizar filmes de conteúdo diferente apresentados no mesmo dia. Em função de outros trabalhos (Davidson, Ekman, Saron, Senulis, Friesen, 1990), consideramos que cinco minutos de filme seriam suficientes para desencadear uma resposta emocional. O facto de apresentarmos todos os filmes no mesmo dia foi devido à

difficuldade em encontrar sujeitos, não estando estes disponíveis para permitirem a recolha de dados em dias diferentes.

Consideramos que as modificações efectuadas não são relevantes para os nossos objectivos, uma vez que não pretendíamos replicar a experiência referida. No entanto, uma vez que os autores tinham feito uma avaliação prévia de cada filme em termos de conteúdo, pedimos a um grupo de 64 sujeitos para classificarem os filmes apresentados através de um conjunto de pares de adjectivos antagónicos. Cada um dos pares era avaliado numa escala de 1 a 5, e para o aspecto agradável/desagradável, o valor 1 foi associado ao adjectivo desagradável e o valor 5 ao adjectivo agradável. Encontramos para o filme de conteúdo agradável uma média de 4.500 e para o filme de conteúdo desagradável uma média de 1.609, diferenças altamente significativas [$F(1,126)=486.611$, $P=0.000$], que nos demonstram que o filme que consideramos como agradável foi efectivamente avaliado pelos sujeitos como agradável, enquanto o filme de conteúdo desagradável foi avaliado como desagradável, passando a partir deste momento a designar estes dois filmes como *filme agradável* e *filme desagradável*.

Para além destes dois conteúdos, decidimos ainda utilizar um filme sobre droga e um filme sobre crime, considerando que estes poderiam dar informações mais relevantes no estudo das emoções no comportamento desviante, uma vez que pela teoria do sujeito autopoietico (Agra, 1990a, 1991a) quer a droga, quer o crime podem ser considerados um esforço de autocriação com significado existencial e social. Por esta razão consideramos os *filmes agradável e desagradável* como uma situação não significativa e os filmes sobre droga e sobre crime como uma situação com significado.

Assim, no filme sobre droga (que passaremos a designar por *filme droga*), encontramos apenas dois trabalhos que referem a utilização de cenas de consumo de droga e que avaliam o impacto do filme apenas através de uma escala sobre emoções. No primeiro trabalho, Sherman e col. (1989) apresentaram a um grupo de ex-heroinómanos três pequenos filmes (um com cenas aborrecidas, outro com cenas desencadeadoras de ansiedade e outro com cenas de consumo de heroína), verificando que o filme sobre heroína provocava nos sujeitos um menor estado de prazer e maior ansiedade e tensão a

nível emocional. No segundo trabalho, Legarda, Bradley e Sartory (1990) apresentaram um pequeno filme com cenas de consumo de droga a heroinómanos, sujeitos em tratamento com metadona, ex-heroinómanos e sujeitos não toxicodependentes, avaliando o seu impacto através de um questionário sobre humor, e tendo verificado que os heroinómanos apresentavam alterações do humor no polo positivo do questionário, enquanto os sujeitos em tratamento com metadona e os ex-heroinómanos apresentavam alterações no polo negativo. Em ambos os artigos as cenas utilizadas são referidas apenas como sendo de consumo e preparação de droga, não sendo especificada a sua origem. Decidimos utilizar para este tipo de estímulo cenas sem diálogo, retiradas de programas de televisão e nas quais é apresentada a preparação e consumo de droga por injeção ou inalação. Como as cenas encontradas não eram suficientes para os cinco minutos pretendidos, acrescentámos cenas retiradas do filme *Christiane F.* (1980, de U. Edel), também sem diálogo e com consumo explícito de droga, quer por inalação, quer por injeção, sendo estas as mais frequentes.

Relativamente ao filme sobre crime (que passaremos a designar por *filme crime*), utilizando o mesmo método, encontramos apenas um trabalho de Savitsky e Lindblom (1986) no qual apresentam cenas de assassinio tendo como objectivo determinar o veredicto de jurados em função das instruções dadas. Os restantes trabalhos encontrados descrevem as cenas como sendo de violência e crime mas não especificam melhor o seu conteúdo nem a sua origem. Decidimos então construir uma sequência com vários tipos de crimes, retirados de filmes do circuito comercial ou de séries de televisão. Assim, incluímos um assalto a uma cabine de um parque de estacionamento, partindo os vidros desta e roubando o dinheiro da caixa registadora, seguida de fuga à polícia (*Christiane F.*, 1980, de U. Edel), assassinio com arma de fogo de um homem que telefona numa cabine, tiroteio com polícia e abate do assassino (*Um polícia a abater*, 1990, de D. Lowry), assalto a uma loja, com assaltantes encapuçados e com arma de fogo, e posterior fuga (*Capitães de Areia*, RTP2, 1994), assalto a uma farmácia com entrada por uma janela, arrombamento de gavetas e de armário com um barra metálica (*No trilho da droga*, 1992, de G. Van Sant), assalto de automóvel em semáforo, com ameaça de arma

branca (*Teias da lei*, RTP2, 1995), rapto de homem na rua e violência física contra este para entrar em automóvel (*BZ, viagem alucinante*, 1990, de A. Lyne), violência física contra uma mulher e roubo de porta-moedas dentro de casa (*Pesadelo*, 1989, de J. Patterson), e por fim uma cena com violência física contra uma mulher, tiroteio e degolação de um homem com arma branca (*Caçada infernal*, 1990, de J. A. Gallaher).

Depois de termos definido os estímulos a utilizar, efectuamos a montagem das sequências, considerando dentro de cada conteúdo as cenas gravadas sem intervalos entre si, mesmo sendo de películas cinematográficas diferentes. Cada um dos quatro conteúdos foi gravado numa cassete vídeo diferente para facilitar a manipulação dos estímulos. Para facilitar a descrição da experiência e dos resultados, passaremos a designar cada conteúdo como filme, referindo então o *filme agradável*, o *filme desagradável*, o *filme droga* e o *filme crime*.

Definidos os estímulos a utilizar iniciamos a construção da primeira versão da escala, que descrevemos seguidamente.

3. Construção da primeira versão da escala

Para a construção da primeira versão da escala socorrendo-nos das referências à teoria diferencial das emoções, elaborada por Tomkins e Izard, efectuadas por Singer (1984), Strongman (1987), Tomkins (1980), Izard e Buechler (1980), Rodrigues e col. (1989), Echebarria e Paez (1989) e Izard (1991, 1992, 1994), o que nos permitiu agrupar as dez emoções referidas por Izard em vários factores de acordo com os seus desencadeadores, bem como identificar as sensações corporais associadas a cada emoção (Quadro 3.1).

Quadro 3.1 - Descrição das emoções por desencadeadores, sensações e factores

Emoções	Desencadeadores	Sensações corporais	Factor
Interesse	Novidade	Focar a atenção	Adaptação social
Alegria	Alívio		positiva
Surpresa	Súbito, inesperado		Expectativa
Angústia	Separação	Opressão no peito, tremor sudação, tensão muscular, taquicardia, taquipneia	
Cólera	Impedimento	Sudação, tremor, rubor facial, tensão muscular, taquicardia, taquipneia	Triade
Nojo	Degradação de valores sociais, deterioração	Mau gosto boca, náuseas	da hostilidade
Desprezo	Dominação	Sentir-se frio	
Medo	Perigo	Sudação, tremor, tensão muscular, taquicardia, taquipneia, paralisia, fuga	Fuga
Vergonha	Auto-atenção, exposição	Rubor facial	Responsabilização
Culpa	Censura		

Encontramos deste modo dez emoções primárias e catorze sensações corporais, construindo uma lista de acordo com a ordem de aparecimento no Quadro 3.1. Para ser possível uma maior discriminação dos dados dividimos a escala em duas folhas separadas, colocando numa as emoções e na outra as sensações corporais. Cada emoção e cada sensação corporal constituiu um item que era avaliado de zero a cinco, isto é, de "não senti" até "*senti com muita intensidade*", devendo o sujeito marcar o valor respectivo. Acrescentamos ainda o item "*outros*", quer nas emoções, quer nas sensações corporais, pedindo para o sujeito indicar outras emoções ou outras sensações que pudesse ter experienciado e não se encontrassem na listagem apresentada.

Apresentamos em Anexo a primeira versão da escala e as instruções de preenchimento, salientando contudo que nesta versão ainda não tinha sido incluída a tristeza, nem foram ainda avaliadas as cognições.

Construída a primeira versão da escala, fomos então aplicá-la a um grupo de sujeitos. Contudo, nesta primeira fase ainda não tínhamos definido com rigor o *filme droga* e o *filme crime*, utilizando apenas os *filmes agradável e desagradável*. Pretendíamos então verificar se a escala construída estava adequada ao que nos propúnhamos medir, bem como avaliar se os dois conteúdos de estímulos escolhidos desencadeavam efectivamente respostas diferentes nos sujeitos. Descrevemos seguidamente a metodologia utilizada.

4. Metodologia

4.1. Procedimento

Depois do sujeito entrar no local onde iria decorrer a experiência era convidado a sentar-se numa cadeira confortável e ouvir as instruções dadas pelo experimentador. Estas foram baseadas no seguinte texto : *Vão-lhe ser apresentados no televisor dois filmes, um de cada vez e com um breve intervalo entre cada um. Durante a apresentação dos filmes deve olhar sempre para o écran e não desviar os olhos deste. Depois de terminado o primeiro filme vai-lhe ser entregue um questionário de escolha múltipla, que deverá preencher de forma anónima e confidencial, não havendo respostas certas nem respostas erradas. Se tiver dúvidas em qualquer uma das questões deve perguntar e pode demorar o tempo todo que for preciso. Quando acabar de preencher o questionário é-lhe apresentado o segundo filme, seguido de novo questionário.*

Depois de dadas as instruções e esclarecidas as dúvidas que o sujeito tivesse apresentado era iniciada a apresentação do primeiro filme, em seguida era preenchida a escala, depois era apresentado o segundo filme, preenchida de novo a escala, com um procedimento igual ao do filme anterior.

A ordem de apresentação dos filmes foi controlada, vendo metade dos sujeitos os filmes na ordem agradável-desagradável, e a outra metade na ordem inversa. A ordem de preenchimento da escala foi sempre a mesma, efectuando em primeiro lugar a avaliação

das sensações corporais e em seguida a avaliação das emoções, tentando deste modo evitar possíveis interferências de estereótipos e aprendizagens culturais. Esta metodologia foi baseada em Echebarria e Paez (1989), que referem que diferentes estudos em que é pedido ao sujeito para se auto-avaliar relativamente às emoções e às sensações corporais demonstram que não é possível saber se as configurações de sensações corporais apresentadas pelos sujeitos para cada emoção correspondem ao que os sujeitos realmente experienciam ou a estereótipos culturais. Apesar de colocarmos a questão se o contrário não seria também verdadeiro, optámos por seguir o mesmo procedimento dos autores, entendendo que apresentando em primeiro lugar a avaliação das emoções o sujeito poderia enviesar a avaliação das sensações corporais para esta se ajustar ao que ele pensaria estar associado a um dado estado emocional. Por exemplo, um dos estereótipos é que a emoção de medo se traduz por um aumento dos batimentos cardíacos. Se ao avaliar as emoções o sujeito referisse ter sentido medo poderia pensar ter experienciado um aumento do ritmo cardíaco, assinalando este na avaliação das sensações corporais e podendo na realidade não o ter sentido. Em versões posteriores da escala utilizamos as duas ordens possíveis para verificar se este pressuposto estava correcto.

4.2. Material

A apresentação dos estímulos visuais foi efectuada num televisor com écran policromático, situado em frente ao sujeito e distando deste 1,5 metros. Os estímulos foram gravados em cassetes VHS 180m (uma para cada um dos filmes), sendo controlados através de um videogravador manipulado foram do campo de visão do sujeito. A marca e modelo do televisor e do videogravador variaram consoante o local de recolha dos dados.

A avaliação do impacto dos filmes no sujeito foi efectuada através da primeira versão da escala.

4.3. Sujeitos

Dada a dificuldade em utilizar sujeitos com comportamentos desviantes, socorremo-nos de 74 alunos (66 do sexo feminino e 8 do sexo masculino) do 2º ano da licenciatura em Psicologia da F.P.C.E.U.P (ano lectivo de 1991/92). Por deficiências na recolha de dados foram eliminados oito sujeitos (cinco do sexo masculino e três do sexo feminino). Dos 66 restantes foram também eliminados os únicos três sujeitos do sexo masculino, dados o seu reduzido número. A amostra final foi constituída por 63 sujeitos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 anos e 9 meses e os 38 anos e 11 meses (média = 21.12; desvio padrão = 3.45).

4.4. Análise e transformação dos dados

Todo o processo de codificação e tratamento dos dados foi efectuado num computador PC e consistiu na introdução dos dados no programa Edit, utilizando o valor assinalado (de zero a cinco) pelo sujeito nos itens que avaliam as emoções e nos itens que avaliam as sensações corporais, através de uma matriz de dupla entrada : nas linhas foram considerados os sujeitos, enquanto nas colunas foram consideradas as emoções e as sensações corporais de cada filme, bem como um código que discrimina o sujeito e a ordem de apresentação dos filmes.

Depois de preparados os dados foi iniciada a análise estatística no programa SPSS PC+, usando como variáveis independentes o conteúdo do filme (*agradável*, ou *desagradável*) e a ordem de apresentação do filme (*agradável-desagradável* ou a ordem inversa). Para a variável dependente consideramos o valor apresentado para cada item, quer das emoções quer das sensações corporais.

5. Resultados

Utilizando a média da intensidade por emoção, começamos por efectuar uma análise de multivariância do tipo $2 \times 2 \times 10$, usando como variáveis independentes o conteúdo e a ordem de apresentação dos filmes e como variável dependente as emoções. Através dos dados obtidos (Quadro 5.1) encontramos uma interacção não significativa entre conteúdo do filme e ordem, um efeito de ordem não significativo e diferenças significativas quanto ao conteúdo do filme.

Quadro 5.1 - Emoções : tipo de interacção

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	p	Significância
ordem filme	1, 122	1.286	0.247	NS
ordem filme x conteúdo	1, 122	1.174	0.316	NS
conteúdo	1, 122	36.670	0.000	***
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Como encontramos diferenças significativas para o conteúdo, fomos analisar este com mais pormenor (Quadro 5.2), tendo encontrado para a maioria das emoções diferenças significativas. Assim, o *filme agradável* desencadeia maior interesse, alegria e surpresa, apresentando neste filme as restantes emoções valores muito baixos, sugerindo que não são desencadeadas. O *filme desagradável* desencadeia interesse, surpresa, angústia, cólera, nojo, desprezo e medo, embora as emoções interesse e surpresa sejam significativamente menores do que no conteúdo *agradável*. As restantes emoções desencadeadas pelo *filme desagradável* são significativamente mais intensas neste conteúdo. As emoções vergonha e culpa apresentam valores muito baixos e não diferem significativamente entre os dois conteúdos.

Quadro 5.2 - Emoções : comparação filmes agradável/desagradável

Emoções	Agradável	Desagradável	Significância ⁴
Interesse	3.810	3.286	*
Alegria	3.175	0.286	***
Surpresa	2.778	2.191	*
Angústia	0.048	1.222	***
Cólera	0	0.206	**
Nojo	0.191	3.159	***
Desprezo	0.064	0.635	***
Medo	0.016	1.222	***
Vergonha	0.016	0.016	NS
Culpa	0	0.016	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo			

Perante os dados apresentados podemos constatar que em termos de diferenças significativas entre os conteúdos, o *filme agradável* desencadeia de forma mais intensa as emoções interesse, alegria e surpresa, enquanto o *filme desagradável* desencadeia mais intensamente angústia, cólera, nojo, desprezo e medo, qualquer que tenha sido a ordem de apresentação dos filmes. A vergonha e a culpa não são desencadeadas por nenhum dos filmes.

Tentando verificar se estas diferenças eram estáveis, fomos ainda correlacionar as emoções que apresentavam diferenças significativas, considerando separadamente cada um dos conteúdos e desprezando a ordem de apresentação dos filmes, uma vez que não apresenta efeito significativo (Quadro 5.3). No *filme agradável* encontramos correlações positivas do interesse com a surpresa e alegria, entre desprezo e nojo, existindo apenas uma correlação negativa entre desprezo e interesse. No *filme desagradável* encontramos bastante mais correlações significativas, sendo as negativas entre alegria e nojo, e do

⁴ Testes univariados através da Manova

IN F(1,122)=5.318 P=0.023; AL F(1,122)=205.819 P=0.000; SP F(1,122)=5.041 P=0.027;
AN F(1,122)=39.131 P=0.000; CO F(1,122)=6.717 P=0.011; NJ F(1,122)=174.834 P=0.000;
DE F(1,122)=11.579 P=0.001; ME F(1,122)=42.270 P=0.000; VG F(1,122)=0.001 P=0.982;
CL F(1,122)=1.033 P=0.312

interesse com cólera e desprezo. As correlações positivas são entre surpresa e desprezo, da angústia com a cólera, nojo, desprezo e medo, da cólera com desprezo e medo, entre nojo e desprezo e entre desprezo e medo.

Quadro 5.3 - Correlação entre emoções, separadamente para cada filme

		IN												
AL	A	.6518**												
	D	.2477		AL										
SP	A	.4117**		.2922										
	D	-.1154		.1090		SP								
AN	A	-.0313		.0252		.2177								
	D	-.1867		-.1085		.1852		AN						
CO	A	.		.		.		.						
	D	-.2941*		.0104		.1780		.3511*		CO				
NJ	A	-.1252		-.1285		-.1167		-.0600		.				
	D	-.2918		-.3087*		.1092		.3904**		.2695		NJ		
DE	A	-.3339*		-.2171		-.1675		-.0582		.		.4806**		
	D	-.3565*		-.0772		.3069*		.3428*		.5057**		.2937*		DE
ME	A	-.1007		-.0157		.0971		-.0284		.		-.0341		-.0331
	D	-.1430		.0625		.2185		.3801*		.3362*		.2503		.3454*

* $p < 0.01$

** $p < 0.001$

Perante os dados obtidos a partir da análise de correlações entre as emoções, encontramos de novo diferenças entre os dois conteúdos dos filmes, confirmando-se os resultados obtidos pela análise de médias. Ao conteúdo *agradável* aparecem associadas as emoções interesse, alegria e surpresa e em termos de correlações encontramos neste conteúdo poucas correlações. Ao conteúdo *desagradável* aparecem associadas as emoções angústia, nojo, medo, cólera e desprezo, apresentando maior número de correlações significativas, a maioria das quais positivas e entre as emoções desencadeadas por este conteúdo.

Para identificar de modo mais rigoroso a associação entre emoções, efectuamos também uma análise factorial, discriminando também o conteúdo do filme. Apenas encontramos resultados para o conteúdo *desagradável*, pois os dados do conteúdo *agradável* apresentavam pouca variância, não permitindo efectuar a análise. No filme de conteúdo *desagradável* (Quadro 5.4) foram extraídos 3 factores, responsáveis por 61.9 %

da variância encontrada. Por sugestão de Marques (1993)⁵ consideramos apenas os factores com eigenvalue superior a 1, utilizando como critério para a escolha dos itens que constituem cada factor um valor superior ou igual a 0.5. Assim, o factor 1 aparece-nos como sendo constituído pelo desprezo, medo, cólera, angústia, surpresa e nojo. Curiosamente a surpresa apresenta um valor mais elevado do que o nojo, o que não será de estranhar se considerarmos que do ponto de vista teórico ela aparece associada à angústia. O factor 2 apresenta a vergonha e a culpa com os valores mais elevados, não tendo sido estas desencadeadas por nenhum dos filmes utilizados. O factor 3 aparece constituído pela alegria, interesse e surpresa, embora esta em menor grau e tendo já aparecido no factor 1.

Quadro 5.4 - Emoções (análise factorial) : factores para o filme desagradável

Factor	Eigenvalue	% Variância	% Acumulada
1	2.75173	27.5	25.5
2	2.12909	21.3	48.8
3	1.31279	13.1	61.9
Emoções	Factor 1	Factor 2	Factor 3
Interesse	-.32748	.16985	.56079
Alegria	.19509	.10650	.81704
Surpresa	.59419	-.21511	.23427
Angústia	.59551	.00406	-.30635
Cólera	.68340	.22778	-.18354
Nojo	.35365	.13097	-.65180
Desprezo	.71898	.04709	-.23825
Medo	.68789	-.02833	.00652
Vergonha	.01186	.98620	.06441
Culpa	.01186	.98620	.06441

Perante os resultados obtidos na análise factorial podemos confirmar de novo a diferença entre os dois filmes. No *filme agradável* os dados apresentam pouca variância não sendo possível agrupa-los em factores, enquanto no *filme desagradável* podemos separar três factores.

Com base nos resultados obtidos podemos concluir que o *filme agradável* desencadeia efectivamente emoções diferentes das provocadas pelo *filme desagradável*.

⁵ José Marques (1993) Comunicação pessoal

Ao *filme agradável* aparecem associadas as emoções interesse, alegria e surpresa, pouco correlacionadas entre si e não sendo possível agrupá-las em factores. Ao *filme desagradável* aparecem associadas as emoções angústia, nojo, medo, cólera e desprezo, nitidamente correlacionadas entre si e associadas num dos três factores extraídos na análise factorial deste filme. Os restantes factores são constituídos respectivamente pela vergonha e culpa, e pela alegria, interesse e surpresa, emoções pouco desencadeadas por este filme.

Depois de termos encontrado diferenças entre as emoções desencadeadas por cada filme, fomos analisar as sensações corporais, procurando saber se estas também variam em função do conteúdo do filme. Assim, efectuamos uma análise de multivariância do tipo $2 \times 2 \times 14$, usando como variáveis independentes o conteúdo e a ordem de apresentação dos filmes e como variável dependente as sensações corporais. Através dos dados obtidos (Quadro 5.5) encontramos uma interacção não significativa entre conteúdo do filme e ordem, e um efeito de ordem significativo, bem como diferenças significativas quanto ao conteúdo do filme.

Quadro 5.5 - Sensações corporais : tipo de interacção

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	p	Significância
ordem filme	1, 122	3.237	0.000	***
ordem filme x conteúdo	1, 122	1.134	0.337	NS
conteúdo	1, 122	3.945	0.000	***
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Como encontrados diferenças significativas para a ordem de apresentação dos filmes, fomos analisa-la com mais pormenor (Quadro 5.6), verificando que quer na ordem AD (agradável-desagradável), quer na ordem inversa (DA, desagradável-agradável) as sensações corporais mais intensas são a atenção, aumento dos batimentos cardíacos, aumento do ritmo respiratório e tensão muscular. A maioria das sensações corporais não apresenta diferenças significativas entre as duas ordens, excepto a tensão muscular, tremor e paralisia, significativamente mais intensas na ordem AD.

Quadro 5.6 - Sensações corporais : comparação ordem AD / DA

Sensações corporais	ordem AD	ordem DA	Significância ⁶
Atenção	3.953	4.049	NS
Suores	0.703	0.371	NS
Aumento dos batimentos cardíacos	1.844	1.452	NS
Aumento do ritmo respiratório	1.516	1.371	NS
Tensão muscular	2.000	1.291	**
Tremor	0.813	0.307	**
Bola no estômago	0.281	0.436	NS
Opressão no peito	0.828	0.468	NS
Rubor facial	0.590	0.742	NS
Mau gosto na boca	0.094	0.210	NS
Náuseas	0.391	0.387	NS
Sentir-se frio	0.391	0.355	NS
Sentir-se paralisado	0.735	0.323	*
Sentir vontade de fugir	0.266	0.404	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo			

Relativamente ao conteúdo dos filmes (Quadro 5.7), verificamos que no *filme agradável* as sensações corporais que apresentam valores mais elevados são a atenção, aumento dos batimentos cardíacos, aumento do ritmo respiratório, tensão muscular e rubor. No entanto, todas têm valores mais baixos do que no *filme desagradável*, excepto o rubor, mas este não apresenta diferenças significativas entre os dois filmes. As restantes sensações corporais apresentam valores muito baixos. O *filme desagradável* desencadeia mais intensamente todas as sensações corporais, excepto o rubor, como já foi referido. Os valores mais elevados são para a atenção, aumento dos batimentos cardíacos, aumento do ritmo respiratório e tensão muscular. Comparando com o *filme*

⁶ Testes univariados através da Manova

AT F(1,122)=0.358 P=0.551; SU F(1,122)=3.516 P=0.063; BA F(1,122)=2.287 P=0.133; RE F(1,122)=0.321 P=0.572; TM F(1,122)=7.541 P=0.007; TR F(1,122)=8.265 P=0.005; ES F(1,122)=1.011 P=0.317; OP F(1,122)=3.375 P=0.069; RU F(1,122)=0.347 P=0.557; MG F(1,122)=1.370 P=0.244; NA F(1,122)=0.000 P=0.984; FR F(1,122)=0.052 P=0.821; PA F(1,122)=4.716 P=0.032; FU F(1,122)=0.701 P=0.404

agradável, quase todas as sensações corporais são significativamente mais intensas, excepto a atenção, tremor e rubor, que não diferem significativamente entre os dois filmes.

Quadro 5.7 - Sensações corporais : comparação conteúdo agradável/desagradável

Sensações corporais	Agradável	Desagradável	Significância ⁷
Atenção	3.952	4.048	NS
Suores	0.349	0.730	*
Aumento dos batimentos cardíacos	0.984	2.318	***
Aumento do ritmo respiratório	0.825	2.064	***
Tensão muscular	0.952	2.349	***
Tremor	0.397	0.730	NS
Bola no estômago	0.016	0.698	***
Opressão no peito	0.333	0.968	**
Rubor facial	0.730	0.619	NS
Mau gosto na boca	0.048	0.254	*
Náuseas	0.064	0.714	***
Sentir-se frio	0.159	0.587	**
Sentir-se paralisado	0.206	0.857	***
Sentir vontade de fugir	0.016	0.651	***
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo			

Perante os dados apresentados podemos verificar que o *filme agradável* apenas desencadeia de modo intenso a atenção, mas esta não difere significativamente entre os filmes. Neste conteúdo todas as sensações corporais apresentam valores mais baixos do que no *filme desagradável*, excepto o rubor, mas este também não apresenta diferenças significativas. De todas as sensações corporais utilizadas, nenhuma parece estar então significativamente associada ao *filme agradável*.

O *filme desagradável* desencadeia significativamente mais suores, aumento dos batimentos cardíacos, aumento do ritmo respiratório, tensão muscular, bola no estômago, opressão no peito, mau gosto na boca, náuseas, frio, paralisia e vontade de fugir. Destas

⁷ Testes univariados através da Manova

AT F(1,122)=0.328 P=0.568; SU F(1,122)=4.738 P=0.031; BA F(1,122)=26.568 P=0.000; RE F(1,122)=23.611 P=0.000; TM F(1,122)=29.312 P=0.000; TR F(1,122)=3.681 P=0.057; ES F(1,122)=19.966 P=0.000; OP F(1,122)=10.466 P=0.002; RU F(1,122)=0.245 P=0.622; MG F(1,122)=4.438 P=0.037; NA F(1,122)=14.422 P=0.000; FR F(1,122)=7.348 P=0.008; PA F(1,122)=11.704 P=0.001; FU F(1,122)=15.046 P=0.000

sensações corporais, a tensão muscular, tremor e paralisia parecem estar associadas à ordem agradável/desagradável, sendo significativamente mais intensas nesta do que na ordem inversa. As restantes sensações corporais desencadeadas por este filme não diferem com a ordem.

Como as sensações corporais interessam apenas pela sua possível relação com as emoções, não efectuamos a análise de correlações nem a análise factorial dentro das sensações. Avançamos então para a análise de correlações entre as emoções desencadeadas pelos dois filmes e todas as sensações corporais (Quadro 5.8), considerando separadamente cada filme. Não consideramos o efeito ordem por este não ser significativo nas emoções. No entanto para as sensações corporais tensão muscular, tremor e paralisia discriminamos o conteúdo do filme consoante a ordem, visto para elas existirem diferenças significativas quanto à ordem. Consideramos a ordem AD através de A1 e D2 e a ordem DA através de D1 e A2.

Quadro 5.8 - Correlação entre emoções e sensações corporais para o conteúdo do filme e ordem

		IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME
AT	A	.6076**	.4288**	.2519	.0121	.	.0145	-.1338	.0069
	D	.5978**	.0288	-.2271	-.1288	-.3020*	-.2803	-.2703	-.1906
SU	A	.1808	.1049	.2709	.1662	.	.0207	.0448	-.0506
	D	-.2267	-.1046	.0649	.3382*	.3551*	.0239	.3259*	.1644
BA	A	.2704	.1544	.3469*	-.0566	.	-.0501	-.0486	.0016
	D	-.2340	.1159	.2950*	.4118**	.1083	.0904	.1904	.4081**
RE	A	.2545	.1939	.2987*	-.0292	.	.0938	-.0697	-.0862
	D	-.2275	.1119	.1549	.4436**	.0991	.2816	.2641	.2890
TE	A	.1649	.1649	.3951**	.2441	.	.0278	-.0416	.1052
	D	-.0614	.1058	.2163	.6107**	.1616	.2840	.2437	.3378*
	A1	.2976	.1940	.3970	.1128	.	-.0640	-.0677	.0785
	D2	-.0729	.1444	.2110	.6910**	.2112	.1865	.3973	.5856**
	D1	-.0447	.0203	.2137	.4873*	.0728	.3858	.1203	.0798
	A2	.0525	.1875	.2330	.5182*	.	.2139	-.0048	.
TR	A	-.0511	-.0156	.1670	.4398**	.	-.0855	.0934	-.0512
	D	-.3267*	-.0902	.2367	.3204*	.5028**	.2912	.3255*	.2599
	A1	-.0673	-.0178	.0310	.5535**	.	-.0862	.1463	-.1106
	D2	-.3739	-.1428	.2660	.2212	.7031**	.3787	.4375*	.1916
	D1	-.2483	.0068	.1849	.4359*	.1004	.1932	.2253	.3877
	A2	.	.	.	.	.	.	.	.
ES	A	.1480	.1645	.0971	-.0284	.	-.0341	-.0331	-.0161
	D	-.1868	-.1427	.0542	.4616**	.3804*	.2465	.1324	.1382
OP	A	-.1201	.0193	.0085	-.0960	.	.1152	.4750**	.2725
	D	-.1823	.0265	.0810	.4634**	.4258**	.1567	.2837	.3368*
RU	A	.2748	.3410*	.2563	-.1268	.	.0563	.2063	.1253
	D	-.0650	.1673	.2086	.3192*	.4032**	.1384	.1142	.2761
MG	A	-.1772	-.0806	-.0155	-.0500	.	-.0600	-.0582	-.0284
	D	-.1240	.0429	.2760	.3224*	.6664**	.1369	.3690*	.3103*
NA	A	.0696	.0373	-.0281	-.0361	.	.4686**	-.0420	-.0205
	D	-.2554	-.1572	.2947*	.3141*	.2342	.3625*	.3097*	.0000
FR	A	-.0890	.0470	-.1062	.2101	.	.4178**	.4052**	-.0373
	D	-.2524	-.0117	.1253	.3211*	.4006**	.1618	.3141*	.0373
PA	A	-.0137	.0895	.0482	-.0775	.	.0573	.0191	.1693
	D	-.0899	.1725	.2148	.2810	.2547	.0528	.3048*	.4089**
	A1	-.0694	.1056	-.1286	-.1145	.	-.0033	.0521	.1521
	D2	-.1101	.2521	.1360	.3605	.4595*	.0147	.3422	.6085**
	D1	-.0533	-.0374	.3405	.1053	-.2174	.0911	.3364	.1798
	A2	.1565	.1363	.1337	-.0479	.	.3443	-.0690	.
FU	A	.1480	.1645	.0971	-.0284	.	-.0341	-.0331	-.0161
	D	-.2779	-.1007	.2905	.4374**	.3482*	.3341*	.4454**	.2369

* p < 0.01

** p < 0.001

Através dos dados obtidos pela análise efectuada a partir da intensidade de cada emoção, o *filme agradável* desencadeia de forma significativamente mais intensa as emoções interesse, alegria e surpresa. Neste conteúdo encontramos correlações positivas entre interesse e atenção, da alegria com a atenção e o rubor, e da surpresa com a tensão muscular, com o aumento dos batimentos cardíacos e com o aumento do ritmo respiratório. Apesar de menos intensas, no conteúdo *desagradável* estas emoções também apresentam alguma intensidade, o que poderá explicar a existência de correlações positivas entre interesse e atenção, e da surpresa com o aumento dos batimentos cardíacos e náuseas, bem como uma correlação negativa entre interesse e tremor, ambas no filme de conteúdo *desagradável*.

O conteúdo *desagradável* desencadeou de forma significativamente mais intensa as emoções angústia, cólera, nojo, desprezo e medo. Começando por este conteúdo, vemos que existe um maior número de correlações significativas positivas, sendo estas da **angústia** com os suores, aumento dos batimentos cardíacos, aumento do ritmo respiratório, tensão muscular, tremor, bola no estômago, opressão no peito, rubor, mau gosto na boca, náuseas, frio e vontade de fugir. A **cólera** apresenta uma correlação negativa com a atenção e correlações positivas com os suores, tremor, bola no estômago, opressão no peito, rubor, mau gosto na boca, frio e vontade de fugir. O **nojo** apresenta correlações positivas com as náuseas e vontade de fugir, o **desprezo** com os suores, tremor, mau gosto na boca, náuseas, frio, paralisia e vontade de fugir, e o **medo** com o aumento dos batimentos cardíacos, tensão muscular, opressão no peito, mau gosto na boca e paralisia. Algumas destas emoções foram desencadeadas também no conteúdo *agradável*, embora com menos intensidade e talvez por isso encontramos correlações positivas no conteúdo *agradável*, entre a **angústia** e tremor, do **nojo** com náuseas e frio, e do **desprezo** com opressão no peito e frio.

Considerando as sensações corporais afectadas pela ordem, verificamos que as correlações são todas positivas. A tensão muscular apresenta correlações com a **angústia** e o **medo**, no conteúdo *desagradável* da ordem AD e correlações com a **angústia** nos dois conteúdos da ordem DA. O tremor apresenta correlações com a

angústia no conteúdo *agradável* da ordem AD, com a **cólera** e **desprezo** no conteúdo *desagradável* desta mesma ordem e com a **angústia** no conteúdo *desagradável* da ordem DA. A paralisia apresenta correlações com a **cólera** e **medo** apenas no conteúdo *desagradável* da ordem AD.

Comparando os dois conteúdos e desprezando o efeito de ordem, encontramos padrões diferentes de correlações, sendo estas mais numerosas e significativas no conteúdo *desagradável* e distribuindo-se diferencialmente pelos dois conteúdos de acordo com as emoções que cada um desencadeou (Quadro 5.9).

Quadro 5.9 - Associação entre emoções desencadeadas e sensações corporais, para cada conteúdo

Emoções	Resultados obtidos	
	Conteúdo agradável	Conteúdo desagradável
Interesse	Atenção	Atenção; negativamente tremor
Alegria	Atenção, rubor	
Surpresa	Taquicardia, taquipneia, tensão	Taquicardia, náuseas
Angústia	Tremor	Suores, taquicardia, taquipneia, tensão, tremor, bola no estômago, opressão, rubor, mau gosto, náuseas, frio, fugir
Cólera		Suores, tremor, bola no estômago, opressão, rubor, mau gosto, frio, fugir; negativamente atenção
Nojo	Náuseas, frio	Náuseas, fugir
Desprezo	Opressão, frio	Suores, tremor, mau gosto, náuseas, frio, paralisia, fugir
Medo		Taquicardia, tensão, opressão, mau gosto, paralisia

Através dos dados obtidos podemos verificar que cada um dos filmes desencadeia emoções diferentes, que se associam de modo diferente com as sensações corporais utilizadas, sendo esta associação mais nítida no *filme desagradável*.

Convém ainda referir que quer na avaliação das emoções, quer na avaliação das sensações corporais incluímos na escala o item *outros*, no qual os sujeitos deveriam referir outros estados emocionais e outras sensações que tivessem experienciado durante a apresentação dos estímulos e que não pertencessem à listagem de itens apresentada. A maioria dos sujeitos não indicou nada para este item, razão pela qual nunca o consideramos na análise efectuada.

A partir dos dados obtidos é possível tirar algumas conclusões quanto à escala, bem como quanto aos estímulos utilizados.

6. Conclusões

Partindo da apresentação de dois filmes de conteúdo diferente, fomos verificar se estes desencadeavam num grupo de estudantes respostas emocionais diferentes em função do conteúdo. Perante os resultados obtidos concluímos que efectivamente os dois filmes desencadeiam emoções e sensações corporais diferente, embora o *filme agradável* pareça ser caracterizado pelo não desencadear das sensações corporais utilizadas nesta versão da escala, aparecendo estas fortemente associadas ao filme de conteúdo *desagradável*. Relativamente à ordem de apresentação dos filmes, esta afecta apenas as sensações corporais, parecendo-nos contudo ser pouco importante, uma vez que afecta apenas três das catorze sensações corporais utilizadas.

Face ao efeito de ordem para as sensações corporais e perante o facto do *filme agradável* não ter desencadeado de modo especial nenhuma das sensações corporais utilizadas, optámos por reformular a escala e aplica-la a um novo grupo de sujeitos.

Durante esta reformulação verificamos que apesar da escala nos permitir diferenciar as emoções dos dois filmes, a sua forma de apresentação das emoções não é a mais adequada em relação às emoções. Através de críticas de investigadores que trabalham sobre o mesmo tema (Paez, 1992)⁸, optamos por utilizar para cada emoção três palavras sinónimos e não apenas uma única palavra, tendo como objectivo discriminar melhor cada emoção. Por exemplo, os sujeitos poderiam referir não ter sentido interesse, no entanto, se fossem indicados para esta emoção os termos interesse, curiosidade e atenção, explicando que se referiam ao mesmo estado e que o sujeito deveria assinalar esta emoção desde que tivesse sentido o estado emocional referido por qualquer um dos termos, poderíamos ter uma resposta mais pormenorizada.

⁸ Dario Paez (1992) Comunicação pessoal

Consideramos então que as dez emoções iriam continuar a ser utilizadas, mas para cada uma iriam ser apresentados mais dois termos, sinónimos dessa emoção.

As sensações corporais utilizadas, apesar de discriminarem os dois conteúdos, são sempre mais intensas no conteúdo *desagradável*, sugerindo que deveríamos incluir algumas sensações que pudessem estar mais associadas ao conteúdo *agradável*. Utilizando como referência o modelo teórico de Tomkins-Izard, vemos que para a alegria e surpresa, emoções que pelos nossos dados aparecem mais associadas ao conteúdo *agradável* não são referidas sensações corporais (c.f. Quadro 3.1), o que explicaria os resultados obtidos. Ainda por sugestão de Paez optámos por considerar novos itens, escolhidos por um processo diferente do utilizado e tendo em atenção que deveriam reflectir também o que se passaria no conteúdo *agradável*. Uma outra sugestão efectuada foi a de verificar se seria correcta a ideia da influência de estereótipos na avaliação das emoções, e que nos tinha levado a utilizar na apresentação da escala apenas a ordem sensações corporais / emoções, sendo necessário usar as duas ordens.

Relativamente aos estímulos, consideramos que estes eram adequados ao que pretendíamos estudar, não tendo sido efectuada qualquer modificação.

Perante as críticas apontadas e dada a dificuldade em recolher dados em sujeitos com comportamentos desviantes avançamos para a reformulação da escala, não a aplicando ainda a este tipo de sujeitos. Descrevemos seguidamente a segunda versão da escala.

Capítulo VI

A segunda versão da EESC96

1. Construção da escala

A partir das críticas efectuadas à primeira versão da escala efectuamos a sua reformulação. Assim, na construção da segunda versão começamos por tentar encontrar três palavras sinónimos para cada emoção, utilizando como ponto de partida as designações das dez emoções primárias referidas na primeira versão da escala. A partir destes termos consultamos três dicionários diferentes, com o objectivo de listar o maior número possível de sinónimos para cada uma das dez emoções. Para aumentar esta listagem, traduzimos ainda os termos referentes às emoções primárias utilizados nas diferentes formas da Differential Emotion Scale, construída por Izard, citadas em vários textos consultados (Boyle, 1987; Echebarria e Paez, 1989; Philippot, 1992).

Encontramos deste modo sessenta e oito palavras diferentes relacionadas com as dez emoções primárias (Quadro 1.1), bem como a designação de mais emoções atribuídas ao modelo teórico Izard. Para permitir identificar mais facilmente a origem das palavras utilizadas, indicamos no quadro o número do item que representam nesta versão da escala. Algumas das palavras não foram utilizadas, apresentando o valor zero, por se ter considerado que não se articulavam com os objectivos propostos. Foi o caso das palavras *sadness*, *tristeza* e *triste*, que refeririam a emoção tristeza, não considerada inicialmente como uma das dez emoções primárias. A *superioridade* foi outra das palavras eliminadas, por entendermos que não era um bom sinónimo do termo desprezo e por fim, eliminamos também o termo *cortado*, referido a propósito da vergonha e para o qual não encontramos tradução em português.

Quadro 1.1 - Listagem de termos para as dez emoções e sua origem

Emoções	Origem ⁹	Origem ¹⁰	Origem ¹¹	Origem ¹²	Origem ¹³	Origem ¹⁴	Origem ¹⁵
Interesse 38	atenção 12 solicitude 59 vantagem 67	benevolência 13 lucro 40	proveito 51 curiosidade 18	attention 12	interest 38	interes 38	atento 12 interes 38
Alegria 5	contentamento 15 felicidade 26	júbilo 39 gáudio 28 sucesso 60	prazer 50	joy 5	joy 5	alegria 5	feliz 26 alegre 5
				happiness 26			
Surpresa 61	espanto 25 pasma 46 inesperado 34	sobressalto 58 improviso 32		surprise 61	surprise 61	sorpresa 61	sorprendido 61 asombrado 11
Angustia 6	aflicção 3 agonia 4	inquietação 35	ansia 7 pavor 47 temor 63 tortura 65				
				sadness 0	sadness 0	tristeza 0	triste 0 desanimado 20
Cólera 14	irritação 37 ferocidade 27 impeto 31	ódio 45 raiva 53 ira 36		anger 14	anger 14	cólera 14	asqueado 10 disgustado 0
Nojo 44	nausea 43 asco 10 repugnancia 55	enjoo 24 repulsão 56		disgust 44	disgust 44	disgusto 44 asco 10	enfadado 1 enojado 44
Desprezo 23	indignação 33 superioridade 0	menosprezo 42		scorn 23	contempt 23	desprecio 23	menosprecio 42 desden 21 desprecio 23
Medo 41	inquietação 35 receio 54	apreensão 9 temor 63 sobressalto 58		fear 41	fear 41	miedo 41	asustado 62 miedo 41
					hostility 29		
					shyness 64		
				anxiety 8			
Vergonha 68	pudor 52 pejo 49	humilhação 30 desonra 22 timidez 64 acanhamento 2			shame 68	verguenza 68 timidez 64	avergonzado 68 timido 64 cortado 0
Culpa 17	responsabilidade 57 pecado 48	transgressão 66 delito 19			guilt 17	culpa 17	culpable 17 criticable 16

⁹ Dicionário Prático Ilustrado, 1940, Lello & Irmão Editores¹⁰ Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Selecções, 1978, Edições Selecções do Reader's Digest, tendo sido eliminados os termos repetidos no dicionário anterior.¹¹ Lexilello, 1989, Lello & Irmão Editores, eliminando também os termos repetidos dos dicionários anteriores.¹² Philippot (1992)¹³ Boyle (1987)¹⁴ Echebarria e Paez (1989)¹⁵ Versão da DES em espanhol, policopiada em 1992

Depois de termos traduzido textualmente todos os termos, ordenamos as palavras encontradas, incluindo a designação das emoções primárias, utilizando como critério a ordem alfabética. Tentamos deste modo distribuir aleatoriamente as palavras, evitando que palavras consideradas como sinónimos ficassem próximas umas das outras, o que poderia enviesar os resultados.

No que se refere às sensações corporais começamos por procurar aleatoriamente em obras e artigos sobre emoções, questionários que utilizassem a avaliação das sensações corporais. Encontramos no total setenta e oito termos referidos a sensações corporais, tendo apenas utilizado setenta, que apresentamos agrupados (Quadro 1.2) de acordo com a sua semelhança, indicando ainda o item a que correspondem na escala e o questionário de onde foram extraídos. Do total de sensações corporais eliminamos a *aceleração cardíaca*, *picadas no coração* e *batimentos rápidos no coração* por considerarmos que eram melhor traduzidas pelo termo *aumento dos batimentos cardíacos*. Eliminamos também os *problemas respiratórios* por considerar que os termos *aumento do ritmo respiratório*, *dificuldade em respirar* e *falta de ar* eram mais explícitos. Não consideramos as expressões *músculos duros*, *tendões doridos* e *articulações duras* por pensarmos que estas eram melhor traduzidas pelas sensações corporais *tensão muscular*, *músculos tensos* e *músculos doridos*. Por fim eliminamos ainda a expressão *sentir-se acalorado* por considerarmos que eram mais explícitos os termos *sentir-se quente* e *calores*. Apesar de pensarmos que algumas sensações corporais deveriam ser pouco desencadeadas na nossa situação (ex: asma, sangrar pelo nariz, hemorroides, queimaduras de sol), optámos por não as eliminar, uma vez que pretendíamos um grande número de sensações corporais diferentes para daí extrairmos as relacionadas com as emoções. O único critério de eliminação, foi, como já se disse anteriormente, a fraca explicitação de uma sensação corporal.

Quadro 1.2 - Listagem de termos para as sensações corporais e sua origem

Origem ¹⁶	Origem ¹⁷	Origem ¹⁸	Origem ¹⁹
atenção 8			
suores 60	transpiração (perspiration) 66	mãos suadas (manos sudorosas) 34	suores mesmo em tempo frio 60 (sudores incluso con tiempo frio)
aumento dos batimentos cardíacos 3	aceleração cardíaca (heartbeat acceleration) 0	coração acelerado (corazon acelerado) 13	batimentos rápidos no coração (latidos rapidos en el corazon) 0
			picadas no coração (pinchazos en el corazon) 0
aumento do ritmo respiratório 4	problemas respiratórios (breathing problems) 0	dificuldade respirar (dificultad respiratoria) 17	falta de ar (falta de respiracion) 28
			sufoco (sufocos) 58
			espirros esporadicos (estomudos esporadicos) 27
			asma (asma) 7
			tosse (tos) 65
tensão muscular 61	tensão muscular (muscle tension) 61	musculos tensos (musculos tensos) 37	musculos duros (musculos duros) 0
			musculos doridos (musculos doloridos) 36
			tendões doridos (tendones doloridos) 0
			articulações duras (articulaciones duras) 0
			dores nas articulações (articulaciones doloridas) 22
	relaxamento muscular (muscle relaxation) 47		
tremor 67			tremor nas mãos (temblor en las manas) 68
bola no estomago 9	sensações no estomago (stomach sensations) 54	dor de estomago (dolor estomago) 20	dor de estomago (dolor de estomago) 20
			dores ou cainbras no estomago 20 (diversos dolores o calambres de estomago)
			indigestão (indigestion) 30
opressão no peito 43			sensação de aperto (sensacion de ahogo) 52
rubor facial 50		rubor (rubor) 49	ficar corado (ponerse colorado) 14
mau gosto na boca 35			ardor na boca (multiplos picores) 6
nauseas 38			nauseas (nauseas) 38
		enjoos (mareos) 26	enjoos (mareos) 26
			tonturas (vertigos) 64
sentir-se frio 55	sentir-se frio (felling cold) 55	mãos frias (manos frias) 33	mãos ou pés frios mesmo no calor (manos o pies frios incluso con calor) 33
	sentir-se acalorado (felling warm) 0		calafrios (escalofrios) 11
	sentir-se quente (felling hot) 56		calores (calenturas) 12
sentir-se paralizado 57			
sentir vontade de fugir 69			
	nó na garganta (lump in throat) 40		nó na garganta (nudo en la garganta) 40

¹⁶ Primeira versão da EESC96¹⁷ Rimé, Philippot e Cisamolo (1990)¹⁸ Echebarria e Paez (1989) - pág. 53, escala LSE¹⁹ Echebarria e Paez (1989) - pág. 501, escala de Pennebaker

Quadro 1.2 (conclusão) - Listagem de termos para as sensações corp. e sua origem

Origem 16	Origem 17	Origem 18	Origem 19
			irritação ou dor de garganta (irritacion o dolor de garganta) 21
		olhos chorosos (ojos llorosos) 42	olhos chorosos (ojos llorosos) 42
			ardência ou dor nos olhos (escozor o dolor en los ojos) 5
			tiques nos olhos (tics en los ojos) 63
		zumbido nos ouvidos (pitido oído) 70	zumbido nos ouvidos (pitidos en los oídos) 70
			sudez temporária ou dureza de ouvido (sordera temporal o dureza de oído) 59
		nariz congestionado (nariz congestionada) 39	nariz congestionado (nariz congestionada) 39
			corrimento nariz (moquillo) 15
			sangrar pelo nariz (sangrar por la nariz) 51
		dor de cabeça (dolor cabeza) 18	dores de cabeça (dolores de cabeza) 18
			sensação de pressão na cabeça (sensacion de presion en la cabeza) 53
			dolores de costas (dolores de espalda) 23
			dores de dentes (dolores dentales) 19
			dores no peito (dolores en el pecho) 25
			caibras nas pernas (calambres en las piernas) 10
			insónia (insomnio) 31
			diarreia (diarrea) 16
			obstipação (constipacion) 41
			hemorroides (hemorroides) 29
			pele sensível (piel sensible) 45
			pele da cara gretada (piel de la cara agrietada) 44
			acne ou borbulhas na cara (acné o granos en la cara) 1
			acne noutras partes do corpo (acne en otras partes del cuerpo) 2
			tiques em qualquer parte do corpo (tics en cualquier parte del cuerpo) 62
			queimaduras de sol (quemaduras de sol) 46
			insensibilidade em qualquer parte do corpo (insensibilidad en cualquier parte corpo) 32
			reação forte a picaduras de insectos 48 (reacciones fuertes a picaduras de insectos)

As sensações corporais consideradas foram em seguida apresentadas por ordem alfabética, tentando deste modo a sua distribuição aleatória.

Depois de escolhidos os termos para as emoções e para as sensações corporais, pedimos aos sujeitos para avaliarem a intensidade de cada emoção e sensação corporal sentidas numa escala de 0 a 5, utilizando como desencadeador da resposta emocional a descrição (Paez e Marques, 1992)²⁰ de um acontecimento agradável ou de um acontecimento desagradável que tivesse ocorrido recentemente na vida do sujeito, pedindo-lhe para o escrever resumidamente no local da escala para tal destinado. Consideramos que ao ter de descrever por escrito a situação, o sujeito recordaria de forma mais nítida o acontecimento em causa. Como pretendíamos alargar a utilização da escala construída a outro tipo de estímulos, consideramos que a utilização dos filmes de conteúdo agradável/desagradável seria limitativa, optando então pela descrição de uma situação real memorizada, mas de tipo agradável ou desagradável. Como tínhamos um grande número de emoções e de sensações corporais para cada sujeito avaliar a propósito da situação desencadeadora, optámos por utilizar para cada sujeito apenas uma situação. Apresentamos em Anexo a segunda versão da escala e as instruções de preenchimento, salientando contudo que as várias partes da escala foram ordenadas de modo diferente consoante o grupo de sujeitos, atendendo ao desenho experimental considerado.

2. Metodologia

2.1. Sujeitos

Como sujeitos utilizamos 115 alunos da licenciatura em Psicologia da F.P.C.E.U.P. (ano lectivo de 1992/93), sendo 51 do segundo ano (44 do sexo feminino e 7 do sexo masculino) e 64 do primeiro ano (55 do sexo feminino e 9 do sexo masculino). As idades para o primeiro ano variaram de 17 a 29 anos (média = 19.25,

²⁰ Dário Paez e José Marques (1992) Comunicação pessoal

desvio padrão = 2.92), enquanto para o segundo ano variaram de 18 a 26 anos (média = 20.16, desvio padrão = 2.27). O critério de selecção dos sujeitos para o preenchimento da escala foi apenas o facto de estarem presentes no momento da recolha de dados e não apresentarem problemas visuais ou de coordenação óculo-motora, que poderiam afectar a realização da tarefa solicitada.

A escala foi preenchida por todos os sujeitos no mesmo dia, durante uma aula teórica de uma hora, sendo os sujeitos divididos em dois grupos atendendo ao ano a que pertenciam. As aulas teóricas foram escolhidas em função da disponibilidade dos respectivos docentes, visto impedirem o decorrer normal da aula para podermos efectuar a recolha de dados. Como as salas onde decorriam as aulas eram grandes, a recolha de dados foi feita ao mesmo tempo para todos os alunos do mesmo ano e decorreu sempre na segunda metade da aula, demorando cerca de trinta minutos.

2.2. Procedimento

O procedimento utilizado foi o mesmo para os dois grupos de sujeitos e consistiu em o docente responsável pela aula a decorrer avisar os alunos, após metade do tempo normal de aula, de que iriam participar numa experiência a decorrer na Faculdade, preenchendo uns questionários que seriam entregues por dois experimentadores, ambos do sexo feminino e desconhecidos dos sujeitos.

Em seguida o docente abandonou a sala e entraram os dois experimentadores, dando as seguintes instruções ao grupo : *"Vai-lhes ser seguidamente apresentado um questionário que se destina a uma investigação sobre emoções, a decorrer neste momento nesta Faculdade. Pede-se a vossa colaboração e o favor de responderem de modo sincero. Os resultados são anónimos e confidenciais"*.

Nenhum dos sujeitos presentes recusou colaborar e os questionários foram distribuídos de forma aleatória pelos sujeitos, tendo sido previamente ordenados de modo a cada sujeito ter um questionário diferente do sujeito anterior e do sujeito seguinte. Consideramos que o ano a que pertenciam os sujeitos não era uma variável

importante, não tendo em atenção a distribuição das várias formas da escala de modo a obter igual número de alunos de um mesmo ano para cada uma das formas.

As várias formas da escala foram apresentadas tendo em conta as variáveis a controlar. Assim, metade dos sujeitos respondeu à situação desencadeadora agradável, enquanto a outra metade respondeu à situação desencadeadora desagradável. Dentro de cada um destes grupos, metade dos sujeitos avaliou primeiro as emoções e em seguida as sensações corporais, enquanto a outra metade respondeu na ordem inversa, controlando-se deste modo a situação desencadeadora e a ordem de avaliação das emoções e das sensações.

Durante o preenchimento da escala alguns sujeitos pediram em voz alta para explicitar o significado de algumas palavras utilizadas, tendo estas sido explicadas pelos experimentadores e anotadas para depois serem eliminadas da análise de dados. As palavras eliminadas foram *ânsia*, *gáudio*, *asco*, *pejo*, *impeto*, *solicitude*, *assombro* e *júbilo*.

2.3. Análise e transformação dos dados

Os dados obtidos através das escalas foram manualmente introduzidos num computador de tipo PC, através do programa Edit, atribuindo valores numéricos ao sujeito, idade, sexo, condição desencadeadora e ordem da escala, e utilizando os valores assinalados para as emoções e sensações corporais. Em seguida os dados foram tratados através do programa estatístico SPSS PC+ e do programa de análise de correspondências SPAD.

3. Resultados²¹

Como no desenho experimental elaborado utilizamos duas situações diferentes (agradável e desagradável) e duas ordens de avaliação diferentes (emoções/sensações e sensações/emoções), efectuamos a análise de resultados de modo a poder identificar as emoções mais discriminativas, considerando como emoção qualquer uma das sessenta e oito palavras utilizadas.

Consideramos que as emoções que não apresentassem diferenças significativas entre as duas situações deveriam ser eliminadas da nossa listagem, pois não variando consoante o conteúdo da situação fosse agradável ou desagradável não discriminavam suficientemente os dois conteúdos. Decidimos também eliminar as que apresentassem um efeito de ordem significativo, pois neste caso os resultados variariam com a ordem de avaliação das emoções e das sensações corporais, não traduzindo a avaliação da situação de forma correcta mas sim uma variável interferente. Por fim, as emoções que apresentassem uma interacção significativa entre a situação e a ordem de apresentação seriam também eliminadas, considerando que não reflectiam a avaliação real mas a influência da ordem.

Através de uma análise de multivariância do tipo 2x2x68, usamos como variáveis independentes a situação desencadeadora e a ordem de preenchimento da escala, e como variável dependente as emoções (Quadro 3.1).

²¹ Dada a complexidade da análise estatística, toda a construção desta versão da escala e a análise dos resultados obtidos foi efectuada sob a orientação do Professor Doutor José Marques e com a colaboração deste, entre Outubro de 1992 e Janeiro de 1993.

Quadro 3.1 - Emoções : tipo de interação

EMOÇÕES	graus de liberdade	Efeito de ordem			Efeito de situação			Interação ordem / situação		
		F	p	Sig.	F	p	Sig.	F	p	Sig.
1.Aborrecimento	1,113	.296	.587	NS	65.403	.000	***	1.409	.238	NS
2.Acanhamento	1,113	.766	.383	NS	1.013	.316	NS	2.764	.099	NS
3.Aflição	1,113	5.942	.016	*	47.543	.000	***	.330	.567	NS
4.Agonia	1,113	4.373	.039	*	37.636	.000	***	.465	.497	NS
5.Alegria	1,113	3.364	.069	NS	889.079	.000	***	.712	.400	NS
6.Angustia	1,111	2.248	.137	NS	81.107	.000	***	.356	.552	NS
7.Ansia	1,111	1.914	.169	NS	3.784	.054	NS	.052	.821	NS
8.Ansiedade	1,111	.042	.838	NS	5.054	.027	*	.009	.923	NS
9.Apreensão	1,111	4.206	.043	*	3.792	.054	NS	.006	.937	NS
10.Asco	1,111	.122	.728	NS	9.050	.003	**	1.302	.256	NS
11.Assombro	1,113	.427	.515	NS	10.511	.002	**	1.697	.195	NS
12.Atenção	1,113	.384	.537	NS	9.987	.002	**	1.614	.207	NS
13.Benevolência	1,113	.666	.416	NS	2.791	.098	NS	.919	.340	NS
14.Cólera	1,113	2.451	.120	NS	36.305	.000	***	3.166	.078	NS
15.Contentamento	1,113	.882	.350	NS	413.518	.000	***	.307	.581	NS
16.Critica	1,113	4.055	.046	*	6.238	.014	*	.222	.639	NS
17.Culpa	1,113	.298	.586	NS	6.939	.010	*	.000	.984	NS
18.Curiosidade	1,113	.251	.617	NS	66.026	.000	***	3.649	.059	NS
19.Delito	1,113	.100	.752	NS	5.314	.023	*	.028	.867	NS
20.Desanimo	1,113	.255	.614	NS	117.458	.000	***	.352	.554	NS
21.Desdém	1,114	.260	.611	NS	14.270	.000	***	1.098	.297	NS
22.Desonra	1,114	.234	.630	NS	4.606	.034	*	.128	.721	NS
23.Desprezo	1,114	.744	.390	NS	11.328	.001	**	.581	.448	NS
24.Enjoo	1,114	.221	.639	NS	8.345	.005	**	.031	.861	NS
25.Espanto	1,114	1.557	.215	NS	.001	.980	NS	.190	.664	NS
26.Felicidade	1,113	1.177	.280	NS	817.857	.000	***	.926	.338	NS
27.Ferocidade	1,113	.486	.487	NS	12.999	.000	***	.642	.425	NS
28.Gáudio	1,113	1.298	.257	NS	163.836	.000	***	.327	.074	NS
29.Hostilidade	1,113	1.158	.284	NS	26.052	.000	***	.013	.911	NS
30.Humilhação	1,113	.615	.435	NS	22.805	.000	***	.141	.708	NS
31.Impeto	1,113	4.269	.041	*	3.237	.075	NS	3.221	.075	NS
32.Improviso	1,113	.007	.936	NS	1.328	.252	NS	.160	.690	NS
33.Indignação	1,113	3.202	.076	NS	51.159	.000	**	.028	.867	NS
34.Inesperado	1,113	.009	.923	NS	6.755	.011	*	.511	.476	NS
35.Inquietação	1,113	.000	.998	NS	15.427	.000	***	1.201	.276	NS
36.Ira	1,114	.382	.538	NS	42.769	.000	***	2.106	.150	NS
37.Irritação	1,114	.702	.404	NS	77.922	.000	***	.031	.861	NS
38.Interesse	1,114	6.818	.010	**	65.936	.000	***	7.625	.007	*
39.Júbilo	1,114	.011	.915	NS	315.813	.000	***	1.572	.213	NS
40.Lucro	1,114	5.798	.018	*	18.353	.000	***	5.695	.019	*
41.Medo	1,114	.250	.618	NS	8.476	.004	**	.046	.831	NS
42.Menosprezo	1,114	1.144	.287	NS	10.063	.002	**	.264	.608	NS
43.Nausea	1,114	.396	.530	NS	12.869	.000	***	.177	.675	NS
44.Nojo	1,114	.131	.718	NS	4.822	.030	*	.056	.813	NS
45.Ódio	1,114	.171	.680	NS	16.992	.000	***	.187	.666	NS
46.Pasmo	1,114	4.310	.040	*	4.570	.035	*	1.881	.173	NS
47.Pavor	1,114	.082	.775	NS	29.355	.000	***	.631	.429	NS
48.Pecado	1,114	.090	.765	NS	.318	.574	NS	.000	.987	NS

Quadro 3.1(conclusão) - Emoções : tipo de interação

EMOÇÕES	graus de liberdade	Efeito de ordem			Efeito de situação			Interação ordem / situação		
		F	p	Sig.	F	p	Sig.	F	p	Sig.
49.Pejo	1,114	1.782	.185	NS	.699	.405	NS	.021	.884	NS
50.Prazer	1,114	.614	.435	NS	200.638	.000	***	12.816	.001	***
51.Proveito	1,114	5.895	.017	*	101.362	.000	***	10.803	.001	***
52.Pudor	1,114	.327	.569	NS	.062	.804	NS	1.281	.260	NS
53.Raiva	1,114	.512	.476	NS	50.946	.000	***	.099	.753	NS
54.Receio	1,114	.077	.781	NS	5.125	.026	*	.335	.564	NS
55.Repugnância	1,114	.384	.537	NS	9.825	.002	**	.234	.629	NS
56.Repulsão	1,111	.701	.404	NS	18.105	.000	***	.121	.728	NS
57.Responsabilidade	1,111	2.324	.130	NS	3.482	.065	NS	1.233	.269	NS
58.Sobressalto	1,111	.585	.446	NS	30.166	.000	***	.954	.331	NS
59.Solicitude	1,111	.057	.813	NS	2.449	.121	NS	.744	.390	NS
60.Sucesso	1,111	.142	.707	NS	102.088	.000	***	1.501	.223	NS
61.Surpresa	1,113	.738	.392	NS	.096	.758	NS	.522	.472	NS
62.Susto	1,113	1.569	.213	NS	57.676	.000	***	.297	.587	NS
63.Temor	1,113	.116	.734	NS	33.032	.000	***	.597	.441	NS
64.Timidez	1,113	.012	.912	NS	.551	.459	NS	1.016	.316	NS
65.Tortura	1,113	.874	.352	NS	22.127	.000	***	.033	.856	NS
66.Transgressão	1,114	.491	.485	NS	6.675	.011	*	.514	.475	NS
67.Vantagem	1,114	3.071	.082	NS	22.243	.000	***	9.986	.002	**
68.Vergonha	1,114	2.356	.128	NS	4.577	.035	*	.556	.457	NS

* p < 0.05

** p < 0.01

*** p < 0.001

NS - Não Significativo

Através dos resultados obtidos verificamos que as emoções acanhamento, ânsia, apreensão, benevolência, espanto, ímpeto, imprevisto, pecado, pejo, pudor, responsabilidade, solicitude, surpresa e timidez não apresentam diferenças significativas entre a situação agradável e desagradável, não sendo por isso úteis para a sua discriminação. Encontramos também algumas emoções que apresentam um efeito de ordem significativa, variando o seu resultado consoante são avaliadas na ordem emoções/sensações ou na ordem sensações/emoções. É o caso da aflição, agonia, apreensão, crítica, ímpeto, interesse, lucro, pasmo e proveito. Considerando a interação significativa entre o efeito de ordem e o efeito de situação encontramos as emoções interesse, lucro, prazer, proveito e vantagem.

Tendo em conta os dados obtidos eliminamos então as emoções acanhamento, aflição, agonia, ânsia, apreensão, benevolência, crítica, espanto, ímpeto, imprevisto, interesse, lucro, pasmo, pecado, pejo, prazer, proveito, pudor, responsabilidade,

solicitude, surpresa, timidez e vantagem. Estranhamente, a surpresa e o interesse, designações para duas das dez emoções primárias foram eliminadas.

Ficamos então com quarenta e seis emoções que utilizamos para efectuar uma análise factorial, procurando extrair dez factores, uma para cada emoção primária. Encontramos efectivamente dez factores (Quadro 3.2), que explicam 75.8 % da variância total encontrada.

Quadro 3.2 - Emoções : análise factorial

Factor	Eigenvalue	% Variância	% Acumulada
1	15.80505	34.4	34.4
2	5.28642	11.5	45.9
3	3.28915	7.2	53.0
4	2.27433	4.9	57.9
5	2.00786	4.4	62.3
6	1.71403	3.7	66.0
7	1.33784	2.9	68.9
8	1.09508	2.4	71.3
9	1.03788	2.3	73.6
10	1.00117	2.2	75.8

A partir dos dados obtidos procuramos saber quais as emoções que constituíam cada um dos factores (Quadro 3.3). Utilizando como critério o valor igual ou superior a 0.5, vemos que o factor 1 é apenas constituído pelo desânimo, emoção que não aparece a nenhuma das dez emoções primárias consideradas. O factor 2 inclui a culpa, ferocidade, hostilidade, humilhação, menosprezo e vergonha, implicando simultaneamente as duas emoções primárias de vergonha e culpa. O factor 3 aparece associado ao medo, pois é constituído pela inquietação, medo, pavor, receio, sobressalto e temor, enquanto o factor 4 reflecte o nojo, sendo constituído pelo asco, enjoo, náusea e nojo. O factor 5 é constituído pelo assombro, ferocidade, inesperado, sobressalto e susto, implicando palavras associadas à surpresa, cólera e medo. No factor 6 encontramos apenas a repugnância e repulsão, palavras associadas ao nojo. Para o factor 7 encontramos de novo a vergonha e culpa, sendo constituído pelo delito, desonra, desprezo e transgressão, enquanto no factor 8 temos a angústia, ansiedade e cólera,

reflectindo simultaneamente as emoções primárias de angústia e cólera. O factor 9 aparece-nos apenas com o imprevisto, sugerindo a associação à surpresa, e o factor 10 é constituído unicamente pela atenção, sugerindo a associação ao interesse. Não conseguimos através deste tipo de análise isolar as dez emoções primárias, nem separar nitidamente outras palavras que lhe sejam associadas.

Quadro 3.3 - Emoções : factores extraídos na análise factorial

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Factor 5	Factor 6	Factor 7	Factor 8	Factor 9	Factor 10
1.Aborrecimento	.40908	.28091	.21892	.17983	.40701	-.04966	.12218	.33481	-.07733	-.16985
5.Alegria	-.93571	-.07956	-.13897	-.03726	-.12750	-.06828	-.03140	-.02982	.05828	.02761
6.Angustia	.49279	.18254	.35195	.20459	.09069	.05099	.03349	.51552	-.03491	.06483
8.Ansiedade	-.41411	-.03548	.30794	.05184	-.17432	.14267	.06649	.65643	-.01373	.10554
10.Asco	-.03729	.22795	.10229	.63865	.10368	.32183	.12262	.07680	-.19172	-.00773
11.Assombro	.08160	.13261	-.00637	.19024	.74446	.02239	.11558	-.02342	-.15907	.02599
12.Atenção	-.32931	.01505	.18054	.07841	.02068	-.01056	.08735	.03236	-.05066	.71887
14.Cólera	.31359	.33581	.03361	.17034	.39324	.17233	.23928	.55791	-.11591	-.15714
15.Contentamento	-.91520	-.11182	-.11926	-.00017	-.14221	-.06887	-.03366	-.04082	.00775	.00088
17.Culpa	.05148	.57064	.31735	.04829	.00623	.00961	.47384	.09592	.15302	-.03784
18.Curiosidade	-.67178	-.07966	-.00177	-.00282	.07699	-.04266	.06920	-.12855	.19796	.23033
19.Delito	.00320	.17208	.04529	.06298	.03599	.04815	.84185	.04809	.00122	-.05941
20.Desanimo	.60864	.32166	.26098	.16488	.18285	.10019	.08082	.12640	.14941	-.05232
21.Desdém	.14699	.41665	-.07114	.30928	.30173	.20956	.19468	.16589	-.45581	.21473
22.Desonra	.07492	.21712	.11971	.15907	.08410	.36050	.67936	-.05826	-.00435	.28041
23.Desprezo	.12451	.40416	-.04735	.33338	.24350	.21783	.52779	.15113	-.26504	.09440
24.Enjoo	.11650	.20142	.05628	.85162	.09704	.06188	.05852	.05324	.13665	.11351
26.Felicidade	-.93220	-.08960	-.12114	-.03410	-.15607	-.06043	-.07356	-.02713	.05752	.01762
27.Ferocidade	.00507	.53035	.12458	.14374	.52710	.16058	.13361	.20849	.07317	-.13979
28.Gáudio	-.83647	-.03993	-.09635	-.09212	.03427	-.11261	-.10679	-.09021	.01146	.09795
29.Hostilidade	.21783	.64933	.06656	.26735	.08934	.35959	.12856	.20438	-.03460	.01819
30.Humilhação	.20361	.80307	.06526	.29853	.07455	.09092	.24041	.08468	-.02544	.08442
32.Improviso	-.24001	.09602	.00697	.17350	.22310	.04415	.12752	-.00366	.69675	-.01206
33.Indignação	.42120	.42776	.07567	.09828	.36218	.40451	.04603	.09995	.10842	.22528
34.Inesperado	.10506	.00736	.02369	-.06384	.70140	.18263	.08162	-.03714	.29903	.10161
35.Inquietação	.19448	-.01295	.55817	.02774	.11746	.10006	.04740	.47084	.06898	.13894
36.Ira	.34902	.38059	.10052	.05686	.41668	.33277	.10605	.47891	-.18124	-.15287
37.Irritação	.46280	.31945	.21895	.11557	.33337	.31703	.07358	.37681	.07973	-.11564
39.Júbilo	-.90415	-.05777	-.15705	-.08255	-.06387	-.04306	-.04799	-.00149	.02247	.03798
41.Medo	.06619	.11594	.83702	.10030	-.07614	.03200	.04086	-.00396	-.10117	.14298
42.Menosprezo	.11812	.85719	.09358	.12298	.04287	.13325	.03866	.07215	-.09389	-.00160
43.Nausea	.17492	.09294	.09190	.88462	.07602	.12709	.09248	.07544	.07341	-.01810
44.Nojo	-.01962	.14074	.12609	.72854	-.02836	.47575	.22836	-.00392	.01114	-.04312
45.Ódio	.18965	.34434	.01223	.36220	.22731	.47145	.23157	.11814	-.39064	-.18662
47.Pavor	.18244	.06880	.70196	.13803	.24369	.30927	.16296	.00511	-.00948	-.12204
53.Raiva	.40884	.28429	.03385	.16413	.34486	.46178	.15327	.29255	-.22163	-.12997
54.Receio	.04024	.21374	.75235	-.04597	-.13015	.07907	-.00608	.18530	.11279	.09177
55.Repugnancia	.11649	.13550	.13732	.32278	.10285	.79676	.16052	.10464	.09052	.01576
56.Repulsão	.18676	.20314	.18430	.32541	.13464	.75556	.11987	.10203	-.03396	-.00703
58.Sobressalto	.25740	-.10545	.55558	-.00364	.50961	.09236	.15383	.16077	.14771	.01178
60.Sucesso	-.80836	-.05149	.00937	-.05786	-.09414	-.08565	.04295	.15257	.11370	-.01269
62.Susto	.41250	.05052	.48601	.04214	.54723	.07174	.10676	.08237	.12329	-.09697
63.Temor	.23305	.20400	.81737	.17376	.16962	-.03493	-.00965	.04454	-.08699	-.07014
65.Tortura	.21584	.43642	.23271	.35289	.07150	.26095	.06361	-.00215	-.25972	-.37300
66.Transgressão	.05396	.18043	.04483	.19231	.33646	.08906	.66315	.13446	.11341	.00774
68.Vergonha	.04966	.68165	.25427	.02060	.06241	.00943	.29447	-.20324	.13072	-.04060

Como através da análise factorial não conseguimos discriminar nitidamente as dez emoções primárias e como tínhamos já eliminado alguns termos nos quais foram incluídas designações das emoções primárias, optamos por reconsiderar todas as palavras de novo e fazer uma análise de correlações, procurando identificar quais as palavras positiva e significativamente associadas a cada uma das dez emoções primárias (Quadro 3.4). Não consideramos no sentido vertical as designações das emoções primárias, uma vez que apareceriam correlacionadas consigo próprias.

Considerando apenas as correlações positivas significativas, vemos que estas são bastante numerosas. Assim, o **interesse** apresenta correlações com a ânsia, ansiedade, atenção, benevolência, contentamento, curiosidade, felicidade, gaúdio, ímpeto, imprevisto, júbilo, lucro, prazer, proveito, responsabilidade, solicitude, sucesso e vantagem. A **alegria** correlaciona-se com a ânsia, ansiedade, atenção, contentamento, curiosidade, felicidade, gaúdio, ímpeto, júbilo, lucro, prazer, proveito, sucesso e vantagem, palavras também correlacionadas com o interesse. A **surpresa** tem correlações com o acanhamento, assombro, benevolência, crítica, espanto, ferocidade, gaúdio, ímpeto, imprevisto, indignação, inesperado, lucro, pasmo, pejo, responsabilidade, sobressalto, solicitude, susto, timidez e vantagem. Na **angústia** encontramos correlações entre esta emoção e o aborrecimento, aflição, agonia, ânsia, ansiedade, apreensão, asco, assombro, desânimo, desdém, enjoo, ferocidade, hostilidade, humilhação, indignação, inquietação, ira, irritação, menosprezo, náusea, ódio, pavor, raiva, receio, repugnância, repulsão, sobressalto, susto, temor, tortura e transgressão. A **cólera** apresenta correlações com o aborrecimento, aflição, agonia, asco, assombro, crítica, delito, desânimo, desdém, desonra, enjoo, ferocidade, hostilidade, humilhação, indignação, inesperado, inquietação, ira, irritação, menosprezo, náusea, ódio, pasmo, pavor, pejo, raiva, repugnância, repulsão, sobressalto, susto, temor, tortura e transgressão. O **nojo** tem correlações com o aborrecimento, agonia, apreensão, asco, crítica, delito, desânimo, desdém, desonra, enjoo, ferocidade, hostilidade, humilhação, indignação, ira, irritação, menosprezo, náusea, ódio, pavor, pecado, raiva, repugnância, repulsão, temor, tortura e

transgressão. O **desprezo** apresenta correlações com o aborrecimento, agonia, asco, assombro, crítica, delito, desânimo, desdém, desonra, enjoo, ferocidade, hostilidade, humilhação, indignação, ira, irritação, menosprezo, náusea, ódio, pasmo, pavor, pecado, pejo, pudor, raiva, repugnância, repulsão, susto, tortura e transgressão. No **medo** encontramos correlações com a aflição, agonia, ansiedade, apreensão, desânimo, desonra, humilhação, inquietação, irritação, pavor, pecado, pejo, receio, sobressalto, susto, temor e tortura. A **vergonha** apresenta correlações com o aborrecimento, acanhamento, apreensão, asco, crítica, delito, desânimo, desdém, desonra, ferocidade, hostilidade, humilhação, indignação, ira, irritação, menosprezo, ódio, pavor, pecado, pejo, pudor, raiva, receio, repugnância, repulsão, sobressalto, susto, temor, timidez, tortura e transgressão. Por fim, na **culpa** encontramos correlações com o aborrecimento, acanhamento, aflição, agonia, apreensão, asco, benevolência, crítica, delito, desânimo, desdém, desonra, ferocidade, hostilidade, humilhação, imprevisto, indignação, inquietação, ira, irritação, menosprezo, ódio, pavor, pecado, pejo, pudor, raiva, receio, repugnância, repulsão, responsabilidade, susto, temor, timidez, tortura e transgressão.

Através destes resultados podemos verificar que a maioria das emoções apresenta correlações com as mesmas palavras, o que dificulta a identificação dos sinónimos pretendidos para cada uma. Além disso, do ponto teórico pressupõe-se a associação das emoções em factores, e se esta existir (o que parece acontecer segundo os dados obtidos) dificulta a discriminação dos sinónimos pois as palavras associadas a cada emoção primária aparecem relacionadas com outra emoção primária pertencente ao mesmo factor.

Quadro 3.4 - Correlações entre emoções primárias e outras designações

EMOÇÕES	INTERESSE	ALEGRIA	SURPRESA	ANGUSTIA	COLERA	NOJO	DESPREZO	MEDO	VERGONHA	CULPA
1.Abhorrecimento	-.2966**	-.5122**	.0994	.5409**	.6378**	.2426*	.3939**	.1759	.2974**	.3098**
2.Acanhamento	-.0560	-.0567	.2179*	.0709	.0941	.1779	.2111	.1657	.6709**	.3668**
3.Aflição	-.1704	-.4451**	.0591	.7484**	.5226**	.1916	.1853	.4840**	.2061	.3124**
4.Agonia	-.1171	-.4069**	.1125	.7658**	.5310**	.2212*	.3283**	.4136**	.1588	.4107**
7.Ansia	.2534*	.2679*	.0834	.2664*	.1484	.1105	.0411	.1806	.0481	.1236
8.Ansiedade	.3017**	.3077**	.0228	.2369*	.1179	.1550	.0746	.2179*	-.0194	.1363
9.Apreensão	.0619	-.1125	.1877	.4569**	.0930	.2411*	.1360	.4902**	.2544*	.3327**
10.Asco	-.0856	-.0783	.0602	.2569*	.3740**	.6826**	.5240**	.1901	.2517*	.2562*
11.Assombro	-.1217	-.2011	.4000**	.2373*	.5554**	.1971	.3914**	-.0059	.1983	.1644
12.Atenção	.3726**	.2992**	.1890	.0030	-.0787	.0545	.0213	.1786	.0293	.1231
13.Benevolência	.2701*	.1726	.2534*	-.0360	-.0388	.1594	.0356	.0898	.1410	.2624*
15.Contentamento	.6054**	.9453**	.0699	-.5471**	-.4094**	-.0478	-.2199*	-.1430	-.1624	-.1791
16.Critica	-.0325	-.1206	.2354*	.2481*	.5520**	.4174**	.5838**	.0995	.2395*	.4642**
18.Curiosidade	.6230**	.6167**	.1872	-.4371**	-.3190**	-.0346	-.1041	-.0946	-.0206	-.0891
19.Delito	-.0940	-.0692	-.0071	.0877	.3004**	.2357*	.4745**	.0802	.3316**	.4543**
20.Desanimo	-.4598**	-.6372**	.0927	.5543**	.5618**	.2355*	.2938**	.3187**	.3065**	.4513**
21.Desdém	-.2255*	-.2830*	.0584	.2864**	.5182**	.3691**	.6764**	.0909	.2239*	.2725*
22.Desonra	-.0102	-.1457	.0523	.2035	.3337**	.4957**	.6375**	.2442*	.3352**	.4476**
24.Enjoo	-.1732	-.1740	.0971	.2914**	.2910**	.6357**	.4447**	.1422	.1937	.2033
25.Espanto	.0420	.0617	.5417**	-.0279	.1483	.1267	.1302	-.0112	.0872	.0837
26.Felicidade	.6246**	.9773**	.0798	-.5585**	-.4382**	-.0706	-.2486*	-.1678	-.1609	-.1636
27.Ferocidade	.0082	-.1610	.2562*	.3559**	.5997**	.2912**	.4778**	.1524	.3730**	.4444**
28.Gaúdio	.4420**	.7819**	.2660*	-.5288**	-.3761**	-.1572	-.2648*	-.1298	-.1501	-.1377
29.Hostilidade	-.2646*	-.3493**	.0769	.4587**	.5876**	.5021**	.5668**	.1835	.4175**	.4502**
30.Humilhação	-.2812*	-.2936**	.0815	.3924**	.5028**	.4282**	.6300**	.2191*	.6457**	.5849**
31.Impeto	.2795*	.2314*	.3098**	-.0101	.1455	.1215	.0601	.0332	.0373	.1339
32.Improvisto	.2198*	.1756	.2792*	-.0391	.0218	.1265	.0390	-.0197	.1213	.2222*
33.Indignação	-.2957**	-.5081**	.2645*	.4152**	.4903**	.2948**	.4986**	.1794	.3165**	.3094**
34.Inesperado	.0489	-.1705	.5769**	.1317	.2850*	.0694	.1953	.0601	.1534	.1306
35.Inquietação	.0009	-.2709*	.1695	.4576**	.3642**	.1403	.1589	.5209**	.0835	.2614*
36.Ira	-.2564*	-.4663**	.1420	.5554**	.8391**	.2631*	.5286**	.1402	.2649*	.3892**
37.Irritação	-.3194**	-.5642**	.0968	.5208**	.6492**	.3175**	.4415**	.2211*	.2345*	.3721**
39.Júbilo	.5576**	.8821**	.1318	-.4942**	-.3657**	-.0982	-.2113	-.1587	-.1595	-.1540
40.Lucro	.3654**	.3935**	.2562*	-.2103	-.1699	-.0383	-.0659	-.0613	.0392	-.0244
42.Menosprezo	-.2331*	-.2173*	.0710	.2882**	.4394**	.2984**	.4964**	.1600	.5658**	.4725**
43.Nausea	-.2236*	-.2203*	.0176	.3316**	.3737**	.7381**	.4123**	.1933	.1472	.1918
45.Ódio	-.2633*	-.3205**	-.0093	.3567**	.6271**	.5576**	.6614**	.1327	.2935**	.2847*
46.Pasmo	.0216	-.1338	.4677**	.1277	.2998**	.1759	.3124**	.1256	.1201	.1494
47.Pavor	-.0684	-.3651**	.1587	.3930**	.3428**	.3470**	.2789*	.5144**	.2430*	.3796**
48.Pecado	.1096	.0886	.1513	.1592	.1864	.3583**	.3863**	.2189*	.4363**	.5689**
49.Pejo	.0225	-.0406	.2430*	.1942	.2169*	.1948	.3754**	.2446*	.7320**	.5753**
50.Prazer	.5673**	.8439**	.2112	-.5460**	-.2908**	-.0176	-.1825	-.2329*	-.0200	-.0377
51.Proveito	.5030**	.6875**	.1067	-.3414**	-.2353*	-.0744	-.1272	-.1454	-.0980	-.1064
52.Pudor	.1075	.0375	.1858	.0693	.1565	.1720	.2765*	.0896	.4437**	.2997**
53.Raiva	-.3276**	-.5138**	.1167	.5170**	.6878**	.3972**	.5496**	.1637	.2200*	.2740*

Quadro 3.4 (conclusão) - Correlações entre emoções primárias e outras designações

EMOÇÕES	INTERESSE	ALEGRIA	SURPRESA	ANGUSTIA	COLERA	NOJO	DESPREZO	MEDO	VERGONHA	CULPA
54.Receio	.1083	-.1405	.0558	.3653**	.1423	.1358	.0673	.6150**	.3105**	.2879**
55.Repugnancia	-.0848	-.2142	.0718	.3178**	.4095**	.6955**	.4243**	.1799	.2403*	.2595*
56.Repulsão	-.2203*	-.3069**	.0495	.4177**	.4674**	.6258**	.4583**	.2129	.2574*	.2885**
57.Responsabilidade	.2505*	.1969	.2960**	.0235	.0039	.0385	.0397	.1864	.1922	.2989**
58.Sobressalto	-.0363	-.3801**	.3280**	.4229**	.4020**	.1196	.1890	.3421**	.2190*	.2143
59.Solicitude	.3464**	.1877	.2638*	.0324	-.0371	.1283	.0908	.1166	.0696	.1286
60.Sucesso	.5174**	.7374**	.1280	-.3460**	-.2658*	-.0509	-.1639	-.0685	-.0876	-.0468
62.Susto	-.1470	-.5074**	.2993**	.4784**	.4752**	.1476	.2529*	.3176**	.2397*	.2742*
63.Temor	-.1489	-.3955**	.0933	.4959**	.3272**	.2266*	.1627	.7231**	.3238**	.3549**
64.Timidez	.1516	.1362	.2658*	-.0352	.0338	.0939	.1656	.0679	.5602**	.2464*
65.Tortura	-.3211**	-.3580**	-.0679	.3715**	.4501**	.4267**	.4389**	.2832*	.3116**	.3866**
66.Transgressão	.0391	-.1597	.1759	.2380*	.4713**	.3601**	.5337**	.0930	.3707**	.3991**
67.Vantagem	.4281**	.4603**	.2332*	-.1630	-.0927	.0127	-.0393	-.0034	.0312	.0327

* p < 0.01

** p < 0.001

Como através da análise de correlações também não conseguimos identificar os sinónimos para cada emoção primária, efectuamos uma análise de fidedignidade, com o objectivo de avaliar a fiabilidade interna ou consistência da escala. Pretendíamos identificar as relações entre múltiplos itens (no nosso caso as palavras) que supostamente avaliam um mesmo conceito (neste caso emoção), bem como saber o grau de consistência total entre esses itens (dado através do valor de alpha standard). Consideramos como termo principal a designação da emoção primária e como termos correlacionados as palavras encontradas relacionadas com esta (c.f. Quadro 3.1). No caso da cólera incluímos também como palavra relacionada a hostilidade, e no caso da angústia as palavras ansiedade e desânimo, por considerarmos que apesar de não serem sinónimos estavam de algum modo relacionadas.

Os dados obtidos (Quadro 3.5) permitem-nos identificar quais as palavras mais fortemente relacionadas com cada emoção primária e o valor global de consistência dessas palavras com a emoção primária. Indicamos em *itálico* as palavras que suscitaram dúvidas durante o preenchimento da escala (cf. alínea 2.2. Procedimento).

Para o interesse podemos verificar que as palavras mais fortemente correlacionadas são respectivamente o interesse, proveito, lucro, curiosidade, vantagem,

solicitude, benevolência e atenção, enquanto para a alegria são a felicidade, alegria, contentamento júbilo, prazer, gáudio e sucesso. No caso da surpresa temos o espanto, pasmo, inesperado, surpresa, assombro, sobressalto e imprevisto. Para a angústia temos a angústia, agonia, aflição, temor, pavor, desânimo, tortura, ansiedade e ânsia, enquanto no caso da cólera encontramos a ira, raiva, cólera, ódio, irritação, ferocidade, hostilidade e ímpeto. No nojo as palavras mais correlacionadas são o nojo, asco, náusea, repulsão, repugnância, enjoo e aborrecimento, enquanto para o desprezo são o desprezo, desdém, menosprezo e indignação. No medo encontramos o temor, medo, receio, sobressalto, inquietação, susto e apreensão, enquanto no caso da vergonha encontramos a vergonha, pejo, acanhamento, humilhação, timidez, desonra e pudor. Por fim, para a culpa encontramos as palavras culpa, delito, transgressão, crítica, pecado e responsabilidade. Para qualquer uma das palavras encontramos valores superiores a 0.8, limiar teórico que indica uma boa fiabilidade interna dos itens, isto é, das palavras escolhidas (Bryman e Cramer, 1993).

Quadro 3.5 - Análise de fidedignidade para cada emoção primária

Emoção primária	Palavras relacionadas	Correlação	Alpha standard
Interesse	12. Atenção	0.3539	0.8071
	13. Benevolência	0.4020	
	18. Curiosidade	0.5554	
	38. Interesse	0.6694	
	40. Lucro	0.5555	
	51. Proveito	0.6497	
	59. <i>Solicitude</i>	0.4439	
Alegria	67. Vantagem	0.5447	0.9641
	5. Alegria	0.9526	
	15. Contentamento	0.9206	
	26. Felicidade	0.9556	
	28. <i>Gáudio</i>	0.8215	
	39. <i>Júbilo</i>	0.8949	
	50. Prazer	0.8240	
Surpresa	60. Sucesso	0.7484	0.8133
	11. <i>Assombro</i>	0.5245	
	25. Espanto	0.7439	
	32. Improviso	0.2359	
	34. Inesperado	0.6975	
	46. Pasma	0.6997	
	58. Sobressalto	0.3915	
Angústia	61. Surpresa	0.6288	0.8602
	3. Aflição	0.7419	
	4. Agonia	0.7712	
	6. Angústia	0.7944	
	7. <i>Ânsia</i>	0.3043	
	8. Ansiedade	0.3176	
	20. Desânimo	0.5150	
	35. Inquietação	0.5784	
	47. Pavor	0.6330	
Cólera	63. Temor	0.6834	0.8908
	65. Tortura	0.4052	
	14. Cólera	0.8208	
	27. Ferocidade	0.6924	
	29. Hostilidade	0.6838	
	31. <i>Ímpeto</i>	0.0993	
	36. Ira	0.8438	
	37. Irritação	0.6942	
Nojo	45. Ódio	0.7406	0.8913
	53. Raiva	0.8254	
	1. Aborrecimento	0.3488	
	10. <i>Asco</i>	0.7615	
	24. Enjoo	0.6854	
	43. Náusea	0.7342	
Desprezo	44. Nojo	0.7950	0.8183
	55. Repugnância	0.7010	
	56. Repulsão	0.7200	
	21. Desdém	0.6617	
	23. Desprezo	0.7060	
	33. Indignação	0.5949	
	42. Menosprezo	0.5838	

Quadro 3.5 (conclusão) - Análise de fidedignidade para cada emoção primária

Emoção primária	Palavras relacionadas	Correlação	Alpha standard
Medo	9. Apreensão	0.5581	0.8691
	35. Inquietação	0.6300	
	41. Medo	0.6802	
	54. Receio	0.6623	
	58. Sobressalto	0.6507	
	62. Susto	0.5757	
	63. Temor	0.7553	
Vergonha	2. Acanhamento	0.6918	0.8512
	22. Desonra	0.4480	
	30. Humilhação	0.6184	
	49. <i>Pejo</i>	0.7270	
	52. Pudor	0.3973	
	64. Timidez	0.6174	
	68. Vergonha	0.8509	
Culpa	16. Crítica	0.5202	0.8038
	17. Culpa	0.6361	
	19. Delito	0.6355	
	48. Pecado	0.5257	
	57. Responsabilidade	0.3084	
	66. Transgressão	0.6345	

Com base nestes dados escolhemos as três palavras com valores mais altos, que submetemos a uma nova análise de fidedignidade. No entanto, para algumas emoções não foi possível utilizar este critério por as palavras não serem consideradas as mais adequadas. Foi o caso do interesse, para o qual deveríamos ter considerado as palavras proveito e lucro, mas que não nos pareceram ser adequadas ao tipo de estímulos a utilizar. Utilizamos então a palavra seguinte, curiosidade. Para a terceira palavra deveríamos ter escolhido pelo valor mais elevado a vantagem, solicitude ou benevolência, mas a solicitude foi eliminada por ter suscitado dúvidas e as duas outras palavras também não nos pareceram adequadas, optando pela atenção. No nojo, para segunda e terceiras palavras deveríamos ter utilizado o asco e a náusea, mas o primeiro foi eliminado por ter suscitado dúvidas e a segunda era referida nas sensações corporais, tendo considerado então as palavras seguintes, respectivamente a repulsão e a repugnância. Na vergonha não consideramos como segunda palavra o pejo por também ter suscitado dúvidas nos sujeitos, optando pelo acanhamento. Para a terceira palavra

deveríamos ter usado a humilhação, mas como fazia pouca diferença com timidez, achamos esta palavra mais adequada.

Para cada emoção primária consideramos então três palavras, que sujeitamos a nova análise de fidedignidade, apresentando para cada uma das palavras o valor da correlação e o alpha standard por emoção primária (Quadro 3.6).

Podemos verificar pelos dados que os valores da correlação obtidos são elevados, bem como o alpha standard, excepto para o interesse, desprezo e culpa, em que o valor de alpha é abaixo de 0.8. No entanto, no caso do desprezo e da vergonha é muito próximo (cerca de 0.79), e para o interesse é 0.70, decidindo utilizar as três palavras referidas para cada emoção primária. Um aspecto particular é o caso da surpresa, cuja designação enquanto emoção primária não foi utilizada nas três palavras por ter obtido valor mais baixo. As restantes emoções todas têm a designação dada na teoria de Tomkins-Izard na lista de três palavras por emoção.

Quadro 3.6 - Análise de fidedignidade para cada emoção primária

Emoção primária	Palavras relacionadas	Correlação	Alpha standard
Interesse	12. Atenção	0.3682	0.7013
	18. Curiosidade	0.5961	
	38. Interesse	0.6139	
Alegria	5. Alegria	0.9766	0.9844
	15. Contentamento	0.9450	
	26. Felicidade	0.9766	
Surpresa	25. Espanto	0.7654	0.8498
	34. Inesperado	0.6523	
	46. Pasma	0.7343	
Angústia	3. Aflição	0.8066	0.9031
	4. Agonia	0.7989	
	6. Angústia	0.8163	
Cólera	14. Cólera	0.8009	0.9219
	36. Ira	0.9074	
	53. Raiva	0.8242	
Nojo	44. Nojo	0.6880	0.8820
	55. Repugnância	0.8496	
	56. Repulsão	0.7840	
Desprezo	21. Desdém	0.6843	0.7908
	23. Desprezo	0.7227	
	42. Menosprezo	0.5281	
Medo	41. Medo	0.7701	0.8398
	54. Receio	0.6317	
	63. Temor	0.7167	
Vergonha	2. Acanhamento	0.7775	0.8644
	64. Timidez	0.7305	
	68. Vergonha	0.7196	
Culpa	17. Culpa	0.5286	0.7896
	19. Delito	0.7377	
	66. Transgressão	0.5816	

Depois de termos encontrado as três palavras sinónimos para cada emoção primária, faltava-nos ainda analisar as sensações corporais listadas. Como pretendíamos encontrar as sensações mais fortemente associadas às emoções consideradas, optamos por correlacionar todas as sensações corporais listadas com as três palavras escolhidas para cada emoção primária. Como para cada emoção foram escolhidas três palavras, optámos por construir várias matrizes. Assim, para o interesse, alegria e surpresa (Quadro 3.7) encontramos poucas correlações significativas entre sensações corporais e emoções, simultaneamente para as três palavras de cada uma destas. Para o interesse encontramos correlações positivas entre as três palavras e a atenção (termo usado também nas sensações corporais e que posteriormente eliminamos por ter sido escolhido

como sinónimo do interesse) e o relaxamento, existindo também uma correlação negativa entre as três palavras e a vontade de fugir. Encontramos correlações positivas entre a atenção e os espirros, frio, suores e tensão muscular entre a curiosidade e a pele sensível. as correlações negativas existem entre a curiosidade e a dor de cabeça, insónia, olhos chorosos, opressão e sufoco, e entre o interesse e dor de cabeça e náuseas. Para a alegria encontramos simultaneamente para as três palavras correlações positivas com a atenção e com o relaxamento, e correlações negativas com a dor de cabeça, nó na garganta, olhos chorosos, opressão, sensação de aperto, sensação de pressão na cabeça, sufoco e vontade de fugir. Há ainda correlações positivas da alegria e felicidade com os espirros e pele sensível, e negativas com a dor no peito. A surpresa não apresenta correlações simultaneamente com as três palavras escolhidas, sendo todas as correlações encontradas positivas. Há correlações entre espanto e náuseas, entre inesperado e corrimento no nariz e dor nas articulações, e entre pasmo e caimbras nas pernas e sensação de pressão na cabeça.

Através dos dados podemos verificar que há sensações correlacionadas simultaneamente com as três palavras de cada emoção, com apenas algumas das palavras escolhidas, e também com diferentes emoções (ex: dor de cabeça com interesse e alegria).

Quadro 3.7 - Correlação entre sensações e interesse, alegria e surpresa

Sensações corporais	Atenção	Curiosid.	Interesse	Alegria	Contenta.	Felicidade	Espanto	Inesperado	Pasmo
1.Acne no rosto	-.0139	-.0218	-.1075	-.0556	-.0607	-.0418	-.0345	-.0281	.0108
2.Acne no corpo	-.0420	.1397	.0482	.0174	.0097	.0132	.0830	.1185	.0881
3.Aumento dos Batim. Cardíacos	.1302	-.0375	.0266	.0604	.0374	.0411	.1369	-.0261	.1620
4.Aumento do Ritmo Respiratório	.1483	.0765	.0923	.1307	.0854	.1125	.1089	.0346	.1209
5.Ardência nos olhos	.0240	-.0171	-.0652	-.0596	-.1181	-.0704	.0930	.0427	.1440
6.Ardor na boca	.0619	.0851	.0215	.0869	.0770	.0863	.0725	-.0370	.0965
7.Asma	-.0682	-.1491	-.0673	-.0388	-.0606	-.0068	-.0928	.0282	-.0702
8.Atenção	.6809**	.3247**	.3815**	.2548*	.2261*	.2449*	.1639	.0792	.1984
9.Bola no Estômago	-.0730	-.1748	-.0678	-.2063	-.1757	-.1989	.0262	.0080	.1688
10.Caimbras nas pernas	.0104	-.1183	-.0337	-.0570	-.0405	-.0657	.1426	.1596	.2430*
11.Calafrios	.1674	-.1111	.0311	-.0489	-.0290	-.0600	.0868	.0848	.1231
12.Calores	.1216	.0371	.1360	.1111	.1146	.1084	.0968	.0946	.1034
13.Coração acelerado	.0433	-.0248	.1321	.0843	.0791	.0677	.0595	-.0625	.1064
14.Corar	.0439	.0254	-.0429	.0428	-.0049	.0332	.1344	.1227	.1133
15.Corrimento no nariz	.0317	.0251	.0911	.0431	.0225	.0302	.1381	.2493*	.1571
16.Diarreia	.1267	.0040	-.0061	-.0398	-.0391	-.0212	.1242	.0599	.1797
17.Dificuldade em respirar	.0428	-.1275	-.0832	-.2001	-.1910	-.1794	-.0011	.0630	.0659
18.Dor de cabeça	-.0131	-.3013**	-.2207*	-.3670**	-.3918**	-.3517**	.0993	.1298	.2073
19.Dor de dentes	.1629	.0811	.1535	.1735	.1622	.1682	.0708	.1565	.0897
20.Dor de estômago	-.0119	-.1706	-.0625	-.1365	-.0986	-.1248	-.0059	-.0326	.0739
21.Dor de garganta	.1243	.0528	.0770	.0624	.0579	.0510	.0087	.1239	.0368
22.Dor nas articulações	.0337	.0493	.0155	.0147	-.0005	.0015	.1593	.2401*	.2115
23.Dor nas costas	.1191	.1719	.1758	.2031	.1478	.1817	.0407	.0815	.0884
24.Dor nos olhos	-.0957	.0548	.0172	-.0616	-.0883	-.0586	.0505	.0191	.1276
25.Dor no peito	-.0373	-.2045	-.1476	-.2341*	-.1893	-.2256*	-.0264	.1394	-.0561
26.Enjoos	.1556	-.0463	-.1011	-.0501	-.0292	-.0526	.0903	.0559	.1614
27.Espirros esporádicos	.2452*	.2057	.1903	.2371*	.1387	.2322*	.0086	.0370	.0027
28.Falta de ar	.0535	-.0585	-.0212	-.1016	-.1325	-.0971	-.0085	.1241	.0055
29.Hemorroides	.1399	-.0276	.0541	.1128	.1400	.1164	-.1516	-.0004	-.1134
30.Indigestão	.0406	-.0147	-.0414	-.0646	-.0667	-.0426	.1358	.0302	.1524
31.Insônia	-.0299	-.2645*	.0068	-.1348	-.1277	-.1482	.0887	.1074	.1516
32.Insensibilidade q. zona do corpo	.0360	-.0625	-.0408	.0515	.0529	.0499	.0317	.1627	.0797
33.Mãos frias	.0355	.0489	.1387	.1957	.1204	.1938	.0301	.0807	.0556
34.Mãos suadas	.1029	.0446	.1354	.0880	.0553	.0897	-.0013	.0006	.0003
35.Mau gosto na boca	.0065	.1384	.1208	.0368	-.0252	.0520	.1076	.0628	.1233
36.Músculos doridos	.1589	-.0264	.0133	.1466	.1145	.1284	.0880	.0792	.0795
37.Músculos tensos	.1577	.0365	.0416	-.0001	-.0499	-.0079	-.0688	.0956	.0191
38.Nauseas	.0202	-.1645	-.2213*	-.1968	-.1900	-.2010	.2581*	.1984	.2038
39.Nariz congestionado	-.0184	-.0033	.0356	-.0152	-.0180	-.0057	.0010	.0843	.0225
40.Nó na garganta	.1257	-.1361	-.1509	-.2378*	-.2537*	-.2319*	.1223	.0343	.1570
41.Obstipação	.1674	.1140	.1654	.0884	.0452	.0938	.0043	.0573	.0922
42.Olhos Chorosos	-.1427	-.3522**	-.1979	-.2925**	-.2824*	-.3032**	.0825	.1282	.1467
43.Opressão no peito	.0179	-.3203**	-.0532	-.2910**	-.2581*	-.2945**	.0450	.1842	.1202
44.Pele do rosto gretada	-.0813	.0363	.0154	-.0027	-.0026	.0429	.0404	.1309	.1085
45.Pele sensível	.1903	.2288*	.1869	.2246*	.1668	.2548*	-.0840	-.0191	-.0620

Quadro 3.7 (conclusão) - Correlação entre sensações e interesse, alegria e surpresa

Sensações corporais	Atenção	Curiosid.	Interesse	Alegria	Contenta.	Felicidade	Espanto	Inesperado	Pasmo
46. Queimaduras do sol	.1764	.1163	.1926	.2120	.1936	.1885	-.0129	.1910	-.0129
47. Relaxamento muscular	.2912**	.2745*	.2761*	.4018**	.3872**	.4255**	.1272	.0453	.1163
48. Reação forte picad. insectos	.0830	.1751	.1305	.0609	.0460	.0914	.1819	.1251	.0851
49. Rubor	.1360	-.0087	-.0740	.0331	.0423	.0038	.1762	.0671	.1354
50. Rubor facial	.0775	-.1035	-.1031	.0088	.0091	-.0037	.1214	.1108	.0981
51. Sangrar pelo nariz	.0428	.0185	.0665	.0693	.0306	.0567	.0842	.1089	.1060
52. Sensação de aperto	-.0111	-.2130	-.1641	-.3118**	-.3107**	-.2972**	.0069	.0796	.1032
53. Sensação de pressão na cabeça	.0653	-.1804	-.1563	-.3002**	-.2967**	-.2972**	.1015	.1473	.2387*
54. Sensações no estômago	.0031	.0834	.0019	.0010	.0199	.0124	.0601	-.0647	.1135
55. Sentir-se frio	.2313*	.1532	.1628	.0737	.0599	.0574	-.0107	.0233	.0650
56. Sentir-se quente	.1942	.0423	.0395	.1475	.1475	.1343	.1894	.2145	.1608
57. Sentir-se paralisado	.0343	-.0747	-.0376	-.1646	-.1552	-.1884	-.0205	.0900	-.0264
58. Sufoco	-.0635	-.2677*	-.1941	-.3753**	-.3752**	-.3658**	.0843	.1793	.1422
59. Surdez temporária	-.0078	.0449	.0052	.0263	.0323	.0043	.1967	.2047	.0048
60. Suores	.2189*	.0106	.0401	.0113	.0394	.0161	.0987	.0266	.0205
61. Tensão muscular	.2189*	.0397	-.0370	-.0705	-.0709	-.0597	.0142	.0656	.0700
62. Tiques no corpo	.1331	.1520	.1375	.1296	.1076	.1010	.1005	.0265	.1026
63. Tiques nos olhos	.0263	.1867	.1751	.0864	.0479	.0975	.1052	.0781	.1135
64. Tonturas	-.0358	-.0779	-.1540	-.1929	-.1907	-.1700	.1514	.1581	.1083
65. Tosse	.0546	.1576	.1372	.1314	.0940	.1044	.1803	.1945	.1249
66. Transpiração	.1263	-.0410	-.0332	-.0395	-.0547	-.0500	.0632	.0618	.0637
67. Tremor	.0759	-.1934	-.0663	-.0659	-.0477	-.0586	.0486	.0101	.0127
68. Tremor nas mãos	.0045	-.0329	.1225	.0664	.0977	.0462	.0386	.0007	-.0198
69. Vontade de fugir	-.2422*	-.4077**	-.4077**	-.5020**	-.5067**	-.5161**	-.0222	.1449	.1321
70. Zumbido nos ouvidos	.0317	.0139	-.0371	-.0500	-.0790	-.0593	.0402	-.0127	.0353

* $p < 0.01$ ** $p < 0.001$

Para a angústia, cólera e nojo (Quadro 3.8) encontramos bastantes correlações e todas positivas. Simultaneamente para as três palavras da angústia há correlações com os calafrios, corrimento no nariz, diarreia, dificuldade em respirar, dor de cabeça, dor de estômago, dor no peito, enjoos, insónia, náuseas, olhos chorosos, opressão no peito, sensação de aperto, sensação de pressão na cabeça, paralisia, sufoco, tensão muscular, tonturas, tremor e vontade de fugir. Há ainda correlações entre aflição e aumento dos ritmos cardíaco e respiratório, caimbras, coração acelerado, dor de dentes, dor de garganta, falta de ar, nariz congestionado, obstipação, frio, suores e tremor nas mãos. A agonia apresenta correlações apenas com o nó na garganta e a angústia com a ardência

nos olhos, dor de garganta, dor nos olhos, falta de ar, indigestão, músculos tensos, nariz congestionado, obstipação e frio.

A cólera apresenta correlações entre as três palavras e a dor de cabeça, náuseas, nó na garganta, olhos chorosos, opressão, sensação de pressão, sufoco, tonturas e vontade de fugir. Considerando apenas as palavras cólera e ira há correlações com caimbras, calafrios, calores, diarreia, enjoos, insónia, mau gosto, suores e tensão muscular. A cólera apresenta ainda correlações com a dor de estômago, músculos tensos, paralisia, tremor e tremor nas mãos. A ira apresenta ainda correlações com o aumento do ritmo cardíaco, bola no estômago, coração acelerado, rubor, sensação de aperto e sentir-se quente, e a raiva com a bola no estômago.

Para o nojo, considerando simultaneamente as três palavras encontramos correlações com os calafrios, calores, dificuldade em respirar, enjoos, mau gosto, náuseas, nariz congestionado, nó na garganta, reacção forte a picadas, sufoco, tensão muscular, tonturas, transpiração, vontade de fugir e zumbido. O nojo apresenta ainda correlações com o ardor na boca, corrimento no nariz, diarreia, dor de dentes, dor de estômago, dor nas articulações, dor nos olhos, falta de ar, músculos tensos, sensações no estômago e suores. A repugnância apresenta também correlações com as caimbras, dor de cabeça, dor nas costas, falta de ar, opressão, pele gretada, sensação de pressão, sensações no estômago e surdez, enquanto a repulsão apresenta correlações com as caimbras, dor de cabeça, músculos tensos, olhos chorosos, opressão e sensação de pressão.

Encontramos também para estas três emoções primárias, sensações que se correlacionam com as três palavras simultaneamente, e mesmo com várias emoções, bem como sensações correlacionadas apenas a uma das palavras, o que dificulta a escolha das sensações para a nova versão da escala.

Quadro 3.8 - Correlação entre sensações e angústia, cólera e nojo

Sensações corporais	Aflicção	Agonia	Angústia	Cólera	Ira	Raiva	Nojo	Repugn.	Repulsão
1.Acne no rosto	-.0978	-.0415	.0279	.0023	.0008	-.0259	.1085	.1258	.1054
2.Acne no corpo	-.0150	-.0267	-.0182	-.0110	.0010	.0045	.0640	.1406	.1145
3.Aumento dos Batim. Cardíacos	.3410**	.1491	.1811	.2038	.2503*	.1335	-.0012	.0925	.0858
4.Aumento do Ritmo Respiratório	.2234*	.0055	.1302	.1332	.1418	.0867	.1102	.0624	.0387
5.Ardência nos olhos	.1155	.1772	.2431*	.1742	.1931	.1418	.2107	.2051	.1607
6.Ardor na boca	.0048	.1222	.0845	.1599	.1396	.0011	.2343*	.1677	.0646
7.Asma	.0206	-.0499	-.0091	-.0567	-.0687	-.0758	-.0225	-.0345	-.0523
8.Atenção	.0359	.1414	-.0472	-.0114	-.0008	-.0220	.0830	.0610	.0640
9.Bola no Estômago	.1726	.1815	.2580*	.1851	.2249*	.2600*	.1295	.1408	.0922
10.Caimbras nas pernas	.2266*	.1750	.1568	.2386*	.2752*	.1957	.2044	.3390**	.3271**
11.Calafrios	.3108**	.2503*	.3342**	.2644*	.2453*	.1346	.2219*	.3190**	.2860**
12.Calores	.1340	.1301	.1112	.2241*	.2657*	.1257	.3119**	.2847*	.2455*
13.Coração acelerado	.3078**	.1591	.2045	.1511	.2353*	.0959	-.0195	.0743	.0646
14.Corar	.0165	-.0388	.0050	.0543	.1305	.0622	.0687	.0800	.0669
15.Corrimento no nariz	.3722**	.3079**	.2807*	.1226	.1536	.0627	.2539*	.1476	.1706
16.Diarreia	.3472**	.3021**	.3619**	.2616*	.2288*	.0936	.2454*	.1892	.1704
17.Dificuldade em respirar	.3606**	.2274*	.3939**	.1966	.1474	.1121	.3602**	.2751*	.2603*
18.Dor de cabeça	.5212**	.4657**	.5397**	.5170**	.4397**	.3383**	.1474	.3120**	.3640**
19.Dor de dentes	.2280*	.1954	.2030	.1123	.0794	-.0370	.2350*	.0507	.0475
20.Dor de estômago	.3690**	.2167*	.3981**	.2611*	.1606	.1049	.2187*	.1324	.1099
21.Dor de garganta	.2717*	.1974	.2682*	.0245	-.0163	-.0101	.1758	.0854	.1006
22.Dor nas articulações	.1542	.0881	.1734	.1906	.0699	.0248	.3350**	.1992	.1754
23.Dor nas costas	.0816	.1194	.0845	.0793	.0427	.0222	.3161**	.2217*	.2103
24.Dor nos olhos	.1556	.0775	.2372*	.1856	.1493	.1360	.2373*	.1726	.1875
25.Dor no peito	.4088**	.2291*	.3880**	.1930	.2159	.0529	.0396	.1015	.0314
26.Enjoos	.2414*	.3259**	.3098**	.3568**	.2868**	.1938	.4154**	.2613*	.2628*
27.Espirros esporádicos	.0589	.0112	-.0139	-.0092	-.0583	-.0896	.0852	-.0283	-.0297
28.Falta de ar	.3702**	.1914	.3635**	.1784	.1281	.0564	.3056**	.2250*	.2023
29.Hemorroides	.1065	.0406	.0264	-.0118	-.0242	-.0144	.0428	.0247	.0228
30.Indigestão	.2914**	.1594	.3111**	.1833	.1323	.0909	.1789	.1319	.1058
31.Insônia	.4225**	.2361*	.4160**	.3239**	.2936**	.2148	.0107	.1505	.2028
32.Insensibilidade q. zona do corpo	.0839	.1311	.1474	.0389	.0418	.1184	.0524	.0644	.0921
33.Mãos frias	.0717	.0589	.0131	.0874	.1029	.1060	.1532	.1125	.0751
34.Mãos suadas	.1143	.1009	.0608	.1336	.1189	.0346	.1048	.0820	.0953
35.Mau gosto na boca	.0787	.1749	.1083	.2193*	.2450*	.1752	.3798**	.4041**	.3145**
36.Músculos doridos	.0814	.0918	.0689	.0763	.0082	-.0597	.1924	.1056	.1155
37.Músculos tensos	.1348	.1957	.2407*	.2510*	.2133	.2015	.2573*	.1691	.2376*
38.Nauseas	.3591**	.3842**	.3662**	.4148**	.3926**	.3509**	.4987**	.4886**	.4099**
39.Nariz congestionado	.2203*	.1925	.2356*	.0994	.0959	.0901	.3551**	.2239*	.2233*
40.Nó na garganta	.2123	.2608*	.3723**	.2643*	.2997**	.2996**	.2176*	.2485*	.2778*
41.Obstipação	.2200*	.1466	.2228*	.1843	.0949	-.0126	.0964	.0468	.0267
42.Olhos Chorosos	.3431**	.4118**	.4594**	.4459**	.5310**	.5216**	.1692	.1734	.3466**
43.Opressão no peito	.5178**	.4813**	.6049**	.3065**	.3606**	.2547*	.1621	.2794*	.2453*
44.Pele do rosto gretada	-.0336	.0272	-.0069	.0579	.0864	.0908	.1985	.2462*	.2079
45.Pele sensível	-.1297	-.0292	-.1268	-.1130	-.1027	-.1216	-.0310	-.0126	-.0570

Quadro 3.8 (conclusão) - Correlação entre sensações e angústia, cólera e nojo

Sensações corporais	Aflicção	Agonia	Angústia	Cólera	Ira	Raiva	Nojo	Repugn.	Repulsão
46.Queimaduras do sol	.0856	.0978	.0071	.0665	.0852	.0049	.1401	.1458	.0419
47.Relaxamento muscular	-.0847	-.0659	-.1172	-.0376	-.0729	-.1452	.0768	.0149	-.0341
48.Reacção forte picad. insectos	.2165	.1867	.1487	.0063	.0499	.0448	.2715*	.3129**	.2562*
49.Rubor	.0154	-.0278	.0452	.1703	.2206*	.1043	-.0161	.0026	.0525
50.Rubor facial	.0113	.0022	.0949	.1405	.1748	.0869	.0203	-.0204	.0287
51.Sangrar pelo nariz	.1769	.1217	.1813	.1233	.1202	.0285	.0416	-.0126	-.0049
52.Sensação de aperto	.3300**	.3647**	.3995**	.1921	.2303*	.1713	.0484	.1534	.1479
53.Sensação de pressão na cabeça	.4391**	.4440**	.4113**	.3612**	.3813**	.3325**	.1189	.2234*	.3239**
54.Sensações no estômago	.1273	.0397	.1880	.2157	.1735	.1616	.2787*	.2257*	.1627
55.Sentir-se frio	.2802*	.1378	.2422*	.1652	.0512	.0010	.1607	.0971	.0980
56.Sentir-se quente	.1109	.0413	.0578	.1926	.2322*	.0844	.1898	.1501	.1292
57.Sentir-se paralisado	.2284*	.2175*	.3585**	.2540*	.1666	.1372	.0931	.0666	.0610
58.Sufoco	.5634**	.4741**	.5748**	.3785**	.3397**	.3266**	.2231*	.2357*	.2585*
59.Surdez temporária	.1160	.0835	.1383	-.0233	.1051	.0710	.0433	.2542*	.1894
60.Suores	.2757*	.1502	.2098	.2644*	.2359*	.0938	.2288*	.1732	.1601
61.Tensão muscular	.2423*	.2312*	.2218*	.2655*	.2232*	.1843	.3615**	.3194**	.2851*
62.Tiques no corpo	.0921	.0784	-.0036	.0363	.0196	.0065	.2045	.1582	.1182
63.Tiques nos olhos	.0130	.0306	.0355	-.0143	.0076	.0076	.0213	.1152	.1314
64.Tonturas	.3119**	.2854**	.3400**	.3416**	.2911**	.2792*	.3686**	.4031**	.4090**
65.Tosse	.1529	.1076	.1456	.0322	.0923	.1055	.1966	.2069	.1918
66.Transpiração	.1735	.1171	.1321	.2842*	.3360**	.2163	.3418**	.2859**	.2402*
67.Tremor	.2896**	.2256*	.2632*	.2475*	.1933	.0854	.1618	.1474	.1943
68.Tremor nas mãos	.2746*	.1585	.2005	.2809*	.1968	.1048	.1479	.1448	.1082
69.Vontade de fugir	.3853**	.3723**	.4211**	.4859**	.4798**	.4985**	.3593**	.4077**	.4997**
70.Zumbido nos ouvidos	.1384	.2055	.2159	.1671	.2053	.1671	.2398*	.3073**	.2450*

* p < 0.01

** p < 0.001

Para o desprezo e o medo (Quadro 3.9) encontramos também só correlações positivas. No caso do desprezo, simultaneamente para as três palavras ha correlações com a ardência nos olhos, calores, dor de cabeça, dor de estômago, dor nos olhos, enjoos, mau gosto, músculos tensos, náuseas, nariz congestionado, nó na garganta, olhos chorosos, tensão muscular, tontura e vontade de fugir. O desdém apresenta ainda correlações com o ardor na boca, bola no estômago, calafrios, diarreia, dificuldade em respirar, dor nas costas, opressão, sangrar pelo nariz, sensação de pressão, transpiração e zumbido, enquanto o desprezo apresenta também correlações com o ardor na boca, calafrios, dificuldade em respirar, dor nas articulações e sensações no estômago. Para o menosprezo encontramos correlações com o acne no rosto, corar, corrimento no nariz, dor de dentes, dor nas costas, dor no peito, falta de ar, insónia, mãos suadas, obstipação,

opressão, pele sensível, rubor, rubor facial, sangrar pelo nariz, sensação de aperto, sensação de pressão, sentir-se quente, paralisia, suores, tiques nos olhos, tosse, transpiração e zumbido.

O medo apresenta correlações entre as três palavras simultaneamente e o corrimento no nariz, diarreia, dificuldade em respirar, dor de estômago, dor no peito, falta de ar, insónia, mãos suadas, nó na garganta, opressão, sensação de aperto, paralisia, sufoco, suores e vontade de fugir. Considerando só o medo, encontramos correlações com a dor de garganta, nariz congestionado e obstipação, enquanto o receio apresenta correlações com o aumento dos ritmos cardíaco e respiratório, calafrios, dor de cabeça, indigestão, mau gosto, nariz congestionado, obstipação, frio, tensão muscular, tiques nos olhos, tonturas e transpiração. O temor apresenta ainda correlações com as caimbras, calores, dor de cabeça, indigestão, náuseas, sensação de pressão, frio, tonturas, transpiração e tremor.

Quadro 3.9 - Correlação entre sensações e desprezo e medo

Sensações corporais	Desdém	Desprezo	Menosprezo	Medo	Receio	Temor
1.Acne no rosto	.1498	.1622	.3220**	.0246	.1074	.0279
2.Acne no corpo	.0563	.0232	.0632	.0519	.1014	-.0301
3.Aumento dos Batim. Cardíacos	.0275	.0145	.0180	.1595	.2463*	.1690
4.Aumento do Ritmo Respiratório	.0368	.0945	.0472	.2163	.2188*	.2103
5.Ardência nos olhos	.3016**	.2554*	.3956**	.0586	.0583	-.0357
6.Ardor na boca	.2411*	.2627*	.1934	.0128	.0831	.0192
7.Asma	-.0242	-.0326	-.0481	.0202	-.0095	.0542
8.Atenção	.1518	.1471	.0779	.2029	.0968	.0783
9.Bola no Estômago	.2292*	.1933	.1251	.1924	.1235	.1848
10.Caimbras nas pernas	.1719	.2106	.0561	.1816	.2015	.2506*
11.Calafrios	.2499*	.2329*	.2057	.2102	.2615*	.2154
12.Calores	.2760*	.2184*	.2619*	.1038	.1813	.2343*
13.Coração acelerado	.0372	-.0083	-.0119	.1455	.2002	.1528
14.Corar	.1426	.0859	.2329*	.0755	.1990	.0998
15.Corrimento no nariz	.1570	.1602	.2441*	.3153**	.2905**	.2960**
16.Diarreia	.3338**	.1920	.4010**	.2474*	.2352*	.2291*
17.Dificuldade em respirar	.2431*	.2758*	.2068	.3529**	.3793**	.3886**
18.Dor de cabeça	.3876**	.3285**	.3676**	.1723	.2864**	.3256**
19.Dor de dentes	.1285	.1340	.2345*	.1752	.1779	.1084
20.Dor de estômago	.2595*	.2350*	.2599*	.2903**	.3534**	.2729*
21.Dor de garganta	.0515	.1171	.1853	.2530*	.2124	.1438
22.Dor nas articulações	.2150	.2484*	.1369	.0381	.0455	.0519
23.Dor nas costas	.2311*	.1921	.2822*	.1591	.1884	.0822
24.Dor nos olhos	.2398*	.2530*	.3504**	.0785	.2134	.1060
25.Dor no peito	.0631	.0350	.2345*	.3115**	.3917**	.3986**
26.Enjoos	.4855**	.3911**	.4313**	.1328	.1417	.1321
27.Espirros esporádicos	.1028	.0715	.1263	.0549	.1040	-.0776
28.Falta de ar	.1341	.2059	.2649*	.3672**	.4577**	.3860**
29.Hemorroides	.0627	.0329	.0704	.1458	.1791	-.0610
30.Indigestão	.1070	.1724	.1953	.1796	.2312*	.2244*
31.Insônia	.1054	.0894	.2779*	.2989**	.3851**	.2724*
32.Insensibilidade q. zona do corpo	.0030	.0825	.0120	.1130	-.0546	-.0183
33.Mãos frias	.1075	.0922	.2113	.0404	.1698	.0277
34.Mãos suadas	.1111	.0779	.2835*	.2232*	.2866**	.3103**
35.Mau gosto na boca	.2757*	.3788**	.2883**	.1071	.2642*	.1557
36.Músculos doridos	.1286	.1763	.1047	.0919	.1527	.0439
37.Músculos tensos	.2370*	.3171**	.2833*	.1130	.1704	.1458
38.Nauseas	.4132**	.3640**	.3495**	.1829	.1838	.2639*
39.Nariz congestionado	.2534*	.2188*	.2319*	.2443*	.2531*	.1801
40.Nó na garganta	.2457*	.2210*	.3022**	.2627*	.2174*	.3303**
41.Obstipação	.1727	.1183	.2778*	.2199*	.2325*	.1844
42.Olhos Chorosos	.3314**	.3076**	.2964**	.1461	.1089	.1925
43.Opressão no peito	.2378*	.1568	.2345*	.3076**	.2669*	.3354**
44.Pele do rosto gretada	.2158	.1533	.1399	.0083	.0357	-.0650
45.Pele sensível	-.0384	.0346	.3325**	.0602	.1847	.0073

Quadro 3.9 (conclusão) - Correlação entre sensações e desprezo e medo

Sensações corporais	Desdém	Desprezo	Menosprezo	Medo	Receio	Temor
46.Queimaduras do sol	-.0177	.1660	.0174	.0657	.0306	-.0591
47.Relaxamento muscular	.0396	.0893	.0804	-.0066	-.0752	-.0794
48.Reacção forte picad. insectos	.0046	.0329	.1347	.1812	.1906	.1773
49.Rubor	.1430	.0985	.2493*	.0918	.2056	.1023
50.Rubor facial	.1611	.1447	.2847*	.0423	.1378	.0861
51.Sangrar pelo nariz	.2492*	.1490	.2399*	.0816	.1014	.1021
52.Sensação de aperto	.1068	.0664	.3455**	.3452**	.3199**	.3621**
53.Sensação de pressão na cabeça	.3222**	.1853	.3446**	.2151	.1724	.2223*
54.Sensações no estômago	.2474*	.2791*	.1954	.1244	.1668	.1099
55.Sentir-se frio	.0621	.1567	.1638	.1934	.2807*	.2296*
56.Sentir-se quente	.1671	.1693	.1774	.0058	.0444	.0609
57.Sentir-se paralisado	.0632	.1576	.3097**	.3255**	.2590*	.2929**
58.Sufoco	.1367	.1698	.2834*	.3851**	.3556**	.4283**
59.Surdez temporária	-.0841	-.0799	.1023	.1114	.1142	.0460
60.Suores	.1482	.0844	.2267*	.2271*	.3568**	.3557**
61.Tensão muscular	.2664*	.2477*	.2412*	.1556	.2501*	.2120
62.Tiques no corpo	.0746	.0334	.2049	.0324	.1605	.1206
63.Tiques nos olhos	.0803	.1285	.3377**	.1236	.2617*	.1126
64.Tonturas	.2714*	.2361*	.2772*	.1678	.2553*	.2532*
65.Tosse	.1677	.1160	.2315*	.0931	.1729	.0662
66.Transpiração	.2312*	.2136	.2895**	.1613	.3193**	.3175**
67.Tremor	.1812	.0820	.1660	.1850	.1806	.2448*
68.Tremor nas mãos	.1689	.0642	.1431	.1421	.1634	.1859
69.Vontade de fugir	.3222**	.3444**	.3976**	.2171*	.2831*	.3795**
70.Zumbido nos ouvidos	.2539*	.1605	.2476*	.0248	.1708	.0777

* p < 0.01

** p < 0.001

Por fim, para a vergonha e culpa (Quadro 3.10) encontramos também só correlações significativas positivas, mas apenas três para as três palavras em simultâneo, sendo entre vergonha, paralisia, pele sensível e tiques nos olhos. Vendo com mais pormenor, o acanhamento apresenta correlações com a dor no peito, obstipação, rubor facial, sensações no estômago e vontade de fugir. A timidez apresenta correlações com a ardência nos olhos, atenção, diarreia, dor nas articulações, dor nos olhos, insensibilidade, mãos suadas, mau gosto, obstipação, relaxamento, reacção a picadas e tiques no corpo, enquanto a vergonha tem correlações com a ardência nos olhos, calafrios, calores, corar, corrimento no nariz, diarreia, dificuldade em respirar, dor de estômago, dor nas costas, dor nos olhos, dor no peito, falta de ar, indigestão, insónia, mãos suadas, mau gosto, nó

na garganta, reacção forte a picadas, rubor facial, sensações no estômago, frio, sentir-se quente, sufoco, suores, tiques no corpo, tosse, transpiração e zumbido.

A culpa não apresenta nenhuma sensação corporal com correlações significativas simultaneamente para as três palavras, sendo a palavra culpa a que tem maior número de correlações, respectivamente com o aumento do ritmo respiratório, ardência nos olhos, caimbras, calafrios, corrimento no nariz, diarreia, dificuldade em respirar, dor de cabeça, dor de dentes, dor de garganta, enjoos, falta de ar, indigestão, insónia, mau gosto, músculos doridos, músculos tensos, náuseas, nariz congestionado, nó na garganta, obstipação, olhos chorosos, opressão, queimaduras, frio, sentir-se quente, paralisia, sufoco e vontade de fugir. O delito apresenta apenas correlações com o aumento do ritmo respiratório e com as queimaduras, enquanto para a transgressão encontramos correlações com as caimbras, calores, dor nas articulações, dor nas costas, dor nos olhos, enjoos, mãos frias, mau gosto, músculos doridos, músculos tensos, náuseas, sensações no estômago, frio, tensão muscular, tonturas, transpiração vontade de fugir.

Quadro 3.10 - Correlação entre sensações e vergonha e culpa

Sensações corporais	Acanhamento	Timidez	Vergonha	Culpa	Delito	Transgressão
1.Acne no rosto	.2044	.1861	.2104	.0292	-.1615	-.0515
2.Acne no corpo	-.0442	.0707	.0140	-.0096	-.0912	-.0244
3.Aumento dos Batim. Cardíacos	-.0135	-.0293	.0779	.1313	.1390	.0250
4.Aumento do Ritmo Respiratório	.0456	-.0344	.1513	.2185*	.2574*	.1591
5.Ardência nos olhos	.1459	.2519*	.3427**	.3003**	.1052	.1833
6.Ardor na boca	.0356	.1990	.2155	.2105	.0688	.1521
7.Asma	-.0580	-.0750	-.0389	-.0184	-.0321	-.0579
8.Atenção	.1852	.2190*	.1583	.1752	.1116	.0620
9.Bola no Estômago	.0514	-.0111	.0740	.0668	.0010	.0930
10.Caimbras nas pernas	-.0292	-.0254	.1051	.2877**	.1749	.3032**
11.Calafrios	.0628	.0733	.2470*	.2521*	.1236	.2150
12.Calores	.1045	.0755	.2940**	.2130	.0961	.2241*
13.Coração acelerado	-.0910	-.0399	.0759	.0414	.0870	-.0179
14.Corar	.1975	.1499	.2806*	.0230	-.0980	.0268
15.Corrimento no nariz	.1210	.1776	.2580*	.3618**	.0354	.1049
16.Diarreia	.1927	.2341*	.3016**	.4211**	.0646	.0261
17.Dificuldade em respirar	.1475	.0896	.2642*	.3227**	.1293	.1603
18.Dor de cabeça	.0813	.0435	.1788	.2244*	.0318	.1892
19.Dor de dentes	.1210	.1993	.2088	.2597*	.0181	.0560
20.Dor de estômago	.0899	.0551	.2254*	.1906	.0047	.1738
21.Dor de garganta	.1201	.0936	.1648	.3035**	.0857	.1286
22.Dor nas articulações	.0664	.2184*	.1732	.1417	-.0289	.3530**
23.Dor nas costas	.1022	.1836	.2336*	.1556	.0532	.2350*
24.Dor nos olhos	.1581	.2691*	.2699*	.2105	.0813	.2722*
25.Dor no peito	.2652*	.0970	.2584*	.2165	-.0131	.0541
26.Enjoos	.1640	.2084	.1972	.2959**	.0784	.2416*
27.Espirros esporádicos	.1047	.1529	.0933	.0933	-.0099	.0766
28.Falta de ar	.2098	.1150	.2900**	.3127**	.1385	.1943
29.Hemorroides	.0724	-.0482	-.0114	-.0001	.0433	-.0122
30.Indigestão	.1295	.0722	.2944**	.3287**	.0913	.0413
31.Insônia	.2068	.1159	.2392*	.2961**	.0627	.1426
32.Insensibilidade q. zona do corpo	.0470	.2449*	.1103	.0233	.0086	.2084
33.Mãos frias	.0818	.0867	.1294	.1363	.0404	.2524*
34.Mãos suadas	.1090	.2385*	.2541*	.1628	.0252	.0637
35.Mau gosto na boca	.0921	.2253*	.4460**	.2992**	.1833	.2798*
36.Músculos doridos	.0071	.1226	.1136	.2443*	.0982	.3284**
37.Músculos tensos	.1335	.0497	.1907	.2300*	.1186	.3097**
38.Nauseas	.0622	.1218	.2166	.2738*	.1639	.2478*
39.Nariz congestionado	.0574	.1013	.1723	.2812*	.0433	.1618
40.Nó na garganta	.2116	.0386	.2374*	.2870**	.0452	.1719
41.Obstipação	.3136**	.2626*	.2035	.2317*	.0085	.0991
42.Olhos Chorosos	-.1002	-.1003	.1010	.2821*	.0394	.0616
43.Opressão no peito	.1326	.0206	.2120	.2448*	.0641	.1618
44.Pele do rosto gretada	-.0259	.0775	.1207	-.0125	-.0785	.1252
45.Pele sensível	.2674*	.3173**	.2714*	.0871	-.0357	-.0634

Quadro 3.10 (conclusão) - Correlação entre sensações e vergonha e culpa

Sensações corporais	Acanhamento	Timidez	Vergonha	Culpa	Delito	Transgressão
46.Queimaduras do sol	.0850	.0687	.1332	.3052**	.2195*	.1824
47.Relaxamento muscular	.0091	.2346*	.0762	.1451	.0623	.0795
48.Reacção forte picad. insectos	.1526	.3019**	.2644*	.1762	.0769	.0931
49.Rubor	.1443	.0566	.1338	.0469	-.0720	-.0266
50.Rubor facial	.2948**	.1938	.2696*	.0433	-.1012	.0198
51.Sangrar pelo nariz	.1489	.1629	.2120	.1554	-.0418	-.0299
52.Sensação de aperto	.1803	.1013	.2046	.2006	-.0102	.1079
53.Sensação de pressão na cabeça	.0584	.0590	.1473	.1763	.0952	.1476
54.Sensações no estômago	.2604*	.1963	.3569**	.1867	.0905	.2680*
55.Sentir-se frio	.1544	.1368	.3446**	.3053**	.1859	.2627*
56.Sentir-se quente	.0616	-.0141	.2184*	.2186*	.1088	.1820
57.Sentir-se paralisado	.3205**	.2368*	.4072**	.3304**	.1007	.1788
58.Sufoco	.1650	-.0190	.2365*	.3686**	.1131	.1556
59.Surdez temporária	-.0858	.0362	.0872	.0789	.0000	-.0373
60.Suores	.1640	.0633	.2630*	.1900	.0840	.1012
61.Tensão muscular	.1161	.0092	.1462	.1754	.1228	.2318*
62.Tiques no corpo	.1555	.3511**	.3675**	.2095	.1553	.2095
63.Tiques nos olhos	.3448**	.3940**	.3676**	.1281	-.0124	.0119
64.Tonturas	.0925	.0837	.1469	.1837	.0952	.2881**
65.Tosse	.0645	.1804	.2196*	.1102	.0431	.1839
66.Transpiração	.2053	.0968	.3012**	.1835	.1041	.2490*
67.Tremor	.0483	.0858	.1373	.2114	.0405	.1203
68.Tremor nas mãos	.0355	.1601	.1472	.1075	.0167	.1629
69.Vontade de fugir	.2203*	.1292	.4068**	.4897**	.1907	.2924**
70.Zumbido nos ouvidos	.0372	.2106	.2758*	.1619	.0110	.0674

* p < 0.01

** p < 0.001

Através dos dados apresentados verificamos que é difícil escolher as sensações corporais mais fortemente associadas a cada emoção, uma vez que há bastantes correlações significativas mas poucas ocorrem simultaneamente entre uma sensação e as três palavras escolhidas como sinónimos para uma emoção primária. Optamos então por transformar²² os dados relativos às emoções, considerando não o valor obtido por cada uma das palavras, mas a média dos valores obtidos nas três palavras escolhidas. Este valor médio foi em seguida correlacionado com as sensações corporais (Quadro 3.11), encontrando apenas oito das setenta sensações corporais que não apresentam correlações com nenhuma das emoções, e que são respectivamente o acne no corpo, asma,

²² José Marques (1993) Comunicação pessoal

hemorroides, insensibilidade no corpo, mãos frias, rubor, sentir-se quente e surdez. A maioria das correlações significativas encontradas entre as sensações e as emoções são positivas.

Vendo pormenorizadamente cada sensação, para o acne no rosto encontramos correlações com o desprezo e a vergonha, enquanto o aumento dos batimentos cardíacos apresenta correlações apenas com a angústia, e o aumento do ritmo respiratório com o medo e a culpa. A ardência nos olhos tem correlações com o desprezo, vergonha e culpa, o ardor na boca com o desprezo, a atenção com o interesse, alegria e vergonha, a bola no estômago com a angústia e a cólera, e as caimbras nas pernas com a cólera e o nojo. Os calafrios apresentam correlações com a angústia, cólera, nojo, desprezo, medo e culpa, os calores com a cólera, nojo, desprezo, medo, e vergonha, o coração acelerado com a angústia, o corar com a vergonha, o corrimento no nariz com a angústia, nojo e medo, a diarreia com a angústia, nojo, desprezo, medo, vergonha e culpa, a dificuldade em respirar com a angústia, nojo, desprezo, medo e culpa, a dor de cabeça com a angústia, cólera, nojo, desprezo, medo, e negativamente com o interesse e a alegria.

Encontramos também correlações entre dor de dentes, angústia e vergonha, entre dor de estômago, angústia, desprezo e medo, entre dor de garganta, angústia, medo e culpa, entre dor nas articulações, surpresa, nojo e desprezo, entre dor nas costas, nojo e desprezo, entre dor nos olhos, nojo, desprezo, vergonha e culpa, entre dor no peito, angústia, medo, vergonha e negativamente com a alegria. Existem ainda correlações entre enjoos, angústia, cólera, nojo, desprezo, vergonha e culpa, entre espirros e interesse, entre falta de ar, angústia, nojo, desprezo, medo, vergonha e culpa, entre indigestão, angústia, medo e vergonha, entre insónia, angústia, cólera, medo e culpa, entre mãos suadas, medo e vergonha, entre mau gosto, cólera, nojo, desprezo, medo, vergonha e culpa, entre músculos doridos e culpa, entre músculos tensos e cólera, nojo, desprezo e culpa, entre náuseas, surpresa, angústia, cólera, nojo, desprezo, medo e culpa, entre nariz congestionado, angústia, nojo, desprezo e medo, entre nó na garganta, angústia, cólera, nojo, desprezo, medo, culpa, e negativamente com a alegria.

Existem correlações entre a obstipação, angústia, medo e vergonha, entre olhos chorosos, angústia, cólera, nojo, desprezo e negativamente com o interesse e alegria, entre opressão, angústia, cólera, nojo, desprezo, medo, e negativamente com a alegria, entre pele sensível, alegria, interesse e vergonha, entre queimaduras do sol e culpa, entre relaxamento, interesse e alegria, entre reacção a picadas, nojo, medo e vergonha, entre rubor facial e vergonha, entre sangrar pelo nariz e desprezo, entre sensação de aperto, angústia, cólera, medo, e negativamente alegria. Encontramos correlações positivas entre sensação de pressão, angústia, cólera, nojo, desprezo e medo, entre sensações no estômago, nojo, desprezo, vergonha e culpa, entre frio, interesse, angústia, medo, vergonha e culpa, entre paralisia, angústia, medo, vergonha e culpa, entre sufoco, angústia, cólera, nojo, medo e culpa, entre suores, angústia e medo, entre tensão muscular, angústia, cólera, nojo, desprezo, medo e culpa, entre tiques no corpo, vergonha e culpa, entre tiques nos olhos, medo e vergonha, e entre tonturas, angústia, cólera, nojo, desprezo, medo e culpa. Para terminar, temos correlações entre tosse, nojo e desprezo, entre transpiração, cólera, nojo, desprezo, medo e vergonha, entre tremor, angústia e medo, entre tremor nas mãos e angústia, entre vontade de fugir, angústia, cólera, nojo, desprezo, medo, vergonha e culpa, e entre zumbido nos ouvidos, angústia, nojo, desprezo e vergonha. Há ainda correlações negativas entre a sensação de pressão e alegria, entre sufoco e alegria, e entre vontade de fugir, interesse e alegria.

Quadro 3.11 - Correlação entre sensações e emoções, média de três palavras

Sensações corporais	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	CL
1.Acne no rosto	-.0588	-.0523	-.0143	-.0541	.0141	.1359	.2291*	.0817	.2245*	-.0808
2.Acne no corpo	.0396	-.0071	.1130	-.0336	.0081	.1369	.0359	.0582	.0145	-.0537
3.Aumento dos Batim. Cardíacos	.0339	.0471	.0944	.2329*	.2095	.0734	.0182	.1923	.0410	.1561
4.Aumento do Ritmo Respiratório	.1402	.1045	.0837	.1205	.1406	.0733	.0695	.2451*	.0753	.2784*
5.Ardência nos olhos	-.0087	-.0778	.0750	.1997	.1987	.2039	.3654**	.0290	.2675*	.2530*
6.Ardor na boca	.0626	.0938	.0537	.0859	.1061	.1482	.2613*	.0454	.1920	.1826
7.Asma	-.0882	-.0350	-.0635	-.0010	-.0675	-.0377	-.0326	.0273	-.0816	-.0575
8.Atenção	.5688**	.2421*	.1763	.0517	-.0235	.0822	.1628	.1416	.2176*	.1574
9.Bola no Estômago	-.1294	-.1869	.0660	.2344*	.2313*	.1533	.2126	.1914	.0758	.0589
10.Caimbras nas pernas	-.0592	-.0601	.1951	.2031	.2650*	.3190**	.1703	.2288*	.0177	.3132**
11.Calafrios	.0401	-.0529	.0967	.3307**	.2278*	.3106**	.2564*	.2570*	.1710	.2501*
12.Calores	.1524	.1081	.1135	.1361	.2423*	.3087**	.2889**	.2177*	.2236*	.2018
13.Coração acelerado	.0445	.0703	.0317	.2384*	.1815	.0619	-.0031	.1774	.0211	.0746
14.Corar	.0200	.0196	.1425	-.0153	.1012	.0940	.1690	.1578	.2541*	-.0283
15.Corrimento no nariz	.0797	.0328	.2087	.3652**	.1474	.2289*	.2139	.3443**	.2164	.2162
16.Diarreia	.0624	-.0319	.1291	.3797**	.2090	.2329*	.3422**	.2665*	.3092**	.2490*
17.Dificuldade em respirar	-.0438	-.1931	.0304	.3656**	.1792	.3199**	.3018**	.4412**	.2004	.2625*
18.Dor de cabeça	-.2194*	-.3748**	.1396	.5514**	.4781**	.3206**	.3975**	.3156**	.1080	.2002
19.Dor de dentes	.1755	.1782	.1278	.2555*	.0599	.1280	.1915	.1810	.2284*	.1586
20.Dor de estômago	-.0951	-.1213	.0030	.3717**	.1809	.1881	.2720*	.3521**	.1566	.1704
21.Dor de garganta	.1306	.0602	.0817	.2929**	.0098	.1373	.1257	.2294*	.1507	.2295*
22.Dor nas articulações	.0469	.0111	.2393*	.1571	.1103	.2704*	.2514*	.0617	.1752	.1844
23.Dor nas costas	.2065	.1787	.0771	.0973	.0712	.2738*	.2640*	.1734	.1980	.1676
24.Dor nos olhos	.0125	-.0601	.0432	.1746	.1866	.2186*	.3317**	.1520	.2589*	.2388*
25.Dor no peito	-.1343	-.2183*	.0265	.3797**	.1790	.0731	.1379	.4091**	.2465*	.1226
26.Enjoos	.0110	-.0380	.1151	.3331**	.2854**	.3457**	.4955**	.1571	.2300*	.2721*
27.Espirros esporádicos	.2649*	.2130	.0289	.0248	-.0532	.0136	.1279	.0304	.1467	.0645
28.Falta de ar	.0245	-.1155	.0462	.3504**	.1435	.2601*	.2647*	.4725**	.2480*	.2693*
29.Hemorroides	.0720	.1237	-.0877	.0775	-.0193	.0247	.0667	.0997	.0000	.0108
30.Indigestão	.0206	-.0612	.1080	.2900**	.1578	.1707	.1608	.2559*	.2190*	.2139
31.Insônia	-.1086	-.1470	.1349	.3829**	.3064**	.1445	.1697	.3574**	.2153	.2230*
32.Insensibilidade q. zona do corpo	-.0134	.0439	.0954	.1215	.0840	.0652	.0119	.0241	.1271	.0900
33.Mãos frias	.1041	.1625	.0488	.0368	.1225	.1203	.1600	.0787	.1142	.1576
34.Mãos suadas	.1198	.0704	-.0162	.0705	.1197	.1074	.1674	.3150**	.2534*	.1180
35.Mau gosto na boca	.1019	.0226	.1071	.1361	.2494*	.4027**	.3545**	.2233*	.3180**	.2860**
36.Músculos doridos	.0678	.1336	.1140	.0913	.0176	.1507	.1543	.1070	.0987	.2696*
37.Músculos tensos	.1183	-.0223	.0111	.2002	.2497*	.2226*	.3258**	.1905	.1418	.2776*
38.Nauseas	-.1542	-.1976	.2456*	.4173**	.4153**	.5211**	.4259**	.2512*	.1574	.2705*
39.Nariz congestionado	.0269	-.0136	.0560	.2421*	.1120	.3062**	.2931**	.2428*	.1308	.1786
40.Nó na garganta	-.0565	-.2425*	.0990	.2960**	.3133**	.2796*	.2922**	.3161**	.1979	.2295*
41.Obstipação	.2061	.0899	.0398	.2305*	.0983	.0705	.2061	.2393*	.3041**	.1768
42.Olhos Chorosos	-.2727*	-.2971**	.1112	.4178**	.5493**	.2568*	.3584**	.1610	-.0384	.1522
43.Opressão no peito	-.1244	-.2829*	.1213	.5948**	.3392**	.2633*	.2555*	.3371**	.1463	.2073
44.Pele do rosto gretada	-.0025	.0037	.0980	-.0208	.1004	.2562*	.1849	.0133	.0363	-.0158
45.Pele sensível	.2619*	.2182*	-.0487	-.1034	-.1026	-.0310	.1027	.0879	.3345**	-.0069

Quadro 3.11 (conclusão) - Correlação entre sensações e emoções, média de três palavras

Sensações corporais	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	CL
46.Queimaduras do sol	.2140	.2117	.0912	.0848	.0641	.1086	.0723	.0181	.1234	.3051**
47.Relaxamento muscular	.3750**	.4170**	.0809	-.0962	-.0834	.0240	.0819	-.0552	.1222	.1041
48.Reacção forte picad. insectos	.1620	.0635	.1608	.2049	.0518	.3264**	.0640	.2212*	.3123**	.1345
49.Rubor	.0221	.0215	.1359	-.0009	.1806	.0193	.1685	.1587	.1295	-.0118
50.Rubor facial	-.0398	.0100	.1274	.0357	.1437	.0194	.2117	.1157	.2943**	-.0089
51.Sangrar pelo nariz	.0567	.0642	.1068	.1945	.0952	.0191	.2364*	.1226	.1985	.0368
52.Sensação de aperto	-.1436	-.3130**	.0633	.4035**	.2220*	.1432	.1850	.4001**	.1756	.1360
53.Sensação de pressão na cabeça	-.0993	-.3005**	.1450	.4827**	.3880**	.2383*	.3263**	.2446*	.0899	.1801
54.Sensações no estômago	.0550	.0217	.0214	.1423	.1936	.2508*	.2824*	.1646	.3382**	.2442*
55.Sentir-se frio	.2494*	.0604	.0068	.2444*	.0808	.1249	.1300	.2675*	.2472*	.3199**
56.Sentir-se quente	.1365	.1416	.2164	.0862	.1984	.1675	.1936	.0353	.1164	.2042
57.Sentir-se paralisado	.0010	-.1725	.0040	.3049**	.2036	.0813	.2097	.3612**	.3707**	.2559*
58.Sufoco	-.1981	-.3757**	.1416	.5855**	.3827**	.2651*	.2125	.4580**	.1361	.2695*
59.Surdez temporária	.0173	.0087	.1814	.1494	.0759	.1978	-.0106	.0980	.0465	.0162
60.Suores	.1260	.0165	.0521	.2244*	.2127	.2112	.1514	.3507**	.2138	.1524
61.Tensão muscular	.0976	-.0718	.0462	.2540*	.2374*	.3425**	.2812*	.2516*	.1275	.2246*
62.Tiques no corpo	.1758	.1155	.0949	.0704	.0275	.1724	.0961	.1503	.3594**	.2403*
63.Tiques nos olhos	.1473	.0812	.1159	.0226	.0253	.1174	.1767	.2180*	.4201**	.0644
64.Tonturas	-.1076	-.1877	.1412	.3445**	.3341**	.4360**	.2982**	.2724*	.1174	.2347*
65.Tosse	.1624	.1139	.2116	.1644	.0990	.2283*	.2212*	.1246	.2022	.1270
66.Transpiração	.0214	-.0552	.0719	.1417	.3188**	.3178**	.2772*	.3027**	.2630*	.2010
67.Tremor	-.0747	-.0665	.0185	.2797*	.1769	.1890	.1440	.2288*	.1215	.1722
68.Tremor nas mãos	.0209	.0681	.0237	.2295*	.2020	.1592	.1349	.1826	.1485	.1178
69.Vontade de fugir	-.4472**	-.5102**	.0717	.4180**	.5300**	.4623**	.3930**	.3585**	.2922**	.3996**
70.Zumbido nos ouvidos	-.0105	-.0610	.0262	.2200*	.2004	.3111**	.2374*	.1236	.2328*	.0996

* $p < 0.01$ ** $p < 0.001$

Através da transformação dos valores das emoções conseguimos encontrar mais facilmente as sensações correlacionadas com as emoções consideradas. No entanto, agora estamos perante um grande número de sensações com correlações significativas, o que implica escolher as mais adequadas. Se para esta escolha utilizarmos como critério o facto das sensações estarem significativamente correlacionadas com mais emoções, corremos o risco de em futuras aplicações da escala não conseguir distinguir as sensações associadas a cada emoção. Se considerarmos o facto de cada sensação se correlacionar significativamente apenas com uma emoção corremos o risco de ter muitas sensações para avaliar e do questionário se tornar maçador para o sujeito. Além disso, há sensações que se correlacionam significativamente com poucas emoções e que não nos

parece que sejam desencadeadas com o tipo de estímulos que tencionamos aplicar (cf. primeira versão da escala), como é o caso do acne, diarreia, dor de dentes, espirros, indigestão, insónia, nariz, congestionado, obstipação, queimaduras do sol, sangrar pelo nariz, etc. Foi então efectuada uma análise de correspondências, efectuada no programa SPAD, com o objectivo de extrair factores que nos permitissem localizar graficamente as emoções e sensações corporais, escolhendo estas últimas pela sua proximidade com as emoções.

Efectuada esta análise extraímos oito factores (Quadro 3.12), tendo obtido para cada um o valor a utilizar para a representação gráfica de cada emoção (através do #F) e a contribuição dessa emoção para o factor (através de CPF). Utilizamos como critério teórico de escolha para a representação gráfica a contribuição para o factor, seleccionando os valores mais elevados cuja soma ultrapassasse 500, isto é, que contribuíssem todos juntos pelo menos para metade do factor (ex: para o factor 1, a angústia e o medo) e que implicassem dentro de um factor elementos com sinal oposto. Esta oposição era notada através do sinal de #F, e por exemplo para o factor 2 vemos que o interesse e alegria somam no total mais de 500, mas como são de sinal negativo, consideramos ainda o medo, por ser a emoção com sinal positivo mais elevado.

Quadro 3.12 - Factores extraídos pela análise de correspondências para as emoções

Emoções	#F1	CPF	#F2	CPF	#F3	CPF	#F4	CPF	#F5	CPF	#F6	CPF	#F7	CPF	#F8	CPF
Interesse	141	45	-304	312	29	4	-150	133	-56	23	117	143	82	78	46	34
Alegria	-13	0	-245	206	-83	31	-44	12	-14	1	-36	14	-15	3	-149	363
Surpresa	109	23	-39	4	10	0	-16	1	-13	1	-6	0	-93	86	188	495
Angústia	-277	252	27	4	-41	11	67	38	139	206	149	335	-41	28	-4	0
Cólera	-83	17	-160	95	-33	5	95	58	26	5	-166	320	-114	168	21	8
Nojo	-68	13	120	59	214	251	35	9	-217	426	45	26	-71	71	-43	37
Desprezo	8	0	-16	1	164	136	195	252	53	23	-58	40	181	430	15	4
Medo	-218	150	160	120	-192	229	-111	100	-89	81	-62	56	89	128	27	17
Vergonha	414	444	146	82	-199	203	126	107	-13	1	49	28	-14	3	-32	19
Culpa	141	56	167	116	154	130	-200	289	160	232	-54	37	-21	6	-34	23

Através dos valores obtidos procedemos à representação gráfica das emoções, simultaneamente em dois factores. Entretanto tivemos em consideração os valores obtidos por cada sensação corporal, através da análise de correspondências efectuada, considerando também os valores de CPF e de #F (Quadro 3.13). Para a escolha das sensações corporais utilizamos apenas o critério da soma ultrapassar 500, desprezando o sinal de #F uma vez que tínhamos sempre várias sensações por factor e dentro destas estavam presentes os dois sinais.

Eliminamos apenas a atenção, por existir enquanto sensação corporal e ter sido escolhida como sinónimo para a emoção interesse.

Quadro 3.13 - Factores extraídos pela análise de correspondências para as sensações

Sensações	#F1	CPF	#F2	CPF	#F3	CPF	#F4	CPF	#F5	CPF	#F6	CPF	#F7	CPF	#F8	CPF
1.Acne no rosto	264	21	1	0	-116	8	91	6	-31	1	26	1	-33	2	5	0
2.Acne no corpo	79	2	-90	3	15	0	-4	0	-22	0	-24	1	-19	1	49	5
3.Aumento dos Batim. Cardíacos	-88	3	-144	10	-32	1	107	10	108	12	-36	2	-166	46	61	9
4.Aumento do Ritmo Respiratório	33	0	96	4	-10	0	-217	40	36	1	-126	24	50	4	33	3
5.Ardência nos olhos	265	27	61	2	156	18	183	33	151	28	-112	22	256	128	-1	0
6.Ardor na boca	79	2	-90	3	15	0	-4	0	-22	0	-24	1	-19	1	49	5
7.Asma	79	2	-90	3	15	0	-4	0	-22	0	-24	1	-19	1	49	5
9.Bola no Estômago	-58	1	-66	2	-13	0	46	2	96	9	127	22	-61	6	40	3
10.Caimbras nas pernas	55	1	210	25	180	24	-283	80	-6	0	-115	23	-33	2	-47	6
11.Calafrios	-186	14	149	14	55	2	-81	7	66	6	150	43	-78	13	-19	1
12.Calores	97	3	75	3	233	35	-117	12	-62	4	-28	1	-105	18	-47	5
13.Coração acelerado	-58	1	-66	2	-13	0	46	2	96	9	127	22	-61	6	40	3
14.Corar	264	21	1	0	-116	8	91	6	-31	1	26	1	-33	2	5	0
15.Corrimento no nariz	-244	26	202	27	-35	1	-134	20	11	0	98	19	-9	0	5	0
16.Diarreia	-33	1	164	20	97	9	168	36	103	17	84	16	158	63	-18	1
17.Dificuldade em respirar	-234	27	216	34	119	14	-14	0	-74	9	80	14	63	10	-17	1
18.Dor de cabeça	-219	29	-226	46	-35	1	105	17	-28	2	-103	30	102	32	-87	32
19.Dor de dentes	-58	1	-66	2	-13	0	46	2	96	9	127	22	-61	6	40	3
20.Dor de estômago	-306	36	103	6	-229	39	-55	3	50	3	119	25	66	9	81	18
21.Dor de garganta	7	0	27	0	80	4	-95	8	211	48	67	7	-76	10	-2	0
22.Dor nas articulações	79	2	-90	3	15	0	-4	0	-22	0	-24	1	-19	1	49	5
23.Dor nas costas	137	6	-254	29	33	1	-116	11	-67	4	95	12	68	7	101	22
24.Dor nos olhos	302	30	88	4	-14	0	-54	2	94	10	-25	1	-50	4	-34	3
25.Dor no peito	-145	9	157	15	-309	77	18	0	39	2	147	41	51	5	47	6
26.Enjoos	-100	4	65	3	285	70	181	37	175	43	104	22	124	34	16	1
27.Espirros esporádicos	137	6	-254	29	33	1	-116	11	-67	4	95	12	68	7	101	22
28.Falta de ar	-234	27	216	34	119	14	-14	0	-74	9	80	14	63	10	-17	1
29.Hemorroides	79	2	-90	3	15	0	-4	0	-22	0	-24	1	-19	1	49	5
30.Indigestão	-58	1	-66	2	-13	0	46	2	96	9	127	22	-61	6	40	3
31.Insónia	-249	27	93	6	-146	18	-103	12	151	32	-47	4	-40	4	60	11
32.Insensibilidade q. zona do corpo	79	2	-90	3	15	0	-4	0	-22	0	-24	1	-19	1	49	5
33.Mãos frias	79	2	-90	3	15	0	-4	0	-22	0	-24	1	-19	1	49	5
34.Mãos suadas	-121	5	92	4	-217	30	-156	21	-155	26	-134	27	156	41	103	25
35.Mau gosto na boca	231	23	219	31	324	90	-8	0	-56	5	-33	2	-24	1	-116	42
36.Músculos doridos	137	6	14	0	114	8	-154	18	114	13	-76	8	-40	2	2	0
37.Músculos tensos	129	5	4	0	203	27	-7	0	145	23	-123	23	138	32	19	1
38.Nauseas	-159	15	26	1	205	48	176	46	15	0	-107	30	-72	15	127	66
39.Nariz congestionado	-56	1	71	2	26	0	-56	3	-254	69	-36	2	2	0	23	1
40.Nó na garganta	-239	31	-19	0	-23	1	33	2	51	5	-156	61	-43	5	-58	13
41.Obstipação	149	7	85	3	-221	32	7	0	-97	10	-33	2	56	5	36	3
42.Olhos Chorosos	-89	4	-367	109	140	21	163	38	32	2	39	4	65	12	0	0
43.Opressão no peito	-301	42	-20	0	-147	20	-4	0	-70	7	-4	0	-82	16	-70	16
44.Pele do rosto gretada	79	2	-90	3	15	0	-4	0	-22	0	-24	1	-19	1	49	5
45.Pele sensível	418	57	7	3	-226	33	170	25	-39	2	69	7	-43	3	-32	2

Quadro 3.13 (conclusão) - Factores extraídos na análise de correspondências para sensações

Sensações	#F1	CPF	#F2	CPF	#F3	CPF	#F4	CPF	#F5	CPF	#F6	CPF	#F7	CPF	#F8	CPF
46. Queimaduras do sol	227	18	-54	2	198	27	-352	114	171	34	-11	0	20	1	14	1
47. Relaxamento muscular	150	9	-554	175	-45	2	-232	53	-108	15	109	21	97	18	-166	75
48. Reacção forte picad. insectos	170	10	116	7	138	13	121	13	-334	129	99	16	-153	43	-86	19
49. Rubor	77	2	-178	15	-1	0	50	32	-9	0	-178	48	-216	78	279	181
50. Rubor facial	418	57	77	3	-226	33	170	25	-39	2	69	7	-43	3	-32	2
51. Sangrar pelo nariz	79	2	-90	3	15	0	-4	0	-22	0	-24	1	-19	1	49	5
52. Sensação de aperto	-290	34	-6	0	-253	52	-76	6	28	2	84	13	50	5	-60	10
53. Sensação de pressão na cabeça	-228	26	-262	50	-129	16	143	26	123	24	-152	53	-56	8	-140	69
54. Sensações no estômago	442	69	152	12	-123	11	30	1	78	7	18	1	-59	6	-65	11
55. Sentir-se frio	43	1	267	46	-133	15	-224	57	141	28	-39	3	47	5	-11	0
56. Sentir-se quente	137	6	14	0	114	8	-154	18	114	13	-76	8	-40	2	2	0
57. Sentir-se paralisado	95	4	169	21	-207	41	83	9	77	9	-109	27	89	20	19	1
58. Sufoco	-198	23	-177	27	-97	11	-121	22	-6	0	-76	15	-104	32	-132	72
59. Surdez temporária	79	2	-90	3	15	0	-4	0	-22	0	-24	1	-19	1	49	5
60. Suores	-138	7	142	11	-83	5	-122	14	-297	102	-85	12	81	12	50	6
61. Tensão muscular	-160	11	111	8	182	27	118	15	-218	64	71	10	55	6	-10	0
62. Tiques no corpo	442	69	152	12	-123	11	30	1	78	7	18	1	-59	6	-65	11
63. Tiques nos olhos	418	57	77	3	-226	33	170	25	-39	2	69	7	-43	3	-32	2
64. Tonturas	-210	20	117	9	124	14	-9	0	-45	3	55	6	-195	90	-34	4
65. Tosse	79	2	-90	3	15	0	-4	0	-22	0	-24	1	-19	1	49	5
66. Transpiração	-4	0	104	7	-98	8	115	15	-204	59	-190	72	104	24	44	6
67. Tremor	-244	26	6	0	41	1	176	35	15	0	24	1	-10	0	42	5
68. Tremor nas mãos	-58	1	-66	2	-13	0	46	2	96	9	127	22	-61	6	40	3
69. Vontade de fugir	44	2	-79	7	11	0	5	0	-15	1	-22	2	56	12	-131	94
70. Zumbido nos ouvidos	40	0	-13	0	154	14	22	0	-202	40	23	1	-92	13	-9	0

Com base nos resultados obtidos procedemos à representação gráfica das sensações corporais, conjuntamente com as emoções, de modo a identificar as manifestações mais próximas das emoções. Em cada gráfico representamos dois factores sucessivos até termos representado todos os factores, identificando o sinal das correlações entre emoções e manifestações no caso destas serem negativas, utilizando para isso os dados já apresentados no Quadro 3.11

Analisando as representações obtidas verificamos que para o factor 1 é constituído por duas emoções e por doze manifestações, que contribuem respectivamente para 69.6% do factor e 51.1%, enquanto no factor 2 temos três

emoções e oito manifestações, respectivamente com 63.8% e 52.5%. Encontramos no quadrante superior direito a vergonha, próxima das sensações no estômago, dos tiques no corpo, pele sensível, rubor facial, tiques nos olhos, dor nos olhos, mau gosto na boca e frio. No quadrante inferior direito encontramos o interesse e o relaxamento. No quadrante superior esquerdo encontramos o medo e a angústia, com as manifestações dor de estômago, insónia, dificuldade em respirar e falta de ar. Entre as emoções e as manifestações consideradas as correlações são sempre positivas, sendo no entanto negativas no quadrante inferior esquerdo, onde temos a alegria, dor de cabeça, olhos chorosos, sensação de pressão na cabeça, nó na garganta, opressão e sensação de aperto.

Utilizando o factor 2 e o factor 3, este último apresenta três emoções e dez manifestações, que representam respectivamente 68.3% e 51.8% do factor. No quadrante superior direito encontramos o nojo, dificuldade em respirar, falta de ar, náuseas, calores, enjoos e mau gosto, enquanto no quadrante inferior direito temos o medo e a vergonha, bem como paralisia, frio, dor no peito, dor de estômago, rubor facial e tiques nos olhos. No quadrante superior esquerdo encontramos o interesse, o relaxamento e os olhos chorosos, estando esta última sensação corporal correlacionada negativamente com a emoção. No quadrante inferior esquerdo encontramos a alegria, correlacionada negativamente com a dor de cabeça, sensação de aperto e sensação de pressão na cabeça.

Na representação do factor 3 e do factor 4 encontramos este último constituído por duas emoções e por 9 sensações corporais, que representam respectivamente 54.1% e 50.1% do factor. No quadrante superior direito encontramos o desprezo, nojo, diarreia, olhos chorosos, náuseas e enjoos, enquanto no quadrante inferior direito temos a culpa, caimbras, calores, queimaduras e mau gosto. No quadrante superior esquerdo aparecem a vergonha, rubor facial, sensação de pressão e paralisia, e no quadrante inferior esquerdo vemos o medo, sensação de aperto, dor de estômago, dor de peito, aumento do ritmo respiratório, relaxamento e frio.

Considerando os factores 4 e 5, vemos que o factor 5 tem duas emoções e sete manifestações, que representam respectivamente 65.8% e 51.4% dos resultados. No

quadrante superior direito encontramos o desprezo, diarreia, enjoos, náuseas e olhos chorosos, enquanto no quadrante inferior direito temos o nojo, queimaduras, tensão muscular e transpiração. Para o quadrante superior esquerdo vemos a culpa, dor de garganta, aumento do ritmo respiratório, queimaduras e frio. No quadrante inferior esquerdo apenas encontramos sensações corporais, sendo estas as caimbras, relaxamento, nariz congestionado e suores.

Para o factor 5 e o factor 6 encontramos este último constituído por duas emoções e treze sensações corporais, que representam respectivamente 65.5% e 50.4% dos resultados. No quadrante superior direito aparece a angústia, calafrios, dor no peito e dor no estômago, enquanto no quadrante inferior direito vemos a culpa, cólera, nó na garganta, aumento do ritmo respiratório, náuseas, músculos tensos, sensação de pressão e paralisia. No quadrante superior esquerdo encontramos o nojo, tensão muscular e reacção forte a picadas, enquanto no quadrante inferior esquerdo temos apenas as manifestações nariz congestionado, suores, transpiração, mãos suadas, dor de cabeça e rubor.

Na representação dos factores 6 e 7 encontramos o factor 7 constituído por duas emoções e oito sensações corporais, que representam respectivamente 59.8% e 52.3% do factor. No quadrante superior direito encontramos apenas a diarreia, dor de estômago, dor no peito e enjoos, enquanto no quadrante inferior direito temos a angústia, calafrios, reacção a picadas e tonturas. No quadrante superior esquerdo encontramos o desprezo, aumento do ritmo respiratório, ardência nos olhos, mãos suadas, músculos tensos, dor de cabeça, paralisia e transpiração, e no quadrante inferior esquerdo temos a cólera, nó na garganta, sensação de pressão, náuseas, aumento dos batimentos cardíacos e rubor.

Por fim, na representação simultânea do factor 7 e 8, encontramos o factor 8 formado por duas emoções e seis sensações corporais, que representam respectivamente 85.8% e 55.7% do factor. No quadrante superior direito encontramos o desprezo e as mãos suadas, e no quadrante inferior direito apenas a ardência nos olhos, diarreia, enjoos, relaxamento e vontade de fugir. No quadrante superior esquerdo encontramos a

surpresa, cólera, aumento dos batimentos cardíacos, náuseas e rubor, enquanto no quadrante inferior esquerdo encontramos a alegria, reacção a picadas, tonturas, e negativamente correlacionadas a sensação de pressão e sufoco.

A partir destes dados fomos escolher para cada emoção as três manifestações mais próximas, tendo optado por este número por ser o mesmo número de sinónimos escolhidos para cada emoção primária. No entanto, verificamos que nos gráficos por vezes só havia duas manifestações mais próximas de uma emoção, ou então mais do que três, decidindo utilizar então sempre as mais próximas. Como nas representações gráficas aparecem várias manifestações próximas de uma emoção, utilizamos como critério o valor mais alto da contribuição relativa para o factor, extraído também durante a análise de correspondências (Quadro 3.14). Deste modo, para cada emoção consideramos todas as manifestações próximas graficamente e para seleccionar destas as três mais importantes, utilizamos como referência o facto de apresentarem os valores de #CR mais elevados.

Assim, as emoções consideradas no factor 1 eram a angústia e a vergonha, encontrando na representação deste factor a angústia próxima da opressão no peito, nó na garganta e a sensação de aperto, e a vergonha próxima das manifestações no estômago, tiques no corpo e paralisia. No factor 2 tínhamos o interesse e o medo, e pela representação gráfica o medo aparece próximo do frio, paralisia e dor no peito, enquanto o interesse aparece perto do relaxamento, olhos chorosos e dor de cabeça. No factor 3 tínhamos o nojo e o medo, não considerando este último por já ter sido referido. Para o nojo encontramos nas proximidades os calores, mau gosto e enjoos. No factor 4 temos o desprezo, próximo dos enjoos, náuseas e olhos chorosos, e a culpa próxima das queimaduras, aumento do ritmo respiratório, frio e dor de garganta. Para o factor 6 encontramos a angústia (já referida) e a cólera, estando esta junto do nó na garganta, rubor e sensação de pressão. Para o factor 7 encontramos o desprezo e a cólera, ambos já referidos, e para o factor 8 a surpresa, próxima do rubor, náuseas e mãos suadas, enquanto a alegria aparece próxima da vontade de fugir, sufoco, sensação de pressão, relaxamento, reacção forte a picadas e tonturas.

Quadro 3.14 - Contribuição relativa das manifestações para cada factor

Sensações	#CR1	#CR2	#CR3	#CR4	#CR5	#CR6	#CR7	#CR8
1.Acne no rosto	738	0	143	87	10	7	11	0
2.Acne no corpo	288	374	11	1	23	28	18	111
3.Aumento dos Batim. Cardíacos	83	222	11	124	125	14	296	40
4.Aumento do Ritmo Respiratório	14	116	1	597	17	203	31	14
5.Ardência nos olhos	297	16	103	142	96	54	278	0
6.Ardor na boca	288	374	11	1	23	28	18	111
7.Asma	288	374	11	1	23	28	18	111
9.Bola no Estômago	78	103	4	50	219	379	87	38
10.Caimbras nas pernas	17	250	183	455	0	75	6	12
11.Calafrios	347	223	30	66	44	226	61	4
12.Calores	93	55	536	135	38	8	108	22
13.Coração acelerado	78	103	4	50	219	379	87	38
14.Corar	738	0	143	87	10	7	11	0
15.Corrimento no nariz	461	316	10	137	1	75	1	0
16.Diarreia	10	246	86	259	97	65	230	3
17.Dificuldade em respirar	415	353	108	1	42	48	30	2
18.Dor de cabeça	340	363	9	79	6	76	74	54
19.Dor de dentes	78	103	4	50	219	379	87	38
20.Dor de estômago	500	57	279	16	13	75	23	35
21.Dor de garganta	1	10	90	126	623	62	80	0
22.Dor nas articulações	288	374	11	1	23	28	18	111
23.Dor nas costas	143	494	8	104	34	69	36	79
24.Dor nos olhos	791	68	2	25	77	5	22	10
25.Dor no peito	124	146	564	2	9	127	15	13
26.Enjoos	53	22	431	175	162	57	82	1
27.Espirros esporádicos	143	494	8	104	34	69	36	79
28.Falta de ar	415	353	108	1	42	48	30	2
29.Hemorroides	288	374	11	1	23	28	18	111
30.Indigestão	78	103	4	50	219	379	87	38
31.Insónia	438	61	150	74	161	16	11	26
32.Insensibilidade q. zona do corpo	288	374	11	1	23	28	18	111
33.Mãos frias	288	374	11	1	23	28	18	111
34.Mãos suadas	84	49	274	141	140	104	141	62
35.Mau gosto na boca	238	213	467	0	14	5	3	60
36.Músculos doridos	244	2	169	306	168	75	20	0
37.Músculos tensos	142	0	350	0	179	128	162	3
38.Nauseas	192	5	317	234	2	86	40	123
39.Nariz congestionado	40	64	8	39	815	16	0	7
40.Nó na garganta	610	4	6	12	27	259	20	37
41.Obstipação	257	77	525	1	101	11	34	14
42.Olhos Chorosos	37	625	91	124	5	7	20	0
43.Opressão no peito	699	3	167	0	38	0	52	38
44.Pele do rosto gretada	288	374	11	1	23	28	18	111
45.Pele sensível	648	22	188	107	6	18	7	4

Quadro 3.14 (conclusão) - Contribuição relativa das manifestações para cada factor

Sensações	#CR1	#CR2	#CR3	#CR4	#CR5	#CR6	#CR7	#CR8
46.Queimaduras do sol	203	12	154	487	114	0	2	1
47.Relaxamento muscular	49	669	4	117	25	26	20	60
48.Reacção forte picad. insectos	126	59	83	64	489	43	103	33
49.Rubor	29	155	0	12	0	155	228	381
50.Rubor facial	648	22	188	107	6	18	7	4
51.Sangrar pelo nariz	288	374	11	1	23	28	18	111
52.Sensação de aperto	450	0	344	31	8	38	33	19
53.Sensação de pressão na cabeça	233	307	74	92	68	104	14	88
54.Sensações no estômago	783	92	61	4	24	1	14	17
55.Sentir-se frio	11	432	107	303	120	9	13	1
56.Sentir-se quente	244	2	169	306	168	75	20	0
57.Sentir-se paralisado	73	234	349	56	48	96	64	3
58.Sufoco	301	240	71	112	0	44	83	134
59.Surdez temporária	288	374	11	1	23	28	18	111
60.Suores	115	122	41	89	532	44	40	15
61.Tensão muscular	181	87	232	98	336	36	21	1
62.Tiques no corpo	783	92	61	4	24	1	14	17
63.Tiques nos olhos	648	22	188	107	6	18	7	4
64.Tonturas	345	107	122	1	16	23	298	9
65.Tosse	288	374	11	1	23	28	18	111
66.Transpiração	0	84	74	102	320	277	83	15
67.Tremor	604	0	17	314	2	6	1	18
68.Tremor nas mãos	78	103	4	50	219	379	87	38
69.Vontade de fugir	54	169	3	1	6	13	85	469
70.Zumbido nos ouvidos	21	2	305	6	529	7	109	1

A partir das três manifestações próximas de cada emoção ficamos com um conjunto de vinte e cinco sensações corporais : aumento do ritmo respiratório, calores, dor de cabeça, dor de garganta, dor no peito, enjoos, mãos suadas, mau gosto na boca, náuseas, nó na garganta, olhos chorosos, opressão no peito, queimaduras do sol, reacção forte a picadas de insectos, relaxamento muscular, rubor, sensação de aperto, sensação de pressão na cabeça, sensações no estômago, sentir-se frio, sentir-se paralisado, sufoco, tiques no corpo, tonturas e vontade de fugir. Do total de manifestações encontradas eliminamos algumas que nos parecerem desadequadas para os estímulos a utilizar. Foi o caso das queimaduras do sol e da reacção forte a picadas de insectos. Consideramos



também que a sensação de aperto e a dor no peito eram melhor traduzidas pela opressão no peito, e que a dor de garganta estava de algum modo relacionada com o nó na garganta. As manifestações dor de cabeça, olhos chorosos, sensação de pressão na cabeça, sufoco e tonturas também não nos pareceram vir a ser desencadeadas pelos nossos estímulos, optando-se pelas catorze manifestações restantes, número igual ao utilizado na primeira versão da escala.

Também já referimos que foram consideradas duas ordens de avaliação : emoções/sensações e sensações/emoções, referindo estes dados apenas a propósito da escolha das emoções e não os considerando relevantes para as outras fases de construção da escala.

Durante a aplicação desta segunda versão da escala utilizamos ainda os cinco factores teóricos nos quais as emoções podem ser agrupadas (cf. Construção da primeira versão da escala). Como era pedido aos sujeitos para escolherem apenas um dos factores que melhor traduzisse a situação que descreveram, obtivemos valores que nos permitiram caracterizar melhor o tipo de situação referida (Quadro 3.15). Podemos verificar que o factor prazer inclui sobretudo situações consideradas agradáveis, apesar de um sujeito o referir numa situação desagradável. A expectativa aparece essencialmente na situação agradável, embora também existam bastantes casos na situação desagradável. A hostilidade é unicamente referida para a situação desagradável. A fuga e a responsabilidade são sobretudo referidas na situação desagradável, embora também sejam consideradas por alguns sujeitos na situação agradável.

Quadro 3.15 - N° de sujeitos por situação e factor teórico

Situação	Prazer	Expectativa	Hostilidade	Fuga	Responsabilidade
Agradável	25	22	0	2	9
Desagradável	1	14	12	15	15

Ao considerarmos os factores o nosso objectivo era identificar as emoções e manifestações corporais referidas em cada factor. No entanto em termos de construção

da nova versão da escala esta ideia foi abandonada por não ter sido relevante, razão pela qual não referiremos este tipo de resultados.

A partir de todos os resultados obtidos é possível retirar algumas conclusões.

4. Conclusões

A partir de um conjunto de sessenta e oito palavras referentes a emoções e de setenta sensações corporais, avaliadas a partir de uma situação real memorizada, de conteúdo agradável ou desagradável, encontramos três sinónimos para cada uma das dez emoções primárias consideradas e um conjunto de catorze sensações corporais aparentemente relacionadas com estas emoções.

Consideramos então que está preparada a terceira versão da escala, cuja avaliação descrevemos seguidamente.

Capítulo VII

A terceira e quarta versões da EESC96

Atendendo à articulação entre as terceira e quarta versões da escala, efectuamos a sua apresentação conjunta no presente capítulo, começando pela terceira versão, a partir de cujos resultados e críticas foi construída a quarta versão.

1. Construção da terceira versão da escala

A partir da análise dos resultados obtidos através da segunda versão, preparamos a terceira versão da escala, tendo como principal objectivo verificar se depois das críticas e transformações das versões anteriores, esta nova versão já estaria adequada aos objectivos do trabalho. Iniciamos também a definição do grupo de controle quanto ao sexo e habilitações, e do grupo experimental quanto às variáveis droga e crime, avaliando ainda a eficácia do *filme droga* e do *filme crime* no desencadear de emoções. Iniciamos então a recolha de dados com outros sujeitos que não os alunos.

Em função dos contactos estabelecidos, os dados foram recolhidos numa empresa e numa instituição de reinserção social de ex-reclusos, tendo a recolha sido efectuada de modo a ocupar o mínimo tempo possível aos sujeitos. Deste modo cada sujeito viu apenas dois dos quatro filmes existentes (*agradável* e *desagradável* ou *droga* e *crime*), o que impede a comparação do impacto de todos os filmes no mesmo sujeito.

Além disso, confrontámo-nos também com o problema do tamanho da amostra, pois esta dependia do número de sujeitos disponíveis nos dias da recolha de dados. Assim, todas as conclusões foram tiradas a partir de amostras com um pequeno número de elementos, o que não foi relevante, pois à medida que recolhíamos os dados encontramos lacunas nesta nova versão da escala, o que nos levou a reformulá-la de novo.

Nesta versão da escala foram utilizados três sinónimos para cada uma das dez emoções primárias consideradas, utilizando a mesma ordem de apresentação das emoções já usada durante a primeira versão da escala. Para cada emoção os três

sinónimos foram ordenados de modo aleatório, utilizando-se este critério para não correremos o risco de intencionalmente enviesar os resultados pela ordem de apresentação das palavras. Para as sensações corporais utilizamos apenas o critério da ordem alfabética.

Apresentamos em Anexo a forma desta nova versão da escala, bem como as instruções do seu preenchimento.

2. Metodologia

2.1. Sujeitos

A aplicação desta versão da escala foi efectuada em diferentes grupos de sujeitos, quer para o grupo de controle, quer para o grupo experimental. Assim, para o grupo de controle começamos por ter acesso (durante o ano de 1993) a um grupo de vinte e oito trabalhadores indiferenciados de uma empresa de produtos químicos da área da Maia, todos do sexo masculino e cujas habilitações variavam entre a 2^a e a 4^a classe. Neste grupo aproveitamos para apresentar todos os filmes, mas como a recolha de dados foi efectuada durante o tempo de trabalho, tivemos de apresentar apenas dois filmes a cada sujeito. Ficamos então com um grupo de 14 trabalhadores, com idades compreendidas entre os 35 e os 56 anos (média = 45.892 e desvio padrão = 6.465), ao qual apresentamos os *filmes agradável e desagradável*, e com um outro grupo de 14 trabalhadores, com idades compreendidas entre os 31 e os 58 anos (média = 43.780 e desvio padrão = 8.760) ao qual apresentamos os *filmes droga e crime*.

Ainda para o grupo de controle, para detectarmos um possível efeito da variável habilitações, formamos um grupo de 14 alunos do 2º ano da licenciatura em Psicologia da F.P.C.E.U.P (ano lectivo 1993/94), com idades compreendidas entre os 19 e os 45 anos (média = 26.340, desvio padrão = 7.697). Apesar de na amostra de trabalhadores não dispormos de elementos do sexo feminino, analisamos também a variável sexo, tendo formado um grupo de 14 alunas, com idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos (média = 23.695, desvio padrão = 7.505). Começamos por apresentar aos estudantes os

filmes agradável e desagradável. No entanto, como durante a análise dos dados recolhidos foram encontradas lacunas nesta terceira versão da escala, suspendemos a apresentação dos *filmes droga e crime* aos alunos.

Paralelamente iniciamos a recolha de dados num grupo experimental, socorrendo-nos de 76 sujeitos (50 do sexo masculino e 26 do sexo feminino, cujas idades variavam entre 16 e 42 anos, com uma média = 23.130, desvio padrão = 6.820) seguidos em 1993 e 1994 numa instituição de reinserção social de ex-reclusos, situada na área do Porto. Como pretendíamos comparar sujeitos com comportamentos de droga e ou crime, recolhemos os dados de modo a definir a constituição do grupo experimental, tendo formado três grupos de sujeitos, respectivamente, toxicodependentes, toxicodependentes delinquentes e sujeitos com comportamentos delinquentes. Assim, o grupo de toxicodependentes foi constituído também por familiares de reclusos e por sujeitos em situação de risco, todos consumidores frequentes de drogas duras. Os sujeitos com comportamentos delinquentes eram todos ex-reclusos, em liberdade definitiva ou condicional, tendo cumprido pena por crimes como furto, tráfico de droga, homicídio ou passagem de cheques sem cobertura, não sendo consumidores de droga. Os toxicodependentes-delinquentes eram consumidores de drogas duras e tinham cumprido pena por crimes como posse e tráfico de droga, furto, tentativa de homicídio ou passagem de cheques sem cobertura. Ainda nesta instituição, foi possível formar um grupo de controle, constituído por familiares de reclusos e por sujeitos em situação de risco, provenientes geralmente de famílias desagregadas ou de instituições de apoio a jovens, frequentando todos a referida instituição, e não tendo até à data apresentado situações de crime nem droga.

Como a recolha de dados foi efectuada durante os dias de aulas dadas na instituição, tal como no grupo de trabalhadores, não foi possível apresentar os quatro filmes aos mesmos sujeitos, o que faz com que cada subgrupo experimental e o grupo de controle tenham um reduzido número de sujeitos, limitando à partida as conclusões retiradas.

2.2. Procedimento

Para todos os sujeitos o procedimento utilizado durante a recolha de dados foi semelhante ao usado para a primeira versão da escala. Depois de dadas as instruções e esclarecidas as dúvidas que o sujeito pudesse ter apresentado, foram apresentados os dois filmes, sendo a escala preenchida no final de cada um.

Tal como nas versões anteriores, optámos por apresentar em folhas separadas a avaliação da emoções e das sensações corporais, tendo utilizado durante a recolha de dados as duas ordens possíveis (emoções/sensações e sensações/emoções), sendo usada sempre a mesma ordem para os dois filmes que cada sujeito viu.

A ordem de apresentação dos filmes também foi controlada, passando metade dos sujeitos pela ordem agradável/desagradável (ou droga/crime, consoante o grupo) e a outra metade pela ordem desagradável/agradável (ou crime/droga). Para cada sujeito a apresentação dos dois filmes e o preenchimento da escala demorou cerca de uma hora.

2.3. Material

A apresentação dos estímulos visuais foi efectuada num televisor com écran policromático, situado em frente ao sujeito e distando deste 1,5 metros. Os estímulos foram gravados em cassetes VHS 180m (uma para cada um dos conteúdos), sendo controlados através de um videogravador manipulado fora do campo de visão do sujeito. A marca e modelo do televisor e do videogravador variaram consoante o local de recolha dos dados.

A avaliação do impacto dos filmes no sujeito foi efectuada através da terceira versão da escala.

2.4. Análise e transformação dos dados

Todo o processo de codificação e tratamento dos dados foi efectuado num computador PC e consistiu na introdução dos dados no programa Edit, utilizando o valor assinalado (de zero a cinco) pelo sujeito nos itens que avaliam as emoções e nos itens que avaliam as sensações corporais, através de uma matriz de dupla entrada. Assim, nas linhas foram considerados os sujeitos, enquanto nas colunas foram consideradas as emoções e as sensações corporais de cada filme, bem como um código que discrimina o sujeito, o grupo a que este pertence, o sexo do sujeito, a ordem de apresentação dos filmes e a ordem de preenchimento da escala.

Depois de preparados os dados foi iniciada a análise estatística no programa SPSS PC+, usando como variáveis independentes o grupo, o sexo, o conteúdo do filme (*agradável* ou *desagradável*, e *droga* ou *crime*, consoante os grupos), a ordem de apresentação do filme (*agradável-desagradável* ou a ordem inversa, e *droga-crime* ou a ordem inversa). Para a variável dependente consideramos o valor apresentado para cada item, quer das emoções quer das sensações corporais.

3. Resultados

Começamos por analisar a constituição do grupo de controle, quer quanto ao sexo, quer quanto às habilitações, tentando verificar se os estudantes constituiriam um grupo de controle enviesado, pois estando habituados a participar em experiências, poderiam apresentar menor intensidade de resposta. Atendendo aos sujeitos disponíveis, analisamos a variável habilitações efectuando comparações entre trabalhadores e alunos, enquanto na análise da variável sexo comparamos alunos e alunas.

Efectuamos então uma análise de multivariância do tipo $3 \times 2 \times 2 \times 2 \times 10$, centrando-nos apenas nos *filmes agradável e desagradável*, e usando como variáveis independentes o grupo (trabalhadores, alunos ou alunas), o conteúdo do filme (*agradável* ou *desagradável*), a ordem de apresentação dos filmes (*agradável-desagradável* ou *desagradável-agradável*) e a ordem de apresentação da escala (emoções/sensações ou

sensações/emoções). Como variável dependente usamos a média do valor assinalado por emoção.

Através dos dados obtidos (Quadro 3.1) encontramos efeitos significativos apenas para a interacção grupo x ordem do filme, bem como um efeito de ordem de apresentação do filme, ordem de apresentação da escala e conteúdo do filme. As restantes interacções possíveis entre estas variáveis não são significativas. Salientamos a não existência de um efeito do grupo, o que sugere que as emoções desencadeadas pelos filmes utilizados são as mesmas para os trabalhadores, para os alunos e para as alunas.

Quadro 3.1- Emoções : tipo de interacção

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	P	Significância
grupo	2, 60	1.620	0.062	NS
grupo x ordem filme x conteúdo x ordem escala	2, 60	0.598	0.906	NS
grupo x ordem filme x conteúdo	2, 60	1.203	0.267	NS
grupo x ordem filme x ordem escala	2, 60	1.263	0.222	NS
grupo x conteúdo x ordem escala	2, 60	0.611	0.896	NS
grupo x ordem filme	2, 60	1.929	0.018	*
grupo x conteúdo	2, 60	0.650	0.865	NS
grupo x ordem escala	2, 60	1.175	0.291	NS
ordem filme	1, 60	2.101	0.041	*
ordem filme x conteúdo x ordem escala	1, 60	0.415	0.933	NS
ordem filme x conteúdo	1, 60	1.178	0.327	NS
ordem filme x ordem escala	1, 60	1.395	0.210	NS
conteúdo	1, 60	19.169	0.000	***
conteúdo x ordem escala	1, 60	1.423	0.197	NS
ordem escala	1, 60	2.670	0.011	*
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Em seguida analisamos mais pormenorizadamente as variáveis e interacções que apresentaram efeitos significativos. Começando pela interacção grupo x ordem do filme (Quadro 3.2), encontramos diferenças significativas entre os grupos consoante a ordem, apenas para a emoção medo. Considerando o grupo, as alunas apresentam nitidamente valores mais elevados, seguindo-se os alunos e depois os trabalhadores. Considerando a ordem dos filmes, os alunos e as alunas apresentam valores mais elevados na ordem agradável/desagradável (AD) do que na ordem inversa (DA), enquanto os trabalhadores

apresentam precisamente contrário. As restantes emoções não variam com a interacção grupo x ordem do filme.

Quadro 3.2 - Emoções : comparação de médias na interacção grupo x ordem do filme

Emoções	Trab.		Alunos		Alunas		Significância ²³
	ordem AD	ordem DA	ordem AD	ordem DA	ordem AD	ordem DA	
Interesse	3.083	3.625	3.500	3.375	2.917	2.875	NS
Alegria	2.583	2.750	2.750	2.563	2.083	2.063	NS
Surpresa	2.667	2.175	2.000	2.688	2.917	2.000	NS
Angústia	1.083	0.438	1.083	1.313	1.917	1.125	NS
Cólera	0.583	0.250	0.667	0.375	0.917	0.563	NS
Nojo	1.167	0.625	1.500	1.063	2.333	1.500	NS
Desprezo	0.750	1.313	0.667	1.125	1.250	0.500	NS
Medo	0.333	0.500	0.917	0.563	2.000	0.313	***
Vergonha	0.333	0	0.917	0.188	0.417	0	NS
Culpa	0	0	0.500	0.063	0.167	0	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo							

Considerando o conteúdo do filme (Quadro 3.3), encontramos diferenças significativas para seis das dez emoções consideradas. Assim, o *filme agradável* desencadeia mais intensamente a alegria, enquanto no *filme desagradável* são mais intensas a angústia, cólera, nojo, desprezo e medo. As emoções vergonha e culpa são pouco desencadeadas, não diferindo significativamente consoante o conteúdo. O interesse e surpresa apresentam valores elevados, mas também não diferem significativamente consoante o conteúdo.

²³Testes univariados através da Manova

IN F(2,60)=0.363 P=0.697; AL F(2,60)=3.833 P=0.683; SP F(2,60)=2.743 P=0.072;
AN F(2,60)=1.293 P=0.282; CO F(2,60)=0.002 P=0.999; NJ F(2,60)=0.234 P=0.792;
DE F(2,60)=2.077 P=0.134; ME F(2,60)=7.319 P=0.001; VG F(2,60)=0.330 P=0.720;
CL F(2,60)=1.257 P=0.292

Quadro 3.3 - Emoções : comparação de médias para o conteúdo agradável/desag.

Emoções	Agradável	Desagradável	Significância ²⁴
Interesse	3.286	3.191	NS
Alegria	3.714	1.214	***
Surpresa	2.452	2.167	NS
Angústia	0.191	2.071	***
Cólera	0.048	1.024	***
Nojo	0.286	2.357	***
Desprezo	0.500	1.381	**
Medo	0.167	1.286	***
Vergonha	0.357	0.191	NS
Culpa	0.095	0.119	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo			

Vendo com mais pormenor o efeito da ordem de apresentação dos filmes (Quadro 3.4) verificamos que apenas o nojo, medo e vergonha apresentam diferenças significativas entre as duas ordens, sendo mais intensos na ordem agradável/desagradável do que na ordem inversa.

Quadro 3.4 - Emoções : comparação de médias para a ordem AD / ordem DA

Emoções	ordem AD	ordem DA	Significância ²⁵
Interesse	3.167	3.292	NS
Alegria	2.472	2.458	NS
Surpresa	2.528	2.146	NS
Angústia	1.361	0.958	NS
Cólera	0.722	0.396	NS
Nojo	1.667	1.063	*
Desprezo	0.889	0.979	NS
Medo	1.083	0.458	**
Vergonha	0.556	0.063	*
Culpa	0.222	0.021	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo			

²⁴Testes univariados através da Manova

IN F(1,60)=0.004 P=0.950; AL F(1,60)=75.336 P=0.000; SP F(1,60)=0.364 P=0.549;
AN F(1,60)=41.690 P=0.000; CO F(1,60)=14.479 P=0.000; NJ F(1,60)=49.525 P=0.000;
DE F(1,60)=7.806 P=0.007; ME F(1,60)=27.920 P=0.000; VG F(1,60)=0.900 P=0.347;
CL F(1,60)=0.066 P=0.798

²⁵Testes univariados através da Manova

IN F(1,60)=0.145 P=0.705; AL F(1,60)=0.020 P=0.887; SP F(1,60)=1.980 P=0.165;
AN F(1,60)=2.375 P=0.129; CO F(1,60)=2.357 P=0.130; NJ F(1,60)=5.988 P=0.017;
DE F(1,60)=0.120 P=0.730; ME F(1,60)=10.322 P=0.002; VG F(1,60)=6.257 P=0.015;
CL F(1,60)=3.241 P=0.077

Por fim, considerando a ordem de apresentação da escala (Quadro 3.5), apenas o nojo apresenta diferenças significativas entre as duas ordens, sendo mais intenso na ordem emoções/sensações (ES) do que na ordem sensações/emoções (SE).

Quadro 3.5 - Emoções : comparação de médias para a ordem ES / ordem SE			
Emoções	ordem ES	ordem SE	Significância ²⁶
Interesse	3.313	3.139	NS
Alegria	2.625	2.250	NS
Surpresa	2.521	2.028	NS
Angústia	1.208	1.028	NS
Cólera	0.646	0.389	NS
Nojo	1.625	0.917	**
Desprezo	0.938	0.944	NS
Medo	0.854	0.556	NS
Vergonha	0.292	0.250	NS
Culpa	0.021	0.222	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo			

Em relação às emoções verificamos então que não diferem significativamente entre os grupos, desencadeando os filmes utilizados as mesmas emoções nos trabalhadores, alunos e alunas. As diferenças mais nítidas aparecem-nos para o conteúdo, desencadeando o *filme agradável* a alegria de forma mais intensa, enquanto o *filme desagradável* desencadeia mais intensamente a angústia, cólera, nojo, desprezo e medo. As restantes emoções consideradas não diferem significativamente entre os conteúdos, apesar do interesse e surpresa serem intensos, enquanto a vergonha e culpa praticamente não foram desencadeadas. Em relação à ordem de apresentação dos filmes encontramos diferenças significativas para o nojo, medo e vergonha, mais intensos na ordem agradável/desagradável, havendo também uma interação significativa entre grupo e ordem dos filmes para o medo. No entanto como não encontramos um efeito de grupo significativo atribuímos este resultado ao efeito de ordem. No que se refere à ordem de

²⁶Testes univariados através da Manova

IN F(1,60)=0.291 P=0.591; AL F(1,60)=2.223 P=0.141; SP F(1,60)=2.586 P=0.113;

AN F(1,60)=0.640 P=0.427; CO F(1,60)=1.288 P=0.261; NJ F(1,60)=7.154 P=0.010;

DE F(1,60)=0.000 P=0.985; ME F(1,60)=3.357 P=0.072; VG F(1,60)=0.437 P=0.511;

CL F(1,60)=3.241 P=0.077

apresentação da escala, apenas o medo apresenta diferenças significativas entre as duas ordens, sendo mais intenso na ordem emoções/sensações.

Como conclusão, e no que se refere às emoções verificamos então que não diferem significativamente consoante o grupo de sujeitos, desencadeando os filmes utilizados as mesmas emoções nos trabalhadores, alunos e alunas. Também não parecem ser muito afectadas pela ordem de apresentação dos filmes nem pela ordem de apresentação das escalas, pois das oito emoções desencadeadas apenas o medo e nojo traduzem estes efeitos. Conhecendo já as emoções desencadeadas por cada filme e sabendo que são as mesmas para os diferentes grupos de sujeitos, analisamos em seguida as sensações corporais.

Tal como nas emoções efectuamos uma análise de multivariância do tipo $3 \times 2 \times 2 \times 2 \times 14$, usando como variáveis independentes o grupo (trabalhadores, alunos ou alunas), o conteúdo do filme (*agradável* ou *desagradável*), a ordem de apresentação dos filmes (*agradável/desagradável* ou *desagradável/agradável*) e a ordem de apresentação da escala (emoções/sensações ou sensações/emoções). Como variável dependente usamos a média do valor assinalado por sensação.

Através dos dados obtidos (Quadro 3.6) encontramos um efeito significativo para o grupo, ordem de apresentação do filme e conteúdo, bem como uma interacção significativa entre grupo x ordem do filme x conteúdo, entre grupo x ordem do filme x ordem da escala e entre grupo x ordem do filme.

Quadro 3.6 - Sensações corporais : tipo de interacção

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	p	Significância
grupo	2, 60	1.865	0.014	*
grupo x ordem filme x conteúdo x ordem escala	2, 60	1.191	0.263	NS
grupo x ordem filme x conteúdo	2, 60	1.980	0.008	**
grupo x ordem filme x ordem escala	2, 60	2.446	0.001	***
grupo x conteúdo x ordem escala	2, 60	0.845	0.687	NS
grupo x ordem filme	2, 60	1.620	0.045	*
grupo x conteúdo	2, 60	0.928	0.574	NS
grupo x ordem escala	2, 60	0.955	0.538	NS
ordem filme	1, 60	3.008	0.002	**
ordem filme x conteúdo x ordem escala	1, 60	0.552	0.888	NS
ordem filme x conteúdo	1, 60	1.351	0.215	NS
ordem filme x ordem escala	1, 60	0.675	0.786	NS
conteúdo	1, 60	3.994	0.000	***
conteúdo x ordem escala	1, 60	0.375	0.976	NS
ordem escala	1, 60	0.982	0.485	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Analisando com mais pormenor as variáveis e interacções significativas, começamos pelo efeito do grupo (Quadro 3.7), verificando que apenas quatro das catorze sensações corporais apresentam diferenças significativas. São elas as mãos suadas (mais intensas nos alunos e menos nos trabalhadores), a opressão e a paralisia (mais intensa nas alunas e menos nos trabalhadores) e o relaxamento (mais intenso nos trabalhadores e menos nas alunas).

Quadro 3.7 - Sensações corporais : comparação de médias entre grupos

Sensações corporais	Trabalhadores	Alunos	Alunas	Significância ²⁷
Aumento do ritmo respiratório	1.321	1.607	1.750	NS
Calores	0.536	1.179	0.893	NS
Enjoos	0.143	0.179	0.536	NS
Mãos suadas	0.250	0.929	0.679	*
Mau gosto na boca	0.214	0.393	0.250	NS
Náuseas	0.143	0.107	0.286	NS
Nó na garganta	0.536	0.536	0.929	NS
Opressão no peito	0.500	1.179	1.286	*
Relaxamento muscular	3.036	2.393	2.286	*
Rubor	0.643	1.036	0.821	NS
Sensações no estômago	0.179	0.786	0.714	NS
Sentir-se frio	0.179	0.536	0.393	NS
Sentir-se paralisado	0.286	0.536	1.107	*
Tiques no corpo	0.857	1.357	1.643	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Como os resultados obtidos poderão reflectir a interacção das variáveis sexo e das habilitações, comparamos separadamente o grupo de alunos com o grupo de alunas (Quadro 3.8), apenas para as quatro sensações corporais que apresentavam um efeito de grupo significativo, não tendo encontrado diferenças significativas.

Quadro 3.8 - Sensações corporais : comparação de médias para o grupo alunos / alunas

Sensações corporais	Alunos	Alunas	Significância ²⁸
Mãos suadas	0.929	0.679	NS
Opressão no peito	1.179	1.286	NS
Relaxamento muscular	2.393	2.286	NS
Sentir-se paralisado	1.357	1.643	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo			

²⁷Testes univariados através da Manova

AR F(2,60)=0.789 P=0.459; CA F(2,60)=1.840 P=0.168; EN F(2,60)=2.409 P=0.099; MS F(2,60)=4.462 P=0.016; MG F(2,60)=0.530 P=0.592; NA F(2,60)=0.941 P=0.396; NG F(2,60)=1.717 P=0.188; OP F(2,60)=3.838 P=0.027; RL F(2,60)=3.546 P=0.035; RU F(2,60)=0.742 P=0.481; SE F(2,60)=2.812 P=0.068; SF F(2,60)=0.721 P=0.491; P F(2,60)=3.283 P=0.044; TC F(2,60)=2.284 P=0.111

²⁸Oneway Anova

MS F(1,54)=0.622 P=0.434; OP F(1,54)=0.064 P=0.801; RL F(1,54)=0.064 P=0.802; P F(1,54)=2.252 P=0.139

Comparando o grupo de alunos com o grupo de trabalhadores (Quadro 3.9), encontramos diferenças significativas apenas para a manifestação corporal mãos suadas, mais intensa nos alunos do que nos trabalhadores.

Quadro 3.9 - Sensações corporais : comparação de médias para trabalhadores / alunos

Sensações corporais	Trabalhadores	Alunos	Significância ²⁹
Mãos suadas	0.250	0.929	**
Opressão no peito	0.500	1.179	NS
Relaxamento muscular	3.036	2.393	NS
Sentir-se paralisado	0.857	1.357	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo			

Como estas sensações corporais foram provocadas por dois filmes de conteúdo diferente, fomos comparar os dois grupos considerando separadamente cada um dos conteúdos (Quadro 3.10), não encontrando também diferenças significativas.

Quadro 3.10 - Sensações corporais : comparação de médias para trabalhadores/ alunos

Sensações corporais	Conteúdo	Trabalhadores	Alunos	Significância ³⁰
Mãos suadas	Agradável	0.214	0.643	NS
	Desagradável	0.286	1.214	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Depois de termos verificado que o grupo não apresentava um efeito significativo, analisamos em seguida a interacção grupo x ordem do filme x ordem da escala (Quadro 3.11), encontrando apenas uma manifestação corporal, o mau gosto, com um efeito significativo. Esta manifestação corporal é mais intensa nos alunos e sensivelmente igual nas alunas e nos trabalhadores, é também mais intensa na ordem agradável/desagradável

²⁹Oneway Anova

MS F(1,54)=7.089 P=0.010; OP F(1,54)=3.376 P=0.072; RL F(1,54)=3.200 P=0.079;

P F(1,54)=0.834 P=0.365

³⁰Oneway Anova

Agradável : MS F(1,26)=3.493 P=0.073; Desagradável : MS F(1,26)=4.217 P=0.050

e na ordem sensações/emoções. Atendendo a que é apenas uma das catorze sensações corporais e que as diferenças são pouco significativas, não consideramos este resultado como significativo.

Quadro 3.11 - Sensações corporais : comparação de médias na interacção grupo x ordem filme x ordem escala

SC	Trab.				Alunos				Alunas				Sig ³¹
	ord.AD		ord.DA		ord.AD		ord.DA		ord.AD		ord.DA		
	ord.ES	ord.SE	ord.ES	ord.SE	ord.ES	ord.SE	ord.ES	ord.SE	ord.ES	ord.SE	ord.ES	ord.SE	
AR	1.667	0.667	1.700	1.000	1.833	1.667	1.300	1.833	2.333	2.500	1.800	0.333	NS
CA	0.667	1.167	0.400	0	2.000	1.167	0.800	1.000	1.167	1.167	1.100	0	NS
EN	0.667	0	0	0	0	0.833	0	0	1.333	1.167	0	0	NS
MS	0	0.500	0.400	0	2.000	1.333	0.600	0	1.000	1.333	0.200	0.500	NS
MG	1.000	0	0	0	0	1.500	0.100	0.167	0	0.333	0.300	0.333	*
NA	0.667	0	0	0	0	0.500	0	0	0.833	0.500	0	0	NS
NG	0.667	0.500	0.800	0	0.500	1.333	0.100	0.500	1.500	1.833	0.400	0.333	NS
OP	1.500	0	0.500	0	2.000	1.667	0.400	1.167	1.667	2.667	0.700	0.500	NS
RL	3.333	2.500	3.000	3.333	1.667	2.333	2.600	2.833	2.500	1.333	2.800	2.167	NS
RU	0.667	1.167	0.700	0	1.333	1.000	0.700	1.333	0.167	1.500	0.800	0.833	NS
SE	0.667	0	0	0.167	1.000	1.500	0	1.167	0.167	1.500	0.700	0.500	NS
SF	0.833	0	0	0	0.333	0.833	0.500	0.500	0.333	0.833	0.400	0	NS
P	0.833	0.333	0.100	0	0.500	1.167	0.200	0.500	1.667	2.000	0.900	0	NS
TC	1.500	0.167	0.900	0.833	1.667	2.167	1.100	0.667	1.500	1.667	1.500	2.000	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo													

* $p < 0.05$

** $p < 0.01$

*** $p < 0.001$

NS - Não Significativo

Em seguida analisamos a interacção grupo x ordem do filme, conteúdo (Quadro 3.12), encontrando diferenças pouco significativas e apenas para três das sensações corporais usadas, os enjoos, opressão e tiques, todas mais intensas nas alunas e menos intensas nos trabalhadores. Em relação à ordem dos filmes, os enjoos e opressão são intensos na ordem agradável/desagradável do que na ordem inversa, enquanto os tiques são mais intensos na ordem desagradável/agradável, excepto para os alunos, onde são mais intensos na ordem inversa. Em relação ao conteúdo, a opressão e os tiques são mais

³¹ Testes univariados através da Manova

AR $F(2,60)=1.149$ $P=0.324$; CA $F(2,60)=1.361$ $P=0.264$; EN $F(2,60)=1.367$ $P=0.263$; MS $F(2,60)=0.520$ $P=0.597$; MG $F(2,60)=3.834$ $P=0.027$; NA $F(2,60)=1.747$ $P=0.183$; NG $F(2,60)=0.023$ $P=0.978$; OP $F(2,60)=1.690$ $P=0.193$; RL $F(2,60)=0.719$ $P=0.491$; RU $F(2,60)=1.436$ $P=0.246$; SE $F(2,60)=2.300$ $P=0.109$; SF $F(2,60)=1.331$ $P=0.272$; P $F(2,60)=0.777$ $P=0.465$; TC $F(2,60)=1.004$ $P=0.373$

intensos no filme *desagradável*, enquanto os enjoos são-no apenas no grupo de trabalhadores e alunas, já que para os alunos são mais intensos no filme *agradável*.

Os resultados obtidos apontam também para diferenças pouco significativas, sugerindo que não são muito importantes, embora exista uma maior intensidade na ordem agradável/desagradável e no conteúdo *desagradável*.

Quadro 3.12 - Sensações : comparação de médias para a interacção grupo x ordem do filme x conteúdo

Quadro 5.12 - Censurados - Comparação de medidas de associação para grupos de controle													
SC	Trab.		Alunos				Alunas				ord.DA		Sig. ³²
	ord.AD	ord.DA	ord.AD	ord.DA	ord.AD	ord.DA	ord.AD	ord.DA	ord.AD	ord.DA			
											A	D	
AR	0.833	1.500	1.125	1.750	1.833	1.667	1.000	2.000	1.167	3.667	0.500	2.000	NS
CA	0.667	1.167	0.250	0.250	1.500	1.667	1.000	0.750	1.000	1.333	0.500	0.875	NS
EN	0	0.667	0	0	0.500	0.333	0	0	0	2.500	0	0	*
MS	0.167	0.333	0.250	0.250	1.000	2.333	0.375	0.375	0.667	1.667	0.125	0.500	NS
MG	0.167	0.833	0	0	0.667	0.833	0	0.250	0	0.333	0	0.625	NS
NA	0	0.667	0	0	0.167	0.333	0	0	0	1.333	0	0	NS
NG	0.333	0.833	0	1.000	0.500	1.333	0	0.500	0.167	3.167	0	0.750	NS
OP	0.500	1.000	0	0.625	2.167	1.500	0	1.375	0.667	3.667	0	1.250	*
RL	3.667	2.167	3.875	2.375	2.667	1.333	3.250	2.125	3.167	0.667	3.625	1.500	NS
RU	0.833	1.000	0.375	0.500	1.500	0.833	0.875	1.000	1.000	0.667	0.625	1.000	NS
SE	0	0.667	0	0.125	1.167	1.333	0.125	0.750	0.167	1.500	0	1.250	NS
SF	0	0.833	0	0	0.500	0.667	0.250	0.750	0.167	1.000	0.500	0	NS
P	0	1.167	0	0.125	0.500	1.167	0	0.625	0.833	2.833	0.125	1.000	NS
TC	0.833	0.833	0	1.750	0.833	3.000	0.875	1.000	0.500	2.667	1.250	2.125	*

* $p < 0.05$

** $p < 0.01$

*** $p < 0.001$

NS - Não Significativo

Analizamos também a interacção grupo x ordem do filme (Quadro 3.13), encontrando diferenças pouco significativas e apenas para a manifestação corporal mãos suadas, mais intensa nos alunos e menos intensa nos trabalhadores, sendo também mais intensa na ordem agradável/desagradável, excepto para os trabalhadores, que não diferem quanto à ordem. Encontramos de novo diferenças pouco significativas e apenas para uma das catorze sensações corporais utilizadas, o que parece ser pouco importante.

³²Testes univariados através da Manova

AR $F(2,60)=1.130$ $P=0.330$; CA $F(2,60)=0.071$ $P=0.931$; EN $F(2,60)=4.362$ $P=0.017$; MS $F(2,60)=0.664$ $P=0.519$; MG $F(2,60)=0.673$ $P=0.514$; NA $F(2,60)=1.658$ $P=0.199$; NG $F(2,60)=2.591$ $P=0.083$; OP $F(2,60)=4.083$ $P=0.022$; RL $F(2,60)=0.111$ $P=0.895$; RU $F(2,60)=0.255$ $P=0.776$; SE $F(2,60)=0.469$ $P=0.628$; SF $F(2,60)=1.224$ $P=0.301$; P $F(2,60)=0.590$ $P=0.558$; TC $F(2,60)=3.516$ $P=0.036$

Quadro 3.13 - Sensações : comparação de médias para a interacção grupo x ord. filme

SC	Trab.		Alunos		Alunas		Significância ³³
	ordem AD	ordem DA	ordem AD	ordem DA	ordem AD	ordem DA	
AR	1.167	1.438	1.750	1.500	2.417	1.250	NS
CA	0.917	0.250	1.583	0.875	1.167	0.688	NS
EN	0.333	0	0.417	0	1.250	0	NS
MS	0.250	0.250	1.667	0.375	1.167	0.313	*
MG	0.500	0	0.750	0.125	0.167	0.313	NS
NA	0.333	0	0.250	0	0.667	0	NS
NG	0.583	0.500	0.917	0.250	1.667	0.375	NS
OP	0.750	0.313	1.833	0.688	2.167	0.625	NS
RL	2.917	3.125	2.000	2.688	1.917	2.563	NS
RU	0.917	0.438	1.167	0.938	0.833	0.813	NS
SE	0.333	0.063	1.250	0.438	0.833	0.625	NS
SF	0.417	0	0.583	0.500	0.583	0.250	NS
P	0.583	0.063	0.833	0.313	1.833	0.563	NS
TC	0.833	0.875	1.917	0.938	1.583	1.688	NS

* $p < 0.05$ ** $p < 0.01$ *** $p < 0.001$

NS - Não Significativo

Analizamos também o conteúdo dos filmes (Quadro 3.14), encontrando aqui o maior número de diferenças significativas. As sensações corporais respiração, enjoos, mãos suadas, náuseas, nó na garganta, opressão, sensações no estômago, paralisia e tiques apresentam valores significativamente mais elevados para o *filme desagradável*, enquanto o relaxamento apresenta maior intensidade para o *filme agradável*. Os calores, mau gosto, rubor e frio não apresentam diferenças significativas entre os conteúdos.

³³Testes univariados através da Manova

AR $F(2,60)=1.893$ $P=0.159$; CA $F(2,60)=0.010$ $P=0.990$; EN $F(2,60)=2.409$ $P=0.099$;
 MS $F(2,60)=3.216$ $P=0.047$; MG $F(2,60)=1.765$ $P=0.180$; NA $F(2,60)=0.941$ $P=0.396$;
 NG $F(2,60)=1.791$ $P=0.176$; OP $F(2,60)=1.138$ $P=0.327$; RL $F(2,60)=0.252$ $P=0.778$;
 RU $F(2,60)=0.288$ $P=0.751$; SE $F(2,60)=0.318$ $P=0.729$; SF $F(2,60)=0.218$ $P=0.805$;
 P $F(2,60)=1.190$ $P=0.311$; TC $F(2,60)=1.425$ $P=0.249$

Quadro 3.14. Sensações corporais : comparação de médias para o conteúdo

Sensações corporais	Agradável	Desagradável	Significância ³⁴
Aumento do ritmo respiratório	1.048	2.071	**
Calores	0.786	0.952	NS
Enjoos	0.071	0.500	**
Mãos suadas	0.405	0.833	*
Mau gosto na boca	0.119	0.452	NS
Náuseas	0.024	0.333	**
Nó na garganta	0.143	1.191	***
Opressão no peito	0.476	1.500	***
Relaxamento muscular	3.405	1.738	***
Rubor	0.833	0.833	NS
Sensações no estômago	0.214	0.905	**
Sentir-se frio	0.238	0.500	NS
Sentir-se paralisado	0.214	1.071	**
Tiques no corpo	0.714	1.857	***

* p < 0.05

** p < 0.01

*** p < 0.001

NS - Não Significativo

Por fim, analisamos ainda o efeito de ordem de apresentação dos filmes (Quadro 3.15), encontrando também um grande número de diferenças significativas. As sensações corporais calores, enjoos, mãos suadas, náuseas, nó na garganta, opressão e paralisia apresentam uma intensidade significativamente maior na ordem AD do que na ordem DA, enquanto a respiração, mau gosto, relaxamento, rubor, sensações no estômago, frio e tiques não diferem significativamente entre as ordens.

³⁴Testes univariados através da Manova

AR F(1,60)=9.974 P=0.002; CA F(1,60)=0.305 P=0.583; EN F(1,60)=7.031 P=0.010;
MS F(1,60)=5.515 P=0.022; MG F(1,60)=3.682 P=0.060; NA F(1,60)=7.572 P=0.008;
NG F(1,60)=19.688 P=0.000; OP F(1,60)=12.403 P=0.001; RL F(1,60)=38.420 P=0.000;
RU F(1,60)=0.000 P=1.000; SE F(1,60)=8.378 P=0.005; SF F(1,60)=2.228 P=0.141;
P F(1,60)=11.025 P=0.002; TC F(1,60)=12.940 P=0.001

Quadro 3.15 - Sensações corporais : comparação de médias e significância para a ordem

Sensações corporais	ordem AD	ordem DA	Significância ³⁵
Aumento do ritmo respiratório	1.778	1.396	NS
Calores	1.222	0.604	*
Enjoos	0.667	0	***
Mãos suadas	1.028	0.313	***
Mau gosto na boca	0.472	0.146	NS
Náuseas	0.417	0	**
Nó na garganta	1.056	0.375	**
Opressão no peito	1.583	0.542	***
Relaxamento muscular	2.278	2.792	NS
Rubor	0.972	0.729	NS
Sensações no estômago	0.806	0.375	NS
Sentir-se frio	0.528	0.250	NS
Sentir-se paralisado	1.083	0.313	**
Tiques no corpo	1.444	1.167	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo			

Em relação às sensações corporais podemos concluir que não diferem significativamente consoante o grupo de sujeitos. Apesar dos resultados iniciais sugerirem diferenças entre os três grupos, verificamos que estas ocorriam apenas para quatro das catorze sensações corporais utilizadas. Centrando-nos apenas nestas quatro sensações corporais, verificamos que para três delas as diferenças eram anuladas quando efectuávamos comparações dos grupos dois a dois, atendendo ao efeito das habilitações (trabalhadores versus alunos) ou ao efeito do sexo (alunos versus alunas). Ainda assim uma das sensações corporais continuou a apresentar diferenças significativas entre alunos e trabalhadores. Efectuamos então uma análise separada em função do conteúdo dos filmes, verificando que desapareciam as diferenças significativas entre os dois grupos.

Atendendo às restantes variáveis independentes utilizadas (ordem dos filmes, ordem de apresentação da escala e conteúdo) encontramos algumas interacções significativas, mas estas apareciam para poucas sensações corporais e com valores pouco significativos, sugerindo que não eram resultados relevantes.

³⁵Testes univariados através da Manova

AR F(1,60)=1.794 P=0.186; CA F(1,60)=5.316 P=0.025; EN F(1,60)=12.500 P=0.001;
MS F(1,60)=12.225 P=0.001; MG F(1,60)=3.222 P=0.078; NA F(1,60)=10.081 P=0.002;
NG F(1,60)=8.305 P=0.005; OP F(1,60)=12.952 P=0.001; RL F(1,60)=3.473 P=0.067;
RU F(1,60)=0.628 P=0.431; SE F(1,60)=2.324 P=0.133; SF F(1,60)=1.682 P=0.200;
P F(1,60)=8.930 P=0.004; TC F(1,60)=0.762 P=0.386

As diferenças mais significativas apareceram-nos no efeito de conteúdo e no efeito de ordem de apresentação dos filmes. Assim, o filme de conteúdo *agradável* desencadeia mais intensamente o relaxamento, enquanto o conteúdo *desagradável* desencadeia mais intensamente a respiração, enjoos, mãos suadas, náuseas, nó na garganta, opressão, sensações no estômago, paralisia e tiques. Em relação à ordem dos filmes, esta afecta exactamente metade das sensações corporais, que são mais intensas na ordem agradável/desagradável. A ordem de apresentação da escala também revelou não variar significativamente consoante as condições usadas.

Comparando com os resultados obtidos para as emoções, encontramos as mesmas sensações corporais para os diferentes grupos de sujeitos, distinguindo-se estas nitidamente por conteúdo, embora sejam afectadas pela ordem dos filmes.

Em relação aos resultados obtidos através da escala e tendo em conta o reduzido tamanho da amostra podemos concluir que os dois filmes desencadeiam nos três grupos de sujeitos as mesmas emoções e as mesmas sensações corporais, aparecendo cada filme nitidamente associado a um conjunto de emoções e de sensações corporais. Se desprezarmos o reduzido tamanho da amostra, podemos concluir que na constituição do grupo de controle é indiferente o controle das variáveis sexo e habilitações.

Durante a recolha de dados constatamos que a maioria dos sujeitos referia, a propósito do *filme agradável*, sentir poucas das sensações corporais utilizadas na escala, aproveitando também para espontaneamente criticar os filmes e descrever pensamentos ocorridos durante a apresentação dos filmes. Perante estes factos colocamos a hipótese das sensações corporais continuarem a não ser as mais adequadas, salientando-se também a necessidade de incluir na escala a avaliação das cognições. Decidimos então não avançar para a apresentação dos *filmes droga e crime* ao grupo de alunos, nem aumentar o número de sujeitos para os *filmes agradável e desagradável* de modo a constituírem uma amostra estatisticamente válida. Optámos então por aproveitar os dados disponíveis e analisar o impacto dos *filmes droga e crime*. Socorremo-nos então do grupo de trabalhadores, em que metade dos sujeitos viu os filmes de conteúdo *agradável* e *desagradável* e a outra metade viu os *filmes droga e crime*, tentando

verificar se efectivamente os *filmes droga e crime* desencadeavam emoções e sensações corporais, e se estas eram diferentes consoante o conteúdo do filme.

Começamos por efectuar uma análise de multivariância do tipo 4x2x2x10, usando como variáveis independentes o conteúdo dos filmes (*agradável, desagradável, droga* ou *crime*), a ordem de apresentação dos filmes (*agradável/desagradável*, ou *desagradável/agradável*, e *droga/crime* ou *crime/droga*, tendo considerado apenas as duas ordens relativas aos dois filmes em causa, já que cada sujeito apenas viu dois dos quatro filmes) e a ordem de apresentação da escala (*emoções/sensações* ou *sensações/emoções*). Como variável dependente usamos a média do valor assinalado por emoção.

Através dos dados obtidos (Quadro 3.16) encontramos um efeito altamente significativos para o conteúdo do filme e um efeito pouco significativo para a ordem de apresentação da escala. As restantes interacções entre as variáveis não são significativas, o que sugere que os sujeitos diferenciaram efectivamente os filmes quanto ao seu conteúdo.

Quadro 3.16- Emoções : tipo de interacção

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	p	Significância
conteúdo x ordem filme x ordem escala	3, 40	0.857	0.667	NS
conteúdo x ordem filme	3, 40	1.474	0.089	NS
conteúdo x ordem escala	3, 40	1.344	0.150	NS
conteúdo	3, 40	3.197	0.000	***
ordem filme x ordem escala	1, 40	1.745	0.119	NS
ordem filme	1, 40	0.517	0.851	NS
ordem escala	1, 40	2.244	0.045	*
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Em seguida fomos ver mais pormenorizadamente as variáveis que apresentaram efeitos significativos. Começamos pelo conteúdo (Quadro 3.17), encontrando diferenças significativas para a maioria das emoções, excepto para o interesse, desprezo e culpa. Assim a alegria e a surpresa são mais desencadeadas durante o *filme agradável*, enquanto a angústia, cólera, nojo, medo e vergonha são desencadeadas de modo mais

intenso pelo *filme droga*, embora também existam no *filme desagradável* e no *filme crime*.

Quadro 3.17 - Emoções : comparação de médias para o conteúdo

Emoções	Agradável	Desagradável	Droga	Crime	Significância ³⁶
Interesse	3.643	3.143	2.357	2.929	NS
Alegria	3.857	1.500	0.214	1.429	***
Surpresa	2.214	2.071	1.4298	0.286	**
Angústia	0.071	0.857	2.357	0.143	***
Cólera	0	0.786	2.643	0.643	***
Nojo	0.143	1.571	2.714	1.214	***
Desprezo	0.571	1.571	2.500	1.643	NS
Medo	0	0.857	2.429	0.786	**
Vergonha	0.143	0.143	1.143	0	*
Culpa	0	0	0	0	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo					

Analizamos também a ordem de apresentação da escala (Quadro 3.18), tendo encontrado diferenças significativas apenas para o interesse e surpresa, mais intensos na ordem emoções/sensações do que na ordem inversa. Pensamos que este resultado poderá ser devido ao reduzido tamanho da amostra.

³⁶Testes univariados através da Manova

IN F(3,40)=1.602 P=0.204; AL F(3,40)=14.647 P=0.000; SP F(3,40)=4.326 P=0.010;
AN F(3,40)=9.339 P=0.000; CO F(3,40)=10.914 P=0.000; NJ F(3,40)=7.094 P=0.001;
DE F(3,40)=2.210 P=0.102; ME F(3,40)=5.563 P=0.003; VG F(3,40)=2.883 P=0.048
CL F(3,40)=0.000 P=1.000

Quadro 3.18 - Emoções : comparação de médias para a ordem de ap. da escala

Emoções	ordem ES	ordem SE	Significância ³⁷
Interesse	3.469	2.417	*
Alegria	1.750	1.750	NS
Surpresa	2.000	0.833	***
Angústia	1.063	0.583	NS
Cólera	1.125	0.875	NS
Nojo	1.563	1.208	NS
Desprezo	1.500	1.667	NS
Medo	1.344	0.583	NS
Vergonha	0.469	0.208	NS
Culpa	0	0	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo			

Em relação às emoções verificamos então que diferem significativamente entre os quatro filmes apresentados, sendo contudo o interesse e a surpresa afectados pela ordem de apresentação da escala, facto que atribuímos ao reduzido tamanho da amostra.

Tendo verificado que os filmes podem ser discriminados em termos de emoções, fomos analisar as sensações corporais desencadeadas. Efectuamos uma análise de multivariância do tipo 4x2x2x10, usando como variáveis independentes o conteúdo dos filmes (*agradável, desagradável, droga* ou *crime*), a ordem de apresentação dos filmes (*agradável/desagradável* ou *desagradável/agradável*, e *droga/crime* ou *crime/droga*, tendo considerado apenas as duas ordens relativas aos dois filmes em causa, já que cada sujeito apenas viu dois dos quatro filmes) e a ordem de apresentação da escala (emoções/sensações ou sensações/emoções). Como variável dependente usamos a média do valor assinalado por sensação corporal.

Através dos dados obtidos (Quadro 3.19) verificamos que nenhuma das variáveis apresenta efeitos ou interacções significativos, nem mesmo para o conteúdo dos filmes.

³⁷Testes univariados através da Manova

IN F(1,40)=6.587 P=0.014; AL F(1,40)=0.008 P=0.931; SP F(1,40)=11.840 P=0.001;
AN F(1,40)=3.115 P=0.085; CO F(1,40)=1.351 P=0.252; NJ F(1,40)=1.975 P=0.168;
DE F(1,40)=0.036 P=0.851; ME F(1,40)=3.995 P=0.052; VG F(1,40)=1.081 P=0.305;
CL F(1,40)=0.000 P=1.000

Quadro 3.19 - Emoções : tipo de interacção

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	p	Significância
conteúdo x ordem filme x ordem escala	3, 40	1.271	0.179	NS
conteúdo x ordem filme	3, 40	0.689	0.901	NS
conteúdo x ordem escala	3, 40	0.759	0.829	NS
conteúdo	3, 40	1.058	0.406	NS
ordem filme x ordem escala	1, 40	2.052	0.054	NS
ordem filme	1, 40	1.042	0.443	NS
ordem escala	1, 40	0.981	0.493	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Apesar de não termos encontrado diferenças significativas quanto ao conteúdo, fomos verificar qual a média obtida em cada sensação corporal por cada um dos filmes (Quadro 3.20), tendo constatado que excepto para o relaxamento muscular, todas as restantes sensações corporais apresentam valores muito baixos, sugerindo que não foram praticamente desencadeadas pelos filmes.

Quadro 3.20 - Sensações corporais : comparação de médias entre filmes

Sensações corporais	Agradável	Desagradável	Droga	Crime
Aumento do ritmo respiratório	1.000	1.643	1.071	0.143
Calores	0.429	0.643	0.857	0.429
Enjoos	0	0.286	0.286	0
Mãos suadas	0.214	0.286	0	0
Mau gosto na boca	0.071	0.357	0.214	0
Náuseas	0	0.286	0	0
Nó na garganta	0.143	0.929	0.500	0
Opressão no peito	0.214	0.786	0.929	0.143
Relaxamento muscular	3.786	2.286	2.357	3.071
Rubor	0.571	0.714	0.714	0.500
Sensações no estômago	0	0.357	0.357	0.143
Sentir-se frio	0	0.357	0	0
Sentir-se paralisado	0	0.571	0.571	0
Tiques no corpo	0.357	1.357	0.786	0.500
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Em relação à avaliação dos *filmes droga e crime* constatamos que efectivamente desencadeiam emoções e estas diferem significativamente das emoções desencadeadas pelos *filmes agradável e desagradável*. Contudo, no que se refere às sensações

corporais, na amostra utilizada não há diferenças significativas, tendo estas sido pouco sentidas durante os filmes. Tal como no grupo de sujeitos utilizados a propósito da constituição do grupo de controle, também foram efectuadas críticas quanto à escala das sensações corporais, bem como comentários a propósito das cenas dos filmes, sobretudo no *filme droga*, confirmando a necessidade de avaliar as cognições.

No que se refere à constituição do grupo experimental, perante as críticas encontradas, decidimos continuar a aplicar esta versão da escala, verificando se neste grupo ela suscitaria o mesmo tipo de dúvidas e de críticas. Assim, formamos quatro grupos, respectivamente, toxicodependentes, toxicodependentes-delinquentes, delinquentes e grupo de controle, já definidos na alínea da Metodologia. Tal como no grupo de trabalhadores, não foi possível apresentar os quatro filmes aos mesmos sujeitos, o que faz com que cada subgrupo experimental e o grupo de controle tenham um reduzido número de sujeitos, limitando à partida as nossas conclusões (Quadro 3.21).

Quadro 3.21 - Distribuição dos sujeitos por filme e grupo

filme	controle	toxicodependentes	delinquentes	toxicodependentes delinquentes
agradável e desagradável	13	4	9	5
droga e crime	19	8	12	8

Dado o reduzido número de sujeitos por grupo, desprezamos as análises quanto à ordem de apresentação dos filmes e quanto à ordem de apresentação da escala, centrando-nos apenas nas diferenças entre grupos de sujeitos e conteúdos dos filmes.

Começamos por efectuar uma análise de multivariância do tipo 4x4x10, usando como variáveis independentes o grupo (controle, toxicodependentes, delinquentes e toxicodependentes delinquentes) e o conteúdo do filme (*agradável*, *desagradável*, *droga* ou *crime*), e como variável dependente a média do valor assinalado por emoção.

Através dos dados obtidos (Quadro 3.22) encontramos um efeito significativo apenas para o conteúdo do filme, não encontrando diferenças para o grupo nem para a interacção grupo x conteúdo.

Quadro 3.22- Emoções : tipo de interacção

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	p	Significância
grupo x conteúdo	9,136	0.999	0.486	NS
grupo	3,136	0.991	0.482	NS
conteúdo	3,136	4.988	0.000	***
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Analisando com mais pormenor o efeito conteúdo (Quadro 3.23), não encontramos diferenças significativas entre os filmes para as emoções interesse, surpresa e vergonha. A alegria é desencadeada de modo significativamente mais intenso pelo *filme agradável*, enquanto a angústia, cólera, nojo, desprezo, medo e culpa são desencadeadas mais intensamente pelo *filme droga*. O *filme crime* desencadeia também as mesmas emoções que o *filme droga*, mas de modo menos intenso, enquanto o *filme desagradável*, apesar de desencadear também as mesmas emoções, apresenta valores inferiores aos do filme sobre crime, excepto para a emoção nojo.

Quadro 3.23 - Emoções : comparação de médias para o conteúdo

Emoções	Agradável	Desagradável	Droga	Crime	Significância ³⁸
Interesse	3.452	3.290	2.889	2.889	NS
Alegria	3.387	0.968	0.400	0.622	***
Surpresa	2.387	1.645	2.244	2.333	NS
Angústia	0.290	1.387	2.711	1.689	***
Cólera	0.097	0.871	2.689	2.044	***
Nojo	0.097	2.000	2.600	1.444	***
Desprezo	0.194	0.742	2.356	1.378	***
Medo	0	0.934	2.044	1.044	***
Vergonha	0.065	0.258	0.800	0.556	NS
Culpa	0	0.032	0.733	0.356	*
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo					

Tendo verificado que os filmes de diferentes conteúdos desencadeiam diferentes emoções, e que não há diferenças significativas entre os quatro grupos de sujeitos, fomos em seguida analisar as sensações corporais. Efectuamos uma análise de multivariância do tipo 4x4x14, usando como variáveis independentes o grupo (controle, toxicodependentes, delinquentes e toxicodependentes-delinquentes) e o conteúdo do filme (*agradável*, *desagradável*, *droga* ou *crime*), e como variável dependente a média do valor assinalado por sensação corporal.

Através dos dados obtidos (Quadro 3.24) verificamos que nenhuma das variáveis apresenta efeitos ou interacções significativos, nem mesmo para o conteúdo dos filmes

Quadro 3.24- Sensações corporais : tipo de interacção

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	p	Significância
grupo x conteúdo	9,136	0.686	0.996	NS
grupo	3,136	1.013	0.453	NS
conteúdo	3,136	1.192	0.200	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

³⁸Testes univariados através da Manova

IN F(3,136)=1.058 P=0.369; AL F(3,136)=27.780 P=0.000; SP F(3,136)=1.622 P=0.187;
AN F(3,136)=9.824 P=0.000; CO F(3,136)=15.023 P=0.000; NJ F(3,136)=9.413 P=0.000;
DE F(3,136)=8.556 P=0.000; ME F(3,136)=7.340 P=0.000; VG F(3,136)=2.286 P=0.082
CL F(3,136)=3.075 P=0.030

Apesar de não termos encontrado diferenças significativas quanto ao conteúdo, fomos verificar qual a média obtida em cada sensação corporal por cada um dos filmes (Quadro 3.25), tendo constatado que excepto para o relaxamento muscular, todas as restantes sensações corporais apresentam valores baixos, sugerindo que foram pouco desencadeadas pelos filmes. Notamos também que algumas sensações corporais, apesar das diferenças não serem significativas, apresentam valores mais elevados para os *filmes droga e crime* do que para os *filmes agradável e desagradável*.

Quadro 3.25 - Sensações corporais : comparação de médias entre filmes

Sensações corporais	Agradável	Desagradável	Droga	Crime
Aumento do ritmo respiratório	0.516	1.581	1.533	1.289
Calores	0.226	0.323	0.911	0.533
Enjoos	0.032	0.226	0.644	0.356
Mãos suadas	0.129	0.129	1.022	0.889
Mau gosto na boca	0.226	0.290	0.889	0.556
Náuseas	0.097	0	0.822	0.089
Nó na garganta	0.097	0.452	1.200	0.756
Opressão no peito	0.258	0.516	1.333	1.111
Relaxamento muscular	3.129	2.613	2.400	2.822
Rubor	0.290	0.290	0.844	0.489
Sensações no estômago	0.097	0.484	0.089	0.800
Sentir-se frio	0.387	0.452	1.133	1.044
Sentir-se paralisado	0.677	1.000	1.489	1.111
Tiques no corpo	1.032	1.387	1.956	2.067
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Através dos dados obtidos, encontramos de novo diferenças entre os filmes através das emoções, mas não através das sensações corporais, sendo estas pouco desencadeadas. As análises efectuadas em função do grupo não permitiram encontrar diferenças significativas, o que é poderá ser explicado pelo reduzido tamanho dos grupos. No entanto, mais importante do que as conclusões a retirar da análise dos dados, parece-nos ser o facto de durante a recolha de dados os sujeitos espontaneamente criticarem os filmes, sobretudo os *filmes droga e crime*, o que confirma a necessidade de incluir a avaliação das cognições.

4. Conclusões

Tendo como principal objectivo avaliar a terceira versão da escala, aproveitamos a recolha de dados efectuada junto de diferentes grupos de sujeitos, para definir a constituição do grupo de controle e do grupo experimental, bem como para avaliar o impacto do *filme droga e do filme crime*. Apesar de termos utilizado amostras de tamanho reduzido e por isso estatisticamente não significativas, foi possível constatar que em qualquer um dos grupos utilizados (trabalhadores, estudantes ou sujeitos com comportamentos de droga e/ou crime), todos os filmes desencadeavam emoções significativamente diferentes. Assim, o *filme agradável* desencadeava de modo mais intenso alegria, enquanto as emoções angústia, cólera, nojo, desprezo e medo são mais intensas, por ordem decrescente respectivamente no *filme droga*, *filme crime* e *filme desagradável*. Em relação às sensações corporais verificamos que são sempre pouco desencadeadas, qualquer que seja o filme.

Quanto às diferenças entre grupos, não encontramos diferenças entre trabalhadores e alunos, nem entre alunos e alunas para a constituição do grupo de controle, nem entre grupo de controle e toxicodependentes e/ou delinquentes, não podendo contudo tirar qualquer conclusão válida atendendo ao pequeno tamanho das amostras. No entanto durante a aplicação da escala os sujeitos efectuaram algumas críticas na avaliação das sensações corporais, referindo não sentir as sensações que lhes eram apresentadas, o que nos levou a concluir que os itens utilizados não seriam os mais adequados. Efectuaram também alguns comentários sobre os filmes, nomeadamente nos *filmes droga e crime*, comentários estes bastante diferentes entre toxicodependentes e delinquentes, e que não podiam ser recolhidos segundo esta versão da escala. Decidimos então reformular a escala, alterando a avaliação das sensações corporais e incluindo a avaliação das cognições. Quanto aos estímulos, consideramos importante serem apresentados a cada sujeito os quatro filmes, de modo a poder comparar o seu impacto no mesmo sujeito.

Avançamos então para a construção de uma quarta versão da escala, que descrevemos seguidamente.

5. Construção da quarta versão da escala

Para a construção desta nova versão baseamo-nos nas críticas efectuadas à terceira versão, e antes de avançarmos para a inclusão das cognições na escala, optamos por resolver a questão das sensações corporais, aproveitando também para confirmar se os termos utilizados para a avaliação das emoções seriam os mais adequados.

Decidimos então construir uma escala de resposta aberta, procurando saber quais as palavras que os sujeitos referem para avaliar as emoções e para avaliar as sensações corporais. Socorremo-nos da situação desencadeadora sugerida para a segunda versão da escala, fazendo apelo a uma situação real memorizada pelo sujeito. Como na segunda versão eram consideradas duas situações, uma de conteúdo agradável e outra de conteúdo desagradável, decidimos incluir uma terceira situação, neutra, na qual não definimos a situação a evocar, precisamente para os sujeitos referirem qualquer situação. Para qualquer uma das situações era pedido ao sujeito para descrever um acontecimento e em seguida indicar as emoções e os sintomas físicos que tivesse sentido a propósito desse acontecimento. Pretendíamos deste modo conhecer quais as palavras mais usadas para as emoções e para as sensações corporais, sabendo já pelas anteriores versões da escala quais as emoções e quais as sensações corporais desencadeadas por uma situação agradável e por uma situação desagradável, real ou apresentada em filme.

Apresentamos em Anexo a quarta versão da escala, notando apenas que cada sujeito passou apenas por uma situação e por uma ordem de avaliação das emoções e das sensações corporais.

6. Metodologia

6.1. Sujeitos

Dada a impossibilidade de utilizar como sujeitos um grupo de trabalhadores, optámos por alunos, mas de outras licenciaturas que não a de Psicologia, por estes terem

acesso frequente a questionários. As licenciaturas escolhidas dependeram das facilidades de recolha dos dados.

Para a aplicação desta quarta versão da escala utilizamos inicialmente um grupo de 26 alunos do 3º ano da licenciatura em Medicina pelo I.C.B.A.S.U.P. (ano lectivo de 1993/94) sendo 7 do sexo masculino e 19 do sexo feminino, cujas idades variavam entre os 20 e os 33 anos (média =21.33, desvio padrão= 2.61). Como esta amostra não era estatisticamente significativa, constituímos um segundo grupo, formado por 99 alunos do 1º ano da licenciatura em Educação Física da F.C.D.E.F.U.P. (ano lectivo de 1993/94), sendo 45 do sexo masculino e 54 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 17 e os 26 anos (média=19.97, desvio padrão=1.76).

6.2. Procedimento

Utilizamos um procedimento de recolha de dados baseado nos trabalhos de Scherer (1988a) e de Van Goozen e Fridja (1993). Cada sujeito respondeu apenas a uma das três situações possíveis (agradável, desagradável ou neutra), e dentro destas metade dos sujeitos passou pela ordem emoções/sensações e a outra metade pela ordem inversa. Em relação às sensações corporais, utilizamos propositadamente os termos *sintomas físicos ou sensações corporais* para realçar que pretendíamos conhecer as respostas fisiológicas.

A escala foi preenchida durante uma aula prática, sendo apenas pedido aos sujeitos para colaborarem numa investigação a decorrer na Universidade do Porto. Não foram colocadas questões sobre o preenchimento da escala e este demorou cerca de 20 minutos, sendo as instruções dadas por um experimentador do sexo feminino desconhecido para os sujeitos. O grupo de alunos de Medicina respondeu à escala na Faculdade de Psicologia, sendo esta preenchida por todos os sujeitos no mesmo dia. O grupo de alunos de Educação Física preencheu a escala em grupos de cerca de 30 sujeitos cada, tendo a recolha de dados decorrido durante a mesma semana da recolha do primeiro grupo e nas instalações da própria faculdade.

6.3. Análise e transformação dos dados

A análise que efectuamos consistiu em listar os termos referidos a propósito das emoções e dos sintomas físicos, separadamente para o conteúdo agradável e para o conteúdo desagradável. Notamos que frequentemente os sujeitos misturavam estas duas categorias de palavras, não seguindo a ordem pedida na escala, o que nos levou a não efectuar análises quanto à ordem de avaliação das emoções/sintomas físicos. Também encontramos bastantes palavras que não se referiam especificamente a emoções ou a sintomas físicos, incluindo então nas emoções aspectos psicológicos e nas sensações corporais sintomas físicos e aspectos fisiológicos.

Ao efectuarmos a listagem de termos usados para as emoções e para as sensações corporais encontramos uma grande variedade de palavras, optando-se por contar para cada uma o número de sujeitos que as referiam, de modo a termos uma ideia da sua frequência a propósito da avaliação da situação. Efectuamos deste modo uma análise descritiva dos dados obtidos.

7. Resultados

Tendo utilizado como sujeitos alguns alunos do curso de Medicina, pensamos que estes poderiam ter melhor conhecimento de sintomas físicos. Efectuamos então uma breve análise inicial, que nos permitiu verificar que não utilizavam termos qualitativa nem quantitativamente diferentes dos referidos pelos alunos de Educação Física, passando a considerar os resultados do grupo total de sujeitos.

Em relação à situação desencadeadora, na situação desagradável e na agradável encontramos 42 sujeitos, enquanto na neutra encontramos 41 sujeitos. Analisando esta última verificamos que apenas 2 sujeitos referiram situações neutras, enquanto os restantes referiram situações que podemos considerar com agradáveis (12 sujeitos) ou como desagradáveis (27 sujeitos). Assim, para a análise foram eliminados os dois casos de situação neutra e considerados no total 54 casos de situação agradável e 69 de situação desagradável.

Em relação às emoções começamos por discriminar as palavras utilizadas na terceira versão, acrescentando apenas a palavra surpresa, uma vez que esta é designada através do espanto, pasmo e inesperado (Quadro 7.1). Verificamos que todas as emoções primárias são referidas, embora os três sinónimos só apareçam simultaneamente no interesse, alegria e angústia. No caso da surpresa nenhum dos sinónimos escolhidos foi referido, sendo utilizada apenas a palavra surpresa. A cólera nem sequer foi referida, mas a ira e sobretudo a raiva já o foram. No nojo apenas a palavra repugnância não foi referida, enquanto para o desprezo só este foi utilizado, não sendo referidos o desdém e o menosprezo. No medo só não foi considerado o temor, enquanto na vergonha e na culpa não foi referido nenhum dos sinónimos, mas apenas a emoção primária.

Quadro 7.1 - Nº de sujeitos por emoção usada na versão 3 e discriminada por conteúdo

Emoções	Agradável	Desagradável	Total
Interesse	1	0	1
Curiosidade	3	2	5
Atenção	0	1	1
Alegria	44	0	44
Felicidade	18	0	18
Contentamento	5	0	5
Surpresa	4	3	7
Espanto	0	0	0
Pasmo	0	0	0
Inesperado	0	0	0
Angústia	0	17	17
Aflicção	0	6	6
Agonia	0	2	2
Ira	0	2	2
Raiva	0	12	12
Cólera	0	0	0
Repugnância	0	0	0
Repulsão	0	1	1
Nojo	0	1	1
Desprezo	0	3	3
Desdém	0	0	0
Menosprezo	0	0	0
Medo	6	19	25
Temor	0	0	0
Receio	2	1	3
Acanhamento	0	0	0
Timidez	0	0	0
Vergonha	0	3	3
Transgressão	0	0	0
Delito	0	0	0
Culpa	0	3	3

Através dos dados verificamos que as emoções primárias são espontaneamente referidas pelos sujeitos, o que sugere que a escala das emoções está adequada ao que pretendemos medir. Verificamos ainda que em algumas emoções são também referidos espontaneamente os sinónimos por utilizados nas versões anteriores da escala, demonstrando que permitem uma melhor avaliação das emoções em causa.

Para além destas palavras referidas às emoções, encontramos muitas outras, que optámos por ordenar de acordo com a sua frequência, de modo a ficarmos com uma ideia das palavras mais referidas (Quadro 7.2). No entanto relembramos que estas não se

referem apenas a emoções mas a aspectos que consideramos de natureza psicológica, por oposição ao fisiológico que incluímos nas sensações corporais.

Encontramos um grande número de palavras referidas por poucos sujeitos, mas chamamos a atenção para palavras nitidamente associadas ao conteúdo agradável, como é o caso da euforia, entusiasmo, prazer, excitação e satisfação, quando na escala EESC apenas a alegria é nitidamente associada a este conteúdo. Encontramos também a ansiedade, tristeza e nervosismo a serem muito referidas, apesar da ansiedade ter sido utilizada na construção da terceira versão da escala. A tristeza não foi utilizada na construção da escala por não ser uma das dez emoções primárias, enquanto o nervosismo nos parece ser um termo ambíguo, que apela simultaneamente para um estado psicológico e para respostas fisiológicas, não parecendo adequado como sinónimo de nenhuma das emoções primárias.

Quadro 7.2. - Nº de sujeitos que refere cada termo relativo às emoções, por conteúdo

Termos (emoções)	A	D	Total
afecto, amargura, apatia, calma, carência, compaixão, desagradável, descontentamento, desencanto, discriminação, falsidade, horror, indiferença, injustiça, insatisfação, melancolia, rejeição, remorso, resignação, sensação de morrer, sensibilidade, simpatia, vingança, vontade de desaparecer, vontade de desistir, vontade de mudar a situação.	0	1	1
aconchego, ajuda, compensação, compreensão, divertimento, fraternidade, glória, harmonia, loucura, paixão, pressão, protecção, responsabilidade, sentimento de estar vivo, ternura, vitória, tranquilidade, triunfo.	1	0	1
chatice, choque, desamparo, desconfiança, descontrolo emocional, desinteresse, desmotivação, força interior, humilhação, incompreensão, incredibilidade, infelicidade, inferioridade, inutilidade, ódio, pânico, perturbação, pessimismo.	0	2	2
actividade, expectativa, motivação.	1	1	2
carinho, delírio, fascínio, gozo, ilusão, impaciência, importância, serenidade, vontade de festejar.	2	0	2
desgosto, dívida, fúria, incerteza, inquietação, vontade de não fazer nada.	0	3	3
desalento	1	2	3
confiança	2	1	3
amizade, apreensão, comoção.	3	0	3
perda	0	4	4
depressão, pena, stress	1	3	4
preocupação.	2	2	4
paz	3	1	4
boa disposição, emoção, entreajuda, orgulho, riso, vontade de gritar.	4	0	4
revolta, solidão, vazio, irritação	0	5	5
esperança, tensão	2	3	5
estabilidade, liberdade	5	0	5
desilusão, impotência	0	6	6
confusão	2	4	6
admiração, segurança	4	2	6
amor	5	1	6
euforia	6	0	6
realização	6	1	7
entusiasmo	7	0	7
dor	3	5	8
prazer	8	0	8
saudade	4	5	9
excitação	7	2	9
satisfação	9	0	9
choro	2	8	10
desespero	0	11	11
desanimo	1	10	11
insegurança	3	8	11
frustração	1	17	18
ansiedade	12	7	19
tristeza	3	26	29
nervosismo	14	22	36

Através dos dados obtidos para as emoções, parece poder-se dizer que a terceira versão da escala, no que se refere às emoções, está adequada ao que pretendemos medir, sendo no entanto necessário incluir a emoção tristeza.

No que diz respeito às sensações corporais, consideramos também a listagem de sensações referidas, separando contudo as sensações utilizadas na primeira e terceiras versões da escala (Quadro 7.3), vendo que na primeira versão não são referidas espontaneamente seis das catorze sensações corporais, especificamente, a atenção, aumento dos batimentos cardíacos e do ritmo respiratório, bola no estômago, opressão no peito e vontade de fugir. Na terceira versão há quatro das catorze sensações corporais que não são referidas, concretamente o aumento do ritmo respiratório, opressão no peito, sensações no estômago e tiques no corpo. Todas as outras são referidas, mesmo que por apenas um sujeito.

Quadro 7.3 - N° de sujeitos por sensação, conteúdo e versão da escala

Sensações Corporais	Agradável	Desagradável	Total
	1ª versão da escala		
Atenção	0	0	0
Suores	7	5	12
Aumento Batimentos Cardíacos	0	0	0
Aumento Ritmo Respiratório	0	0	0
Tensão Muscular	3	1	4
Tremor	1	3	4
Bola no Estômago	0	0	0
Opressão no Peito	0	0	0
Rubor Facial	1	1	2
Mau Gosto na Boca	1	0	1
Náuseas	0	1	1
Sentir-se Frio	6	0	6
Sentir-se paralisado	1	1	2
Sentir Vontade de Fugir	0	0	0
	3ª versão da escala		
Aumento do Ritmo Respiratório	0	0	0
Calores	10	9	19
Enjoos	0	0	0
Mãos Suadas	0	2	2
Mau Gosto na Boca	1	0	1
Náuseas	0	1	1
Nó na Garganta	1	0	1
Opressão no Peito	0	0	0
Relaxamento Muscular	6	1	7
Rubor	1	1	2
Sensações no Estômago	0	0	0
Sentir-se Frio	6	0	6
Sentir-se Paralisado	1	1	2
Tiques no Corpo	0	0	0

Através dos dados obtidos verificamos que os itens considerados na terceira versão da escala não parecem afinal estar desadequados. No entanto, fomos ainda ver quais as palavras espontaneamente referidas pelos sujeitos e não utilizadas na primeira e terceira versão da escala (Quadro 7.4), verificando que a maioria das palavras é referida por poucos sujeitos e que eram palavras utilizadas na segunda versão da escala. As palavras mais referidas para a situação agradável especificamente são o cansaço, arrepios, leveza e taquicardia, enquanto para a situação desagradável encontramos o cansaço, mal estar, fraqueza e dor de cabeça, algumas também já referidas na segunda versão da escala.

Quadro 7.4 - N° de sujeitos que refere cada item das sensações, por conteúdo

Termos (sensações)	A	D	Total
arranhões, borbulhas na face, diarreia, dor nas costas, falta de concentração, falta de equilíbrio, olhos a arder, ossos partidos, palidez, picadas no corpo, pisaduras, vômitos, zumbido.	0	1	1
fome, lesões, palpitações	1	0	1
dor no peito, dor nos braços, mãos trémulas, olheiras	0	2	2
dor nos músculos, emagrecimento, corar	1	1	2
lágrimas, sede	2	0	2
cegueira, peso nas pernas, mãos frias	0	3	3
falta de apetite, falta de ar	1	2	3
tensão alta, fadiga	2	1	3
força	4	0	4
dor no corpo	1	4	5
pernas a tremer	2	3	5
leveza	5	0	5
suores frios, tonturas	1	5	6
energia	3	3	6
insónia	1	6	7
arrepios	7	2	9
dor de estômago	4	6	10
fraqueza	0	11	11
dor de cabeça	2	9	11
mal estar	1	11	12
taquicardia	5	8	13
cansaço	18	22	32

Através dos dados obtidos concluímos também que os termos seleccionados para a terceira versão parecem estar adequados ao que estamos a medir. Não efectuamos então outro tipo de análises, extraindo algumas conclusões quanto a esta versão da escala.

8. Conclusões

Partindo das críticas feitas à terceira versão da escala construímos uma escala de resposta aberta, tentando ver quais as palavras mais referidas como emoções e como sensações corporais a propósito de uma situação agradável e de uma situação desagradável.

Nas análises efectuadas efectuou-se apenas a contagem da frequência de sujeitos por palavras, tentando ver se nas palavras referidas espontaneamente se encontravam as utilizadas na terceira versão da escala. Para as emoções verificamos que todas as emoções primárias foram referidas, quer pela sua designação, quer através dos sinónimos seleccionados para a terceira versão da escala, o que permite concluir que devemos continuar a utilizar as três palavras para cada emoção. É contudo necessário introduzir a emoção tristeza e seus sinónimos, visto ter sido bastante referida.

Em relação às sensações corporais, estas pareciam não ser as mais adequadas. No entanto verificamos que a maioria delas foi espontaneamente referida pelos sujeitos, e que as poucas sensações referidas por bastantes sujeitos não parecem ser as mais adequadas aos estímulos a utilizar. Contudo, algumas das sensações corporais que tinham sido utilizadas apenas na primeira versão da escala são espontaneamente referidas (ex: suores, tremor e tensão muscular), o que nos levou a alterar a avaliação das sensações corporais, de modo a serem incluídos todos os itens utilizados na primeira e na terceira versões da escala.

Perante os resultados obtidos avançamos para a construção da quinta versão da escala, que descrevemos seguidamente, efectuando também a sua aplicação ao comportamento desviante.

Capítulo VIII

Emoções, sensações e cognições no comportamento desviante

1. Introdução

Após termos reformulado de novo a escala, consideramos que depois de incluída a avaliação das cognições esta estaria preparada para a sua aplicação ao comportamento desviante. Definimos então o desenho experimental definitivo e efectuamos a recolha de dados nos sujeitos toxicodependentes e/ou delinquentes, bem como no grupo de controle. Por fim, efectuamos a análise e discussão dos resultados obtidos.

2. Definição do desenho experimental

O desenho experimental definitivo corresponde aos objectivos do trabalho, que recorde-se, consistem em analisar as emoções enquanto subsistema da personalidade através da articulação do estrato expressivo-emotivo com os estratos neurofisiológico e cognitivo da personalidade. Esta articulação foi operacionalizada na avaliação das emoções, sensações corporais e cognições desencadeadas por um conjunto de estímulos visuais específicos. Descrevemos seguidamente a versão definitiva da escala construída, os estímulos e material utilizados, a caracterização dos sujeitos utilizados, o procedimento, a análise e transformação dos dados, e por fim as hipóteses formuladas.

2.1. Quinta versão da EESC96

Partindo de dez emoções primárias e de catorze sensações corporais avaliadas na primeira versão da escala, efectuamos sucessivas modificações em função dos resultados obtidos até encontramos um conjunto de onze emoções primárias e dezanove sensações corporais. Através das críticas efectuadas à terceira versão da escala e também com base na quarta versão, verificamos que os sujeitos referiam sentir tristeza, emoção que em trabalhos posteriores Izard (1991) considera também como primária. Decidimos incluí-la

na escala, utilizando por sugestão de Paez (1995)³⁹, como sinónimos os termos desânimo e desmoralização, termos estes utilizados na versão espanhola da Differential Emotion Scale desenvolvida por Izard. Atendendo a esta versão colocamos a tristeza entre a vergonha e a culpa.

No que se refere às sensações corporais, efectuamos entre a primeira e a última versão algumas alterações, utilizando um conjunto de dezanove sensações corporais, que ordenamos alfabeticamente.

Relativamente às cognições, inicialmente pensamos em utilizar uma escala semelhante à das emoções e das sensações corporais, construída a partir das cognições descritas por Izard (1991), por Izard e col. (1993), e por Roseman e col. (1994) como estando associados a cada emoção primária. No entanto estas cognições além de incluírem na sua descrição as emoções primárias (por exemplo para a emoção nojo pensar que algo é repulsivo) eram bastante globais, o que nos levou a prever que não discriminariam pormenorizadamente os quatro filmes. Além disso, utilizando uma escala deste tipo continuaríamos a não incluir os comentários espontaneamente feitos pelos sujeitos. Optámos então por um questionário de resposta aberta, pedindo aos sujeitos para escreverem aquilo em que estavam a pensar durante a apresentação dos filmes ou no final destes, podendo escrever tudo o que pretendessem. Esta forma de avaliar as cognições foi testada num estudo piloto com alguns sujeitos toxicodependentes e/ou delinquentes, verificando-se que apesar de algumas dificuldades de expressão os sujeitos facilmente concordavam em escrever os seus pensamentos. Os dados obtidos permitiram também verificar que a descrição das cognições por tema ou assunto seria a melhor forma de análise.

Consideramos então que a escala estaria preparada para a sua aplicação ao comportamento desviante, apresentando em Anexo a sua versão definitiva, bem como as instruções de preenchimento.

³⁹ Dário Paez (1995) Comunicação pessoal

2.2. Estímulos

Durante a construção e reformulação da escala efectuamos também a avaliação dos estímulos, tendo constatado na primeira e terceira versões da EESC96 que os filmes de conteúdo *agradável*, *desagradável*, *droga* e *crime* efectivamente desencadeavam emoções e sensações corporais diferentes. Optámos por não modificar o seu conteúdo (já descrito e justificado pormenorizadamente no Capítulo V, alínea 2), nem duração (cinco minutos cada filme) sendo o *filme agradável* constituído por cenas descritas como cómicas, agradáveis e divertidas, retiradas da película *Gente Gira é outra coisa* (1990, de Y. Barkan e I. Shilon).

O *filme desagradável* consistiu num conjunto de cenas extraídas das películas *Os Salteadores da Arca Perdida* (1981, de S. Spielberg), *Indiana Jones e o Templo Maldito* (1984, de S. Spielberg), *A Guerra do Fogo* (1981, de J. J. Annaud) e *Predador* (1987, de J. McTiernan), apresentando estas cenas cobras e lobos a atacar seres humanos, insectos e aranhas em cima do corpo, e também cadáveres esfolados e ensanguentados.

O *filme droga* foi constituído por cenas de preparação e consumo de droga, sobretudo por injeção ou inalação, extraídas de vários programas de televisão e do filme *Christiane F.* (1980, de U. Edel).

Por fim, o *filme crime* consistiu num conjunto de cenas com vários tipos de crime, tendo incluído um assalto a uma cabine de um parque de estacionamento, partindo os vidros desta e roubando o dinheiro da caixa registadora, seguida de fuga à polícia (*Christiane F.*, 1980, de U. Edel), assassinio com arma de fogo de um homem que telefona numa cabine, tiroteio com polícia e abate do assassino (*Um polícia a abater*, 1990, de D. Lowry), assalto a uma loja, com assaltantes encapuçados e com arma de fogo, e posterior fuga (*Capitães de Areia*, RTP2, 1994), assalto a uma farmácia com entrada por uma janela, arrombamento de gavetas e de armário com um barra metálica (*No trilho da droga*, 1992, de G. Van Sant), assalto de automóvel em semáforo, com ameaça de arma branca (*Teias da lei*, RTP2, 1995), rapto de homem na rua e violência física contra este para entrar em automóvel (*BZ, viagem alucinante*, 1990, de A. Lyne), violência física contra uma mulher e roubo de porta-moedas dentro de casa (*Pesadelo*,

1989, de J. Patterson), e por fim uma cena com violência física contra uma mulher, tiroteio e degolação de um homem com arma branca (*Caçada infernal*, 1990, de J. A. Gallaher).

Dentro de cada filme as diferentes cenas foram gravadas sem intervalos entre si, mesmo sendo de películas cinematográficas diferentes e cada um dos quatro conteúdos foi gravado numa cassete vídeo diferente para facilitar a manipulação dos estímulos.

Tendo em consideração que na teoria do sujeito autopoietico (Agra, 1990a, 1991a) quer a droga, quer o crime podem ser considerados um esforço de autocriação com significado existencial e social, consideramos os *filmes agradável e desagradável* como uma situação não significativa para os sujeitos e os *filmes droga e crime* como uma situação com significado. Apesar desta atribuição de significado fazer sentido apenas para os sujeitos com comportamentos desviantes, utilizamos esta designação também para o grupo de controle.

2.3. Material

A apresentação dos estímulos visuais foi efectuada num televisor com écran policromático, situado em frente ao sujeito e distando deste 1,5 metros. Os estímulos foram gravados em quatro cassetes VHS 180m uma para cada um dos conteúdos, sendo a sua apresentação controlada através de um videogravador manipulado fora do campo de visão do sujeito. A marca e modelo do televisor e do videogravador variaram consoante o local de recolha dos dados.

A avaliação do impacto dos filmes no sujeito foi efectuada através da escala sobre emoções, sensações corporais e cognições, apresentada em folhas de tamanho A4, sendo efectuada separadamente a avaliação das emoções, das sensações corporais e das cognições.

2.4. Caracterização dos sujeitos

Durante a definição dos grupos a utilizar nesta versão da escala e após diferentes tentativas constatamos que para os grupos delinquentes e toxicodependentes-delinquentes a melhor forma de recolher os dados seria a deslocação aos Estabelecimentos Prisionais. Atendendo à disponibilidade destes tivemos acesso apenas a reclusos do sexo masculino, o que determinou que todos os grupos fossem constituídos apenas por elementos deste sexo.

Começamos então por recolher os dados para o grupo de controle, pois se fosse necessário alterar o procedimento de recolha de dados seria mais fácil encontrar sujeitos disponíveis para este grupo. No entanto não houve dúvidas nem problemas durante a recolha de dados, tendo-se então avançado para a recolha nos vários grupos experimentais.

O grupo de controle foi constituído por sujeitos não consumidores de drogas e que não cometeram crimes, sendo estas informações obtidas após a recolha de dados, apresentando a cada sujeito um pequeno questionário sobre consumo de droga, e sobre actividades delituosas/criminosas e contactos com a policia. No que se refere ao consumo de droga encontramos alguns sujeitos que referiam já ter experimentado droga, mas esta experiência tinha decorrido há mais de um ano e sem qualquer regularidade. Eliminamos alguns sujeitos por apresentarem consumos irregulares mas frequentes ou por terem experimentado droga há menos de um ano. Decidimos utilizar o limite de um ano sem repetição do consumo por considerarmos um período suficientemente longo para existir regularidade. Quanto às actividades delituosas/criminosas e aos contactos com a policia alguns sujeitos referiram já terem estado presos durante algumas horas por falta de identificação, enquanto outros referiram actos transgressivos sem consequências, relacionados com a condução automóvel (ex: não respeitar sinais, ultrapassar limites de velocidade, etc), não tendo estes sido considerados como crime.

Para constituirmos este grupo começamos por contactar sujeitos não estudantes, utilizando uma rede de contactos informais e socorrendo-nos de sujeitos conhecidos pensávamos obedecerem às condições exigidas para pertencerem ao grupo de controle.

No entanto, dado o tempo necessário para a recolha de dados, o facto desta ter de ser efectuada fora do horário de trabalho e o facto de implicar sempre a utilização de vídeo e televisor, não foi possível encontrar um número suficiente de sujeitos. Socorremo-nos então de alunos da licenciatura em Psicologia da F.P.C.E.U.P. e da licenciatura em Educação Física da F.C.D.E.F.U.P. No entanto, como continuávamos sem atingir o número imposto pelo desenho experimental, recorreremos a familiares e amigos de alguns estudantes de Psicologia, que aceitaram deslocar-se à faculdade e participar na recolha de dados. Todos os sujeitos se submeteram voluntariamente à experiência, aceitando responder de forma honesta às questões colocadas e à avaliação das emoções, cognições e sensações corporais.

O grupo de controle foi então constituído por 48 sujeitos, cujas idades variaram entre 18 e 59 anos (média = 24.356, desvio padrão = 9.573), sendo a maioria estudantes do ensino superior.

Como durante a construção da escala comparamos numa das versões os resultados obtidos por um grupo de trabalhadores com poucas habilitações literárias e um grupo de estudantes do ensino superior, não tendo encontrado diferenças significativas, avançamos para a recolha de dados dos grupos experimentais.

Para o grupo de toxicodependentes (que por facilidade passaremos a designar por *grupo droga*) a recolha de dados foi efectuada em várias clínicas particulares e publicas de tratamento de toxicodependentes. Aos responsáveis de cada instituição foram solicitados sujeitos do sexo masculino, consumidores regulares de heroína e/ou cocaína há mais de 5 anos e sem psicopatologia associada nem perturbações de alcoolismo. Foi também solicitado que todos os sujeitos não tivessem cometido crimes, utilizando como critério a ausência de contactos com a Polícia ou Justiça, sendo esta informação fornecida pelos técnicos que tinham acesso ao processo de cada sujeito. Durante a recolha de dados foi-nos informado frequentemente que não havia sujeitos disponíveis que obedecessem às exigências por nós estabelecidas para pertencerem a este grupo, sendo a ausência de crime considerada a causa mais frequente. Tornou-se então necessário diminuir o limite de 5 anos de consumo, incluindo alguns casos com um

consumo entre 1 ano e 5 anos, sendo contudo os casos mais recentes (um ano de consumo) consumidores diários. Deste modo, acabámos por utilizar sujeitos toxicodependentes, com consumos regulares entre 1 e 20 anos, com uma média de 5.4 anos de consumo. Atendendo à dificuldade de encontrar sujeitos nas condições exigidas para o grupo droga, não fizemos qualquer distinção quanto ao tipo de desintoxicação que efectuavam, nem quanto à fase em que se encontravam nesta.

O *grupo droga* foi então constituído por 48 sujeitos, cujas idades variaram entre 19 e 45 anos (média = 27.146, desvio padrão = 5.612), com habilitações entre a 4ª classe e a Licenciatura (25 dos sujeitos têm entre a 4ª classe e o 9º ano de escolaridade, 18 entre o 10º e 12º ano, e 5 frequência do ensino superior), e com profissões de nível médio (ex: comerciante, vendedor, empregado de escritório, desenhador, delegado comercial, técnico de frio), havendo contudo alguns estudantes e alguns sujeitos com profissões de nível baixo (ex: pintor construção civil, cordoeiro) ou elevado (ex: economista, industrial, atleta profissional).

Para os grupos de delinquentes (que passaremos a designar por *grupo crime*) e delinquentes-toxicodependentes (que passaremos a designar por *grupo droga/crime*) partimos da definição de crime como um acto punido pela lei juridico-legal, eliminando contudo os casos de psicopatologia associada, de perturbações de alcoolismo e de crime de conteúdo sexual (nomeadamente os ocorridos dentro da família) por serem considerados em diferentes estudos como tendo características específicas de personalidade. Os dados foram recolhidos em estabelecimentos prisionais da área do Porto, tendo contado com a colaboração das equipas institucionais do Instituto de Reinserção Social, a quem foi pedido para indicarem sujeitos sem psicopatologia associada, perturbações de alcoolismo nem crimes de conteúdo sexual, e reincidentes na prisão⁴⁰, bem como sem consumo de drogas (para o *grupo crime*) ou com um consumo regular de heroína e/ou cocaína há mais de 5 anos (para o *grupo droga/crime*). A escolha dos sujeitos foi efectuada pelas equipas institucionais do I.R.S., que indicavam o

⁴⁰ Utilizamos os termos *reincidente* e *primário* tal como são definidos na linguagem jurídica.

número do sujeito a chamar, podendo este recusar participar na recolha de dados. No início da recolha a maioria dos sujeitos aceitou participar, mas no final foram dadas algumas recusas, alegando os sujeitos que a informação obtida poderia prejudicá-los.

Para o *grupo crime* os dados foram recolhidos dados de apenas 40 sujeitos, e não os 48 pretendidos por ter sido bastante difícil encontrar sujeitos com crime e sem consumo de droga. Como durante a recolha dos dados, especialmente para o *filme droga* e para o *filme crime* os sujeitos espontaneamente aludiam ao consumo de drogas, foi possível confirmar que não eram consumidores. As idades dos sujeitos variaram entre 22 e 58 anos (média = 35.000, desvio padrão = 8.581) e as habilitações variaram entre a 4ª classe e o 12º ano de escolaridade, tendo a maioria dos sujeitos entre a 4ª e a 6ª classe (28 sujeitos, enquanto 12 tinham entre a 7ª classe e o 12º ano). No que se refere às profissões estas são sobretudo de nível baixo (ex: metalúrgico, pintor da construção civil, chapeiro, trolha, carpinteiro), havendo contudo algumas de nível médio (ex: vendedor, comerciante de automóveis, projeccionista). Quanto ao crime, encontramos homicídios (9 sujeitos), tráfico de estupefacientes (7 sujeitos) e crimes diversos, sendo os mais frequentes o roubo, furto⁴¹, furto qualificado e assalto.

Para o *grupo droga/crime* foi mais fácil de encontrar sujeitos, sendo este grupo constituído por 48 sujeitos, cujas idades variaram entre 22 e 45 anos (média = 31.609, desvio padrão = 5.741), com habilitações entre a 4ª classe e o ensino superior (29 sujeitos tinham entre a 4ª e a 6ª classe, 15 sujeitos entre 7ª classe e 9º ano de escolaridade, e 4 sujeitos com curso comercial ou frequência do ensino superior) e com profissões sobretudo de nível baixo (ex: pescador, padeiro, pintor da construção civil, chapeiro, trolha, carpinteiro), havendo contudo algumas de nível médio (ex: vendedor, operador de informática, agente comercial). Quanto ao crime, encontramos também homicídios (3 sujeitos), tráfico de estupefacientes (14 sujeitos) e crimes diversos, sendo os mais frequentes o roubo, furto e furto qualificado.

⁴¹ Não consideramos pertinente distinguir aqui os conceitos de roubo, furto ou furto qualificado, por considerarmos que isso é do domínio jurídico, limitando-nos a distinguir crimes contra pessoas (ex: homicídio, ofensas corporais), contra bens (ex: roubo, furto, furto qualificado) e ligados à droga (ex: tráfico de estupefacientes).

2.5. Procedimento

Depois do sujeito entrar no local onde iria decorrer a recolha de dados era convidado a sentar-se numa cadeira confortável e ouvir as instruções dadas pelo experimentador. Estas foram baseadas no seguinte texto : *"Vão-lhe ser apresentados no televisor quatro filmes, um de cada vez e com um breve intervalo entre cada um. Durante a apresentação dos filmes deve olhar sempre para o écran e não desviar os olhos deste. Depois de terminado o primeiro filme vai-lhe ser entregue um questionário para preencher, anónimo e confidencial, não havendo respostas certas nem respostas erradas. Se tiver dúvidas em qualquer uma das questões deve perguntar e pode demorar o tempo todo que for preciso. Quando acabar de preencher o questionário é-lhe apresentado o segundo filme, seguido de novo questionário e assim sucessivamente até ao quarto e último filme".*

Depois de dadas as instruções e esclarecidas as dúvidas que o sujeito tivesse apresentado era iniciada a apresentação do primeiro filme, em seguida era preenchida a escala, depois era apresentado o segundo filme, preenchida de novo a escala, com um procedimento igual ao do filme anterior e assim sucessivamente até ao quarto filme.

Em primeiro lugar foram sempre avaliadas as cognições e em seguida as emoções ou as sensações corporais, pois utilizamos as duas ordens possíveis (emoções/sensações e sensações/emoções). Para cada sujeito foi utilizada a mesma ordem de preenchimento da escala em todos os filmes.

A ordem de apresentação dos filmes também foi controlada, e como utilizamos quatro filmes, encontramos vinte e quatro ordens diferentes. Como existiam duas ordens possíveis de preenchimento da escala, em cada uma das diferentes ordens de apresentação do filme um dos sujeitos preenchia a escala na ordem emoções/sensações e o outro na ordem inversa, o que nos levou a ter de utilizar quarenta e oito sujeitos por grupo. A recolha de dados foi efectuada quase sempre com dois sujeitos de cada vez, que viam os filmes pela mesma ordem mas preenchiam a escala com ordem diferente. De um modo geral a apresentação dos quatro filmes e o preenchimento da escala demorou entre 90 a 120 minutos para cada sujeito.

2.6. Análise e transformação dos dados

Todo o processo de codificação e tratamento dos dados foi efectuado num computador PC e consistiu na introdução dos dados no programa Edit, utilizando o valor assinalado (de zero a cinco, posteriormente transformado de um a seis para facilitar a análise estatística) pelo sujeito nos itens que avaliam as emoções e nos itens que avaliam as sensações corporais, através de uma matriz de dupla entrada : nas linhas foram considerados os sujeitos, enquanto nas colunas foram consideradas as emoções e as sensações corporais de cada filme, bem como um código que discrimina o sujeito, a sua idade, o grupo a que pertence, a ordem de apresentação dos filmes e a ordem de preenchimento da escala. As cognições foram avaliados a partir de uma análise dos conteúdos apresentados, tendo sido criadas várias categorias, que posteriormente foram introduzidas na linha da matriz, distinguindo cada um dos filmes e indicando o número de enunciados por categoria.

A análise das cognições foi efectuada por dois juizes diferentes, considerando todas as respostas escritas por todos os sujeitos. Após a leitura das respostas foi utilizada como unidade de análise a ideia apresentada pelo sujeito (o que implicou que por vezes frases diferentes fossem incluídas na mesma unidade), tendo elaborado categorias nas quais seriam incluídas as respostas de cada sujeito em cada filme. Em conjunto os juizes procederam à identificação das unidades de análise e em seguida cada juiz efectuou uma nova leitura das respostas verificando em que categoria as respostas poderiam ser incluídas. Durante este procedimento surgiram algumas dúvidas e cada juiz criou novas categorias. No final foram comparadas as duas grelhas de categorias e após a sua análise foi elaborada uma única grelha, efectuando-se nova análise das respostas, separadamente por cada juiz. Para cada filme e cada sujeito a resposta já dividida em unidades de análise foi incluída nas categorias criadas, indicando em cada uma o número de unidades existentes. No final os dados obtidos pelos dois juizes foram comparados, encontrando-se um acordo de 99.25% (1860 unidades categorizadas da mesma forma, no total de 1874). As unidades categorizadas de forma diferente foram em seguida analisadas por ambos os juizes até se chegar à mesma categorização.

As categorias encontradas foram as seguintes :

- recusa - o sujeito refere não ter pensado em nada durante ou após a apresentação do filme, apresentando frases como por exemplo "*não pensei em nada*", "*nada*", "*não tenho nada a dizer*" ou "*não me lembrei de nada*".

- emoções - o sujeito refere ter sentido emoções, descrevendo-as explícita ou implicitamente, referindo neste caso aspectos relacionados com estados emocionais, sentimentos ou humor. São exemplo da descrição explícita frases como "*senti alegria*", "*senti nojo, repugnância e aflição*" ou "*tive desespero e medo*", enquanto na descrição implícita incluímos frases como por exemplo "*senti-me divertido*", "*gostei muito*" ou "*gozei à brava com o filme*".

- sensações - o sujeito refere ter sentido sensações, descrevendo-as explícita ou implicitamente, referindo neste caso aspectos relacionados com alterações fisiológicas ou corporais sentidas, como por exemplo "*calores e transpiração*", "*senti o coração a bater depressa*" ou "*estive a tremer*".

- emoções e sensações - o sujeito refere a presença de ambas, dizendo por exemplo "*tive medo e muito calor*".

- cognições e emoções pessoais - o sujeito refere cognições e emoções, tendo-se verificado que o faziam sempre a propósito de acontecimentos da sua vida pessoal, apesar destes serem descritos com pouco pormenor e parecendo constituir recordações vagas. São exemplos as frases "*lembrei-me de como é divertido passear na praia*", "*pensei na confusão da minha vida antes de ser preso*", "*se estivesse no lugar das pessoas do filme morria de medo*" ou "*não tive medo porque é tudo ficção*".

- cognições e sensações - o sujeito refere sensações corporais misturadas com cognições, como por exemplo "*arrepios ao ver as pessoas no meio das cobras*" ou "*falta de ar ao ver os lobos a comerem pessoas*".

- cognições, emoções e sensações - o sujeito refere as três na mesma unidade, como por exemplo "*quando me lembrei-me de coisas tristes tive tristeza e arrepios*".

- cognições : história pessoal - o sujeito refere-se a temas concretos da sua vida pessoal, como por exemplo "*pensei nos meus filhos*", "*lembrei-me de um amigo que se droga*" ou "*recordei a minha família*".

- cognições : história pessoal com referência a emoções - o sujeito descreve um episódio da sua história pessoal, referindo a propósito dele emoções, como por exemplo "*tive raiva quando me lembrei do que me fez ser preso*" ou "*arrependi-me do que fiz a minha família sofrer*".

- cognições : justificação pessoal - o sujeito apresenta um comentário ou justificação pessoal, não relatando um acontecimento concreto da sua vida pessoal. Como exemplo desta categoria encontramos frases como "*estar à espera das cenas que vinham a seguir*", "*o realizador teve muito trabalho a filmar os bichos todos*" ou "*já vi o filme na televisão*".

- cognições : imaginação - o sujeito apresenta uma descrição de cenas do filme, mas estas não têm a ver com a sequência apresentada ou com a película de onde foram extraídas. Por exemplo, no filme desagradável o sujeito refere "*o Indiana Jones vai depois para uma floresta onde estão gorilas, animais ferozes e as cobras todas*".

- cognições : crítica - o sujeito efectua uma crítica moral, social ou política, como por exemplo "*filmes sobre crimes não deviam ser mostrados*", "*o governo é que leva as pessoas a roubarem para ter dinheiro*", "*as pessoas fazem cada figura nos apanhados*" ou "*não há direito de certas pessoas passarem fome*".

- cognições : descrição - o sujeito descreve a cena apresentada ou identifica a película de onde o filme foi extraído, referindo por exemplo frases como "*são cenas do filme Gente Gira*", "*é o filme do Indiana Jones*" ou "*é um filme sobre droga*".

- droga/crime : cognições - o sujeito faz uma associação droga/crime e nesta refere apenas cognições. Consideramos associação droga/crime quando por exemplo no *filme droga* o sujeito refere o crime ou no *filme crime* refere a droga, já que cada filme apresenta apenas um dos temas. Nos *filmes agradável e desagradável* não encontramos nenhuma associação droga/crime. São exemplos desta categoria frases como "*lembrei-*

me que vim para a prisão por ter roubado para droga" a propósito do filme crime, ou *"é a droga que faz as pessoas roubar"* a propósito do filme droga.

- droga/crime : emoções - o sujeito refere uma associação droga/crime (segundo os critérios descritos na categoria anterior) e nesta refere emoções, como por exemplo *"sou contra a droga"* depois de ter visto o filme crime, ou *"senti alegria por nunca ter precisado de roubar para ter droga"* a propósito do filme droga.

Por fim, depois de preparados os dados foi iniciada a análise estatística no programa SPSS PC+, usando como variáveis independentes o grupo de sujeitos (controle, droga, crime e droga/crime), o conteúdo do filme (*agradável, desagradável, droga ou crime*), a ordem de apresentação do filme (entre as vinte e quatro ordens possíveis) e a ordem de preenchimento da escala (emoções-sensações ou sensações-emoções). Para a variável dependente consideramos o valor apresentado para cada item, quer das emoções, quer das sensações corporais, bem como a categoria de cognições.

2.7. Hipóteses

Depois de termos definido a metodologia a utilizar e antes de passarmos para a análise e discussão dos resultados, convém referir as hipóteses formuladas.

Assim, como pretendemos estudar a articulação entre os estratos neurofisiológico, expressivo-emotivo e cognitivo nos quatro grupos de sujeitos definidos (controle, *droga*, *crime*, e *droga/crime*), tendo como objectivo verificar se existiriam diferenças significativas entre os quatro grupos quanto às emoções, cognições e sensações corporais desencadeadas por cada um dos filmes, colocamos as seguintes hipóteses :

- **Hipótese 1** - os filmes sem conteúdo significativo (*filme agradável e filme desagradável*) não desencadeiam diferenças significativas entre os quatro grupos de sujeitos no que se refere às emoções, cognições e sensações.

- **Hipótese 2** - os filmes com conteúdo significativo (*filme droga e filme crime*) desencadeiam diferenças significativas entre os quatro grupos de sujeitos no que se refere

às emoções, cognições e sensações, não se prevendo contudo quais os grupos que apresentarão valores mais elevados.

Esta designação de filmes com/sem conteúdo significativo foi efectuada por na teoria do sujeito autopoietico (Agra, 1990a, 1991a) quer a droga, quer o crime podem ser considerados um esforço de autocriação com significado existencial e social, pressupondo que nos filmes com significado iríamos encontrar diferenças entre os vários grupos de sujeitos, desencadeando estes filmes respostas nitidamente diferentes no grupo correspondente (o *filme droga* para o *grupo droga*, o *filme crime* para o *grupo crime* e ambos os filmes para o *grupo droga/crime*).

Descrevemos seguidamente a análise e discussão dos resultados obtidos.

3. Análise e discussão dos resultados

Efectuamos análises separadas para as emoções, sensações corporais e cognições, considerando separadamente cada um dos filmes, visto estes funcionarem como o contexto desencadeador de respostas específicas.

Utilizamos como variáveis independentes o grupo (controle, *crime*, *droga* e *droga/crime*), a ordem de apresentação dos filmes (vinte e quatro ordens possíveis) e a ordem de apresentação da escala (emoções/sensações ou sensações/emoções). Como variável dependente usamos a média do valor assinalado para cada uma das emoções ou sensações corporais. Para as cognições utilizamos a percentagem de enunciados por categoria.

Apresentamos seguidamente a análise de dados efectuada, recordando que pretendemos comparar os quatro grupos definidos na sua resposta ao nível do estrato expressivo-emotivo (através das emoções) e da articulação deste com os estratos neurofisiológico (através das sensações) e cognitivo (através das cognições), recorrendo a desencadeadores emocionais diferentes (quatro filmes). Começamos pela análise das emoções, em seguida analisamos as sensações, depois as cognições e por último a articulação destes dois níveis com o estrato expressivo-emotivo.

Apesar de por razões que se prendem com tratamento estatístico termos recodificado os valores das emoções e sensações de um a seis, as médias apresentadas são os valores reais (isto é, de zero a cinco), pois verificamos que a recodificação dos valores não afecta as análises de variância.

3.1. Emoções

Começamos por efectuar uma análise de multivariância do tipo 4x24x2x11, usando como variáveis independentes o grupo (controle, *crime*, *droga* e *droga/crime*), a ordem de apresentação dos filmes (utilizamos as vinte e quatro ordens possíveis) e a ordem de apresentação da escala (emoções/sensações ou sensações/emoções). Como variável dependente usamos a média do valor assinalado por emoção. Por vezes não foi possível efectuar todos os cálculos por o SPSS não dispôr de memória suficiente, sobretudo para as interacções que implicaram a ordem de apresentação dos filmes.

Assim, para o *filme agradável* (Quadro 3.1.1) verificamos que não há efeitos nem interacções significativas, nem mesmo para a variável grupo.

Quadro 3.1.1- Emoções : tipo de interacção para o filme agradável

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	P	Significância
grupo x ordem filme x ordem escala		impossível		
grupo x ordem filme		impossível		
grupo x ordem escala	3,174	0.809	0.767	NS
ordem filme x ordem escala	23,134	0.957	0.667	NS
grupo	3,178	1.334	0.105	NS
ordem filme	23,158	0.858	0.938	NS
ordem escala	1,180	0.522	0.887	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Apesar do grupo não apresentar um efeito significativo, para uma melhor ideia apresentamos as médias encontradas (Quadro 3.1.2) verificando que em todos os grupos as emoções mais desencadeadas foram a alegria, interesse e surpresa, e que para a

maioria das emoções negativas (de angústia até culpa) o *grupo crime* apresenta os valores mais elevados, sendo imediatamente seguido geralmente pelo *grupo droga/crime*.

Quadro 3.1.2 - Emoções : comparação de médias entre grupos para o filme agradável

Emoções	Controle	Crime	Droga	Droga/Crime
Interesse	3.063	3.475	3.042	3.479
Alegria	3.438	3.050	2.896	3.458
Surpresa	1.438	1.897	2.021	2.083
Angústia	0.021	0.400	0.333	0.333
Cólera	0.021	0.600	0.229	0.396
Nojo	0.167	0.400	0.438	0.250
Desprezo	0.396	0.462	0.271	0.375
Medo	0.104	0.400	0.104	0.125
Vergonha	0.479	0.575	0.313	0.313
Tristeza	0.167	0.500	0.146	0.521
Culpa	0.083	0.825	0.208	0.396

Através dos resultados obtidos podemos concluir que a primeira parte da Hipótese 1 foi verificada (ausência de diferenças significativas entre os grupos no filme agradável).

Para o *filme desagradável* (Quadro 3.1.3) encontramos um efeito significativo apenas para o grupo.

Quadro 3.1.3 - Emoções : tipo de interacção para o filme desagradável

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	P	Significância
grupo x ordem filme x ordem escala		impossível		
grupo x ordem filme		impossível		
grupo x ordem escala	3,173	1.132	0.284	NS
ordem filme x ordem escala	23,133	0.889	0.878	NS
grupo	3,177	1.637	0.016	*
ordem filme	23,157	1.038	0.340	NS
ordem escala	1,179	1.707	0.076	NS

* $p < 0.05$

** $p < 0.01$

*** $p < 0.001$

NS - Não Significativo

Comparando as médias entre grupos (Quadro 3.1.4), encontramos diferenças significativas apenas para as emoções vergonha (valores mais elevados para o *grupo*

droga/crime e em seguida para o *grupo crime*), tristeza e culpa (em ambas valores mais elevados para o *grupo crime* e em seguida para o *grupo droga/crime*). Nas restantes emoções, embora sem diferenças significativas verificamos que por vezes o *grupo crime* apresenta os valores mais elevados e noutras vezes é o *grupo droga/crime*, *grupo droga* ou grupo de controle. Verificamos também que para todos os grupos as emoções mais desencadeadas foram o interesse, nojo, angústia, medo e surpresa.

Quadro 3.1.4 - Emoções : comparação de médias entre grupos para o filme desagradável

Emoções	Controle	Crime	Droga	Droga/Crime	Significância ⁴²
Interesse	2.792	2.300	2.792	2.438	NS
Alegria	0.833	0.750	0.583	0.521	NS
Surpresa	1.354	1.575	1.417	2.125	NS
Angústia	1.771	1.872	1.646	1.957	NS
Cólera	0.771	1.513	0.750	0.917	NS
Nojo	2.583	2.200	2.771	2.625	NS
Desprezo	0.875	1.225	0.563	0.833	NS
Medo	1.417	1.950	1.563	1.563	NS
Vergonha	0.188	0.700	0.125	0.729	**
Tristeza	0.542	1.550	0.604	1.479	**
Culpa	0.146	0.850	0.167	0.563	*

* $p < 0.05$

** $p < 0.01$

*** $p < 0.001$

NS - Não Significativo

Como encontramos diferenças significativas para a vergonha, tristeza e culpa, efectuamos para cada uma destas emoções a comparação dos quatro grupos à posteriori, pois o valor de F encontrado pela análise de multivariância indica-nos a existência de diferenças significativas entre os grupos mas não nos diz onde se situam essas diferenças. Segundo Bryman e Cramer (1993), ao efectuarmos a comparação dos grupos dois a dois entre si através de testes t, pelo facto de efectuarmos um grande número de comparações iríamos encontrar diferenças significativas apenas devido ao acaso. Por este motivo é recomendada a utilização do teste post hoc de Scheffé (um teste efectuado depois de os dados já terem sido analisados) para verificar quais os grupos que se distinguem entre si.

⁴² Testes univariados através da Manova

IN $F(3,177)=0.924$ $P=0.430$; AL $F(3,177)=0.664$ $P=0.575$; SP $F(3,177)=2.149$ $P=0.096$;
AN $F(3,177)=0.263$ $P=0.852$; CO $F(3,177)=2.152$ $P=0.095$; NJ $F(3,177)=0.603$ $P=0.614$;
DE $F(3,177)=1.470$ $P=0.224$; ME $F(3,177)=1.046$ $P=0.373$; VG $F(3,177)=4.651$ $P=0.004$;
TR $F(3,177)=4.870$ $P=0.003$; CL $F(3,177)=3.647$ $P=0.014$

Efectuamos então o teste de Scheffé que nos indica para cada emoção o valor de range (ou amplitude da distribuição, resultando da cálculo da subtracção do valor mais baixo da distribuição ao valor mais alto desta), de F e de P, apresentando também quais os grupos que diferem entre si para um nível de probabilidade de 0.050.

Verificamos que para o *filme desagradável* (Quadro 3.1.5) não há diferenças significativas entre dois grupos para a vergonha, enquanto na tristeza e culpa há diferenças significativas. Assim, na tristeza o *grupo crime* distinguiu-se claramente do grupo de controle, apresentando valores mais elevados, enquanto na culpa o *grupo crime* distingue-se com valores nitidamente mais elevados do grupo de controle e do *grupo droga*.

Quadro 3.1.5 - Emoções : teste de Scheffé para distinção dos grupos, filme desagradável				
Emoções	Range	F	P	Grupos
Vergonha	0.724	4.382	0.005	não há diferenças entre dois grupos
Tristeza	1.154	5.087	0.002	crime versus controle
Culpa	0.789	4.039	0.008	crime vs controle e vs droga

Através dos resultados obtidos verificamos que a a segunda parte da Hipótese 1 não foi verificada, pois encontramos diferenças significativas entre o *grupo crime* e os restantes grupos, apresentando valores mais elevados para as emoções tristeza e culpa.

Para o *filme crime* (Quadro 3.1.6) encontramos também apenas um efeito significativo para o grupo.

Quadro 3.1.6 - Emoções : tipo de interacção para o filme crime				
Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	P	Significância
grupo x ordem filme x ordem escala		impossível		
grupo x ordem filme		impossível		
grupo x ordem escala	3,172	0.966	0.523	NS
ordem filme x ordem escala	23,132	0.951	0.688	NS
grupo	3,176	1.520	0.034	*
ordem filme	23,156	0.981	0.570	NS
ordem escala	1,178	1.601	0.102	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Comparando as médias entre grupos (Quadro 3.1.7), encontramos diferenças significativas apenas para as emoções nojo (valores mais elevados para o grupo de controle e *grupo droga*) e vergonha (valores mais elevados para o *grupo crime* e *grupo droga/crime*). Nas restantes emoções, embora sem diferenças significativas verificamos que por vezes o *grupo droga* apresenta os valores mais elevados e noutras vezes é o grupo de controle ou o *grupo droga/crime*, sendo os resultados mais baixos para o *grupo crime*. Verificamos também que para todos os grupos as emoções mais desencadeadas foram o interesse e a tristeza, e em seguida as restantes emoções negativas.

Quadro 3.1.7 - Emoções : comparação de médias entre grupos para o filme crime

Emoções	Controle	Crime	Droga	Droga/Crime	Significância ⁴³
Interesse	2.896	2.525	2.979	2.896	NS
Alegria	0.208	0.675	0.208	0.417	NS
Surpresa	1.396	1.333	1.458	1.426	NS
Angústia	2.292	1.550	2.208	1.575	NS
Cólera	2.750	1.875	2.375	1.936	NS
Nojo	2.271	1.250	2.313	1.833	*
Desprezo	1.688	1.450	1.708	1.417	NS
Medo	1.438	1.375	1.604	1.229	NS
Vergonha	0.542	1.725	0.792	1.188	**
Tristeza	2.375	2.300	2.188	2.375	NS
Culpa	1.229	1.750	1.500	1.292	NS

* $p < 0.05$ ** $p < 0.01$ *** $p < 0.001$ NS - Não Significativo

Para as emoções que apresentaram diferenças significativas através da análise de multivariância efectuamos o teste de Scheffé (Quadro 3.1.8), verificando que para o nojo não há diferenças significativas entre dois grupos, enquanto para a vergonha o *grupo crime* se opõe nitidamente ao grupo de controle, apresentando valores superiores.

⁴³ Testes univariados através da Manova

IN $F(3,176)=0.505$ $P=0.679$; AL $F(3,176)=1.460$ $P=0.227$; SP $F(3,176)=0.059$ $P=0.981$;
 AN $F(3,176)=2.517$ $P=0.060$; CO $F(3,176)=2.221$ $P=0.087$; NJ $F(3,176)=3.154$ $P=0.026$;
 DE $F(3,176)=0.430$ $P=0.732$; ME $F(3,176)=0.302$ $P=0.824$; VG $F(3,176)=3.936$ $P=0.009$;
 TR $F(3,176)=0.108$ $P=0.956$; CL $F(3,176)=0.841$ $P=0.473$

Quadro 3.1.8 - Emoções : teste de Scheffé para distinção dos grupos, filme crime

Emoções	Range	F	P	Grupos
Nojo	1.263	3.293	0.022	não há diferenças entre dois grupos crime versus controle
Vergonha	1.129	4.533	0.043	

Através dos dados obtidos verificamos que a primeira parte da Hipótese 2 (existência de diferenças significativas entre os grupos para o *filme crime*) foi verificada, concretizando-se contudo apenas na emoção vergonha, superior para o *grupo crime*, ordenando-se os restantes grupos pela intensidade nesta emoção da seguinte forma : *droga/crime*, *droga* e controle.

Para o *filme droga* (Quadro 3.1.9) encontramos também um efeito significativo apenas para o grupo, mas desta vez é altamente significativo.

Quadro 3.1.9 - Emoções : tipo de interacção para o filme droga

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	P	Significância
grupo x ordem filme x ordem escala		impossível		
grupo x ordem filme		impossível		
grupo x ordem escala	3,166	0.517	0.989	NS
ordem filme x ordem escala	23,126	1.039	0.342	NS
grupo	3,170	2.836	0.000	***
ordem filme	23,150	1.140	0.080	NS
ordem escala	1,172	1.723	0.072	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Comparando as médias entre grupos (Quadro 3.1.10), encontramos diferenças significativas apenas para as emoções surpresa (valores mais elevados para o *grupo crime* e grupo de controle), angústia (valores mais elevados para o grupo de controle e *grupo droga*), desprezo e vergonha (para ambas valores mais elevados no *grupo crime* e no *grupo droga*) e culpa (valores mais elevados para o *grupo droga* e *grupo droga/crime*). Nas restantes emoções, embora sem diferenças significativas verificamos que por vezes o *grupo crime* apresenta os valores mais elevados e noutras vezes é o *grupo droga* ou *grupo droga/crime*, sendo os resultados mais baixos para o *grupo*

droga/crime ou *grupo droga*. Verificamos também que para todos os grupos as emoções mais desencadeadas foram a tristeza, angústia, nojo, interesse cólera e medo.

Quadro 3.1.10 - Emoções : comparação de médias entre grupos para o filme droga

Emoções	Controle	Crime	Droga	Droga/Crime	Significância ⁴⁴
Interesse	2.917	2.925	2.125	2.479	NS
Alegria	0.083	0.475	0.208	0.458	NS
Surpresa	1.208	2.200	0.521	0.935	***
Angústia	3.063	2.875	3.000	2.213	*
Cólera	2.604	2.500	2.521	2.583	NS
Nojo	2.915	2.875	3.489	2.521	NS
Desprezo	1.000	1.975	1.938	1.298	*
Medo	2.042	2.400	2.522	2.021	NS
Vergonha	0.750	1.846	1.468	1.234	*
Tristeza	3.063	3.308	2.396	3.125	NS
Culpa	1.063	1.450	2.375	2.167	**

* $p < 0.05$

** $p < 0.01$

*** $p < 0.001$

NS - Não Significativo

Para as emoções que apresentaram diferenças significativas através da análise de multivariância efectuamos o teste de Scheffé (Quadro 3.1.11), verificando que para a angústia e desprezo não há distinção entre dois grupos, enquanto para a surpresa o *grupo crime* é nitidamente superior ao *grupo droga*. Para a vergonha o *grupo crime* distingue-se claramente do grupo de controle, apresentando valores superiores, enquanto para a culpa o grupo de controle apresenta os valores mais baixos, distinguindo-se nitidamente do *grupo droga* e do *grupo droga/crime*.

Quadro 3.1.11 - Emoções : teste de Scheffé para distinção dos grupos, filme droga

Emoções	Range	F	P	Grupos
Surpresa	1.248	6.604	0.000	crime versus droga
Angústia	1.291	1.587	0.194	não há diferenças entre dois grupos
Desprezo	1.388	2.550	0.057	não há diferenças entre dois grupos
Vergonha	1.402	3.111	0.028	crime versus controle
Culpa	1.309	5.180	0.002	controle vs droga e vs droga/crime

⁴⁴ Testes univariados através da Manova

IN $F(3,170)=1.763$ $P=0.156$; AL $F(3,170)=1.656$ $P=0.178$; SP $F(3,170)=8.119$ $P=0.000$;

AN $F(3,170)=3.381$ $P=0.020$; CO $F(3,170)=0.093$ $P=0.964$; NJ $F(3,170)=1.863$ $P=0.138$;

DE $F(3,170)=2.783$ $P=0.043$; ME $F(3,170)=1.321$ $P=0.269$; VG $F(3,170)=2.914$ $P=0.036$;

TR $F(3,170)=1.584$ $P=0.195$; CL $F(3,170)=5.477$ $P=0.001$

Através dos resultados obtidos verificamos que a segunda parte da Hipótese 2 (existência de diferenças significativas entre os grupos para o *filme droga*) foi verificada, concretizando-se nas emoções surpresa, vergonha e culpa, superiores as duas primeiras para o *grupo crime*, e sendo a última superior para os *grupos droga e droga/crime*.

Perante os dados encontrados na análise das emoções, podemos tirar algumas conclusões quanto ao estrato expressivo-emotivo. Assim, o alto valor apresentado na emoção interesse por todos os grupos nos quatro filmes parece-nos poder revelar a atenção e empenho dos sujeitos na tarefa, permitindo-nos pensar que os dados foram obtidos através de uma participação activa dos sujeitos e não através de uma tarefa na qual foram obrigados a participar.

No que se refere às hipóteses formuladas, na Hipótese 1 verificamos que o *filme agradável* desencadeia essencialmente emoções positivas (interesse, alegria e surpresa) não se distinguindo os grupos entre si. Contrariamente ao previsto, no *filme desagradável* encontramos diferenças significativas, apresentando o *grupo crime* maior tristeza e culpa, apesar de para todos os grupos este filme ter desencadeado sobretudo nojo, angústia, medo e surpresa. É de notar que para a tristeza e culpa encontramos também valores elevados, para além do *grupo crime* no *grupo droga/crime*. Apesar de pelos teste de Scheffé a vergonha não permitir distinguir os grupos, através da análise de multivariância apresentava já diferenças significativas, sendo mais elevada também para o *grupo droga/crime* e *grupo crime*. Como do ponto de vista teórico as emoções vergonha e culpa aparecem associadas ao factor responsabilização, e como por sugestão de Paez situamos a tristeza entre a vergonha e a culpa, associando-a também a este factor, os resultados sugerem que o estímulo de conteúdo *desagradável* desencadeia nos sujeitos dos *grupos crime e droga/crime* emoções que implicam uma viragem para o interior de si mesmo⁴⁵. Parece-nos deste modo ser importante verificar se nas sensações corporais

⁴⁵ Por oposição por exemplo à cólera ou ao desprezo que implicam o exterior, sendo sobretudo sentidas em relação a um objecto exterior.

estes sujeitos apresentam percepções diferentes, e se nas categorias de pensamentos utilizadas estes sujeitos referem mais frequentemente episódios da sua vida pessoal.

No que diz respeito à Hipótese 2, verificamos que esta foi confirmada para ambos os filmes. Assim, para o *filme crime* as emoções mais desencadeadas foram a tristeza e as restantes emoções negativas, existindo contudo diferenças significativas apenas para a vergonha, com os grupos *crime* e *droga/crime* a apresentarem valores mais elevados. A tristeza e a culpa, apesar de não permitirem distinguir os grupos apresentam também valores elevados. Encontramos de novo os grupos *crime* e *droga/crime* a apresentarem valores semelhantes, bem como o desencadear de emoções que implicam o sujeito voltar-se para si mesmo. No que se refere ao *filme droga* as emoções mais desencadeadas foram também a tristeza e as restantes emoções negativas, existindo contudo diferenças significativas para várias emoções. Assim, o grupo *crime* apresenta um valor mais elevado para a emoção surpresa, opondo-se ao grupo *droga*, que apresenta os valores mais baixos, o que sugere o espanto deste grupo perante o filme apresentado. No que se refere à vergonha, os grupos *crime* e *droga* apresentam os valores mais elevados, enquanto para a culpa, os valores mais elevados são apresentados pelo grupo *droga* e grupo *droga/crime*. Através do *filme droga* já encontramos um padrão de resposta diferente, não se salientando tanto o grupo *crime*, e realçando o grupo *droga* ou *droga/crime*, apesar das emoções desencadeadas continuarem a ser as que implicam o sujeito voltar-se para si mesmo.

Perante todos os dados obtidos verificamos que o *filme agradável* desencadeia as mesmas emoções em todos os grupos. O *filme desagradável* e o *filme crime* desencadeiam sobretudo emoções negativas que implicam o sujeito voltar-se para si mesmo, sendo estas mais intensas no grupo *crime* e no grupo *droga/crime*, que apresentam um padrão de resposta semelhante. Já o *filme droga* desencadeia maior surpresa e vergonha no grupo *crime* e maior culpa no grupo *droga* e no grupo *droga/crime*. Podemos então concluir que perante estímulos desagradáveis com ou sem significado os grupos *crime* e *droga/crime* apresentam um padrão de resposta

semelhante, sentindo sobretudo emoções que implicam o virar do sujeito para si mesmo, excepto para o *filme droga*, em que o *grupo droga/crime* se aproxima do *grupo droga*.

Analizadas as emoções apresentamos seguidamente o estudo das sensações corporais.

3.2. Sensações

Efectuamos também uma análise de multivariância do tipo $4 \times 24 \times 2 \times 19$, usando como variáveis independentes o grupo (*controle*, *crime*, *droga* e *droga/crime*), a ordem de apresentação dos filmes (utilizamos as vinte e quatro ordens possíveis) e a ordem de apresentação da escala (emoções/sensações ou sensações/emoções). Como variável dependente usamos a média do valor assinalado por sensação corporal. Por vezes não foi possível efectuar todos os cálculos por o SPSS não dispôr de memória suficiente, sobretudo para as interacções que implicaram a ordem de apresentação dos filmes.

Para o *filme agradável* (Quadro 3.2.1) verificamos que há apenas um efeito significativo para a interacção grupo x ordem da escala, não tendo sido encontrados outros efeitos nem interacções significativas. No entanto, vendo detalhadamente os resultados verificamos que apenas para a sensação tiques no corpo há efeitos significativos ($F(3,165)=3.183$ $P=0.025$), mas estes são pouco significativos, razão pela qual desprezamos este dado.

Quadro 3.2.1 - Sensações : tipo de interacção para o filme agradável

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	P	Significância
grupo x ordem filme x ordem escala		impossível		
grupo x ordem filme		impossível		
grupo x ordem escala	3,165	1.477	0.018	*
ordem filme x ordem escala	23,125	0.952	0.735	NS
grupo	3,171	1.263	0.101	NS
ordem filme	23,149	1.039	0.298	NS
ordem escala	1,171	1.227	0.243	NS

* $p < 0.05$

** $p < 0.01$

*** $p < 0.001$

NS - Não Significativo

Comparando as médias entre grupos (Quadro 3.2.2), apesar do efeito grupo não ter dado significativo, apresentamos as médias, verificando que por vezes o *grupo droga/crime* apresenta os valores mais elevados e noutras vezes é o *grupo crime*, sendo os resultados mais baixos para o *grupo droga*.

Quadro 3.2.2 - Sensações : comparação de médias entre grupos para o filme agradável

Sensações Corporais	Controle	Crime	Droga	Droga/crime
Aumento do ritmo cardíaco	0.588	1.000	0.521	1.468
Aumento do ritmo respiratório	0.521	0.949	0.458	1.333
Calores	0.688	1.175	0.208	1.229
Enjoos	0.000	0.000	0.021	0.255
Mãos suadas	0.771	0.700	0.271	1.261
Mau gosto na boca	0.083	0.000	0.125	0.438
Náuseas	0.000	0.000	0.063	0.313
Nó na garganta	0.146	0.050	0.208	0.479
Opressão no peito	0.125	0.550	0.167	0.511
Relaxamento muscular	2.104	1.650	1.542	2.083
Rubor	0.583	0.744	0.375	1.271
Sensações no estômago	0.146	0.400	0.229	0.830
Frio	0.167	0.425	0.042	0.375
Paralisado	0.146	0.300	0.188	0.383
Vontade de fugir	0.083	0.375	0.188	0.217
Suores	0.396	0.475	0.063	1.021
Tensão muscular	0.333	0.575	0.146	0.854
Tiques no corpo	0.625	0.850	0.229	0.723
Tremor	0.063	0.275	0.104	0.333

* $p < 0.05$

** $p < 0.01$

*** $p < 0.001$

NS - Não Significativo

Através dos resultados obtidos verificamos que a primeira parte da Hipótese 1 foi verificada, pois não encontramos no *filme agradável* diferenças significativas entre os quatro grupos para as sensações corporais avaliadas, tal como aconteceu com as emoções desencadeadas por este mesmo filme.

Para o *filme desagradável* (Quadro 3.2.3) verificamos que há apenas um efeito significativo para o grupo.

Quadro 3.2.3 - Sensações : tipo de interacção para o filme desagradável

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	P	Significância
grupo x ordem filme x ordem escala		impossível		
grupo x ordem filme		impossível		
grupo x ordem escala	3,166	0.892	0.696	NS
ordem filme x ordem escala	23,126	0.992	0.538	NS
grupo	3,171	1.674	0.002	**
ordem filme	23,150	1.011	0.436	NS
ordem escala	1,172	0.224	0.245	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Comparando as médias entre grupos (Quadro 3.2.4) encontramos diferenças significativas para as náuseas (valores mais elevados para o *grupo droga/crime*), mãos suadas, mau gosto na boca, rubor, frio e suores (valores mais elevados para o *grupo crime*) e tensão muscular (valores mais elevados para o grupo de controle). Nas restantes sensações, embora sem diferenças significativas verificamos que na maioria das vezes o *grupo crime* apresenta os valores mais elevados, sendo os resultados mais baixos para o *grupo droga* e por vezes para o *grupo de controle*.

Quadro 3.2.4 - Sensações : comparação de médias entre grupos para o filme desagradável

Sensações Corporais	Controle	Crime	Droga	Droga/crime	Significância ⁴⁶
Aumento do ritmo cardíaco	1.708	1.625	1.521	1.872	NS
Aumento do ritmo respiratório	1.375	1.600	1.333	1.542	NS
Calores	0.708	1.150	0.458	0.938	NS
Enjoos	0.438	0.949	0.500	1.145	NS
Mãos suadas	0.938	1.375	0.500	1.229	*
Mau gosto na boca	0.479	1.200	0.208	0.958	*
Náuseas	0.313	1.125	0.375	1.229	**
Nó na garganta	0.917	1.300	0.771	1.000	NS
Opressão no peito	1.021	1.632	0.708	1.250	NS
Relaxamento muscular	0.479	1.026	0.333	0.652	NS
Rubor	0.596	1.325	0.438	0.854	*
Sensações no estômago	0.604	1.225	0.938	1.042	NS
Frio	0.167	0.800	0.104	0.375	**
Paralisado	1.000	1.275	0.917	0.729	NS
Vontade de fugir	0.792	1.325	0.833	0.938	NS
Suores	0.667	1.050	0.250	0.979	*
Tensão muscular	1.688	0.800	0.875	1.250	**
Tiques no corpo	0.979	0.850	0.333	0.917	NS
Tremor	0.479	1.050	0.375	0.792	NS

* p < 0.05

** p < 0.01

*** p < 0.001

NS - Não Significativo

Para as sensações que apresentaram diferenças significativas através da análise de multivariância efectuamos o teste de Scheffé (Quadro 3.2.5), verificando que para as sensações mãos suadas, rubor e suores não há diferenças significativas entre dois grupos. Para o mau gosto na boca o *grupo crime* distingue-se do *grupo droga*, apresentando valores mais elevados, para a tensão muscular o *grupo crime* distingue-se do grupo de controle apresentando valores inferiores, e para o frio o *grupo crime* distingue-se do grupo de controle e do *grupo droga* apresentando valores mais elevados. Para as náuseas o *grupo droga/crime* distingue-se do grupo de controle e do *grupo droga* apresentando valores superiores.

⁴⁶ Testes univariados através da Manova

RC F(3,171)=0.324 P=0.808; RR F(3,171)=0.213 P=0.887; CA F(3,171)=1.433 P=0.235; EN F(3,171)=2.283 P=0.081; MS F(3,171)=3.416 P=0.019; MG F(3,171)=3.261 P=0.023; NA F(3,171)=5.078 P=0.002; NG F(3,171)=0.802 P=0.494; OP F(3,171)=2.221 P=0.087; RL F(3,171)=2.041 P=0.110; RU F(3,171)=2.905 P=0.036; SE F(3,171)=1.200 P=0.311; FR F(3,171)=4.536 P=0.004; PA F(3,171)=1.130 P=0.339; FU F(3,171)=1.576 P=0.197; SU F(3,171)=3.061 P=0.030; TM F(3,171)=3.961 P=0.009; TC F(3,171)=2.092 P=0.103; TR F(3,171)=2.405 P=0.069

Quadro 3.2.5 - Sensações : teste de Scheffé para distinção dos grupos, filme desagradável

Sensações	Range	F	P	Grupos
Mão Suadas	1.073	2.941	0.035	não há diferenças entre dois grupos
Mau gosto na boca	1.075	3.911	0.010	crime versus droga
Náuseas	0.958	5.916	0.001	droga/crime vs controle e vs droga
Rubor	1.043	2.684	0.048	não há diferenças entre dois grupos
Frio	0.709	4.193	0.007	crime vs droga e vs controle
Suores	0.976	3.209	0.024	não há diferenças entre dois grupos
Tensão Muscular	1.016	3.690	0.013	crime vs controle

Através dos dados encontrados verificamos que a a segunda parte da Hipótese 1 não foi verificada, pois encontramos diferenças significativas entre o *grupo crime* e os restantes grupos, apresentando valores mais elevados para as sensações mau gosto na boca e frio e valores inferiores para a tensão muscular, enquanto o *grupo droga/crime* apresenta valores significativamente superiores para as náuseas. Verificamos que para o mau gosto na boca, frio e náuseas o padrão de resposta dos *grupos crime e droga/crime* é semelhante, pois se um deles apresenta os valores mais elevados, o outro apresenta o valores seguintes numa ordem decrescente de intensidade. Somente na tensão muscular o *grupo crime* apresenta um valor baixo, semelhante ao do *grupo droga*. Tal como nas emoções, o *filme desagradável* desencadeia nos *grupos crime e droga/crime* padrões de resposta semelhante.

Para o *filme crime* (Quadro 3.2.6) verificamos que há apenas um efeito significativo para o grupo.

Quadro 3.2.6 - Sensações : tipo de interacção para o filme crime

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	P	Significância
grupo x ordem filme x ordem escala		impossível		
grupo x ordem filme		impossível		
grupo x ordem escala	3,161	1.045	0.393	NS
ordem filme x ordem escala	23,121	1.022	0.381	NS
grupo	3,165	1.425	0.027	*
ordem filme	23,145	1.028	0.350	NS
ordem escala	1,167	1.077	0.380	NS

* p < 0.05

** p < 0.01

*** p < 0.001

NS - Não Significativo

Comparando as médias entre grupos (Quadro 3.2.7) encontramos diferenças significativas para os enjoos (valores mais elevados para o *grupo droga/crime*), e para o relaxamento muscular e frio (valores mais elevados para o *grupo crime*). Nas restantes sensações, embora sem diferenças significativas verificamos que na maioria das vezes o *grupo droga/crime* apresenta os valores mais elevados e noutras vezes é o *grupo crime*, sendo os resultados mais baixos para o grupo de controle e *grupo droga*.

Quadro 3.2.7 - Sensações : comparação de médias entre grupos para o filme crime

Sensações Corporais	Controle	Crime	Droga	Droga/crime	Significância ⁴⁷
Aumento do ritmo cardíaco	1.917	1.500	1.708	1.688	NS
Aumento do ritmo respiratório	1.542	1.050	1.458	1.667	NS
Calores	0.979	1.325	0.708	1.298	NS
Enjoos	0.063	0.308	0.333	0.708	*
Mãos suadas	1.250	0.795	0.604	1.271	NS
Mau gosto na boca	0.375	0.700	0.313	0.896	NS
Náuseas	0.188	0.350	0.417	0.702	NS
Nó na garganta	1.458	1.105	1.146	1.458	NS
Opressão no peito	1.083	1.225	1.167	1.354	NS
Relaxamento muscular	0.354	1.050	0.170	0.617	*
Rubor	0.729	1.075	0.511	0.957	NS
Sensações no estômago	0.750	0.692	0.896	1.104	NS
Frio	0.167	0.900	0.271	0.688	*
Paralisado	1.167	0.923	0.708	0.872	NS
Vontade de fugir	0.702	0.925	0.457	1.104	NS
Suores	0.854	0.895	0.468	1.250	NS
Tensão muscular	1.958	1.225	1.167	1.277	NS
Tiques no corpo	0.771	0.256	0.468	0.792	NS
Tremor	0.708	0.600	0.750	1.063	NS

* $p < 0.05$

** $p < 0.01$

*** $p < 0.001$

NS - Não Significativo

Para as sensações que apresentaram diferenças significativas através da análise de multivariância efectuamos o teste de Scheffé (Quadro 3.2.8), verificando que para os

⁴⁷ Testes univariados através da Manova

RC $F(3,165)=1.708$ $P=0.167$; RR $F(3,165)=1.360$ $P=0.257$; CA $F(3,165)=1.225$ $P=0.303$; EN $F(3,165)=3.567$ $P=0.015$; MS $F(3,165)=1.892$ $P=0.133$; MG $F(3,165)=1.574$ $P=0.198$; NA $F(3,165)=2.478$ $P=0.063$; NG $F(3,165)=0.915$ $P=0.435$; OP $F(3,165)=0.249$ $P=0.862$; RL $F(3,165)=3.389$ $P=0.019$; RU $F(3,165)=1.168$ $P=0.324$; SE $F(3,165)=0.565$ $P=0.639$; FR $F(3,165)=3.326$ $P=0.021$; PA $F(3,165)=1.104$ $P=0.349$; FU $F(3,165)=1.583$ $P=0.195$; SU $F(3,165)=1.927$ $P=0.127$; TM $F(3,165)=2.472$ $P=0.064$; TC $F(3,165)=1.805$ $P=0.148$; TR $F(3,165)=1.076$ $P=0.361$

enjoos e relaxamento muscular não é possível distinguir os grupos, enquanto para o frio o *grupo crime* se distingue do grupo de controle, apresentando valores mais elevados.

Quadro 3.2.8 - Sensações : teste de Scheffé para distinção dos grupos, filme crime

Sensações	Range	F	P	Grupos
Enjoos	0.812	2.690	0.048	não há diferenças entre dois grupos
Relaxamento musc.	0.978	2.756	0.044	não há diferenças entre dois grupos
Frio	0.850	3.673	0.013	crime versus controle

Através dos dados encontrados verificamos que a primeira parte da Hipótese 2 foi verificada, pois encontramos diferenças significativas entre o *grupo crime* e os restantes grupos, apresentando contudo valores mais elevados apenas para a sensação corporal frio. Verificamos contudo que para a maioria das sensações corporais avaliadas o *grupo crime* e o *grupo droga/crime* apresentam valores semelhantes, sugerindo um padrão de resposta idêntico. Nas restantes sensações o *grupo droga/crime* ora se assemelha ao *grupo droga* ora ao grupo de controle. Deste modo, apesar de apenas uma sensação corporal distinguir os grupos, verificamos que os valores mais elevados, apesar de não serem significativamente diferentes, são apresentados pelos *grupos crime e droga/crime*, que tal como nas emoções desencadeadas por este filme apresentam padrões de resposta semelhantes.

Para o *filme droga* (Quadro 3.2.9) verificamos que há apenas um efeito altamente significativo para o grupo.

Quadro 3.2.9 - Sensações : tipo de interacção para o filme droga

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	P	Significância
grupo x ordem filme x ordem escala		impossível		
grupo x ordem filme		impossível		
grupo x ordem escala	3,158	0.996	0.488	NS
ordem filme x ordem escala	23,118	1.025	0.369	NS
grupo	3,162	1.918	0.000	***
ordem filme	23,142	1.124	0.056	NS
ordem escala	1,164	1.522	0.086	NS

* p < 0.05

** p < 0.01

*** p < 0.001

NS - Não Significativo

Comparando as médias entre grupos (Quadro 3.2.10) encontramos diferenças significativas para o relaxamento muscular e suores (valores mais elevados para o *grupo droga/crime*), frio (valores mais elevados para o *grupo crime*) e tensão muscular (valores mais elevados para o grupo de controle). Nas restantes sensações, embora sem diferenças significativas verificamos que na maioria das vezes o *grupo droga/crime* apresenta os valores mais elevados e noutras vezes é o *grupo crime*, sendo os resultados mais baixos para o grupo de controle e para o *grupo droga*.

Quadro 3.2.10 - Sensações : comparação de médias entre grupos para o filme droga

Sensações Corporais	Controle	Crime	Droga	Droga/crime	Significância ⁴⁸
Aumento do ritmo cardíaco	2.229	1.925	2.375	2.089	NS
Aumento do ritmo respiratório	1.896	1.676	2.292	2.044	NS
Calores	1.313	1.211	0.938	2.000	NS
Enjoos	0.667	1.564	0.979	1.083	NS
Mãos suadas	1.660	1.175	0.979	1.917	NS
Mau gosto na boca	0.833	0.950	0.521	1.250	NS
Náuseas	0.646	1.300	0.896	1.104	NS
Nó na garganta	1.638	2.000	2.042	1.830	NS
Opressão no peito	1.292	1.897	1.478	1.596	NS
Relaxamento muscular	0.340	0.800	0.186	0.958	*
Rubor	0.875	1.100	0.729	1.511	NS
Sensações no estômago	1.083	1.400	1.167	1.404	NS
Frio	0.333	1.450	0.729	1.042	**
Paralisado	1.667	1.650	1.085	1.354	NS
Vontade de fugir	0.896	1.325	0.875	1.575	NS
Suores	1.188	1.350	0.521	1.979	**
Tensão muscular	2.375	1.400	1.333	1.854	*
Tiques no corpo	1.083	0.750	0.792	1.298	NS
Tremor	0.896	1.250	1.125	1.229	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo					

⁴⁸ Testes univariados através da Manova

RC F(3,162)=0.666 P=0.574; RR F(3,162)=1.194 P=0.314; CA F(3,162)=2.359 P=0.074;
 EN F(3,162)=2.244 P=0.085; MS F(3,162)=1.939 P=0.125; MG F(3,162)=1.387 P=0.249;
 NA F(3,162)=1.710 P=0.167; NG F(3,162)=0.804 P=0.493; OP F(3,162)=1.025 P=0.383;
 RL F(3,162)=2.715 P=0.047; RU F(3,162)=1.887 P=0.134; SE F(3,162)=0.568 P=0.637;
 FR F(3,162)=4.263 P=0.006; PA F(3,162)=1.176 P=0.321; FU F(3,162)=2.303 P=0.079;
 SU F(3,162)=4.841 P=0.003; TM F(3,162)=3.505 P=0.017; TC F(3,162)=1.332 P=0.266;
 TR F(3,162)=0.307 P=0.821

Para as sensações que apresentaram diferenças significativas através da análise de multivariância efectuamos o teste de Scheffé (Quadro 3.2.11), verificando que para o relaxamento muscular não é possível distinguir os grupos, enquanto para o frio o *grupo crime* se distingue do grupo de controle apresentando valores superiores. Para os suores o *grupo droga/crime* distingue-se do *grupo droga*, apresentando valores superiores, enquanto para a tensão muscular o grupo de controle se distingue do *grupo droga* apresentando valores mais elevados.

Quadro 3.2.11 - Sensações : teste de Scheffé para distinção dos grupos, filme droga

Sensações	Range	F	P	Grupos
Relaxamento musc.	0.960	2.969	0.033	não há diferenças entre dois grupos
Frio	1.150	3.737	0.012	crime versus controle
Suores	1.222	5.764	0.001	droga/crime versus droga
Tensão musc.	1.215	3.669	0.013	controle versus droga

Através dos dados obtidos verificamos que a segunda parte da Hipótese 2 foi confirmada, pois encontramos diferenças significativas entre os grupos para algumas das sensações corporais avaliadas. Contudo estas diferenças não são uniformes destacando tal como nos filmes anteriores o *grupo crime*, mas sim variadas, ora realçando o *grupo droga/crime* ora realçando o grupo de controle. Tal como aconteceu no desencadear das emoções, o *filme droga* não apresenta um padrão nítido de semelhanças entre os grupos.

Perante os dados encontrados na análise das sensações corporais podemos tirar algumas conclusões. Assim, verificamos que em todos os filmes os valores apresentados por cada sensação corporal são bastante baixos, sugerindo que estas foram pouco sentidas. Este problema já foi encontrado em versões anteriores da escala, remetendo-nos para o seu processo de construção, ou revelando a dificuldade dos sujeitos efectuarem uma avaliação adequada das sensações corporais, sugerindo que o estrato neurofisiológico seja avaliado através de instrumentos de medida objectivos e não por meios subjectivos.

No que se refere às hipóteses formuladas, encontramos resultados idênticos aos das emoções, sendo a Hipótese 1 confirmada apenas para o *filme agradável*. No *filme desagradável*, contrariamente ao previsto encontramos para algumas das sensações corporais diferenças significativas, apresentando o *grupo crime* ou o *grupo droga/crime* valores mais elevados. Verificamos que para a maioria das sensações corporais os *grupos crime e droga/crime* apresentam um padrão idêntico de respostas, confirmando-se deste modo a ideia apresentada durante a análise das emoções, em que levantamos a questão destes grupos ao apresentarem de modo mais intenso emoções que implicam o sujeito voltar-se para si mesmo teriam sensações corporais diferentes das sentidas pelos outros grupos.

No que diz respeito à Hipótese 2, verificamos que esta foi confirmada para ambos os filmes. Assim, para o *filme crime* a única sensação corporal que distingue os grupos é o frio, mais elevado para o *grupo crime*, apresentando contudo este grupo padrões de resposta idênticos ao do *grupo droga/crime*. Para o *filme droga* encontramos apenas três sensações corporais que distinguem os grupos, não apresentando estes um padrão uniforme de diferenças.

Perante todos os dados obtidos verificamos que qualquer um dos filmes desencadeia de modo pouco intenso as sensações corporais avaliadas, sendo encontradas poucas diferenças significativas entre os grupos. Assim, o *filme agradável* desencadeia as mesmas sensações corporais em todos os grupos, enquanto o *filme desagradável* e o *filme crime* permitem ver que os *grupos crime e droga/crime* apresentam um padrão de resposta semelhante. Por fim, o *filme droga* apresenta também poucas diferenças entre os grupos mas estas não são uniformes, não havendo um padrão de resposta semelhante entre os grupos. Podemos então concluir que, tal como nas emoções, perante estímulos desagradáveis com ou sem significado os *grupos crime e droga/crime* apresentam um padrão de resposta semelhante.

Analizadas as sensações corporais apresentamos seguidamente o estudo das cognições.

3.3. Cognições

Para a análise das cognições partimos da análise de conteúdo efectuada, tendo obtido as quinze categorias já descritas (recusa, emoções, sensações, cognições, história pessoal, imaginação, crítica, etc). Em seguida transformamos os dados obtidos numa análise quantitativa, através do número de enunciados por categoria, tendo como objectivo comparar os grupos. No entanto, para facilitar o tratamento estatístico trabalhamos não com o valor real das frequências mas com a sua percentagem. Efectuamos esta transformação dos dados depois de termos verificado que apareciam valores médios de enunciados por categoria como por exemplo 0.02 ou 0.083 enunciados e que na maioria dos casos não era possível efectuar análises de multivariância. Calculamos então o total de enunciados por sujeito e substituímos o valor obtido para cada categoria pela sua percentagem por sujeito (através da formula $[n^{\circ} \text{ de enunciados por categoria} / \text{total de enunciados do sujeito}] \times 100$), o que nos permitiu efectuar análises de multivariância sem alterar o sentido dos dados, já que uma categoria com um maior número de enunciados apresenta com esta transformação um maior valor na percentagem.

Começamos então por efectuar uma análise de multivariância do tipo 4x24x2x15, usando como variáveis independentes o grupo (controle, *crime*, *droga* e *droga/crime*), a ordem de apresentação dos filmes (utilizamos as vinte e quatro ordens possíveis) e a ordem de apresentação da escala (emoções/sensações ou sensações/emoções). Como variável dependente usamos a média da percentagem de enunciados obtida por cada categoria das cognições. Tal como nas emoções e nas sensações, por vezes não foi possível efectuar todos os cálculos por o SPSS não dispôr de memória suficiente, sobretudo para as interacções que implicaram a ordem de apresentação dos filmes.

Assim, para o *filme agradável* (Quadro 3.3.1) verificamos que não há efeitos nem interacções significativas, nem mesmo para a variável grupo.

Quadro 3.3.1 - Cognições : tipo de interação para o filme agradável

Tipo de interação	g. l.	F aprox. (Wilks)	P	Significância
grupo x ordem filme x ordem escala		impossível		
grupo x ordem filme		impossível		
grupo x ordem escala	3,176	0.864	0.706	NS
ordem filme x ordem escala	23,136	1.112	0.112	NS
grupo	3,180	1.233	0.162	NS
ordem filme	23,160	1.148	0.055	NS
ordem escala	1,182	0.769	0.692	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Comparando as médias entre grupos (Quadro 3.3.2), apesar do efeito grupo não ter dado significativo, apresentamos as médias obtidas, verificando que as categorias mais referidas por todos os grupos são cognições/emoções, justificação pessoal, crítica e descrição, apesar da categoria recusa ter sido também referida pelos *grupos droga e droga/crime*. As categorias menos referidas são emoções/sensações e droga/crime/emoções, ambas sem nenhuma referência. Os resultados mais elevados são apresentados pelo *grupo droga/crime*, pelo *grupo droga* ou pelo grupo de controle e raramente pelo *grupo crime*.

Quadro 3.3.2 - Cognições : comparação de percentagens entre grupos, filme agradável

Categoria das cognições	Controle	Crime	Droga	Droga/Crime
Recusa	1.042	5.000	1.042	6.250
Emoções	0.569	0	2.777	2.083
Sensações	0.190	0	0	0
Emoções e Sensações	0	0	0	0
Cognições e Emoções	35.915	47.915	51.215	50.694
Cognições e Sensações	0.765	0	0	0
Cogn., Emoc. e Sensações	0.694	0	0	0
História Pes. com Emoções	1.390	1.250	0	0
História Pessoal	0.521	0	0	1.390
Justificação Pessoal	34.473	35.210	35.590	29.688
Imaginação	0	1.250	0	0
Crítica	19.200	6.875	3.471	9.896
Descrição	4.721	2.500	5.902	0
Droga/Crime : Emoções	0	0	0	0
Droga/Crime : Cognições	0.521	0	0	0
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Através dos resultados obtidos verificamos que a primeira parte da Hipótese 1 foi verificada, pois não encontramos no *filme agradável* diferenças significativas entre os quatro grupos para as categorias de cognições utilizadas, tal como aconteceu com as emoções e com as sensações corporais desencadeadas por este mesmo filme.

Para o filme *desagradável* (Quadro 3.3.3) verificamos que há apenas um efeito significativo para o grupo.

Quadro 3.3.3 - Cognições : tipo de interacção para o filme desagradável

Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	P	Significância
grupo x ordem filme x ordem escala		impossível		
grupo x ordem filme		impossível		
grupo x ordem escala	3,176	1.040	0.408	NS
ordem filme x ordem escala	23,136	0.867	0.939	NS
grupo	3,180	2.251	0.000	***
ordem filme	23,160	0.992	0.529	NS
ordem escala	1,182	1.036	0.420	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Comparando as diferenças entre grupos (Quadro 3.3.4) encontramos diferenças significativas apenas para as categorias emoções (valores mais elevados para o *grupo droga*) e crítica e descrição (valores mais elevados para o grupo de controle). As categorias mais referidas por todos os grupos são cognições/emoções, justificação pessoal, crítica e recusa, embora o *grupo crime* e o grupo de controle apresentem enunciados incluídos na maioria das categorias. Os *grupos droga e droga/crime* apresentam o menor número de categorias com enunciados, sendo para todos os grupos as duas categorias menos referidas (com zero enunciados) as sensações e droga/crime/emoções.

Quadro 3.3.4 - Cognições : comparação de percentagens entre grupos, filme desagradável

Categoria das cognições	Controle	Crime	Droga	Droga/Crime	Significância ⁴⁹
Recusa	2.083	2.083	1.042	1.042	NS
Emoções	0.417	0	8.158	1.042	***
Sensações	0	0	0	0	NS
Emoções e Sensações	3.423	0	4.688	0	NS
Cognições e Emoções	36.475	46.457	48.750	55.000	NS
Cognições e Sensações	1.390	1.250	0	0	NS
Cogn., Emoc. e Sensações	3.031	4.583	0	0	NS
História Pes. com Emoções	0.694	2.083	0	0.694	NS
História Pessoal	0	2.083	0	1.735	NS
Justificação Pessoal	26.715	29.165	33.471	31.840	NS
Imaginação	1.429	3.750	0	0	NS
Crítica	16.160	7.708	3.471	8.646	*
Descrição	8.187	0	0.417	0	***
Droga/Crime : Emoções	0	0	0	0	NS
Droga/Crime : Cognições	0	0.833	0	0	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo					

Para as categorias de cognições que apresentaram diferenças significativas através da análise de multivariância efectuamos o teste de Scheffé (Quadro 3.3.5), verificando que os grupos se distinguem nas três categorias de cognições. Assim, para a categoria emoções o *grupo droga* distingue-se de todos os outros grupos, apresentando valores nitidamente superiores, enquanto para a categoria crítica o grupo de controle se opõe ao *grupo droga* com valores superiores, e na categoria descrição o grupo de controle se distingue dos restantes grupos com valores também superiores.

Quadro 3.3.5 - Cognições : teste de Scheffé para distinção dos grupos, filme desagradável

Cognições	Range	F	P	Grupos
Emoções	0.079	5.596	0.001	droga versus restantes grupos
Crítica	0.155	2.788	0.042	controle versus droga
Descrição	0.072	7.312	0.000	controle versus restantes grupos

⁴⁹ Testes univariados através da Manova

N F(3,180)=0.165 P=0.920; E F(3,180)=5.596 P=0.001; S F(3,180)=0.000 P=1.000;
 ES F(3,180)=1.556 P=0.202; CE F(3,180)=1.850 P=0.140; CS F(3,180)=1.257 P=0.291;
 CES F(3,180)=2.415 P=0.068; HPE F(3,180)=1.044 P=0.374; HP F(3,180)=1.454 P=0.229;
 JP F(3,180)=0.332 P=0.802; CI F(3,180)=1.830 P=0.143; CC F(3,180)=2.788 P=0.042;
 CD F(3,180)=7.312 P=0.000; DCE F(3,180)=0.000 P=1.000; DCC F(3,180)=1.204 P=0.310

Através dos dados obtidos verificamos que a segunda parte da Hipótese 1 não foi verificada, pois encontramos diferenças entre os grupos para três das quinze categorias de cognições, evidenciando-se o grupo de controle em duas categorias e o *grupo droga* numa das categorias. Contrariamente às emoções e sensações, o *grupo crime* apresenta um padrão de respostas semelhante ao do grupo de controle enquanto os *grupos droga e droga/crime* se assemelham entre si.

Para o *filme crime* (Quadro 3.3.6) encontramos um efeito significativo também apenas para o grupo.

Quadro 3.3.6 - Cognições : tipo de interação para o filme crime

Tipo de interação	g. l.	F aprox. (Wilks)	P	Significância
grupo x ordem filme x ordem escala		impossível		
grupo x ordem filme		impossível		
grupo x ordem escala	3,176	0.761	0.862	NS
ordem filme x ordem escala	23,136	1.091	0.151	NS
grupo	3,180	2.034	0.000	***
ordem filme	23,160	1.057	0.249	NS
ordem escala	1,182	0.724	0.748	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Comparando as médias entre grupos (Quadro 3.3.7) encontramos diferenças significativas apenas para as categorias recusa (valores mais elevados para o *grupo droga/crime*), cognições/emoções/sensações, crítica e descrição (valores mais elevados para o grupo de controle), sendo as categorias mais referidas por todos os grupos cognições/emoções, história pessoal, justificação pessoal, crítica e droga/crime/cognições. A única categoria não referida foi a das sensações. No que se refere ao padrão de resposta, verificamos que o *grupo crime* apresenta o menor número de categorias referidas, sendo as suas respostas concentradas nas cinco categorias mais referidas, enquanto o *grupo droga/crime* apresenta o maior número de categorias referidas.

Quadro 3.3.7 - Cognições : comparação de percentagens entre grupos, filme crime

Categoria das cognições	Controle	Crime	Droga	Droga/Crime	Significância ⁵⁰
Recusa	0	0	0	8.333	**
Emoções	1.042	0	2.083	0.938	NS
Sensações	0	0	0	0	NS
Emoções e Sensações	0	0	0.521	0	NS
Cognições e Emoções	20.342	23.915	36.975	22.519	NS
Cognições e Sensações	0.260	0	0	0	NS
Cogn., Emoc. e Sensações	1.458	0	0	0	*
História Pes. com Emoções	0.710	0	0	0.298	NS
História Pessoal	2.121	5.833	3.125	4.513	NS
Justificação Pessoal	28.173	35.208	29.860	32.640	NS
Imaginação	0	0	0	2.064	NS
Crítica	36.569	25.668	15.312	10.610	***
Descrição	4.167	0	0.348	0.298	**
Droga/Crime : Emoções	0	0	1.042	4.860	NS
Droga/Crime : Cognições	5.160	9.375	10.727	14.692	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo					

Para as categorias de cognições que apresentaram diferenças significativas através da análise de multivariância efectuamos o teste de Scheffé (Quadro 3.3.8), verificando que para a categoria cognições/emoções/sensações não há diferenças entre os grupos. Para a categoria recusa o *grupo droga/crime* opõe-se aos restantes grupos apresentando os valores mais elevados, enquanto para as categorias crítica e descrição o grupo de controle apresenta os valores mais elevados, opondo-se aos *grupos droga e droga/crime* na categoria crítica e aos restantes grupos na categoria descrição.

Quadro 3.3.8 - Cognições : teste de Scheffé para distinção dos grupos, filme crime

Cognições	Range	F	P	Grupos
Recusa	0.101	4.032	0.008	droga/crime vs restantes grupos
Cog. Emoc. e Sens.	0.021	2.925	0.035	não há diferenças entre dois grupos
Crítica	0.227	6.158	0.001	controle vs droga e vs droga/crime
Descrição	0.046	4.375	0.005	controle vs restantes grupos

⁵⁰ Testes univariados através da Manova

N F(3,180)=4.032 P=0.008; E F(3,180)=0.435 P=0.728; S F(3,180)=0.000 P=1.000;
 ES F(3,180)=0.944 P=0.421; CE F(3,180)=2.067 P=0.106; CS F(3,180)=0.944 P=0.421;
 CES F(3,180)=2.925 P=0.035; HPE F(3,180)=1.070 P=0.363; HP F(3,180)=0.475 P=0.700;
 JP F(3,180)=0.306 P=0.821; CI F(3,180)=0.944 P=0.421; CC F(3,180)=6.158 P=0.001;
 CD F(3,180)=4.375 P=0.005; DCE F(3,180)=2.006 P=0.115; DCC F(3,180)=1.463 P=0.226

Através dos resultados encontrados verificamos que a primeira parte da Hipótese 2 foi verificada, pois encontramos diferenças significativas entre os grupos para algumas das categorias utilizadas nas cognições, apresentando o grupo de controle valores mais elevados, enquanto o *grupo crime* apresenta uma concentração de respostas em poucas categorias.

Para o *filme droga* (Quadro 3.3.9.) verificamos que o único efeito significativo é também para o grupo.

Quadro 3.3.9 - Cognições : tipo de interacção para o filme droga				
Tipo de interacção	g. l.	F aprox. (Wilks)	P	Significância
grupo x ordem filme x ordem escala		impossível		
grupo x ordem filme		impossível		
grupo x ordem escala	3,176	1.048	0.393	NS
ordem filme x ordem escala	23,136	0.869	0.943	NS
grupo	3,180	1.793	0.002	***
ordem filme	23,160	1.081	0.173	NS
ordem escala	1,182	0.843	0.622	NS
* p < 0.05 ** p < 0.01 *** p < 0.001 NS - Não Significativo				

Comparando as médias entre grupos (Quadro 3.3.10) encontramos diferenças significativas apenas para as categorias cognições/emoções e história pessoal com emoções (*grupo droga/crime* com valores mais elevados) e para a crítica (grupo de controle com valores superiores), sendo a categoria droga/crime/emoções a única não referida. Verificamos também que as categorias mais referidas por todos os grupos foram as cognições/emoções, história pessoal, justificação pessoal, crítica e droga/crime/cognições. Quanto ao padrão de resposta o grupo de controle refere o maior número de categorias, enquanto os restantes grupos referem apenas cerca de metade das categorias, havendo contudo algumas semelhanças entre os *grupos droga e droga/crime*.

Quadro 3.3.10 - Cognições : comparação de percentagens entre grupos, filme droga

Categoria das cognições	Controle	Crime	Droga	Droga/Crime	Significância ⁵¹
Recusa	1.042	0.625	0	0	NS
Emoções	1.273	0	7.292	4.167	NS
Sensações	0.208	0	0	0	NS
Emoções e Sensações	0.521	0	1.042	0	NS
Cognições e Emoções	29.317	30.210	53.333	47.060	**
Cognições e Sensações	1.185	0	0	0	NS
Cogn., Emoc. e Sensações	0.521	0	0	0.417	NS
História Pes. com Emoções	0.348	0	0.694	7.015	*
História Pessoal	0.938	4.165	3.992	5.000	NS
Justificação Pessoal	28.923	35.620	25.071	23.173	NS
Imaginação	0	1.250	0	0	NS
Crítica	33.858	23.333	7.533	12.592	***
Descrição	1.342	2.500	0	0.348	NS
Droga/Crime : Emoções	0	0	0	0	NS
Droga/Crime : Cognições	0.521	2.293	1.042	0.231	NS

* p < 0.05

** p < 0.01

*** p < 0.001

NS - Não Significativo

Para as categorias de cognições que apresentaram diferenças significativas através da análise de multivariância efectuamos o teste de Scheffé (Quadro 3.3.11), verificando que para a categoria história pessoal com emoções não é possível distinguir os grupos. Para as cognições/emoções o *grupo droga* apresenta os valores mais elevados opondo-se ao grupo de controle e ao *grupo crime*, enquanto para a crítica o grupo de controle apresenta os valores mais elevados opondo-se aos *grupos droga e droga/crime*.

Quadro 4.3.11 - Cognições : teste de Scheffé para distinção dos grupos, filme droga

Cognições	Range	F	P	Grupos
Cogn. e Emoções	0.268	4.685	0.004	droga vs controle e vs crime
Hist. Pes. Emoções	0.091	3.191	0.025	não há diferenças entre dois grupos
Crítica	0.210	7.388	0.000	controle vs droga e vs droga/crime

⁵¹ Testes univariados através da Manova

N F(3,180)=0.729 P=0.536; E F(3,180)=1.665 P=0.176; S F(3,180)=0.944 P=0.421;

ES F(3,180)=1.064 P=0.366; CE F(3,180)=4.685 P=0.004; CS F(3,180)=2.265 P=0.083;

CES F(3,180)=0.619 P=0.604; HPE F(3,180)=3.191 P=0.025; HP F(3,180)=0.832 P=0.478;

JP F(3,180)=1.292 P=0.279; CI F(3,180)=1.204 P=0.310; CC F(3,180)=7.388 P=0.000;

CD F(3,180)=0.799 P=0.496; DCE F(3,180)=0.000 P=1.000; DCC F(3,180)=0.999 P=0.395

Através dos dados encontrados verificamos que a segunda parte da Hipótese 2 foi confirmada, pois encontramos diferenças significativas entre os grupos para algumas das categorias das cognições, apresentando o *grupo droga/crime* ou o grupo de controle valores mais elevados e encontrando algumas semelhanças entre os *grupos droga e droga/crime*.

Perante os resultados obtidos na análise das sensações verificamos que em todos os filmes há um conjunto de categorias que concentram o maior número de enunciados, e que são as categorias recusa, cognições/emoções, história pessoal, justificação pessoal, critica, descrição, o que nos sugere que há alguma recusa em descrever as cognições (explícita através da categoria recusa ou implícita fazendo criticas ou descrições) e quando estes são revelados remetem sobretudo para acontecimentos da vida pessoal ou opiniões pessoais. O facto da categoria cognições/emoções ser uma das mais referidas parece também ser um bom exemplo da ligação íntima entre os dois níveis, já que as emoções raramente são referidas de modo isolado.

No que se refere às hipóteses formuladas, encontramos resultados diferentes dos obtidos para a análise das emoções, apesar da confirmação das hipóteses ser idêntica. Assim, a Hipótese 1 foi confirmada apenas para o *filme agradável*, enquanto no *filme desagradável*, contrariamente ao previsto encontramos para algumas das cognições diferenças significativas, apresentando o *grupo droga* ou o grupo de controle valores mais elevados. Verificamos que para a maioria das cognições os *grupos droga e droga/crime* apresentam um padrão idêntico de respostas, o que vem contrariar a ideia apresentada durante a análise das emoções, em que levantamos a questão dos *grupos crime e droga/crime*, ao apresentarem de modo mais intenso emoções que implicam o sujeito voltar-se para si mesmo, teriam cognições diferentes das sentidas pelos outros grupos, sendo estas então diferentes mas para os *grupos droga e droga/crime*.

No que diz respeito à Hipótese 2, verificamos que esta foi confirmada para ambos os filmes. Assim, para o *filme crime* salienta-se o grupo de controle com valores mais elevados e o *grupo crime* com uma concentração de respostas em poucas categorias, enquanto os *grupos droga/crime e droga* se assemelham entre si. Para o

3.4. A articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato neurofisiológico

Para estudar a articulação entre estes dois estratos efectuamos uma análise de correlações entre emoções e sensações corporais, considerando separadamente cada filme e cada grupo. Efectuamos também uma análise factorial com os mesmos dados e com o objectivo de identificar melhor a articulação entre os dois estratos, no entanto desprezamos os resultados encontrados, pois em cada factor nunca foram incluídos simultaneamente emoções e sensações corporais, variando apenas entre os grupos e os filmes os itens que constituíam cada factor. Efectuamos também uma análise de correspondências (codificando os valores obtidos na escala e que traduzem a intensidade de cada emoção e sensação, em categorias três simples : não sentiu cada emoção e sensação, sentiu muito e sentiu pouco), mas verificamos que atendendo ao número de possibilidades por item (três), ao número de itens (onze emoções e dezanove sensações) e ao número de grupos a discriminar (quatro) os resultados eram tão sobreposto que se tornavam difíceis de ler, mesmo considerando separadamente cada filme. Optámos então por considerar apenas os resultados obtidos através da análise de correlações, efectuando análises separadas para cada grupo e filme.

Assim, para o *filme agradável* (Quadro 3.4.1) encontramos algumas correlações significativas mas estas são sempre positivas e ocorrem sobretudo entre todas as sensações corporais utilizadas e todas as emoções negativas. Contudo, existem ainda algumas correlações do **interesse** com o aumento do ritmo respiratório e mau gosto na boca, da **alegria** com o aumento do ritmo respiratório, calores, mãos suadas e relaxamento, e da **surpresa** com aumento do ritmo respiratório, calores, nó na garganta, opressão no peito, rubor, sensações no estômago, frio, paralisia, suores, tensão muscular, tiques no corpo e tremor. Comparando os grupos verificamos que todos apresentam correlações entre emoções e sensações corporais, distinguindo-se contudo pelo número apresentado. Assim, o *grupo droga/crime* apresenta o maior número de correlações encontradas (cerca de sessenta), enquanto o *grupo droga* apresenta um valor intermédio (entre vinte a trinta) e o *grupo crime* e o grupo de controle apresentam os valores mais baixos (cerca de quinze).

Quadro 3.4.1 - Correlações entre emoções e sensações : filme agradável

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
RC	CT	.231	.206	.158	.217	.217	.354*	-.185	.368*	.398*	-.034	.106
	CR	.027	.288	.230	.547**	.204	.247	.086	.341	.340	.169	.365
	DR	.264	.261	.283	.037	.061	.157	.057	.196	.065	.100	.226
	DC	.057	.187	.100	.010	.052	-.057	-.022	.046	.263	.337*	.298
RR	CT	.413*	.290	.203	.256	.256	.233	-.090	.200	.049	-.068	-.006
	CR	.110	.254	.120	.384*	.058	.019	-.145	.156	.090	.171	.217
	DR	.125	.110	.179	.216	.210	.362*	.323	.235	.410*	.183	.473**
	DC	.404*	.406*	.404*	.292	.364*	.205	.205	.229	.311	.547**	.186
CA	CT	.271	.324	.065	-.093	-.093	.281	-.234	.026	.211	-.158	-.042
	CR	.150	.548**	.058	.204	.187	.207	-.021	.323	.207	.184	.192
	DR	.261	.271	.325	-.011	.027	.149	.048	.103	.255	.157	.039
	DC	.104	.208	.431*	.466**	.486**	.235	.215	.242	.541**	.134	.174
EN	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.102	.101	.171	.101	.141	.086	.127	.223	.141	.249	.157
	DC	-.038	.019	.143	.237	.448**	.139	.376*	.122	.391*	.206	.157
MS	CT	.227	.339*	-.083	-.084	-.084	.176	-.211	.227	-.072	-.152	-.139
	CR	.090	.434*	-.151	.412*	-.131	-.102	-.058	-.083	-.015	-.115	.137
	DR	-.156	-.238	-.044	.124	.165	-.058	.215	.036	.319	.400*	.147
	DC	-.021	-.015	.198	.127	.197	.113	.101	.174	.339*	.144	.056
MG	CT	-.115	-.144	-.155	-.021	-.021	-.047	.489**	-.036	-.069	-.057	-.035
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	-.299	-.241	-.138	.715**	.888**	.102	.838**	.018	-.035	.870**	-.010
	DC	.335*	.298	.266	.379*	.409*	.342*	.310	.076	.248	-.011	.352*
NA	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.181	.179	.252	.089	.142	.332	.225	.101	.370*	.269	.512**
	DC	-.028	-.021	.271	.386*	.341*	.285	.343*	.122	.141	-.025	-.068
NG	CT	-.157	-.157	-.190	-.029	-.029	-.009	.454**	-.049	.018	-.078	-.048
	CR	.143	.161	.210	.251	.442*	.240	-.060	.558**	.294	.058	.307
	DR	-.237	-.195	.013	.754**	.844**	.286	.791**	.288	.194	.825**	.151
	DC	.209	.239	.430*	.375*	.620**	.023	.109	.468**	.547**	.362*	.314
OP	CT	-.154	.045	-.197	-.042	-.042	.185	.072	-.071	.145	-.112	-.069
	CR	.201	.341	.047	.596**	.205	.113	-.107	.313	.108	-.014	.375*
	DR	.033	-.003	.157	.205	.209	.212	.317	.238	.171	.315	.746**
	DC	-.091	-.031	.351*	.318	.440**	.037	.095	.178	.589**	.216	.229
RL	CT	.212	.360*	.082	.167	.167	-.191	-.093	.283	.216	-.025	.386*
	CR	.304	.389*	-.292	.084	-.283	-.298	-.149	-.212	.030	-.066	-.090
	DR	.212	.293	.300	-.197	-.174	-.093	-.101	-.112	.134	.034	.162
	DC	.302	.537**	.268	.168	.216	.150	.053	.207	.276	.349*	.220
RU	CT	.085	.326	.044	.064	.064	.439**	-.205	.316	.398*	.017	.424*
	CR	.023	.237	-.246	.203	-.064	-.052	.017	-.002	.021	-.048	.100
	DR	.126	.136	.321	.115	.169	.033	.170	.006	.170	.187	.047
	DC	.198	.271	.592**	.322	.296	.377*	.222	.343*	.468**	.208	.554**
SE	CT	.121	.155	.066	-.047	-.047	.074	-.118	-.079	.074	-.126	-.076
	CR	-.081	.221	.173	.047	-.087	-.040	.037	-.032	.087	-.044	.015
	DR	.136	.108	.373*	.360*	.231	.358	.202	.336*	.357*	.161	.307
	DC	.074	.143	.296	.407*	.377*	.198	.206	.250	.378*	.056	.151

* p < 0.01 ** p < 0.001

Quadro 3.4.1 (conclusão) - Correlações entre emoções e sensações : filme agradável

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
FR	CT	.076	.150	.032	-.034	-.034	-.075	-.086	-.058	.347*	-.091	.620**
	CR	.036	.270	.137	.106	.258	.218	.168	.366	.602**	.113	.150
	DR	.070	-.117	.183	.360*	.202	.450**	.057	.853**	.055	.148	.083
	DC	-.048	.009	.363*	.624**	.330	.359*	.292	.070	.514**	.037	.140
PA	CT	.045	.157	.170	.231	.231	.213	-.064	.025	.365*	-.015	.047
	CR	.128	-.035	.107	.211	.293	.128	-.118	.401*	.498**	.304	.255
	DR	.123	.280	.404*	.000	.035	-.029	.056	.054	.008	.101	.168
	DC	-.138	-.109	.300	.501**	.466**	.139	.189	.070	.557**	.120	.168
FU	CT	-.009	.104	-.026	-.027	-.027	-.060	-.068	-.046	.186	.255	-.045
	CR	-.150	.003	.009	.451*	-.058	-.108	-.078	-.017	.146	-.058	.244
	DR	-.225	-.289	-.159	.306	.410*	.002	.376*	.060	.147	.637**	.006
	DC	.178	.223	.057	.238	.082	-.011	-.005	-.033	.169	.509**	.029
SU	CT	.151	.311	.012	-.064	-.064	.216	-.161	-.108	-.115	-.117	-.106
	CR	-.013	.023	-.023	.135	-.086	-.113	-.106	-.042	.295	.164	-.074
	DR	.102	.101	.171	.101	.141	.086	.127	.223	.141	.249	.157
	DC	.137	.011	.409*	.504**	.383*	.254	.259	.332	.462**	.088	.187
TM	CT	.000	.278	.179	.315	.315	.595**	-.008	.021	.194	.021	.052
	CR	.029	.060	.132	-.005	-.057	-.072	-.034	.015	.304	.182	.145
	DR	.101	.151	.086	.035	.090	-.003	.190	.111	.202	.305	.385*
	DC	.095	.187	.452**	.456**	.500**	.054	.157	.306	.552**	.233	.471**
TC	CT	.016	.320	.262	.049	.049	.329	.124	-.095	-.154	.000	-.082
	CR	.128	.300	.163	.073	.155	.102	-.009	.275	.468*	.074	.153
	DR	.199	.243	.317	.110	.139	.073	.154	.101	.205	.153	.335
	DC	.139	.200	.459**	.628**	.393*	.027	.153	.269	.259	.021	.382*
TR	CT	-.140	.100	-.147	-.038	-.038	.251	-.095	-.064	.301	-.101	-.063
	CR	-.131	-.022	.197	.122	.143	.041	-.052	.218	.466*	.049	.048
	DR	.101	.016	.056	.274	.178	.250	.276	.125	.239	.126	.267
	DC	.227	.265	.481**	.859**	.596**	.328	.470**	.214	.392	.146	.221

* p < 0.01 ** p < 0.001

Através dos dados obtidos podemos verificar que todos os grupos apresentam correlações entre emoções e sensações corporais, sendo estas mais numerosas para as emoções negativas e evidenciando-se o *grupo droga/crime* pelo alto número de correlações. Interpretando estes resultados à luz da articulação entre estratos, o *grupo droga/crime* apresentaria uma forte ligação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato neurofisiológico, sendo seguido com bastante distancia pelo *grupo droga* e por fim pelo *grupo crime* e pelo grupo de controle.

No que se refere ao *filme desagradável* (Quadro 3.4.2) encontramos um elevado número de correlações significativas, sempre positivas e bastante frequentes entre as

emoções negativas e todas as sensações corporais. Das emoções positivas o **interesse** não apresenta correlações significativas com nenhuma das sensações corporais, enquanto a **alegria** apresenta correlações com o nó na garganta para o grupo de controle e com o relaxamento, rubor e frio para o *grupo droga/crime*. A **surpresa** apresenta tal como as **emoções negativas** correlações praticamente com todas as sensações corporais, excepto com o relaxamento e tensão muscular. Como existem bastantes correlações significativas, entre emoções e sensações corporais, é possível apenas distinguir os grupos pelo número de correlações apresentado. Assim, o *grupo droga/crime* apresenta o maior número de correlações encontradas (cerca de cem), em seguida encontramos o grupo de controle (com cerca de setenta), depois o *grupo crime* (com cerca de sessenta) e por fim o *grupo droga* (com cerca de quarenta).

Quadro 3.4.2 - Correlações entre emoções e sensações : filme desagradável

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
RC	CT	.135	.268	.376*	.494**	.200	.320	.257	.456**	.203	.033	.188
	CR	-.063	-.067	.066	.409*	.275	.383*	.374*	.382*	.287	.355	.344
	DR	.071	-.137	.081	.523**	.307	.322	.022	.285	.189	.022	.314
	DC	.092	.169	.484**	.312	.323	.434*	.097	.364*	.359*	.386*	.271
RR	CT	.270	.235	.378*	.444**	.206	.217	.157	.353*	.125	.016	.222
	CR	.117	.118	.092	.431*	.252	.367*	.365	.451*	.359	.340	.358
	DR	-.026	-.030	.041	.566**	.416*	.272	.068	.355*	.244	.050	.347*
	DC	.040	.226	.496**	.411*	.501*	.558**	.315	.437**	.362*	.374*	.330
CA	CT	-.107	.136	.412*	.503**	.385*	.334	.362*	.446**	.370*	.060	-.029
	CR	.059	.062	.296	.418*	.341	.373*	.470*	.332	.225	.394*	.242
	DR	-.165	.038	.124	.243	.258	.202	-.036	.131	.119	.120	.503**
	DC	-.026	.232	.289	.319	.382*	.406*	.198	.375*	.409*	.469**	.320
EN	CT	-.099	-.266	.230	.342*	.336*	.365*	.377*	.363*	.389*	.161	.167
	CR	-.061	-.062	.175	.473*	.514**	.491**	.376*	.528**	.563**	.644**	.398*
	DR	-.026	.134	.086	.378*	.151	.296	-.126	.268	.106	.429*	.474**
	DC	-.012	.175	.591**	.491**	.600**	.377*	.342*	.589**	.483**	.540**	.470**
MS	CT	-.007	.309	.398*	.526**	.250	.505**	.414*	.535**	.437**	.063	.011
	CR	.085	.025	.212	.402*	.342	.247	.419*	.246	.232	.246	.294
	DR	-.027	.000	-.171	.178	.335*	-.176	-.130	-.174	.041	.132	.480**
	DC	.098	.220	.463**	.148	.275	.245	.068	.282	.154	.249	.364*
MG	CT	.011	.108	.247	.354*	.594**	.315	.564**	.445**	.314	.114	.020
	CR	-.153	-.004	.085	.212	.213	.187	.152	.244	-.033	.025	.216
	DR	-.288	-.043	-.072	.280	.417*	.142	-.013	-.128	.188	.276	.776**
	DC	.041	.080	.511**	.427*	.499**	.342*	.375*	.499**	.377*	.377*	.376*
NA	CT	-.228	-.184	.092	.323	.312	.235	.451**	.360*	.517**	.222	.290
	CR	.052	-.159	.256	.422*	.423*	.422*	.218	.517**	.250	.335	.362
	DR	-.069	-.011	.302	.249	.240	.359*	-.059	.179	.304	.079	.120
	DC	.158	.041	.523**	.478**	.464**	.303	.313	.496**	.449**	.453**	.253
NG	CT	.035	.341*	.409*	.481**	.423*	.326	.453**	.406*	.365*	.168	.165
	CR	-.083	.105	.369*	.359	.440*	.377*	.469*	.458*	.350	.374*	.499**
	DR	-.071	-.010	.097	.404*	.242	.382*	-.090	.152	.200	.105	.393*
	DC	.208	.111	.466**	.432*	.376*	.334	.198	.458**	.308	.435**	.292
OP	CT	.131	.286	.335*	.611**	.477**	.325	.297	.670**	.355*	.167	.021
	CR	.010	-.007	.145	.262	.292	.430*	.215	.474**	.192	.154	.128
	DR	.061	.179	.183	.172	.203	.032	.154	.374*	.404*	.043	.234
	DC	.179	.055	.517**	.557**	.555**	.441**	.224	.566**	.304	.475**	.246
RL	CT	.183	-.038	.037	-.035	.099	-.086	.077	-.154	.058	.141	.259
	CR	.200	.211	-.056	.019	.276	.099	.130	.150	.161	.152	.290
	DR	-.011	.125	.086	.188	.437**	-.043	.059	-.157	.093	.244	.555**
	DC	-.090	.377*	.156	.127	.107	.133	.043	.190	.483**	.328	.028
RU	CT	-.242	.115	.067	.316	.171	.341*	.157	.217	.134	-.096	-.066
	CR	.129	.093	.296	.378*	.517**	.362	.278	.434*	.249	.181	.208
	DR	-.189	-.103	.004	.191	.270	.158	.003	-.053	.016	.270	.537**
	DC	-.109	.345*	.348*	.268	.428*	.369*	.279	.361*	.462**	.527**	.475**
SE	CT	.028	-.110	.157	.451**	.315	.359*	.315	.537**	.299	.123	-.068
	CR	-.054	-.182	.272	.431*	.563**	.481**	.484**	.490**	.462*	.590**	.330
	DR	.134	.289	.082	.249	.101	.280	.119	.281	.176	.081	.306
	DC	.239	.081	.407*	.418*	.263	.207	.093	.345*	.204	.238	.151

* p < 0.01 ** p < 0.001

Quadro 3.4.2 (conclusão) - Correlações entre emoções e sensações : filme desagradável

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
FR	CT	.058	-.105	.090	.206	.377*	.256	.322	.315	.028	-.009	-.057
	CR	.087	.267	.311	.025	-.010	-.090	.052	.397*	.322	.180	.416*
	DR	-.029	.003	-.002	.264	.190	.096	.681**	.262	.117	.107	.088
	DC	-.193	.395*	.305	.091	.211	.171	.212	.111	.274	.227	.252
PA	CT	-.065	.214	.415*	.633**	.356*	.542**	.372*	.678**	.363*	.040	.049
	CR	.041	-.061	.308	.491**	.468*	.447*	.255	.545**	.343	.299	.270
	DR	.120	-.023	.201	.355*	.164	.269	.090	.202	.045	.106	.150
	DC	.126	-.116	.295	.248	.095	.069	.185	.336*	.133	.232	.066
FU	CT	.123	.218	.231	.556**	.095	.569**	.204	.697**	.046	.029	.118
	CR	.069	.060	.623**	.479**	.445*	.339	.350	.564**	.289	.367*	.241
	DR	.198	.159	.461**	.244	.063	.426*	-.159	.227	.271	.343*	.117
	DC	.133	-.074	.522**	.310	.415*	.208	.303	.482**	.301	.456**	.441**
SU	CT	-.052	.226	.326	.486**	.422*	.403*	.647**	.691**	.555**	.114	.144
	CR	-.079	.084	.189	.279	.295	.117	.383*	.264	.332	.201	.376*
	DR	-.181	.113	.033	.369*	.367*	.259	.005	.116	.120	.218	.640**
	DC	.042	.136	.404*	.394*	.425*	.449**	.125	.446**	.433*	.561**	.349*
TM	CT	.212	.288	.280	.601**	.285	.390*	.412*	.674**	.321	.134	.179
	CR	.004	.142	.332	.283	.173	.236	.155	.386*	.082	.111	.143
	DR	.094	.040	.133	.468**	.350*	.254	.089	.117	.360*	.208	.358*
	DC	.082	.093	.325	.424*	.296	.469**	.107	.386*	.288	.482**	.310
TC	CT	-.053	-.083	.064	.369*	.144	.551**	.249	.501**	.215	-.094	-.020
	CR	.116	.252	.415*	.406*	.337	.337	.385*	.590**	.294	.476**	.201
	DR	.226	.330	.368*	.012	.165	.040	.023	.186	.609**	.149	.362*
	DC	.201	.292	.398*	.464**	.545**	.300	.203	.528**	.384*	.479**	.337*
TR	CT	.158	.046	.303	.443**	.398*	.486**	.445**	.611**	.246	.055	-.038
	CR	-.113	.138	.164	.368*	.374*	.414*	.270	.416*	.039	.251	.204
	DR	-.119	.161	.172	.341*	.460**	.261	-.025	.139	.671**	.182	.610**
	DC	.129	.236	.392*	.313	.494**	.325	.293	.451**	.404*	.549**	.479**

* p < 0.01 ** p < 0.001

Através dos resultados encontrados verificamos que todos os grupos apresentam numerosas correlações significativas entre emoções e sensações corporais, sendo estas mais frequentes para a **surpresa** e para as **emoções negativas** e evidenciando-se o *grupo droga/crime* pelo alto número de correlações. Interpretando estes resultados à luz da articulação entre estratos, o *grupo droga/crime* apresentaria uma forte ligação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato neurofisiológico, sendo contudo imediatamente seguido pelo grupo de controle, pelo *grupo crime* e com maior distancia pelo *grupo droga*.

No que se refere ao *filme crime* (Quadro 3.4.3) encontramos também um elevado número de correlações significativas, sempre positivas e bastante frequentes entre as **emoções negativas** e todas as sensações corporais, mas este número é menor que o encontrado para o *filme desagradável*. Das emoções positivas encontramos correlações do **interesse** com aumento do ritmo respiratório, enjoos, mau gosto na boca, náuseas e tremor, da **alegria** com calores, mãos suadas, relaxamento e paralisia e da **surpresa** com o aumento do ritmo respiratório, calores, mãos suadas, náuseas e paralisia, ocorrendo sempre estas correlações no *grupo droga/crime* ou no grupo de controle. Tal como nos filmes anteriores, como existem bastantes correlações significativas entre emoções e sensações corporais, é possível apenas distinguir os grupos pelo número de correlações apresentado. Assim, o grupo de controle apresenta o maior número de correlações encontradas (cerca de setenta), em seguida encontramos o *grupo droga/crime* (cerca de sessenta), depois o *grupo droga* (com cerca de cinquenta) e por fim, com alguma distância o *grupo crime* (cerca de trinta).

Quadro 3.4.3 - Correlações entre emoções e sensações : filme crime

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
RC	CT	.194	-.124	.243	.384*	.513**	.528**	.438**	.543**	.475**	.240	.342*
	CR	.189	-.310	.099	.410*	.334	.193	.254	.220	.230	.471*	.177
	DR	.017	.076	.146	.479**	.465**	.307	.268	.396*	.470**	.419*	.676**
	DC	.333	.092	.167	.492**	.429*	.350*	.147	.254	.164	.176	.408
RR	CT	.296	-.035	.385*	.443**	.505**	.587**	.519**	.626**	.448**	.296	.460**
	CR	.138	-.192	.099	.265	.292	.245	.140	.162	.149	.405*	.135
	DR	.072	.168	.171	.613**	.599**	.153	.239	.604**	.319	.346*	.610**
	DC	.414*	.143	.139	.343*	.365*	.319	.100	.222	.046	.163	.441**
CA	CT	.135	-.106	.227	.458**	.638**	.533**	.465**	.557**	.591**	.397*	.469**
	CR	.286	.142	.169	.102	.095	.065	.147	.001	.140	.265	.104
	DR	-.072	.090	.077	.217	.319	.088	.188	.260	.383*	.229	.370*
	DC	.184	.463**	.473**	.464**	.391*	.335	.389*	.261	.385*	.254	.346*
EN	CT	.018	-.093	.160	.058	-.012	-.040	-.003	.038	-.137	.043	-.036
	CR	.277	-.127	.043	.418*	.425*	.340	.216	.419*	.198	.284	.393*
	DR	-.084	.032	-.063	.166	.275	.265	.182	.333	.433*	.297	.291
	DC	.381*	.244	.148	.218	.303	.163	.066	.357*	.128	.172	.341*
MS	CT	.231	-.012	.359*	.313	.486**	.382*	.267	.427*	.403*	.273	.516**
	CR	.264	-.186	-.123	.238	.312	.192	.250	.142	-.061	.341	.195
	DR	-.169	.136	-.097	.338*	.341*	.011	.314	.276	.438**	.278	.438**
	DC	.324	.444**	.174	.155	.458**	.254	.271	.267	.174	.297	.445**
MG	CT	.242	.012	.051	.286	.238	.169	.067	.292	.085	.080	.128
	CR	-.091	-.171	.168	.253	.293	.370*	.181	.096	.191	.314	.000
	DR	-.213	.106	-.141	.258	.383*	.092	.384*	.316	.428*	.360*	.401*
	DC	.415*	-.066	.030	.171	.571**	.417*	.191	.400*	.159	.399*	.172
NA	CT	-.160	.249	.447**	.154	.061	.011	.015	.289	.140	.250	.104
	CR	.157	.165	.186	.467*	.306	.311	.252	.311	.117	.273	.210
	DR	-.129	.034	-.019	.243	.094	-.031	.287	.136	.280	.136	.348*
	DC	.381*	.065	.160	.250	.239	.425*	.133	.292	.100	.146	.256
NG	CT	.115	.184	.325	.359*	.451**	.278	.300	.432*	.296	.471**	.260
	CR	.092	-.168	.195	.562**	.462*	.236	.442*	.540**	.321	.549**	.230
	DR	-.083	-.012	.057	.496**	.451**	.206	.277	.396*	.338*	.379*	.539**
	DC	.289	-.002	-.016	.293	.432*	.316	.077	.237	.097	.261	.448**
OP	CT	.105	.053	.311	.278	.470**	.392*	.343*	.621**	.342*	.317	.324
	CR	.215	-.232	.092	.419*	.647**	.360	.244	.226	.282	.360	.333
	DR	.048	-.017	.091	.359*	.339*	.358*	.319	.323	.349*	.449**	.549**
	DC	.162	-.043	.086	.377*	.347*	.380*	.192	.264	.273	.337*	.479**
RL	CT	.069	.505**	-.032	-.133	-.131	-.200	-.070	-.167	-.115	-.149	.153
	CR	.220	-.139	.021	.288	.437*	.380*	-.048	.049	.228	.146	.412*
	DR	-.053	.215	.022	-.104	-.012	-.081	-.058	-.012	.158	-.111	.036
	DC	.233	.182	.097	.155	.433*	.048	.007	.090	.019	.059	.153
RU	CT	.136	-.164	.144	.310	.440**	.229	.289	.418*	.543**	.427*	.443**
	CR	.167	-.032	.010	.226	.073	.261	-.044	.317	.103	.244	.154
	DR	-.134	.025	-.036	-.015	.131	-.109	.019	.126	.310	-.034	.151
	DC	.210	.236	.175	.334	.431*	.203	.200	.227	.238	.089	.493**
SE	CT	-.105	.257	.227	.362*	.366*	.062	.331	.469**	.230	.382*	.387*
	CR	.244	-.149	.108	.298	.380*	.273	.235	.156	.175	.373*	.136
	DR	.040	-.082	.185	.507**	.331	.213	.236	.186	.220	.188	.440**
	DC	.282	.022	.261	.358*	.467**	.290	.206	.284	.312	.256	.462**

* p < 0.01 ** p < 0.001

Quadro 3.4.3 (conclusão) - Correlações entre emoções e sensações : filme crime

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
FR	CT	.102	.164	.210	.090	.022	-.143	.033	.091	-.093	.208	-.045
	CR	.265	.334	.276	.144	-.019	.042	-.026	.198	.274	.246	.120
	DR	-.214	.070	.106	.235	.251	.184	.205	.327	.231	.128	.060
	DC	.158	.156	.031	.335*	.148	.252	.183	.333	.350*	.218	.219
PA	CT	.211	-.151	-.019	.296	.344*	.326	.201	.487**	.072	.342*	.167
	CR	.271	-.179	-.046	.507**	.537**	.415*	.095	.535**	.279	.252	.368*
	DR	.107	.058	.121	.316	.353*	.280	.028	.544**	.204	.201	.416*
	DC	.182	.551**	.410*	.370*	.189	.368*	.281	.389*	.466**	.287	.418*
FU	CT	-.005	.137	.183	.084	.174	.278	.042	.436**	.377*	.107	.155
	CR	.148	-.009	-.130	.362	.347	.291	-.033	.545**	.255	.106	.441*
	DR	.012	.164	-.021	.110	.330	.189	-.129	.280	.385*	.164	.312
	DC	.257	-.072	.122	.489**	.264	.246	.121	.646**	.416*	.386*	.490**
SU	CT	.192	-.014	.260	.413*	.495**	.355*	.434*	.448**	.460**	.292	.449**
	CR	.231	-.086	.096	.186	.235	.124	.009	.024	-.064	.238	.294
	DR	-.146	.104	-.064	.246	.164	-.013	.118	.352*	.459**	.329	.356*
	DC	.286	.117	.075	.420*	.488**	.332	.224	.324	.228	.207	.432*
TM	CT	.059	-.0111	.204	.330	.530**	.351*	.350*	.468**	.395*	.353*	.414*
	CR	.084	-.158	.255	.291	.376*	.309	.221	.172	.132	.359	.240
	DR	.013	.068	.038	.423*	.534**	.154	.190	.480**	.043	.245	.448**
	DC	.180	.138	-.044	.154	.246	.176	.156	.013	.073	.026	.514**
TC	CT	-.126	-.064	.030	.220	.310	.178	.350*	.285	.266	.110	.425*
	CR	.187	.085	-.100	.111	-.129	.099	-.135	-.001	-.150	-.126	-.100
	DR	.080	.035	-.072	.124	.083	-.075	-.065	.282	.266	.188	.282
	DC	.292	.090	.122	.379*	.285	.220	.166	.384*	.358*	.240	.317
TR	CT	.241	-.144	.157	.405*	.534**	.381*	.147	.638**	.138	.217	.280
	CR	-.151	-.016	.158	.339	.325	.285	.177	.170	.208	.199	-.103
	DR	.146	.140	.054	.258	.313	.040	.025	.469**	.527**	.271	.530**
	DC	.358*	.208	.170	.502**	.398*	.391*	.131	.404*	.236	.304	.455**

* p < 0.01 ** p < 0.001

Através dos resultados obtidos verificamos que todos os grupos apresentam um grande número (embora menor do que no *filme desagradável*) de correlações significativas entre emoções e sensações corporais, sendo estas mais frequentes para as **emoções negativas** e evidenciando-se o grupo de controle pelo grande número de correlações. Interpretando estes resultados à luz da articulação entre estratos, o grupo de controle apresentaria uma forte ligação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato neurofisiológico, sendo contudo imediatamente seguido pelo *grupo droga/crime*, pelo *grupo droga* e com maior distancia pelo *grupo crime*.

No que se refere ao *filme droga* (Quadro 3.4.4) encontramos também um menor número de correlações significativas, sendo este número semelhante ao encontrado para o filme agradável. As correlações encontradas são sobretudo positivas e mais frequentes entre as **emoções negativas** e todas as sensações corporais. As únicas correlações negativas são apresentadas pelo grupo de controle, ocorrendo entre o **interesse** com o fugir e tremor. Para as correlações positivas verificamos que nas **emoções positivas** existem correlações do **interesse** com aumento do ritmo cardíaco, aumento do ritmo respiratório, opressão, rubor, tensão muscular e tiques, da **alegria** com mau gosto na boca, suores e tiques, e da **surpresa** com o aumento do ritmo cardíaco, calores, mau gosto na boca, náuseas, opressão no peito, relaxamento, frio, paralisia, suores e tremor, ocorrendo sempre estas correlações no *grupo droga/crime*, no *grupo droga* ou no *grupo crime*. Tal como nos filmes anteriores, como existem bastantes correlações significativas entre emoções e sensações corporais, é possível apenas distinguir os grupos pelo número de correlações apresentado. Assim, o grupo de controle apresenta o maior número de correlações encontradas (cerca de sessenta), e com alguma distancia encontramos em seguida o *grupo droga/crime* (cerca de trinta), e os *grupos droga e crime* (ambos com cerca de vinte).

Quadro 3.4.4 - Correlações entre emoções e sensações : filme droga

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
RC	CT	-.137	-.164	.282	.389*	.272	.367*	.075	.411*	.259	.055	.054
	CR	.340	-.063	.368*	.446*	.323	.158	.105	.285	.116	.182	.054
	DR	.345*	.005	.224	.218	.166	.212	.183	.125	-.047	.165	.054
	DC	.027	-.093	.118	.158	.193	.264	.052	.072	-.074	.134	.285
RR	CT	-.215	-.032	.307	.399*	.334	.251	.093	.290	.218	.173	.013
	CR	.290	-.052	.283	.372*	.368*	.166	.171	.136	.170	.191	.116
	DR	.352*	.019	.200	.332	.307	.248	.117	.231	-.095	.308	.204
	DC	.325	.174	.175	-.003	.133	.084	-.082	.241	.135	.168	.249
CA	CT	-.119	.128	.331	.358*	.403*	.296	.203	.361*	.309	.197	.352*
	CR	.264	.073	.173	.235	.338	.060	.181	-.027	.061	.014	.245
	DR	-.005	.189	.019	.273	.162	.093	.462**	.257	.070	.124	.203
	DC	.079	.275	.427*	.154	.321	.149	.091	.315	.113	.088	.509**
EN	CT	-.278	.081	.151	.314	.024	.301	.115	.220	.221	-.078	.240
	CR	.092	-.055	.260	.334	.323	.206	.265	.258	.353	.271	-.128
	DR	-.019	-.125	-.025	.223	.160	.326	.118	.291	-.002	.083	.247
	DC	.199	-.112	.186	.210	.296	.353*	-.009	.268	.122	.145	.213
MS	CT	-.251	-.047	.213	.352*	.315	.198	.108	.240	.337*	.262	.401*
	CR	.316	-.097	-.140	.060	.071	.156	-.018	-.012	.022	.202	.237
	DR	-.133	-.038	.275	.213	.159	.023	.323	.363*	.114	.250	.290
	DC	.150	.239	.151	.135	.328	.188	.023	.293	.170	.193	.292
MG	CT	-.065	-.175	.273	.443**	.188	.169	.369*	.206	.438**	.101	.507**
	CR	-.198	-.097	-.124	.194	-.078	-.117	-.016	.318	.429*	-.015	-.081
	DR	-.252	.018	.169	.258	.198	.250	.496**	.150	.204	.251	.272
	DC	.254	.338*	.436**	.120	.301	.196	-.090	.203	.112	.191	.267
NA	CT	-.218	.288	.195	.328	.059	.322	.227	.179	.329	-.057	.239
	CR	-.080	-.027	.004	.351	.089	-.045	.088	.213	.120	.026	-.300
	DR	.135	.184	-.016	.306	.281	.361*	.359*	.314	.054	.152	.127
	DC	.179	.040	.365*	.300	.292	.269	.014	.317	.168	.227	.149
NG	CT	-.079	.075	.132	.449**	.394*	.321	.498**	.451**	.446**	.502**	.552**
	CR	.220	-.012	.255	.602**	.250	.252	.091	.245	.095	.130	.030
	DR	.032	.073	.070	.274	.255	.352*	.267	.333	.033	.168	.206
	DC	.218	-.182	.124	.236	.262	.056	-.179	.463**	.029	.373*	.174
OP	CT	-.286	.093	.230	.160	.346*	.389*	.192	.313	.324	.355*	.276
	CR	.370*	-.029	.576**	.584**	.371*	.151	.205	.211	.075	.287	.165
	DR	.218	-.011	-.084	.149	.149	.164	.141	.225	.019	.098	.167
	DC	.028	-.213	.063	.334	.396*	.279	.086	.487**	.159	.336*	.424*
RL	CT	.329	.292	.026	.210	.265	.071	.487**	.214	.393*	.149	.520**
	CR	.337	-.199	.325	.342	.193	-.047	.023	.294	.175	.169	.199
	DR	.073	.006	.584**	.042	.107	.065	.133	-.082	.023	.197	-.101
	DC	.140	.331	.248	-.058	-.158	.062	-.023	-.096	-.065	-.107	.097
RU	CT	-.054	.031	.324	.271	.444**	.055	.174	.395*	.427*	.295	.565**
	CR	.386*	-.074	.337	.326	.177	-.113	-.019	-.037	.100	.075	.261
	DR	.146	.061	.181	.249	.276	.259	.244	.355*	.130	.094	.128
	DC	.204	.165	.324	.087	.231	.253	.116	.257	.188	.296	.339*
SE	CT	-.129	.034	.297	.261	.393*	.203	.174	.309	.371*	.380*	.318
	CR	.113	.103	.162	.314	.135	.275	.110	.139	.148	.111	-.148
	DR	.169	.074	-.034	.228	.239	.396*	.089	.158	-.006	.090	.321
	DC	.282	-.032	.290	.370*	.382*	.237	-.114	.397*	.158	.314	.352*

* p < 0.01 ** p < 0.001

Quadro 3.4.4 (conclusão) - Correlações entre emoções e sensações : filme droga

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
FR	CT	-.168	-.027	-.051	.221	-.143	.051	-.171	-.088	-.033	-.105	.044
	CR	.153	.099	.312	.443*	.196	-.044	.020	.394*	.265	.217	.102
	DR	.089	-.066	.364*	.185	.388*	.280	.110	-.026	-.050	.101	.172
	DC	.016	.017	.288	.151	.219	.232	.192	.192	.051	-.029	.252
PA	CT	-.309	-.117	.052	.375*	.163	.150	.125	.373*	.188	.259	.079
	CR	.184	.036	.405*	.348	.527**	.137	.125	.107	.251	.170	.028
	DR	.238	.051	.071	.376*	.345*	.283	.021	.119	.034	.086	.051
	DC	-.032	.002	.322	.217	.210	.186	.141	.223	.091	.027	.142
FU	CT	-.581**	-.191	.060	.479**	.136	.330	.212	.318	.202	.169	.185
	CR	.215	.283	.305	.277	.148	.021	-.051	.328	.061	.060	-.031
	DR	.082	-.015	.078	.207	.055	.127	.091	.324	-.126	.003	.144
	DC	-.190	-.159	.335	.375*	.261	.354*	.229	.305	.140	.152	.286
SU	CT	-.054	.012	.424*	.377*	.437**	.294	.200	.359*	.440**	.223	.409*
	CR	.287	.379*	.144	.173	.169	.391*	-.071	.315	.074	.066	-.115
	DR	.265	.397*	.089	.296	.325	.284	.298	.300	.165	.218	.103
	DC	.190	.310	.408*	.202	.317	.223	-.040	.335*	.055	.192	.336*
TM	CT	.025	.155	.218	.459**	.412*	.129	.260	.308	.382*	.389*	.390*
	CR	.438*	.070	.281	.417*	.168	.000	-.038	.283	-.033	.237	.109
	DR	.350*	.162	-.028	.251	.204	.422*	.029	.159	-.094	-.010	.123
	DC	.301	.002	.193	.268	.295	.234	-.169	.224	-.058	.165	.226
TC	CT	-.140	-.108	.140	.392*	.371*	.278	.324	.133	.450**	.346*	.456**
	CR	.214	-.041	.234	.251	.191	.051	.036	.162	.091	.075	-.046
	DR	.324*	.492**	.041	.189	.255	.090	.192	.242	.053	.059	-.078
	DC	.048	-.086	.115	.515**	.348*	.191	.097	.309	.030	.154	.153
TR	CT	-.353*	-.083	.099	.146	.300	.243	.080	.247	.254	.187	.041
	CR	.233	.365	.391*	.324	.421*	.256	.088	.343	.149	.158	-.064
	DR	.207	-.023	.126	.356*	.283	.325	.328	.232	.140	.248	.156
	DC	.176	-.035	.293	.322	.380*	.303	.061	.359*	.119	.288	.264

* p < 0.01 ** p < 0.001

Através dos resultados obtidos verificamos que todos os grupos apresentam algumas correlações significativas entre emoções e sensações corporais, sendo estas mais frequentes para as emoções negativas e evidenciando-se o grupo de controle pelo elevado numero de correlações e por apresentar correlações negativas do interesse com fugir e tremor. Interpretando os resultados à luz da articulação entre estratos, o grupo de controle apresentaria uma forte ligação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato neurofisiológico, sendo seguido com alguma distancia pelos *grupos droga/crime, crime e droga*.

A partir dos dados obtidos através da análise de correlações podemos tirar algumas conclusões. Assim, começamos por constatar que cada filme desencadeia sobretudo correlações positivas e que estas variam em número. O *filme desagradável* desencadeia o maior número, (cerca de duzentas e oitenta), sendo seguido pelo *filme crime* (cerca de duzentas e vinte) e em último lugar encontramos os *filmes agradável e droga* (com cerca de cento e vinte). Verificamos também que a maioria das correlações encontradas são entre as emoções negativas e praticamente todas as sensações corporais avaliadas. Das correlações encontradas entre emoções positivas e sensações corporais verificamos que as referentes à alegria podem ser interpretadas como artificiais, pois resultam da pouca referência a esta emoção. Como existe em cada filme um grande número de correlações, os grupos distingue-se apenas quanto ao número de correlações e não quanto aos itens para os quais existem. Assim, verificamos que para o *filme agradável* os grupos apresentam uma grande diferença entre si, sendo a ordem a seguinte : maior número de correlações para o *grupo droga/crime*, número intermédio para o *grupo droga* e número baixo semelhante para o *grupo crime* e grupo de controle. No *filme desagradável* encontramos de novo o *grupo droga/crime* com um valor elevado, em seguida o *grupo crime* e grupo de controle com valores semelhantes e por fim o *grupo droga*. No *filme crime* encontramos valores semelhantes para os grupos controle, *droga/crime* e *droga* (por ordem decrescente) e um valor nitidamente inferior para o *grupo crime*. Por fim, para o *filme droga* encontramos um valor superior para o grupo de controle e valores inferiores para os *grupos droga/crime, crime e droga* (por ordem decrescente, apresentando os dois últimos um valor semelhante).

Se considerarmos que a articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato neurofisiológico se traduz através do número de correlações significativas positivas entre emoções e sensações corporais, constatamos que os filmes que evidenciam uma articulação mais forte entre os estratos são o *filme desagradável* e o *filme crime*, enquanto os *filmes agradável e droga* reflectiriam uma articulação menos nítida. Ou seja, os *filmes desagradável e crime* parecem desencadear uma reacção mais uniforme e homogénea nos sujeitos, fazendo os dois estratos reagirem no mesmo

sentido, enquanto os restantes filmes desencadeariam uma resposta desarticulada entre estratos. Como os *filmes agradável e droga* foram considerados em pólos opostos quanto ao seu significado, os resultados encontrados podem sugerir que o *filme agradável* provoca uma reacção desarticulada porque não tem significado para os sujeitos, enquanto o *filme droga* provoca a mesma reacção por o seu significado ser importante, parecendo confundir os sujeitos e fazendo-os reagir de modo desarticulado.

No que se refere aos grupos, se utilizarmos a mesma lógica de interpretação verificamos que nos filmes sem significado (*agradável e desagradável*) o *grupo droga/crime* se distingue dos restantes grupos apresentando uma articulação forte, enquanto os outros grupos se assemelham de modo diferente consoante os filmes, já que no *filme agradável* há um padrão de resposta idêntico entre os grupos controle e *crime*, enquanto no *filme desagradável* as semelhanças são entre os *grupos crime e droga*. Relativamente aos filmes com significado verificamos que é o grupo de controle que se evidencia, sugerindo a articulação mais forte entre os estratos, embora no *filme crime* os *grupos droga/crime e droga* se assemelham ao grupo de controle e o *grupo crime* se diferencia dos restantes nitidamente, enquanto no *filme droga* os três grupos se assemelham entre si e se afastam nitidamente do grupo de controle.

Os dados obtidos parecem sugerir que perante filmes sem significado o *grupo droga/crime* reage de um modo bastante estruturado e com a mesma orientação dada aos estratos, enquanto nos filmes com significado é o grupo de controle que reage de modo mais articulado.

Considerada já a articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato neurofisiológico, descrevemos seguidamente o estudo da articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato cognitivo.



3.5. A articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato cognitivo

Para estudar a articulação entre estes dois estratos optamos também pela análise de correlações pelas razões já referidas a propósito do estudo da articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato neurofisiológico, considerando então as correlações entre emoções e categorias utilizadas para as cognições.

Para o *filme agradável* (Quadro 3.5.1) verificamos que há poucas correlações significativas, sendo a maioria positivas e ocorrendo sobretudo para o grupo de controle e *grupo droga*. Encontramos apenas uma correlação negativa, sendo esta entre a **alegria** e a história pessoal, referida pelo grupo de controle. As correlações positivas ocorrem no grupo de controle entre o **nojo** com a história pessoal e a crítica, e da **vergonha** e **culpa** com a categoria cognições/emoções/sensações. No *grupo droga* há correlações da **angústia**, **cólera**, **desprezo** e **tristeza** com a crítica, e no *grupo crime* há correlações entre **culpa** e a categoria descrição. O *grupo droga/crime* não apresenta correlações significativas entre emoções e cognições.

Quadro 3.5.1 - Correlações entre emoções e cognições : filme agradável

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
R	CT	.210	.157	.061	-.021	-.021	-.048	-.054	-.036	-.069	-.057	-.035
	CR	.071	-.302	.250	-.090	-.086	-.086	-.086	-.70	.161	.333	.024
	DR	.102	.010	.085	-.050	-.042	-.067	-.047	-.026	-.064	-.043	-.041
	DC	-.025	.032	-.054	-.084	-.088	-.068	-.096	-.067	-.095	-.097	-.093
E	CT	.102	.157	.169	-.021	-.021	-.047	-.054	-.036	-.069	-.057	-.035
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.198	.245	.163	-.064	-.053	-.085	-.060	-.033	-.082	-.054	-.053
	DC	-.047	.133	-.151	-.047	-.049	-.039	-.054	-.038	-.054	-.055	-.053
S	CT	.102	.157	.169	-.021	-.021	-.047	-.054	-.036	-.069	-.057	-.035
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
ES	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
CE	CT	.122	.075	-.037	-.047	-.047	-.267	-.026	-.129	-.031	-.223	-.153
	CR	.105	.077	.002	.077	-.190	-.027	.018	-.104	.154	-.082	-.164
	DR	-.138	.012	.063	-.010	-.039	.081	-.068	.204	.108	-.008	.226
	DC	.111	.227	.175	.110	-.147	.071	-.076	.142	.161	.028	.253
CS	CT	-.332	.015	-.151	-.030	-.030	-.067	-.077	-.052	-.098	-.081	-.050
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
CES	CT	-.007	.056	-.047	-.021	-.021	-.047	-.054	-.036	.503**	-.057	.814**
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
HPE	CT	-.115	.056	.061	-.021	-.021	-.047	-.054	-.036	-.069	-.057	-.035
	CR	-.139	.161	-.149	-.063	-.060	-.060	-.060	-.049	-.070	-.058	-.080
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
HP	CT	.115	-.344*	-.047	-.021	-.021	-.047	.489**	-.036	-.069	.286	-.035
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	-.145	-.126	.066	-.047	-.049	-.039	-.054	-.038	-.054	-.055	-.053
JP	CT	-.207	-.090	-.226	-.046	-.046	-.006	-.104	.251	.129	.169	.142
	CR	-.255	.018	-.115	.085	.366	.190	.123	.242	-.125	-.055	.123
	DR	.176	.0363	.046	-.200	-.256	-.099	-.195	-.159	.030	-.208	-.146
	DC	-.236	-.323	-.200	-.162	.104	-.058	.008	-.136	.003	.077	-.100
CI	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.049	.161	-.149	-.063	-.060	-.060	-.060	-.049	-.070	.290	-.080
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
CC	CT	.130	-.104	.115	.164	.164	.408*	-.014	-.023	-.142	.148	-.022
	CR	.108	.175	.160	-.117	-.112	-.112	-.082	-.091	-.130	-.108	-.149
	DR	-.300	-.153	-.240	.616**	.775**	.038	.729**	-.040	-.098	.738**	-.063
	DC	.259	.058	.114	.173	.197	.063	.234	.062	-.129	-.025	-.127

* p < 0.01 ** p < 0.001

Quadro 4.5.1 (conclusão) - Correlações entre emoções e cognições : filme agradável

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
CD	CT	.031	.160	.313	-.047	-.047	-.012	.280	-.080	.035	-.127	-.079
	CR	.143	-.252	-.149	-.063	-.060	-.060	-.060	-.049	-.70	-.058	.404*
	DR	-.008	-.155	-.177	.006	.043	.078	.027	-.049	-.121	-.081	-.078
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
DCE	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
DCC	CT	-.332	-.244	-.155	-.021	-.021	-.047	.082	-.036	.075	.286	-.035
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000

* p < 0.01 ** p < 0.001

Através dos resultados obtidos verificamos que há poucas correlações significativas, sendo estas sobretudo positivas e ocorrendo maioritariamente no grupo de controle e *grupo droga*, apesar do *grupo crime* apresentar uma correlação, enquanto o *grupo droga/crime* não apresenta nenhuma. As correlações existentes ocorrem entre as **emoções negativas** e as categorias cognições/emoções/sensações, história pessoal, descrição e crítica, sendo mais frequentes nesta última categoria. No que se refere às diferenças entre grupos, enquanto o grupo de controle apresenta um padrão variado de correlações, o *grupo droga* associa às cognições críticas a **angústia, cólera, desprezo e tristeza**. No entanto estes resultados parecem-nos ser artificiais, pois analisando as médias das emoções e das cognições associadas, verificamos que apresentam valores muito baixos, sendo então as correlações provocadas pela ausência simultânea de referências a estas emoções e cognições. As únicas exceções são para as categorias crítica e descrição, que apresentam valores elevados respectivamente no grupo de controle e no *grupo crime*, surgindo associadas respectivamente ao **nojo e culpa**.

No que se refere ao *filme desagradável* (Quadro 3.5.2) encontramos um maior número de correlações, sendo também essencialmente positivas e ocorrendo sobretudo no *grupo droga/crime*, bem como entre as **emoções negativas** e cognições variadas. As

únicas correlações negativas ocorrem entre a **angústia** e **nojo** e a justificação pessoal, no *grupo droga/crime*. No *grupo crime* existem correlações entre **angústia** e história pessoal, entre **alegria** e imaginação, e da **cólera** com cognições/emoções/sensações e droga/crime/cognições. No *grupo droga* encontramos correlações da categoria emoções/sensações com a **angústia**, **cólera**, **desprezo** e **culpa**. No *grupo droga/crime* encontramos correlações da categoria cognições/emoções com a **angústia**, bem como da categoria história pessoal/emoções com **cólera**, **desprezo**, **vergonha** e **culpa**, enquanto no grupo de controle existem correlações entre a categoria imaginação e a **cólera**, **tristeza** e **culpa**. No entanto, no *grupo droga/crime* e no grupo de controle verificamos que as correlações encontradas são provocadas pela pouca referência a estes itens, já que apresentam valores médios reduzidos.

Quadro 3.5.2 - Correlações entre emoções e cognições : filme desagradável

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
R	CT	.121	-.110	-.134	.022	-.079	-.228	-.086	-.131	-.048	-.067	-.033
	CR	-.261	-.114	-.090	-.125	-.168	-.065	.095	-.173	-.120	-.086	-.121
	DR	-.179	-.076	-.040	.031	-.089	.017	.051	.041	-.035	.047	-.041
	DC	-.032	-.064	-.161	-.076	-.085	-.194	-.079	-.122	-.073	-.110	-.061
E	CT	.121	-.110	-.035	.118	-.079	.125	.111	-.131	-.048	-.067	-.033
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	-.213	-.119	-.071	-.002	-.092	.209	-.119	.085	.198	-.197	.061
	DC	-.181	-.064	-.161	-.007	.008	.102	.206	.034	.128	-.036	-.061
S	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
ES	CT	-.058	-.114	.064	-.012	-.012	.168	-.041	.214	.006	.013	.091
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	-.215	-.122	-.182	.471**	.361*	.270	.368*	.147	-.055	.137	.460**
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
CE	CT	-.198	-.028	.094	.131	-.013	.184	.151	.007	.161	-.166	-.239
	CR	-.164	-.019	.013	.026	.030	.147	.166	.273	.292	.120	.170
	DR	-.006	.164	.132	-.106	.013	.071	-.138	-.070	-.096	.126	-.223
	DC	.308	.094	.250	.355*	.190	.286	-.079	.246	.029	.175	.131
CS	CT	.167	-.048	-.061	-.003	.198	.026	-.150	.014	-.084	.289	-.057
	CR	.057	-.081	.201	.067	-.120	-.015	-.020	.163	-.086	-.045	-.087
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
CES	CT	-.059	.073	-.036	-.049	.108	-.038	.106	.038	.087	-.053	-.071
	CR	.185	-.130	.285	.211	.393*	.301	-.147	.204	-.137	-.084	-.109
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
HPE	CT	.221	-.110	.162	-.074	-.079	.213	-.086	-.131	-.048	-.067	-.033
	CR	.102	.068	.003	-.005	.267	.087	.194	-.218	.017	.074	.250
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	-.181	-.064	.218	.198	.377*	.175	.397*	.268	.428*	.261	.371*
HP	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	-.171	-.114	.003	.533**	.089	-.108	.046	-.218	.017	.006	.164
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	-.004	-.089	-.226	.316	-.119	-.272	.049	.092	-.102	-.091	-.085
JP	CT	-.061	.164	-.041	-.081	-.179	.011	-.083	.082	.004	-.026	.226
	CR	-.006	.034	-.089	-.188	-.174	-.136	-.029	-.115	-.078	.026	-.083
	DR	.208	.034	-.004	-.116	-.200	-.302	-.002	-.060	.057	-.076	-.018
	DC	-.121	.009	-.072	-.350*	-.211	-.342*	-.103	-.145	-.104	-.245	-.060
CI	CT	.133	.102	-.005	-.132	.446**	-.156	-.001	.034	.200	.524**	.451**
	CR	.113	.379*	.010	-.037	-.099	-.195	-.106	-.067	-.006	.013	-.117
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
CC	CT	.019	-.121	-.146	-.145	.204	-.275	.110	-.136	-.110	.280	.049
	CR	.158	-.108	-.148	-.071	-.174	-.105	-.186	-.182	-.201	-.266	-.087
	DR	.204	-.154	.074	-.151	.156	-.134	.009	-.012	-.070	-.096	-.084
	DC	-.260	-.106	-.206	-.185	-.003	.136	.186	-.263	.057	.112	-.146

* p < 0.01 ** p < 0.001

Quadro 3.5.2 (conclusão) - Correlações entre emoções e cognições : filme desagradável

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
CD	CT	.215	.139	.065	.090	-.127	.076	-.187	.007	-.139	-.193	-.094
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.221	-.076	-.136	.031	-.089	-.211	-.065	-.052	-.035	-.071	-.041
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
DCE	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
DCC	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.138	-.081	-.048	-.004	.515**	.062	-.020	-.155	-.086	.282	.015
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000

* p < 0.01 ** p < 0.001

Através dos dados obtidos verificamos que este filme desencadeia mais correlações do que o *filme agradável* e que estas ocorrem sobretudo no *grupo droga/crime*. No entanto constatamos também que algumas das correlações encontradas devem ser desprezadas, pois resultam da não referência dos itens. Salientamos então apenas as correlações negativas entre justificação pessoal e **angústia** e **nojo** no *grupo droga/crime*, e as correlações positivas entre **angústia** e história pessoal, entre **alegria** e imaginação, e da **cólera** com cognições/emoções/sensações e droga/crime/cognições no *grupo crime*, e ainda das emoções/sensações com a **angústia**, **cólera**, **desprezo** e **culpa** no *grupo droga*.

Relativamente ao *filme crime* (Quadro 3.5.3) encontramos um reduzido número de correlações significativas, sendo estas todas positivas e ocorrendo em todos os grupos. Assim, o grupo de controle apresenta correlações entre cognições/emoções/sensações e **desprezo** e **tristeza**, enquanto o *grupo droga* apresenta entre história pessoal e **alegria** e **vergonha**. O *grupo crime* apresenta correlações entre história pessoal e **culpa**, enquanto o *grupo droga/crime* apresenta entre **alegria** e história pessoal e entre **angústia** e droga/crime/cognições.

Quadro 3.5.3 - Correlações entre emoções e cognições : filme crime

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
R	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	-.064	-.113	.025	-.233	.056	.024	.051	-.198	-.073	.018	-.007
E	CT	-.276	-.053	-.135	.150	-.138	-.023	-.133	-.041	-.078	.135	-.109
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	-.092	.201	-.045	-.197	-.213	-.200	-.139	-.152	-.080	-.199	-.120
	DC	.184	.005	-.160	.097	.105	.095	.144	.159	.119	.039	.226
S	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
ES	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.095	-.053	-.143	-.019	-.034	-.200	-.139	.227	-.800	.074	.200
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
CE	CT	-.156	.130	.139	.288	-.017	.086	.099	-.086	-.195	.170	.065
	CR	-.136	-.034	-.048	.075	.127	.105	-.125	-.055	.117	-.158	-.105
	DR	-.098	-.293	-.197	-.012	.125	-.048	.168	-.022	-.100	-.052	-.119
	DC	-.313	-.124	-.090	.161	.029	.282	.010	.098	.126	.195	-.083
CS	CT	-.085	-.053	-.038	.150	.098	.227	.261	.052	-.078	.135	.068
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
CES	CT	.077	-.093	.127	.209	.312	.159	.371*	.244	.349*	-.066	.120
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
HPE	CT	.013	.194	.142	-.003	-.178	-.244	-.172	.188	-.100	-.141	-.079
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.008	-.055	.243	.148	-.005	-.130	.118	-.018	.066	.110	-.024
HP	CT	.247	.025	.267	-.026	.049	.138	-.145	-.052	-.039	.074	-.090
	CR	.086	.354	.136	-.049	-.121	.022	-.060	.041	.297	.270	.390*
	DR	-.082	.386*	-.017	.176	.116	.159	.179	.265	.530**	.182	.198
	DC	.135	.581**	.185	-.124	.072	-.038	.069	.000	.132	.211	.049
JP	CT	-.065	.048	.219	.122	.253	.012	.115	.152	.230	-.175	-.042
	CR	.096	.165	-.155	-.061	-.052	-.038	-.052	.049	-.065	-.174	.058
	DR	.066	.199	.295	.277	.101	-.008	-.124	.077	.026	.133	.083
	DC	.072	-.158	-.155	-.121	.164	.004	-.115	.157	.099	-.065	-.019
CI	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.008	-.055	.243	.148	-.005	-.130	.118	-.018	.066	.110	-.024
CC	CT	.156	-.187	-.335	-.208	-.085	.008	-.111	.076	-.101	.115	.002
	CR	.014	-.296	.209	-.011	.003	-.039	.156	.040	-.127	.092	-.088
	DR	-.018	-.066	.097	-.084	.045	.176	.034	-.050	-.156	-.015	.002
	DC	.136	-.143	-.075	-.139	-.245	-.235	-.235	-.011	-.143	-.072	-.105

* p < 0.01 ** p < 0.001

Quadro 3.5.3 (conclusão) - Correlações entre emoções e cognições : filme crime

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
CD	CT	.063	-.064	-.010	-.313	-.189	-.258	-.076	-.216	-.056	-.254	-.009
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.189	-.053	-.143	-.018	-.213	-.200	-.139	-.058	-.080	-.199	-.120
	DC	.008	-.055	.243	.148	-.005	-.130	.118	-.018	.066	.110	-.024
DCE	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.095	.201	.151	-.197	-.213	-.027	.187	-.152	-.080	-.199	-.120
	DC	-.060	-.089	-.101	-.063	-.145	-.162	-.033	-.066	-.063	-.153	-.116
DCC	CT	-.046	.208	-.068	-.207	-.148	-.091	-.077	-.295	.184	-.105	.037
	CR	-.048	-.041	-.113	.049	-.021	-.061	.093	-.106	-.115	.210	-.114
	DR	.145	-.181	-.241	-.265	-.307	-.056	-.206	-.099	.062	-.035	.030
	DC	.178	.330	.295	.354*	-.057	-.042	.225	-.115	-.165	-.159	.245

* p < 0.01 ** p < 0.001

Perante os dados obtidos constatamos que existe um reduzido número de correlações significativas, sendo estas todas positivas e ocorrendo em todos os grupos, salientando-se contudo a associação entre história pessoal e **vergonha**, **culpa** ou **angústia** nos *grupos droga, crime e droga/crime*.

No que diz respeito ao *filme droga* (Quadro 3.5.4) encontramos também um reduzido número de correlações, sendo sobretudo positivas e ocorrendo sobretudo no grupo de controle. As únicas correlações negativas ocorrem entre o **interesse** e a categoria cognitiva emoções, no *grupo droga*, e entre o **nojo** e a história pessoal no *grupo droga/crime*. O *grupo crime* não apresenta correlações significativas, enquanto o grupo de controle apresenta correlações entre **alegria** e a categoria sensações, entre **surpresa** e cognições/emoções, e entre **desprezo**, **vergonha** e **culpa** e cognições/emoções/sensações. Das correlações encontradas nenhuma pode ser explicada pela pouca referência aos itens.

Quadro 3.5.4- Correlações entre emoções e cognições : filme droga

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
R	CT	.007	-.044	.0785	-.007	-.048	-.155	-.100	.081	-.080	.091	-.101
	CR	-.207	-.059	-.172	-.234	.184	.159	.232	-.186	-.139	-.246	-.122
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
E	CT	-.243	-.053	-.144	.099	-.195	-.004	-.120	-.171	-.096	.130	-.080
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	-.338*	-.080	-.057	-.152	-.113	-.093	-.096	.105	.032	-.177	-.171
	DC	-.250	-.071	-.117	.060	-.210	.049	.143	.103	-.134	.040	-.017
S	CT	-.178	.484**	-.201	-.117	-.048	-.155	0.000	0.081	-.080	-.006	-.101
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
ES	CT	-.164	-.044	.079	.103	.110	.073	.200	.081	.134	-.006	.089
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	-.229	-.054	-.085	.000	.132	.145	.139	.049	-.152	-.115	.067
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
CE	CT	-.159	-.076	.359*	-.062	.190	.099	.136	.257	.063	-.109	.056
	CR	-.147	-.109	.156	.146	-.017	-.105	-.012	.122	.271	.027	.264
	DR	.250	.118	.037	.016	-.129	.005	-.117	.051	.012	-.019	.014
	DC	.017	.077	-.069	.122	-.078	.233	-.018	-.247	.289	-.022	.035
CS	CT	-.025	-.068	.174	.097	-.104	.047	-.125	-.115	.167	-.021	.217
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
CES	CT	.178	-.044	-.120	.213	.189	.148	.400*	.251	.455**	.188	.375*
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	-.175	-.050	-.082	.172	.170	.176	-.094	-.149	-.094	-.231	-.158
HPE	CT	.178	-.044	.178	-.007	.031	-.155	-.100	.166	-.080	-.297	-.006
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	-.010	-.040	-.063	.089	-.044	.030	-.069	-.120	.026	.048	-.030
	DC	-.056	-.048	.178	-.099	.075	.265	-.003	.125	-.008	.006	.173
HP	CT	.118	-.063	-.014	.146	-.093	.115	-.142	.008	-.114	.037	-.144
	CR	-.092	.078	-.133	-.097	-.092	.021	.022	-.096	-.058	.024	-.133
	DR	-.011	.104	.218	.106	.140	.047	.213	.155	.236	.262	.044
	DC	.226	.045	-.162	.001	-.021	-.337*	.295	.152	-.186	-.051	-.193
JP	CT	.021	.177	-.045	-.068	-.234	-.149	-.143	-.196	-.142	.025	-.229
	CR	.280	.158	-.047	-.093	.095	-.024	-.160	.051	-.137	-.112	-.019
	DR	.049	-.045	-.025	-.005	.107	.070	.081	-.194	-.128	-.132	.119
	DC	-.001	.052	.007	-.253	.133	-.272	-.081	.093	-.152	-.076	-.092
CI	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	-.207	-.059	-.094	-.071	-.184	-.216	-.151	.124	.205	-.175	-.122
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
CC	CT	.114	-.006	-.325	-.029	.004	-.004	.026	-.119	.006	-.012	.066
	CR	-.034	-.037	-.127	-.034	-.118	.093	.060	-.054	-.090	.087	-.341
	DR	-.054	-.094	-.070	.085	.097	-.061	-.204	-.063	.017	.231	.025
	DC	.086	-.107	.143	.162	.035	-.091	-.149	-.004	-.031	.143	.069

* p < 0.01 ** p < 0.001

Quadro 4.5.4 (conclusão) - Correlações entre emoções e cognições : filme droga

SC	GR	IN	AL	SP	AN	CO	NJ	DE	ME	VG	TR	CL
CD	CT	.124	-.059	.205	.238	.089	.041	-.041	.081	.090	.170	-.047
	CR	.147	-.059	.219	.173	.184	.159	.232	-.186	-.139	.111	.298
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	-.175	.050	-.082	-.230	.029	.176	.229	.146	.108	.065	-.012
DCE	CT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	CR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DR	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	DC	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
DCC	CT	.007	-.044	-.120	-.007	.189	.148	-.100	-.004	-.080	.091	.280
	CR	-.228	.051	-.071	-.138	-.006	.015	.059	-.095	-.073	.053	-.012
	DR	-.010	-.040	-.063	-.089	-.044	-.046	.153	.081	-.112	.048	-.187
	DC	.107	-.050	-.082	-.088	-.112	-.179	-.095	-.075	-.094	-.009	-.156

* p < 0.01 ** p < 0.001

Perante os dados encontrados verificamos que existe também um reduzido número de correlações significativas, sendo estas essencialmente positivas e ocorrendo sobretudo no grupo de controle, salientando-se contudo a associação entre emoções e as categorias cognitivas que referem isolada ou simultaneamente as cognições, emoções ou sensações.

Através da análise de correlações efectuada entre as emoções e as cognições é possível tirar algumas conclusões quanto à articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato cognitivo. Assim, começamos por constatar que todos os filmes apresentam um reduzido número de correlações significativas entre emoções e cognições (cerca de uma dezena por filme), sendo ainda algumas destas artificiais, pois resultam da não referência simultânea aos itens avaliados em cada estrato. Assim, no *filme agradável* apesar da maioria das correlações ocorrer no grupo de controle e no *grupo droga*, as únicas que parecem ser não artificiais são para as categorias crítica e descrição, que apresentam valores elevados respectivamente no grupo de controle e no *grupo crime*, surgindo associadas respectivamente ao **nojo** e **culpa**. No *filme desagradável* encontramos o maior número de correlações (cerca de vinte), salientando-se apenas as correlações negativas entre algumas **angústia** e **nojo** e justificação pessoal no *grupo droga/crime*, e as correlações positivas entre algumas **emoções negativas** e as

categorias história pessoal, imaginação, cognições/emoções/sensações e droga/crime/cognições no *grupo crime*, bem como entre **emoções negativas** e as emoções/sensações no *grupo droga*. Relativamente ao *filme crime* encontramos um reduzido número de correlações significativas, sendo estas todas positivas e ocorrendo em todos os grupos, salientando-se contudo a associação entre história pessoal e **vergonha, culpa** ou **angústia** nos *grupos droga, crime e droga/crime*. Por fim, no *filme droga* verificamos que existe também um reduzido número de correlações significativas, sendo estas essencialmente positivas e ocorrendo sobretudo no grupo de controle, salientando-se a associação entre **emoções negativas** e as categorias cognitivas que referem isolada ou simultaneamente as cognições, emoções ou sensações.

Se interpretarmos a articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato cognitivo através do número de correlações significativas positivas entre emoções e cognições, constatamos que todos os filmes evidenciam uma articulação fraca, sugerindo uma resposta não homogénea dos sujeitos, apesar de na análise das médias encontrarmos referências para as emoções e para as cognições. Comparando os filmes salientam-se as emoções negativas, associadas geralmente às categorias crítica, história pessoal e categorias que referem isoladamente ou em simultâneo as emoções, cognições e sensações, aparecendo também associadas, ainda que em menor número à descrição ou droga/crime/cognições. Os *filmes desagradável e crime* apresentam resultados semelhantes, salientando-se nestes a existência de associações entre emoções e cognições para os *grupos crime, droga e droga/crime*, enquanto no *filme agradável* se evidenciam o grupo de controle e o *grupo crime*, e no *filme droga* se salienta o grupo de controle. Deste modo, verificamos que há algumas semelhanças entre os três grupos apenas perante os *filmes desagradável e crime*, e que nos restantes filmes se evidencia o grupo de controle, não se encontrando um padrão semelhante entre filmes com e sem significado e sugerindo os resultados um modo de funcionamento desarticulado entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato cognitivo.

Efectuada a análise da articulação entre estes estratos apresentamos seguidamente algumas conclusões.

3.6. Conclusões

Após a análise dos resultados obtidos foi possível tirar algumas conclusões, considerando sempre o contexto desencadeador das respostas (filme apresentado) e a distinção entre os grupos utilizados. Deste modo, verificamos que nos três estratos da personalidade analisados e tendo em conta as variáveis independentes definidas foram encontradas apenas diferenças significativas entre os grupos e não entre a ordem de preenchimento das escalas nem entre a ordem de apresentação dos filmes.

Assim, no que se refere ao estrato expressivo-emotivo, através da análise das emoções verificamos que o elevado valor apresentado na emoção interesse por todos os grupos nos quatro filmes revela o grau de atenção e empenho dos sujeitos na tarefa, sugerindo-nos que os dados foram obtidos através de uma participação activa dos sujeitos e não através de uma tarefa na qual foram obrigados a participar. No que se refere às hipóteses formuladas, na Hipótese 1 verificamos que o *filme agradável* desencadeia essencialmente emoções positivas (interesse, alegria e surpresa) não se distinguindo os grupos entre si. Contrariamente ao previsto, no *filme desagradável* encontramos diferenças significativas, apresentando o *grupo crime* maior tristeza e culpa, apesar de para todos os grupos este filme ter desencadeado sobretudo nojo, angústia, medo e surpresa. No que diz respeito à Hipótese 2, verificamos que esta foi confirmada para ambos os filmes, pois as emoções mais desencadeadas foram a tristeza e as restantes emoções negativas, existindo contudo no *filme crime* diferenças significativas apenas para a vergonha, com os *grupos crime e droga/crime* a apresentarem valores mais elevados, enquanto no *filme droga* existem diferenças significativas para várias emoções. Perante todos os dados obtidos concluímos que o *filme agradável* desencadeia as mesmas emoções em todos os grupos, enquanto os *filmes desagradável, crime e droga* desencadeiam sobretudo emoções negativas que implicam o sujeito voltar-se para si mesmo, sendo estas mais intensas no *grupo crime* e no *grupo droga/crime*, que apresentam um padrão de resposta semelhante. Constatamos também que a ideia frequentemente referida da frieza emocional nos sujeitos com comportamentos criminosos é claramente rejeitada, já que os *grupos crime e droga/crime* apresentam para

a maioria das emoções resultados semelhantes aos dos outros grupos, distinguindo-se contudo pelo experienciar de emoções negativas que implicam o voltar-se para si mesmo, afastando o sujeito dos outros.

No que se refere ao estrato neurofisiológico, através da análise das sensações corporais verificamos que em todos os filmes os valores apresentados por cada sensação corporal são bastante baixos, sugerindo que estas foram pouco sentidas. Este resultado pode ter sido provocado pela dificuldade em avaliar as sensações corporais, sugerindo que estes estrato seja avaliado através de métodos mais objectivos. No que se refere às hipóteses formuladas, encontramos resultados idênticos aos das emoções, sendo a Hipótese 1 confirmada apenas para o *filme agradável*, enquanto no *filme desagradável*, contrariamente ao previsto encontramos para algumas das sensações corporais diferenças significativas, apresentando o *grupo crime* ou o *grupo droga/crime* valores mais elevados, resultado idêntico ao encontrado nas emoções e sugerindo que estes grupos ao apresentarem de modo mais intenso emoções que implicam o sujeito voltar-se para si mesmo teriam sensações corporais diferentes das sentidas pelos outros grupos. No que diz respeito à Hipótese 2, verificamos que esta foi confirmada para ambos os filmes, havendo contudo no *filme crime* uma única sensação corporal que distingue os grupos (frio), com valores mais elevados para o *grupo crime*, apresentando contudo este grupo padrões de resposta idênticos ao do *grupo droga/crime*. Para o *filme droga* encontramos apenas três sensações corporais que distinguem os grupos, não apresentando estes um padrão uniforme de diferenças. Perante todos os dados obtidos verificamos que qualquer um dos filmes desencadeia de modo pouco intenso as sensações corporais avaliadas, sendo encontradas poucas diferenças significativas entre os grupos e sugerindo os resultados, tal como nas emoções, que no estrato neurofisiológico o *grupo droga/crime* se assemelha sobretudo ao *grupo crime*.

No que se refere ao estrato cognitivo, através das cognições verificamos que em todos os filmes há um conjunto de categorias que concentram o maior número de enunciados, e que são as categorias recusa, cognições/emoções, história pessoal, justificação pessoal, crítica, descrição, o que nos sugere que há alguma recusa em

descrever as cognições (explícita através da resposta nada ou implícita fazendo críticas ou descrições) e quando estes são revelados remetem sobretudo para acontecimentos da vida pessoal ou opiniões pessoais. O facto da categoria cognições/emoções ser uma das mais referidas parece também constituir um bom exemplo da ligação íntima entre os dois níveis, já que as emoções raramente são referidas de modo isolado. No que se refere às hipóteses formuladas, encontramos resultados diferentes dos obtidos para a análise das emoções, apesar da confirmação das hipóteses ser idêntica. Assim, a Hipótese 1 foi confirmada apenas para o *filme agradável*, enquanto no *filme desagradável*, contrariamente ao previsto encontramos para algumas das cognições diferenças significativas, apresentando o *grupo droga* ou o grupo de controle valores mais elevados. Verificamos que para a maioria das cognições os *grupos droga e droga/crime* apresentam um padrão idêntico de respostas, o que vem contrariar os dados encontrados para as emoções e para as sensações corporais. No que diz respeito à Hipótese 2, verificamos que esta foi confirmada para ambos os filmes, pois para o *filme crime* salienta-se o grupo de controle com valores mais elevados e o *grupo crime* com uma concentração de respostas em poucas categorias, enquanto os *grupos droga/crime e droga* se assemelham entre si. Para o *filme droga* os valores mais elevados são apresentados pelo grupo de controle e pelo *grupo droga/crime*, encontrando também semelhanças entre os *grupos droga/crime e droga*. Perante todos os dados obtidos, contrariamente ao verificado nas emoções e nas sensações corporais, para as cognições as semelhanças encontradas são entre os *grupos droga e droga/crime* e não entre os *grupos crime e droga/crime*, o que poderá ser explicado pelo facto de um dos efeitos da droga ser a alteração dos estados de consciência, afectando deste modo as cognições provocadas por um estímulo apresentado ao sujeito.

Após a análise de cada estrato isoladamente consideramos a articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato neurofisiológico, através das correlações positivas significativas entre emoções e sensações corporais, tendo verificado que cada filme desencadeia sobretudo correlações positivas entre as emoções negativas e praticamente todas as sensações corporais avaliadas, variando as correlações em número, sendo mais

elevadas no *filme desagradável*, em seguida no *filme crime* e por fim nos *filmes agradável e droga*. Os grupos distingue-se apenas quanto ao número de correlações e não quanto aos itens para os quais existem, e para o *filme agradável* os grupos apresentam uma grande diferença entre si, tendo o *grupo droga/crime* o maior número de correlações encontradas, sem seguida vem o *grupo droga* e por fim o *grupo crime* e o grupo de controle. No *filme desagradável* encontramos de novo o *grupo droga/crime* com um valor elevado, em seguida o *grupo crime* e grupo de controle com valores semelhantes e por fim o *grupo droga*. No *filme crime* encontramos valores semelhantes para os grupos controle, *droga/crime e droga* e um valor nitidamente inferior para o *grupo crime*. Por fim, para o *filme droga* encontramos um valor superior para o grupo de controle e valores inferiores para os *grupos droga/crime, crime e droga*. Constatamos então que os filmes que evidenciam uma articulação mais forte entre os estratos são o *filme desagradável* e o *filme crime*, enquanto os *filmes agradável e droga* reflectiriam uma articulação menos nítida. Ou seja, os *filmes desagradável e crime* parecem desencadear uma reacção mais uniforme e homogénea nos sujeitos, fazendo os dois estratos reagirem no mesmo sentido, enquanto os restantes filmes desencadeariam uma resposta desarticulada entre estratos. Como os *filmes agradável e droga* têm significados diferentes, os resultados encontrados podem sugerir que o *filme agradável* provoca uma reacção desarticulada porque não tem significado para os sujeitos, enquanto o *filme droga* provoca a mesma reacção por o seu significado ser importante, parecendo confundir os sujeitos e fazendo-os reagir de modo desarticulado. No que se refere aos grupos, verificamos que perante filmes sem significado o *grupo droga/crime* reage de um modo bastante estruturado e com a mesma orientação dada aos estratos, enquanto nos filmes com significado é o grupo de controle que reage de modo mais articulado.

Por fim, consideramos também a análise da articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato cognitivo, através das correlações entre emoções e cognições, tendo verificado que todos os filmes apresentam um reduzido número de correlações significativas sendo ainda algumas destes artificiais, pois resultam da não referência simultânea aos itens avaliados em cada estrato. Assim, no *filme agradável*

apesar da maioria das correlações ocorrer no grupo de controle e no *grupo droga*, as únicas que parecem ser não artificiais são para as categorias crítica e descrição, que apresentam valores elevados respectivamente no grupo de controle e no *grupo crime*, surgindo associadas respectivamente ao nojo e culpa. No *filme desagradável* encontramos o maior número de correlações, salientando-se apenas as correlações negativas entre algumas angústia e nojo e justificação pessoal no *grupo droga/crime*, e as correlações positivas entre algumas emoções negativas e as categorias história pessoal, imaginação, cognições/emoções/sensações e droga/crime/cognições no *grupo crime*, bem como entre emoções negativas e as emoções/sensações no *grupo droga*. Relativamente ao *filme crime* encontramos um reduzido número de correlações significativas, sendo estas todas positivas e ocorrendo em todos os grupos, salientando-se contudo a associação entre história pessoal e vergonha, culpa ou angústia nos *grupos droga, crime e droga/crime*. Por fim, no *filme droga* verificamos que existe também um reduzido número de correlações significativas, sendo estas essencialmente positivas e ocorrendo sobretudo no grupo de controle, salientando-se a associação entre emoções negativas e as categorias cognitivas que referem isolada ou simultaneamente as cognições, emoções ou sensações. Constatamos então que todos os filmes evidenciam uma articulação fraca, sugerindo uma resposta não homogénea dos sujeitos e um modo de funcionamento desarticulado entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato cognitivo, sendo reduzidas as diferenças entre os grupos.

Analizados os dados obtidos é possível retirar algumas conclusões de todo o trabalho efectuado, que apresentamos seguidamente.

Conclusões

1. O processo de trabalho

A partir do trabalho efectuado podem ser extraídas conclusões quanto a vários aspectos, nomeadamente no que se refere às emoções e comportamento desviante, bem como sugerir algumas pistas de um possível desenvolvimento do actual trabalho noutras perspectivas e âmbitos.

No entanto, antes de avançarmos para estas conclusões consideramos importante recapitular todo o processo de trabalho desenvolvido. Assim, tomando como ponto de partida a teoria do sujeito autopoietico (Agra, 1990a), tentamos conhecer, no âmbito do comportamento desviante (mais especificamente na droga e ou crime), o modo de funcionamento do estrato expressivo-emotivo da personalidade, bem como a sua articulação com os estratos adjacentes (neurofisiológico no nível inferior e cognitivo no nível superior). Para tal desenvolvemos um trabalho de tipo experimental que nos permitiu identificar as emoções, sensações corporais e cognições experienciadas por quatro grupos de sujeitos (definidos em função da presença/ausência do crime e da droga) após a apresentação de estímulos visuais com/sem significado quanto ao crime e droga.

A preparação deste trabalho exigiu em primeiro lugar a análise teórica do conceito de personalidade, tentando encontrar um modelo que, permitindo articular emoções e personalidade, fosse igualmente integrável nos actuais paradigmas do pensamento científico. Partindo então, no Capítulo I, da evolução histórica do estudo da personalidade referimos as múltiplas definições deste conceito, tendo também descrito as principais teorias elaboradas, enquadrando-as em seis grandes categorias. Tais categorias revelam que a maioria dos modelos de personalidade citados se inscrevem em modos de explicação lineares não enquadráveis no actual paradigma científico, aberto à complexidade e suas propriedades como é a auto-organização. Verificamos também que na maioria dos modelos de personalidade as emoções são referidas apenas implicitamente, excepto nos modelos desenvolvidos por Powell e Royce, e por Agra, integrados nas teorias sistémicas, e nos quais as emoções são explicitamente consideradas um dos níveis da personalidade. Analisando com mais detalhe estes dois

modelos constatamos que Powell e Royce descrevem a estrutura, dinâmica e desenvolvimento da personalidade enquanto sistema auto-organizador complexo, enfatizando as emoções como um dos níveis hierárquicos deste sistema, parecendo constituir um bom modelo de referência para o estudo das emoções. No entanto, o modelo de Agra, designado como teoria do sujeito autopoietico, aparece como mais completo, pois descreve não só a estrutura e dinâmica da personalidade, mas também todo o sistema psicológico, referindo neste os sub-sistemas da personalidade, da acção e da significação existencial. Além disso, efectua também uma aplicação do modelo ao comportamento desviante. Concluimos então que este modelo, provisoriamente tomado como ponto de partida se apresentava como a referência teórica capaz de enquadrar o nosso objecto de investigação empírica.

Em seguida, no Capítulo II, centramo-nos na associação entre personalidade e emoções, verificando que esta nem sempre é referida, sendo poucas as teorias da personalidade que consideram as emoções como um dos seus elementos, e raras as teorias das emoções que enquadram estas no contexto mais vasto da personalidade. Apesar da tendência actual se inclinar no sentido de considerar as emoções como um elemento fundamental na estrutura e funcionamento da personalidade, defendendo-se a existência de uma influência recíproca, esta tendência não é ainda visível no discurso produzido sobre a personalidade entre os anos de 1983 e 1991. Neste domina a procura da personalidade como aspecto determinante do comportamento humano, sobretudo no que se refere a comportamentos considerados como desviantes, dos quais a desordem mental aparece como o mais estudado. Assiste-se também a uma grande variabilidade de modelos e teorias explicativas, associados ou não a unidades de análise como os traços, factores ou dimensões da personalidade, incluindo estes raramente as emoções. Uma possível explicação poderá ser o facto desta preocupação ser recente, pois só a partir dos anos noventa se começa a defender com mais vigor, por um lado uma visão multidimensional da personalidade, e por outro uma visão da emoção integrada nas características individuais, de que a personalidade constituiria o melhor tradutor. Também, apesar do estudo do comportamento desviante dominar a investigação sobre a

personalidade, verificamos que este estudo é efectuado numa lógica determinista e de causalidade linear, tentando encontrar a personalidade típica responsável por estes comportamentos, na qual as emoções raramente são incluídas.

Analisando com mais detalhe o conceito de emoção, no Capítulo III, encontramos diferentes teorias, podendo estas ser organizadas numa perspectiva histórica desde as teorias de tipo neurofisiológico até às teorias de tipo sistémico, sendo quase unânime a aceitação da ligação entre emoção, neurofisiologia e cognições. Perante as inúmeras teorias desenvolvidas em torno do conceito de emoção, a teoria diferencial das emoções desenvolvida por Tomkins e Izard parece ser a mais completa, pois considera não só as emoções mas também as suas ligações com outros níveis da personalidade, ao adoptar uma perspectiva sistémica própria do actual paradigma científico. Além disso, pode ser articulada com a teoria do sujeito autopoiético a nível da personalidade, funcionando como uma ampliação desta a nível do subsistema das emoções. Com base na teoria de Izard e nas diferentes definições referidas, tentamos elaborar uma definição de emoção que abrangesse as diferentes perspectivas descritas e que se adequasse aos objectivos deste trabalho, permitindo articular o estrato expressivo-emotivo (através da emoção) com os estratos cognitivo e neurofisiológico da personalidade. Definimos então a emoção como um processo complexo cujas manifestações e traduções abrangem simultaneamente os níveis neurofisiológico, comportamental e experiencial, podendo estes ser analisados através das metodologias consideradas adequadas ao objecto de estudo. Recordando que as emoções são referidas na teoria do sujeito autopoiético, quer no sistema de personalidade, quer no sistema do acto e que em termos de significação do comportamento podem ser consideradas como um dos sistemas motivacionais mais importantes no comportamento, consideramos que constituiriam um objecto de interface através do qual é possível estudar o comportamento desviante.

Centramo-nos então, no Capítulo IV, no modo como as emoções têm sido objecto de análise no estudo do comportamento desviante, especificamente na droga e ou no crime, tendo verificado que quer do ponto de vista empírico, quer do ponto de

vista teórico as emoções têm sido pouco valorizadas. Do ponto de vista experimental não foi mesmo encontrado nenhum trabalho no qual seja feita a identificação e avaliação das emoções, cognições e sensações corporais, sentidas durante situações específicas pelos sujeitos que manifestam comportamentos desviantes. Perante a lacuna existente a este nível, preparamos um desenho experimental que nos permitisse estudar as emoções nos sujeitos toxicodependentes e ou delinquentes, desencadeando-as através de estímulos específicos e analisando o efeito destes através de um instrumento que permitisse avaliar simultaneamente as emoções, as sensações corporais e as cognições.

A preparação deste desenho experimental, apresentada nos Capítulos V, VI e VII, implicou, entre outros, a definição dos estímulos a utilizar como desencadeadores, tendo sido preparados quatro filmes, cujo conteúdos foram definidos como agradável, desagradável, droga e crime. Como não encontramos nenhum instrumento que permitisse avaliar simultaneamente as emoções, sensações e cognições, efectuamos também a construção da Escala das Emoções, Sensações e Cognições - EESC96, cujas versões foram sucessivamente reformuladas até atingirmos a forma considerada adequada aos objectivos deste trabalho.

Construída a escala, efectuamos no Capítulo VIII, a sua aplicação ao grupo de controle (sujeitos não toxicodependentes e não delinquentes) e ao grupo experimental, sendo este constituído pelos subgrupos *droga* (sujeitos toxicodependentes), *crime* (sujeitos delinquentes) e *droga/crime* (sujeitos toxicodependentes-delinquentes), tendo sido formuladas duas hipóteses. Na Hipótese 1 consideramos que os filmes sem conteúdo significativo (*filme agradável* e *filme desagradável*) não desencadeariam diferenças significativas entre os quatro grupos de sujeitos no que se refere às emoções, cognições e sensações. Na Hipótese 2 consideramos que os filmes com conteúdo significativo (*filme droga* e *filme crime*) desencadeariam diferenças significativas entre os quatro grupos de sujeitos no que se refere às emoções, cognições e sensações, não se prevendo contudo quais os grupos que apresentariam valores mais elevados.

Referidas algumas considerações quanto ao processo cuja lógica orientou este trabalho, apresentamos seguidamente algumas conclusões quanto ao nosso objecto de estudo, terminando com algumas pistas para futuros desenvolvimentos deste trabalho.

2. O objecto de estudo

No que se refere ao objecto deste trabalho, recorde-se que este consistiu no estudo da articulação do estrato expressivo-emotivo do sistema da personalidade com os estratos neurofisiológico e cognitivo, analisando esta articulação em sujeitos com comportamentos desviantes. Deste modo, é possível extrair algumas conclusões quanto à ligação entre emoções e comportamento desviante, bem como quanto à personalidade enquanto sistema auto-organizador.

2.1. Emoções e comportamento desviante

Depois da análise dos resultados, e considerando sempre o contexto desencadeador das respostas (filme apresentado) e a distinção entre os grupos de sujeitos, verificamos que nos três estratos da personalidade analisados e tendo em conta as variáveis independentes definidas foram encontradas apenas diferenças significativas entre os grupos e não entre a ordem de preenchimento das escalas nem entre a ordem de apresentação dos filmes. Os principais resultados obtidos situam-se a cinco níveis diferentes : estrato expressivo-emotivo, estrato neurofisiológico, estrato cognitivo, articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato neurofisiológico, e articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato cognitivo.

No que se refere ao **estrato expressivo-emotivo**, o elevado valor na emoção interesse, que constitui segundo Izard (1991) o fundo emocional necessário ao experienciar de outras emoções, traduziu o bom envolvimento dos sujeitos na tarefa, sugerindo-nos que os dados foram obtidos através de uma participação activa dos sujeitos. Os dados obtidos para as restantes emoções demonstram que o *filme agradável* desencadeia as mesmas emoções em todos os grupos, enquanto os *filmes desagradável*,

crime e droga desencadeiam sobretudo emoções negativas que implicam o voltar do sujeito sobre si mesmo, sendo estas mais intensas no *grupo crime* e no *grupo droga/crime*, que apresentam um padrão de resposta semelhante.

No que se refere ao **estrato neurofisiológico**, verificamos que em todos os filmes os valores apresentados por cada sensação corporal são bastante baixos, sugerindo que estas foram pouco sentidas, o que pode ter sido provocado pela dificuldade em avaliar as sensações corporais, sugerindo que este estrato seja avaliado através de métodos mais objectivos, como por exemplo os índices fisiológicos. Encontramos também poucas diferenças significativas entre os grupos, sugerindo os resultados, tal como nas emoções, que no estrato neurofisiológico o *grupo droga/crime* se assemelha sobretudo ao *grupo crime*.

No que se refere ao **estrato cognitivo**, verificamos que em todos os filmes há um conjunto de categorias que concentram o maior número de enunciados (recusa de resposta, cognições/emoções, história pessoal, justificação pessoal, crítica e descrição). Estes dados sugerem que há alguma recusa em descrever as cognições, e quando estas são reveladas remetem sobretudo para acontecimentos da vida pessoal ou opiniões pessoais. O facto da categoria cognições/emoções ser uma das mais referidas parece também constituir um bom exemplo da ligação íntima entre os dois níveis, já que as emoções raramente são referidas de modo isolado. Contrariamente ao verificado nas emoções e nas sensações corporais, para as cognições as semelhanças encontradas são entre os *grupos droga e droga/crime* e não entre os *grupos crime e droga/crime*, o que poderá ser explicado pelo facto de um dos efeitos da droga ser a alteração dos estados de consciência, afectando deste modo as cognições provocadas por um estímulo apresentado ao sujeito.

Após a análise de cada estrato isoladamente consideramos a **articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato neurofisiológico**, através das correlações positivas significativas entre emoções e sensações corporais. Verificamos que cada filme desencadeia sobretudo correlações positivas entre as emoções negativas e praticamente todas as sensações corporais avaliadas, variando as correlações em número, sendo mais

elevadas no *filme desagradável*, em seguida no *filme crime* e por fim nos *filmes agradável e droga*. Constatamos também que os filmes que evidenciam uma articulação mais forte entre os estratos são o *filme desagradável* e o *filme crime*, enquanto os *filmes agradável e droga* reflectiriam uma articulação menos nítida. Ou seja, os *filmes desagradável e crime* parecem desencadear uma reacção mais uniforme e homogénea nos sujeitos, fazendo os dois estratos reagirem no mesmo sentido, enquanto os restantes filmes desencadeariam uma resposta desarticulada entre estratos. Como os *filmes agradável e droga* têm significados diferentes, os resultados encontrados podem sugerir que o *filme agradável* provoca uma reacção desarticulada porque não tem significado para os sujeitos, enquanto o *filme droga* provoca a mesma reacção por o seu significado ser importante (segundo a teoria do sujeito autopoietico), parecendo confundir os sujeitos e fazendo-os reagir de modo desarticulado. No que se refere aos grupos, verificamos que perante filmes sem significado o *grupo droga/crime* reage de um modo bastante estruturado e com a mesma orientação dada aos estratos, enquanto nos filmes com significado é o grupo de controle (sujeitos não toxicodependentes e não delinquentes) que reage de modo mais articulado.

Por fim, consideramos também a análise da **articulação entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato cognitivo**, através das correlações entre emoções e cognições, tendo verificado que todos os filmes apresentam um reduzido número de correlações significativas sendo ainda algumas destas artificiais, pois resultam da não referência simultânea aos itens avaliados em cada estrato. Constatamos então que todos os filmes evidenciam uma articulação fraca, sugerindo uma resposta não homogénea dos sujeitos e um modo de funcionamento desarticulado entre o estrato expressivo-emotivo e o estrato cognitivo, sendo reduzidas as diferenças entre os grupos.

Extraídas algumas conclusões quanto às emoções e comportamento desviante, é possível, também extrair algumas conclusões quanto à perspectiva da personalidade enquanto sistema auto-organizador.

2.2. A personalidade como sistema auto-organizador

Do ponto de vista empírico, no que se refere ao estudo da articulação do estrato expressivo-emotivo do sistema da personalidade com os estratos neurofisiológico e cognitivo, centrando-nos nas diferenças entre grupos, os dados obtidos sugerem semelhanças entre o *grupo droga/crime* e o *grupo crime* no sentir e entre o *grupo droga/crime* e o *grupo droga* no pensar. Relativamente à articulação entre estratos o grupo de controle é o que apresenta uma articulação mais nítida entre os três estratos, parecendo reagir de modo coerente e homogêneo qualquer que seja o estímulo. Nos restantes grupos salienta-se o *grupo droga/crime* com uma articulação nítida apenas entre os estratos neurofisiológico e expressivo-emotivo mas apenas durante os filmes com pouco significado (*filmes agradável e desagradável*). Os dados permitem também verificar que o *grupo crime* é o que mais se distingue dos restantes, enquanto o *grupo droga* é o que mais se aproxima do grupo de controle. Constata-se também que a ideia frequentemente referida da frieza emocional nos sujeitos com comportamentos criminosos é claramente rejeitada, já que os *grupos crime e droga/crime* apresentam para a maioria das emoções resultados semelhantes aos dos outros grupos, distinguindo-se contudo pelo experienciar de emoções negativas que implicam o voltar-se para si mesmo, afastando o sujeito dos outros.

Do ponto de vista teórico e no que se refere à auto-organização da personalidade, os dados sugerem que o estrato expressivo-emotivo estaria mais intimamente articulado com o estrato neurofisiológico do que com o estrato cognitivo, o que poderá ser explicado pelo facto da definição de emoção passar primeiro pela referência a aspectos fisiológicos, sendo os aspectos cognitivos referidos a propósito da tomada de consciência do experienciar dessa emoção e não tanto a propósito de conteúdos cognitivos explícitos como os pensamentos. Esta ideia seria apoiada pelo facto de nas categorias criadas a propósito da análise das cognições surgirem frequentemente de modo isolado ou simultâneo as referências a cognições, sensações e

emoções. Deste modo, as emoções parecem estar mais associadas às sensações corporais do que aos conteúdos cognitivos.

Relativamente às características específicas da auto-organização da personalidade nos sujeitos que manifestam comportamentos desviantes, ela parece ser diferente da auto-organização da personalidade dos sujeitos do grupo de controle. Assim, os sujeitos com comportamentos desviantes experienciam mais emoções negativas. É disso exemplo o facto de no *filme agradável* os subgrupos experimentais (*grupos crime, droga e droga/crime*) sentirem as emoções negativas com maior intensidade do que o grupo de controle, apesar das diferenças não serem significativas. Interpretando estes resultados segundo a estrutura da personalidade em estratos, o sentir destas emoções que implicam o voltar-se para o interior parece estar associado à lógica individualista do acto, seja o consumo de droga e ou o crime, provocando estas experiências e vivências que só o sujeito conhece e organizando-se a personalidade no sentido do dobrar-se sobre si mesmo, afastando o sujeito do meio. No entanto esta auto-organização não parece ser definitiva, manifestando-se apenas quando os estímulos têm significado para o sujeito (*filme droga e ou filme crime*) ou quando são avaliados como desagradáveis, sugerindo que o estrato expressivo-emotivo apresenta uma organização diferenciada consoante o significado dos estímulos desencadeadores de emoções. Além disso, como cognições aparecem fortemente associadas a estados emocionais, estes dados sugerem um predomínio do estrato expressivo-emotivo, influenciando este a atribuição de significado na interacção entre sujeito e meio (Magai & McFadden, 1995).

Extraídas algumas conclusões quanto às emoções e comportamento desviante, e quanto à auto-organização da personalidade, com base nos dados obtidos, efectuaremos algumas críticas ao trabalho desenvolvido, servindo estas como ponto de partida para sugestões de um possível desenvolvimento do actual trabalho.

3. Críticas em ordem a possíveis desenvolvimentos

Perante os resultados obtidos podemos tirar algumas conclusões gerais quanto à metodologia utilizada, criticando-a no sentido de a aperfeiçoar para possíveis desenvolvimentos deste trabalho.

No que diz respeito ao instrumento utilizado, verificamos, que apesar do empenho na tarefa, as **sensações corporais** foram pouco sentidas, o que pode ter sido provocado pela dificuldade em avaliar subjectivamente aspectos corporais, sugerindo que talvez seja mais fácil avaliar este estrato através de métodos mais objectivos, como por exemplo os índices fisiológicos. Apesar de já termos referido no início da Parte B que efectuamos algumas recolhas com índices fisiológicos que não revelaram diferenças significativas entre os filmes, parece-nos ser importante retomar este nível de análise. Assim, embora nas emoções a componente neurofisiológica continue a apresentar resultados ambíguos e até contraditórios (Izard, 1991), parece-nos ser mais útil a sua utilização objectiva do que a utilização de um questionário, que baseando-se em percepções subjectivas possivelmente só apresentará valores de elevada intensidade em casos extremos da emoção. Além disso, ao termos utilizado como medidas fisiológicas a Actividade Eléctrica da Pele, a Pletismografia e a Electromiografia na musculatura global e inespecífica (medidas disponíveis nos polígrafos existentes na F.P.C.E.U.P.), talvez estes índices não tenham sido os mais adequados, sobretudo o da Electromiografia, que deveria ser substituído pela técnica de registo facial.

No que se refere às **emoções**, a sua forma de avaliação parece estar adequada, embora pareça ser mais útil considerar na escala de intensidade os valores entre zero (não senti) até quatro. Deste modo obrigáramos o sujeito a discriminar melhor dentro da intensidade de um a quatro, pois tendo utilizado valores de zero a cinco encontramos um grande número de respostas com o valor intermédio na escala de um a cinco (isto é, o valor três). Quanto aos sinónimos utilizados para cada emoção não levantaram qualquer dúvida ou problema, parecendo estar adequados.

Relativamente às **cognições**, verificou-se o que interpretamos como alguma recusa em descrever as cognições, remetendo estas sobretudo para acontecimentos da vida pessoal ou opiniões pessoais. Sem abandonar a técnica de resposta aberta, talvez fosse útil começar a avaliação das cognições através de um questionário de escolha múltipla, servindo este como desbloqueador da situação, já que os trabalhos de Izard, Lazarus e Frijda referem existir padrões cognitivos típicos associados a cada emoção.

Ainda na metodologia, no que se refere aos **estímulos desencadeadores**, estes parecem ter funcionado efectivamente como desencadeadores emocionais, sendo possível distinguir cada filme em função dos resultados obtidos. No entanto, parece-nos também ser útil utilizar outro tipo de desencadeadores, como a evocação de acontecimentos do passado, pois num estudo a decorrer actualmente e efectuado pelo Centro de Ciências do Comportamento Desviante e a Universidade de San Sebastian os resultados sugerem que a evocação de acontecimentos desencadeia emoções mais intensas do que a apresentação de filmes. Contudo, convém realçar que no presente trabalho este tipo de desencadeadores não seria facilmente aplicável, pois seria difícil para o grupo de controle evocar uma experiência de consumo de drogas, e mesmo impossível evocar um crime.

Interessa ainda referir que nos foi impossível controlar quer a fase de desintoxicação, quer o tipo de crime cometido, o que pode ter funcionado como variável parasita, pois estudos citados por Izard (1991) referem que a emoção de culpa é maior nos sujeitos que cometem crimes contra a propriedade do que nos sujeitos que cometem crimes contra pessoas, e que a ingestão ou suspensão da ingestão de substâncias pode afectar a componente neurofisiológica da emoção, afectando o experienciar global desta.

Um outro dado relevante encontrado nos nossos resultados remete para a existência de uma associação nítida entre droga e crime a propósito do *filme crime* (mais frequente sem referência às emoções), embora também seja referida a propósito do *filme droga*, mas aqui de modo menos intenso, sugerindo que perante o crime os sujeitos referem a droga (apontando esta como a causa do crime), mas perante esta nem sempre referem o crime.

Por fim, é possível também utilizar os resultados obtidos numa perspectiva de intervenção, pois durante a recolha de dados foi constatado que após a apresentação do *filme droga* e do *filme crime* os sujeitos dos subgrupos experimentais espontaneamente falavam da sua situação, parecendo o filme funcionar como um facilitador da interacção com estes sujeitos.

Através da análise crítica dos resultados obtidos e da metodologia utilizada, parece-nos poder ser possível sugerir que os dados obtidos e as conclusões deles extraídas constituirão não só o terminar de um projecto, mas também o início de novos projectos a desenvolver no futuro.

Bibliografia

- Adlaf, E. (1986). Self-reported cocaine reactions among social-recreational users : a factor analytic study. *Drug and Alcohol Dependence*. Vol 18, nº2, 203-212.
- Agra, C. (1982a). Desviância juvenil e toxicomania : um analisador epistémico. *Análise Psicológica*. Vol II, nº 4, 529-545.
- Agra, C. (1982b). A toxicomania : desordens bioquímicas e ordem social. *Psicologia*. Vol III, nº 3/4, 71-88.
- Agra, C. (1983). Aulas da disciplina de *Epistemologia e História da Psicologia*, 1º ano da Licenciatura em Psicologia, F.P.C.E.U.P., ano lectivo de 1983/84.
- Agra, C. (1985). Aulas da disciplina de *Psicologia da Motivação e da Personalidade*, 3º ano da Licenciatura em Psicologia, F.P.C.E.U.P., ano lectivo de 1985/86.
- Agra, C. (1986a). Adolescência, comportamento desviante e auto-organizado : modelo da Psicologia Epistemanalítica. *Cadernos de Consulta Psicológica*. Nº 2, 81-87.
- Agra, C. (1986b). *Science, maladie mentale et dispositifs de l'enfance, du paradigme biologique au paradigme systemique*. Lisboa : INIC.
- Agra, C. (1986c). Para uma Epistemopsicologia. *Revista de Psicologia e de Ciências da Educação*. Nº1, 17-27.
- Agra, C. (1986d). Projecto da Psicologia Transdisciplinar do comportamento desviante e auto-organizado. *Análise Psicológica*. Vol IV, nº 3/4, 311-318.
- Agra, C. (1989). *Sujeito, ciência e poder, vol I: ciência do sujeito*. (No prelo).
- Agra, C. (1990a). Sujet autopoïétique et transgression. In P. Mardaga (Ed.) *Acteur social et délinquance - une grille de lecture du systeme de justice pénale*. pp 415-426 Liège : Pierre Mardaga.
- Agra, C. (1990b). De la toxicomanie a una anthropologie du sujet autopoietique. Le sens de la recherche au Centro de Ciências do Comportamento Deviante de l'Université de Porto (policopiado).
- Agra, C. (1991a). *Sujet autopoïétique et toxicodépendance*. Centre International de Criminologie Comparée. Université de Montréal (policopiado).
- Agra, C. (1991b). La recherche anthropologique sur la toxicomanie au Portugal. *Retrovirus*. Vol IV, nº9, 33-34.
- Agra, C. (1993). *Dizer a droga, ouvir as drogas*. Porto: Radicário.

- Agra, C. (1995a). Da rapsódia à sinfonia : sentido para a composição de um sistema de pensamento na área das drogas. *Toxicodependências*. Vol 1, nº1, 26-32.
- Agra, C. (1995b). Da rapsódia à sinfonia : Epistema. *Toxicodependências*. Vol 1, nº3, 47-58.
- Agra, C. & Fernandes, L. (1993). Droga enigma, droga novo paradigma. In *Dizer a droga, ouvir as drogas*. pp 55-86. Porto : Radicário.
- Allport, G. (1961). *Personalidade : padrões e desenvolvimento*. S. Paulo : Editora EDUSP.
- Almeida, F. (1996). Algumas notas sobre a neurobiologia das emoções. *Toxicodependências*. Vol 2, nº2, 49-56.
- Amaral Dias, C. (1982). As teorias e as forças. *Psicologia*. Vol 3, 11-70
- Arndt, W. (1974). *Theories of personality*. New York : Macmillan Publishing Co Inc.
- Arnold, W. (1975). *Persona, carácter y personalidad*. Barcelona : Editorial Herder.
- Asendorpf, J. & Valsiner, J. (1992). *Stability and change in development, a study of methodological reasoning*. London : Sage.
- Athens, L. (1989). *The creation of dangerous violent criminals*. New York : Plenum Press.
- Atkinson, J. (1983). *Personality, motivation and action, selected papers*. New York : Praeger.
- Atlan, H. (1979). *Entre le cristal et la fumée*. Paris : Editions du Seuil.
- Averill, J. (1980). A constructivist view of emotion. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds), *Emotion, theory, research and experience, vol 1, theories of emotion*. pp 305-340. Boston : Academic Press Inc.
- Averill, J. (1993). Putting the social in social cognition, with special reference to emotion. In R. Wyer & T. Srull (Eds). *Perspectives on anger and emotion, advances in social cognition, vol VI*. pp 47-56. Hillsdale : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Barton, S. (1994). Chaos, self-organization and Psychology. *American Psychologist*. Vol 49, 5-14.
- Bernard, P. (1970). *Le développement de la personnalité*. Paris : Masson et Compagnie Editeurs.

- Bertalanffy, L. (1973). *Théorie générale des systèmes*. Paris : Dunod.
- Bindra, D. (1968). A neuropsychological interpretation of the effects of drive and incentive-motivation on general activity and instrumental behavior. *Psychological Review*. Vol 75, 1-22.
- Bloesch, S., Lemeignan, M. & Aguilera, N. (1991). Specific respiratory patterns distinguish among human basic emotions. *International Journal of Psychophysiology*. Vol 11, 141-154.
- Blumber, S. & Izard, C. (1991). Patterns of emotion experiences as predictors of facial expressions of emotion. *Merrill-Palmer-Quarterly*. Vol 37, 183-197.
- Bonis, M. (1983). Les théories implicites de la personnalité en psychiatrie. *Bulletin de Psychologie*. Vol 36, n° 359, 469-474.
- Bonis, M. (1995). Emotions, psychologie cognitive et cognitivisme. In *XXV Journées d'Etudes de la APSLF : la relation entre cognition et emotion*, Coimbra, 14-16 Septembre.
- Boyle, G. J. (1987). Use of change scores in redundancy analyses of multivariate psychological inventories. *Personality and Individual Differences*. Vol 8, 845-854.
- Bower, G. (1981). Mood and memory. *American Psychologist*. Vol 36, 129-148.
- Brennan, J. (1994). *History and systems of Psychology*. New Jersey : Prentice Hall.
- Bryman, A. & Cramer, D. (1993). *Análise de dados em ciências sociais, introdução às técnicas utilizando o SPSS*. Oeiras : Celta Editora.
- Buechler, S. & Izard, C. (1983). On the emergence, functions and regulation of some emotion expressions in infancy. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds). *Emotion, theory, research and experience, vol 2, emotions in early development*. pp 293-314. San Diego : Academic Press.
- Buikhuisen, W. (1987). Cerebral dysfunctions and persistent juvenile delinquency. In S. Mednick, T. Moffitt & S. Stack (Eds) *The causes of crime, new biological approaches*. pp 168-184. Cambridge : Cambridge University Press.
- Buss, D. (1991). Evolutionary personality Psychology. *Annual Review of Psychology*. Vol 42, 459-491.

- Buss, A. & Finn, S. (1987). Classification of personality traits. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 52, 432-444.
- Buytedjik, F. J. J. (1952). *Traité de Psychologie Animale*. Paris : PUF.
- Cacioppo, J., Petty, R. & Andersen, B. (1988). Social psychophysiology as a paradigm. In H. Wagner (Ed.) *Social Psychophysiology and Emotion, theory and clinical applications*. pp 273-294. Chichester : John Wiley & Sons.
- Camras, L. (1992). Expressive development and basic emotions. *Cognition and Emotion*. Vol 6, 269-283.
- Cannon, D., Rubin, A., Keefe, C., Black, J. et al. (1992). Affective correlates of alcohol and cocaine use. *Addictive Behaviors*. Vol 17, 517-524.
- Caprara, G. & Heck, G. (1992). *Modern Personality Psychology, critical reviews and new directions*. New York : Harvester Wheatsheaf.
- Cario, R. & Favard, A. M. (1991). *La personnalité criminelle, actes des journées Pinatel*. Toulouse : Editions Erès.
- Cartwright, D. (1979). *Theories and models of personality*. Dubuque : Wm. C. Brown Company Publishers.
- Cattell, R. (1979). *Personality and learning theory, vol 1, the structure of personality in its environment*. New York : Springer Publishing Company.
- Cattell, R. (1990). Advances in Cattellian personality theory. In L. Pervin (Ed.) *Handbook of personality*. pp 101-110. New York : The Guilford Press.
- Cloninger, C. (1987). Pharmacological approaches to the treatment of antisocial behavior. In S. Mednick, T. Moffitt & S. Stack (Eds) *The causes of crime, new biological approaches*. pp 329-349. Cambridge : Cambridge University Press.
- Cooke, D., Baldwin, P. & Howison, J. (1990). *Psychology in prisons*. London : Routledge.
- Courtine, J. J. & Haroche, C. (1995). *História do rosto*. Lisboa : Edições Teorema.
- Crowne, D. (1979). *The experimental study of personality*. Hillsdale : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Damásio, A. (1995). *O erro de Descartes : emoção, razão e cérebro humano*. Lisboa : Publicações Europa-América.

- Darwin, C. (1877). *L'expression des émotions chez l'Homme et les animaux*. Paris : C. Reinwald et Cie, Libraires-Éditeurs.
- Davidson, R., Ekman, P., Saron, C., Senulis, J. & Friesen, W. (1990). Approach-withdrawal and cerebral asymmetry : emotional expression and brain physiology I. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 58, 330-341.
- Depue, R., Luciana, M., Arbisi, P., Collins, P. & Leon, A. (1994). Dopamine and the structure of personality : relation of agonist-induced dopamine activity to positive emotionality. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 67, 485-498.
- Descartes, R. (1637). *Discurso do Método, As paixões da alma*. Lisboa : Livraria Sá da Costa Editora, 17ª edição, 1992.
- D' Hainaut, L. (1990). *Conceitos e métodos da Estatística : uma variável a uma dimensão, vol I*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- D' Hainaut, L. (1992). *Conceitos e métodos da Estatística : duas ou três variáveis segundo duas ou três dimensões, vol II*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dimberg, U. (1988). Facial expressions and emotional reactions : a psychobiological analysis of human social behavior. In H. Wagner (Ed.) *Social Psychophysiology and Emotion, theory and clinical applications*. pp 131-150. Chichester : John Wiley & Sons.
- Eaves, L., Eysenck, H. & Martin, N. (1989). *Genes, culture and personality, an empirical approach*. London : Academic Press.
- Echebarria, A. & Paez, D. (1989). *Emociones : perspectivas psicossociales*. Madrid : Editorial Fundamentos.
- Ekman, P. (1992). Are there basic emotions ? *Psychological Review*. Vol 99, 550-553.
- Ekman, P. (1993). Facial expression and emotion. *American Psychologist*. Vol 48, 384-392.
- Ekman, P. (1994). Strong evidence for universals in facial expressions : a reply to Russell's mistaken critique. *Psychological Bulletin*. Vol 115, 268-287.
- Ellsworth, P. (1994). William James and emotion : is a century of fame worth a century of misunderstanding ? *Psychological Review*. Vol 101, 222-229.
- Escobedo, A. (1989). *Historia de las drogas I*. Madrid : Alianza Editorial.

- Ewart, C. & Kolodner, K. (1994). Negative affect, gender and expressive style predict elevated ambulatory blood pressure in adolescents. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 66, 596-605.
- Eysenck, H. (1947). *Dimensions of personality*. London : Kegan Paul, Trench, Trubner & Co Ltd.
- Eysenck, H. (1953). *The structure of human personality*. London : Methuen & Co. Ltd.
- Eysenck, H. (1986). The biological basis of personality. In S. Newstead, S. Irvine & P. Dann (Eds) *Human assessment : cognition and motivation*. Dordrecht : Martinus Nishoff Publishers.
- Eysenck, H. (1990). Biological dimensions of personality. In L. Pervin (Ed.) *Handbook of personality*. pp 244-276. New York : The Guilford Press.
- Eysenck, H. & Gudjonsson, G. (1989). *The causes and cures of criminality*. New York : Plenum Press.
- Eysenck, M. (1994). *Individual Differences, normal and abnormal*. Hove (UK) : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Fadiman, J. & Frager, R. (1986). *Teorias da personalidade*. São Paulo : Harbra.
- Félix da Costa, N. (1995a). Contentamento e prazer. *Toxicodependências*. Vol 1, nº1, 5-13.
- Félix da Costa, N. (1995b). A perturbação da vivência do tempo na toxicodependência e na depressão. *Toxicodependências*. Vol 2, nº1, 50-61.
- Fernandes, L. (1990). *Os pós modernos ou a cidade, o sector juvenil e as drogas*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica apresentadas à F.P.C.E.U.P.
- Fonseca, A. (1988). *O essencial sobre drogas e drogados*. Lisboa : Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Ford, D. (1987). *Humans as self-constructing living systems : a developmental perspective on behavior and personality*. Hillsdale : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Ford, M. & Ford, D. (1987). *Humans as self-constructing living systems, putting the framework to work*. Hillsdale : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

- Ford, D. & Lerner, R. (1992). *Developmental systems theory, an integrative approach*. London : Sage Publications.
- Forgas, J. & Moylan, S. (1987). After the movies : transient mood and social judgments. *Personality and Social Psychology Bulletin*. Vol 13, 467-477.
- Forgas, R. & Shulman, B. (1979). *Personality, a cognitive view*. London : Prentice-Hall Inc.
- Fraisse, P. & Piaget, J. (1975). *Traité de Psychologie Expérimentale, vol. V: Motivation, Émotion et Personnalité*. Paris : PUF.
- Frank, R. (1988). *Passions within reason, the strategic role of the emotions*. New York: W.W. Norton & Company.
- Frank, M., Ekman, P. & Friesen, W. (1993). Behavioral markers and recognizability of the smile of enjoyment. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 64, 83-93.
- Frijda, N. (1986). *The emotions*. Cambridge : Cambridge University Press.
- Frijda, N. (1988). The laws of emotion. *American Psychologist*. Vol 43, 349-358.
- Frijda, N. (1995). Analyses des antécédents de l'émotion et théorie de l'évaluation cognitive. In *XXV Journées d' Etudes de la APSLF : la relation entre cognition et emotion*, Coimbra, 14-16 Septembre.
- Gellhorn, E. (1964). Motion and emotion, the role of proprioception in the physiology and pathology of the emotions. *Psychological Review*. Vol 71, 457-472.
- Gerrards-Hesse, A., Spies, K. & Hesse, F. (1994). Experimental inductions of emotional states and their effectiveness : a review. *British Journal of Psychology* Vol 85, 55-78.
- Gilboa, E. & Revelle, W. (1994). Personality and the structure of affective responses. In S. Van Goozen, N. Van de Poll & J. Sergeant (Eds). *Emotions : essays on emotion theory*. pp135-160. Hillsdale : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Glass, D. (1977). *Behavior patterns, stress and coronary disease*. Hillsdale : Erlbaum.
- Goldstein, M. & Strube, M. (1994). Independence revisited : the relation between positive and negative affect in a naturalistic setting. *Personality and Social Psychology Bulletin*. Vol 20, 57-64.

- Gossop, M. & Eysenck, S. (1983). A comparison of the personality of drug addicts in treatment with that of a prison population. *Personality and Individual Differences*. Vol 4, 207-209.
- Gray, J. (1972). The psychophysiological nature of introversion-extraversion : a modification of Eysenck's theory. In V. Neblintzyn & J. Gray (Eds) *Biological bases of individual behavior*. New York : Academic Press.
- Hall, C. & Lindzey, G. (1978). *Theories of personality*. New York : John Wiley & Sons.
- Hamilton, V., Bower, G. & Frijda, N. (1988). *Cognitive perspectives on emotion and motivation*. Dordrecht : Kluwer Academic Publisher.
- Hampson, S. (1988). *The construction of personality*. London : Routledge.
- Harlow, H. & Mears, C. (1983). Emotional sequences and consequences. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds). *Emotion, theory, research and experience, vol 2, emotions in early development*. pp 171-198. San Diego : Academic Press.
- Hess, U. (1995). Emotions spontanées et simulées. In *XXV Journées d' Etudes de la APSLF : la relation entre cognition et emotion*, Coimbra, 14-16 Septembre.
- Hesse, F., Spies, K., Hanze, M. & Gerrards, A. (1992). Experimental induction of moods states : alternatives to the Velten method. *Zeitschrift fur Experimentelle und Angewandte Psychologie*. Vol 39, 559-580.
- Hettema, J. (1994). Psychophysiological assessment of personality using films as stimuli. *Personality and Individual Differences*. Vol 16, 167-178.
- Hilman, J. (1969). *Emotion*. London : Routledge & Kegan Paul.
- Holmes, D. (1983). An alternative perspective concerning the differential psychophysiological responsivity of persons with Type A and Type B behavior pattern. *Journal of Research in Personality*. Vol 17, 22-39.
- Horne, J. & Ostberg, O. (1976). A self-assessment questionnaire to determine morningness-eveningness in human circadian rhythms. *International Journal of Chronobiology*. Vol 4, 97-110.
- Huber, W. (1977). *Introduction à la psychologie de la personnalité*. Bruxelles : Dessart et Mardaga Editeurs.

- Hubert, W. & Jong-Meyer, R. (1990). Psychophysiological response patterns to positive and negative film stimuli. *Biological Psychology*. Vol 31, 73-93.
- Hubert, W. & Jong-Meyer, R. (1991). Autonomic, neuroendocrine and subjective responses to emotion-inducing film stimuli. *International Journal of Psychophysiology* Vol 11, 131-140.
- Hubert, W. & Jong-Meyer, R. (1992). Saliva cortisol responses to unpleasant film stimuli differ between high and low trait anxious subjects. *Neuropsychobiology*. Vol 25, 115-120.
- Hubert, W., Moller, M. & Jong-Meyer, R. (1993). Film-induced amusement changes in saliva cortisol levels. *Psychoneuroendocrinology*. Vol 18, 265-272.
- Izard, C. (1990a). The substrates and functions of emotion feelings : William James and current emotion theory. *Personality and Social Psychology Bulletin*. Vol 16, 626-635.
- Izard, C. (1990b). Facial expressions and the regulation of emotions. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 58, 487-498.
- Izard, C. (1991). *The psychology of emotions*. New York : Plenum Press.
- Izard, C. (1992). Basic emotions, relations among emotions, and emotion-cognition relations. *Psychological Review*. Vol 99, 561-565.
- Izard, C. (1993). Four systems for emotion activation : cognitive and noncognitive processes. *Psychological Review*. Vol 100, 68-90.
- Izard, C. (1994). Innate and universal facial expressions : evidence from developmental and cross-cultural research. *Psychological Bulletin*. Vol 115, 288-299.
- Izard, C. (1995). Cognition-emotion feedback and the self-organization of developmental paths : commentary. *Human Development*. Vol 38, 103-112.
- Izard, C. & Buechler, S. (1980). Aspects of consciousness and personality in terms of differential emotions theory. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds), *Emotion, theory, research and experience, vol 1, theories of emotion*. pp 165-187. Boston : Academic Press Inc.
- Izard, C., Kagan, J. & Zajonc, R. (1984). *Emotions, cognition and behavior*. Cambridge : Cambridge University Press.

- Izard, C., Libero, D., Putnam, P. & Haynes, M. (1993). Stability of emotion experiences and their relations to traits of personality. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 64, 847-860.
- James, W. (1894). The physical basis of emotion. *Psychological Review*. Vol 1, 516-529. Publicado de novo em 1994, Vol 101, 205-210.
- Karli, P. (1990). Acteur social et régulation biologique In P. Mardaga (Ed.) *Acteur social et délinquance - une grille de lecture du système de justice pénale*. pp 37-54. Liège : Pierre Mardaga.
- Kirouac, G. (1995). La relation entre cognition et emotion. In *XXV Journées d' Etudes de la APSLF : la relation entre cognition et emotion*, Coimbra, 14-16 Septembre.
- Kleinginna, P. & Kleinginna, A. (1981). A categorized list of emotional definitions, with suggestions for a consensual definition. *Motivation and Emotion*. Vol 5, 345-379
- Kleinman, P., Wish, E., Deren, S. & Rainone, G. (1986). Multiple drug use : a symptomatic behavior. *Journal of Psychoactive Drugs*. Vol 18, 77-86.
- Kuhn, T. (1994). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo : Editora Perspectiva.
- Labin, S. (1985). *O mundo dos drogados*. Porto : Lello & Irmão Editores.
- Labin, S. (1988). *Hippies, drogas e sexo*, Porto, Lello & Irmão Editores.
- Lacks, H. & Leonard, C. (1986). Fear of feeling : addressing the emotional process during recovery. *Alcoholism Treatment Quarterly*. Vol 3, 69-80.
- Lang, P. (1988). What are the data of emotion ? In V. Hamilton, G. Bower & N. Frijda (Eds). *Cognitive perspectives on emotion and motivation*. pp 173-194. Dordrecht : Kluwer Academic Publisher.
- Lang, P. (1993). The network model of emotion : motivational connections. In R. Wyer & T. Srull (Eds). *Perspectives on anger and emotion, advances in social cognition, vol VI*. pp109.134. Hillsdale : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Lang, P. (1994). The varieties of emotional experience : a meditation on James-Lange theory. *Psychological Review*. Vol 101, 211-221.

- Lang, P. (1995). Les images et les émotions : études de la motivation et de la perception. In *XXV Journées d' Etudes de la APSLF : la relation entre cognition et emotion*, Coimbra, 14-16 Septembre.
- Larsen, R. & Ketelaar, T. (1989). Extraversion, neuroticism and susceptibility to positive and negative mood induction procedures. *Personality and Individual Differences*. Vol 10, 1221-1228.
- Larsen, R. & Ketelaar, T. (1991). Personality and susceptibility to positive and negative emotional states. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 61, 132-140.
- Lazarus, R. (1982). Thoughts on the relations between emotion and cognition. *American Psychologist*. Vol 37, 1019-1024.
- Lazarus, R. (1984). On the primacy of cognition. *American Psychologist*. Vol 39, 124-129.
- Lazarus, R. (1991a). Cognition and motivation in emotion. *American Psychologist*. Vol 46, 352-367.
- Lazarus, R. (1991b). Progress on a cognitive-motivational-relational theory of emotion. *American Psychologist*. Vol 46, 819-834.
- Lazarus, R. & Izard, C. (1993). Cognition and emotion : would the real motivational construct please stand up ? *Contemporary Psychology*. Vol 38, 463-465.
- Lazarus, R., Kanner, A. & Follman, S. (1980). Emotions : a cognitive-phenomenological analysis. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds), *Emotion, theory, research and experience, vol 1, theories of emotion*. pp 189-218. Boston : Academic Press Inc.
- Legarda, J., Bradley, B. & Sartory, G. (1990). Effects of drug-related cues in current and former opiate users. *Journal of Psychophysiology*. Vol 4, 25-31.
- Levenson, R. (1988). Emotion and the autonomic nervous system : a prospectus for research on autonomic specificity. In H. Wagner (Ed.) *Social Psychophysiology and Emotion, theory and clinical applications*. pp 17-42. Chichester : John Wiley & Sons.
- Levenson, R. Ekman, P., Heider, K. & Friesen, W. (1992). Emotion and autonomic nervous system activity in the Minangkabau of West Sumatra. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 62, 972-988.

- Leventhal, H. (1993). A componential, self-regulative systems view of Berkowitz's cognitive neoassociationistic model of anger. In R. Wyer & T. Srull (Eds). *Perspectives on anger and emotion, advances in social cognition, vol VI*. pp 134-147. Hillsdale : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Loevinger, J. (1987). *Paradigms of Personality*. New York : W.H. Freeman and Company.
- Lubin, B. & Turnbull, C. (1993). Measuring depressive affect in chemically dependent persons using the Depression Adjective Check Lists. *Psychological Reports*. Vol 72, 251-257.
- MacLean, P. (1977). The triune brain in conflict. *Psychotherapy and Psychosomatic*. Vol 28, 207-220.
- MacLean, P. (1986). Ictal symptoms relating to the nature of affects and their cerebral substrate. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds). *Emotion, theory, research and experience, vol 3, biological foundations of emotion*. pp 61-90. Orlando : Academic Press.
- Magai, C. & McFadden, S. (1995). *The role of emotions in social personality development*. New York : Plenum Press.
- Magnusson, D. & Endler, N. (1977). *Personality at the crossroads*. New York : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Mandler, G. (1980). The generation of emotion : a psychological theory. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds), *Emotion, theory, research and experience, vol 1, theories of emotion*. pp 219-244. Boston : Academic Press Inc.
- Manita Santos, C. (1996). Y-a-t-il une "personnalité criminelle"? Une étude d'évaluation dans le domaine de la criminalité. *Revue Internationale de Criminologie et de Police Technique*. Vol 49, 105-116.
- Manita, C. (1997). Personalidade criminal e perigosidade : da "perigosidade" do sujeito criminoso ao(s) perigo(s) de se tornar objecto duma "personalidade criminal" ... *Revista do Ministério Público*, no prelo.
- Mannheim, H. (1984). *Criminologia Comparada, Vol. I*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

- Mannheim, H. (1985). *Criminologia Comparada, Vol. II*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marques, J. (1988). O conceito de personalidade na Psicologia. *Futuro*. Dezembro 1988, 31-34.
- Marques Teixeira, J. (1991) *Toxicodependência e Auto-organização, um estudo psicofisiológico*. Dissertação de Doutoramento apresentada à F.P.C.E.U.P.
- Marques Teixeira, J. (1993). *Toxicodependência e auto-organização*. Lisboa : Instituto Piaget.
- Marx, M. & Hillix, W. (1996). *Sistemas e teorias em Psicologia*. São Paulo : Editora Cultrix.
- Mathews, A. & MacLeod, C. (1994). Cognitive approaches to emotion and emotional disorders. *Annual Review of Psychology*. 25-50.
- Mednick, S., Moffitt, T. & Stack, S. (1987). *The causes of crime, new biological approaches*. Cambridge : Cambridge University Press.
- Meyer, G. & Shack, J. (1989). The structural convergence of mood and personality. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 57, 691-706.
- Miller, M. & Potter-Efron, R. (1989). Aggression and violence associated with substance. *Journal of Chemical Dependency Treatment*. Vol 3, 1-36.
- Miller, G., Galanter, E. & Pribram, K. (1960). *Plans and the structure of behavior*. New York : Holt, Rinehart and Winston, Inc.
- Minton, H. & Schneider, F. (1980). *Differential Psychology*. Monterey : Brooks/Cole Publishing Company.
- Mischel, W. (1981). *Introduction to personality*. New York : CBS College Publishing.
- Moffitt, T. & Mednick, S. (1988). *Biological contributions to crime causation*. Dordrecht : Martinus Nijhoff Publishers.
- Morin, E. (1977). *O método I, a natureza da natureza*. Lisboa : Publicações Europa-América.
- Morin, E. (1980). *O método II, a vida da vida*. Lisboa : Publicações Europa-América.
- Moura da Silva, C. (1994). *Estatística aplicada à Psicologia e Ciências Sociais*. Lisboa : McGraw-Hill Portuguesa.

- Nachshon, I. & Denno, D. (1987). Violent behavior and cerebral hemisphere function. In S. Mednick, T. Moffitt & S. Stack (Eds) *The causes of crime, new biological approaches*. pp 185-217. Cambridge : Cambridge University Press.
- Neto, D. (1990). *Deixar a droga, tratamento para os anos 90*. Lisboa : Edições 70.
- Ney, T. & Gale, A. (1988). A critique of laboratory studies of emotion with particular reference to psychophysiological aspects. In H. Wagner (Ed.) *Social Psychophysiology and Emotion, theory and clinical applications*. pp 65-83. Chichester: John Wiley & Sons.
- Nuttin, J. (1971). *La structure de la personnalité*. Paris : Presses Universitaires de France.
- Olievenstein, C. (1989). *A clinica do toxicomano*. Porto Alegre : Artes Médicas.
- Oosterwegel, A. & Oppenheimer, L. (1993). *The self-system : developmental changes between and within self-concepts*. Hillsdale : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Ortony, A. & Turner, T. (1990). What's basic about basic emotions ? *Psychological Review*. Vol 97, 315-331.
- Ortony, A., Clore, G. & Collins, A. (1988). *The cognitive structure of emotions*. Cambridge : Cambridge University Press.
- Palmade, G. (1995). *La Caractérologie*. Paris : Presses Universitaires de France.
- Panksepp, J. (1981). Toward a general psychobiological theory of emotions. *Behavioral & Brain Sciences*. Vol 5, 407-467.
- Panksepp, J. (1986). The anatomy of emotions. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds). *Emotion, theory, research and experience, vol 3, biological foundations of emotion*. pp 91-124. Orlando : Academic Press.
- Panksepp, J. (1992). A critical role for "affective neuroscience" in resolving what is basic about basic emotions. *Psychological Review*. Vol 99, 354-360.
- Parkinson, B. (1988). Arousal as a cause of emotion. In H. Wagner (Ed.) *Social Psychophysiology and Emotion, theory and clinical applications*. pp 85-104. Chichester : John Wiley & Sons.
- Pervin, L. (1988). Affect and addiction. *Addictive Behaviors*. Vol 13, 83-86.
- Pervin, L. (1990). *Handbook of personality*. New York : The Guilford Press.

- Peters, R. S. (1973). *Le concept de motivation*. Paris : Les Éditions ESF.
- Petrie, A. (1967). *Individuality in pain and suffering*. Chicago : University of Chicago Press.
- Philippot, P. (1992). Reported and actual physiological changes in emotion. (policopiado)
- Philippot, P. (1993). Inducing and assessing differentiated emotion-feeling states in the laboratory. *Cognition and Emotion*. Vol 7, 171-193
- Plutchik, R. (1980). A general psychoevolutionary theory of emotion. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds). *Emotion, theory, research and experience, vol 1, theories of emotion*. pp 3-34. Boston : Academic Press.
- Plutchik, R. (1983). Emotions in early development : a psychoevolutionary approach. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds). *Emotion, theory, research and experience, vol 2, emotions in early development*. pp 221-258. San Diego : Academic Press.
- Plutchik, R. & Kellerman H. (1980). *Emotion, theory, research and experience, vol 1, theories of emotion*. Boston : Academic Press.
- Plutchik, R. & Kellerman H. (1986). *Emotion, theory, research and experience, vol 3, biological foundations of emotion*. Orlando : Academic Press.
- Plutchik, R. & Kellerman H. (1989). *Emotion, theory, research and experience, vol 4, the measurement of emotions*. San Diego : Academic Press.
- Powell, A. & Royce, J. (1981a). An overview of a multifactor-system theory of personality and individual differences : I - The factor and system models and the hierarchical factor structure of individuality. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 41, 818-829.
- Powell, A. & Royce, J. (1981b). An overview of a multifactor-system theory of personality and individual differences : III - Life span development and heredity-environment issue. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 41, 1161-1173.
- Pribram, K. (1980). The biology of emotions and other feelings. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds), *Emotion, theory, research and experience, vol 1, theories of emotion*. pp 245-270. Boston : Academic Press Inc.
- Prigogine, I. & Stengers, I. (1990). *Entre o tempo e a eternidade*. Lisboa : Gradiva

- Radenhausen, R. (1989). Effects of mood induction on ratings of self and experimenter. *Journal of Clinical Psychology*. Vol 45, 134-138.
- Rahman, A. (1992). Drug addiction - a pilot study in Dhaka city. *Personality and Individual Differences*. Vol 13, 119-121.
- Raine, A. (1988). Antisocial behavior and social psychophysiology. In H. Wagner (Ed.) *Social Psychophysiology and Emotion, theory and clinical applications*. pp 231-250. Chichester, John Wiley & Sons.
- Reuchlin, M. (1981). *Psychologie*. Paris : PUF, 4^{ème} édition.
- Rimé, B. Philippot, P. & Cisamolo, D. (1990) Social schemata of peripheral changes in emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 59, 38-49.
- Rocha, L. (1987). *As drogas*. São Paulo : Editora Ática.
- Rodrigues, C. (1992). *O que é e tem sido a Psicologia, Manual de Psicologia I*. Porto: Contraponto.
- Rodrigues, C. & Pina-Cabral, J. (1985). *Motivação, conceito, aspectos fundamentalmente inatos*. Porto : Contraponto.
- Rodrigues, C., Marques Teixeira, J. & Freitas Gomes, M. (1989). *Afectividade*. Porto : Contraponto.
- Roseman, I., Wiest, C. & Swartz, T. (1994). Phenomenology, behaviors and goals differentiate discrete emotions. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 67, 206-221.
- Rotter, J. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs*. Vol 80, 609.
- Rounsaville, B., Weissman, M., Wilber, C. & Kleber, H. (1982). Pathways to opiate addiction : an evaluation of differing antecedents. *British Journal of Psychiatry*. Vol 141, 437-446.
- Royce, J. (1988). The factor model as a theoretical basis for individual differences. In S. Irvine & J. Berry (Eds). *Human abilities in cultural context*. pp 147-165. New York : Cambridge University Press.
- Royce, J. & Diamond, S. (1980). A multifactorial-system dynamics theory of emotion : cognitive affective interaction. *Motivation and Emotion*. Vol 4, 263-298.

- Royce, J. & Powell, A. (1981). An overview of a multifactor-system theory of personality and individual differences : II - System dynamics and person-situation interactions. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 41, 1019-1030.
- Royce, J. & Powell, A. (1985). An overview of multifactorial-system theory. In J. Strelau, F. Farley & A. Gale (Eds). *The biological bases of personality and behavior, Vol I. Theories, measurement techniques and development*. pp 75-95. Washington : Hemisphere Publishing Corp/Harper & Row Publishers.
- Russell, J. (1995). Facial expressions of emotion : what lies beyond minimal universality? *Psychological Bulletin*. Vol 118, 379-391.
- Russell, G., Horn, V. & Huddle, M. (1988). Male responses to female aggression, *Social Behavior and Personality*. Vol 16, 51-57
- Sartre, J. (1965). *Esboço de uma teoria das emoções*. Lisboa : Editorial Presença.
- Savitsky, J. & Lindblom, W. (1986). The impact of the guilty but mentally ill verdict on juror decisions : an empirical analysis. *Journal of Applied Social Psychology*. Vol 16, 686-701.
- Schachter, S. & Singer, J. (1962). Cognitive, social and physiological determinants of emotional state. *Psychological Review*. Vol 69, 378-399.
- Schachter, S. (1964). The interaction of cognitive and physiological determinants of emotional state. In L. Berkowitz (Ed.) *Advances in Experimental Social Psychology*. New York : Academic Press.
- Scherer, K. (1988a). *Facets of emotion, recent research*. Hillsdale : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Scherer, K. (1988b). Criteria for emotion-antecedent appraisal : a review. In V. Hamilton, G. Bower & N. Frijda (Eds). *Cognitive perspectives on emotion and motivation*. pp 89-126. Dordrecht : Kluwer Academic Publisher.
- Scherer, K. (1989). Vocal measurement of emotion. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds). *Emotion, theory, research and experience, vol 4, the measurement of emotions*. pp 233-260. San Diego : Academic Press.

- Scherer, K. (1995). L'émotion en tant que composante du système mental. In *XXV Journées d'Etudes de la APSLF : la relation entre cognition et emotion*, Coimbra, 14-16 Septembre.
- Scherer, K. & Wallbott, H. (1994). Evidence for universality and cultural variation of differential emotion response patterning. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 66, 310-328.
- Schotte, D., Cools, J. & McNally, R. (1990) Film induced negative affect triggers overeating in restrained eaters. *Journal of Abnormal Psychology*. Vol 99, 317-320.
- Schreiber, K. (1992). The adolescent crack dealer : a failure in the development of empathy. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*. Vol 20, 241-249.
- Schultz, D. & Schultz, S. (1992). *História da Psicologia Moderna*. São Paulo : Editora Cultrix.
- Schwartz, G. (1986). Emotion and Psychophysiological organization : a systems approach. In M. Coles, E. Donchin & S. Porges (Eds), *Psychophysiology, systems, processes and applications*. pp 354-377. New York : Guilford Press.
- Scott, J. (1980). The function of emotions in behavioral systems : a systems theory analysis. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds), *Emotion, theory, research and experience, vol 1, theories of emotion*. pp 35-56. Boston : Academic Press Inc.
- Sherman, M. (1979). *Personality : inquiry and application*. New York : Pergamon Press.
- Sherman, J., Zinser, M., Sideroff, S. & Baker, T. (1989). Subjective dimensions of heroin urges : influence of heroin-related and affectively negative stimuli. *Addictive Behaviors*. Vol 14, 611-623.
- Simon, S. & Sellier, J.L. (1977). *A descoberta da personalidade*. Lisboa : Edições Ática.
- Singer, J. (1984). *The human personality*. San Diego : Harcourt Brace Jovanovich Publishers.
- Smith, C. (1989). Dimensions of appraisal and physiological response in emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 56, 339-353.

- Smith, C. & Lazarus, R. (1990) Emotion and adaptation. In L. Pervin (Ed.) *Handbook of personality*. pp 609-637. New York : The Guilford Press.
- Smith, T., Koob, J. & Wirtz, T. (1985). Ecology of adolescents' marijuana abuse. *International Journal of Addictions*. Vol 20, 1421-1428.
- Sparks, G. (1989). Understanding emotional reactions to a suspenseful movie : the interaction between forewarning and preferred coping style. *Communication Monographs*. Vol 56, 325-340.
- Strauman, T. & Higgins, T. (1987). Automatic activation of self discrepancies and emotional syndromes : when cognitive structures influence affect. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 53, 1004-1014.
- Strelau, J. & Eysenck, H. (1987). *Personality dimensions and arousal*. New York : Plenum Press.
- Strongman, K. (1987). *The Psychology of emotion*. Chichester : John Wiley & Sons.
- Suls, J. & Wan, C. (1989). The relation between Type A behavior and chronic emotional distress : a meta-analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol 57, 503-512.
- Toates, F. (1988). Motivation and emotion from a biological perspective. In V. Hamilton, G. Bower & N. Frijda (Eds). *Cognitive perspectives on emotion and motivation*. pp 3-36. Dordrecht : Kluwer Academic Publisher.
- Tomkins, S. (1980). Affect as amplification : some modifications in theory. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds). *Emotion, theory, research and experience, vol 1, theories of emotion*. pp 141-164. Boston : Academic Press Inc.
- Tomkins, S. & Izard, C. (1965). *Affect, cognition and personality : empirical studies*. New York : Springer.
- Tous, J. M. (1986). *Psicología de la personalidad*. Barcelona : Promociones Publicaciones Universitarias.
- Townsend, M., Kek, L. & Tuck, B. (1989). The effect of mood on the reliability of essay assessment, *British Journal of Educational Psychology*. Vol 59, 232-240.
- Turner, T. & Ortony, A. (1992). Basic emotions : can conflicting criteria converge ? *Psychological Review*. Vol 99, 566-571.

- Tyler, L. (1981). *Individuality, human possibilities and personal choice in the psychological development of men and women*. San Francisco : Jossey-Bass Publishers.
- Vando, A. (1974). The development of the R-A Scale : a paper and pencil measure of pain tolerance. *Personality and Social Psychology Bulletin*. Vol 1, 28-29.
- Van Goozen, S. & Frijda, N. (1993). Emotion words in six european countries. *European Journal of Social Psychology*. Vol 23, 89-95.
- Van Goozen, S., Van de Poll & N., Sergeant, J. (1994). *Emotions : essays on emotion theory*. Hillsdale : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Vaz Serra, A., Dias, C., Rodrigues, C., Marques Teixeira, J., Relvas, J., Freitas Gomes, M. & Laranjeira, M. (1986). *Motivação e aprendizagem*. Porto : Contraponto.
- Vigh, J. (1986). *Causality, determinism and prognosis in criminology*. Budapest : Akadémiai Kiadó.
- Vincent, J. D. (1988). *Biologia das paixões*. Lisboa : Publicações Europa-América.
- Wagner, H. (1988). *Social psychophysiology and emotion, theory and clinical applications*. Chichester : John Wiley and Sons.
- Watson, D. & Clark, L. (1984). Negative affectivity : the disposition to experience aversive emotional. *Psychological Bulletin*. Vol 96, 465-490.
- Watson, D. & Tellegen, A. (1985). Toward a consensual structure of mood. *Psychological Bulletin*. Vol 98, 219-235.
- Weiner, B. (1986). *An attributional theory of motivation and emotion*. New York : Springer-Verlag.
- Willerman, L. (1979). *The psychology of individual and group differences*. San Francisco : W.H. Freeman and Company.
- Willerman, L., & Turner, R. (1979). *Readings about individual and group differences*. San Francisco : W.H. Freeman and Company.
- Williams, D. (1981). Personality and mood : state-trait relationships. *Personality and Individual Differences*. Vol 2, 303-309.
- Wills, T., Vaccaro, D. & McNamara, G. (1992). The role of life events, family support and competence in adolescent substance use : a test of vulnerability and protective factors. *American Journal of Community Psychology*. Vol 20, 349-374.

- Witkin, H. & Goodenough, D. (1981). *Cognitive styles, essence and origins : field dependence and field independence*. New York : International University Press.
- Wolman, B. (1992). *Personality dynamics*. New York : Plenum Press.
- Wyer, R. & Srull, T. (1993). *Perspectives on anger and emotion, advances in social cognition, vol VI*. Hillsdale : Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Zahn, T. (1986). Psychophysiological approaches to Psychopathology. In M. Coles, E. Donchin & S. Porges (Eds) *Psychophysiology, systems, processes and applications*. pp 508-610. New York : Guilford Press.
- Zuckerman, M. (1971). Dimensions of sensation-seeking. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. Vol 36, 45-52.

Anexos

1. Primeira versão da EESC96

São apresentados seguidamente 14 itens que designam sensações corporais. Após ter visto o vídeo apresentado, preencha em relação a cada item o grau com que o sentiu, assinalando com uma cruz o local respectivo, sabendo que 1 é o valor mínimo e 5 o valor máximo.

No caso de não ter sentido nada assinale também com uma cruz o local respectivo.

Se experienciou sensações corporais não abrangidas pelos itens considerados, descreva no item 15 o que sentiu.

	NÃO SENTI	GRAU				
1. ATENÇÃO	☐	1	2	3	4	5
2. SUORES	☐	1	2	3	4	5
3. AUMENTO DOS BATIMENTOS CARDIACOS	☐	1	2	3	4	5
4. AUMENTO DO RITMO RESPIRATÓRIO	☐	1	2	3	4	5
5. TENSÃO MUSCULAR	☐	1	2	3	4	5
6. TREMOR	☐	1	2	3	4	5
7. BOLA NO ESTÔMAGO	☐	1	2	3	4	5
8. OPRESSÃO NO PEITO	☐	1	2	3	4	5
9. RUBOR FACIAL	☐	1	2	3	4	5
10. MAU GOSTO NA BOCA	☐	1	2	3	4	5
11. NAUSEAS	☐	1	2	3	4	5
12. SENTIR-SE FRIO	☐	1	2	3	4	5
13. SENTIR-SE PARALIZADO	☐	1	2	3	4	5
14. SENTIR VONTADE DE FUGIR	☐	1	2	3	4	5

15. OUTROS : _____

CÓDIGO

ORDEM

São apresentados seguidamente 14 itens que designam estados emocionais. Preencha em relação a cada item o grau com que o sentiu, assinalando com uma cruz o local respectivo, sabendo que 1 é o valor mínimo e 5 o valor máximo.

No caso de não ter sentido nada assinale também com uma cruz o local respectivo.

Se experienciou estados emocionais não abrangidas pelos itens considerados, descreva no item 11 o que sentiu.

	NÃO SENTI	GRAU				
		1	2	3	4	5
1. INTERESSE						
2. ALEGRIA						
3. SURPRESA						
4. ANGUSTIA						
5. CÓLERA						
6. NOJO						
7. DESPREZO						
8. MEDO						
9. VERGONHA						
10. CULPA						

11. OUTROS :

CÓDIGO

ORDEM

2. Segunda versão da EEESC96

Idade :	Sexo :	Ano :

O questionário que lhe vai ser seguidamente apresentado é anónimo e confidencial, destinando-se a uma investigação em curso nesta Faculdade. Pedimos-lhe por isso para responder o mais sinceramente possível.

No preenchimento do questionário deve mudar de página apenas quando lhe for indicado.

Como sabe, durante a nossa vida todos passamos por situações mais agradáveis ou desagradáveis. Pedimos-lhe para se recordar das situações agradáveis que viveu nos últimos tempos. De entre essas situações descreva em traços gerais a mais agradável, utilizando para isso as linhas que se seguem :

NÃO VOLTE A PÁGINA

Relativamente à situação que descreveu, vai agora indicar das seguintes emoções, aquelas que sentiu, assinalando com uma cruz no local respectivo a intensidade com que sentiu cada uma das emoções.

O valor zero significa que não sentiu essa emoção e o valor 5 significa que sentiu essa emoção com muita intensidade.

Tenha cuidado para não deixar itens por preencher.

EMOÇÕES	INTENSIDADE					
1. Aborrecimento	0	1	2	3	4	5
2. Acanhamento	0	1	2	3	4	5
3. Aflição	0	1	2	3	4	5
4. Agonia	0	1	2	3	4	5
5. Alegria	0	1	2	3	4	5
6. Angustia	0	1	2	3	4	5
7. Ansia	0	1	2	3	4	5
8. Ansiedade	0	1	2	3	4	5
9. Apreensão	0	1	2	3	4	5
10. Asco	0	1	2	3	4	5
11. Assombro	0	1	2	3	4	5
12. Atenção	0	1	2	3	4	5
13. Benevolência	0	1	2	3	4	5
14. Cólera	0	1	2	3	4	5
15. Contentamento	0	1	2	3	4	5
16. Crítica	0	1	2	3	4	5
17. Culpa	0	1	2	3	4	5
18. Curiosidade	0	1	2	3	4	5
19. Delito	0	1	2	3	4	5
20. Desanimo	0	1	2	3	4	5
21. Desdém	0	1	2	3	4	5
22. Desonra	0	1	2	3	4	5
23. Desprezo	0	1	2	3	4	5
24. Enjoo	0	1	2	3	4	5
25. Espanto	0	1	2	3	4	5
26. Felicidade	0	1	2	3	4	5
27. Ferocidade	0	1	2	3	4	5
28. Gáudio	0	1	2	3	4	5
29. Hostilidade	0	1	2	3	4	5
30. Humilhação	0	1	2	3	4	5
31. Impeto	0	1	2	3	4	5
32. Improviso	0	1	2	3	4	5
33. Indignação	0	1	2	3	4	5
34. Inesperado	0	1	2	3	4	5

EMOÇÕES	INTENSIDADE					
35. Inquietação	0	1	2	3	4	5
36. Ira	0	1	2	3	4	5
37. Irritação	0	1	2	3	4	5
38. Interesse	0	1	2	3	4	5
39. Júbilo	0	1	2	3	4	5
40. Lucro	0	1	2	3	4	5
41. Medo	0	1	2	3	4	5
42. Menosprezo	0	1	2	3	4	5
43. Nausea	0	1	2	3	4	5
44. Nojo	0	1	2	3	4	5
45. Ódio	0	1	2	3	4	5
46. Pasma	0	1	2	3	4	5
47. Pavor	0	1	2	3	4	5
48. Pecado	0	1	2	3	4	5
49. Pejo	0	1	2	3	4	5
50. Prazer	0	1	2	3	4	5
51. Proveito	0	1	2	3	4	5
52. Pudor	0	1	2	3	4	5
53. Raiva	0	1	2	3	4	5
54. Receio	0	1	2	3	4	5
55. Repugnância	0	1	2	3	4	5
56. Repulsão	0	1	2	3	4	5
57. Responsabilidade	0	1	2	3	4	5
58. Sobressalto	0	1	2	3	4	5
59. Solicitude	0	1	2	3	4	5
60. Sucesso	0	1	2	3	4	5
61. Surpresa	0	1	2	3	4	5
62. Susto	0	1	2	3	4	5
63. Temor	0	1	2	3	4	5
64. Timidez	0	1	2	3	4	5
65. Tortura	0	1	2	3	4	5
66. Transgressão	0	1	2	3	4	5
67. Vantagem	0	1	2	3	4	5
68. Vergonha	0	1	2	3	4	5

**VERIFIQUE SE PREENCHEU TODOS OS ITENS
NÃO VOLTE A PÁGINA**

Relativamente à situação que descreveu, vai agora indicar das seguintes sensações corporais, aquelas que sentiu, assinalando com uma cruz no local respectivo a intensidade com que sentiu cada uma das sensações.

O valor zero significa que não sentiu essa sensação e o valor 5 significa que sentiu essa sensação com muita intensidade.

Tenha cuidado para não deixar itens por preencher.

SENSAÇÕES	INTENSIDADE					
1.Acne no rosto	0	1	2	3	4	5
2.Acne no corpo	0	1	2	3	4	5
3.Aumento dos Batimentos Cardíacos	0	1	2	3	4	5
4.Aumento do Ritmo Respiratório	0	1	2	3	4	5
5.Ardência nos olhos	0	1	2	3	4	5
6.Ardor na boca	0	1	2	3	4	5
7.Asma	0	1	2	3	4	5
8.Atenção	0	1	2	3	4	5
9.Bola no Estômago	0	1	2	3	4	5
10.Caimbras nas pernas	0	1	2	3	4	5
11.Calafrios	0	1	2	3	4	5
12.Calores	0	1	2	3	4	5
13.Coração acelerado	0	1	2	3	4	5
14.Corar	0	1	2	3	4	5
15.Corrimento no nariz	0	1	2	3	4	5
16.Diarreia	0	1	2	3	4	5
17.Dificuldade em respirar	0	1	2	3	4	5
18.Dor de cabeça	0	1	2	3	4	5
19.Dor de dentes	0	1	2	3	4	5
20.Dor de estômago	0	1	2	3	4	5
21.Dor de garganta	0	1	2	3	4	5
22.Dor nas articulações	0	1	2	3	4	5
23.Dor nas costas	0	1	2	3	4	5
24.Dor nos olhos	0	1	2	3	4	5
25.Dor no peito	0	1	2	3	4	5
26.Enjoos	0	1	2	3	4	5
27.Espirros esporádicos	0	1	2	3	4	5
28.Falta de ar	0	1	2	3	4	5
29.Hemorroides	0	1	2	3	4	5
30.Indigestão	0	1	2	3	4	5
31.Insónia	0	1	2	3	4	5
32.Insensibilidade em qualquer zona do corpo	0	1	2	3	4	5
33.Mãos frias	0	1	2	3	4	5
34.Mãos suadas	0	1	2	3	4	5
35.Mau gosto na boca	0	1	2	3	4	5

SENSAÇÕES	INTENSIDADE					
36.Músculos doridos	0	1	2	3	4	5
37.Músculos tensos	0	1	2	3	4	5
38.Nauseas	0	1	2	3	4	5
39.Nariz congestionado	0	1	2	3	4	5
40.Nó na garganta	0	1	2	3	4	5
41.Obstipação	0	1	2	3	4	5
42.Olhos Chorosos	0	1	2	3	4	5
43.Opressão no peito	0	1	2	3	4	5
44.Pele do rosto gretada	0	1	2	3	4	5
45.Pele sensível	0	1	2	3	4	5
46.Queimaduras do sol	0	1	2	3	4	5
47.Relaxamento muscular	0	1	2	3	4	5
48.Reacção forte a picadas de insectos	0	1	2	3	4	5
49.Rubor	0	1	2	3	4	5
50.Rubor facial	0	1	2	3	4	5
51.Sangrar pelo nariz	0	1	2	3	4	5
52.Sensação de aperto	0	1	2	3	4	5
53.Sensação de pressão na cabeça	0	1	2	3	4	5
54.Sensações no estômago	0	1	2	3	4	5
55.Sentir-se frio	0	1	2	3	4	5
56.Sentir-se quente	0	1	2	3	4	5
57.Sentir-se paralisado	0	1	2	3	4	5
58.Sufoco	0	1	2	3	4	5
59.Surdez temporária	0	1	2	3	4	5
60.Suores	0	1	2	3	4	5
61.Tensão muscular	0	1	2	3	4	5
62.Tiques no corpo	0	1	2	3	4	5
63.Tiques nos olhos	0	1	2	3	4	5
64.Tonturas	0	1	2	3	4	5
65.Tosse	0	1	2	3	4	5
66.Transpiração	0	1	2	3	4	5
67.Tremor	0	1	2	3	4	5
68.Tremor nas mãos	0	1	2	3	4	5
69.Vontade de fugir	0	1	2	3	4	5
70.Zumbido nos ouvidos	0	1	2	3	4	5

**VERIFIQUE SE PREENCHEU TODOS OS ITENS
NÃO VOLTE A PÁGINA**

Para terminar, vai agora classificar a situação que descreveu no que diz respeito ao seu conteúdo, ou seja, essa situação foi marcada por algo. Das seguintes palavras, assinale com uma cruz no local respectivo a palavra que na sua opinião melhor traduz essa situação.

Assinale **apenas uma** das seguintes palavras :

☐

Prazer

☐

Expectativa

☐

Hostilidade

☐

Fuga

☐

Responsabilização

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

3. Terceira versão da EESC96

CÓDIGO :	ORDEM :

Relativamente ao filme apresentado, vai agora indicar das seguintes emoções, aquelas que sentiu, assinalando com uma cruz na coluna respectiva a intensidade com que sentiu cada uma das emoções.

O valor zero significa que não sentiu essa emoção, enquanto o valor 5 significa que sentiu essa emoção com muita intensidade.

Emoções	Intensidade					
1. Interesse, Curiosidade, Atenção	0	1	2	3	4	5
2. Alegria, Felicidade, Contentamento	0	1	2	3	4	5
3. Espanto, Pasma, Inesperado	0	1	2	3	4	5
4. Angústia, Aflição, Agonia	0	1	2	3	4	5
5. Ira, Raiva, Cólera	0	1	2	3	4	5
6. Repugnância, Repulsão, Nojo	0	1	2	3	4	5
7. Desprezo, Desdém, Menosprezo	0	1	2	3	4	5
8. Medo, Temor, Receio	0	1	2	3	4	5
9. Acanhamento, Timidez, Vergonha	0	1	2	3	4	5
10. Transgressão, Delito, Culpa	0	1	2	3	4	5

CÓDIGO :	ORDEM :

Relativamente ao filme apresentado, vai agora indicar das seguintes sensações corporais, aquelas que sentiu, assinalando com uma cruz na coluna respectiva a intensidade com que sentiu cada uma das sensações.

O valor zero significa que não sentiu essa sensação corporal, enquanto o valor 5 significa que sentiu essa sensação com muita intensidade.

Manifestações Corporais	Intensidade					
1. Aumento do Ritmo Respiratório	0	1	2	3	4	5
2. Calores	0	1	2	3	4	5
3. Enjoos	0	1	2	3	4	5
4. Mãos Suadas	0	1	2	3	4	5
5. Mau Gosto na Boca	0	1	2	3	4	5
6. Náuseas	0	1	2	3	4	5
7. Nó na Garganta	0	1	2	3	4	5
8. Opressão no Peito	0	1	2	3	4	5
9. Relaxamento Muscular	0	1	2	3	4	5
10. Rubor	0	1	2	3	4	5
11. Sensações no Estômago	0	1	2	3	4	5
12. Sentir-se Frio	0	1	2	3	4	5
13. Sentir-se Paralisado	0	1	2	3	4	5
14. Tiques no Corpo	0	1	2	3	4	5

4. Quarta versão da EEESC96

Data de Nascimento :	Sexo :
Data :	

O questionário que lhe vai ser seguidamente apresentado é anónimo e confidencial, destinando-se a uma investigação em curso na Universidade do Porto. Pedimos-lhe por isso para responder o mais sinceramente possível.

Durante a nossa vida todos passamos por situações mais agradáveis ou desagradáveis. Pedimos-lhe para se recordar das situações agradáveis que viveu nos últimos tempos. De entre essas situações descreva em traços gerais e muito resumidamente a mais agradável, utilizando para isso as linhas que se seguem :

VOLTE A PÁGINA POR FAVOR

Data de Nascimento :	Sexo :
Data :	

O questionário que lhe vai ser seguidamente apresentado é anónimo e confidencial, destinando-se a uma investigação em curso na Universidade do Porto. Pedimos-lhe por isso para responder o mais sinceramente possível.

Durante a nossa vida todos passamos por situações muito diferentes. Pedimos-lhe para se recordar de uma situação qualquer que viveu nos últimos tempos e para a descrever em traços gerais e muito resumidamente, utilizando para isso as linhas que se seguem :

VOLTE A PÁGINA POR FAVOR

5. Quinta versão da EESC96

Relativamente ao filme apresentado, vai agora indicar o maior número possível de pensamentos que lhe ocorreram durante a visualização do filme.

Tente descrever o mais pormenorizadamente possível aquilo em que pensou, quer sejam pensamentos directamente relacionados com as cenas do filme, quer sejam outros pensamentos de que se lembrou durante a apresentação do filme.

[illegible]

Relativamente ao filme apresentado, vai agora indicar das seguintes emoções, aquelas que sentiu, assinalando com uma cruz na coluna respectiva a intensidade com que sentiu cada uma das emoções. Para ser mais facilmente identificada, cada emoção tem três palavras que são sinónimos.

O valor zero significa que não sentiu essa emoção, enquanto o valor 5 significa que sentiu essa emoção com muita intensidade.

Emoções	Intensidade					
1. Interesse, Curiosidade, Atenção	0	1	2	3	4	5
2. Alegria, Felicidade, Contentamento	0	1	2	3	4	5
3. Surpresa, Espanto, Pasma	0	1	2	3	4	5
4. Angústia, Aflição, Agonia	0	1	2	3	4	5
5. Cólera, Raiva, Ira	0	1	2	3	4	5
6. Nojo, Repugnância, Repulsão	0	1	2	3	4	5
7. Desprezo, Desdém, Menosprezo	0	1	2	3	4	5
8. Medo, Temor, Receio	0	1	2	3	4	5
9. Vergonha, Timidez, Acanhamento	0	1	2	3	4	5
10. Tristeza, Desânimo, Desmoralização	0	1	2	3	4	5
11. Culpa, Censura, Transgressão	0	1	2	3	4	5

Relativamente ao filme apresentado, vai agora indicar das seguintes sensações corporais, aquelas que sentiu, assinalando com uma cruz na coluna respectiva a intensidade com que sentiu cada uma das sensações.

O valor zero significa que não sentiu essa sensação corporal, enquanto o valor 5 significa que sentiu essa sensação com muita intensidade.

Sensações Corporais	Intensidade					
1. Aumento do Ritmo Cardíaco	0	1	2	3	4	5
2. Aumento do Ritmo Respiratório	0	1	2	3	4	5
3. Calores	0	1	2	3	4	5
4. Enjoos	0	1	2	3	4	5
5. Mãos Suadas	0	1	2	3	4	5
6. Mau Gosto na Boca	0	1	2	3	4	5
7. Náuseas (vontade de vomitar)	0	1	2	3	4	5
8. Nó na Garganta	0	1	2	3	4	5
9. Opressão no Peito	0	1	2	3	4	5
10. Relaxamento Muscular	0	1	2	3	4	5
11. Rubor (calor na cara)	0	1	2	3	4	5
12. Sensações no Estômago	0	1	2	3	4	5
13. Sentir Frio	0	1	2	3	4	5
14. Sentir-se Paralisado	0	1	2	3	4	5
15. Sentir Vontade de Fugir	0	1	2	3	4	5
16. Suores	0	1	2	3	4	5
17. Tensão Muscular	0	1	2	3	4	5
18. Tiques no Corpo	0	1	2	3	4	5
19. Tremor	0	1	2	3	4	5